VIII CONFLUÊNCIAS

# Cultura e Resistência EM TEMPO DE NECROPOLÍTICA

BELÉM | PARÁ | BRASIL

CAPES

2021

# ANAIS

UNAMA | ser educacional

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

# VIII CONFLUÊNCIAS
# Cultura e Resistência EM TEMPO DE NECROPOLÍTICA

## ANAIS

26 a 28 de outubro de 2021

**ISBN:**978-65-88274-21-7

***Organizadores***

Profa. Dra. Analaura Corradi
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção

BELÉM | PARÁ | BRASIL
2021

# COMISSÕES DO VIII CONFLUÊNCIAS: CULTURA E RESISTÊNCIA EM TEMPO DE NECROPOLÍTICA

## COMISSÃO GERAL DE ORGANIZAÇÃO

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Prof.Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA))

## COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Msc. Carla Regina Santos Paes (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Msc. Karen do Santos Correia Bittencourt (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Dorivaldo Pantoja Borges Junior (Graduando em Psicologia / UNAMA)

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Ana D´Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)

## COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Jaqueline Mirian Muniz Bandeira (Mestranda PPGCLC/Unama)
Tábata Nazaré Queiroz de Araújo (Mestranda PPGCLC/Unama)

## COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Msc. Diogo Borges (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)
Msc. Luna Carvalho de Lucena (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)

## COMISSÃO DE ARTES E APOIO

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Msc. Amanda Roberta Botelho Menezes (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Andrey Lima (Pós-doutorando – PPGCLC/UNAMA)

# VIII CONFLUÊNCIAS: CULTURA E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE NECROPOLÍTICA

*©2021 Universidade da Amazônia*

## *EXPEDIENTE*

**Chanceler do Grupo SER Educacional**
Prof. Dr. José Janguiê Bezerra Diniz

**Reitora**
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão**
Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

**Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura**
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

**Conselho Editorial**
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Presidente)
Profa. Dra. Analaura Corradi
Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos
Profa. Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal Lage
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior
Profa. Dra. Evanilde Gomes Franco
Prof. Dr. Leonardo Augusto Lobato Bello
Prof. Dr. Luis Otávio do Canto Lopes
Profa. Dra. Márcia Athayde Moreira
Prof. Dr. Marco Aurélio Arbage Lobo
Prof. Dr. Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes
Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes
Prof. Dr. Sérgio Castro Gomes

**Revisão**

**A REVISÃO TEXTUAL, FORMATAÇÃO E ADEQUAÇÃO ÀS NORMAS ABNT SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES E ORIENTADORES.**

**Editoração Eletrônica**
Profa. Dra. Analaura Corradi
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção
Profa. Msc. Carla Regina Santos Paes
Profa. Msc. Karen do Santos Correia Bittencourt
Dorivaldo Pantoja Borges Junior

Catalogação na fonte
www.unama.br

C748c Confluências (8:2021: Belém, PA)

Cultura e resistência em tempos de necropolítica: anais do VIII Confluências [recurso eletrônico] / Organizadores: Analaura Corradi. Douglas Junio Fernandes Assumpção. – Belém: Unama, 2021.

Caderno de Resumos do PPGCLC (Mestrado/Doutorado) Universidade da Amazônia, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura, 2021.

ISBN: 978-65-88274-21-7

1. Saberes interdisciplinares. 2. Comunicação. 3. Linguagens. 4. Cultura. I. Corradi, Analaura (Org.). II. Assumpção, Douglas Junio Fernandes (Org.). III. Título.

CDD: 306.09811

**Universidade da Amazônia**
Campus Alcindo Cacela: Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal, Belém/PA, CEP: 66060-000.
Fone: (91) 4009-3000. Homepage: www.unama.br

© **Editora UNAMA** – Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem quanto ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade da Amazônia. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** ..... **9**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: PENSAR E AGIR SOCIAL RESISTENTES À PANDEMIA** ..... **15**

Rosiana Silva da Silva

Rosângela Araújo Darwich

**LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: PRÁTICAS DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19** ..... **29**

Jefferson Luis da Silva Cardoso

Rosângela Araújo Darwich

**PINTURA E FOTOGRAFIA: OLHARES SOBRE A NECROPOLÍTICA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL** ..... **45**

Ana Clara Solon Rufino

Rosângela Darwich

**VIOLÊNCIA SISTÊMICA E NEURONAL: DO MUNDO VUCA AO MUNDO BANI59**

Cinthya Souza Simas

Rosângela Araújo Darwich

**COM AS PALAVRAS DE QUEM FORAM FEITOS OS MEUS OLHOS?** ..... **75**

Dinah de Oliveira

Isadora Espíndola

**POLÍTICA E RESISTÊNCIA NO CENÁRIO DA MODA PARAENSE** ..... **90**

Milena Castro

José Guilherme Castro

Lucilinda Ribeiro Teixeira

**MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA PESSOAL E SOCIAL: UM DISCURSO DE LADY GAGA NO YOUTUBE** ..... **105**

Marlene Silva de Moura

Rosângela Araújo Darwich

**ADOLESCÊNCIA, VULNERABILIDADE SOCIAL E NECROPOLÍTICA** ..... **119**

Sarah Teruko Navegantes Machado

Rosângela Araújo Darwich

**“BRASUCA”: IDENTIDADE CULTURAL E SEMIÓTICA** ..... **133**

Luna Carvalho de Lucena

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

**VIDAS SECAS E O DISCURSO NARRATIVO EXCLUDENTE SOB UMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA** ..... **148**

Etelmary Cardoso Van de Graaf Forte

Édila Doller

**CAPITAL CULTURAL, EDUCAÇÃO FORMAL E DIÁLOGO INTERCULTURAL: RESISTÊNCIA E DIREITOS FUNDAMENTAIS .....163**

José Maria Eiró Alves

Analaura Corradi

Thiago Souza de Almeida

**A NOVA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO A ESCOLA AUGUSTO MEIRA ADAPTOU SUA REALIDADE AO AMBIENTE VIRTUAL NO PRIMEIRO ANO DO MUNDO PÓS-COVID-19 .....176**

Diego Duarte Borges

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

**A MIDIATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO.....189**

Christiane do Rosário Teixeira Menezes

Rosângela Araújo Darwich

**MAIORIDADE EDUCACIONAL OU MAIORIDADE PENAL? .....202**

Márcia Bethânia de Albuquerque Vinagre

Analaura Corradi

**CULTURA, COMUNICAÇÃO E A NECROPOLÍTICA NA CONDUÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL.....217**

Rodolfo Silva Marques

**PERFORMANCES INDÍGENAS MIDIATIZADAS PELO INSTAGRAM: ESTUDO DE CASO.....234**

Rafael Sbeghen Hoff

Rebeca Vilhena Freitas

Bárbara Fernandes da Costa

**UFOPA NO CONTEXTO PANDÊMICO: POSTAGENS EM DESTAQUE NO *INSTAGRAM* .....249**

Karen dos Santos Correia Bittencourt

Analaura Corradi

Douglas Junio Fernandes Assumpção

**A COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE CAOS: A IMPORTÂNCIA DA EXPLOSÃO DO *TIKTOK* COMO REDE SOCIAL NO COMBATE À PANDEMIA.....261**

Haroldo Freire da Silva Júnior

**EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL280**

Carolina de Sousa Franco Santos

**PANDEMIA, NEGRITUDE E INTERNET: ANÁLISE DAS CRÔNICAS AUTORRETRATO E EU- DILÚVIO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL ..... 291**

Jaqueline Bandeira

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

Analaura Corradi

Douglas Junio Fernandes Assumpção

**A INFLUÊNCIA DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS NA POLÍTICAEDUCACIONAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA ..... 306**

Ana D'Arc Martins Azevedo

Amanda D'Almeida

Márcia Nemer Furtado

**A POÉTICA DE RESISTÊNCIA DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO ..... 323**

Tábata Araújo

Jaqueline Bandeira

Ana D'Arc Azevedo

Paulo Nunes

**"POSTAIS QUE A CIDADE NÃO MOSTRA: MURGA, CULTURA E RESISTÊNCIA" ..... 340**

Sofia Vignola Cabot

Nuno Miguel Neves

**ÌKÚ: A MORTE COMO UM PARALELO ENTRE A ESPIRITUALIDADE ANCESTRAL E A NECROPOLÍTICA ..... 350**

Yasmin Estrela

**WALKING DEAD REAL VERSÃO DO OPRESSOR: A ZUMBIFICAÇÃO EM O NECROTÉRIO DOS VIVOS ..... 368**

Rogério Leão Ferreira

**FESTIVIDADE DO HALLOWEEN*:* RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM BELÉM DO PARÁ. ..... 384**

Adrianne da Silva Peixoto

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

**A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS. 401**

Euclides Barbosa Moreira Neto

**A EXPRESSÃO DA NECROPOLÍTICA NA ARTE: DEBATENDO CONCEITOS 419**

Amanda Botelho

Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CINEMA: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DA POLÍCIA NORTE-AMERICANA ATRAVÉS DE CENAS DA SÉRIE BROOKLYN 99.....430**

André Felipe da Costa Cunha

Douglas Junio Fernandes Assumpção

**CANDEEIRO: UM POUCO DE LUZ EM TEMPOS DE APAGAMENTOS .....447**

Heldilene Guerreiro Reale

Francisco Natanael Cardoso Garcia

**PROGRAMAÇÃO DO EVENTO.....458**

## APRESENTAÇÃO

O VIII Confluências: Cultura e Resistência em tempo de necropolítica, realizado, realizado em 2021 pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/Unama), promoveu debates atualizados de vivências do país e destacou as pesquisas e seus resultados, mesmo enfrentando o período pandêmico, que iniciou em 2020, trocando hábitos e costumes de diversas áreas e processos de socialização. Contando com contribuições de outras regiões e de outros países imprimindo naturalmente já a característica de evento internacional.

As abordagens foram distribuídas em seis Seminários Temáticos e vale destacar ST01 – LITERATURA, SEMIÓTICA E PSICOLOGIA: OLHARES SOBRE CULTURA E RESISTÊNCIA coordenado pelos Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro; Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira; Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich da Universidade da Amazônia PPGCLC/Unama e Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha).

Neste ST 01 os debates fundamentaram se em de Interdisciplinaridade encontra eco em estudos interartes, de modo que cultura e resistência se mesclam em um movimento de busca de alternativas em tempo de necropolítica. Este Simpósio de Trabalho objetiva garantir espaço de reflexão sobre questões atuais por meio do encontro entre estudos teóricos e/ou crítico-analíticos e de relatos de pesquisa e de experiência nos campos da Literatura, Semiótica e Psicologia. Aspectos culturais particulares, diante da universalidade de sentidos, devem destacar temas como sociabilidade, constituição de identidade, letramento e processos narrativos. O foco central no ser humano garante a investigação de impactos da construção de conhecimento em contexto de isolamento social e negacionismo nos anos 2020.

O ST2- SABERES E FAZERES INTERCULTURAIS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES:RESISTÊNCIA E NECROPOLÍTICA EM FOCO foi coordenado pela Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo; e Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo da Universidade da Amazônia –

PPGCLC/Unama, de modo a reunir pesquisas científicas, relatos de experiências, etc., em torno da temática saberes e fazeres em espaços escolares e não escolares que anunciam resistência e necropolítica, diante de rupturas e afastamentos de práticas excludentes presentes em processos pedagógicos na contemporaneidade. Nesse aspecto, o presente grupo de trabalho aponta para um debate que consolida uma educação crítica de maneira ético-política.

Discutindo a sociedade que implica em constantes mudanças envolvendo diversos campos sejam educativos, culturais, de formação e de trabalho o ST3 - CAPITAL SOCIAL E INFODEMIA:AS REDES DE ÓDIO E DESINFORMAÇÃO NA PANDÊMIA coordenado por Profa. Dra. Analaura Corradi ;Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Fernandes; e Profa. Dra. Ivana Cláudia Guimarês de Oliveira e com o apoio das doutorandas Ma. Karen Bittencourt e Ma. Carla Paes todos do PPGCLC/UNAMA apresentou em suas ações o quanto são impactantes sejam nos aspectos e processos de capacitações, observações e de influências que englobam os registros e reconfigurações de áreas socioculturais, econômicas e comportamentais. Desta forma, o objetivo é compreender as relações das redes de capital social e cultural nas diversas manifestações da sociedade, inclusive, nas de redes sociais e/ou virtuais. Buscando estabelecer elos entre a “cultura e a resistência em tempo de necropolítica” Com uma visão de multipesquisas (Sociedade, Representação e Tecnologias) que estuda as formas pelas quais a sociedade e seus indivíduos elaboram, criam e representam e são representados nos âmbitos comunicacional, artístico e literário. Pensa a representação em seu sentido estético (representativo), como objeto do uso de tecnologias, tecnologias em sentido amplo, como meios (médium) de produções estático- sociais. E (Dinâmica Sociambiental Urbano) Esta linha envolve análises de caráter socioeconômico sobre situações em que a relação entre a sociedade e o meio urbano, inclusive a organização físico-territorial que resulta desta simbiose, influência de forma importante os aspectos socioambientais, culturais e de qualidade de vida da população. Tem como objetivo os efeitos das ações dos atores sociais sobre a organização do espaço urbano e seu meio ambiente. Além de compreender e avaliar a relação entre as políticas públicas, privadas, não governamentais e de comunidades específicas que condicionam a eficiência de ações de melhoria da dinâmica socioambiental urbana de uma dada

realidade, envolvendo aspectos relacionados à educação, saúde, segurança e economia urbana, bem como aspectos culturais e históricos ligados à urbanização e ocupação do solo.

Com a coordenação de Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa e do Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Fernandes Assumpção (Universidade da Amazônia) e com o apoio da Ma. Carolina de Sousa Franco Santos – (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA) e da Ma. Giovanna Figueiredo de Abreu – Egressa (PPGLC/ UNAMA) o ST4- MÍDIA E PANDEMIA:DESAFIOS EM TEMPOS DE COVID-19 ponderou que, desde março de 2020, o mundo vive a Pandemia de Covid-19 e que neste período, há diversos desafios que envolvem a esfera midiática. A infodemia (excesso de desinformações) e o negacionismo corroboram para a disseminação de pós-verdades que prejudicam a circulação de informações de interesse público de qualidade. Somado a isso, há as transformações nas práticas de profissionais impostas pela necessidade de isolamento físico. Assim, de um lado aparecem problemas relacionadas à conectividade (hiperconectividade ou desigualdades digitais) por conta do home office, e de outro surgem novas práticas de trabalho e novos formatos e linguagens midiáticos (jornalísticos, publicitários, educacionais) que passam a fazer parte do nosso cotidiano devido a novas condições de produção. Nesta equação, estão também a sociabilidade e o entretenimento cada vez mais mediados pelas tecnologias digitais e que, consequentemente, podem gerar problemas relacionados à hiperconectividade e às desigualdades digitais. Diante deste cenário, este Simpósio Temático aceita artigos teóricos e empíricos que problematizem um ou mais desses desafios.

O evento contou ainda com o ST05 – CULTURAS POPULARES E ETNOTEXTUALIDADES EM MOVIMENTO: LÚDICA, ÉTICO-ESTÉTICA E RESISTÊNCIA coordenado por Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes; Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior da Universidade da Amazônia e Prof. Dr. Andrey Faro de Lima - Pós-doutorando (Universidade da Amazônia) e com o apoio dos doutorandos: Ma. Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso;Ma. Ana Selma Barbosa Cunha; Me. Gleice Antônio Almeida de Oliveira e Me. Euclides Barbosa Moreira Neto (PPGCLC/UNAMA)

Neste seminário temático os debates tiveram como foco que em tempos de sequentes ameaças à democracia, à destruição dos direitos sociais e descrenças institucionais, de forma a fomentar as discussões sobre temas fundamentais que, considerando tais vicissitudes, envolvam a dinâmica, as contingências e a realidade das múltiplas expressões da cultura popular e das etnotextualidades, consoante o entendimento de autores como Alfredo Bosi (2002), Kabengele Munanga (2008), Zélia Amador (2020), Magnani (1994), Amaral (2007; 2008) e Bakhtin (2002). As idas e vindas em torno de temas como a questão nacional/regional/popular, as ideias de tradição e modernidade, os entrecruzamentos entre as concepções de local e global, as tensões de classe e identitárias, para exemplificar, tornam-se oportunas para este ST. A partir destas e outras trilhas pretende-se, sobretudo, que tópicos relevantes sejam trazidos para o debate, a saber: literatura, narrativa, patrimônio cultural, música, folclore, dança, festa e nação. Ressalta-se que, este ST se dedica também a propostas que apreendam as culturas populares e as etnotextualidades a partir de suas dinâmicas e experiências, da perspectiva e da vivência dos sujeitos e coletividades, sem negligenciar quaisquer variáveis política, econômica e sociocultural, por meio de sentidos e significados que de modo algum escamoteiam ou se dissociam dos reveses e articulações mais contemporâneas.

E outro grupo de destaque foi o ST 6 - UM POUCO DE AR, SENÃO SUFOCO: ESTRATÉGIAS DA ARTE CONTRA A ASFIXIA DA NECROPOLÍTICA COTIDIANA coordenado por: Prof. Dr. Jorge Eiró; Profa. Dra. Márcia Nunes; Prof. Dr. Mariano Klautau Filho e com o apoio das mestrandas: Kyria Monteiro e Ingrid Mendes; da doutoranda Ma. Amanda Botelho ( PPGCLC/Unama). Este simpósio temático propõe reflexões a partir dos campos da imagem, arte e arquitetura que discutam os complexos dilemas contemporâneos no sentido de contribuir na formulação de estratégias e proposições de enfrentamento e superação das asfixias do poder, identificadas atualmente como um sistema no qual reina a necropolítica. Termo cunhado pelo filósofo camaronês Achile Mbembe, a partir de um diálogo crítico com o conceito de biopolítica de Michel Foucault, necropolítica é um conjunto de valores que molda as instituições e a vida política para determinar a morte de uns e a vida de outros na experiência social cotidiana. A arte como resistência, o espaço urbano como experiência política e o enfrentamento do debate crítico sobre a imagem em tempos virtuais

tem respondido de modo enfático frente às distopias do contexto brasileiro. Desse modo, propomos que o lugar da arte e da cidade, em suas mais variadas expressões e linguagens, deve resistir à banalidade da morte. E por fim, sob a inspiração de Gilles Deleuze (“um pouco de possível, senão sufoco”, sobre o Maio de 1968), é imperativo exigir: um pouco de ar, senão sufoco.

Ainda como registro do evento destacamos a programação além dos ST, que contou com os conhecimentos especiais através de três momentos: da Conferência de abertura (26/10): "A Comunicação Pública entre vidas e mortes da democracia brasileira" com a Profa. Dra. Maria Helena Weber (UFRGS). No dia 27/10, a Mesa do Procad-Amazônia: "Necropolítica e colonialidades: reverberações no jornalismo" com o Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho (UFMG) e da Conferência de Encerramento (28/10): "Qual Brasil? "Capitalista" e "Cristão"?" com o Prof. Dr. Romero Ximenes (UFPA).

A experiência de confraternizar num evento como esse é única, com a possibilidade de sempre buscar engrandecer os conhecimentos em diversas áreas através das pesquisas e contato entre os pesquisadores.

Boa Leitura !

Analaura Corradi

Douglas Junio Fernandes Assumpção

Edgar Chagas Junior

**ST01 – LITERATURA, SEMIÓTICA E PSICOLOGIA: OLHARES SOBRE CULTURA E RESISTÊNCIA**

***COORDENADORES***

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (Universidade da Amazônia)
Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (Universidade da Amazônia)
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha)

***EMENTA:***

Interdisciplinaridade encontra eco em estudos interartes, de modo que cultura e resistência se mesclam em um movimento de busca de alternativas em tempo de necropolítica. Este Simpósio de Trabalho objetiva garantir espaço de reflexão sobre questões atuais por meio do encontro entre estudos teóricos e/ou crítico-analíticos e de relatos de pesquisa e de experiência nos campos da Literatura, Semiótica e Psicologia. Aspectos culturais particulares, diante da universalidade de sentidos, devem destacar temas como sociabilidade, constituição de identidade, letramento e processos narrativos. O foco central no ser humano garante a investigação de impactos da construção de conhecimento em contexto de isolamento social e negacionismo nos anos 2020.

# GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: PENSAR E AGIR SOCIAL RESISTENTES À PANDEMIA[1]

# PREGNANCY IN ADOLESCENCE: THINKING AND ACTING SOCIAL RESISTANT TO THE PANDEMIC

# EMBARAZO EN LA ADOLESCENCIA: PENSAR Y ACTUAR SOCIAL RESISTENTE A LA PANDEMIA

Rosiana Silva da Silva[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

**RESUMO**

Este artigo corresponde a uma revisão de literatura com o objetivo de refletir sobre as consequências do pensar e do agir social no que diz respeito à gravidez na adolescência. Estigmas e tabus convivem com altos índices de gravidez não planejada na adolescência, traduzindo relações entre a presença de regras que pretendem prevenir a gravidez e, na prática, limitações na efetivação de políticas públicas e mesmo na abordagem de temas como sexualidade nos âmbitos familiar e escolar. Assim, impõe-se a necessidade de tratar a gravidez na adolescência como uma questão de saúde pública. Consideramos o isolamento físico vivenciado durante a pandemia de Covid-19 como um elemento que possivelmente favoreceu um maior diálogo na família e na escola acerca de temas vitais, como sexualidade, porém o que não pode ser confirmado.

**Palavras-chave**: gravidez na adolescência; família; escola; pandemia de Covid-19.

**ABSTRACT**

This article corresponds to a literature review with the aim of reflecting on the consequences of social thinking and acting with regard to teenage pregnancy. Stigmas and taboos coexist with high rates of unplanned pregnancy in adolescence, translating relationships between the presence of rules intended to prevent pregnancy and, in practice, limitations in the implementation of public policies and even in addressing issues such as sexuality in the family and school environments . Thus, there is a need to treat teenage pregnancy as a public health issue. We consider the physical isolation experienced during the Covid-19 pandemic as an element possibly favoring greater dialogue in the family and at school about vital issues, such as sexuality, which was not confirmed.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica e Psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[2] Estudante do curso de graduação em psicologia, Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: psicologia.r.2020@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3037-2473.

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

**Keywords**: pregnancy in adolescence; family; school; Covid-19 pandemic.

**RESUMEN**

Este artículo corresponde a una revisión de la literatura con el objetivo de reflexionar sobre las consecuencias del pensamiento y la actuación social frente al embarazo adolescente. Estigmas y tabúes conviven con altas tasas de embarazos no planeados en la adolescencia, traduciendo relaciones entre la presencia de normas destinadas a prevenir el embarazo y, en la práctica, limitaciones en la implementación de políticas públicas e incluso en el abordaje de temas como la sexualidad en el ámbito familiar y escolar. . Por tanto, es necesario tratar el embarazo en la adolescencia como un problema de salud pública. Consideramos el aislamiento físico vivido durante la pandemia del Covid-19 como un elemento que posiblemente favorezca un mayor diálogo en la familia y en la escuela sobre temas vitales, como la sexualidad, que no se confirmó.

**Palabras clave**: embarazo en la adolescencia; familiar; escola; Pandemia de Covid-19.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais gestar uma criança na adolescência passou a ser considerado como problema a partir de mudanças históricas, sociais e culturais que colocaram em evidência riscos obstétricos e redefiniram o papel socialmente destinado às mulheres (AZEVEDO, 2015; QUERINO; DOMINGUES; LUZ, 2013). Por outro lado, antigos estigmas, tabus e condutas negligentes no que diz respeito à sexualidade dos adolescentes permanecem presentes. Neste sentido, estudos mostram que ainda persistem dificuldades nas instituições escolares e nas famílias ao abordarem os adolescentes sobre as questões relativas à sexualidade (DIAS; GOMES, 1999; FURLANETTO *et al*., 2018; ORTOLAN *et al*., 2021; SANTOS; NOGUEIRA, 2009).

Os índices de gravidez na adolescência permanecem alarmantes. No Brasil, entre 2010 a 2015, nasceu uma média de 68,4 bebês de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos. São percebidos, assim, entraves que impedem a efetivação e a implementação de políticas públicas (ALTMANN, 2007; GOVE, 2020).

Com a pandemia do Covid-19, observou-se uma mudança drástica na rotina da população. O sistema educacional sofreu modificações para se adequar às demandas referentes ao isolamento social e o convívio familiar aumentou na

proporção em que o contato com grupos extrafamiliares foram reduzidos (ALVES, 2020). É relevante, portanto, compreender como esse novo panorama e essas mudanças afetaram problemáticas já vigentes, como a gravidez na adolescência.

Em linhas gerais, levanta-se a hipótese de que condutas arcaicas assumidas pelas instituições família e escola podem estar dificultando a efetivação de políticas públicas, resultando na manutenção de altos índices de gravidez da adolescência. Assim sendo, este artigo tem por objetivo refletir sobre consequências do pensar e agir social no que diz respeito à gravidez na adolescência, considerando possíveis efeitos advindos da restrição ao ambiente familiar vivenciado durante a pandemia de Covid-19.

## 2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E O PENSAR E O AGIR SOCIAL

Abordar o contexto histórico no que diz respeito à gravidez na adolescência é importante para o entendimento fenomenológico do que a configura como problemática contemporânea. Do ponto de vista histórico-social, a gravidez de adolescentes não é um fenômeno recente e o que se configura como contemporâneo é a abordagem da gravidez como uma problemática. Segundo Santos e Nogueira (2009, p. 50),

> A gravidez na adolescência acontece desde os primórdios da civilização. A mulher começava a sua vida reprodutora muito próximo da puberdade e raras eram as que ultrapassavam a segunda década de vida em consequência de complicações advindas da gravidez e do parto.

Quando se avalia o contexto histórico que circunda a problemática da gravidez na adolescência é necessário destacar a própria definição dessa fase como um estágio do desenvolvimento humano. O conceito de adolescência começa a ganhar forma após a revolução industrial, tornando-se um fenômeno global que surge juntamente com mudanças que levaram a uma nova definição do papel socialmente destinado às mulheres (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 389).

A partir da revolução industrial, as indústrias começaram a investir na produção maciça de produtos e, portanto, passaram a necessitar de muita mão de obra para manejar o maquinário. Diante disso, deu-se a integração massiva das mulheres no mercado de trabalho fabril. Essa integração, juntamente com a

preocupação governamental com uma possível "superpopulação", levou, em diferentes países, ao desenvolvimento de medidas visando o controle da taxa de natalidade, com o investimento em políticas públicas de controle de natalidade. Ocorreu, portanto, o fenômeno da "politização do corpo grávido", uma vez que as mulheres passaram a estar no centro das políticas de saúde, mas no sentido de emergência de controle político sobre o processo de gestão de vida e, consequentemente, do corpo feminino (HABERLANDE; SCISLENSKI, 2018).

Nos anos 1960, com a disponibilização de métodos de contracepção, a exemplo dos anticoncepcionais, observa-se uma readequação das normas sociais, políticas e culturais para que as mulheres possam ingressar no mercado de trabalho sem que o Estado abandone o controle sobre as taxas de fecundidade. Diante das novas funções exercidas pelas mulheres, o estar grávida passar a ser visto como um empecilho para o exercício total de sua produtividade, o que levou à redução das gestações por mulher e à padronização de "roteiros de vida", de modo que a gravidez passou a ser almejada, frequentemente, apenas após a obtenção de estabilidade financeira e da realização profissional da mulher. De acordo com Santos e Nogueira (2009, p. 50), também no Brasil

> Parir antes dos 19 anos, décadas atrás, não se constituía assunto de ordem pública. As alterações no padrão de fecundidade feminina brasileira, as redefinições na posição social da mulher, geram novas expectativas para as jovens no tocante à escolarização.

Assim sendo, o caráter problemático da gravidez na adolescência passou a ser debatido socialmente a partir dessa mudança de contexto histórico e social e do crescimento da expectativa de consumo entre os grupos de baixa renda (CAVENAGHI, 2015). Em decorrência do maior acesso à educação, emerge o crescimento da expectativa depositada sobre o futuro dos adolescentes, devido à possibilidade de mudança econômica e social advinda dos avanços nos níveis de escolaridade. A gravidez durante a adolescência, portanto, passa a ser vista como um empecilho para essa possibilidade de ascensão financeira devido aos impactos que pode gerar no processo de aprendizagem das adolescentes.

Ademais, a sexualidade feminina foi historicamente abordada de formas variadas, porém com uma característica sempre presente: a repressão. Essa tradição histórica e violenta de sufocar desejos femininos fez com que a gravidez indesejada na adolescência pudesse ser compreendida como uma consequência

da negação da sexualidade feminina. Se a sexualidade é negada, não há necessidade de esclarecimentos e, na ausência deles, adolescentes guiam a si próprios durante o decorrer de seu desenvolvimento sexual (MARTINS, 2004).

A família é o primeiro referencial utilizado por adolescentes para enfrentar o mundo e experimentar o que está por vir (SANTOS; NOGUEIRA, 2009). Portanto, deveria partir, primordialmente, do ambiente familiar as discussões sobre aspectos relativos ao desenvolvimento sexual dos pubescentes. No entanto, os pais costumeiramente evitam proporcionar aos filhos uma educação sexual de qualidade por medo de incitá-los a manter relações sexuais. Tal concepção se origina em parte da associação equivocada de que falar sobre sexualidade se reduz a falar sobre sexo. Esse entendimento equivocado demonstra a existência de um ciclo de desinformação, dado que os responsáveis pelos adolescentes demonstram também não haver recebido as informações que precisam repassar a eles, o que reproduz a existência de estigmas e tabus. Nascimento e Carvalho (2021, p. 61) chamam a atenção especialmente nos casos das meninas.

> Na família, a sexualidade é vista pelos pais como sinônimo de ato sexual, fazendo com que a aproximação com suas filhas seja de entendimento de proibição do sexo, o que faz com que o assunto sexualidade na família seja difícil.

Em outros termos, a ideia de promover uma conversa sensata sobre sexualidade com os filhos se torna ameaçadora e desconfortável e, quando acontece, geralmente sobressaem tons proibitivos, além de reafirmar seus discursos por meio da comparação entre as suas experiências e as dos seus filhos (DIAS; GOMES, 1999). Assim, a existência de variados meios de acesso à comunicação, juntamente com a disponibilização de métodos contraceptivos pelo Sistema Público de Saúde (SUS) dá à sociedade, supostamente e dentro dos seus critérios, a isenção perante a consequência da deficiência no fornecimento de informações concretas aos adolescentes.

Em um estudo desenvolvido por Dias e Gomes (1999*),* foram entrevistados oito mães e quatro pais de adolescentes grávidas e observado que somente após a gravidez das filhas os participantes se questionaram sobre a postura que adotavam diante dos filhos no que diz respeito a conversas sobre relações sexuais.

> Para os pais, tal experiência é marcada por sentimentos variados, tais como surpresa, decepção, raiva, culpa ou alegria, também por questionamentos do tipo "por que isto aconteceu? ", "onde foi que eu errei?", "será que dei liberdade demais à minha filha? (DIAS: GOMES, 1999, p. 81).

Diante disso, interpreta-se que a gravidez na adolescência emerge, em um rompante, escancarando as falhas e discrepâncias sociais no que diz respeito à maneira como a sexualidade das adolescentes é abordada pela sociedade e pela família (AQUINO, 2003). Segundo Catharino e Giffin (2002, p.11), "em verdade, parece-nos que o advento da gravidez na adolescência se constitui, em muitos casos, numa denúncia, num grito de socorro, que aponta para uma situação de abandono social".

Um dos fatores que restringe o diálogo familiar sobre a sexualidade é o fato dos progenitores acreditarem que os filhos recebem informações suficientes e que os rasos debates que têm sobre relações sexuais são o suficiente para que saibam o que fazer e o que não fazer. Isso acontece porque esses pais embasam seus diálogos como "suficientes" em comparação com os que tinham com seus responsáveis quando estavam na idade de seus filhos. O discurso, quando estabelecido, tende a ser ambivalente e carregado de um tom moralista, dificultando a compreensão efetiva das informações repassadas.

Evitar ou minimizar o diálogo debater sobre sexualidade corresponde a ignorar o fato de que os adolescentes estão dando início à vida sexual entre 14 e 19 anos, o que se soma ao baixo investimento em políticas voltadas para proporcionar o acesso a métodos contraceptivos e a informações concretas (TRONCO; DELL'AGLIO, 2012).

Mesmo que os métodos anticoncepcionais sejam abertamente distribuídos pelo SUS, a própria postura social de negação da sexualidade dos adolescentes leva ao julgamento daqueles que buscam adquirir os métodos ou informações sobre como usá-los corretamente. No Brasil da década de 1960, período no qual passaram a serem disponibilizado os anticoncepcionais orais, ocorreu uma redução massiva na taxa de natalidade nacional, enquanto, ao mesmo tempo, houve um crescimento do número de gestações entre as adolescentes de 15 a 19 anos, de modo que, entre 1965 e 1991, a taxa cresceu de 75 para 87 filhos por mil mulheres (SIMÕES et al., 2003).

Isso ocorreu porque o Estado passou a fornecer o uso de anticoncepcionais orais entre as mulheres casadas, que, no geral, possuíam mais de 20 anos. Portanto, para a adolescente, o acesso aos métodos contraceptivos não foi normalizado. Assim, o "pensar" social crítica e julga as adolescentes grávidas, dificultando que tenham acesso a métodos anticoncepcionais. É assim que a sociedade, ao estigmatizar e reprimir a sexualidade de adolescentes, restringe até mesmo a atuação efetiva de políticas públicas já existentes.

Na medida em que a família, instituição primária, frequentemente, não consegue informar o público jovem, a escola deveria ser o ambiente privilegiado para suprir essa ausência de diálogo, tendo em vista que por elas passam crianças e adolescentes de todas as idades. Todavia, como é um espaço coletivo de grande importância para a sociedade, as instituições de ensino também recebem influências das ideologias e estigmas socialmente difundidos (FURLANETTO *et al.*, 2018).

A escola, assim como a família, percebe as problemáticas advindas da ausência de diálogo apenas após o surgimento de casos de gravidez, porém, mesmo após a observação das consequências, a instituição tende a permanecer negligenciando a sua falha. Dentro dessa perspectiva, nota-se que a maioria das escolas, em especial as públicas, passaram a se articular para evitar que adolescentes grávidas abandonassem o espaço de ensino. Assim, as escolas passaram a se concentrar apenas nas consequências, em vez de trabalhar dinamicamente com as eminências da problemática e suas causas (DIAS; GOMES, 1999; SPANIOL; SPANIOL; ARRUDA, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento criado pelo governo para conduzir o ensino nas escolas brasileiras (BRASIL, 2018). Não se trata de um currículo pronto, que deve ser seguido à risca, mas sim uma orientação que visa igualar os conteúdos repassados pelas instituições de ensino do país.

> Os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes. Nesse contexto, os itinerários formativos, previstos em lei, devem ser reconhecidos como estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, possibilitando opções de escolha aos estudantes (BNCC, 2018, p. 471)

No entanto, é exatamente por essa flexibilização que a educação sexual dificilmente faz parte do currículo escolar, e até mesmo projetos e iniciativas que visam disponibilizar informação neste sentido nas escolas acabam sendo coibidos. Além disso, o modo como as instituições de ensino aborda a temática da reprodução humana dificulta a criação de um espaço no qual os adolescentes possam tirar dúvidas e obter informações concretas (FURLANETTO et al., 2018, p. 563).

Dessa forma, ao não abordar a sexualidade de forma transversal e multidisciplinar, a escola desperdiça o seu potencial como instituição capaz de intervir de forma efetiva sobre a gravidez na adolescência. A família, quando exige das escolas posturas arcaicas, marcadas por estigmas e tabus, dificulta a articulação efetiva de outros setores sociais sobre a problemática. Desse modo, o pensar social impossibilita o agir efetivo, de forma que, ao se somarem, geram a manutenção de altos índices de gravidez na adolescência.

## 3 PANDEMIA DE COVID-19 E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A pandemia de Covid-19 ou de Sars-CoV-2 gerou um grande impacto na população mundial que precisou aderir ao isolamento social como medida preventiva. Nem todos os setores sociais conseguiram se adaptar efetivamente às novas demandas advindas da necessidade de isolamento, gerando impactos não só na saúde pública como na economia e na educação. Além disso, é percebida a possibilidade de ampliação de problemas sociais pré-existentes.

Como a pandemia é um processo recente, e ainda em manifestação, as suas consequências ainda estão sendo estudadas, de modo que suas implicações sociais em problemáticas como a gravidez na adolescência ainda estão sendo avaliadas. Em todo o caso, estudos desenvolvidos durante a pandemia já se encontram disponíveis, tendo como foco as instituições família e escola.

A educação do nível básico ao superior foi uma das áreas mais afetadas pelo Covid-19, uma vez que foi necessário recorrer a tecnologias de ensino que poderiam dar continuidade à aprendizagem por meios remotos. As escolas particulares, talvez em virtude da pressão dois pais, que se relacionam com as escolas, conforme ressalta Alves (2020, p. 352), através de “uma perspectiva

mercantilista da educação", foram as primeiras a buscar meios para atender às demandas dos alunos, utilizando-se de plataformas digitais como, por exemplo, o *google meet*.

O acesso à internet se tornou, assim, um entrave importante. O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar, divulgou em 2020 que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, o que representa cerca de 46 milhões de brasileiros (TOKARNIA, 2020).

Nas escolas públicas, onde grande parte das pessoas sem acesso à internet estão alocadas, outras alternativas foram buscadas para compensar a ausência de acesso à rede. Ações efetivas envolveram desde a disponibilização de material impresso aos alunos até a distribuição de chips com pacotes de dados móveis (4G) para que tivessem acesso aos conteúdos educacionais. A estratégia mais utilizada consiste em correção de exercícios impressos juntamente com os alunos, apontando os conceitos que estão sendo estudados nas atividades, de forma que não se pode evidenciar se as crianças estão aprendendo o assunto efetivamente (ALVES, 2020; CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

Outro fator problemático corresponde à dificuldade dos pais em acompanhar e dar assistência aos filhos nos estudos devido à ausência de métodos adequados e por estarem, eles próprios sobrecarregados com as medidas de home office, dentre vários outros agravantes. Em meio a esse panorama, torna-se complexo definir a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que são muitas as limitações e entraves que podem impedir a efetividade do sistema remoto.

Além disso, com o isolamento social, grande parte da população aumentou o grau de convivência com familiares, uma vez que a maioria das atividades rotineiras exercidas pelos membros da família também se viu afetada pela pandemia. Os espaços privados foram reduzidos, assim como, dependendo do contexto socioeconômico da família, a possibilidade da definição de um espaço destinado para os estudos.

Partindo dessa perspectiva, evidencia-se a hipótese de que, para a escola, enquanto instituição, abordar a sexualidade e promover uma educação sexual de qualidade se tornou um processo ainda mais complexo. Antes mesmo da

pandemia, devido a estigmas e tabus, ações na escola voltadas para essa temática já eram reduzidas, porém dentro desse panorama atual, efetivar projetos voltados para a educação sexual e saúde reprodutiva se tornou, em uma palavra, um desafio.

Com a redução da privacidade no ambiente familiar, debater sobre assuntos relativos à sexualidade durante as aulas poderia desencadear nos alunos um comportamento de esquiva, e nos pais um processo de reprovação, fazendo com que a abordagem do assunto se tornasse ainda mais escassa. Durante a execução do programa "Educação para a Sexualidade: uma proposta conscientizadora para alunos e professores da educação básica", realizado em Uberaba, Minas Gerais, a pandemia de Covid-19 exigiu sua migração para o sistema remoto. Tal modificação reduziu o número de alunos envolvidos no programa de 90 para 35, embora o esperado pelos professores fosse um aumento do alcance do programa em virtude da facilidade de acesso às aulas pelas plataformas, sem a interferência das limitações de espaço, conforme relatado pelos autores.

> Com os inícios das atividades virtuais, percebemos que o número de participantes era bem menor quando comparado à versão presencial. Neste caso, inúmeros fatores podem estar relacionados, desde a ausência à internet desses alunos ou a autorização e incentivo dos responsáveis para que os seus filhos participassem do programa (ORTOLAN et al., 2021, p. 47).

Apesar de vários fatores serem mencionados para explicar a diminuição na quantidade de alunos que aderem ao programa, o que se torna interessante é a negação da família em conceder aos filhos permissão para participar. A iniciativa visava promover uma educação sexual de qualidade, garantindo um melhor conhecimento sobre livre expressão da sexualidade, responsabilidade sobre relacionamentos, saúde sexual e prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, fornecendo também, as informações necessárias para prevenir uma gravidez indesejada durante a adolescência.

A negativa das famílias impossibilitou que ações preventivas bem estruturadas fossem efetivadas, alcançando um maior número de alunos. Até mesmo a abordagem do projeto teve que ser construída cuidadosamente com o intuito de evitar o constrangimento dos alunos para com pais, devido à possibilidade de

ocorrerem interpretações errôneas dos assuntos em foco no programa (ORTOLAN et al., 2021, p.47). Este caso serve de exemplo diante de tantas outras situações em que o tabu e o preconceito ainda demonstram ser um dos principais entraves para a efetivação da educação sexual, não só na escola como na família.

Ao analisar a postura das famílias em relação ao projeto, entende-se que a postura da família permanece rígida e favorecedora do silêncio entre gerações, independentemente dos riscos à saúde e à integridade dos filhos, pois o desconhecimento não se esgota com a possibilidade de ocorrência de uma gravidez indesejada. A pandemia de Covid-19, que em diversos momentos e em diferentes medidas restringe às pessoas aos espaços de suas residências, parece ser mais uma oportunidade perdida de aprofundamento de diálogo e confiança. A escola, ao entrar nas salas das casas, também foi tocada por limitações ainda maiores – e aqui também em diferentes sentidos.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo social passou a classificar a gravidez na adolescência como uma problemática devido a mudanças sócio-históricas que, além disso, garantiram a sobrevivência de antigos padrões de comportamento que negam e reprimem a sexualidade dos adolescentes e, de modo geral, das mulheres.

A negação do exercício da sexualidade dos jovens, assim como a tentativa de reprimi-la, são aquilo que se resume como o “pensar” social que, devido às próprias restrições que impõe, coíbe a atuação de políticas e projetos que tenham por objetivo atuar sobre os fatores que podem aumentar as chances de ocorrência de gravidez indesejada durante a adolescência. É estabelecido um paradoxo, pois críticas são direcionadas às adolescentes gestantes, tanto quanto ao acesso de adolescentes a informações de qualidade e a métodos de contracepção.

A sexualidade faz parte da subjetividade do sujeito e, por isso, precisa ser compreendida – e não negada. Os adolescentes, como seres em desenvolvimento, necessitam de espaços adequados nos quais possam dialogar e compreender as formas de manifestação da sua sexualidade. A escola, por ser um espaço dotado de grupos sociais pluralizados, torna-se um ambiente

extremamente adequado para cultivar um entendimento diversificado e aberto sobre as formas como a sexualidade se manifesta, e como se deve respeitar essa diversidade.

Para que haja a possibilidade de um diálogo mais aberto entre adolescentes e seus pais e para que a escola possa também intervir de forma mais efetiva em torno de temas fundamentais, como gravidez na adolescência, desenvolver práticas voltadas para a desconstrução de tabus e preconceitos se torna um processo necessário. A educação sexual, como meio interventivo, pode e deve ser efetivada tanto nas instituições de ensino como no âmbito familiar a fim de construir um espaço seguro no qual adolescentes possam tirar dúvidas e obter informações sem que se sintam julgados.

A título de exemplo, um fato básico é tantas vezes desconsiderado: o orgasmo feminino nunca engravida e o masculino, não necessariamente. Fazer diferença entre prazer e gravidez se tornou muito mais fácil por meio de avanços científicos dos anos 1960, mas infelizmente, depois de seis décadas, essa possibilidade não foi concretizada, pelo menos entre adolescentes, foco deste estudo.

A pandemia, com suas tragédias cotidianas, abriu espaço para um maior contato entre as pessoas que moram juntas. O contato mais próximo entre adolescentes e seus pais poderia resultar em maior compreensão e crescimento de todos os envolvidos. A alternativa oposta implica considerar o contato familiar como mais um elemento trágico a ser somado à ocorrência da pandemia. Em 2020, apesar das medidas de isolamento, a cada mil adolescentes brasileiras, 53 tornam-se mães (PEDROSO, 2021). Os dados fundamentam a segunda alternativa e discuti-los abre espaço para que as crianças nascidas no mundo atual tenham a chance de desenvolver maior compreensão e poder de decisão sobre seus corpos.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. *Educação em revista*, p. 287-31, 2007.

AQUINO, Estela et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. Caderno de saúde pública, v. 19, p. 5377-5388, 2003.

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas-Educação*, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

AZEVEDO, Walter Fernandes de et al. Complicações da gravidez na adolescência: revisão sistemática da literatura. *Einstein*, v. 13, p. 618-626, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 4 nov. 2020.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des) igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. *Com Censo*: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020.

CATHARINO Tânia Ribeiro; GIFFIN Karen. Gravidez e adolescência: investigação de um problema moderno. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2002, Ouro Preto. *Anais*... Ouro Preto: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, p. 1-20.

CAVENAGHI, Suzana Marta; BRUNO, M. Fecundidade de jovens e acesso à saúde sexual e reprodutiva no Brasil: desigualdades territoriais. In: Bruno, Miguel (Org.). *População, espaço e sustentabilidade*: contribuições para o desenvolvimento do Brasil, 2015, p. 231-274.

DIAS, Ana; GOMES, Willian. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de psicologia*, v. 4, n. 1, p. 79-106, 1999.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de pesquisa*, v. 48, p. 550-571, 2018.

GOVE. Prevenção da gravidez na adolescência no Brasil: uma discussão necessária, 2020. Disponível em: https://www.gove.digital/outras-tematicas/gravidez-na-adolescencia-no-brasil/. Acesso em: 08 maio.2021.

HABERLAND, Débora; SCISLENSKI, Andrea. Corpo de mulher grávida: o corpo e a sexualidade na gestação. *Clínica & cultura*, v. 7, n. 2, p. 4-18, 2018.
MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Editora Fiocruz, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC divulga solução para fornecimento de acesso à internet a alunos de baixa renda. GOV.BR. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-divulga-solucao-para-fornecimento-de-acesso-a-internet-a-alunos-de-baixa-renda. Acesso em:28 jul.2021.

NASCIMENTO, Sueli do; CARVALHO, Luzineth Corrêa da Silva. A gravidez na adolescência em Paraíba do Sul/RJ: reflexões no contexto de pandemia. Revista *da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, v. 24, n. 50, p. 47-75, 2021.

ORTOLAN, Lucas de Souza et al. Educação para sexualidade em um contexto de ensino remoto: vantagens e limitações. In: GONÇALVEZ, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman de (Orgs.). *Educação contemporânea*, v. 19. Belo Horizonte: Poisson, 2021, p. 42-48.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PEDROSO, Mônica. Fala, adolescente! *Agência Brasília*, 2021.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, R. C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. *E-FACEQ*: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós, v. 2, n. 2, p. 1-32, 2013.

SANTOS, Cristiane; NOGUEIRA, Kátia. Gravidez na adolescência: falta de informação? *Adolescência & saúde*, v. 6, n. 1, p. 48-55, 2009.

SIMÕES, Vanda et al. Características da gravidez na adolescência em São Luís, Maranhão. Saúde pública, n. 5, p. 559-65, 2003.

SPANIOL, Claudia; SPANIOL, Mayra Muller; ARRUDA, Sonimary Nunes. Gravidez na adolescência e educação sexual: percepções de alunas do ensino médio de um município da Serra Catarinense. *Cadernos de pós-graduação em distúrbio do desenvolvimento*, v. 19, n. 2, p. 61-83, 2019 .

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. AGÊNCIABRASIL, 2020. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet. Acesso em: 28 jul. 2021.

TRONCO, Cristina Benites; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Gerais*: Revista interinstitucional de psicologia, v. 5, n. 2, p. 254-269, 2012.

# LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: PRÁTICAS DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19[4]

# READING, WRITING AND LITERACY: TEACHING PRACTICES IN THE COVID-19 PANDEMIC

# LECTURA, ESCRITURA Y ALFABETIZACIÓN: PRÁCTICAS DIDÁCTICAS EN LA PANDEMIA COVID-19

Jefferson Luis da Silva Cardoso[5]
Rosângela Araújo Darwich[6]

**RESUMO**
Esta pesquisa de campo trata de processos de ensino e aprendizagem na pandemia. Objetivamos analisar a prática de professores do ensino fundamental em referência ao ensino de leitura, escrita e letramento no ensino remoto. Utilizamos abordagem quantitativa dos dados, coletados por meio de um questionário on-line. Verificamos a necessidade de professores serem instrumentalizados a priorizar o ensino em conjunto com atividades de escrita, leitura e letramento, bem como a lançar mão das novas tecnologias e mídias, tendo em vista que a educação-tecnologia é essencial para os processos educativos na pós-pandemia.

**Palavras-chave**: letramento; leitura e escrita; resistência; pandemia de Covid-19.

**ABSTRACT**
This field research deals with teaching and learning processes in the pandemic. We aim to analyze the practice of elementary school teachers in reference to teaching reading, writing and literacy in remote education. We used a quantitative approach to data, collected through an online questionnaire. We verified the need for teachers to be instrumentalized in prioritizing teaching together with writing, reading and literacy activities, as well as making use of new technology and media, considering that the education-technology dyad is essential for educational processes in post-pandemic times.

**Keywords**: literacy; reading and writing; resistance; Covid-19 pandemic.

---

[4] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho I - Literatura, Semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[5] Doutorando em Comunicação, Linguagem e Cultura pela UNAMA. Professor da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. E-mail: jefferson.cardoso@ufra.edu.br - Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7413-5467.

[6] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

**RESUMEN**
Esta investigación de campo se ocupa de los procesos de enseñanza y aprendizaje en la pandemia. Nuestro objetivo es analizar la práctica de los profesores de primaria en referencia a la enseñanza de la lectura, la escritura y la alfabetización en la educación a distancia. Utilizamos un enfoque cuantitativo de los datos, recopilados a través de un cuestionario en línea. Verificamos la necesidad de que los docentes se instrumentalicen en priorizar la docencia en conjunto con las actividades de escritura, lectura y alfabetización, así como hacer uso de las nuevas tecnologías y medios, considerando que la díada educación-tecnología es fundamental para los procesos educativos en tiempos pospandémicos.

**Palabras clave**: literatura; Leyendo y escribiendo; resistencia; Pandemia de COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e aprendizagem, a partir da pandemia de Covid-19, recebem uma nova concepção na medida em que o contato diário entre aluno e escola, professor e saber formal foi suspenso por conta do distanciamento social necessário para amenizar o contágio da doença. Assim, as atividades de rotina, tais como aula expositiva, exercícios, atividades em grupo e outros eventos promotores da aprendizagem dos alunos precisaram ser remodeladas. Entra em cena o apoio decisivo da tecnologia como forma de dar continuidade às atividades sociais (OLIVEIRA *et al*., 2020).

É esperado que o resultado de esforços conjuntos resulte em uma prática de professores que esteja adaptada às demandas atuais. A importância da investigação do alcance de tais resultados já foi percebida por Freire (2013, p. 30-31), com destaque à contribuição daí resultante para o processo educativo: “pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Percebe-se, assim, a singularidade de pesquisas para o ato de educar como forma viva, que contribui para a sociedade de forma ampliada.

Optamos pela realização de um estudo de campo, construído por meio de método quantitativo de análise de dados coletados por meio de um questionário para o levantamento das informações necessárias (KNECTHEL, 2014; PRODANOV, 2013). Objetivamos, assim, analisar a prática de professores do

ensino fundamental em referência ao ensino de leitura, escrita e letramento no ensino remoto

## 2 LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: PROCESSOS CONECTADOS

Atividades cotidianas impulsionam as pessoas para um verdadeiro esforço de interações que perpassam nosso sistema psicológico e linguístico, articulando habilidades que vão desde a decodificação das palavras escritas até a interpretação dos diversos estilos de textos (SOARES, 2012). Segundo Marcuschi (2008, p. 240), “a língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto” no qual os sujeitos estão inseridos e que modificam por meio das próprias práticas sociais.
Além disso,

> [...] a compreensão crítica do ato de ler, é aquela que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2006, p. 11)

Nesse caminho, a leitura se constitui como peça-chave para a formação humana, na medida em que o ato de ler permite compreender melhor a realidade vivida, tomar posição crítica diante dos problemas sociais e participar ativamente da cultura escrita (LERNER, 2008). Vale ressaltar que os processos aqui expostos caminham fortemente atrelados à questão da alfabetização, pois, se o contexto social imprime a necessidade de ler e escrever, o ideal seria alfabetizar letrando (SOARES, 2012).
Os ambientes escolares, por essência, devem ser o *locus* privilegiado do saber, da promoção de práticas sociais e exercício da cidadania, e isso envolve letramento. No jogo de ensinar e aprender, o professor recebe o papel de interlocutor junto às atividades de leitura de seus alunos, na medida em que todos constroem, juntos, as significações necessárias para a compreensão do que se escreve, mas também do que se lê (GERALDI, 2006). De acordo com

Kleiman (2012), a questão do letramento busca essas significações imersas em um verdadeiro conjunto de práticas sociais.

Os processos se conectam, de modo que leitura, escrita e letramento caminham de mãos dadas à alfabetização, sendo os dois primeiros um produto cultural e os dois últimos, construções realizadas a partir da consolidação do sistema de escrita. É necessário que as práticas docentes caminhem para firmar essas relações no sentido de desenvolver, nos alunos, as capacidades, habilidades e competências de interpretação dos vários tipos de textos e suas relações com o cotidiano (TFOUNI, 2005). Mortatti (2004) confirma essas relações e indica a abertura dos sujeitos para o mundo com base no letramento.

A aquisição e a apropriação do sistema de escrita permitirá a leitura com mais autonomia, de tal maneira que favorece, ao leitor, a participação ativa na cultura escrita. Assim é fundamentado o convívio com diferentes manifestações da escrita na sociedade, bem como a interpretação de placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas etc. – e até a leitura mais complexa de livros científicos e obras literárias, por exemplo (BATISTA, 2012).

A sala de aula configura um espaço singular na vida escolar de professores e alunos. É na interação entre sujeitos, por meio da linguagem, que é adquirida a capacidade de “discernir, refletir, criar, inventar, eleger, decidir, organizar e agir, ou seja, é pela interação e ação que o ser humano se constrói, se transforma, cria e recria a si mesmo, dialogando e criando significações para os seus atos e falas”, ao longo de sua história de vida (GOMES, 2005, p. 20).

O estudo em sala de aula dos gêneros textuais traz importante contribuição para os processos conectados aqui expostos, uma vez que são percebidos como componentes históricos, teóricos e culturais capazes de conferir relevância aos sentidos sociais.

> [...] é preciso chegar ao nível das práticas sociais e ao nível das práticas discursivas, onde, de fato, se definem as convenções do uso adequado e relevante da língua. Desde estas dimensões complexas e alargadas é que se pode perceber como são os textos concretos, os textos historicamente reais, que circulam nas relações interpessoais (ANTUNES, 2004, p. 20).

Acerca da manifestação dos gêneros textuais, bem como de seu trabalho pelo professor com os alunos, Schneuwly e Dolz (2004) apostam na aprendizagem significativa em sala de aula, que estimula e imprime sobre os alunos a necessidade de ampliar suas habilidades linguísticas na premissa da identificação e resolução de situações que envolvam sua leitura e escrita. Trabalhar essas questões em sala de aula com alunos faz parte da formação de leitores, e sua capacitação e qualificação constante é primordial para a compreensão dos conteúdos e conhecimentos repassados (SILVA, 2000).

Assim, na sala de aula, Solé (1998) aposta no uso de estratégias de leitura que visam tornar os alunos leitores proficientes, no sentido de sua independência e posicionamento crítico e reflexivo sobre o texto lido. Cabe aos professores a seleção da melhor estratégia a ser utilizada. Uma delas, apresentada por Baumann (1990), é construída por meio dos seguintes elementos: introdução (definição de objetivos e de como a leitura será realizada), exemplo (explicação da estratégia junto a um texto), ensino direto (o professor mostra e dirige a atividade), aplicação dirigida pelo professor (o aluno pratica a atividade sob a supervisão do professor) e prática individual (utilização de um material novo para perceber a autonomia do aluno a partir da relação estabelecida entre leitura e acervo pessoal do aluno).

Enfim, o importante é que, mediante a possibilidade de utilização de diferentes estratégias, o professor é tido como o promotor, incentivador e mediador das conexões entre leitura, escrita e letramento com vistas à autonomia e à prática cidadã de seus alunos.

O cenário pandêmico impulsionou grandemente a sociedade para o uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC), assim como solicitou, dos profissionais - em nosso caso, da educação -, conhecimento, habilidades e competências necessários para o trabalho a partir do uso das TICs. No campo educacional, a situação demandou posicionamentos do Ministério da Educação (MEC) que foram ancorados nos dispositivos legais vigentes, em especial, a nossa Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de número 9.394/96, que legitima a educação a distância e, assim, pôde fundamentar a mixagem de diferentes formas de ensinar e aprender.

Nesse caminho, o MEC, por meio da Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais

enquanto durar o estado de atenção à saúde da população. No sentido de dar continuidade às aulas, o ensino remoto foi a solução, com o seguinte adendo, anteriormente discutido por Coll et al. (2010, p. 66-67): “o que ocorre é que se trata de um potencial que pode ou não vir a ser uma realidade, e pode tornar-se realidade em maior ou menor medida, em função do contexto no qual as TIC serão, de fato, utilizadas”.

Em todo o caso, as TICs formaram o novo ambiente escolar, a nova “cara” do ensino e a nova maneira de aprender (MOURA, 2009, p. 3). Estudos recentes de Garcia *et al*. (2020), Morais *et al.* (2020) e Oliveira *et al*. (2020) destacam conceitos-chave para a modalidade de ensino agora habitual entre nós, quais sejam: “distanciamento”, “tecnologia” e “plataformas”. Ao longo da pandemia de Covid-19, esses são conceitos vêm sendo assimilados pelos professores, que permaneceram em constante trabalho, confrontados com um esforço a mais, pois passaram a selecionar conteúdos, planejar, ensinar e avaliar seus alunos nos meios digitais.

Os professores precisaram se familiarizar com as TICs, no sentido de reavaliar os processos de aprendizagem, até porque o uso delas na educação permite novos horizontes em termos de pensar, agir, fazer e produzir conhecimento (LIBÂNEO, 2001; TORNAGHI, 2010). A pandemia nos inseriu profundamente em uma sociedade midiatizada, na medida em que as informações passaram a circular muito menos de modo restrito à díade sujeito-sujeito (MATOS, 1997). Em termos de mídias digitais, Pernisa Júnior (2002, p. 180) indica a necessidade de

> [...] pensar as redes e os suportes digitais como espaços que se interpenetram, fazendo pontes entre si e podendo levar a lugares mais distantes do que os pensados inicialmente. Este é, talvez, o verdadeiro potencial, pouco explorado, é verdade, da mídia digital.

No caso da escola, professores foram chamados a interagir com seus alunos em modo remoto, cabendo a eles também a responsabilidade de agir de modo mais autônomo, quanto à aprendizagem requerida, na medida em que se veem distanciados de seus professores.

Vale ressaltar que a educação sofreu um impacto muito grande, especialmente a educação básica - desde a educação infantil até o ensino médio -, que não

estava preparada para essa migração à tecnologia. Soma-se, a esse cenário, a exclusão digital, ainda expressiva entre os alunos da rede pública de ensino (DA SILVA, 2020).

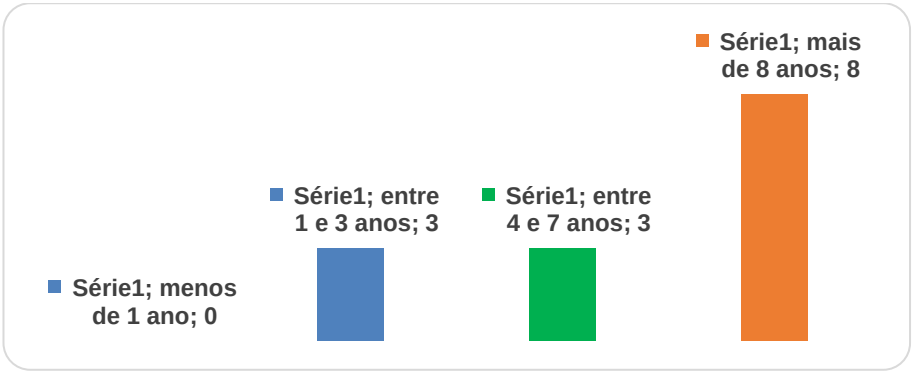
Desse modo, o que era difícil, tornou-se mais desafiador. Trabalhar leitura, escrita e letramento de forma presencial, lançando mão de todo o arsenal dos professores, agora se viu mais limitado. Tal situação imprimiu, sobre a classe professoral, a necessidade de uso da tecnologia e, portanto, de conhecimento e manuseio de diferentes plataformas virtuais e demais recursos de mídia digital. Novas aprendizagens, assim como criatividade, mais do que nunca, foram requeridas (LIBÂNEO, 2001).

## 3 LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO NO ENSINO REMOTO: RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção trata das análises dos dados coletados junto a catorze professores graduados em pedagogia, com especializações *lato sensu* na área da educação e que atuam no Ensino Fundamental menor, em escolas públicas municipais de Belém/PA, e tiveram suas práticas docentes voltadas ao ensino remoto desde o início da pandemia de Covid-19.

As questões buscaram compreender como se deu o ensino de leitura, escrita e letramento no período em que as atividades passaram a ser mediadas pelo uso das tecnologias e mídias digitais. Assim, seguem as observações, iniciando pela experiência docente em termos de tempo de atuação (Gráfico 1).

**Gráfico 1 –** Tempo de atividade docente

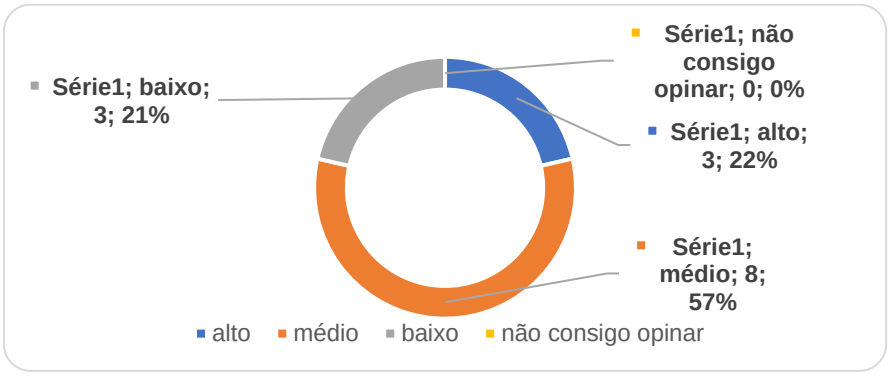



**Fonte**: Autoria própria

O Gráfico 1 demonstra que não há professores iniciantes, ou seja, com menos de um ano de atividade laboral, e, principalmente, que a maioria considerável dos professores (57%) tem mais de oito anos de prática docente, o que assegura uma experiência profissional consistente. O cenário permite considerar que os professores participantes deste estudo já dominam os saberes da profissão, identificados por Tardif (2011, p. 60) como "[...] os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber ser".

Um passo adiante, investigamos a autopercepção dos participantes acerca de seu conhecimento em relação à TIC (Gráfico 2).

**Gráfico 2 –** Grau de conhecimento e manuseio da tecnologia e mídias digitais




**Fonte**: Autoria própria

Questionamos os professores sobre a sua habilidade em manusear as tecnologias e mídias digitais e verificamos que uma minoria apontou para o baixo conhecimento e prática no uso dessas tecnologias. Assim, parte significativa do total de participantes (57%) consegue executar atividades por meio da utilização de aplicativos digitais e redes sociais, muito usados no ensino remoto. Neste sentido, estão coerentes com a perspectiva prevista por Demo (1995), que alertou para os caminhos tomados pela educação moderna, indicando que a didática migraria para os meios eletrônicos e de comunicação.

Nessa direção, Mercado (1998) chama atenção ao processo de formação de professores para o uso das tecnologias, no sentido de que as instituições formadoras possam observar a aproximação educação-tecnologia-professor para investir na competência técnica e política do educador com vistas à sua atuação crítica nos ambientes tecnológicos. Lévy (1999) também defende o uso

consciente das tecnologias na educação, levando em consideração as mudanças e avanços sociais dos últimos tempos e, sobretudo, a importância do professor e do aluno nesse processo.

**Gráfico 3 –** Desenvolvimento satisfatório de práticas docentes no ensino remoto

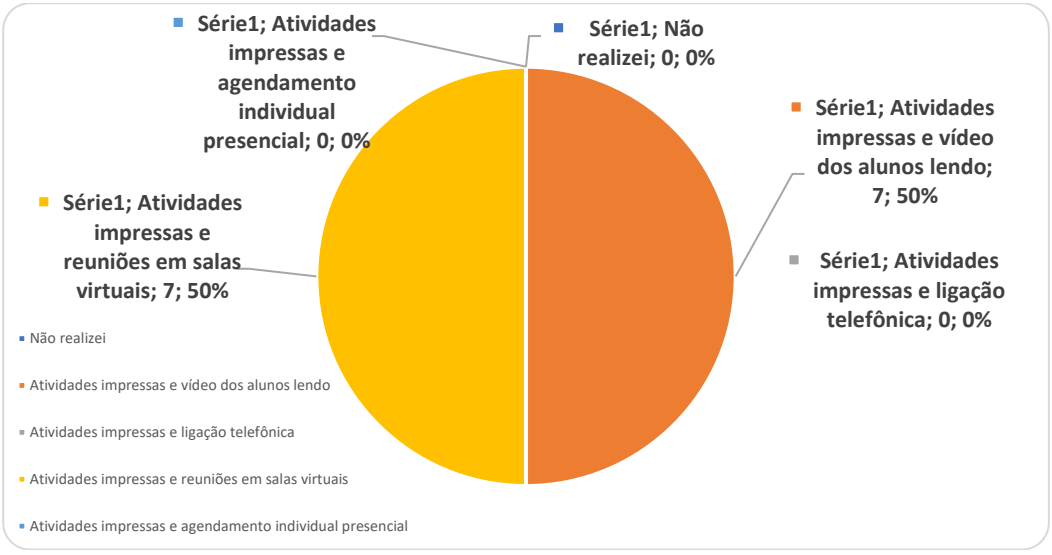
**Fonte**: Autoria própria

O Gráfico 3 foi construído a partir da seguinte questão: “consigo desenvolver minhas práticas docentes no ensino remoto”. A análise da presente questão aponta para cenários diferentes. Treze dos catorze professores (92%) responderam que concordam com a ideia – um deles plenamente e dez, parcialmente. Assim, apenas um apresentou uma avaliação negativa de seus esforços para trabalhar no modo remoto.

Diante da necessidade de garantir o ensino mediado pelas tecnologias e mídias digitais, a atitude de adaptação corresponde à perspectiva de Nunes (2001, p. 320), segundo a qual “o professor é visto como um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão”. Assim sendo, se “[...] ensinar é agir com outros seres humanos” (TARDIF, 2011, p. 13)”, o contato presencial não parece corresponder a um fator de impacto nessa relação, a não ser em um dos casos investigados.

As respostas à questão “como tem realizado as atividades de leitura do ensino remoto?” são apresentadas no Gráfico 4.

**Gráfico 4 –** Realização de atividades de leitura no ensino remoto




**Fonte**: Autoria própria

Diante de cinco alternativas de resposta, incluindo a ausência de realização de atividades de leitura no período delimitado, os participantes optaram apenas por duas alternativas: utilização de atividades impressas, somadas a reuniões em salas virtuais e a vídeo de alunos lendo.

Nesse caso, fica evidente que a necessidade de permanência das aulas motivou professores a investir em novas possibilidades de ensino, o que, segundo Giroto, Poker e Omote (2012, p. 10), é um fator altamente positivo.

> É por meio de novos canais de comunicação que todas as formas de expressão e estilos de aprendizagem serão valorizadas permitindo, ao aluno, o acesso ao conhecimento. Conhecer sobre as tecnologias de informação e comunicação sensibiliza o professor para que se paute pelas potencialidades dos seus alunos.

Vale ressaltar, portanto, a capacidade de adaptação dos professores na modalidade remota. De acordo com Kenski (2012), a tecnologia, aliada à educação, permite inúmeras formas de construção do conhecimento, ao passo que não há limite físico para sua atuação, o que exige do professor um planejamento adequado a essas condições.

As respostas acerca de como os participantes têm realizado remotamente as atividades de escrita, especificamente, foram organizadas no Gráfico 5.

**Gráfico 5 –** Realização de atividades de escrita no ensino remoto

**Fonte**: Autoria própria

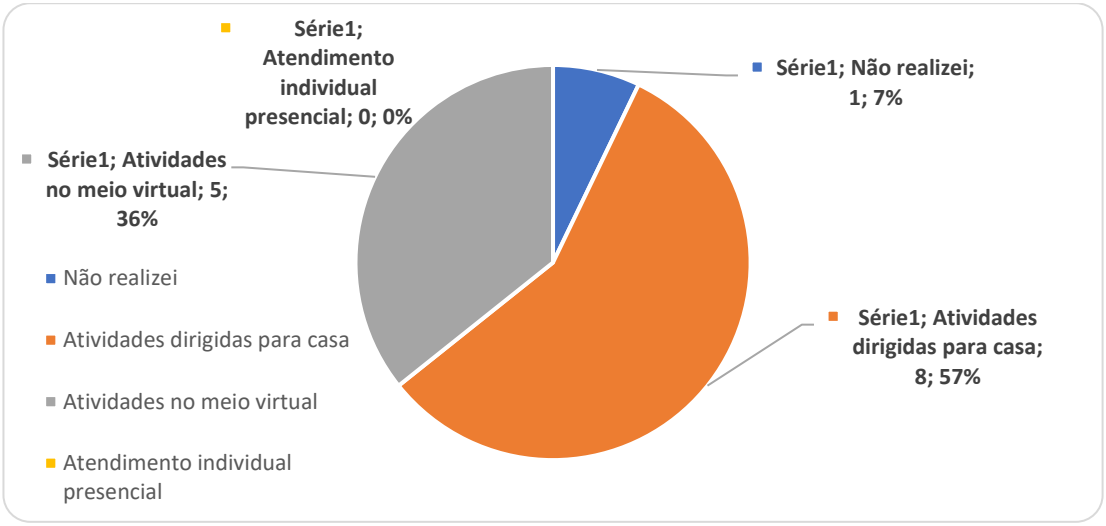
O Gráfico 5 evidencia que a maioria dos professores (71%) permaneceu apostando nas atividades impressas para realização das atividades de escrita no ensino remoto. Apenas quatro participantes (29%) migraram para a mídia digital a fim de dar continuidade a esse tipo de atividade. Levando em consideração a maioria, pensar no retorno desses exercícios impressos para correção é antes de tudo observar que

> O professor somente ensina a escrever se assume os processos de escrever do aluno, tornando-se dele um co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma de dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer o que diz (GERALDI, 2015, p.98-99)

O retorno dessas atividades aos alunos seria então, um estimulo, um fator de ânimo e de valorização dos seus textos escritos. Desse modo, o sujeito escrevente pode sentir-se encorajado e determinado a seguir, até porque “é se defrontando com as formas corretas que o aluno poderá contrastá-las com suas hipóteses (sobre como se escreve esta ou aquela palavra) e descobrir se há ou não regras por trás do uso de tal ou qual letra” (MORAIS, 2009, p. 70).

O modo de realização de atividades de letramento também fora diretamente investigadas, conforme indica o Gráfico 6, construído com base na seguinte pergunta: “como você tem realizado as atividades de letramento no ensino remoto?”

**Gráfico 6 –** Realização de atividades de letramento




**Fonte**: Autoria própria

Quanto à realização de atividades voltadas ao tema letramento, um professor assinalou que não as realizou, enquanto a grande maioria se dividiu entre as tecnologias e mídias digitais, sendo que oito (57%) lançaram mão de "atividades dirigidas para casa".

Nessa direção, vale lembrar que "letramento não é uma abstração, ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas" (LEAL, 2004, p. 51). Assim sendo, o letramento acontece independentemente de lugar, meio ou situação, e a todo momento, sem distinção. Ao professor, no dizer de Freire (2013), cabe a certeza de que sua vida profissional não é apenas transmitir conteúdos, mas ensinar os sujeitos a pensar no bojo de suas práticas sociais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 deixará mudanças significativas em todos os âmbitos sociais. Nos mais diversos ambientes por que passamos, a rotina, os hábitos e as atividades que executamos sofrem alterações em prol de nossa segurança, em termos de saúde. Na educação, a manutenção das atividades escolares se viu a cargo das tecnologias da informação e comunicação aliadas às mídias digitais, que mostraram toda sua força neste cenário, sendo cruciais para o "continuar" das práticas sociais.

Assim, os resultados alcançados com este estudo alertam para a necessidade de favorecimento da formação de professores para que possam utilizar apropriadamente a tecnologia e as mídias, com foco no processo de ensino-aprendizagem. Isto porque a díade educação-tecnologia demonstra ser essencial para darmos continuidade aos processos educativos na pandemia e, ao que tudo indica, após ela. Dentre os participantes, verificamos que tais instrumentos vêm sendo utilizados para execução de parte das atividades docentes, sendo que atividades de escrita, leitura e letramento estão sendo administradas ora por meio da tecnologia, ora por meio de atividades tradicionais impressas.

Por fim, não esgotando os temas aqui propostos. A pandemia deixou claro o fosso tecnológico em que se vive no Brasil. A falta de investimentos na área da tecnologia da informação e comunicação deve ser repensada, na medida em que seu alcance reafirmou o potencial de uso e aplicabilidade na educação, de modo geral, nos mais diversos campos sociais. Reforçamos, em última análise, a necessidade dessa tomada de consciência por parte de nossos agentes públicos, no sentido de elaborar, promover e subsidiar - via política pública de Estado - o direito de vida digna e educação como princípios democráticos e de direitos sociais.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al. Capacidades linguísticas: alfabetização e letramento. In: BRASIL. *Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental*: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, n. 1, p. 3-60, 2012.

BAUMANN, James. *La comprensión lectora.* Madrid: Visor, 1990.

BRASIL. *Lei Nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 23 dez.1996. Disponível em: encurtador.com.br/beDHL. Acesso em: 04 jul. 2021.

BRASIL. *Portaria de n° 544*, de 16 de junho de 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br. Acesso em: 04 jul. 2021.

COLL, Cesar et al. A *incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação*: do projeto técnico pedagógico às práticas de uso. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DA SILVA, Gilnei J. O. *Desigualdade digital conectada com a pandemia.* 2020. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/07/22/artigo-a-desigualdade-digital-conectada-com-a-pandemia. Acessado em: 04 jul. 2021.

DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

DEMO, Pedro. *Pesquisa*: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FLIK, Uwe. *Introdução a metodologia de pesquisa*: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler.* 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Tânia Cristina Meira. *Ensino remoto emergencial*: proposta de design para organização de aulas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN: Natal, Ed. Sedis. 2020.

GERALDI, João Wanderley. *O texto em sala de aula.* 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento.* São Carlos: Pedro e João editores, 2015.

GIROTO, Claúdia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortolini; OMOTE, Sadão. *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas.* Marília: Cultura Acadêmica, 2012.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. *A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita*: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias*: o novo ritmo da informação, 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 15-61.

KNECHTEL, Maria do Rosário. *Metodologia da pesquisa em educação*: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Sujeito letrado, sujeito total: implicações para e letramento escolar. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. (Org.). *Letramento:* significado e tendências. Rio de Janeiro, WAK,2004.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola*: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre, Artmed, 2002.

LÉVY, Pierry. *Cibercultura.* São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor?* Novas exigências educacionais. Profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Formação docente e novas tecnologias. In: IV CONGRESSO DA REDE IBEROAMERICANA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA. Ed. 3. 1998. Brasília. *Anais...* Brasília. UFA.1998. p. 210-218.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia:* ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2009.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz et al. *Ensino Remoto Emergencial*: orientações básicas para elaboração do plano de aula. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN: Natal, Ed. Sedis. 2020.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento.* São Paulo: UNESP, 2004.

MOURA, Mary Jones Fereira de. O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 25. ed. 2009. Fortaleza - CE. *Anais...* Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-10.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação & Sociedade.* SP: Cedes, n.º 74, Ano XXII, 2001.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima et al. *Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático*. Recife: EDUFRPE, 2020.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Mídia Digital. *Lumina*, v. 5, n. 1, jan./jun. 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Ezequiel Teodoro. *A produção da leitura na escola*: pesquisas e Propostas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura.* 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional.* 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. Escrita, alfabetização e letramento. In: TFOUNI, Leda Verdiani (Org.). *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 9-28.

TORNAGHI, Alberto José da Costa. O que é cultura digital. In: MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Cultura digital na escola*: salto para o futuro. Brasília, Ano XX, boletim 10, agosto 2010. Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015230.pdf, acessado em: 04 jul. 2021.

# PINTURA E FOTOGRAFIA: OLHARES SOBRE A NECROPOLÍTICA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL[7]

# PAINTING AND PHOTOGRAPHY: LOOKS AT NECROPOLITICS IN THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

# PINTURA Y FOTOGRAFÍA: MIRA LA NECROPOLÍTICA EN LA PANDEMIA DEL COVID-19 EN BRASIL

Ana Clara Solon Rufino[8]
Rosângela Darwich[9]

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar relações entre uma pintura, uma fotografia presente em uma matéria jornalística e a necropolítica que foi amplificada durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tanto, lançamos mão da obra “Retirantes”, de Cândido Portinari, e de um registro fotográfico de Ricardo Borges, que compõe uma reportagem na revista Veja. Com base no método dialético de investigação, são destacadas contradições agravadas ao longo da pandemia. Verificamos que a necropolítica estabelecida pelo governo federal na gestão da crise sanitária resultou no aumento das desigualdades sociais. O combate ao vírus, portanto, cedeu espaço a medidas que intensificaram o desfavorecimento de grande parte da população, tornando imagens de miséria ainda mais atuais.

**Palavras-chave**: pintura; fotografia; pandemia de Covid-19; necropolítica; desigualdade social.

## ABSTRACT

This article aims to investigate the relationship between a painting, a photograph present in a journalistic article and the necropolitics that was amplified during the Covid-19 pandemic in Brazil. To do so, we used the work “Retirantes”, by Cândido Portinari, and a photographic record by Ricardo Borges, which is part of a report in Veja magazine. Based on the dialectical method of investigation, contradictions aggravated throughout the pandemic are highlighted. We found that the necropolitics established by the federal government in managing the health crisis resulted in an increase in social inequalities. The fight against the virus, therefore, gave way to measures that intensified the disadvantage of a large part of the population, making images of misery even more current.

---

[7] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01 – Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[8] Mestranda pelo Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura PPGCLC-UNAMA. E-mail: clara.solon@hotmail.com. Orcid id: https://orcid.org/0000-0001-9366-003X.

[9] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

**Keywords:** painting; photography; Covid-19 pandemic; necropolitics; social inequality.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo investigar la relación entre una pintura, una fotografía presente en un artículo periodístico y la necropolítica que se amplificó durante la pandemia Covid-19 en Brasil. Para ello utilizamos la obra “Retirantes”, de Cândido Portinari, y un registro fotográfico de Ricardo Borges, que forma parte de un reportaje de la revista Veja. A partir del método dialéctico de investigación, se destacan las contradicciones agravadas a lo largo de la pandemia. Encontramos que las necropolíticas instauradas por el gobierno federal en el manejo de la crisis de salud derivaron en un aumento de las desigualdades sociales. La lucha contra el virus, por tanto, dio paso a medidas que intensificaron la desventaja de gran parte de la población, haciendo que las imágenes de la miseria sean aún más actuales.

**Palabras clave**: cuadro; fotografía; Pandemia de COVID-19; necropolíticos; desigualdad social.

## 1 INTRODUÇÃO

A arte possibilita a comunicação com a sociedade por meio de seus processos criativos que, com espetáculos, filmes, teatro, exposições, shows, pintura, música, dentre outros eventos, conseguem estimular as pessoas a experimentações que levam a reflexões, pensamento crítico, emoções, afetividade e troca de saberes e, com isso, à criação de novos conhecimentos. O ser humano consegue se expressar por meio da arte como forma de representar seu meio social. Logo, utiliza a expressão artística de forma simbólica para representação da realidade, apresentando a diversidade cultural como um de seus enfoques principais, emergentes da sociedade em suas dimensões culturais (NETO, 2006).

Nesse contexto, as produções artísticas são compreendidas como um produto do trabalho humano e constituídas de significados que são diretamente relacionados às culturas, lugares e tempos distintos. As artes plásticas, por exemplo, utilizando imagens como um dos elementos que constitui um objeto artístico, imprimem significados que se relacionam aos conhecimentos que embasam os mais variados olhares sobre elas.

A linguagem visual representada pelas artes plásticas, bem como a escrita, pode ser acrescida de informações complementares que possam auxiliar no entendimento das complexidades que a cercam. Nesse sentido:

> A leitura de imagens tem chamado a atenção tanto dos professores como dos alunos de áreas de conhecimento que têm a imagem como objeto de interesse, sendo que a educação através da imagem, embora possa distinguir-se da educação para a imagem, implica na formação dos professores que desejam utilizar a imagem como auxiliar do processo de comunicação pedagógica e também na formação do próprio aluno para conviver no que podemos chamar de uma "sociedade da imagem" (NETO, 2006, p. 12).

Com isso, entende-se esse processo de interpretação dos signos como algo que comunica e é capaz de transmitir mensagens através dos significados que o conceito de semiótica preconiza, como no caso de uma teoria geral de processos de significação (SANTAELLA, 1983).

Vale ressaltar, tal contexto, que a fotografia tanto pode refletir um processo artístico, fundamentado na subjetividade expressa por meio da imagem, como pode ser compreendida como forma de enquadramento da realidade, com vistas a reproduzi-la (SANTAELLA, 1983).

Sendo assim, este estudo objetivou investigar relações entre uma pintura, uma fotografia presente em uma matéria jornalística e a necropolítica que foi amplificada durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tanto, lança mão de análises comparativas entre uma pintura do artista brasileiro Cândido Portinari, intitulada "Retirantes", feita em 1944, que aborda o tema da migração nordestina, triste realidade de parte da população brasileira, que deixa seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida em outras partes do país, uma fotografia de Ricardo Borges, publicada na Revista Veja (2021), retratando uma família mediante a realidade social atual, que envolve os efeitos da pandemia de Covid-19 no Brasil e, assim, impactos da necropolítica em vigor. O método dialético de investigação é apropriado à abordagem de um tema de relevância teórica, ideológica e política da realidade de uma sociedade (FRIGOTTO, 1991) – e por este motivo foi escolhido.

## 2 COMBATE AO CORONAVÍRUS E NECROPOLÍTICA NO BRASIL

A pandemia de Covid-19 apresentou-se em escala global como uma situação inédita e extremamente alarmante em seu alto nível de força destrutiva pelo grau de disseminação e contágio acelerado do novo coronavírus. No Brasil, o

negacionismo do governo Bolsonaro contribuiu para que houvesse repulsa na população a medidas de prevenção sanitárias, distanciamento social e lockdown, recomendadas mundialmente, o que contribuiu para a propagação do vírus e, consequentemente, para o aumento no número de vítimas. O país que já vislumbrava problemas econômicos, devido, por exemplo, à falta de ações enérgicas para conter a inflação, ficou ainda mais fragilizado devido a mazelas sociais, como questões raciais, de gênero, de classes e de acesso à saúde e moradia, as quais afetam o seguimento das medidas preventivas recomendadas. Ressalta-se, ainda, que a mobilização mundial para o fechamento de fronteiras nacionais, na tentativa de frear a disseminação do coronavírus, não foi aceita pelo governo brasileiro que também, neste sentido, optou por não minimizar os efeitos do vírus e seus impactos para a população (SILVEIRA, 2020).

Sem o apoio da União Federal, governadores dos estados, temendo o pior, recorreram ao Supremo Tribunal Federal (STF) para que pudessem agir por conta própria, aplicando medidas preventivas contra o coronavírus, como a compra de vacinas. Ainda assim, o resultado geral, extremamente negativo, não pôde ser evitado, fazendo com que o Brasil se tornasse epicentro da pandemia no mundo todo, fato este noticiado largamente, causando notoriedade negativa ao país e evidenciando sua má governabilidade (SILVEIRA, 2020).

Uma das iniciativas que exemplificam a má gestão do governo brasileiro é referente à restrição de acesso às informações e à divulgação dos dados sobre a pandemia da Covid-19, comprometendo a transparência das informações divulgadas como forma de minimizar a gravidade da pandemia no país. Diante dessa imposição, foi formada uma parceria por meio de um consórcio de veículos de imprensa que passou a coletar as informações diretamente das Secretarias de Saúde para divulgar dados sobre o número atualizado de casos de contaminação e de mortes decorrentes do coronavírus.

> O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão. Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos [...]. A segunda

> alteração foi de caráter qualitativo. O portal no qual o ministério divulga o número de mortos e contaminados foi retirado do ar na noite da última quinta-feira (4). Quando retornou, depois de mais de 19 horas, passou a apresentar apenas informações sobre os casos “novos”, ou seja, registrados no próprio dia. Desapareceram os números consolidados e o histórico da doença desde seu começo. Também foram eliminados do site os links para downloads de dados em formato de tabela, essenciais para análises de pesquisadores e jornalistas, e que alimentavam outras iniciativas de divulgação (O GLOBO, 2020, p.1).

Somadas à demora na tomada de decisões de combate ao coronavírus pelo governo brasileiro, consequências negativas relacionadas à economia brasileira surgiram, pois, uma vez que a suspensão das atividades laborais regulares foi sendo efetivada, à medida em que a pandemia se agravava, empresas tiveram que liberar seus funcionários para o trabalho em estilo home office , assegurando a funcionalidade presencial somente dos serviços considerados essenciais, e com restrições, obedecendo às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Algumas empresas demitiram funcionários e outras não resistiram e tiveram que fechar as portas, ocasionando o crescimento do desemprego no país e criando um abismo social maior ainda entre as classes (SILVEIRA, 2020). Os números referentes ao desemprego bateram recorde no país, como mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1: Desemprego em 2020

Fonte: Economia / G1 (2020)

Para além do aumento na taxa de desemprego de 11 a 14% entre maio e setembro de 2020, observa-se que muito pouco foi feito na tentativa de ajudar a população brasileira ao longo da pandemia. O auxílio emergencial, por exemplo, demorou a ser discutido e aprovado para repasse, pois enfrentou resistência do próprio governo, que apresentou inúmeras dificuldades na sua execução,

passando por diversas fraudes. Ao final, pessoas que realmente estavam necessitando desse recurso não foram atendidas, enquanto pessoas que não atendiam os requisitos estipulados foram contempladas e, de acordo com Silveira (2020), a ajuda prometida pelo governo federal para os empresários também não foi efetivada de forma satisfatória e, por isso, levou a uma crise econômica que se ampliou ainda mais enquanto a pandemia se agrava.

Atrelado a isso, todo o aparato que envolvia as recomendações sanitárias básicas de combate ao coronavírus foi posta em xeque à medida que as desigualdades sociais se acentuaram e ganharam visibilidade. As mínimas condições de higiene, como saneamento básico, água e sabão para lavar as mãos, não estavam sendo garantidas a uma grande parcela da população brasileira, bem como acesso às máscaras de proteção adequadas e a álcool 70º INPM (Instituto Nacional de Pesos e Medidas). Pessoas em situação de rua, por exemplo, não tiveram quase ou nenhum apoio com relação às medidas adotadas pelo Governo Federal.

Nesse contexto, a vulnerabilidade das comunidades com maior excedente populacional, como no caso das favelas, o contágio avançou de forma desordenada, causando colapso no sistema de saúde brasileiro, que não deu conta de manter o atendimento das pessoas que procuravam por ajuda. Nas comunidades, a efetividade do isolamento social não se fazia presente. Ao invés disso, observaram-se ruas movimentadas, lojas, mercados e bares funcionando, com livre circulação de pessoas, sem restrições, demonstrando que o poder público fracassou, pois não conseguia atingir a fiscalização nessas comunidades.

> Estampado em uma faixa pendurada na entrada da Rocinha, o aviso “Fique dentro de casa” tem efeito meramente decorativo. Lá a quarentena não está valendo, e não se vê sinal do poder público para frear o comércio, quase todo aberto com o aval das autoridades locais – no caso, as do tráfico, que historicamente dão as cartas nesse naco da cidade. No começo, houve até certo grau de isolamento, por ordem dos próprios bandidos. Não mais: eles foram avistados pela reportagem vendendo drogas à vontade debaixo do sol. As ruas estavam coalhadas de gente e formavam-se ruidosas aglomerações nos bares. Festas e forrós embalam a noite como se uma pandemia não assolasse o planeta (SILVEIRA; CERQUEIRA, 2020, p. 4).

Outro fator que contribuiu para o crescimento da pandemia no Brasil foi a instabilidade política, representada por mudanças constantes do gestor responsável pelo Ministério da Saúde no auge da crise sanitária. Isto se deu devido às discordâncias dos ministros que assumiram o papel de gestor das ações de combate ao coronavírus com o presidente da república, que não aprovava as medidas recomendadas mundialmente.

Ressalta-se que, ao enfrentar uma crise gravíssima, como a da pandemia de Covid-19, seria ideal que as políticas públicas pudessem dispor de alguma previsibilidade e ações enérgicas. Infelizmente, diante do quadro político e socioeconômico do Brasil, somado à crise econômica, a realidade social só se agravou, trazendo consequências catastróficas devido à inexistência de políticas públicas para a condução da crise.

> As Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade. (LOPES; AMARAL; CALDAS, p. 5).

Considerando que necropolítica corresponde ao uso do poder social e político para decretar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer, destacando a distribuição desigual de oportunidades de viver e morrer no sistema capitalista atual, o termo trata de um questionamento acerca de o Estado possuir ou não uma “licença para matar” em prol de um discurso de ordem (MBEMBE, 2016). Compreende-se, assim, a adequação do termo à situação atual no Brasil, em que se caminha na contramão do entendimento sobre governabilidade, com descaso em torno das medidas sanitárias recomendadas, porém exequíveis apenas por uma parcela privilegiada da população (BRUNO; CERQUEIRA, 2020).

## 3 SIMBOLOGIA NA OBRA “RETIRANTES” E EM REGISTRO FOTOGRÁFICO DE UMA FAMÍLIA NA PANDEMIA

As artes trazem com elas possibilidades de estímulos e experimentações bastante sensíveis para o ser humano. Ao mesmo tempo, podem ter

interpretações e significados distintos e variados, reportando à relação de mistérios, revelações, indagações e expressões dependentes de um contexto influenciado por realidades e culturas específicas. Sobre isso, Neto (2006, p. 15) afirma que “não há leitura de imagens que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor”.

Neste estudo, analisa-se uma obra de Cândido Portinari (1903-1962), pintor brasileiro que ficou conhecido por ser um artista que buscava retratar a temática do homem/povo brasileiro e suas questões sociais e históricas, contribuindo, assim, com a formação da cultura nacional com suas obras singulares que destacam o sofrimento humano e mazelas sociais. Portinari retratou, em 1944, uma família que precisa abandonar sua terra para fugir da miséria e da fome, abordando o tema da migração nordestina, triste realidade de parte do povo brasileiro que deixa seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida em outras partes do país por não conseguirem prosperar em sua terra natal.

Fonte: Retirantes, 1944. Pintura óleo/tela © Projeto Portinari

Muitas são as simbologias presentes nessa obra, a qual destaca peculiaridades inerentes à concretude nas expressões e a composição de força e sofrimento com que retrata emoções da forma mais realista possível, proporcionando uma maior aproximação de quem a observa, causando grande impacto nas sensações e sentimentos. Uma enorme carga dramática predomina na pintura, o que remete a algo trágico, triste e que comove quem está observando-a na forma dos signos que são representados através de imagens.

Para tanto, entendendo o signo que, segundo Melo e Melo (2015), serve como um meio de comunicação entre indivíduos, podendo ser compreendidos como possibilidades de identificação análoga que variam com base na cultura em que cada um se insere, em contato com a arte. A percepção, enquanto ocorrência individual, é tratada como uma rede de significados que circundam os seres humanos e que culminam na comunicação como ferramenta para interpretações, reproduções, manutenção e transformação desses significados (HARVEY, 2008).

Diante da família de retirantes na pintura de Portinari, é possível fazer alusão à tristeza e à miséria que a cerca no ambiente materializado de forma sombria, quase que sem vida. Para evidenciar o desespero das personagens que buscam por sobrevivência ao sair de seu local de moradia, destacando as feições em seus rostos desesperançosos, que culmina em uma crítica social, destaca-se, portanto, a aparência das personagens, principalmente das crianças presentes na tela em questão, com olhares desolados e estrutura física bastante debilitada, subnutrida e raquítica.

A vulnerabilidade dessa família é retratada de maneira chocante à medida em que se notam elementos como as aves que sobrevoam a família –urubus –, que costumam se alimentar de carcaças, pairando como se estivessem à espreita para abocanhar alguma coisa, fazendo com que se acredite que o alvo é, exatamente, a família que caminha pelo território seco, sombrio e desolador.

A condição social dos retirantes também é evidenciada por alguns elementos, como os pés descalços tocando diretamente o solo duro e seco, bem como as vestimentas – e a ausência dela em uma das crianças, por exemplo – e os adereços humildes atrelados à sensação de cansaço ilustrada tão enfaticamente nas expressões corporais e faciais, denotando a falta de expectativas por sua condição de extrema pobreza, que, de um modo geral, denuncia as mazelas sociais inerentes às desigualdades sociais existentes no Brasil.

Os aspectos destacados acerca da necropolítica do governo brasileiro no trato com a pandemia, no tópico anterior, e a análise das simbologias existentes na obra de Cândido Portinari, servem como base de comparação com uma fotografia registrada por Ricardo Borges em uma reportagem publicada para a Revista VEJA, em 2020, que registra uma família que tenta sobreviver em uma situação de extrema pobreza no cenário da pandemia no Brasil. São analisados

elementos e características que sugerem sua relação de singularidade com os que foram destacados na obra “Retirantes”.

A foto em questão causa grande impacto pela representação da família com olhar desolado, desesperançoso e pelo ambiente desolador, insalubre e propício à proliferação do vírus dadas as condições precárias de habitação.

Fonte: Borges (2020)

Buscando simbologias que alinham com a análise da obra de Portinari, pode-se inferir também a relação direta de, apesar do uso das máscaras, ser possível a identificação das expressões das pessoas registradas na foto, na forma de um contraste que mistura força e desânimo, no sentido de preocupação e desesperança. A vulnerabilidade dessa família, bem como a sensação de tristeza e fragilidade, faz alusão à miséria que a cerca, de acordo com os elementos que compõem esse registro.

A estrutura da casa, que serve de fundo para este cenário, remete a uma obra inacabada, com tapumes e madeiras encostadas. Tem-se, assim, a realidade da moradia precária das comunidades das favelas brasileiras, criando a ideia de um ambiente nocivo para a sobrevivência, uma vez que a instalação elétrica, por exemplo, está exposta. Outro elemento que faz alusão a esse pensamento é o saco de lixo pendurado bem próximo de onde as pessoas transitam para ter acesso à casa, na escada de entrada, mostrando uma problemática referente ao descarte do lixo à regularidade na coleta.

Outro aspecto a ser levado em consideração, nesse contexto, se dá por meio da percepção de que há roupas estendidas próximo ao saco de lixo e a tapetes, evidenciando questões espaciais e estruturais do ambiente que refletem na

salubridade e em condições de higiene básicas para manter os cuidados necessários de combate à disseminação do vírus. Se a recomendação mais difundida durante a pandemia é a higienização constante, não só pessoal, mas do ambiente, bem como das roupas, sapatos, pertences, em geral, como um todo, como esta família pode dar conta de cumprir tais medidas se não apresenta o mínimo de estrutura física para tanto?

De acordo com a reportagem da revista Veja, de maio de 2020, questiona-se exatamente a respeito dessa realidade refletindo sobre as recomendações sanitárias básicas para controle da pandemia, mediante a realidade das famílias residentes nas comunidades das favelas brasileiras, onde falta até o saneamento básico para higiene das mãos, por não ter água.

> [...] como seria na hora em que o inimigo invisível aterrissasse nos aglomerados de casebres plantados em meio à escassez – até mesmo de água para manter as mãos higienizadas e livres do vírus? Este capítulo da pandemia está sendo escrito à medida que as 6 300 favelas do Brasil registram curvas crescentes – e, se nada for feito, galopantes – de infectados. Quase 12 milhões de brasileiros vivem em favelas, 70 000 deles encarapitados na Rocinha (BRUNO; CERQUEIRA, 2020, p. 2).

As crianças também chamam a atenção no registro por suas expressões entristecidas, pouco comuns para suas idades. Os adultos – apenas mulheres, realidade de muitas famílias brasileiras –, com vestimentas simples, adereços quase que inexistentes e pés descalços tocando o solo, também duro e seco, trazem, no geral, elementos similares aos identificados na obra “Os retirantes” e que também remetem às expressões corporais e faciais, que denotam a falta de expectativas por sua condição de extrema pobreza, denunciando, mais uma vez, as mazelas sociais inerentes às desigualdades sociais existentes no Brasil e que, com a pandemia instaurada, só se agravam.

No entanto, há de se destacar também, dentre as simbologias presentes nas duas imagens selecionadas para esta análise, um elemento característico que as diferencia. Uma família, a primeira, está evidentemente ingressa em uma jornada em busca de sobrevivência fora do seu local de origem. A outra, em conformidade com sua condição ou simplesmente por não ter a migração como alternativa próxima, mantém-se no seu local de moradia, mesmo com todas as

limitações, na tentativa de sobreviver na ausência de políticas públicas efetivas que a auxilie a atravessar a pandemia com dignidade.

Nesse contexto, reflete-se, então, sobre o fracasso da gestão do governo federal diante da crise instaurada pela pandemia de Covid-19 representado pela necropolítica, por ele praticada nesse período e, portanto, pelo não atendimento às famílias que mais necessitam de auxílio, deixando-as praticamente abandonadas à sua própria sorte. A realidade de pobreza extrema, aliada às mazelas estruturais do espaço em que essas pessoas habitam, agrava ainda mais o quadro pandêmico devido à inércia do poder público.

Com base no que se pôde inferir, acerca das análises da pintura de Cândido Portinari e da fotografia de Ricardo Borges, afirma-se que as singularidades nas simbologias identificadas nos dois documentos, reafirmam, infelizmente, um quadro de desigualdade social vigente no Brasil que permanece avançando e foi ainda mais agravado devido às medidas abertamente inoperantes para a gestão da crise da pandemia pelo governo federal.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário entender expressões artísticas como fonte de contribuição para a formação do indivíduo em um processo de humanização, que abre espaço para que ele conheça sua origem, sua história e sua subjetividade. Soma-se a isso o poder que retratos da realidade, artísticos ou informativos, exercem sobre a expressão de sentimentos e sensações atrelados à emancipação do sujeito que toma para si o conhecimento a partir de seus significados e interpretações da vida.

Portinari e Borges estiveram, cada um a seu modo, diante de uma família. A família criada pelo primeiro ressurge na família avistada pelo segundo. Os retirantes são contrapostos, assim, àqueles que já não têm para onde ir. É assim que a compreensão da necropolítica praticada pelo governo federal, que se fez presente na gestão da crise da pandemia de Covid-19, permite uma visão crítica sobre as desigualdades sociais no país, a partir da análise das simbologias inerentes às obras selecionadas. Do final da primeira metade do século XX aos anos 2020, quase oito décadas de oportunidade de construção de uma

sociedade justa em solo brasileiro culminou com medidas do governo federal, diante de uma pandemia, que paradoxalmente a agravaram.

Entende-se que o que foi explorado aqui não é finito e espera-se que seja tratado como um incentivo para ampliar a realização de estudos como este, que buscam compreender justamente o conhecimento em constante movimento de construção.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *O que é política***.** *3. ed.* Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BRUNO, Cássio; CERQUEIRA, Sofia. O coronavírus dispara nas favelas. *O Veja, ed. Especial*, 30 abril de 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/o-coronavirus-chega-a-favela. Acesso em: 16 jul. 2021.

CARDOSO, Bruna Baranda. A implementação do Auxílio Emergencial como medida excepcional de proteção social. In: Rev. Adm. Pública, v. 54, n. 4, 2020, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos disponíveis em: https://www.scielo.br/j/rap/a/bxKszgD4DmnWc8HmFWw3Sqj/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 ago. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional***.** In: Fazenda, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa***.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Harvey, David. *Condição pós-moderna***.**17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. *Fundamentos de metodologia científica***.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Brenner; AMARAL, Jefferson Ney; CALDAS, Ricardo Wahrendorff (Ed). *Manual de Políticas Públicas: conceitos e práticas.* Belo Horizonte: SEBRAE, 2008.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte.* [dezembro, 2016] In: Arte & Ensaios. Revista do Programa de Pós Graduação em Artes – UFRJ.

MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. *Uma introdução à Semiótica Peirceana.* Paraná: Unicentro, 2015.

NETO, Manoel Alves da Rocha. *Possibilidades de leitura na obra "Retirantes" de Cândido Portinari.* Uberlândia, 2006.

O GLOBO. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Portal G1, 08 jun. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml. Acesso em: 22 jul. 2021.

O GLOBO. Brasil registra mais de 539 mil mortes de Covid na pandemia; em queda, média móvel é a mais baixa desde 1º de março. Portal G1, 15 jul. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/15/brasil-registra-mais-de-539-mil-mortes-de-covid-na-pandemia-em-queda-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-1o-de-marco.ghtml Acesso em: 16 jul. de 2021.

RADIS. Troca de ministros na pandemia. Fundação Oswaldo Cruz, 05 mai. 2020. Disponível em: https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/noticias/troca-de-ministros-na-pandemia. Acesso em: 28 jul. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica***.** Coleção primeiros passos. Editora: Brasiliense, v. 103, 1983.

SILVEIRA, Daniel. *Portal G1*. Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE. Rio de Janeiro, 23 out. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml. Acesso em: 27 jul. 2021.

# VIOLÊNCIA SISTÊMICA E NEURONAL: DO MUNDO VUCA AO MUNDO BANI[10]

# SYSTEMIC AND NEURONAL VIOLENCE: FROM THE VUCA WORLD TO THE BANI WORLD

# VIOLENCIA SISTÉMICA Y NEURONAL: DEL MUNDO VUCA AL MUNDO BANI

Cinthya Souza Simas [11]
Rosângela Araújo Darwich [12]

## RESUMO

Este estudo objetiva refletir acerca dos efeitos do encontro entre neoliberalismo e psicopolítica sobre as configurações de um mundo BANI ("Frágil, Ansioso, Não Linear e Incompreensível"). Partindo da noção de mundo VUCA ("Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo"), investigamos diferentes tentativas de descrever a contemporaneidade. Enquanto pesquisa bibliográfica, nos valemos, principalmente, de obras de Han (2017, 2018), Lipovetsky e Serroy (2015), Zuboff (1981, 2015, 2019), Bodenhausen e Peery (2009) e Cascio (2020). Verificamos que a passagem de um mundo considerado complexo para um mundo incompreensível, acelerada pela pandemia de Covid-19, transporta mudanças sutis, porém devastadoras, de formas de controle neoliberal. Valores de desempenho e estéticos são reunidos de modo que a sensação de liberdade sustenta escolhas que aprofundam violências não apenas sistêmicas, como também neuronais.

**Palavras-chave**: violência sistêmica e neuronal; mundo VUCA e BANI; internet; neoliberalismo; psicopolítica.

## ABSTRACT

This study aims to reflect on the effects of the encounter between neoliberalism and psychopolitics on the configurations of a BANI world ("Fragile, Anxious, Non-Linear and Incomprehensible"). Starting from the notion of the VUCA world ("Volatile, Uncertain, Complex and Ambiguous"), we investigate different attempts to describe contemporaneity. As a bibliographic research, we used works by Han (2017, 2018), Lipovetsky and Serroy (2015), Zuboff (1981, 2015, 2019), Bodenhausen and Peery (2009) and Cascio (2020). We found that the passage from a world considered complex to an incomprehensible world, accelerated by

[10] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[11] Graduanda em Psicologia, Universidade da Amazônia. E-mail: cinthya.simas.psicologia@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4168-291X.

[12] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

the Covid-19 pandemic, carries subtle but devastating changes in forms of neoliberal control. Performance and aesthetic values are brought together so that the feeling of freedom sustains choices that deepen not only systemic, but also neuronal violence.

**Keywords**: systemic and neuronal violence; VUCA and BANI world; Internet; neoliberalism; psychopolitics.

**RESUMEN**

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre los efectos del encuentro entre neoliberalismo y psicopolítica en las configuraciones de un mundo BANI (“Frágil, Ansioso, No Lineal e Incomprensible”). Partiendo de la noción del mundo VUCA (“Volátil, Incierto, Complejo y Ambiguo”), investigamos diferentes intentos de describir la contemporaneidad. Como investigación bibliográfica se utilizaron trabajos de Han (2017, 2018), Lipovetsky y Serroy (2015), Zuboff (1981, 2015, 2019), Bodenhausen y Peery (2009) y Cascio (2020). Descubrimos que el paso de un mundo considerado complejo a un mundo incomprensible, acelerado por la pandemia de COVID-19, conlleva cambios sutiles pero devastadores en las formas de control neoliberal. Los valores escénicos y estéticos se unen para que el sentimiento de libertad sustente elecciones que profundicen no solo la violencia sistémica, sino también neuronal.

**Palabras clave**: violencia sistémica y neuronal; Mundo VUCA y BANI; Internet; neoliberalismo; psicopolítica.

## 1 INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han, filósofo e ensaísta sul-coreano formado e radicado na Alemanha, em contraponto à sociedade disciplinar ou de controle descrita por Michel Foucault, segundo a qual os indivíduos são submetidos à negatividade do controle institucional, classifica as duas primeiras décadas do século XXI como uma sociedade de desempenho. Assim, o conceito foucaultiano de sociedade de controle seria determinado pelo verbo modal negativo “não-ter-o-direito” e não explicaria as modificações psíquicas e topológicas deste século. A sociedade de desempenho, que lança mão de noção de psicopolítica, representa uma forma de desvinculação da negatividade, a qual se expressa pelo “yes, we can”. Em linhas gerais, no lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação, delineando a paisagem patológica do século XXI como uma violência neuronal e sistêmica (HAN, 2017).

> A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção [...]. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um

> maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever (HAN, 2017, p. 25).

Nesse sentido, a sociedade de desempenho possui um caráter de positividade exagerada. Isso se manifesta como excesso de estímulos, informações e impulsos, sendo resultado da supercomunicação, superprodução e superdesempenho (HAN, 2017).

Paralelamente à noção de sociedade de desempenho, Lipovetsky e Serroy (2015) discutem acerca de uma sociedade transestética, em que a ética convive de modo desigual com a estética, em um novo perfil do capitalismo.

> No tempo da estetização dos mercados de consumo, o capitalismo artista multiplica os estilos, as tendências, os espetáculos, os locais da arte; lança continuamente novas modas em todos os setores e cria em grande escala o sonho, o imaginário, as emoções [...]. O domínio do estilo e da emoção se converte ao regime *híper*: isso não quer dizer beleza perfeita e consumada, mas generalização das estratégias estéticas com finalidade mercantil em todos os setores das indústrias de consumo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 17)

A sociedade transestética explora racionalmente e de maneira generalizada as dimensões estético-imaginárias-emocionais, promovendo um relativo rompimento na diferenciação das esferas econômicas, estéticas e culturais. Esse processo de hibridização das esferas oportuniza o exercício do que Zuboff (2019) chama de capitalismo da vigilância, que corresponde a uma nova variante do capitalismo da informação, a qual reivindica, de maneira unilateral, a experiência humana como matéria prima gratuita que se converte em dados comportamentais. Isso é possível pela contínua virtualização e digitalização do mundo, propiciada pela internet. É importante destacar que o neoliberalismo e as novas técnicas de poder (HAN, 2018), com foco em psicopolítica, representam uma força motriz de todo o sistema.

Os diferentes conceitos foram desenvolvidos em um período da história que foi identificado, desde o final dos anos 1980, como “mundo VUCA”, um acróstico derivado de Volatile (Volátil), Uncertain (Incerto), Complex (Complexo) e Ambiguous (Ambíguo). Em 2018, o antropólogo Cascio apresentou o conceito de mundo BANI, acróstico de *Brittle* (Frágil), Anxious (Ansioso), *Non-linear* (Não linear) e *Incomprehensible* (Incompreensível), que se firmou dois anos depois, com a pandemia de Covid-19. Investigando tentativas de descrever a

contemporaneidade, este estudo objetiva refletir acerca dos efeitos do encontro entre neoliberalismo e psicopolítica sobre as configurações de um mundo BANI.

## 2 VIOLÊNCIA SISTÊMICA E NEURONAL: MUNDOS EM TRANSFORMAÇÃO

Etimologicamente, neuronal é um termo da biologia relativo a neurônios. Os neurônios são fundamentais na ocorrência dos processos psicológicos básicos como sensopercepção e resposta emocional, além de processos cognitivos como a linguagem e o raciocínio. Assim sendo, a violência neuronal atinge diretamente o funcionamento dos neurônios e é manifestada pelo esgotamento e exaustão dos indivíduos, além de sufocamento frente à demasia. Os adoecimentos neuronais do século XXI, como depressão ou a síndrome de burnout decorrem do excesso de positividade da sociedade de desempenho (HAN, 2017).

A sociedade de desempenho articula-se como sociedade de cansaço e se revela nos sentimentos de inferioridade, angústia e autoagressão frente a trabalho excessivo e maximização da performance, resultando em pessoas depressivas e fracassadas. O indivíduo está sujeito a um excesso de estímulos, informações e impulsos que resultam de supercomunicação, superdesempenho e superprodução, amplamente difundidos no espaço virtual, com manipulações de emoções e percepções, de acordo com o imperativo de desempenho, gerando estresse (HAN, 2017).

Seguindo essa premissa, o multitasking, processo no qual a atenção é fragmentada, se trata de um retrocesso, de uma violência. Ser multitarefas implica não poder se concentrar em apenas uma atividade, mudando a estrutura da atenção humana devido ao imperativo de estar sempre alerta (HAN, 2017). Esse estado constante de alerta é característico da condição de estresse crônico, que, entre outras interferências na homeostasia, aumenta o risco de diversas doenças, como “patologias metabólicas, cardiovasculares, gastrointestinais, distúrbios do crescimento, câncer, depressão, distúrbios reprodutivos e doenças infecciosas” (SHOLL-FRANCO, 2004, p. 37).

Vale ressaltar que até mesmo nos momentos dedicados ao lazer os serviços de *streaming* e redes sociais emergem, mantendo alto o consumo de informações. Esses ambientes criam a falsa sensação de relaxamento, enquanto na verdade

o cérebro entorpecido permanece exposto e processando estímulos. Como resultado, podem ocorrer problemas como ansiedade, insônia, pânico, problemas de memória, aprendizagem e concentração (SHOLL-FRANCO, 2004). Esse violento e profundo cansaço interfere na constituição identitária dos indivíduos. Com a capacidade cognitiva debilitada, o indivíduo se torna muito mais vulnerável às coerções inerentes à sociedade de desempenho. De fato, escancara-se a problemática em torno da excessiva produtividade e de formas de subjetivação e sujeição extremamente eficientes de sujeitos completamente absorvidos nesse ambiente interligado que a internet, unida às diferentes interfaces do neoliberalismo, representa.

Vale apontar que no final do século XX a internet foi considerada como uma força irrefreável. Assim como a invenção da impressora e da pólvora, transformaria o mundo de forma permanente e irrevogável. Certamente, o mundo tem sido refeito pela internet, o qual é um fenômeno de enorme significado econômico, político e social nas sociedades contemporâneas. O espaço híbrido, ambiente no qual o real e o virtual coexistem e as esferas sociais se interpenetram, é propiciado pela existência e ampla utilização da internet (CURRAN, 2012).

A cultura híbrida permite interagir, comunicar, socializar e construir dentro desse ambiente virtual. Assim sendo, a internet viabiliza a superação de espaços contínuos, territórios geográficos, mas especialmente o nomadismo, a transnacionalidade e a transculturalidade. Logo, as noções de espaço e de tempo se modificam e os pensamentos, saberes, culturas, idiomas, se mesclam (MORETTI, 2019).

> Redes sociais, plataformas online, tecnologias digitais e network fundamentalmente modificam o modo como socializamos, nos divertimos, aprendemos sobre o mundo, lidamos com assuntos públicos e, acima de tudo, fazemos negócios (CURRAN, 2012 p. 71, tradução nossa)

Zuboff (1981) pesquisou de que forma os funcionários de diferentes escritórios eram afetados pela introdução de computadores e consequente substituição de etapas manuais do trabalho pela ainda incipiente tecnologia. Como resultado, verificou que o trabalho foi transformado em uma significativa fonte de estresse e ansiedade. Passou a ser exigido dos funcionários um modo específico de

esforço mental: concentrar-se em uma tela por oito horas por dia, lendo e manipulando símbolos eletrônicos, processando informações continuamente. Na opinião deles, as mudanças limitavam a liberdade, a criatividade e a "arte" de suas avaliações.

Havia resistência às mudanças. Considerava-se tanto a possibilidade de substituição do homem pela máquina quanto a invisibilidade de etapas do trabalho, ou seja, a intangibilidade dos dados e também a desumanização da experiência, pois as pessoas viravam números, os diálogos viravam memorandos, reuniões viravam e-mails. Houve, além disso, o progressivo desconhecimento das etapas do processo: o serviço se tornando cada vez mais técnico, especializado, e o conhecimento mais incompleto. Memória e pensamentos, teoricamente, não eram mais necessários, posto que o serviço passou a depender do tempo e da confiança no funcionamento do sistema, decisões deixaram de ser tomadas em decorrência da rotinização dos serviços, o que facilitava o exercício de controle (ZUBOFF, 1981).

Em linhas gerais, a internet modificou estruturalmente a economia – afetou a interação entre fornecedores, produtores e consumidores, e reconfigurou os mercados, o volume e a velocidade das transações financeiras ao redor do globo. Além disso, reformulou a comunicação entre as empresas e propiciou o surgimento de grandes corporações, como Amazon e Google (CURRAN, 2012).

A economia do século XXI é baseada em nichos. A internet não apenas dividiu o mercado em uma série de nichos interligados, mas reconfigurou as relações de poder dentro dessa economia, transformando-a em uma tecnologia de abundância, que cria infinitas oportunidades e, por consequência, a necessidade e a exigência de que se usufruem dessas oportunidades. Isso se reflete nas dinâmicas sociais, tanto nas plataformas digitais quanto nos ambientes laborais. Se, a princípio, a experiência real molda a experiência virtual, o exato oposto passou a ocorrer (ANDERSON, 2007).

> O desenvolvimento da personalização, portabilidade sem fio e conectividade onipresente da Internet facilitam o individualismo em rede como a base da comunidade. Como as conexões são para pessoas e não para lugares, a tecnologia permite a mudança dos laços de trabalho e comunidade, de conectar pessoas em lugares para conectar pessoas em qualquer lugar. A comunicação por computador está em toda parte, mas em lugar nenhum. Só eu é que posso ser alcançado onde quer que eu esteja: em uma casa, hotel, escritório, rodovia ou

> shopping center. A pessoa se tornou o portal (WELLMAN et al, 2003, tradução nossa).

Nessa perspectiva, nota-se que a internet é fundamentalmente social. Há uma sobrecarga de conteúdo, tendências, possibilidades e, principalmente, de pessoas relacionadas umas às outras, o que se traduz com um modo não linear de pensamento que reflete a própria linguagem da internet, de acordo com o documentário *We all want to be young* (2010). Entretanto, apesar do impacto sobre a coletividade, a internet encoraja, como prioridade, a satisfação de necessidades, desejos e aspirações pessoais.

Em vista disso, o espaço híbrido promove conexões estéticas e comportamentais, principalmente em virtude das redes sociais. Essas tornam a possibilidade de expressar a autenticidade individual – personalidade, objetivos, projetos, opiniões – em uma exigência, de onde deriva a intensa exposição nas redes como um meio de se destacar pessoal e profissionalmente. É interessante saber e ser várias coisas simultaneamente e o compartilhamento dessas diferentes perspectivas é exaustivamente realizado. Aqui, a multiculturalidade não é apenas celebrada, mas monetizada.

> Hoje essa situação alcançou o ponto no qual as próprias invenções tecnológicas, que pareciam promover certa liberdade individual – evidentemente a internet e todas as atividades sociais virtuais tornadas possíveis por meio das chamadas redes sociais (websites) como o Facebook e o Twitter – se tornaram um meio de manipular secretamente necessidades e desejos dos consumidores ou usuários (OLIVIER, 2020, p. 11, tradução nossa).

Entende-se, dessa maneira, que a internet se revela como ambiente fértil para a manutenção e intensificação do que Han (2017) chama de pressão de desempenho**.** Trata-se da apropriação do impacto das mídias sobre a subjetividade, da concepção de indivíduo e de liberdade, além das transformações das noções de espaço e tempo, propiciadas pelo espaço híbrido, que não apenas resulta em coerções sistêmicas, mas em uma guerra internalizada do indivíduo, que persiste explorando a si mesmo.

Sob essa pressão, o sujeito que Han (2018) qualifica como *de desempenho* concorre consigo mesmo, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. O sentimento de ter alcançado uma meta não se consolida, visto que a pressão

de desempenho o força a produzir cada vez mais e nenhum esforço é suficiente. O sujeito de desempenho é fruto de uma sociedade na qual nada é impossível, ele deve ser seu próprio empreendedor e a melhor versão de si mesmo. O fato de "não-mais-poder-poder" leva uma autoacusação destrutiva e uma auto agressão. Realizar-se e autodestruir-se aqui, coincidem (HAN, 2017).

A virtualização e a digitalização da vida colaboram com essa reestruturação da *psique*. Os novos meios e técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro, mas especialmente do indivíduo consigo mesmo, haja vista que a modificação do comportamento é parte essencial da dinâmica das redes. Han (2017, p. 8) situa o passo seguinte ao panóptico ou "visão total" foucaultiana:

> Cada vez mais, as mídias sociais se assemelham à panóptica digital vigiando o reino social e explorando-o impiedosamente. Tínhamos acabado de nos libertar do panóptico disciplinar - então nos lançamos em um novo e ainda mais eficiente panóptico.

Fica evidente a pressão de desempenho refletida na necessidade de engajamento nas redes sociais, que convida seus usuários a agregar suas habilidades e conhecimentos, que escrutina a criatividade, autenticidade e, obviamente, a individualidade de todos. Os próprios indivíduos "são os agentes de expansão e consolidação desse poder, pelo menos até atingirem o estágio de depressão e esgotamento por conta das demandas excessivas da 'sociedade da conquista'" (OLIVIER, 2020, p. 11). É neste sentido que, com a exploração da liberdade, a pressão de desempenho deixa de ser um problema sistêmico e se torna neuronal.

Paralelamente à identificação de uma sociedade de desempenho, de cansaço e de conquista, Lipovetsky e Serroy (2015) identificam a sociedade transestética: um novo modo de funcionamento que explora racionalmente e de maneira generalizada as dimensões estético-imaginárias-emocionais, tendo em vista o lucro. Essa sociedade, regida pelo capitalismo artista ou criativo transestético, funciona com base na estetização sistemática dos mercados de consumo, dos objetos e do ambiente cotidiano. Trata-se de um relativo rompimento na diferenciação das esferas econômicas, estéticas e culturais, as quais se hibridizam, se misturam e se interpenetram.

Nesse contexto, identifica-se um processo de homogeneização dos modos de vida, o qual se revela como um trabalho sistemático de estilização dos bens, além da integração generalizada da arte e do afeto no universo de consumo. É uma hipercultura comunicacional e comercial que artealiza o domínio da vida cotidiana, de tal modo que coloca a emoção sob este regime. O capitalismo artista, portanto, "cria valor econômico por meio do valor estético e experiencial: ele se afirma como um sistema conceptor, produtor e distribuidor de prazeres, de sensações, de encantamento" (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 28).

A sociedade ocidental pós-guerra recebeu grande estímulo ao consumo em massa como parte de um plano de recuperação econômica do governo norte-americano. A partir daí a inflação da oferta consumatória, os desejos, os olhares, os juízos propriamente estéticos se tornaram fenômenos presentes em todas as classes sociais, ao mesmo tempo que tendem a se subjetivizar com a efetiva atuação do *merchandising*. O capitalismo transestético, ao compreender a emoção como dinâmica, situacional e performativa, a celebra como expressão livre da subjetividade (HAN, 2018; LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

Fica evidente o uso dessa liberdade quando o *emotional design* molda emoções e padrões para maximizar o consumo, atingindo todos os aspectos da vida social. Em virtude disso, tudo se torna uma questão de gostos subjetivos, de emoções pessoais, de opções individuais, de preferências mais ou menos heterogêneas. Uma estética autorreflexiva estrutura o consumo hiperindividualista de tal modo que o consumo com componente estético se constitui como uma afirmação identitária dos indivíduos (HAN, 2018; LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

> Por meio das estratégias da obsolescência dos produtos, do estilo e da sedução, o capitalismo transformou radicalmente as lógicas de criação e de produção, de distribuição e de consumo. Seu próprio sentido se subverteu: não mais sistema econômico racional, mas máquina estética produtiva de estilos, de emoções, de ficções, de evasões, de desejos, e tudo isso não mais, como acontecia antes, para uma elite social restrita, mas para o conjunto dos consumidores [...]. O capitalismo artista forjou uma economia emocional de sedução assim como um consumidor louco por novidades permanentes e desculpabilizado quanto à ideia de aproveitar ao máximo a vida aqui e agora**.** A conversão é profunda e histórica: o consumidor mínimo é substituído por um consumidor transestético ilimitado (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 31).

A estetização do mundo econômico corresponde a uma estetização do ideal de vida. Isso significa não mais viver e se sacrificar por princípios e bens exteriores a si, mas se inventar, estabelecer para si suas próprias regras, visando uma vida bela, intensa, rica em sensações e em espetáculos. Portanto, hoje não se consomem coisas, mas emoções (HAN, 2018; LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

Segundo Han (2018), a *psique* é convertida na principal força produtiva da sociedade de desempenho pela técnica de dominação que corresponde à psicopolítica. Trata-se de uma forma mais eficiente de subjetivação e sujeição, na qual os indivíduos se pensam livres, mas se submetem inconscientemente a coações internas na forma de obrigações de desempenho e otimização, enquanto têm a sua liberdade explorada.

Seguindo essa premissa, a psicopolítica aprimora a lógica de desdiferenciação hipermoderna das esferas sociais, econômicas e políticas do capitalismo transestético. Afinal, o criativo transestético se caracteriza pelo peso crescente dos mercados da sensibilidade e do *emotional design*, criando em grande escala o sonho, o imaginário, as emoções (LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

A psicopolítica não oprime a liberdade, mas a explora. A eficácia do psicopoder se concentra no *animal laborans* que é agressor e vítima de si mesmo. Nesse caso, workshops de gestão de pessoas, treinamentos de inteligência emocional, otimização e desenvolvimento pessoal são conceitos-chave no exercício desse poder que penetra a *psique* e explora a pessoa de forma completa (HAN, 2018).

> O neoliberalismo é um sistema muito eficiente - diria até inteligente - na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra a sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro (HAN, 2018, p. 12).

Nessa perspectiva, o regime neoliberal introduz a era do esgotamento, na qual o exercício do coaching, por exemplo, contribui com a exigência pela maximização da performance. Trata-se de uma forma de subjetivação que produz emoções positivas e satisfação pessoal – e as explora. Não se trata de tornar os indivíduos obedientes, mas de agradá-los, gerando dependência. Essa dependência se estabelece de forma sutil e impossibilita a desassociação do indivíduo (HAN, 2017).

Nesse contexto, a produtividade é o ídolo da contemporaneidade. Ao sujeito, sob o regime neoliberal, é imposto o imperativo da otimização, da performance, ou seja, a *psique* colapsa pela obrigação de produzir cada vez mais desempenho. Vale ressaltar que a noção de eu e de indivíduo se desenvolvem juntamente com o capitalismo e, nessa lógica, a produtividade é "para si" – o trabalhador agora é empreendedor, dependendo única e exclusivamente de si mesmo e, na busca pela autonomia e ascensão, encontra-se completamente dependente desse sistema. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência (HAN, 2017). Segundo Han (2018, p. 30), o indivíduo

> É senhor e soberano de si mesmo. Assim, está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado.

É importante ressaltar que a psicopolítica serve-se do *Big Data*, o qual se apropria e utiliza os dados que os indivíduos lhe entregam de modo voluntário e até efusivo. Os elementos assim recolhidos permitem prever comportamentos e condicioná-los em níveis que fogem à consciência individual. É o que Zuboff (2015, p. 1) chama de capitalismo da vigilância, uma "nova forma do capitalismo da informação que almeja prever e modificar o comportamento humano como um meio de exercer controle". Desse modo, segundo Wellman et al (2003), a liberdade de expressão e a hipercomunicação, que se difundem nas diferentes redes sociais, têm sido usadas mais para adquirir e gerar informação, ao invés de comunicação entre as pessoas. As informações pessoais expostas na internet são convertidas em controle e vigilância, conduzindo na atual e autêntica crise da liberdade.

Em outros termos, as diferentes esferas da vida humana estão saturadas de dados e produzem oportunidades de observação, interpretação, comunicação, influência, predição e, em última instância, modificação de ações. Assim, o neoliberalismo contraria as potencialidades de realização dos valores e expectativas individuais, visto que maximiza as necessidades, mas bloqueia as

possibilidades de supri-las, tornando os indivíduos vulneráveis às promessas e riscos do mundo digital (KOERNER, 2020).

> "Psicopolítica" claramente se aplica a psique ao sugerir a noção análoga de poder exercida sobre ela. Na atual era, o "poder soberano" subjugando - ou talvez manipulando - psicopoliticamente, pessoas ao redor do mundo, é chamado de "Império" (Hardt & Negri, 2001), "capitalismo da vigilância (Zuboff, 2019) e "neoliberalismo" (Han, 2017; Parker, 2011; Verhaeghe, 2014) (OLIVIER, 2020, p. 10, tradução nossa).

A estetização, que começa a ganhar espaço nos anos 1940, e o crescimento da internet, são aliados na construção de um mundo que, no final dos anos 1980, foi identificado como "VUCA" ("Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo). Os termos indicam a presença de um contexto social em mudança dinâmica (e, portanto, volátil), de informações incompletas (significando incerteza) e de várias dimensões potencialmente relevantes, bem como várias interpretações possíveis das informações disponíveis (correspondendo a complexidade e ambiguidade) (BODENHAUSEN; PEERY, 2009). É importante considerar que

> os diferentes elementos do desafio que VUCA representa são interligados por natureza. A volatilidade situacional influencia diretamente em como os elementos complexos e multifacetados são categorizados e modula a disponibilidade de informações sobre os elementos, criando diferentes graus de incerteza e ambiguidade. (BODENHAUSEN; PEERY, 2009, p. 146, tradução nossa).

Assim, com o final da guerra fria e da polarização do mundo em dois grandes blocos, apresenta-se, sob o pano de fundo do capitalismo triunfante, tanto a necessidade constante de consumo, no encontro entre beleza e emoção, quanto o lugar que o próprio indivíduo assume ao prejudicar-se por meio de um esforço também contínuo de autossuperação.

Entretanto, enquanto o mundo VUCA é complexo, o mundo BANI ("Frágil, Ansioso, Não Linear e Incompreensível") é caótico e, em decorrência da pandemia, a ideia de um mundo suscetível a catástrofes imprevisíveis foi consolidada. Devido à internet, a constatação de fragilidade repercute, como o coronavírus, por todo o planeta, gerando ansiedade (KARNAL, 2021; CASCIO, 2020).

A pandemia escancarou a vulnerabilidade da vida humana, causando um senso de urgência capaz de influenciar tomadas de decisão de diferentes ordens. O isolamento social levou ao esgotamento e estranhamento, fazendo com que eventos parecessem desconectados e pouco estruturados. Em um mundo em constante mudança, um planejamento em longo prazo parece não fazer mais sentido e essa não-linearidade dá espaço à incompreensão e ao estresse (CASCIO, 2020; ROSOLEN, 2021).

> Tentamos encontrar respostas, mas as respostas não fazem sentido. Além disso, informações adicionais não são garantia de melhor compreensão. Mais dados - até mesmo big data - podem ser contraproducentes, sobrecarregando nossa capacidade de entender o mundo, tornando difícil distinguir ruído de sinal. A incompreensibilidade é o estado final da sobrecarga de informações (CASCIO, 2020, tradução nossa).

Entende-se que o mundo BANI possui uma natureza sem precedentes, de forma que confunde a compreensão das circunstâncias e dificulta o estabelecimento de parâmetros para futuras decisões. A linguagem e os conceitos até então formulados não são capazes de explicar completamente a dimensão do mundo atual e suas configurações.

Nesse habitat em que neoliberalismo e psicopolítica se unem, onde real e virtual coexistem, condensando interfaces estéticas e performáticas, a *psique* se consolida como mais uma ferramenta de exploração capitalista. Esse espaço, no qual essas diferentes características se sobrepõem e se transformam continuamente, resulta em uma hipermodernidade de múltiplos sentidos que contribui na normalização da violência aqui identificada como sistêmica e neuronal.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relações entre manipulação de emoções e escolhas autodestrutivas, correspondentes a efeitos do encontro entre neoliberalismo e psicopolítica, permitiram que refletíssemos acerca dos efeitos do encontro entre neoliberalismo e psicopolítica sobre as configurações do mundo atual.

A partir do final dos anos 1980 o mundo passou a ser visto como sendo tão volátil, incerto, complexo e ambíguo a ponto de ser identificado por esses termos. Do acróstico VUCA passamos ao BANI e, com ele, a um mundo frágil, ansioso, não linear e incompreensível, características essas tornadas ainda mais claras com a pandemia de Covid-19 (BODENHAUSEN; PEERY, 2009; CASCIO, 2020). A questão é que esses termos, que tentam orientar o raciocínio por meio da negação da possibilidade de resultados lógicos satisfatórios, não se adequa apenas ao mundo, mas aos indivíduos que nele vivem.

Se, com a exploração da liberdade, a pressão de desempenho deixa de ser um problema sistêmico e se torna neuronal, é de seres humanos que se está tratando. Contexto e subjetividade se mesclam, assim como, com a internet, público e privado. A sedução pela compra de produtos esteticamente atraentes, logo superados por outros, mais atuais e ainda mais belos, também deixa implícito que o próprio indivíduo precisa ser belo, jovem e produtivo. Além disso, não basta ser, pois é necessário noticiar e comprovar o desejo sempre atualizado e renovado pelo impossível.

De acordo com Olivier (2020, p. 10, tradução nossa), "o regime neoliberal leva ao isolamento total. Assim sendo, não nos liberta de forma alguma. Consequentemente, a questão agora é se nós precisamos redefinir a liberdade – reinventá-la". Diante de tantos paradoxos e imersos na satisfação evanescente e no desejo incansável, refletir sobre a violência sistêmica e neuronal que sofremos pode significar responder positivamente à necessidade de reinventar o que seja a liberdade. Tal movimento também perpassa a investigação de como definir valores que qualificam dignamente o ser humano que se é. VUCA ou BANI, também o mundo é obra de todos e cada um de nós.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris. *The long tail*: How endless choice is creating unlimited demand. London: Random House, 2007.

BODENHAUSEN, Galen V.; PEERY, Destiny. *Social and personality psychology compass*, v. 3, n. 2, p. 133-151, 2009.

CASCIO, Jamais. Facing the Age of Chaos. *Medium*, 2020. Disponível em: https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d. Acesso em: 28 ago. 2021.

CURRAN, James; FENTON, Natalie; FREEDMAN, Des. *Misunderstanding the internet*. New York :Routledge, 2012.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*. 7. ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

KARNAL, Leandro. O nome do mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 fev. 2021. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-nome-do-mundo,70003622374. Acesso em: 28 ago. 2021.

KOERNER, Andrei. Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 105, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*: viver na era do capitalismo artista. Companhia das Letras, 2015.

MORETTI, Gaia. Intercultura e linguagem: perspectivas híbridas-digitais para o ensino das línguas. *Educação Unisinos*, v. 23, n. 4, p. 626-638, 2019.

OLIVIER, Bert. The psychopolitics of (and psychotherapy required by) neoliberalism. *Psychotherapy and Politics International*, v. 18, n. 1, p. e1519, 2020.

ROSOLEN, Dani. Verbete Draft: o que é Mundo BANI. *Projeto Draft*, 2021. Disponível em: https://www.projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-mundo-bani/. Acesso em 28 ago 2021.

SHOLL-FRANCO, Alfred et al. Envelhecimento, estresse e sociedade: uma visão psiconeuroendocrinológica. *Ciências & Cognição*, v. 1, 2004.

WE ALL want to be young, 2010. Vídeo (10 min). *Publicado pelo canal Box1824*, 2010. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=c6DbaNdBnTM&t=399s. Acesso em: 23 agosto 2021.

WELLMAN, Barry et al. The social affordances of the Internet for networked individualism. *Journal of computer-mediated communication*, v. 8, n. 3, p. JCMC834, 2003. https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2003.tb00216.x

WHITEMAN, Wayne E. *Training and Educating Army Officers for the 21st Century*: Implications for the United States Military Academy. Army War Coll Carlisle Barracks PA, 1998.

ZUBOFF, Shoshana. *Psychological and organizational implications of computer-mediated work*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1981.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of information technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

# COM AS PALAVRAS DE QUEM FORAM FEITOS OS MEUS OLHOS?[13]

# WITH WHOSE WORDS WERE MY EYES CRAFTED?

# ¿CON PALABRAS DE QUIÉN FUERON HECHOS MIS OJOS?

Dinah de Oliveira[14]
Isadora Espíndola[15]

## RESUMO

O artigo apresenta uma visada junto ao trabalho de transcrição de receitas de cura da senhora Raimunda Gomes da Silva, mulher-xamã, moradora do Xingú. O trabalho de transcrição está em curso para a formulação da Cartilha de Mezinhagem, objeto que figura um tempo qualificado de devires ancestrais. A elaboração da cartilha partiu da pesquisa curatorial com o acervo de imagens, áudios e vídeos construídos ao longo dos encontros virtuais da Rede Buiúnas, rede de mulheres na escuta e proteção dos rios brasileiros. Neste sentido, a transcrição é trabalhada aqui em conexão com o conceito de traduzir negro de Tiganá Santana como tradução ética, como uma construção de conhecimentos entre-mundos, um diálogo que possibilita a criação de uma epistemologia da diferença em experiência na confluência de escritas artísticas. A noção de saberes localizados de Donna Haraway e de ativação de Isabelle Stengers são formulações que atravessam as práticas textuais e artísticas.

**Palavras-chave:** confluências; transcrição; tradução; Raimunda Gomes da Silva; artes visuais.

## ABSTRACT

The article presents an overview of the transcription work of healing recipes of Raimunda Gomes da Silva, xamã-woman, resident of Xingú. The transcription work is ongoing for the making of the Cartilha de Mezinhagem, object that figures a qualified time – of ancestral becomings. The preparation of the booklet was based on a curatorial research with the collection of images, audios and videos

[13] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 01 - Título: literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[14] Professora Adjunta e pesquisadora no curso de Bacharelado em Artes Visuais-Escultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dinahcesare@eba.ufrj.br, orcid.org/0000-0001-8503-7299.

[15] Artista-pesquisadora e graduanda no curso de Bacharelado em Artes Visuais-Escultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), isadora.obe@gmail.com, orcid.org/0000-0002-4720-783X.

built over the virtual meetings of the Buiúnas network, a network of women listening to and protecting the brazilian rivers. In this sense, the transcription is written here in connection with Tiganá Santana's concept of black translation as ethical translation, as a between-worlds knowledge construction, a dialogue that enables the creation of an epistemology of difference in experience at the confluence of artistic writings. Donna Haraway's notion of situated knowledges and Isabelle Stengers' notion of reclaim are formulations that permeate the textual and artistic practices.

**Keywords:** confluences; transcription; translation; Raimunda Gomes da Silva; visual arts.

**RESUMEN**

El artículo presenta una descripción general del trabajo de transcripción de recetas curativas de la Raimunda Gomes da Silva, una xamã-mujer, residente de Xingu. El trabajo de transcripción está en curso para la formulación de la Cartilha de Mezinhagem, un objeto que representa un tiempo calificado - de devenires ancestrales. La elaboración del folleto se basó en una investigación curatorial con una colección de imágenes, audios y videos construidos a partir de los encuentros virtuales de la red Buiúnas, una red de mujeres que escuchan y protegen los ríos brasileños. En este sentido, aquí se trabaja la transcripción en conexión con el concepto de Tiganá Santana de traducir negro como traducción ética, como construcción de conocimiento entre mundos, un diálogo que posibilita la creación de una epistemología de la diferencia en la experiencia en la confluencia de escritos artísticos. La noción de conocimiento localizado de Donna Haraway y la activación de Isabelle Stengers son formulaciones que atraviesan las prácticas textuales y artísticas.

**Palabras-clave:** confluencias; transcripción; traducción; Raimunda Gomes da Silva; artes visuales.

## 1 NASCENTE DA VOLTA GRANDE

> O espírito das águas, eles são como o vento, você não vê, mas você sente. Você vê o vento? Mas você sente. É o espírito das águas. Só que não são todas as pessoas que nasceram para existir para ele, mas ele existe para todo mundo. O Xingu é isso, as águas. Herança de mãe, de vó, de tia. (Raimunda Gomes da Silva. Transcrição de áudio. Acervo das autoras).

Imaginamos aqui as potências transmissíveis. Na química falamos de transmitância. Inferimos as passagens, as transferências. Afetos que podem

confluir são aqueles que tomam as passagens, mas não se fixam em convergências. Como nos diz Ailton Krenak trazendo uma fala de Nego Bispo: afetos que fluem para outros lugares, ou mais fabularmente: confluem[16]. Pensando em confluências, começamos um texto escrito a quatro mãos. Um texto ainda banhado pela magia da linguagem de outro corpo. Somos três mulheres, a quarta, a pessoa que lê, é o par. É como acontece na matemática da mezinhagem de cozimentos: os ingredientes precisam sempre comparecer em número ímpar, o par é aquela pessoa humana ou mais que humana a receber o remédio. Exercitamos o pensamento neste desenho de forças por meio de uma lógica própria do trabalho em que o conhecimento da história e seus efeitos se tornam aliados e são restaurados a cada vez em que determinados elementos se encontram, sob certas receitas e métodos de cozimento. Mas que não se confundam aqui as narrativas geradas pelas especificidades dos materiais, pelo milimetrado das doses, pelos detalhes, pelos materiais - madeira, ferro, barro ou palha - que recebem e misturam os ingredientes encantados na linguagem com um lugar aliado da história dedutiva. Esta história em que as relações de causalidade dão a ideia de que o mundo está dominado pelo conhecimento (STENGERS, 2015, p. 9). Nada disso, toda a formulação da mezinhagem é trabalho de outras centralidades em seus detalhes.

Esta narrativa de precisão quem nos mostra e encarna é a senhora Raimunda Gomes da Silva. Raimunda é moradora de um território às margens do Rio Xingu. Mulher-Xamã, Liderança Feminina do Conselho Ribeirinho do Xingu, engajada na luta de manutenção dos espaços de vida, espaços estes desapropriados pela Norte Energia para a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Raimunda recebeu um pedaço de terra que agora nomeia de Terra Prometida - tempo de um futuro ancestral. Integrante da Rede Buiúnas, coletiva de artistas, jornalistas, antropólogas, procuradoras da república, professoras universitárias, ativistas ambientais, médicas e mais juruna e munduruku e xipaya e kumaruara e ribeirinhas que se dedicam ao fortalecimento de ações em defesa de rios brasileiros e seus habitantes humanos e mais que humanos:

[16] Diálogo entre Ailton Krenak e Marisol de la Cadena na abertura do Festival Seres-Rios. Disponível em: https://youtu.be/JPWjlZcOoe0. Acesso em: 3 set. 2021.

> Nosso traço segue a grafia dos rios e florestas cuja preservação é fundamental no combate à catástrofe climática que já está aí de modo irrevogável. É notório o papel de mulheres indígenas e ribeirinhas como as guardiãs mais eficazes de todo um ecossistema que está à beira do colapso. Mulheres que, em suas próprias palavras, nos alertam que "os homens são cabeça fraca porque negociam rápido demais". Para algumas coisas, não há negociação possível e sabemos disso. No rio Xingu, como em outros territórios, as mulheres têm sido a principal resistência a megaprojetos de infraestrutura e de mineração, assim como as protagonistas na luta pela autonomia de seus corpos, povos e territórios (Trecho do Manifesto Buiúnas, acervo das autoras).

Formação de alianças. Raimunda Gomes da Silva conta sua história para a jornalista Eliane Brum. As matérias intituladas “Vítimas de uma Guerra amazônica”, “Quando a casa foi expulsa de casa” e “O pescador sem rio e sem letras”, escritas por Eliane, contam a história de pessoas que foram removidas durante a obra da hidrelétrica de Belo Monte e tiveram suas casas destruídas e vidas desestabilizadas pela chegada de um imaginado progresso[17]. As referidas reportagens enfatizam a vida de pessoas como Raimunda e seu companheiro João, que viviam e tiravam seu sustento das ilhas na Volta Grande do Rio Xingu. Sonia Sobral, nossa parceira de trabalho na Cartilha de Mezinhagem e dramaturgista do inapreensível neste artigo, curadora e gestora de artes cênicas, envia o material para a artista e pesquisadora Gabriela Carneiro da Cunha. O sentido das alianças é mesmo o de construir uma experiência sensível no tempo. O arquivo deste afeto começa a se formar assim e nosso trabalho curatorial se investe na escuta deste acervo que tem início com o projeto de pesquisa em artes, Margens - sobre Rios, Buiúnas e Vagalumes: “Em suas margens, confluem ações que desejam deslocar os humanos do centro da narrativa, e assim criar possibilidades de escuta das vozes de todo o resto que existe nesta pesquisa: os rios-testemunhas, as mulheres-buiúnas e os povos-vagalumes” (Fragmento. Projeto Margens. Acervo das autoras).

Daí vem o desejo que aproxima as pesquisadoras nesta ação do Margens: transcrever as receitas de cura de Raimunda, na forma de uma Cartilha de Mezinhagem. Se ativar é fazer pontes (STENGERS, 2017), estamos construindo

[17] Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista, recentemente foi uma das vencedoras do prêmio Maria Moors Cabot da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia. Matérias respectivamente disponíveis em: https://cutt.ly/LWQhtgA / https://cutt.ly/DWQhMwe / https://cutt.ly/zWQgLHH. Acesso em: 3 set. 2021.

a nossa - na travessia entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Terra Prometida em Altamira no Pará, às margens do rio Xingu, por afluentes do cuidado:

> As mulheres, no geral, são aquelas responsáveis pelos cuidados de todos ao seu redor: cuidados com as plantas, com os bichos, com a casa, com as crianças, com os doentes e os mais velhos. Nosso desejo é voltar nossos cuidados para nós mesmas e para aquelas que compõem a rede, estendendo os cuidados em saúde mental para além de uma lógica de patologização, mas sim para um processo de escuta de narrativas subjetivas e comunitárias, de troca e valorização de saberes, e a criação de espaços seguros para dividir traumas passados e tecer sonhos futuros (Manifesto Buiúnas. Acervo das autoras).

No leito da escrita deste artigo trabalhamos um percurso reflexivo a partir de nossas experiências com a transcrição das narrativas da “Cartilha de Mezinhagem" (2020-2021) de Raimunda Gomes da Silva. Ao mesmo tempo, procuramos por uma tentativa de tratamento dos nossos processos artísticos com o trabalho verbo-visual “Minha querida pedra no universo do meu rim” (2020), de Isadora Aventureira. Pensar o fazer artístico junto com estes trabalhos carrega em seu discurso a tensão de uma estética que ficou segregada por um pensamento racionalista, e que tem a importância de construir uma esfera ética humana e social.

Giorgio Agamben evidencia o fazer produtivo como sendo da ordem do trabalho, como aquilo que determina hoje em toda parte o estatuto humano sobre a terra, entendido a partir da práxis, ou seja, “da produção da vida material” (AGAMBEN, 2012, p. 103). Aqui nos confrontamos com este lugar, com a produção artística fazendo parte da produção da vida material. Neste sentido, Agamben destaca um agir produtivo da esfera da *poiesis*. A *poiesis* que Agamben refere é o fazer produtivo e não a poesia, o operar produtivo vale tanto para os objetos cotidianos, os objetos da indústria, quanto para os objetos de arte. Assim a crise de nosso tempo é uma crise do fazer, do operar pro-dutivo “do qual o fazer artístico é apenas um exemplo eminente e que parece hoje se estender, em uma dimensão planetária" (AGAMBEN, 2012, p. 103) que, levou também ao colapso que comparece na atualidade, com seus fluxos intensos de produtos e de pessoas.

Agamben assinala a degradante divisão do trabalho nas modalidades de trabalho manual e intelectual. O pescador seria para Platão e seus colegas filósofos a mais baixa casta social a ser repudiada, pois sequer plantava, mas recolhia os seres do mar para sua sobrevivência. Assim, a elevada ação no mundo seria a estrutura intelectual do trabalho. Na mezinhagem aprendemos que andar na floresta vestida de preto é como estar com uma roupa de gala. Somos respeitados pelos seres da floresta. Se o que define arte como um discurso que se encaixa dentro de um discurso filosófico e estético e, portanto, um discurso de sofisticação, e o que determina o artesanato é o chamado puro trabalho manual, parece surgir nesta esfera uma genealogia deste lugar e uma apreensão do intelectual como aquele que está acima da sociedade.

## 2 IGARAPÉS DE NÓS

Rio Xingu ponto mais próximo de Altamira, PA - 3°12'22" S

> Como que tira ovo? Tira! Tudo que você quer fazer, que você tem vontade, que você quer saber, alguém vem lhe dizer no seu subconsciente como é que faz. E isso aqui estava adormecido dentro de mim. Mas quando eu fiquei doente, que não tinha com o que me tratar, a minha escara da barriga da cirurgia abriu, aí eu disse: eu vou para o ovo, para o chá de ovo, para o emplasto de ovo, entendeu? Agora ele está aqui no ponto de recompor a célula do corpo. Aqui se tiver uma pessoa com uma ferida muito braba, faz uma papinha mexendo a massa amarela com a colher de pau, já pode botar na ferida e cobrir. Ela já vai sentir muita dor na primeira, vai sentir muita dor na segunda, mas depois ela vai ver que é uma coisa que vai ficar no corpo dela, não vai sair mais. (Trecho da Cartilha de Mezinhagem. Acervo das autoras)

Rio Jacaré, Cidade Universitária, RJ - 22°52'54" S

> Em 2016, eu acordei e logo depois que levantei comecei a sentir uma dor muito forte na região da barriga um pouco para a esquerda. Achei que era uma cólica um pouco mais forte. Tomei remédio e deitei em posição fetal esperando passar. Uns 40 minutos se passaram e a dor só pareceu piorar. Eu comecei a gemer de tão forte que estava. Minha mãe acordou e me encontrou assim sofrendo. Começamos a pensar que poderia ser um cálculo renal. (Trecho de Minha querida pedra no universo do meu rim. Acervo das autoras)

## 3 A ESCRITA QUE NOS ATIVA O LEITO

O estado do enfermo é de uma pureza metafórica: “Longe de revelar algo de espiritual, ele revela que o corpo é - angustiosamente demais - apenas o corpo” (SONTAG, 1984, p. 13). A mesma matéria corpo e sua ação na terra parece ser o teor transmissível pelo moribundo nas portas da modernidade (BENJAMIN, 1996). Pensamos em nossa elaboração do ato da escrita através do corpo, no transpasse com a filósofa da ciência Isabelle Stengers. Em seu texto “Reativar o animismo” (2017), Stengers afirma que “escrever é uma experiência de transformação metamórfica” (STENGERS, 2017, p. 10). Para ela, escrever exigiria uma contorção cerebral e, por isso, corporal, que frustraria as intenções iniciais de um autor. O ato da escrita leva a um trabalho do órgão que resulta assim em uma transformação corporal no transportar das palavras para fora. Assim, escrever é realizar um movimento a partir da interioridade do corpo para um lado de fora. Como Gloria Anzaldúa, estudiosa chicana, profere: "não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos” (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Partindo desse princípio e nos aliando aos escritos de Stengers, podemos pensar o sentido sociopolítico da escrita. A filósofa nos propõe reativar o animismo e, para isso, primeiramente, é preciso entender o que nos moldou a separar um saber científico hegemônico de saberes outros, para então reativar práticas e pontes com outras cosmovisões. O uso do termo reativar em seus estudos vem do inglês *reclaim*, palavra polissêmica mobilizada por bruxas neopagãs e ativistas estadunidenses, em especial Starhawk, bruxa e escritora com quem Stengers mantém um constante diálogo. Reativar é fazer conexões com práticas tidas por um discurso hegemônico como subjugadas e retomar a experimentalidade, a criatividade, a abertura a perguntas e ao que é indeterminado. A escrita para Stengers é uma experiência animista no sentido que nos comunica “o domínio de um mundo ‘mais que humano’” (STENGERS, 2017, p. 11), partindo de um corpo para agir em possibilidades de mundos e temporalidades. Portanto, a escrita é uma maneira de operar a reativação, criar conexões, fortalecer a pluralidade epistemológica. A noção política é ressaltada na leitura de Renato Sztutman do emprego de palavras que reforçam modos de existência diversos por Stengers:

> Palavras como feitiçaria, magia e animismo povoam os escritos de Stengers, e são associadas não raro a um sentido de resistência política, uma vez que refletem práticas banidas ou obliteradas no campo tanto das ciências como da política. (SZTUTMAN, 2018, p. 340).

Stengers realiza e propõe a reativação destas palavras como forma de pensar em conjunto e para proteger as conexões criadas com estas práticas (STENGERS, 2017, p. 15). Ao entender a separação posta entre saber científico e práticas de outras centralidades, ela expõe a necessidade de resistência e mostra formas de fazê-lo. A escrita é uma forma possível, pois conjura essa força política ao reunir epistemologias. Anzaldúa diz: “Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo [...]” (ANZALDÚA, 2000, p. 232). O ato de escrever, revela a pluralidade de modos de existências que na escrita, ancorada no corpo de quem escreve, explora uma forma de resistir a uma violência epistemológica que tenta subjugar e apagar pensamentos colocados como distintos.

Donna Haraway no artigo “Saberes localizados" (1995), texto do final dos anos de 1980, apresenta uma discussão que problematiza a objetividade científica que outorga para si um lugar metodológico objetivo que forclui seu caráter imaginário, descorporificado. Este saber científico macho-masculino se coloca em contraposição ao saber dos “outros”, estes sim sempre localizados em um ponto de vista finito circunscrito pelo corpo. Haraway propõe justamente sua reversão: a objetividade deve ser um saber parcial, interseccional e territorial, localizado na corporeidade da pessoa e seu órgão sensível da visão. Olho como objeto parcial, como parte produtora de sua subjetividade, ou como “pequenas rações de subjetividade” que é “preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante” (DELEUZE & GUATTARI, 2008, p. 23). A corporificação do saber então passa por tomar um lugar no espaço-tempo na medida em que os saberes são produzidos por corpos. Não estaríamos aqui na conjugação de limiares quânticos para as possibilidades epistêmicas quando referimos aos lugares-corpo?

Ao falar de ciência, Stengers propõe a ideia de aventura. Realizações aventureiras da ciência estão mais ligadas a práticas experimentais e a construção de novas perguntas que possam colocar em risco as perguntas já feitas. É um debruçar-se no imprevisível. E esta indeterminação própria da

escrita é crucial na sua experiência (STENGERS, 2017, p. 10). Assumindo a possibilidade de aventura no trabalho verbo-visual “Minha querida pedra no universo do meu rim”, Isadora Aventureira escreve a partir da experiência de carregar consigo um cálculo renal. O texto navega entre fatos científicos sobre pedras nos rins, colocando a formação destas em relação a formação de planetas no universo, e situações históricas inusitadas envolvendo cálculos renais, como o surgimento inesperado de uma pedra no corpo de um astronauta a bordo de uma estação espacial. A escrita aventureira opera um risco do se deparar com o ainda desconhecido, derivando entre tópicos interdisciplinares e que ao trabalhar com a temporalidade de formação de uma pedra, pode dizer mais de seu próprio processo de amalgamar diferentes elementos.

Quando Tiganá Santana fala do traduzir negro a partir de sua aproximação com a cosmologia negro-africana *bantu*, propõe outras possibilidades de pensar a tradução, logo, um outro lugar da escrita. A experiência do traduzir textos ancorados em epistemologias africanas que historicamente são afastadas em relação a uma visão hegemônica, permite o diálogo e a reflexão acerca de diferentes cosmologias (SANTANA, 2018). Santana fala do tradutor-feiticeiro, abarcando o estar entre diferentes línguas. Possibilitar o encontro de diferentes cosmovisões através da tradução é, dentre outras coisas, estar entre “o visível e o invisível; habitando esse arriscado lugar, que também está fora dos corpos, das letras, das palavras e do que ele [tradutor-feiticeiro] viveu; um lugar-devir” (SANTANA, 2018, p. 13). Pela evocação de um lugar entre-mundos e aliando à um vetor de feitiço, pensamos as forças da escrita especialmente na criação de pontes. Em “Minha querida pedra no universo do meu rim” as pontes que se criam são entre pedra e palavra, corpo e universo, arte e ciência.

Por meio das aproximações entre pedra renal e universo, faz-se um exercício de vaivém de escalas entre corpo-cosmos. A escrita autoinvestigativa do trabalho comunica dois processos de transformação no corpo: o da formação da pedra e o do próprio escrever. Colocar a pedra em palavras pode ser visto como um ato de tratamento que lida com a enfermidade de uma maneira poética. Como o ato da escrita de realizar o movimento de dentro do corpo para o mundo, aparece a vontade que a pedra saia do corpo. Assim, percebemos a intenção deste movimento duplicado de saída do interior, sem deixar de auscultá-lo, pois o que

se cria com o texto está circunscrito no corpo. A pedra é uma amálgama de materiais e a escrita de palavras.

Retornamos à Mezinhagem pensando nas pontes criadas entre oralidade e palavra materializada na escrita por meio da transcrição. Também esta é um lugar entre-mundos, na travessia entre fala e escrita. As receitas de mezinhagem partem de um corpo para encontrar outros no tratamento de enfermidades, explorando o lugar-devir das palavras. A escrita das receitas transpassa corpos na construção de alianças para se inscrever no tempo, criando uma abertura a um modo de ver o mundo e cuidar do corpo. Ambos escritos aqui trabalhados, “Minha querida pedra no universo do meu rim” e a “Cartilha de Mezinhagem”, abrem caminhos do cuidado ao partir e pensar de dentro do corpo.

O processo de transcrição das mezinhagens nos indicava a cada passo sua direção. Assim que tínhamos uma parte pronta, por exemplo, o óleo do ovo, nós tomávamos a ler o material. Pensando novamente com Stengers, a experiência da escrita difere da de leitura. Na última, tendemos aos significados definidos, mas devemos levar em conta esta indeterminação própria da escrita. Se a linguagem organiza um campo sensível em que “palavras nos fazem sentir” (STENGERS, *apud* SZTUTMAN, 2018, p. 343), o que é transmitido de uma experiência para a outra? Uma das orientações que o manejo com a transcrição nos ensinou foi que ecoar a forma da oralidade não se confunde com malabarismos gráficos que visam sua cópia. Marcar na letra a singularidade da fala do sujeito nativo muitas vezes se produziu dentro da convenção, em português, “de um modo estranhamente pseudofonético, que vai muito além do simples respeito às contrações-padrão do nosso registro oral”. Como efeito se produz uma “grafia bizarra”, ou “caipira” (VIVEIROS DE CASTRO, 1999, p. 188).

A questão que o contato com os enunciados de cura de Raimunda em alguma medida produziu em nós, foi a da manutenção de nossa linguagem na região de estranhamento de um saber que não possuímos. Estranhamento como um in-familiar, como algo que está presente, que o reconhecemos como um tropo de memória, sem que saibamos necessariamente os caminhos de sua constituição. A vida sensível das palavras na mezinhagem é matéria-prima para que o olhar de Raimunda nos alcances e que possamos nos reconhecer neste olhar (SEGATO, 2021, p. 14).

**4 DESAGUAMENTOS,**

ou com as palavras de quem foram feitos os meus olhos? Parafraseamos Donna Haraway. Os patronos das ciências da objetividade estão interessados “em jogar areia em nossos olhos” com suas “fábulas sobre a objetividade”. A cartilha metodológica da ciência é transferida aos estudantes de iniciação científica, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais” (HARAWAY, 1995, p. 9). Deslocamos as palavras das mezinhagens de Raimunda e Isadora, nós as colocamos em contato, ou como Haraway sugere, em diálogo. Nossa experimentação a seguir é uma mezinhagem de cura entre as agências dos dois escritos. Não seriam as mezinhagens sempre da ordem da poética, de um fazer pro-dutivo que transforma os elementos do mundo? Tomamos a liberdade de recortar os escritos de suas fontes e produzir outros afluentes e ainda colocá-los como corpos-interferência na página em branco. Convidamos nossas leitoras e leitores ao exercício de montagem. Já que a recepção das palavras se dá no lugar-corpo abrindo um campo sensível, encorajamos a leitura como uma ação ativa que abre caminhos a novos afluentes.

Coordenadas:  Rio Xingu ponto mais próximo de Altamira, PA - 3°12'22" S

Isso aqui nasceu na escravidão, lá no tempo do povo preto escravo. Não tinha com o que se tratar quando apanhava muito no tronco, que dava muita escara e esse aqui era o remédio, ficava muito funda a escara, aquela feridona feia, o mais velho fazia esse processo aqui que eu estou fazendo agora. Uma parte dessa massa que eu estou amassando era para botar dentro da ferida e o óleo cobria a ferida. Botava um pouco na carne da pessoa, molhava no algodão e esfregava na escara e ia encher com essa massa. Já na outra panela como a massa era para tirar o óleo, ia outra para secar a carne no local que tinha sido perdida, apodrecia aquela carne, se recuperava com isso e açúcar. Colocava açúcar dentro da ferida e cobria com óleo de ovo e a carne se recompunha.

Minha avó era quilombola Maria do Ó de Miranda. Do Ó de Miranda. Do Ó era um signo, quem era do Ó era zero. Eram os escravos. Quem tinha 9 foras nada. 8, 1, 2, 3 4, 5, 6, noves fora nada, é um Ó. Esta Maria é do Ó, esta Francisca é do Ó.  Entendeu? Estas coisas assim que existiam há dezessete anos atrás eu

acho, muito longo. Eu sou descendente deste povo, dos quilombos, quilombolas. Dos escravos que apanharam muito e deixaram um legado para nós.

Coordenadas: Rio Jacaré, Cidade Universitária, RJ - 22°52'54" S

Em todos os exames de urina que tinha feito na minha vida até então constava que eu tinha tendência à formação de cristais na urina. Não foi uma grande surpresa minha pedra no rim ter nascido. Fui para o hospital, me colocaram no soro, fiz um raio X e lá estava ela. Minha querida pedra e sua primeira vez me fazendo senti-la pela dor que ela me causa. Fui parar no hospital mais duas vezes e já pude dar mais uma olhada nela por ultrassom. A última vez que a vi por exame de imagem foi em 2018. Ela ainda era uma micro pedra, não sei se continua assim ou se cresceu. Mas a última vez que eu a senti foi no início de 2020.

Nem todas as pessoas têm predisposição para formar pedras, mesmo com os hábitos que as formariam. E outras pessoas têm mais facilidade para o recorrente aparecimento de cálculos. Elas são chamadas de formadoras de pedra (em tradução livre a partir de *stone formers*, termo que encontrei em muitos dos artigos médicos). O termo é literal, mas cabe ressaltar que há indivíduos com o poder de gerar pedras dentro de si, e eu estou entre eles. Em um período curto senti minha pedra e os sintomas que ela me causa três vezes. Apesar de já a ter a alguns anos, ainda não consigo acompanhar o seu crescimento pelos exames de imagem. Portanto, todas as imagens que uso aqui são parte do desejo de ter imagens da minha própria pedra.

Coordenadas:  Rio Xingu ponto mais próximo de Altamira, PA - 3°12'22" S

A origem da mezinhagem por conta das dores, das magias, das orações, então a gente tem que ter a certeza que vai dar certo. Se você vai fazer alguma coisa que você acha que não vai dar certo nem tente, porque não vai dar certo. Cada vez que for fazer alguma coisa, um chá, uma comida, uma viagem, tudo o que você for fazer, você tem que estar ligado naquilo, tem que estar ligado ao seu pensamento, seu corpo, sua alma, tudo aquilo vai dar certo. Se você tem medo,

cada vez que você tem medo ele aumenta mais, se você não tem medo ele diminui, o medo é você que faz. O medo na vida, na história, na cultura, tudo é você que faz. Medo de errar, medo de não dar certo, para mim é o que você está fazendo errado, porque você já está errada do começo, já está errado de pensar que não vai dar certo, você tem que tentar, se vai dar certo ou não vai, só vai saber no final. Se começar com pensamento negativo, nada que você for fazer dá certo, na sua vida tudo dá errado porque você já está errado. O medo não está na coisa que você está fazendo, o medo está em você. Está chovendo, é?

Coordenadas: Rio Jacaré, Cidade Universitária, RJ - 22°52'54" S

Há diferentes modos de se desfazer de uma pedra no rim. O mais avançado e não invasivo é a litotripsia extracorpórea por ondas de choque. Um aparelho localizado acima da região do corpo da pessoa onde a pedra está emite ondas de choque. Elas atravessam a pele do paciente e tem como foco a pedra. Elas fragmentam a pedra em pedaços tão pequenos quanto os grãos de poeira cósmica. A poeira cósmica dentro do rim-universo entrará em movimento e será eliminada facilmente, passando por todos os canais em direção a saída.

Na ficção científica já é imaginada a destruição de planetas por lasers. Em Star Wars: Uma Nova Esperança, vemos a Estrela da Morte, uma estação espacial bélica projetada para destruir planetas com um raio laser[8]. Quando o planeta é destruído ele se fragmenta em uma grande explosão e a poeira interestelar é liberada. A curiosa virada é que o laser é alimentado por energia vinda de cristais *kyber* (um tipo de cristal fictício), que também dava energia aos famosos sabres de luz

Coordenadas: Rio Xingu ponto mais próximo de Altamira, PA - 3°12'22" S

Quando eu falo que a justiça é isso, é aquilo, a justiça é só um nome, não é? Quem faz a justiça? As pessoas. A justiça não é errada, as pessoas que vão fazer justiça é que estão erradas. Isto é que é! A justiça toca desde quando ela foi fundada no mundo. Porque quando apareceu a palavra justiça não foi para as pessoas que merecem ter a justiça. Pobre não, para você ver, o rico tem dois três advogados, ele não precisa ir atrás da justiça, a justiça vai atrás dele, pobre não tem nem advogado, a justiça fareja ele. Pobre rouba uma galinha, fica cinco

anos preso, o rico rouba tudo o que ele pode carregar e o que ele não pode, e paga as pessoas para julgar. Ele tem o direito de ser solto porque tem recurso, ele tem morada fixa, ele tem tudo. Quando fizeram a estátua da justiça lá em Brasília eu digo não era engenheiro, era uma pessoa que não queria que a justiça fosse vaga, uma justiça com uma venda na cara, porque a justiça é cega, ele disse nas palavras dele, no trabalho que ele fez sobre a justiça ele falou isso, falou dentro dele, ele fez aquilo porque ele ia fazer, porque ele sabe que a justiça é cega. Ela só enxerga o que ela tem que enxergar, ela ri com aquela vozinha bem devagarzinha o que ela quer, o que não quer deixa para lá. Porque a palavra justiça não existia, não tinha que existir, tinha que ser injustiça, porque a justiça é o que deveria prevalecer. Justiça é aquilo que as pessoas têm por direito, e isto é garantido na lei, [sons de galinha].

**5 TRANS-BORDAS**

Escrita do dicionário do mundo do avesso.

vida: aquilo que pensa em você

História: mitologia do Branco

Direito: não há tradução possível

Impacto: não existe na língua de destino

Documentar: contrário de escutar

Trabalho: não existe na língua de destino. Pode ser traduzido por atividade ou diversão mesmo (Fragmento do Projeto Margens. Acervo das autoras).

Como fazer uma escrita autoetnográfica que não se encerre em si, mas que abra caminhos para fora, não só para o indeterminado do íntimo, mas para o indeterminado do mundo? Reavivar palavras e reativar seus sentidos políticos por meio da escrita, seja esta um texto primeiro, uma transcrição ou tradução, é uma possibilidade de inscrever sua operação no tempo e em todos a quem chegar como leitura, para que se continue e se fortaleçam as conexões com diferentes modos de olhar e possibilitar a aventura. A escrita deste artigo, na investigação de suas próprias possibilidades da comunhão de palavras, ainda está em processo. O texto está em um momento inicial, em que nos

experimentamos ao escrever a várias mãos um texto que também se experimenta, desaguando entre novos lugares-corpo.

**REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas:* uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução Édna de Marco. Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: https://cutt.ly/OWYHEtC. Acesso em: 6 set. 2021.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Como criar para si um corpo sem órgãos. In *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 3. São Paulo: Ed. 34, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: https://cutt.ly/MWYHjc6. Acesso em: 6 set. 2021.

SANTANA, Tiganá. Breves considerações sobre um traduzir negro ou tradução como feitiçaria. *Revista Landa, Santa Catarina*, v. 7, n. 1, p. 5-16, 2018. Disponível em: https://cutt.ly/lWYG68P. Acesso em: 6 set. 2021.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes:* resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. Reativar o animismo. Tradução Jamille Pinheiro Dias. C*aderno de Leituras, Chão de Feira*, São Paulo, n. 62, p. 2-15, 2017. Disponível em: https://cutt.ly/SWYHiv4. Acesso em: 26 ago. 2021.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 338-360, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Etnologia brasileira. In: *O que ler na ciência social brasileira 1970-1995*. MICELI, Sergio (org.). São Paulo: Editora Sumaré, 1988. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/. Acesso em 6 set. 2021.

# POLÍTICA E RESISTÊNCIA NO CENÁRIO DA MODA PARAENSE[18]

# POLICY AND RESISTANCE IN THE PARAENSE FASHION SCENARIO

# POLÍTICA Y RESISTENCIA EN EL ESCENARIO DE MODA PARAENSE

Milena Castro [19]
José Guilherme Castro [20]
Lucilinda Ribeiro Teixeira [21]

**RESUMO**

O estudo tem como objetivo estabelecer relações entre moda, resistência e política, dentro da sociedade. A investigação tem como foco a coleção de moda "Sangue Sobre a Pele", que tem como tema o movimento da Cabanagem, da designer de moda Mohana Albuquerque e a marca de camisetas Caboquisse que produz camisetas relacionadas a fatos políticos. Para o desenvolvimento da pesquisa, o aporte teórico foi buscado nos teóricos Arendt (2002), Miguel (2018) e Canton (2009). No decorrer do artigo, foram discutidos os conceitos de política, de resistência e de moda para subsidiar a análise da coleção e da marca escolhidas. Ao final, obtiveram-se os seguintes resultados: moda, política e resistência são conceitos que andam juntos e podem se relacionar com criações artísticas, na produção do design de moda.

**Palavras-chave**: Moda Paraense; Resistência; Política; Sociedade; Criação.

**ABSTRACT**

The paper aims to establish the relationships among fashion, resistance and politics in society. The investigation focuses on the fashion collection *"Blood over the skin*", which has as its inspirations the *Cabanagem* Movement, by fashion designer Mohana Albuquerque and the T-shirt brand *Caboquisse*, which produces t-shirts related to political facts. To research development, this study has theoretical support Arendt (2002), Miguel (2018), and Canton (2009). Throughout the article, the concepts of politics, resistance and fashion were discussed to reinforce the analysis of the chosen collectionand brand. The following results were obtained: fashion, politics, and resistance are concepts that go together and can be related to artistic creations, in the production of fashion design.

**Keywords**: Paraense Fashion; Resistance; Policy; Society; Creation

---

[18] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar de qual simpósio de trabalho se trata – ver anexo II] do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021

[19] Mestre em Comunicação Linguagem e Cultura pelo PPGCLC. Doutoranda do PPGCLC

[20] Mestre e Doutor em Teoria Literária pela PUCRS

[21] Mestre e Doutor em Semiótica pela PUCSP

**RESUMEN**

El estudio tiene como objetivo establecer relaciones entre moda, resistencia y política dentro de la sociedad. La investigación se centra en la colección de moda “Sangue Sobre a Pele”, que tiene como tema el movimiento Cabanagem, de la diseñadora Mohana Albuquerque y la marca de camisetas Caboquisse, que produce camisetas relacionadas con hechos políticos. Para el desarrollo de la investigación se buscó el sustento teórico en los teóricos Arendt (2002), Miguel (2018) y Canton (2009). A lo largo del artículo se discutieron los conceptos de política, resistencia y moda para apoyar el análisis de la colección y marca elegidas. Al final se obtuvieron los siguientes resultados: moda, política y resistencia son conceptos que van de la mano y pueden relacionarse con creaciones artísticas, en la producción del diseño de moda.

**Palabras-clave**: Moda Paraense; Resistencia; Política; Sociedad; Creación

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro do campo da atuação da moda, existem estreitas relações com as áreas da política e da sociedade. Primeiramente, precisa-se compreender a moda em seu papel social, desde o seu surgimento na Idade Média como aponta Lipovetsky (2009), que este é um sistema original de regulamentação e de pressão social e apresenta um caráter controlador, carregando um papel de imposição, ao longo dos séculos. Entretanto, como acrescenta o filósofo, o que é mais notável na moda, reside em sua estrutura relativamente maleável, dando lugar a efeitos de matiz, combinações complexas de recusa e de adoção.

Portanto, está aberto o caminho, por meio da moda, para a liberdade de rejeitar, de modular, ou de aceitar e de aderir a novidades. Essa disposição não está somente ligada ao coletivo, mas também ao individualismo como Bauman (2009) retrata que, para conseguir ser o que se almeja, muitas vezes o indivíduo se torna prisioneiro do que a sociedade demanda.

No que tange à política e à moda, a relação não se restringe apenas ao consumo frívolo, mas às vestimentas que podem retratar uma preocupação social, uma orientação política, uma ideologia ou um apoio a determinada pessoa ou grupo social. Não é difícil, hoje, ver pessoas saindo às ruas com camisetas declarando-se a favor ou contra determinado tema político ou ideológico, o que Michel Maffesoli (1998) chama de “época das tribos”, que

compõem um novo processo de massificação, no qual os sujeitos históricos se arranjam na busca de conexões de afetividade e de interesse comum com o outro. Portanto, um desses fatores para o surgimento desses grupos sociais, é a moda, pois em sua dinâmica, propõe representações para o pertencimento do indivíduo na sociedade.

A pesquisa tem como objetivo analisar as relações de política e de resistência na coleção de moda “Sangue sobre a Pele”, de autoria da designer Mohana Albuquerque. A coleção foi construída como Trabalho de Conclusão de Curso Superior Tecnológico de Design de Moda, na Faculdade Estácio do Pará, no ano de 2019, com o tema sobre o movimento da Cabanagem.

O estudo também contemplará a marca paraense de camisetas Caboquisse, a partir de suas camisetas que retratam os movimentos de política e resistência dentro da sociedade atual.

Este trabalho está dividido em três partes: Na primeira etapa, pretende-se discutir os conceitos de política e de resistência por meio de teóricos como Arendt (2002) e Miguel (2018). A pesquisa segue averiguando as manifestações da moda entrelaçadas aos movimentos políticos e de resistência, nas últimas décadas. Por fim, a investigação se constrói dentro da coleção Sangue sobre a Pele de autoria de Mohana Albuquerque, como também na marca de camisetas Caboquisse.

## 2 POLÍTICA E RESISTÊNCIA

A palavra política deriva do grego “*politikos*”, que define os cidadãos gregos que viviam nas pólis. A Pólis, por sua vez, era usada para referir às cidades ou, de forma mais abrangente, uma sociedade organizada. É importante dizer que, para os gregos, onde houvesse dois ou mais indivíduos, seria necessário a criação de regras de convivência e de limites, para que efetivasse uma sociedade organizada. Logo, a política surge a partir do cenário da convivência em conjunto.

Para os filósofos Platão e Aristóteles, a política e a ética eram ciências por excelência. Todos os demais campos científicos, estavam subordinados a elas e delas se serviriam.

Segundo Platão (2002), todos os homens acreditam que teriam a capacidade para executar a política, porém a arte da política seria para poucos. Para o filósofo, somente os mais capacitados intelectualmente (filósofos) estariam capacitados para a exercer a política, sendo a melhor forma de governo, a aristocracia, em que somente os privilegiados e os melhores teriam direito a cargos políticos.

O filósofo grego continua seu pensamento acreditando que a má administração espalha a injustiça, na cidade. Para o pensador grego, o objetivo da política é justamente corrigir e eliminar injustiças.

Aristóteles (2001), discípulo de Platão, acreditava que o homem não se bastaria sozinho e necessitaria viver em comunidade, e também percebe a existência da necessidade de se viver em sociedade.

De acordo com Aristóteles (2001), o surgimento do Estado acontece a partir das relações existentes entre homem e mulher, ao constituir uma família. Estas famílias formariam uma aldeia e viveriam em comunidade, formando uma sociedade e, posteriormente, uma cidade (Pólis). Entretanto, ao contrário de Platão, Aristóteles pensou de forma sistemática a política, voltando sua atenção para o mundo físico, de forma realista, estudando a melhor forma de governo para as Cidades-Estados. Segundo o filósofo:

> Mas, para que um Estado seja bem-organizado politicamente, não basta que tenha boas leis, se não cuidar da sua execução. A submissão às leis existentes é a primeira parte de uma boa ordem; a segunda é o valor intrínseco das leis a que se está submetido. Com efeito, pode-se obedecer a más leis, o que acontece de duas maneiras: ou porque as circunstâncias não permitem melhores, ou porque elas são simplesmente boas em si, sem convir às circunstâncias. (ARISTÓTELES, 2001)

Logo, Aristóteles (2001), define que a política é o meio pelo qual os cidadãos encontrariam o equilíbrio e a justiça que almejam, ou seja, os governantes deveriam ser imparciais e garantir que as leis seriam aplicadas corretamente.

No século XVIII, Rousseau (1978), desenvolveu a ideia de que o poder político e soberano é emanado por meio do povo e não mais pelos governantes. Para o filósofo, os gestores públicos passariam a ser agentes do povo. Neste aspecto, Rousseau defende os primeiros conceitos de democracia, em que o poder político deve estar inteiramente nas mãos do povo.

Segundo Arendt (2002), diferentemente de Aristóteles, acredita que a política não é inerente ao homem e sim está entre os homens, pois cada indivíduo é diferente, existindo uma pluralidade entre esses e, portanto, a partir dessa premissa, se criam espaços propícios para a política, a verdadeira política. E, completa seu pensamento com “o sentido da política é a liberdade” Arendt (2002, p.3)

Outro aspecto importante, destacado por Arendt (2002) é a crença de que o homem é capaz de agir, de reagir a várias situações, criar soluções e novos começos. Entretanto, é imprescindível que se continue em alerta contra as restrições de liberdade, a repressão e a corrupção no poder, pois, “todo poder corrompe e o poder absoluto corrompe ainda mais” (Arendt, 2002, p.28).

É importante salientar que em seus estudos sobre política, Arendt (2002) deixa claro que o maior inimigo do século XX são os regimes totalitários, dois grandes blocos formados a partir da segunda guerra mundial – o capitalismo e o socialismo. Então, surge o alerta ao surgimento das ideologias, quando preconceitos e julgamentos fora da realidade chegam a escravizar e a distorcer a realidade.

Estas ideologias viriam a sucumbir após a queda do muro de Berlim, com a subida política ultraliberal e os movimentos de esquerda mais moderados. Para Miguel (2018), é a partir deste momento que surgem novos modos de promover a transformação social, sem lutas partidárias, sindicatos e organizações.

Neste período, como esclarece Miguel (2018), surgem as novas identidades coletivas, dispostas a partir de movimentos sociais e de engajamentos por propósitos individuais ou coletivos.

Logo, é a partir desses movimentos cotidianos como define Miguel (2018), que eclodem práticas populares e de transformação social que norteiam mudanças extensas ou localizadas, podendo também apresentar diversas faces na sociedade, como: associações comunitárias, de gênero, das artes, da proteção social e de políticas públicas, privilegiando as relações interpessoais existentes no corpo social

.

## 3 A MODA COMO MOVIMENTO POLÍTICO E DE RESISTÊNCIA

O ato de criar remete à forma, à relação, à configuração e à significação de alguma coisa que, hoje, não se restringe à arte, área de atuação em que o indivíduo tem ampla liberdade de ação e uma grande extensão emocional e intelectual, na concepção do trabalho artístico. Partindo deste pensamento, fundamenta-se a ideia de que, quais forem os meios ou modos do processo criativo, o indivíduo se confronta com as suas potencialidades criativas dentro de um contexto social, na interligação de um nível individual e de um nível cultural (OSTROWER, 2013, p.5).

Isto se reflete na moda, pois entre as peças do vestuário, o espartilho, a partir da Era Vitoriana é visto como um opressor e um moralizador da aparência da figura feminina. Neste período, também se torna mais restritivo, pois impedia os movimentos da mulher. Segundo Fernandes (2010), “o espartilho afeta o corpo físico, mas seus efeitos são exaltados como símbolo de uma restrição sofrida pela mulher em seu papel social; daí seu papel de opressor” (FERNANDES, 2010 p. 51).

É a partir do final do século XIX que os movimentos feministas começam a reivindicar a reforma ou fim do uso do espartilho, evidenciando os problemas físicos causados pela peça e a falta de mobilidade para os movimentos diários. A partir desses esforços, lentamente foram surgindo cintas esportivas e os costureiros da época começaram, então, a investir em novas silhuetas, oportunizando as mulheres de se livrarem dos espartilhos (FERNANDES, 2010, p. 57).

Este fato histórico é ratificado pelo pensamento de Godart (2010), que afirma que a moda é um fato social, pois atinge questões de expressões sociais, individual e coletiva, além de reconfigurar a cultura e a política de uma determinada época.

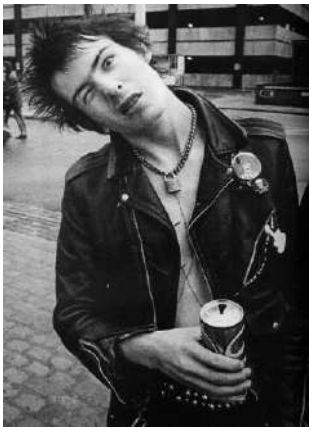
Deste modo, para Arendt (2002), liberdade e ação são sinônimos de política. Portanto, ressalta-se que a política implica não só a possibilidade latente em todos os seres humanos, de “começar”, de criar algo novo, fazendo surgir o inesperado, o imprevisível. Mas também, não de maneira secundária, a ação política nunca se realiza no isolamento, sempre é uma ação em conjunto, configurando um acordo entre iguais. Estes conceitos, quando trazidos para a moda, não se relacionam à forma de ostentar, mas de afirmar pensamentos e ideias, por meio de práticas, que não tenham a obrigatoriedade de criar mundos

diferentes, mas estabelecer espaços de interações entre indivíduos (MIGUEL, 2018, p. 168).

Neste caso, pode -se exemplificar a cultura punk, que surgiu nos anos 1970. É considerado um movimento de contracultura disseminado, principalmente pela jovem classe operária que, sem perspectiva de futuro, começou a defender através da música, de suas roupas, de sua ideologia de antiautoritaríssimo, a liberdade anárquica e a oposição ao consumismo. Segundo Castro *et al* (2019):

> A origem [está] relacionada à falta de emprego aliou-se ao estilo musical rock que se iniciava na época e ganhou destaque com a banda *Sex Pistols*, cujas letras musicais afrontavam a sociedade da época e abordavam questões relacionadas à submissão social. Mas o impacto do punk se estendeu além da música para informar a moda, as artes visuais e os espaços sociais. (CASTRO *et al*, 2019, p. 173)

Figura 1 – Foto de um integrante da banda *Sex Pistols*



Fonte: Fahrenheit Magazine[22]

Neste sentido, o movimento punk ganhou forças na moda com a estilista inglesa Vivien Westwood que foi a responsável pelo figurino inovador da banda *Sex Pistols* e ficou com o nome atrelado ao movimento. Hoje, a criação da estilista é conectada ao estilo e aos traços do movimento que envolve anarquismos, elementos visuais fortes como, tachas, botas, coturnos e correntes, além de frases de efeito.

No mesmo período, o Brasil enfrentou a ditadura militar, iniciada em 1964 e que duraria vinte e um anos. Neste período, houve restrição à liberdade, censura e perseguição à oposição do regime. De acordo com Reis (2005), este período foi

[22] Disponível em: <https://fahrenheitmagazine.com/pt/estilo-de-vida/moda-e-estilo/Vivienne-Westwood-e-Judy-culpam-a-etiqueta-de-moda-rebelde-punk#.YP4RPI5KjIU> Acesso em 24 Jul. 2021

considerado como um tempo de trevas, chamado também como anos de chumbo.

Surgiram muitos movimentos de resistência, no período. Entre os pertencentes a esses grupos, estava Stuart Angel, filho da estilista Zuzu Angel. Stuart foi preso e acusado de assaltar e de sequestrar o embaixador americano. Ao ser preso pelo regime, foi interrogado, torturado, morto e dado como desaparecido por membros do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA). Este fato, mudou os rumos da carreira da estilista que passou a usar a moda como linguagem para denunciar o crime do desaparecimento de Stuart cometido pelo regime militar. (SIMILI e MORGADO, 2015, p.179)

No mesmo ano do desaparecimento de seu filho, 1971, Zuzu Angel realizou um desfile de protesto no consulado brasileiro em Nova York. Nas peças elaboradas pela estilista estavam elementos que denunciavam a situação, como estampas representando tanques de guerra, canhões, pássaros engaiolados, meninos aprisionados e anjos amordaçados[23].

Figura 2 – Estilista Zuzu Angel e suas criações

Fonte: Memórias da Ditadura[24]

Em 1976, a estilista morreu ao bater seu carro na saída do túnel Dois Irmãos, em São Conrado, Rio de Janeiro. O regime militar intitulou o acontecimento como um acidente. Entretanto, em 1998, ficou provado pela Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos que julgou o caso e reconheceu o regime militar como responsável pela morte da designer. Segundo os autos do processo e depoimentos, o carro de Zuzu teria sido jogado para fora da pista por outro

[23] Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/> Acesso em 26 Jul. 2021
[24] Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/> Acesso em 26 Jul. 2021

carro dirigido por agentes da repressão. Hoje, o túnel é chamado de Zuzu Angel[25].

Ao final do século XX, com a queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética, e a partir desse movimento, foram criados novos contornos entre Estados e Nações. Neste sentido, para Canton (2009), a desintegração desse antigo cenário e o surgimento de um mundo globalizado trazem uma nova configuração de posições e de exercícios políticos. No meio artístico, não se fazem mais necessários antigos conceitos ideológicos, mas sim a procura por micropolíticas, atitudes reais e cotidianas, como a fome, a miséria, o gênero, o direito à educação, ou seja, as injustiças do cotidiano.

De acordo Miguel (2018), a partir desse momento, surgem organizações menos formalizadas, chamadas de redes ou coletivos, que estão direcionadas para mudanças expansivas ou localizadas. Estas organizações também podem ser grupos sociais que se compõem por várias facetas, como: de roupas, de gostos musicais específicos e também de ideias políticas com maneiras particulares de se expressar.

Dentro do campo da moda, o estilista mineiro Ronaldo Fraga trafega entre os conceitos de resistência e de política. Dentro do trabalho, o estilista procura apoiar pequenas resistências do cotidiano, como trabalhar com pequenas comunidades de artesãos, em que voltam para as formas de memória e de cultura local. Por este aspecto, procura promover o meio de produção local. A outra forma encontrada pelo estilista são os desfiles de moda, quando a mídia volta seus olhos para a passarela. Então, Ronaldo Fraga em seu discurso visual, traz coleções carregadas de questionamentos políticos e sociais. O objetivo é mostrar na passarela, a moda como um ato político, além de envolver e engajar os consumidores da sua marca, em uma esfera mais ampla – a resistência. (MOREIRA *et al*, 2018)

[25] Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/> Acesso em 26 Jul. 2021

Figura 3 – Coleção Re-Existir

Fonte: Jackson Araujo (2016)[26]

Conhecido como cronista da moda, Ronaldo Fraga, mostra na passarela, a triste realidade dos refugiados na Coleção Re- Existir, na 46° edição do São Paulo Fashion Week, em 2016. O conceito da coleção trouxe correntes, cabelos naturais com cachos e dreads, peles negras e claras, meninos usando saia e vestidos, todos orgulhosos expunham gestual. Naquele momento, foram derrubadas, por meio de reflexões, as fronteiras ainda existentes, conforme mostra a figura acima.

O trabalho de Ronaldo Fraga reflete o pensamento de Bauman (2009) sobre os refugiados, ao trazerem consigo os horrores das guerras, da fome e da escassez. Eles nos lembram as precariedades da vida humana e que, muitas vezes, preferem esquecer. Porém, assim como Bauman, o estilista confere em seu desfile, um palco para discussão e de diálogo do cotidiano, muitas vezes invisíveis aos olhos.

## 4 MODA, POLÍTICA E RESISTÊNCIA DENTRO DO CENÁRIO PARAENSE

O campo político e o campo da moda, como foi visto anteriormente, podem estar entrelaçados em várias facetas. Nos últimos anos, pode-se perceber a crescente preocupação entre os criadores, na questão do consumo consciente, do consumo ético e na busca pela diminuição do trabalho escravo nas fábricas de confecção. Estes são meios de resistência e novos olhares políticos sobre os

[26] Disponível em: <https://jacksonaraujo.medium.com/a-moda-como-resist%C3%AAncia-pol%C3%ADtica-e6ed1bb72a80 > Acesso em 24 Jul. 2021

modos tradicionais da indústria da moda. Entretanto, outro caminho encontrado pelos designers é de trazer à tona temas históricos de resistência política a sistemas opressores de outras épocas, assim como de motivos atuais.

Neste aspecto, a Designer de Moda Mohana Albuquerque, em seu Trabalho de Conclusão de Curso Superior Tecnológico de Design de Moda, na Faculdade Estácio do Pará, no ano de 2019, defendeu a coleção de moda intitulada "Sangue Sobre a Pele", inspirada no movimento da Cabanagem, ocorrido entre os anos de 1830 a 1845, na província do Grão Pará (atualmente Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia).

A Revolução Cabana eclodiu em Belém do Pará, e logo avançou para o resto da província. Segundo Ricci (2006), o levante sempre é analisado dentro de uma esfera de movimento regional, porém, dentro das lideranças cabanas, existia um pensamento muito mais amplo, pois vislumbravam outras perspectivas políticas e sociais:

> Eles se autodenominavam "patriotas", mas ser patriota não era necessariamente sinônimo de ser brasileiro. Este sentimento fazia surgir no interior da Amazônia uma identidade comum entre povos de etnias e culturas diferentes. Indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades. (RICCI, 2006, p. 6-7)

A designer de moda Mohana Albuquerque, ao estudar história do Pará, se encantou com a Revolução Cabana e a trouxe como inspiração para a sua coleção de conclusão do curso: "Sangue Sobre a Pele". Nas palavras da designer: A inspiração para a coleção vem da necessidade de suscitar valores almejados pelos revolucionários cabanos que lutaram por uma vida mais digna nesta terra. (ALBUQUERQUE, 2019)

Outro aspecto importante para a designer foi trazer a identidade construída pelos cabanos e lembrar dos valores que nortearam a revolução. E a moda era um caminho propício para que isso ocorresse:

> A justificativa para a necessidade da criação da mini-coleção é a acachapante situação política do país, de suscitar a memória do povo nortista, a fim de dar contornos à identidade que nesse caso, ganha eminência por intermédio da estética (ALBUQUERQUE, 2019)

As preocupações da designer compactuam com o pensamento de Goff (1997), que defende que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Essa concepção é também trazida por Canton (2009), na arte contemporânea, ao afirmar que as questões sociais e cotidianas são pontos de inspiração para os artistas.

Para Mohana (2021), a moda deve ser um mecanismo de representação da identidade, principalmente porque o vestir é um ato político. Além disso, a moda representa uma forma alternativa de trazer à tona comportamentos políticos passíveis de identidade.

Figura 7 – Trajes confeccionados da coleção

Fonte: Mohana Albuquerque (2019)

Partindo do pensamento da designer Mohana Albuquerque, chega a camisaria no Pará – arte ligada à produção de moda, como é o caso da marca Caboquisse, do publicitário Andrey Rodrigues. Segundo declarações do proprietário, a marca surgiu em 2009 sem pretensões políticas, mas, com o desenrolar dos movimentos políticos do Brasil, o criador passou a confeccionar camisetas com temática política e de resistência.

A primeira produção foi a camisetas da banda Ramones, em que os integrantes aparecem com os nomes de bairros periféricos de Belém: Guamá, Terra Firme, Bengui e Jurunas. Foi uma forma de protesto contra o preconceito social e o estigma desses bairros.

Andrey Rodrigues fala de outros temas em suas criações como Mestre Verequete, da arquitetura regional, da linguagem popular e os super-heróis em

uma visão regionalizada. Nestes temas, sempre aparece a resistência, a política e a crítica social. Um dos exemplos mais significativos é a identidade visual da marca é o urubu, que segundo o proprietário, sempre é marginalizado, porém é um operário que limpa o meio ambiente, como um gari que trabalha, restaura o ambiente, mas sou socialmente é alijado.

Figura 7 – Camisetas da marca Caboquisse

Fonte: Marca Caboquisse

As quatro camisetas destacadas comprovam o objetivo da marca Caboquisse. O termo “cabocla”, muitas vezes é usado de forma pejorativa, mas o aspecto semiótico do nome remete à luta, à coragem e ao heroísmo da mulher paraense. A estampa açaí destaca o fruto, o alimento do povo paraense, porém a bandeira vermelha anuncia o açaí, todavia os que tomam açaí, são antifascistas. A outra camiseta veladamente critica o mandatário do país, usada nos atos de resistência política. A última camiseta é um apelo para a vacinação contra a covid-19, para erradicação da doença e o fim da pandemia, no país.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível verificar a importância dos conceitos de política e de resistência, pois, por meio desses conhecimentos, a sociedade passa a compreender acontecimentos históricos e a relevância deles para a formação da identidade social.

Outro aspecto importante levantado pela investigação foi o papel da memória individual e coletiva, pois esta se torna um instrumento de resistência, quando a sociedade a domina. Isso prova, também, que os fatos históricos não podem se perder, visto que, essas memórias devem permanecer vivas no seio da sociedade.

Observa-se, neste momento, que a moda se torna um fator canalizador para novos posicionamentos políticos, sem esquecer da memória e da história da sociedade. Isso se ratifica na coleção “Sangue sobre a Pele”, que se baseia em um fato histórico para produzir peças artísticas que carregam os traços e valores dos cabanos.

Além de tudo isso, a marca Caboquisse também se junta ao processo de criação de uma moda de resistência, comprometida, com conceitos políticos que estão vivos dentro da sociedade e que, aparentemente apresentam apenas cores e falas divertidas, mas, por trás da linguagem, pulsa o pensamento político e resistente.

Portanto, a moda não é somente um campo de consumo e de frivolidades. O momento é de mostrar que se pode fazer uma moda engajada, com identidade e com características de resistência.

## REFERÊNCIAS

*ABUQUERQUE, Mohana. [coleção Sangue sobre a Pele]. WhatsApp: Privado. 20 Jul. 2021 12:50 35 mensagens de WhatsApp*

*_____. Coleção Sangue sobre a Pele. Belém do Pará. 03 Dez. 2019. Instagram: @albuquerquemoh. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5oBqKshdA_115rApapohDgBFfx1Izwgtfxkto0/. Acesso em: 10/07/2021*

*_____. Coleção Sangue sobre a Pele. Belém do Pará. 08 Dez. 2019. Instagram: @albuquerquermoh. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5yt5xhedUfAJt0ScLbXzAqVFKmXodyu3nXeI0/. Acesso em: 10/07/2021*

*ARENDT, Hannah. O que é política. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.*

*ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Martin Claret, 2001.*

*BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 74-90.*

*CANTON, Kátia. Da Política às micropolíticas. São Paulo, Martins Fontes, 2009.*

*CASTRO, M. S. F. de. et al. A resistência na moda através do tempo: movimento punk e slow fashion. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 165–183, 2019. DOI: 10.26563/dobras.v11i25.859. Disponível em: https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/859. Acesso em: 2 ago. 2021.*

*FERNANDES, Anna Cláudia Bueno. CORPO ESPARTILHADO E CORPO LIBERTADO: os debates sobre a abolição do espartilho no new york times durante a década de 1890. 2010. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.*

*GODART, Frédéric. Sociologia da moda. Trad. Leia P. Zylberlicht. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.*

*GOFF, Jacques. Memória. In: Enciclopédia Einaudi: volume 1 – Memória e História. Impressa Nacional – Casa da moeda, 1997*

*LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero. Trad. Maria Lúcia Machado. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.*

*MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.*

*MIGUEL, Luis Felipe. Dominação e resistência: desafios para uma política emancipatória. São Paulo: Boitempo, 2018.*

*MOREIRA, Evelyn dos Santos. et al. Memória, Resistência e Artesanato: coleção "Mudas" de Ronaldo Fraga no SPFW N45. Encontros Universitários da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2018.*

*OSTROWER, Fayga. Criatividade processos de criação. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.*

*PLATÃO. República. Trad. de Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Best Seller, 2002.*

*REIS, Daniel Aarão. Ditadura Militar, esquerdas e sociedade. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.*

*RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10370>.*

*RODRIGUES, Andrey. [Marca Caboquisse]. WhatsApp: Privado. 19 Ago. 2021 13:40 mensagens de WhatsApp*

*ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do discurso social: Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (coleção pensadores).*

*SIMILI, Ivana Guilherme; MORGADO, Débora Pinguello. Tecidos, linhas e agulhas: uma narrativa para Zuzu Angel. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 177 - 201. maio/ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180307152015177>*

# MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA PESSOAL E SOCIAL: UM DISCURSO DE LADY GAGA NO YOUTUBE[27]

# PERSONAL AND SOCIAL RESISTANCE MOVEMENTS: A SPEECH BY LADY GAGA ON YOUTUBE

# MOVIMIENTOS DE RESISTENCIA PERSONAL Y SOCIAL: UN DISCURSO DE LADY GAGA EN YOUTUBE

Marlene Silva de Moura[28]
Rosângela Araújo Darwich[29]

**RESUMO**
Este estudo objetiva refletir acerca de movimentos de resistência pessoal e social a partir de um discurso de Lady Gaga. Utilizamos um vídeo disponibilizado no canal "Physical Legendas", no YouTube, em que a pop star apresenta sua história e iniciativas próprias de enfrentamento de violências vivenciadas. Temas como representação social, discurso e fibromialgia são centrais para dar sustentação à discussão proposta. Lady Gaga convocou mulheres e homens para fazer diferença no cuidado com a saúde mental global, auxiliando a adoção de postura mais proativa diante da vida, extremamente necessária em situações sociais extremas, como as vividas pela humanidade durante a pandemia de Covid-19.

**Palavras-chave:** resistência; discurso; representação social; Lady Gaga; YouTube.

**ABSTRACT**
This study aims to reflect on personal and social resistance movements based on a speech by Lady Gaga. We used a video available on the "Physical Legends" channel on YouTube, in which the pop star presents her story and her own initiatives to confront the violence she has experienced. Themes such as social representation, discourse and fibromyalgia are central to support the proposed discussion. Lady Gaga called on women and men to make a difference in global mental health care, helping to adopt a more proactive attitude towards life, which is extremely necessary in extreme social situations, such as those experienced by humanity during the Covid-19 pandemic.

**Keywords**: resistance; speech; social representation; Lady Gaga; YouTube.

**Resumen**
Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre los movimientos de resistencia personal y social a partir de un discurso de Lady Gaga. Utilizamos un video disponible en el canal "Physical Legendas" en YouTube, en el que la estrella del pop presenta su historia y sus propias iniciativas para enfrentar la violencia que ha vivido. Temas como la representación social, el discurso y la fibromialgia son centrales para apoyar la discusión propuesta. Lady Gaga hizo un llamado a mujeres y hombres para que marquen la diferencia en la atención de la salud mental global, ayudando a adoptar una actitud más

[27] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01 – Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[28] Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: pra.marlene@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8971-0989.

[29] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

proactiva hacia la vida, que es extremadamente necesaria en situaciones sociales extremas, como las vividas por la humanidad durante la pandemia de Covid-19.

**Palabras clave**: resistencia; habla; representación social; Lady Gaga; YouTube.

## INTRODUÇÃO

O discurso é uma atividade interativa que procura articular um enunciado com determinado lugar social, de construção de um sujeito, pois é deste lugar que ele constrói o mundo e se constrói. Assim, o discurso está diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (ORLANDI, 2003).

O advento da internet propiciou a difusão de informações de forma rápida, dinâmica e mais interativa. Interação é a matéria-prima das redes sociais, sendo fundamental compreender as intenções e atuações de cada pessoa, bem como a reciprocidade de satisfação entre os envolvidos. Interações são parte das percepções da influência exercida sobre as pessoas, com a motivação particular de cada grupo ou pessoa caracterizando a comunicação (RECUERO, 2009).

O YouTube é um exemplo de canal de interação e comunicação que apresenta ferramentas para estabelecer conexões entre os seus usuários por meio do compartilhamento de vídeos. Os vídeos que disponibiliza são publicados diretamente pelos internautas, podendo ser assistidos sem a necessidade de qualquer programa ou conexão especial (TORRES, 2009).

No mundo atual, altamente interconectado, o ano de 2020 demarcou o início de uma pandemia. Medidas de isolamento físico foram contrabalançadas pela possibilidade de interação social que a internet disponibiliza, de modo que sofrimento, adoecimento e morte se tornaram cotidianamente presentes ao mesmo tempo que as mídias digitais ampliaram as possibilidades de trocas (SILVA; VELOSO; SÁ, 2020).

Este estudo é voltado a encontros entre movimentos de resistência pessoal e social. Emprestamos, principalmente de Fairclough (2001a), Orlandi (2003) e Moscovici (2003), a noção de discurso e possibilidades de compreendê-lo, em suas inter-relações com representações sociais. Organizamos, assim, nosso olhar em direção ao vídeo do discurso de Lady Gaga, Lady Gaga, compositora, instrumentista, atriz, produtora musical e empresária norte-americana, no canal

Physical Legendas, no YouTube, postado em 29 de dezembro de 2019 como parte da 25ª edição do *Women in Hollywood*, de 2018, evento organizado pela revista Elle (edição americana), que homenageia mulheres de Hollywood com destaques no entretenimento (LADY GAGA, 2019, on-line).

O vídeo em que Lady Gaga apresenta sua história de vida, suas lutas e adoecimentos pode ser revivido, na pandemia de Covid-19, como um paralelo importante às dificuldades enfrentadas por todas as pessoas do planeta. Adquire novas perspectivas, a proposta da pop star: “nós não temos capacidade de controlar todos os desafios e tragédias que a vida coloca em nossos caminhos, mas podemos caminhar juntos e curar uns aos outros” (LADY GAGA, 2019, on-line).

Dentre as consequências de sofrimentos sofridos desde a adolescência, Lady Gaga destaca a fibromialgia, considerada uma doença invisível e sem cura de etiopatogenia obscura, podendo ser confundida com outras doenças reumáticas e não reumáticas, dado o quadro de dor e fadiga crônica (PROVENZA et al., 2004). São somadas reflexões acerca de doenças mentais, fechando um ciclo que torna o vídeo atual e necessário por dar voz e representação social para pessoas que sofreram traumas e, portanto, também àquelas que os estão enfrentando no momento presente. Para Braga e Campos (2012), as representações sociais podem ser definidas pela mídia, de modo que os meios de comunicação contribuem para a importância adquirida pelas informações circuladas.

Lady Gaga é uma pop star que ocupa lugar de reconhecimento e privilégio no imaginário social, sendo constantemente reportada em veículos de comunicação, algo que a coloca em um papel decisivo de construção social. No evento que reuniu grandes celebridades de Hollywood, ela discursou sobre vários assuntos, como assédio sexual, gênero, fibromialgia e doença mental. Assim sendo, este estudo objetivou refletir acerca de tal discurso de Lady Gaga, que representa movimentos de resistência pessoal e social.

## TROCAS SOCIAIS E INTERPESSOAIS

Representações sociais são indispensáveis nas relações humanas, pois correspondem a conhecimentos, ideias, opiniões e até mesmo imagens que, advindos da experiência cotidiana, permitem invocar um acontecimento ou uma pessoa e servem como um referencial ao se buscar por respostas para o que acontece no mundo. Tais representações partem do processo de interação social que permite aos membros de um grupo se comunicar e compreender, explicar e fundamentar suas opiniões e comportamentos, desenvolvendo ações concretas. Assim sendo, elas podem ter função de orientação, servindo como um guia de comportamentos e práticas que precedem o desenvolvimento de uma ação, e função identitária, permitindo que uma pessoa construa uma identidade social por meio dos posicionamentos que assume em relação aos grupos sociais que pertence ou não (MOSCOVICI, 2003).

Representações sociais podem ser definidas pela mídia, no sentido de os meios de comunicação determinarem quais informações são circuladas. Os conteúdos midiáticos assentam no conjunto de representações dos indivíduos e as percepções cognitivas que perfazem o que compreendem como sendo verdadeiro. Não se trata de persuasão ou imposição, mas do papel da mídia na definição das representações sociais dos indivíduos por meio escolha de assuntos e atribuição de significados. Na medida em que o meio midiático define como cada assunto será apresentado, ele também influencia o que as pessoas comentarão, permeando a construção do que é real (BRAGA; CAMPOS, 2012).

Na medida em que discurso corresponde ao uso da linguagem como forma de prática social, ele implica em modo de ação e de representação. Uma relação dialética é estabelecida entre discurso e estrutura social, em que o discurso corresponde a uma prática tanto de representação social quanto de significação do mundo, que constitui e ajuda a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças. Em suma, “discurso é o modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular”. É necessário compreender a prática social a partir de uma visão da linguagem investida de poder e ideologias, capaz de constituir as três dimensões do social: conhecimento, relações sociais e identidade social (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 39).

Orlandi (2003) organiza o conceito de discurso em relação ao de enunciado. Assim, o discurso seria uma atividade interativa que visa articular um enunciado com determinado lugar social, sendo palavra em movimento, prática de linguagem, lugar de construção de um sujeito, pois é deste lugar que ele constrói a si e o mundo. O discurso emerge e se organiza por força dos elementos constitutivos da enunciação. Assim sendo, o objeto de estudo na análise do discurso varia desde uma conversação entre dois sujeitos à análise de uma obra de arte ou propaganda televisiva. O que há em comum é o estudo do texto como um conjunto de signos coerentes presentes na conexão dos elementos.

Um dos princípios básicos da análise do discurso é que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, e que todo discurso também é político. Assim, a análise de discurso constitui-se como um espaço disciplinar que relaciona a linguística com as ciências sociais, com ponto de apoio na reflexão que produz sobre o sujeito e o sentido produzido, pois, ao significar, o sujeito se significa (PÊCHEUX, 2011 apud ORLANDI, 1994).

Segundo Fairclough (2001a), não haveria procedimento fixo para se fazer análise de discurso, pois as pessoas a abordam de formas diferentes, de acordo com a natureza específica do projeto em questão e conforme as respectivas visões do discurso. Também Orlandi (2003) indica que, para se analisar um discurso, toma-se como centro toda enunciação, realidade do discurso, e toda a expressão, já que o discurso é produto da interação social, estando situado no meio social que envolve o indivíduo.

O mundo vem enfrentando um cenário catastrófico iniciado no último dia de dezembro de 2019, quando foi divulgado o primeiro caso de uma doença respiratória aguda grave, na cidade de Wuhan, na China. Tal cenário, que culminou na pandemia de Covid-19, tem provocado pressão psicológica e estresse em grande parte da população afetada. Muitos são os esforços de profissionais de diversas áreas do conhecimento de todo o mundo a fim de minimizar os impactos negativos da pandemia sobre a saúde mental das pessoas (FARO *et al*., 2020).

Descrita como uma crise que tem ocasionado sérios problemas de saúde mental, a pandemia de Covid-19 tem provocado perturbações sociais e psicológicas na população mundial, afetando a capacidade de enfrentamento de modo amplo.

Pesquisas voltadas à investigação dos efeitos do novo coronavírus sobre a saúde mental têm indicado aumento de quadros de depressão, ansiedade, estresse, transtorno do pânico, insônia, medo etc. (SCORSOLINI-COMIN; ROSSATO; SANTOS, 2020). Há casos de sintomas relacionados a estresse pós-traumático (SCHMIDT et al., 2020) transtorno do qual Lady Gaga declarou ter sido acometida, além de ter o diagnóstico de fibromialgia.

A fibromialgia é um exemplo de doença em que fatores físicos e emocionais estão extremamente interligados. Ela acomete cerca de 2% a 3% da população mundial e pode surgir em qualquer idade, sendo mais comum em mulheres e na fase adulta, entre 20 e 30 anos. Por ser uma doença difícil de ser detectada e pouco conhecida, os dados epidemiológicos fornecem uma ideia imprecisa do quadro (PROVENZA et al. 2004).

Marcada por dores musculoesqueléticas espalhadas por todo o corpo, com a presença de pontos dolorosos à apalpação, a fibromialgia é uma doença crônica. Sua principal característica é a dor crônica generalizada que, na maioria das vezes, apresenta-se associada a sintomas de fadiga, problemas do sono, ansiedade e episódios depressivos, além de diminuição da atividade física, o que acentua ainda mais o quadro de dor. É importante destacar que a sensação de incapacidade provocada pela fibromialgia pode ser influenciada por fatores sociais e psicológicos (KNOPLICH, 2001; MAEDA; FERNANDEZ; FELDMAN, 2005).

Mulheres que sofrem com fibromialgia frequentemente não aceitam a patologia especialmente por ser uma doença de difícil diagnóstico e considerada por muitos como uma doença invisível, ou seja, a identificação é apenas clínica, não havendo confirmação por marcadores laboratoriais ou radiográficos (KNOPLICH, 2001).

Pela característica invisível, a fibromialgia permanece sem explicação, mas sempre caracterizada pela dor crônica associada à depressão. Cerca de 30% a 50% dos pacientes têm depressão, ansiedade, alteração de comportamento,

irritabilidade ou outros distúrbios psicológicos fazendo com muitas pessoas acometidas pela fibromialgia sejam rotuladas como doentes psiquiátricos, pois, apesar de queixas de dor e acentuada fadiga, não há alteração de exames de laboratório que justifiquem a doença (MATTOS; LUZ, 2012).

A fibromialgia é tida como incurável, sendo as remissões raras e o tratamento baseado na associação de terapia medicamentosa, psicoterapia e reabilitação física, dependendo da gravidade dos sintomas, das características físicas e psicológicas e de fatores agravantes. A subjetividade dos sintomas encontrados dificulta o estabelecimento de padronização do tratamento (BERBER; KUPEK; BERBER, 2005).

A compreensão de relações sociais está interligada à investigação das trocas intrapessoais. A exemplo da fibromialgia, verificamos a necessidade de trazer à tona o diálogo que cada ser humano estabelece consigo próprio. Lady Gaga nos dá essa oportunidade ao narrar parte da sua história de vida, que foi disponibilizada no YouTube (GAGA, 2019, on-line).

## LADY GAGA: RESISTÊNCIA PESSOAL E SOCIAL

Lady Gaga apresenta reflexões sobre sua história de vida, permitindo que acompanhemos estratégias sobre representação social e resistência diante de lutas contra violências externas e diante de ocorrências do seu próprio organismo. Seu discurso contribui para dar sustentação social à análise de situações sociais extremas.

Com pouco mais de seis minutos de duração, o vídeo intitulado “Lady Gaga discursa sobre sua fibromialgia” já foi visto por milhares de pessoas. O discurso da pop star é produto de sua interação com o meio social em que está inserida e que se fazia presente quando da gravação, mas também, graças à internet, com seu público em geral. Lady Gaga foi além de sua fala, pois os gestos e outras formas de expressão são somados à sua voz e também à vestimenta utilizada para a ocasião. Como forma de contraste ao vídeo em questão, a Figura 1 retrata como é conhecida: visuais icônicos que marcam seu corpo e perucas coloridas e penteados extravagantes.

**Figura 1** – Estilo costumeiro de Lady Gaga

Fonte: Grammy Awards (2016)

Contrariamente ao habitual e dando ênfase ao teor de sua fala, Lady Gaga se apresentou com os cabelos presos e um terno estilo *oversized* e, portanto, superdimensionado, muito acima do seu tamanho (Figura 2).

**Figura 2** – Adaptações entre estilo e fala

**Fonte:** Bomfim (2018)

Em linhas gerais, Lady Gaga comunica-se com as *Women in Hollywood*, ou seja, com as mulheres poderosas de Hollywood, e espera que o público a compreenda e apoie em assuntos de grande relevância para a sociedade. Ela chama a atenção para o cuidado com pessoas que são vítimas de violência e acometidas de fibromialgia e transtorno de estresse pós-traumático e, assim, para a necessidade de lutas sociais a favor da saúde mental.

Assumindo a perspectiva de Orlandi (2003), o discurso corresponde a uma atividade interativa, com vistas a articular um enunciado com determinado lugar social. Tem-se a palavra em movimento, lugar de construção de um sujeito, conforme no vídeo de Lady Gaga (2019), em que ela se dirige às pessoas com uma proposta sobre o que realmente significa ser uma das *Women in Hollywood*. Também de acordo com o que é apresentado e discutido por Orlandi, o discurso de Lady Gaga é exteriorizado por meio de gestos, movimentos, imagens e toda forma de expressão que ela utiliza para chamar a atenção para seu lugar de fala.

Com um primeiro trecho da fala de Lady Gaga, destacamos como ela se apresenta, no sentido de sobrevivente de abuso sexual. Conforme destacado

anteriormente, ela transforma o próprio corpo em espaço de reação, enfatizando suas palavras.

> Como uma sobrevivente de abuso sexual por alguém da indústria do entretenimento, como uma mulher que ainda não é corajosa o suficiente para dizer seu nome, como uma mulher que vive com dor crônica, como uma mulher condicionada, desde muito jovem, a ouvir o que os homens diziam que eu tinha que fazer, eu decidi hoje que eu quero ter o poder de volta. Hoje eu uso as calças. Hoje eu visto o terno (LADY GAGA, 2019, on-line).

Em um segundo momento, Lady Gaga demonstra representar um exemplo de como mulheres estão expostas a preconceitos e a violências de toda ordem, inclusive ao longo da construção de carreiras artísticas. Além disso, ela indica como conseguiu encontrar, em si mesma, o apoio social que lhe foi negado.

> Numa era em que eu mal posso assistir ao noticiário, eu me deparo com os aterrorizantes e injustos homens, e algumas mulheres, sendo franca. Eu os vejo comandando este país. Eu descobri que eu tinha que ser empoderada para ser eu mesma hoje mais do que nunca, para resistir aos padrões de Hollywood, seja lá o que isso signifique. Para resistir aos padrões de se vestir para impressionar, mas para usar o que realmente importa: minha voz. (LADY GAGA, 2019, on-line).

Em um terceiro trecho de sua fala, Lady Gaga apresenta detalhes do sofrimento que vivenciou ainda muito jovem e de como seu silêncio encontrou eco em um meio social que contribui para que vítimas se percebam como responsáveis pela violência sofrida por meio de descaso e abandono.

> Depois que fui estuprada quando eu tinha 19 anos, eu mudei para sempre, parte de mim morreu por muitos anos, eu não contei a ninguém, eu mesma fiz isso. E sinto vergonha mesmo hoje em dia, ficando na frente de todos vocês. Eu sinto vergonha pelo que aconteceu comigo, ainda tem dias que sinto que foi minha culpa. Depois de contar o que aconteceu comigo, para homens muitos poderosos dessa indústria, nenhum deles me ajudou. Nenhum deles me ajudou nem com uma mão amiga para me levar a um lugar que eu sentisse justiça. Eles nem mesmo se importaram em ajudar minha saúde mental, que estava em extrema necessidade. Aqueles caras se esconderam porque estavam com medo de perderem seus poderes. E, porque eles se esconderam, eu comecei a desaparecer. (LADY GAGA, 2019, on-line).

Um quarto trecho identifica a passagem da dor e da impotência a diagnósticos médicos.

> Eu me escondi por muito tempo até que comecei a sentir dor física e eu tive que ir ao médico porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Então eu fui diagnosticada com estresse pós-traumático (EPT) e fibromialgia, que muita gente pensa que não é real e eu nem sei que [...] dizer sobre isso. Mas, eu vou explicar o que é: uma síndrome que pode ser ativada por diferentes condições, dependendo da pessoa, induzindo a uma dor por estresse causando depressão, ansiedade, problemas, alimentares, trauma... Esses são apenas alguns exemplos da força que pode levar a esse tornado de dores. (LADY GAGA, 2019, on-line).

Estudos de Reis e Rabelo (2010) acerca da fibromialgia revelam que a análise de patologias musculoesqueléticas mostra correlação positiva com o abuso físico no adulto, sendo que pacientes que relatam abuso físico também descrevem histórico de abuso emocional e negligência para com a doença. Os estudos ainda postulam que na origem da fibromialgia ocorre interação entre eventos vitimadores ao longo da vida, suscetibilidade ao estresse e vulnerabilidade, que parcialmente podem ser identificados no discurso de Lady Gaga.

Em um quinto e último momento do discurso, Lady Gaga conclama seus pares ali presentes e aqueles que alcança pela internet a tornar a saúde mental prioritária e a criar possibilidades de apoio mútuo.

> Então eu quero dizer nessa sala de mulheres poderosas, e homens: vamos trabalhar juntos para ascender a bondade no mundo. Eu tenho dinheiro agora, recursos que me ajudam, mas para muitos os recursos nem mesmo existem ou as pessoas não têm como pagar ou acessá-los. Eu quero ver a saúde mental se tornar prioridade global. Nós não temos habilidade de controlar todos os desafios e tragédias que a vida coloca em nossos caminhos, mas podemos caminhar juntos, essa sala e até mais. Podemos trabalhar juntos, vamos curar uns aos outros. (LADY GAGA, 2019, on-line).

Representações sociais permitem que pessoas expliquem e fundamentem suas opiniões e comportamentos, desenvolvendo ações concretas sobre o que está acontecendo em sua volta. É possível perceber que o discurso de Lady Gaga tem função social relevante, permitindo que pessoas se identifiquem com um movimento de resistência (MOSCOVICI, 2003; BRAGA; CAMPOS, 2012). Mais do que isso, o discurso permite verificar que existem dificuldades que ela ainda

não superou, mas que não a impedem de buscar por ações que possam gerar resultados benéficos para as pessoas, de modo geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso de Lady Gaga (2019, on-line) apresentado neste estudo foi dividido em cinco trechos inter-relacionados, em que ela (1) apresenta a si própria como sobrevivente de abusos e a decisão de ter o poder de volta; (2) acrescenta, à exposição sofrida a preconceitos e violências, a ausência de apoio social e o contrasta a mecanismos de resistência que ela própria construiu; (3) descreve o processo de responsabilização pelos crimes sofridos, comum em vítimas de violência; (4) apresenta diagnósticos médicos como o passo seguinte às vivências de dor e impotência; e (5) busca apoio mútuo e valorização de questões referentes à saúde mental. Neste sentido, a população é convocada para tomar parte no cuidado com a saúde mental global por meio da adoção de postura proativa diante da vida.

A reflexão acerca de movimentos de resistência pessoal e social a partir do discurso de Lady Gaga (2019, on-line), em que a pop star enfrenta seus problemas com postura positiva e com foco não apenas em seu próprio bem-estar, mas se propondo a ajudar outras pessoas que sofrem com situações sociais extremas. Verificamos que o discurso foi importante para evidenciar que a voz de uma pop star emerge e se organiza por força dos elementos constitutivos de sua enunciação e como forma de resistência a adversidades, como as que a humanidade passou a enfrentar com a pandemia de Covid-19.

Com o discurso de Lady Gaga, acompanhamos reflexões que ela iniciou consigo própria a partir de suas vivências de dor e de tentativas de construção de alternativas à perpetuação do sofrimento. Exposições públicas da esfera privada podem, portanto, evitar a combater sofrimentos previstos socialmente, mas nem sempre identificados diretamente, e podem agir, inclusive, como forma de prevenção da ocorrência de violências de toda ordem.

**REFERÊNCIAS**

BERBER, Joana Souza S.; KUPEK, Emil; BERBER, Saulo C. Prevalência de depressão e sua relação com a qualidade de vida em pacientes com síndrome da fibromialgia. *Revista Brasileira de Reumatologia* v. 45, n. 2, p. 47-54, 2005.

BRAGA, Claudomilson F.; CAMPOS, Pedro H. F. *Representações sociais, situações potencialmente comunicativas e conflito: o caso da reserva indígena Raposa Serra do Sol (2005-2009).* Curitiba: Appris, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social.* Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a.

FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, Célia (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, Estudos linguísticos, 2001b, p. 31-80.

FARO, André et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 37, p. 1-14, 2020.

GAGA, Lady. Lady Gaga discursa sobre sua fibromialgia. *Youtube*, 29 dez. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dC0HXkSAzGk&t=6s. Acesso em: 15 jan. 2021.

KNOPLICH, José. *Fibromialgia*: dor e fadiga. São Paulo: Robe Editorial, 2001.

MAEDA, Ana Maria C.; FERNANDEZ, Maria Isela G.; FELDMAN, Daniel. Compreendendo a dor psíquica dos portadores de fibromialgia. *Revista brasileira de medicina,* v. 63, n. 1, p. 18-22, 2005.

MATTOS, Rafael S.; LUZ, Madel T. Quando a perda de sentidos no mundo do trabalho implica dor e sofrimento: um estudo de caso sobre fibromialgia. *Physis:* revista de saúde coletiva, v. 22, n. 4, p. 1459-1484, 2012.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais. Investigações em psicologia social.* 4. ed, Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos***.** Campinas: Pontes, 2003.

PROVENZA, José Roberto et al. Fibromialgia. *Revista brasileira de reumatologia,* v. 44, n. 6, p. 443-449, 2004.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet.* Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Maria de Jesus D.; RABELO, Laura Zamot. Fibromialgia e estresse: explorando relações. *Temas em psicologia,* Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 399-414, 2010.

SCHMIDT, Beatriz et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia* (Campinas) v. 37, p. 1-13, 2020.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; ROSSATO, Lucas; SANTOS, Manoel A. Saúde mental, experiência e cuidado: implicações da pandemia de COVID-19. *Revista da SPAGESP,* v. 21, p. 1-6, 2020.

SILVA, Breno P. R.; VELOSO, Julia C. S.; SÁ, Vinicius A. G. Consumo de mídia durante a pandemia. Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. *Anais*... v. 2, n. 11, 2020, p. 1-6..

TORRES, Cláudio. *A bíblia do marketing digital.* São Paulo: Novatec, 2009.

# ADOLESCÊNCIA, VULNERABILIDADE SOCIAL E NECROPOLÍTICA[30]

# ADOLESCENCE, SOCIAL VULNERABILITY, AND NECROPOLITICS

# ADOLESCENCIA, VULNERABILIDAD SOCIAL Y NECROPOLÍTICA

Sarah Teruko Navegantes Machado[31]
Rosângela Araújo Darwich[32]

**RESUMO**

A sociabilidade e a identidade estão intimamente relacionadas ao longo da vida humana, porém este estudo contextualiza aspectos práticos desses dois itens na vida de estudantes de escolas públicas. Por meio de revisão bibliográfica, objetivamos refletir acerca das relações que se estabelecem entre adolescência, vulnerabilidade social e necropolítica. Como pano de fundo, destacamos a pandemia da Covid-19, em que adoecimento e morte se tornaram uma experiência marcante principalmente entre aqueles que vivem em extrema pobreza. Além disso, com o aumento do desemprego, dentre outras questões fundamentais que foram politicamente relegadas a um segundo plano, a classe média deixou de corresponder à maioria da população, o que é um indicativo claro de quem são aqueles realmente “escolhidos para viver” em meio à crise sanitária e humanitária.

**Palavras-chave:** adolescência; vulnerabilidade social; necropolítica; pandemia de Covid-19.

**ABSTRACT**

Sociability and identity are closely related throughout human life, but this study contextualizes practical aspects of these two items in the lives of public school students. Through a literature review, we aim to reflect on the relationships that are established between adolescence, social vulnerability and necropolitics. As a background, we highlight the Covid-19 pandemic, in which illness and death became a striking experience, especially among those living in extreme poverty. Furthermore, with the increase in unemployment, among other fundamental issues that were politically relegated to the background, the middle class no longer corresponds to the majority of the population, which is a clear indication of who are those really "chosen to live" in through the health and humanitarian crisis.

**Keywords:** adolescence; social vulnerability; necropolitics; Covid-19 pandemic.

---

[30] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar de qual simpósio de trabalho se trata – ver anexo II do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[31] Estudante do curso de graduação em psicologia, Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: sarahnavegantes@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4769-7314.

[32] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

**RESUMEN**
La sociabilidad y la identidad están estrechamente relacionadas a lo largo de la vida humana, pero este estudio contextualiza aspectos prácticos de estos dos elementos en la vida de los estudiantes de escuelas públicas. A través de una revisión de la literatura, pretendemos reflexionar sobre las relaciones que se establecen entre la adolescencia, la vulnerabilidad social y la necropolítica. Como antecedente, destacamos la pandemia COVID-19, en la que la enfermedad y la muerte se convirtieron en una experiencia impactante, especialmente entre quienes viven en extrema pobreza. Además, con el aumento del desempleo, entre otras cuestiones fundamentales que quedaron políticamente relegadas a un segundo plano, la clase media ya no corresponde a la mayoría de la población, lo que es un claro indicio de quiénes son los realmente "elegidos para vivir" en la crisis sanitaria y humanitaria.

**Palabras-clave:** adolescencia; vulnerabilidad social; necropolítica; Pandemia de COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação obrigatória e gratuita é assegurada pela Constituição Brasileira. Algumas leis e decretos mencionam, inclusive, a responsabilidade do Estado de oferecer uma educação de qualidade. É o caso da Lei n° 9394/1996, a qual estabelece as diretrizes da educação nacional e nos seus segundo e terceiro artigos abordam o papel do Estado na promoção da educação, com obediência aos critérios de cidadania, respeito à diversidade dos alunos, liberdade e valorização dos educadores (BRASIL, 1996).

No entanto, os direitos mencionados não passam de utopias. Diferentes casos de desrespeito aos direitos educacionais das nossas crianças e adolescentes são comunicados pela imprensa cotidianamente e ao longo de muitos anos. É evidente que os alunos sofrem consequências negativas em seu desempenho escolar, o que muitas vezes provoca desmotivação em frequentar aulas, inúmeras repetências e, por fim, evasão escolar e desistência de seus sonhos.

Diante de todos esses problemas, anualmente fazemos inúmeras promessas, não perdemos a esperança de dias melhores. Entretanto, em 2020 foi diferente, pois não estávamos preparados para lidar com um desafio invisível, o novo coronavírus, que representou ameaça e preocupação com a nossa sobrevivência em todo o planeta. Para evitar mais mortes, além de medidas sanitárias eficazes a serem adotadas, uma providência penosa, porém extremamente importante, foi necessária: o isolamento social. Esse isolamento

prejudicou todos os contextos de vida das pessoas e, segundo Vieira e Ricci (2020), com a educação não foi diferente.

Percebemos que, em situação de pandemia, adolescentes em situação de vulnerabilidade social foram novamente prejudicados em suas vidas estudantis pelas diferenças que demarcam a situação em que se encontram. Essa perspectiva revela efeitos graves de uma crise sanitária e humanitária, conforme descrita por Lima, Buss e Paes-Sousa (2020) e justifica este estudo, que objetiva refletir acerca de relações que se estabelecem entre adolescência, vulnerabilidade social e necropolítica.

## 2 REFLETINDO SOBRE DESIGUALDADES

Sociabilidade pode ser compreendida como uma condição inata do ser humano para viver em sociedade, estando relacionada às interações grupais e, portanto, resultando da somatória das individualidades de pessoas pertencentes ao grupo. De modo amplo, podemos considerar que o desenvolvimento humano não deriva apenas do plano biológico ou de características hereditárias, mas é consequência de processos de maturação motora, social, intelectual e amorosa, os quais resultam de trocas estabelecidas com o ambiente em que o indivíduo está inserido (ALVES, 2017; HANCKE, 2002).

De tal contexto se apreende a identidade que, derivada do processo de socialização, é atravessada pela história de vida do sujeito em contato com fatores ambientais, sociais e culturais. Segundo Ciampa (1987, *apud* FARIA; SOUZA, 2011), identidade pode ser compreendida como “metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”.

Complementando a compreensão da formação do indivíduo, a constituição de identidades culturais remete à inserção em grupos raciais e espirituais, por exemplo. Fica, assim, ressaltada a importância da sensação de pertencimento, que pode ser perdida quando as ramificações sociais levam à descentralização do indivíduo na esfera cultural e comunitária. Neste caso, podem ocorrer crises de identidade, especialmente em etapas mais sensíveis do desenvolvimento humano (FARIA; SOUZA, 2011).

A adolescência é um desses momentos. Nessa etapa da vida, a construção da identidade se torna relevante a ponto de ser identificada como a missão mais significativa, pois vão sendo aprofundados contornos de personalidade, habilidades, convicções e propósitos. Aptidões naturais e pessoais são contrastadas ao reconhecimento de pessoas com características similares e às variadas possibilidades que ganham destaque no contexto cultural mais amplo. O adolescente deve adquirir a capacidade de apreciar e respeitar pessoas, independentemente do quanto perceba que são parecidas com ele próprio, além de selecionar caminhos para aprofundar sua autonomia, inclusive quando ao seu percurso profissional e na defesa de seus ideais (FERREIRA; FARIA; SILVARES, 2003).

A adolescência é um período de descobertas e de construções e, portanto, também de revisões e desconstruções. As vivências dessa faixa etária são extremamente dependentes de fatores de proteção ou de risco presentes na família e na escola. Quanto ao ambiente escolar, segundo Alves (2017), este é um meio fundamental para o desenvolvimento intelectual, mas também de sociabilidade do aluno, auxiliando na produção de sua individualidade e em noções de pertencimento por meio de regras socialmente compartilhadas.

Coll, Marchest e Jesús (2004) identificam três processos por meio dos quais a socialização ocorre ao longo da vida: processos mentais, condutuais e afetivos. Assim é destacada a importância da aquisição de valores e normas, de comportamentos socialmente aceitáveis e de mecanismos que permitam o estabelecimento de relações empáticas, de apego e amizade.

Quanto à responsabilidade da escola em disseminar saberes aos seus alunos, futuros cidadãos e profissionais capacitados, é imprescindível destacar que, para classes sociais desfavorecidas, a dificuldade de alcançar patamares mais elevados na sociedade será maior. Segundo Melsert e Bock (2015, p. 4),

> Os jovens mais pobres ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precarizadas, e também abandonam os estudos mais cedo quando comparados aos jovens das camadas mais ricas. Esses dedicam-se exclusivamente ao estudo durante um período maior de anos, frequentemente acessando o ensino superior, e ocupam cargos de maior prestígio e maior qualificação no mercado de trabalho.

Vulnerabilidade social pressupõe a presença de uma multidimensionalidade de fatores, como “condições socioeconômicas, os acessos aos serviços, a cultura

prevalente, as relações sociais e a própria subjetividade" (SCOTT et al., 2018, p. 610).

Neste sentido, as variáveis que contribuem para situações de vulnerabilidade social são de diferentes naturezas, mas ganham destaque os elevados índices de miséria resultantes do processo de intensa desigualdade social que se relacionam à falta de condições de inserção social e financeira. Vale ressaltar que Indivíduos em situação de vulnerabilidade social tendem a apresentar comprometimentos na saúde mental devido a intensas tensões sociais e econômicas que fazem parte de sua rotina de vida, diretamente resultantes de baixos níveis educacionais e profissionais (SOUZA; PINTO; FIORATI, 2019).

No cenário educacional brasileiro, na época colonial era evidente o elevado nível de exclusão social, em que as camadas populares desprovidas de bens e as mulheres, por exemplo, não desfrutavam de acesso à educação. Assim, a escola se tornava apenas um meio social a mais com a capacidade de enaltecer distinções sociais significativas (SILVA; FERREIRA, 2014). Se considerarmos o momento atual, mudanças significativas ocorreram, mas ainda convivemos com uma gigantesca disparidade social alimentada de várias formas, nem sempre expostas de modo claro e direto. Assim, situação de precariedade presente em escolas públicas, que permite identificar estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, demonstra que a luta por uma educação pública de qualidade ainda é muito necessária (GOLDENBERG, 1993; GOMES; MELO, 2021).

O caso do estado do Pará é interessante, já que este se encontra em uma das duas regiões com o menor número de concluintes do ensino fundamental. Nele, em 2013, foi criado o Pacto pela Educação do Pará, apresentando ações estratégicas em sete resultados que, de acordo com o Sistema Paraense de Avaliação Educacional (SISPAE) ainda estão longe de ser alcançadas:

> 1) melhorar o desempenho dos alunos; 2) diminuir o abandono, a evasão e a defasagem idade - série; 3) capacitar profissionais da educação; 4) melhorar a infraestrutura; 5) melhorar a gestão (Sistemas Estadual, Municipal e escolas); 6) mobilizar a sociedade; e 7) utilizar tecnologia da informação (QUEIROZ; VALE; SANTOS, 2018, p. 569).

Complementarmente, considerando a falta de telhados nas construções escolares, presentes em 60,3% das escolas do Pará, temos uma noção das

péssimas situações estruturais, relacionadas à falta de transitabilidade, limpeza, comodidade e proteção. Condições diversas, portanto, são somadas na explicação do baixo desempenho escolar característico dos alunos de escolas públicas, que apresentam aptidões e capacidades abaixo do esperado para a idade e para a série em que se encontram (QUEIROZ; VALE; SANTOS; 2018).

Diante das dificuldades já enfrentadas por adolescentes em situação de vulnerabilidade social, um enorme agravante se fez presente a partir de 11 de março de 2020, com uma mudança significativa no cenário geopolítico mundial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) se pronunciou sobre a existência do novo Coronavírus, responsável pela pandemia de Covid-19, de modo que no início de 2021 mais de 800 milhões de alunos de setenta e nove países já haviam sido prejudicados devido ao fechamento total ou parcial de escolas (SANTOS et al., 2020; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2021).

Na pandemia, crianças e adolescentes vivenciam choques emocionais de diferentes magnitudes que prejudicam sua saúde mental devido às restrições de isolamento social que acompanharam o fechamento das escolas. As alterações ocorridas com esse público podem ser percebidas fisicamente através das modificações do ciclo de sono e vigília, aumento de peso e consequente diminuição da capacidade respiratória. Psicologicamente, a exposição prolongada ao confinamento tendeu a ocasionar situações de estresse, medo de contágio, decepção, insatisfação, descontentamento, além de outras dificuldades resultantes do processo de luto devido à perda de entes queridos e à falta de contato com amigos e colegas (LUCAS *et al*, 2020).

Com o novo cenário educacional durante a pandemia, problemas educacionais já existentes em escolas públicas brasileiras, como elevados números de repetência e evasão escolar, se acentuaram ainda mais. A partir do fechamento das escolas houve a substituição de aulas presenciais pelo ensino remoto. No entanto, no Brasil, escolas públicas enfrentaram dificuldades de difícil superação com a falta de acesso às aulas on-line, que resultou da dificuldade de conexão de internet de qualidade e acesso a aparelhos telefônicos e computadores, paralelamente à deficiência no preparo de profissionais escolares em ministrarem exercícios e provas nas plataformas digitais (DIAS; PINTO, 2020; PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA, 2020). Quanto a este aspecto, Silva e Vieira

(2020) refletem a respeito de os educadores estarem aptos para lidar com o uso de tecnologias, e Faustino e Silva (2020) se voltam a inúmeras outras dificuldades, como sobrecarga de trabalho.

Analisando efeitos da pandemia sobre estudantes, Gatti (2020) realizou comparações entre estudantes de escolas públicas, os quais correspondem a 48 milhões (80% do total de alunos), e de escolas privadas. Foi verificado que jovens em situação de vulnerabilidade social frequentemente não desfrutam de acesso à internet e, quando possuem um aparelho tecnológico em sua residência é divido entre os familiares. Diferenças quanto ao apoio recebido em situação de aprendizagem remota também foram verificadas, novamente com prejuízo dos mais pobres. Assim sendo, as dificuldades vivenciadas por estudantes de escolas públicas constituem mais um exemplo da distribuição desigual dos riscos de morte na pandemia, refletindo o cenário de necropolítica presente no país.

*Biopolítica* é um termo proposto por Michel Foucault (1926 - 1984) para denominar a forma de política em que o governo massifica a vida das pessoas de modo que, apesar de sermos seres humanos repletos de subjetividade e experiências, o governo administraria nossa existência. Mais recentemente, Achille Mbembe emprega a expressão *necropolítica* para caracterizar maneiras pelas quais governos capitalistas são capazes de estabelecer quais pessoas são mais produtivas e "benéficas" para a sociedade, e, por esse motivo devem viver (ROLIM; CHIMENDES, 2021). Assim sendo, necropolítica consiste na "destruição material dos corpos e populações de humanos julgados como descartáveis e supérfluos" (MBEMBE, 2012, p. 135).

Rolim e Chimendes (2021) afirmam que "o contexto pandêmico atual possui, em ações governamentais, proximidades com exercícios da necropolítica" (p. 205). Inicialmente, o presidente Jair Bolsonaro se referiu ao cenário pandêmico como sendo uma fantasia, indicando que o errado seria a histeria, ou seja, que a adoção de medidas protetivas seriam desnecessárias diante de uma doença pouco perigosa como uma gripe ou um resfriado. Esses posicionamentos, seguidos de muitos outros de mesmo teor, demonstram o desrespeito para com a vida humana, corroborando para a disseminação de movimentos contrários ao saber científico e ao aumento crescente de contaminações e óbitos.

Negacionismo aliado a teorias da conspiração e organizações contrárias à vacinação se transformaram em uma realidade frequente no país, mantendo o princípio segundo o qual garantir a estabilidade da economia seria mais significativo do que se empenhar para proteger e salvar vidas humanas. Em suma, além do total descaso do presidente para com as vidas perdidas, são flagrantes as contradições entre saúde, economia e política (BARDI *et al*., 2020; LIMA *et al*, 2020; ROLIM; CHIMENDES, 2021).

O Brasil não desenvolveu políticas públicas de qualidade visando conter o avanço da pandemia, contrariamente a países como China, África do Sul, Angola, Argentina e Paraguai, apesar da situação precária de vida de grande parcela da população. 47% dos brasileiros não possuem acesso a rede de esgoto, sendo que esse percentual é maior nas regiões norte (80,6%) e nordeste (60,3%) (LIMA *et al.*, 2020). Como confirmam Bardi *et al*. (2020, p. 500),

> muito anteriormente à pandemia já vínhamos convivendo com altos índices de desemprego, subemprego, ausência de moradia, de abastecimento de água e de saneamento básico. As condições de vida da classe trabalhadora, agravadas por este momento, exige que medidas governamentais sejam tomadas e que se reafirmem os direitos de cidadania, garantindo proteção social com condições mínimas de preservação da vida, em especial, das pessoas, grupos e comunidades que vivenciam processos de marginalização e vulnerabilidade social.

Os movimentos propostos por Bardi *et al*. (2020) correspondem ao extremo oposto do que significa necropolítica e, portanto, não foram e nada indicam que serão ainda considerados. O fato é que a pandemia da Covid-19 apenas reproduziu as significativas disparidades socioeconômicas entre ricos e pobres. Profissionais de classes mais altas passaram a desfrutar de oportunidades de trabalho em *home office*, enquanto trabalhadores de baixa renda que, obrigatoriamente deveriam cumprir expedientes presenciais, foram expostos ao vírus em seus locais de trabalho ou no trajeto entre este e suas residências. Além do mais, as chances de contaminação são maiores nas classes mais baixas pela presença de comorbidades, baixa quantidade de leitos em hospitais públicos e infraestrutura precária (ROLIM; CHIMENDES, 2021).

Segundo SANTOS (*et al*., 2020, p. 4222),

> [...] a negação dos direitos básicos e fundamentais por omissão e obscurantismo do Estado frente aos dados desagregados por raça/cor

> [...] caracterizam a estrutura racista que tem operado a política de enfrentamento da COVID-19 no país.

É entre negros e pardos que o risco de morte por Covid-19 é maior (BAQUI *et al*., 2020) e, portanto, também entre os mais pobres.

> Em 2018 [...] os negros eram 2/3 dos desempregados no Brasil (IBGE, 2019). Nas estatísticas da COVID no Brasil, não é surpresa, então, que negros sem escolaridade tenham 80,35% de taxa de morte contra 19,65% de brancos com nível superior (ROLIM; CHIMENDES. 2021, p. 9).

O presidente do Brasil se apresentou favorável à "imunidade de rebanho" durante a pandemia, que resultaria da alta taxa de circulação do vírus entre as pessoas. A adoção de medidas de prevenção ao contágio implicaria um resultado de aproximadamente quatro milhões mortos, principalmente de negros e pobres, mesmo porque, como mais um agravante, racismo institucional se faz presente, pois "a ideologia do dominador se faz introjetada nos profissionais da saúde e do cuidado" (LIMA *et al*. 2021, p. 210). Em todo o caso, o mês de agosto finaliza com quase 21 milhões de adoecimentos e 600 mil mortes (RASTREADOR DO COVID-19, 2021).

Também no cenário internacional, negros são mais afetados pelo coronavírus quando comparados a pessoas brancas. Nos EUA, apesar de negros corresponderem a um pequeno percentual da população (13,4%), eles representaram 60% dos óbitos. Segundo um estudo realizado na Grã-Bretanha, negros residentes no país têm uma chance quatro vezes maior de morrer de Covid-19 do que brancos (LIMA *et al*., 2020).

Retornando ao Brasil, vale chamar a atenção para os resultados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva: "a pandemia do coronavírus fez aumentar não só o número de brasileiros que vivem na extrema pobreza como diminuiu a classe média ao seu menor patamar em mais de 10 anos em relação ao total da população" (G1, 2021, np). A pandemia nos ensina, portanto, em meio a perdas de toda ordem, que o desequilíbrio social afeta a todos. Além disso, ela nos confronta com a responsabilidade pelos mais jovens. Conforme publicação do Centro de Referência em Atenção à Saúde (2020, np),

> Embora não sejam os mais afetados diretamente pela Covid-19, crianças e adolescentes são as vítimas ocultadas da pandemia [...], já que o aumento da pobreza no País impacta em especial crianças e adolescentes que já vivem em famílias vulneráveis.

Segundo pesquisa feita pela Fundação Lemann, em parceria com o Instituto Natura, no caso de crianças e adolescentes de famílias com renda até dois salários mínimos, “59% tiveram ganho de peso, 51% passaram a dormir mais, 48% ficaram mais agitados, 46% ficaram mais tristes, e 35% perderam o interesse pela escola” (ALBUQUERQUE, 2021). Se adolescentes de escolas públicas sofrem todo o tipo de restrições para que se organizem em direção a um futuro profissional de qualidade, a pandemia representa, para eles, um empecilho de dimensões ainda impossíveis de mensurar completamente. A perda de pais e outros familiares que ainda poderiam lhes dar suporte é um outro elemento que aprofunda a vulnerabilidade social em que se encontram. Reflexão: propicia e valoriza a construção pessoal do conhecimento, possibilitando novas formas de apreender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, permitindo que se adquira maior consciência e controle sobre o que se faz. (CARABETTA JÚNIOR, 2010).

Assim sendo, é necessário refletirmos acerca de relações entre adolescência, vulnerabilidade social e necropolítica para que nossas futuras escolhas, inclusive ou principalmente políticas, sejam coerentes com a manutenção da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 impactou a vida da sociedade em geral, porém destacamos as consequências geradas em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Efeitos psicoemocionais negativos sofridos por estudantes de escolas públicas, em seu processo de desenvolvimento, derivam tanto do processo de isolamento social e dificuldade de acesso à internet, quanto também de antigos problemas estruturais da educação pública brasileira, agravados no cenário de pandemia.

A reflexão nos coloca diante de fatores de proteção e de risco, mas, acima de tudo, do desequilíbrio entre eles quando a escola, que representa um espaço de formação profissional e de cidadania, fecha as suas portas para uma parcela expressiva da população – e não apenas metaforicamente.

Com a pandemia ainda em curso, ausência de tratamentos cientificamente validados, vacinas despertando pouca confiança em diversos países e o

surgimento crescente de novas variantes do Coronavírus, a necropolítica tem seus efeitos nefastos multiplicados sobre a população brasileira. Refletir é um movimento necessário de resistência, assim como os desafios naturais da adolescência, somados à situação de vulnerabilidade social, implicam considerar que a sociabilidade, o estar junto, é fundamento da construção de identidade. Palavras geram efeitos práticos, como vimos por meio daquelas que representam o negacionismo diante de uma crise sanitária, que se tornou também uma crise humanitária. Esperamos contribuir com as palavras que utilizamos neste estudo para obter efeitos positivos em médio e longo prazo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Flávia. Com pandemia, 44% das crianças e adolescentes se sentiram mais tristes. *Agência Brasil*, São Paulo, 08 ago. 2021.

ALVARENGA, Darlan; MARTINS, Raphael. Classe média 'encolhe' na pandemia e já tem mesmo 'tamanho' da classe baixa. *G1*, 17 abril, 2021. Caderno Economia.

ALVES, Mónica Alexandra Dias. *A importância das interações socais no desenvolvimento das competências sociais*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.

BAQUI Pedro *et al*. Ethnic and regional variations in hospital mortality from COVID-19 in Brazil: a cross-sectional observational study. *Lancet Glob Health*, v. 8, n. 8, p. 1018-1026, 2020.

BARDI, Giovanna; et al. Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social. *Revista interinstitucional brasileira de terapia ocupacional*, v. 4, n. 3, p. 496-508, 2020.

BRASIL. *Lei. N 9394*, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

CARABETTA JÚNIOR, VÁLTER. Rever, pensar e re (significar): a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. *Revista brasileira de educação e medicina*, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 580-586, 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. In: PERNAMBUCO, Marta; PAIVA, Irene. (Orgs.). *Práticas coletivas na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 115-124.

COLL, César; MARCHEST, Álvaro; PALACIOS, Jesús. *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM ATENÇÃO À SAÚDE (CRAS) – UFPB. *É preciso reforçar o ECA em meio à pandemia*. 14 out. 2020. Disponível em: https://www.ufpb.br/cras/contents/noticias/e-preciso-reforcar-o-eca-em-meio-a-pandemia. Acesso em: 22 jun. 2021.

DIAS, Éricka; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A educação e a Covid-19. *Ensaio*: avaliação e políticas públicas em educação, v. 28, n. 108, p. 545-554, 2020.

FARIA, Ederson; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35 – 42, 2011.

FAUSTINO, Lorena Silva; SILVA, Túlio Faustino Rodrigues Silva. Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. *Boletim de Conjuntura*, Boa Vista, v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 8, n. 1, p. 107 – 115, 2003.

GATTI, Bernadete. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020.

GOLDEMBERG, José. O repensar da educação no Brasil. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 65-137, 1993.

GOMES, Sandra; MELO, Francymonni Yasmin Marques. Por uma abordagem espacial na gestão de políticas educacionais: equidade para superar desigualdades. *Revista de ciência da educação*, Natal, v. 42, n. 1, p. 1-17, 2021.

HANKE, Michael. A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação. In: COMPÓS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2002, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro, 2002.

LIMA, Carolina Maria Soares et al. Necropolítica e biopoder nas estratégias de gestão da pandemia. Revista *de Geografia*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 204 - 238, 2020.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; SOUSA, Rômulo Paes. A pandemia de Covid-19: uma crise sanitária e humanitária. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, p. 1-4, 2020.

LUCAS, Lilian et al. Impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: orientações o departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. *Debates em Psiquiatria*, v. 10, n. 2, p. 74-77, 2020.

MBEMBE, Achile. Necropolítica, una revisión crítica. In: Gregor HCM. *Estética y violencia*: necropolítica, militarización y vidas lloradas. México: UNAMMUAC; 2012, p.130-139.

MELSERTE, Ana Luísa de Marsillac; BOCK, Ana Mercês Bahia. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e pesquisa*, v. 41, n. 3, p. 773-789, 2015.

OLIVEIRA, Wanderson Kléber et al. Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 1-8, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Dados da UNESCO mostram que, em média, dois terços de um ano acadêmico foram perdidos em todo o mundo devido ao fechamento das escolas devido à COVID-19*. Paris, 2021.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda. Biopolítica e educação: os impactos da pandemia do Covid-19 nas escolas públicas. *Augustus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 219-236, 2020.

QUEIROZ, Luiz Miguel Galvão; VALE, Cássio; SANTOS, Terezinha Fátima Andrade Monteiro. A educação pública básica no Pará na ótica do Sistema Paraense de Avaliação Educacional - SISPAE. *Educação*: Teoria e Prática, Belém, v. 28, n. 59, p. 566-582, 2018.

RASTREADOR DO COVID-19. Bing, 2021. Disponível em: https://www.bing.com/covid/local/brazil?cc=br. Acesso em: 29 ago. 2021.

ROLIM, Marcos; CHIMENDES, Renata. Pandemia no Brasil: negacionismo e necropolítica. In: Claudia Zalazar; Sandra Regina Martini. (Org.). *Vacina como medida essencial de combate à pandemia*. Santa Cruz do Sul: Essere nel Mondo, 2021, v. 1, p. 145-157.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos et. al. Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 30, p. 4211-4224, 2020.

SCOTT, Juliano Beck; et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018.

SILVA, Luís Gustavo Moreira; FERREIRA, Tarcísio José. O papel da escola e suas demandas sociais. *Periódico científico projeção e docência*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 6-23, 2014.

SOUZA, Larissa Barros; PINTO, Maria Paula Panúncio; FIORATI, Regina Célia. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. *Cadernos brasileiros de terapia* ocupacional, Ribeirão Preto, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maike. A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. *OEMESC* - Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina. Editorial de abril, 2020.

# "BRASUCA": IDENTIDADE CULTURAL E SEMIÓTICA[33]

# "BRASUCA": CULTURAL IDENTITY AND SEMIOTICS

# "BRASUCA": IDENTIDAD CULTURAL Y SEMIÓTICA

Luna Carvalho de Lucena[34]
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira[35]

**RESUMO**

O investimento do canal estadunidense *Cartoon Network* em produções brasileiras resultou na criação do bloco televisivo "Brasuca" para obras de animação nacional. Desta relação abrem-se questões envolvendo o consumo das obras de animação brasileira em um contexto multinacional que pode ser analisado, dentre outras formas, visualmente através da vinheta ou "promo" do bloco "Brasuca". Para examiná-las cuidadosamente, é necessário analisar as articulações e mediações entre a identidade visual do canal como um todo e a grande carga de simbolismo identitário nacional brasileiro que porta o *promo*. Realiza-se, então, uma investigação sígnica aplicando-se o arcabouço conceitual da Semiótica. Diante disso, verificou-se uma relação com caráter de contrariedade entre a simbologia Identitária Nacional, e a simbologia transnacional hegemônica.

**Palavras-chave**: identidade cultural; Cartoon Network; animação brasileira; semiótica.

**ABSTRACT**

The investment of the American channel Cartoon Network in Brazilian productions resulted in the creation of the television slot "Brasuca" for national animation works. From this relationship, questions arise involving the consumption of Brazilian animation works in a multinational context that can be analyzed, among other ways, visually through the vignette or "promo" of the "Brasuca" slot. To carefully examine them, it is necessary to analyze the articulations and mediations between the visual identity of the channel as a whole and the great load of Brazilian national identity symbolism that the promo carries. Then, a sign investigation is carried out applying the conceptual framework of Semiotics. Therefore, there was a relationship with the character of contrariety between the National Identity symbology and the hegemonic transnational symbology.

---

[33] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01 - Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021

[34] Mestra pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). *E-mail:* luna.lucena2@gmail.com. *ORCid:* https://orcid.org/0000-0002-0365-0127.

[35] Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU). Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). *E-mail:* professora.ivana@gmail.com. *ORCid:* https://orcid.org/0000-0003-3194-7259.

**Keywords**: cultural identity; Cartoon Network; Brazilian animation; semiotics.

**RESUMEN**

La inversión del canal estadounidense Cartoon Network en producciones brasileñas ha resultado en la creación del bloque televisivo "Brasuca" para obras de animación nacional. De esta relación se abren cuestiones que envuelven el consumo de las obras de animación brasileña en un contexto multinacional que puede ser analizado, de entre otras formas, visualmente a través de las viñetas o "promos" del bloque Brasuca. Para examinarlas cuidadosamente, es necesario analizar las articulaciones y mediaciones entre la identidad visual del canal como un todo y la gran carga del simbolismo identitario nacional brasileño que portan los promos. Se realiza, entonces, una investigación sígnica aplicando el marco conceptual de la semiótica. Delante de esto, fue verificado una relación con carácter de contrariedad entre la simbología identitaria nacional, y la simbología transnacional hegemónica.

**Palabras-clave**: identidad cultural; Cartoon Network; animación brasileña; semiótica.

## 1 INTRODUÇÃO

O *Cartoon Network* é um canal de TV a cabo lançado em outubro de 1992 como parte da *Turner Network Television System* (TNT)[36]. No Brasil, o canal investe em produções nacionais desde 2004, e atualmente conta com co-produções brasileiras como *Irmão do Jorel* (2014) e *Oswaldo* (2017).

Em 2010, fora criado o bloco televisivo de programação “Brasuca”, contendo apenas obras de animação produzidas no Brasil[37]. Com as mudanças frequentes da identidade visual do canal, as vinhetas ou “promos” acompanharam as transformações do material promocional. Visto que o consumo das obras de animação brasileira através do canal estrangeiro se faz em uma dinâmica transnacional de interesses, o material agiria como resultado sígnico das articulações e mediações em um mercado multinacional, obedecendo padrões globais de produção primariamente norte-americanos (CANCLINI, 1999).

O objetivo da pesquisa é analisar as relações sígnicas entre a identidade visual atual do conteúdo promocional do bloco, e sua carga simbólica identitária e cultural. Os objetivos específicos incluem analisar a identidade visual do *promo*,

[36] SCOTT, Jeffry. The Cartoon Network. The Free Lance-Star. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?id=CR0QAAAAIBAJ&sjid=posDAAAAIBAJ&pg=6652%2C195222>. Acesso em: 29 jul. 2019.

[37] Gui & Estopa: Terceira temporada estreia este mês no Cartoon Network. Disponível em: <http://anmtv.xpg.com.br/gui-e-estopa-terceira-temporada-estreia-este-mes-no-cartoon-network/> Acesso em: 29 jul. 2019.

e se aprofundar especificamente no que tange sua relação com o simbolismo identitário nacional brasileiro.

## 2 SEMIÓTICA, IDENTIDADE CULTURAL NACIONAL E CONSUMO MIDIÁTICO

Durante o século XX, o aumento acelerado de conteúdo midiático através do cinema, televisão, gravações sonoras e Internet trouxe uma "expansão semiosférica" (SANTAELLA, 2002), com uma crescente criação de novos signos e, com estes, a necessidade de lê-los e interpretá-los. Não coincidentemente, neste século se viu o crescimento tanto da Linguística quanto da Semiótica (SANTAELLA, 2017).

Etimologicamente derivada do grego *semeîon*, que significa "signo", Winfried Nöth (1995, p. 17) define a Semiótica como "ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura". No entanto, aponta que aqui se encontra uma definição pluralista para um conceito que varia dependendo da escola e área de investigação em que está sendo empregado.

Apesar de ser construída em uma história antiga e rica de investigação de signos e da significação desde Platão, foi nos séculos XVII e XVIII que se deu o desenvolvimento da Semiótica propriamente dita através do Racionalismo na França, do Iluminismo na Alemanha e do Empirismo britânico. Já no século XIX, a figura mais importante para esta conceituação seria Charles S. Peirce (SANTAELLA, 2017).

Por ter sua fundamentação na fenomenologia, a Semiótica de Peirce não estuda apenas as linguagens escritas e verbais, mas quaisquer fenômenos possíveis, ou talvez mesmo impossíveis (SANTAELLA, 2002). A aplicação da análise Semiótica é dada em conjunto com os estudos de seus fundamentos e conceitos. Apenas um apanhado seleto da imensa conceituação da Semiótica peirceana se encontra aqui, em especial, os que se repetirão na análise.

Para Peirce, os três elementos universais encontrados em todos os fenômenos são as categorias da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. A Primeiridade seria "a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência" (NÖTH, 1995, p 63).

Já a Secundidade é a categoria da ação, da realidade e da experiência no tempo e espaço definidos, acontecendo quando se relaciona o fenômeno primeiro à

outro fenômeno qualquer. A Terceiridade, por fim, é a categoria que relaciona o fenômeno segundo a um terceiro, estando nela contidas a mediação, a memória, a continuidade, a semiose e os signos em si.

Dentro do signo existem três propriedades formais que lhe dão capacidade para funcionar como tal: sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei (SANTAELLA, 2002). Quando uma qualidade funciona como signo, é chamada Quali-signo. Sendo uma qualidade que é signo, não pode atuar como um signo até se corporificar. Aqui se encontram os cheiros, sons, texturas, cores, etc.

No momento em que se corporifica, passa a pertencer à classe da secundidade, e é chamado Sin-signo, onde “sin” é singular. Apenas por existir, o signo passa a funcionar como signo de tudo aquilo que referencia, ou possivelmente poderia referenciar, sendo que tudo que existe é sin-signo (NÖTH, 1995). Como lei, o signo seria Legi-signo, uma lei que é um signo. O caráter de lei é em si convencional, generalizante. As partes do legi-signo são chamadas “réplicas”, e cada réplica é um sin-signo.

Se a relação entre o signo e seu objeto é de quali-signo, o signo será um Ícone. Se for existente na sua relação com o objeto, será um Índice, e se for uma lei, será um Símbolo (SANTAELLA, 2002). Enquanto estas categorias se referem a relação entre o signo e o objeto, o objeto em si é categorizado por Peirce em duas formas: objeto dinâmico e objeto imediato. Nöth (1995) afirma que o objeto dinâmico seria "o objeto fora do signo", portanto, um segmento da realidade.

Quanto ao papel do objeto imediato, Santaella (1993, p. 87) afirma que "a mediação inalienável, que se estabelece entre signo e objeto dinâmico, ou aquilo que está fora do signo (...), é exercida pelo objeto imediato", sendo, portanto, “o objeto dentro do signo”, o recorte representativo ou indicativo.

A fim de inter-relacionar as produções sígnicas do objeto de estudo, há a necessidade de compreensão dos conceitos que tangem a identidade, cultura e consumo televisivo de animação. De acordo com Hall (2014), o conceito de uma identidade individual, por si só, representava uma antítese ao funcionamento de sociedades tradicionais, onde o indivíduo estava ligado a um entendimento da identidade como predestinada divinamente.

Novos descentramentos do sujeito aconteceram na modernidade tardia, como na sociologia e no marxismo Frankfurtiano, fortemente resgatados na década de 1960 a partir dos novos movimentos sociais e dos Estudos Culturais. Os Estudos

Culturais buscaram estudar na cultura massiva as produções culturais e seus símbolos, ideologias e mitos (ESCOSTEGUY, 2001), reconhecendo um sistema cultural hegemônico que atua pelos meios de comunicação, regulando comportamentos e gostos (POLISTCHUK; TRINTA, 2003).

A identidade seria, a partir de tal ponto, formada de maneira inconsciente a partir da relação do indivíduo com a sociedade e seus sistemas de representação, a inserindo em um contexto cultural. Segundo Hall (2014, p. 49, grafia do autor), as culturas nacionais são vistas nesta nova concepção de identidade que se relaciona com o âmbito social;

> As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*.

Os símbolos e representações da nação institucionalizaram a imagem deste indivíduo moderno enquanto inserido em uma lógica socioeconômica global, construindo e "naturalizando" a nacionalidade enquanto identidade (HALL, 2014). Esta lógica global não existe isolada de relações histórico-sociais hegemônicas, estabelecidas através da normatização de um modelo econômico neoliberal, resultando em uma predominância de um modelo de produção técnica e de representação estética e cultural norte-americano (CANCLINI, 1999). Em especial, na produção midiática.

Esta "primazia" é resultado de um regime que favorece a produção interna, enquanto exige liberdade ao mercado exterior, além da rápida adaptação a novas tecnologias e hábitos culturais (CANCLINI, 1999). No entanto, ela não completamente exclui a produção nacional e local. A produção de animação no Brasil, por exemplo, tem uma história quase tão antiga quanto a norte-americana, e viu uma rápida expansão nas décadas de 2000 e 2010 (NESTERIUK, 2011).

## 3 "BRASUCA": UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Antes da análise em si, é interessante ressaltar que se trata da interpretação de um interpretante dinâmico que, semelhante ao objeto dinâmico, encontra-se fora do signo, e dá conta apenas de uma interpretação singular e incompleta.

Nas palavras de Lúcia Santaella (2002, p 39) "é a consciência mesma da falibilidade que deve nos munir de energia e empenho para que a análise seja tão cuidadosa e escrupulosa quanto possível" e, portanto, deve perpassar todos os níveis de fundamentação do signo (primeiridade, secundidade e terceiridade), em sua relação com o objeto (imediato e dinâmico) e em seus níveis interpretativos (emocionais, energético e lógico).

Os vídeos que serão analisados incluem o material promocional original do ano de 2010 (lançamento do bloco) de duração de 10 segundos, *Cartoon Network "Brasuca"*[38], e a *promo* de 6 segundos do ano de 2019, *Cartoon Network Brasil - PROMO - BRASUCA (ABR/2019)*[39]. "Promo" trata-se de uma vinheta ou "vídeo promocional", que busca comunicar as características e vantagens de um produto ou serviço da forma mais efetiva e breve possível[40].

Vídeos promocionais costumam ser curtos, e neste caso, anunciam as finalidades, características e funções de um bloco televisivo de programação do canal *Cartoon Network* chamado "Brasuca", no qual contém apenas programação produzida no Brasil. *Promos* em sua totalidade são legi-signos por terem certas formas de produção e finalidades comuns, como o tempo de duração e a preocupação com a comunicação de uma grande quantidade de signos que definiriam para o interpretante a programação e o canal que se está assistindo.

**Imagem 1 -** "Brasuca".

[38] *Cartoon Network "Brasuca"*. Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/showcase/3516308/video/13254665>. Acesso em: 2 set. 2021.
[39] *Cartoon Network Brasil - PROMO - Brasuca (ABR/2019)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBM9qvnqaEA>. Acesso em: 2 set. 2021.
[40] *What is a promotional video?*. Disponível em: <https://www.proudmusiclibrary.com/en/blog/faq/what-is-a-promotional-video/>. Acesso em: 23 jul. 2019.

**Fonte:** Paulo Passaro no Vimeo[41].

Iniciamos, no plano da primeiridade, a identificação de formas simplificadas em cores terrosas e quentes, como o vermelho, amarelo e verde, expressando uma "temperatura" percebida na Imagem 1. As formas se realizam em sin-signos através da experiência prévia e contato com os objetos ali representados.

A partir da terceiridade é que se fazem conexões intertextuais em seus elementos. As bandeiras em disposição acima podem ser reconhecidas enquanto Símbolos das festividades de São João, as palmeiras, aliadas aos quali-signos aqui denotados, enquanto objetos dinâmicos, são Índices de clima tropical a partir de suas associações geográficas, e as construções ao fundo são reconhecíveis enquanto sin-signos de casas coloniais, comuns em várias localidades do território brasileiro. Se subconscientemente um interpretante faria esta associação, seria graças a sua experiência colateral com cada componente, ou mesmo com outras referências icônicas midiáticas.

Os elementos circundam o título do bloco, "Brasuca", em caixa alta, construído em formas e cores relacionadas ao fundo. As imagens se misturam através de sua similaridade estilística, concebendo à quem as vê a experiência de associação. A montagem como um todo faz parte da identidade do bloco, e acrescenta a seu título "Brasuca", representando uma extensão do que este simboliza, que aqui pode se dar tanto como o nome do bloco televisivo, quanto o que a palavra já simboliza convencionalmente.

"Brasuca" ou "brazuca" é uma gíria ligada à característica de ser brasileiro, pertencente ao Brasil como nacionalidade e como legi-signo associado a qualidades visuais, sonoras, táteis, etc. que definiriam o que é Brasil e brasileiro.

**Imagens 2 e 3 -** Cenas do *promo*.

[41] Cartoon Network "Brasuca". Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/13254665>. Acesso em: 2 set. 2021.

**Fonte:** Paulo Passaro no Vimeo[42].

A apresentação do título é seguida por cenários, que se constroem a partir de suas formas mais simples, e se destroem para dar lugar a outros (Imagens 2 e 3). Essa ação de construção concebe à paisagem cada um de seus elementos gradualmente, até chegar à sua completude, dispostas em um ambiente similar a um palco teatral, apresentando um contexto e evocando uma narrativa completa com personagens e cenários.

A uniformização da paleta de cores através dos cenários os interliga em uma mesma narrativa visual, que perpassa o material produzido para o bloco por inteiro no ano de 2010, e o diferencia do restante da programação. Os Ícones das casas, pessoas e a flora que os circunda, aqui agem como Símbolos de uma variedade de relações dentro da identidade cultural nacional, através de suas construções de sentido sobre a nação. Segundo Hall (2005, p. 51), “Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”.

Estas histórias e imagens mentais nacionais incluem a mitologia de sua tradicionalidade, muitas vezes uma concepção mais atual que histórica, através, por exemplo, das figuras simbólicas do nordestino enquanto povo tradicional e “regional” brasileiro (Imagem 2), identificável através de um nível icônico em seu traje e instrumentos musicais.

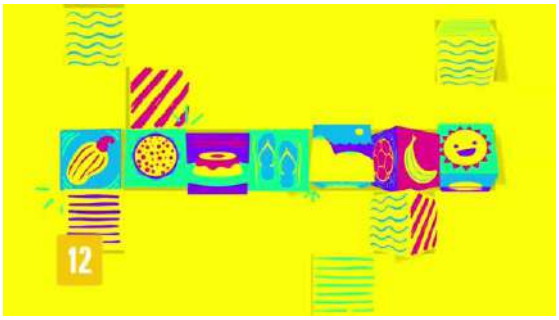
A presença das bandeirinhas de São João na Imagem 2, assim como sua ausência dos outros cenários, a associa com esta visualidade nordestina, um “novelo” de linhas de associações simbólicas rotuladas como “regionais” em um contexto brasileiro sudestino. Aqui, a estética da regionalidade está inserida em seu contexto enquanto determinada através de um polo econômico-cultural externo.

Já a Imagem 3 retrata a vestimenta e musicalidade carioca, aqui representadas com a presença do cenário urbano ao fundo, que contrasta com a paisagem natural e casas pequenas de alvenaria da Imagem 2. Os dois personagens, evocando o simbólico “malandro carioca”, têm sua identidade reforçada pelas formas que os atravessam, icônicas a quem tem um conhecimento prévio do

[42] Cartoon Network “Brasuca”. Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/13254665>. Acesso em: 2 set. 2021.

Calçadão de Copacabana, e simbólicas de uma construção visual carioca. Ao centro, vemos um campo de futebol, fazendo parte de um arcabouço simbólico cultural brasileiro do esporte enquanto estereótipo espetacularizado em um contexto multinacional. A simbologia contida na imagem dialoga entre pontos de vista e construções visuais internas e externas de brasilidade.

**Imagem 4 -** Primeiro *frame*.




**Fonte:** Cartoon Network Brasil no YouTube (2019)[43].

Como pode ser observado na Imagem 4, o visual predominante do material de 2019 é composto de formas simples em cores saturadas. Suas formas, cores e texturas fortes e saturadas podem ter várias associações possíveis, como diversão, energia e intensidade, além de manterem um padrão visual no decorrer do vídeo, em conjunto com a geometria minimalista.

Apesar de encontrarmos formas que contém certa iconicidade - o ondulado com ondas do mar ou o Calçadão de Copacabana, por exemplo, o apelo energético das cores chama o olhar para as imagens arranjadas em cubículos no centro da tela, que darão lugar ao logotipo do canal. Seu caráter predominantemente icônico significa semelhança próxima com algum objeto dinâmico fora do signo, como cajus, pizzas, pandeiros, pudins, sandálias, montanhas, mar, sol e bolas de futebol.

Seus objetos imediatos, icônicos, fazem um recorte de brasilidade principalmente relacionados a ícones como praias, sin-signos que também agem como legi-signos do turismo no Brasil. Também a frutas típicas como caju, banana e abacaxi, recorte do objeto dinâmico Brasil utilizado simbolicamente por Carmen Miranda na década de 1940, por exemplo.

[43] *Cartoon Network Brasil - PROMO - Brasuca (ABR/2019)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBM9qvnqaEA>. Acesso em: 2 set. 2021.

Após a primeira impressão, é relevante mencionar que este *promo* segue uma identidade visual geral do canal. Os cubos giratórios funcionam como representação icônica, não apenas de cubos existentes ou dados de jogar, mas da própria logo do canal (Imagem 5), composta de quadrados preto e branco que deslizam e rotacionam. Adicionalmente, a utilização de cores fortes em todo o material promocional permite a padronização visual.

Este *promo* em si tem caráter de legi-signo ao assemelhar-se com o material visual do canal *Cartoon Network*. Em comparação com o trabalho anterior (de 2010), há uma maior uniformização da identidade visual entre o material promocional do bloco “Brasuca” e do restante da programação do canal.

Utilizando-se das mesmas cores fortes do restante da visualidade, se constroem as correntes de significado dentro de cada cubículo, como obras de arte ou fotografias. Como exemplo do objeto imediato como recorte em sua camada simbólica, temos a associação possível com obras de arte. A utilização de cores que pulam aos olhos em representações de uma coisa singular, arranjados em quadrados remete à *Pop Art* que se popularizou na década de 1960, em especial, a arte de Andy Warhol (1928-1987).

Tendo como características frequentes a repetição, a utilização de cores fortes e a simplificação das formas, as obras de Andy Warhol na década de 1960 tornaram-se simbólicas ao que haveria sido o movimento da *Pop Art* como um todo. Outra característica marcante de suas obras é a representação de ícones da cultura popular, ou mesmo de objetos do cotidiano que, segundo Warhol, se encontram belos em sua cotidianidade[44].

Aliada à uma compreensão artística pós-moderna, a *Pop Art* empregava preceitos publicitários à arte a partir de sua produção em massa, escolha de paleta de cores e dos objetos retratados, a fim de seduzir e provocar emoções e diferentes reações. De acordo com Barbosa e Silva (2012, p. 13) “A Arte Pop desenvolveu-se nesse patamar Arte/consumo onde os artistas abusavam e utilizavam em suas obras signos estéticos oferecidos pela sociedade de massa”. A associação subconsciente com o movimento artístico também carrega essas afiliações sentimentais a partir da experiência primeira.

Neste ponto, podemos tomar também como referência a associação do formato quadrado com a fotografia. Em especial, unindo às qualidades de

[44] GREENBERG, Jan; JORDAN, Sandra. Andy Warhol, prince of pop. Laurel Leaf, 2009. p 47.

contemporâneo e cotidiano, assim como o formato quadrado ou "1:1", o objeto imediato é associável simbolicamente com fotos postadas no aplicativo *Instagram*.

Do reconhecimento de "fotos do Instagram" como legi-signo, surgem as expectativas do comum e coletivo nas qualidades de "fotos do Instagram", que dentro de seu caráter indicial de fotografia, costumam significar recortes da vida de seu fotógrafo. É frequente a associação do *Instagram* com fotografias de comida (caju, pizza, pudim) e pontos turísticos (praia). Então, novamente, voltamos ao cotidiano.

Algo interessante que une as fotografias do *Instagram* com a *Pop Art* de Andy Warhol, além de representações do cotidiano e do contemporâneo, é a expectativa qualitativa de beleza e espetacularização da experiência. Temos embutida em "fotografia" e "artes visuais" como legi-signos, a qualidade de experiência estética - emocional, primeira - intensamente visual.

Ganham, assim, um caráter quase de “cartão postal” - atrativo, chamativo, representativo. São parte de uma cultura transnacional e massiva, reprodutíveis, que não se perdem, no entanto, em sua singularidade. Estas associações qualitativas e simbólicas do objeto imediato relacionam-se com o objeto dinâmico; objetos comuns e cotidianos.

**Imagens 5 e 6 -** “CN” e “Brasuca”.

**Fonte:** Cartoon Network Brasil no YouTube (2019)[45].

Já com a informação das qualidades simbolicamente ligadas à palavra “Brasuca” (Imagem 6), conjuntamente com os outros Ícones, vemos a transposição visual de duas informações que se reforçam continuamente ao percorrer do *promo*: “CN”, e “Brasil”. Vemos os dois conceitos de “Brasuca” e "CN" (*Cartoon Network*)

[45] *Cartoon Network Brasil - PROMO - Brasuca (ABR/2019)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBM9qvnqaEA>. Acesso em: 2 set. 2021.

correlacionados através de ícones, símbolos e representações de caráter indicial no decorrer do promo. Os símbolos que se conectam a ambos os conceitos tecem uma rede de associações que, de certa forma se interligam mutuamente, e de certa forma competem.

Das informações que recebemos dos signos em sua totalidade, podemos apenas inferir a partir da interpretação de um interpretante dinâmico, que as associações principais talvez tenham um possível interpretante imediato multinacional, tanto brasileiro quanto estrangeiro, pois várias das simbologias ligadas ao Brasil têm popularidade global, como o futebol, o turismo e as frutas tropicais. No caso do interpretante metafórico estrangeiro, ele teria menos experiência lateral para reconhecer certos signos mais específicos, especialmente nos exemplos de 2010.

Além destas características, temos também referências da indústria cultural global reprodutíveis como o *Pop Art* e as fotos do *Instagram* nos vídeo mais recente, contrastando com a tradicionalidade emulada através da associação com as artes cênicas e com os cenários "folclóricos" que constituem a imagem nacional (HALL, 2005). Neste ponto é possível compreender uma certa dicotomia cultural entre identidade cultural nacional relacionada à tradição e ao coletivo de nação, contra identidades pós-modernas, transterritoriais e orientadas menos à lógica dos Estados, e mais à dos mercados globais (CANCLINI, 1999).

Se os símbolos da identidade cultural nacional e os símbolos representativos das identidades transterritoriais pós-modernas podem ser compreendidos como quase-opostos neste signo, estariam estes representados simbolicamente no *promo* pelo conceito de "Brasuca", e pelo conceito de "Cartoon Network" ou "CN", respectivamente.

Por fim, podemos concluir que o material promocional de 2019 se vê integrado com a visualidade do canal e sua linguagem simbólica cotidiana, contemporânea e global, enquanto o material de 2010, mesmo que tenha essas atribuições, remete a elementos nacionais de tradicionalidade. Enquanto o segundo utiliza-se principalmente de associações culturais comuns na publicidade multinacional, como no turismo ou exportação, o primeiro as articula dentro de uma ótica "interna", que, no entanto, se vê central e subestima.

É relevante mencionar que o material de 2019 foi produzido pela *Turner Broadcasting*, sistema empresarial do qual a *Cartoon Network* faz parte, enquanto os *promos* de 2010 foram elaborados pelos estúdios paulistas *Animatório* e *Vetor-Zero/Lobo*[46] para o canal Cartoon Network, e foram exibidos internacionalmente.

Podemos, no material de 2010, identificar redes de significação produzidas principalmente no "centro" brasileiro da região sudeste. Esta visão funciona entrelaçada a um outro olhar turístico "de fora para dentro". Já no material de 2019, prevalece ainda mais esta lógica socioeconômica hegemônica "ocidentalizada" do Brasil de exportação e turismo, e uma visão ainda mais "de fora".

Isto também é perceptível através das articulações entre as representações de identidade nacional brasileiras e as representações características do próprio canal. Com uma visualidade mais particular ao bloco, os vídeos promocionais de 2010 se aproximam de uma ótica voltada à representação visual de elementos que evocam brasilidade, enquanto os de 2019 se atém de modo mais específico à paleta de cores e elementos visuais relacionados ao canal *Cartoon Network*.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da variedade infinita de possibilidades de se investigar os signos presentes em dois vídeos de apenas dez, e seis segundos, sem nunca atingir por completo seu objeto dinâmico, uma análise de seus signos mais chamativo revelou um caráter de conjunção e, ao mesmo tempo, contrariedade entre representações simbólicas da identidade cultural nacional e representações transterritoriais da ordem do consumo.

Apesar de ambos os vídeos se encontrarem dispostos em uma complexa e heterogênea rede de construções de identidade a partir de um mercado global de produção, eles se vêem diferenciados principalmente na representação de identidade cultural a partir de um ponto de vista mais ou menos "internalizado" ou "externalizado", prevalecendo ora as narrativas nacionais que constituem identidade cultural nacional, ora as narrativas turísticas e mercadológicas de

[46] Cartoon Network "Brasuca". Disponível em: <https://vimeo.com/13254665>. Acesso em: 2 set. 2021.

exportação internacionais que se relacionam com as identidades nacionais brasileiras a partir de um olhar hegemônico.

O foco foi muito maior nos elementos visuais e em como se relacionam com a identidade visual do canal *Cartoon Network* e com a simbologia cultural nacional que representaria o Brasil e a brasilidade. No entanto, a Semiótica poderia analisar também os elementos sonoros, que não fizeram parte do escopo da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

*BARBOSA, Jonemar Aparecida; SILVA, Josie Agatha Parrilha da. POP ART: UM MOVIMENTO ARTÍSTICO CONTRA O CONSUMISMO OU UMA ARTE PARA O CONSUMO?. 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_arte_artigo_jonemar_aparecida_da_silveira_barbosa.pdf > Acesso em: 5 set. 2021.*

*CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.*

*Cartoon Network "Brasuca". Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/13254665>. Acesso em: 2 set. 2021.*

*Cartoon Network Brasil - PROMO - Brasuca (ABR/2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBM9qvnqaEA>. Acesso em: 2 set. 2021.*

*What is a promotional video?. Disponível em: <https://www.proudmusiclibrary.com/en/blog/faq/what-is-a-promotional-video/>. Acesso em: 23 jul. 2019.*

*ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, p. 151-170, 2001.*

*FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. Studio Nobel, 1995.*

*GREENBERG, Jan; JORDAN, Sandra. Andy Warhol, prince of pop. Laurel Leaf, 2009.*

*HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.*

*NESTERIUK, Sergio. Dramaturgia de série de animação. 1 ed. São Paulo: Sergio Nesteriuk, 2011.*

*NÖTH, Winfried. Panorama Da Semiótica de Platão. São Paulo: Annablume, 1995.*

*POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluízio R. Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social. Elsevier, 2003.*

*SANTAELLA, Lúcia. A percepção: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1993.*

*SANTAELLA, Lúcia. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.*

*SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2017. 2 ed.*

*SCOTT, Jeffry. The Cartoon Network. The Free Lance-Star. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?id=CR0QAAAAIBAJ&sjid=posDAAAAIBAJ&pg=6652%2C195222> Acesso em: 29 de julho de 2019.*

*Gui & Estopa: Terceira temporada estreia este mês no Cartoon Network. Disponível em: <http://anmtv.xpg.com.br/gui-e-estopa-terceira-temporada-estreia-este-mes-no-cartoon-network/> Acesso em: 20 dez. 2020.*

# VIDAS SECAS E O DISCURSO NARRATIVO EXCLUDENTE SOB UMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

# VIDAS SECAS AND EXCLUSIONARY NARRATIVE DISCOURSE FROM A LINGUISTIC PERSPECTIVE

# VIDAS SECAS Y DISCURSO NARRATIVO EXCLUYENTE DESDE UNA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

Etelmary Cardoso Van de Graaf Forte[2]
Édila Doller[3]

RESUMO

O presente estudo visa apresentar, sob uma análise linguística, o sentido do silêncio em que o autor Graciliano distribui nos discursos diretos e indiretos ao longo do capítulo designado ao personagem. Para a análise o objetivo é relacionar a intencionalidade do autor com a forma de narrativa para as falas do personagem e do narrador para justificar, assim, a escolha desta construção, que, segundo o crítico Álvaro Lins, não faz jus ao gênero novela escolhido pelo Graciliano. Estudar a referida obra implica apresentar as relações de silêncio no discurso de Orlandi (2011a) como princípio para a escolha das falas; Foucault (1996a) para correlacionar a desigualdade entre falas sob a perspectiva de um discurso dominante sobre os demais. As falas do personagem, a forma em que ela se apresenta como exemplo de uma exclusão social são a motivação para a relação de exclusão do discurso direto.

**Palavras-chave:** Discurso; Silêncio; Linguística; Novela.

The present study aims to present, under a linguistic analysis, the sense of silence in which the author Graciliano distributes in direct and indirect speeches throughout the chapter assigned to the character. For the analysis, the objective is to relate the author's intention to the narrative form for the character's and the narrator's lines to justify, thus, the choice of this construction, which, according to the critic Álvaro Lins, does not do justice to the novel genre chosen by the Gracilian. Studying this work implies presenting the relationships of silence in Orlandi's speech (2011a) as a principle for choosing the lines; Foucault (1996a) to correlate the inequality between speeches from the perspective of a dominant speech over the others. The character's speeches, the way in which she presents herself as an example of social exclusion, are the motivation for the exclusion relationship of direct speech.

**Keywords:** Speech; Silence; Linguistics; Soap Opera.

RESUMEN

El presente estudio pretende presentar, bajo un análisis lingüístico, el significado del silencio a través de la forma en que el autor Graciliano presenta los discursos directos e indirectos a lo largo del capítulo asignado al personaje. Se utiliza para el análisis ya que se narra como que tiene deseos de poder tener una comunicación eficiente, sin embargo, no la tiene. En este sentido, el objetivo es relacionar la intencionalidad del autor con la forma de narración para que los discursos del personaje y el narrador justifiquen, así, la elección de esta construcción, que, según el crítico Álvaro Lins, no está a la altura del género novelesco elegido por Graciliano. Estudiar esta obra implica presentar las relaciones de silencio en el discurso de Orlandi (2011) como un principio para la elección de los discursos; Foucault (1996) para correlacionar la desigualdad entre discursos desde la perspectiva de un discurso dominante sobre los demás. Los discursos del personaje, la forma en que se presenta como ejemplo de exclusión social son la motivación para la relación de exclusión del discurso directo.

**Palabras clave:** Discurso; Silencio; Lingüística; Novela.

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem é característica humana, não se pode separá-la da existência de um indivíduo, pois a sua função de se comunicar é primariamente natural. Para uma análise mais reflexiva, observa-se que ela reflete as culturas,ideologias, medos, preconceitos, historicidade, entre outros. Como formas de executar a linguagem, há a língua de um povo falada e escrita. Dentre os estudos em linguística, encontra-se vários teóricos que, influenciados pelas teorias vigentes de suas épocas a respeito do conhecimento, debruçaram-se sobre este modo de comunicação, Chomsky (1980 apud MARTELOTTA, 2015a) estudou a linguagem humana como sendo uma capacidade inata dos seres humanos e, por esse motivo, concluiu que os indivíduos possuem semelhanças para a construção da língua independentemente de fatores externos, como a cultura, a escolaridade, entre outros.

Para Marilena Chauí (2000a) falar sobre a língua é imprescindível para entender filosoficamente a pessoa humana. No exercício aqui de metalinguagem, a linguagem nasce primordialmente de nossas funções mais

animalescas, como a necessidade de comer, dormir, acasalar, posteriormente para a expressão de afeto, ela ganhou forma e estilo com o passar dos séculos. Para as criações literárias, a palavra escrita é tomada pelo seu criador, não somente como Jakobson explica (1971 apud MARTELOTTA, 2015) em fatores de textualidade, mas a intencionalidade se deve por um conjunto de fatores cujo escritor carrega consigo, tal como crença, cultura, gênero, condição econômica e social, entre outros.

Dessa forma, como a literatura é linguagem por meio da língua escrita e esta, por sua vez, é a representação da visão de uma sociedade viva e mutável, seja por modos de organização, religião, política, geográficos econômicos, afetivos, representativos, ela pode ser diferente quando falada pelo cientista, pelo filósofo, poeta ou político, e pelo escritor ela pode representar uma realidade, criar significados e/ou recriar.

Na obra Vidas Secas, o autor narra a história de uma família de retirantes e trata sutilmente em como a condição social interfere na reprodução da língua falada; embora os personagens reproduzem pensamentos, eles são maioritariamente apresentados no discurso indireto. Isto é retratado logo no início neste trecho “resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justifica-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco” (VIDAS SECAS, p.46). Para Chauí (2000b), não pensamos sem palavras, elas englobam o pensamento, se alguma coisa possui um nome, consequentemente pensamos nela, assim decorre desde a infância. Para os personagens do Graciliano, eles ficam em silêncio. Observa- se que o autor não apresenta uma questão de competência, pois eles utilizam a sua língua materna, mas, sim, a de performance ao retirar intencionalmente dos personagens a palavra verbalizada.

Já que a linguagem é reflexo de quem somos, onde vivemos, em que acreditamos; a obra reflete o silêncio de uma parcela da sociedade cujo direito de quando se ter a palavra é imposto, como afirma Foucault (1996, pg. 10, 12b) acerca da palavra, o louco é reduzido a um espaço pelo qual se detém a classificação do que é dito, bem como o nível de importância visto que a sua representação social imagética contribui para a destinação do que é dito por

ele e significado, ele tem a palavra, no entanto ela é designada de forma a alcançar menor importância social ou haverá um alcance diferenciado dela, porém nunca em sentido de igualdade a outros falantes em que sua posição são mais favorecidas.

Assim como as histórias dos livros didáticos, segundo Darcy Ribeiro (1995), que foram contadas por pessoas que tiveram a palavra e foi apresentada para o ensino nas escolas, narrada sob apenas uma concepção dos fatos, silenciando uma parcela de personagens, tornando-os inertes, passivos, sem expressividade, tirando de si a protagonizarão de suas histórias, arbitrariamente. Observa-se, na concepção de Foucault (1996c) essa visão de como o saber aplicado reflete às proporções de desigualdade que, por sua vez, interferem na concepção de mundo dos falantes.

No trecho do livro *Vidas Secas* (1971, p. 74) a palavra é representada para o personagem Fabiano como poder originário da força que subjuga o outro e possibilita a transformação de estado de sofrimento para o de resolução. E, ao mesmo tempo, o saber falar é colocado no campo semântico de ataque, defesa ou agressão em uma situação de conflito. Dessa forma, para o personagem, saber falar é um ato de resistência.A forma de representar o discurso escolhido pelo autor Graciliano Ramos nesta obra literária reflete o que é reproduzido no cotidiano nas sociedades em que a forma de dominação está no verbal e não verbal, embora haja a possibilidade de várias formas de dizer e de apreender o que é lido nos discursos escritos, segundo cada vivência dos interlocutores, o que predomina é a aceitabilidade cuja realidade está inserida no contexto social do leitor.

Segundo Massaud Moises (2006), a novela não indaga, ela fantasia, contempla e não interrompe; mostra, como forma de fantasia, o cotidiano para os que estão cansados, exaustos da realidade, sem muita complexidade e carga dramática. Ela atrai o público que, geralmente, opta pelo prazer do entretenimento. Nela o leitor não encontra grandes problemas éticos, dramas filosóficos evidenciados, visto que há uma realidade contada, pois o autor não traz espaço para um debate ético, porém o leitor pode ou não considerar tais possibilidades a depender de suas convicções e ideologia.

Como característica do gênero supracitado, o livro Vidas Secas possui várias unidades para cada personagem divididas em capítulos. Os personagens possuem suas narrativas mais focadas em seus anseios e diálogos internos. O que foi considerado um dos dois erros sobre a novela Vidas Secas, pelo comentarista Álvaro Lins, é, para este artigo, a razão da análise, que vem a ser o excesso de introspecção dos personagens: Fabiano, Sinhá vitória, o menino mais velho e o menino mais novo:

> A inverossimilhança, neste caso, não provém da substância da novela, mas da técnica. Se houvesse maior proporção entre episódios e monólogos, entre a vida exterior e a interior dos personagens, este problema da ficção teria sido resolvido de maneira perfeita. Porque, no mais, nenhuma inverossimilhança, nenhum defeito fundamental será encontrado em Vidas Secas. (ALVAROS DIAS, 1971, p. 37).

Para Orlandi (2011b) entender o efeito de sentido do discurso é necessário para entender que as ideologias são responsáveis pela construção de sentido, deste modo há múltiplas formas de apreensão do sentido, visto que a materialidade e a historicidade interferem, bem como a ordem das coisas no discurso e refletem um posicionamento ideológico. Cada sujeito pode compreender de forma diferente, no entanto a Análise do Discurso apresenta mecanismos para captar a intencionalidade do produtor, tais como: para uma compreensão superficial, os recursos da língua: como os marcadores de tempo e espaço, opinião: advérbios e adjetivos são fundamentais. Já para a compreensão extralinguística faz-se necessário relevar o contexto de historicidade do texto, a relação de sentido das palavras com o seu interlocutor/produtor.

A intencionalidade do autor é a de colocar Fabiano no lugar de agente do que sofre e lhe é imposto o silêncio, visto que sua condição social é um fator preponderante para que esta forma de calar ocorra. A pobreza, a exclusão social e a falta de direitos e educação permitem, portanto, que a fala não lhe pertença, mas sim o silêncio, o qual igualmente transmite este sentido.

Contrariando o crítico Álvaro Lins (1971 apud Vidas Secas) que explicita a inverossimilhança com o gênero novela por justamente conter a ausência da fala do personagem, pois este requer produções de discursos

diretos, sob o ponto de vista social em que o personagem está inserido, há a verossimilhança com a realidade, pois o autor faz jus ao seu estilo realista ao apresentar o personagem de maneira como ele observa a realidade.

Segundo Orlandi (2011c) o silêncio se comunica também, ele passa uma mensagem, diferentemente do silêncio que atravessa as palavras, que é o silêncio fundador, isto é, a pausa entre as palavras que produz também condições de significar.

Foucault (1996d) fala de três grandes tipos de sistema de exclusão que atingem o discurso, que são: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Este último retrata a vontade de estabelecer a verdade e a ideologia de focar na verdade nos diferentes discursos, desde o séc. XVII, com os avanços científicos, com o discurso religioso, por exemplo, em que ambos estavam para fixar uma verdade acerca do que estava escrito. Ressalta-se a inclusão de obras literárias nas quais este conceito de verdade revelou-se por meio de análises literárias que correlacionaram as obras com a vida, a percepção do autor em virtude desta necessidade de encontrar diferentes verdades para fechar nelas o sentido.

No entanto, Foucault (1996e) questiona o discurso como fechado nesta verdade, pois até mesmo uma obra científica, em um artigo científico, pode ser reformulada, e acrescentada, bem como no discurso literário o que foi dito pode ter em um dado momento uma significação, e posteriormente ter ou não o mesmo sentido. Desta forma, a vontade de verdade não se sustenta, em ambos os exemplos supracitados, pois "o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (FOUCAULT, 1996, p.28f).

Sendo assim, o autor do livro Vidas Secas atribui ao narrador do livro o domínio da linguagem, da representatividade do ser que existe, ao instrumentalizá-lo como força de dominação sobre o personagem Fabiano e entrega ao personagem o lugar do silêncio como uma forma de exclusão pelo discurso. Sendo assim, é o narrador a figura de dominação representada fora do contexto da história e ao mesmo tempo dentro do contexto social em que elas estão presentes. Em virtude disto é que se justifica a presença de um

narrador onisciente, cujo papel é de traduzir os pensamentos de Fabiano, pois "a realização linguística da atividade verbal depende de condições sociais e psicológicas, além de vir determinada pelo motivo básico da atividade, e utiliza diversos meios como: a seleção de palavras" (KOCH, 2003, p.13).

Ressalta-se que o Graciliano não foi um linguista a fim de pensar nas questões sociais que envolvem a linguagem e sua organização para a realização de fins sociais. No entanto, é fato que ele faz parte do movimento modernista e, por isso, retrata em várias de suas obras o realismo e o regionalismo, dada a época em que o livro foi escrito na sua primeira edição em 1930, o contexto histórico desta época foi imerso de diversas temáticas sociais e políticas, que atravessaram seus autores, portanto é possível analisar a criação da obra Vidas Secas e a referência existente entre a ficção e a realidade, o conceito de poder e dominação.

## 2 ANÁLISE DOS DADOS

Este artigo, segundo a análise do discurso, apresenta a forma em que o Fabiano é transmitido pelo autor para o leitor a fim de corroborar com a composição do personagem, bem como demonstrar o lugar de fala de alguém socialmente desfavorecido.

O autor revela o significado do silêncio em seu personagem aqui analisado, Fabiano, cuja fala existe esporadicamente em trechos numerados em 9 discursos diretos; em todos eles Fabiano expressa suas limitações comunicativas para verbalizá-las como acredita que deveria ser entre as pessoas.

Como contribuição para este artigo, as duas formas de análise do discurso estão presentes, o autor como o sujeito histórico, produtor de um texto que possui sentido e apresenta uma ficção inspirada na realidade do sertão brasileiro e nos problemas sociais vigentes e o extralinguístico que é o que se compreende além do que é dito no texto verbal de diferentes formas, tanto por inferências como pelo não dito, através de escolhas das palavras.

E é nesta relação de sentidos entre os interlocutores que se torna possível a compreensão da análise do discurso. Sendo assim, apresenta-se o

sujeito do texto, que é o autor, o segundo sujeito, o outro e o que reproduziu o texto com o fim de pesquisa é o novo participante do diálogo.

## 2.1 O PERSONSAGEM

Os dois primeiros discursos diretos partem da narração do estado de espírito do personagem levado pelo contexto situacional, nestes momentos de fala, há no primeiro um vislumbre de se assemelha àqueles que possuem o protagonismo de suas vidas, isto é, o ser que socialmente pode se autodeclarar sujeito de suas ações, tornando possível a si possibilidades de dirigir a própria vida; no segundo, há uma antítese ao primeiro, pois, ao se deparar com a realidade e sua incapacidade diante dos fatos narrados, a ideia anterior é contrariada pelo fato de o personagem sair do campo semântico cuja palavra homem carrega e vai para o de bicho, que é empregada pelo contexto para explicitar aquele que não possui domínio sobre sua vida. observa-se nos trechos abaixo, (p.52):

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. (primeiro discurso direto)

- Você é bicho, Fabiano. (segundo discurso direto)

Nestes trechos acima, os vocativos são colocados em ordens diferentes na frase, pode-se explicar que a sintaxe corresponde ao esforço cognitivo que cada indivíduo possui ao organizar um enunciado, seja consciente ou inconscientemente, para uma visão funcionalista da gramática. Desta forma, segundo Neves (2001, p.112) a ordem das palavras é vista como uma tentativa do autor, que é o produtor do discurso, em estabelecer a relação de contrariedade entre os momentos em que o personagem, em sua consciência, se põe como ser existente tal qual os que merecem dignidade, e em seguida a proposição que nega a primeira e bem como o constituinte nominal, Fabiano, vem expresso, em ordens diferentes.

No primeiro discurso do personagem, a ênfase está no constituinte do nome próprio de pessoa, sob a perspectiva de uma gramática funcional, o conceito de topicalização explica essa inversão, pois a relação sintática das palavras nas frases pode ser relacionada com a relação cognitiva que é feita

inicialmente pelos falantes, muitas vezes de forma inconsciente, a relação de urgência e importância define a escolha do falante em colocar em uma determinada ordem o discurso, neste caso a topicalização explica a escolha das palavras que iniciam o discurso nesta relação cognitiva como sendo de maior importância, Neves (2001).

No primeiro, o efeito de tópico é Fabiano, como ser humano, no segundo, por sua vez, o tópico é a proposição que tem como característica bicho, ela assume o lugar no qual cognitivamente é o que conclui importância ou verdade, neste caso.

Existem dois ambientes em que o personagem se coloca, o de homem, que alcança dignidade e o de bicho que luta pela sobrevivência, a semântica da palavra bicho aparece sob outra perspectiva, neste caso sai da figura de linguagem metáfora e obtém o da comparação, pois, para ele, ser como bicho é vencer os obstáculos da vida, vencer as dificuldades, e neste contexto era a análise feita sobre si. Observa-se, (p. 54):

-Um bicho, Fabiano. (terceiro discurso direto)

No quarto discurso direto, o autor, posterior a esse, justifica a fala do personagem que possui características semelhantes a de um animal e tal similaridade explica a boa relação existente entre ele e os bichos, o discurso provém da narrativa que explica a afeição de Fabiano pelo seu animal de estimação e o acolhimento que sente entre os bichos, diferentemente do convívio com seres humanos:

-Você é bicho, baleia. (quarto discurso direto)

Ainda sobre o quarto parágrafo, a linguagem do personagem não representa a incapacidade intelectual em construir sentenças, contudo ela reflete a ausência de um contato com outros mecanismos da língua portuguesa, pois o que ele transfere de conhecimento intuitivo é resultado do convívio social dele, pois segundo Fiorin (2015, p. 49a) “a fala é a realização individual daquilo que a língua permite produzir".

Outrossim, o quinto e o sexto discursos diretos respectivamente:

-Esses capetas têm ideias.

-Êco! Êco!

Neles, o personagem conflitua com a impossibilidade de saber, de compreender as coisas em sua volta, remete à sua infância na qual também pôde experimentar da curiosidade infantil natural, porém não lhe é e nem foi acessível o direito de ter o conhecimento para além do contexto social na qual sua família estava condicionada. Por conseguinte, a linguagem expressa no sexto discurso é novamente a mesma usada para a comunicação com os animais, isto é, o autor apresenta essa limitação da fala como reflexo de uma língua desconhecida a ele e até então utilizada por um grupo de pessoas no qual o personagem não faz parte.Por sua vez, o sétimo e oitavo discursos diretos respectivamente:

-Êco! Êco!

- Está aí.

Naquele, reflete, segundo a narrativa, uma linguagem entendível pelo seu animal de estimação, a fala de Fabiano limita a língua e ao mesmo tempo concebe uma outra forma de comunicar com uma espécie cuja semelhança se dá pelo enunciado, pois é entre a relação de comunicação homem e animal é que ocorre a possibilidade de diálogo. Dessa forma, já no oitavo parágrafo, o narrador apresenta inquietação do personagem dado ao distanciamento existente entre o conhecimento e a justificativa inserida em tudo em sua volta e que restava a ele e a seus filhos era a interrogação acerca de um conhecimento que era sabido, mas não os pertencia.

Desse modo, o oitavo discurso provém da conclusão de que o lugar em que Fabiano estava, segundo o livro, não permitia possuir conhecimento e tampouco ele era apropriado para os que o possuíam.

E por fim, o nono discurso direto e último:

-Um homem, Fabiano.

Não há coincidência, considerando a genialidade de Graciliano Ramos, que a primeira e a última fala reservado a ele sejam praticamente a mesma, apenas com uma distinção sintática devido a ordem dos elementos linguísticos, mas em ambos há a obstinação do personagem em tentar ser o adjetivo homem, esta característica que, para ele, o qualificaria a ter uma vida reservada aos que possuíam dignidade, isto é, a possibilidade de viver com direitos.

Neste capítulo da novela, em seus breves discursos, Fabiano é caracterizado não somente pela narrativa descritiva superficial da sua aparência, do seu andar, do ambiente, mas também pela apresentação da limitação em seus atos de fala curtos e repetitivos, que pouco comunicam propriamente, os quais reforçam a condição social do personagem, visto que a fala é social e individual e produto de condições externas diversas que determinam a forma,que corresponde a variação linguística (geográfico, formal ou informal, histórico, entre outros) e a ordem, que corresponde um processo de cognição, isto é a organização mental dos sintagmas no enunciado.

Para a teoria da cognição, cujo discurso está relacionado, ressalta-se que ela corresponde a intencionalidade e movimento cognitivo que é feito pelo autor claramente, apenas a correspondência dos discursos diretos e a sua estética estão inseridos no imagético criado para o leitor acerca do personagem e a história.

## 2.2 O NARRADOR

Fiorin (2015 apud BENVENISTE 1974, p. 79-88b) explica, segundo a teoria das categorias da enunciação, isto é, o ato de dizer, pelas quais se estabelece linguisticamente o eu, o aqui e o agora que ele nomeia por pessoa, tempo e espaço. Para este artigo importa a categoria da enunciação que faz

referência a pessoa pelo enunciado do texto Vidas Secas. Faz-se, então, a separação dos sujeitos desta enunciação, o eu, o tu e o ele.

O "eu" na obra é aquele que é produz o enunciado, ou seja, o que cria o texto, que é o autor, sob a análise em uma primeira instância, além desse, há o "eu" que narra a obra, que vem a ser o personagem presente linguisticamente, deixando suas marcas, pensamentos e impressões acerca dos personagens. diante disso, tais julgamentos de valores que o narrador porventura expresse não devem ser caracterizado como necessariamente percepção de mundo do autor.

O narrador, o ser que expressa o domínio linguístico, é escolhido pelo autor para se diferenciar do personagem socialmente, pois é, além da própria narrativa em si, a língua o reflexo de um instrumento de separação, não só como uma forma de delimitar os discursos diretos e a narrativa, mas no sentido de superioridade em que o narrador se encontra em relação ao Fabiano, pois ele é o personagem que fala, que é o interlocutor.

Dessa forma, o "eu" expresso pelo narrador, fala ao "tu" que é o leitor de um "ele" o personagem, segundo as categorias da enunciação já supracitadas, para a análise do discurso de afastamento do personagem do ato de fala para a quem pertence a cultura.

Sob o aspecto superficial de análise literária, o texto não atribui ao contexto da obra nem ao personagem juízo de valor social, moral, cultural. Há a narrativa de uma história dada pela circunstância de seca, e é neste sentido que se desenvolve as características do ambiente e dos personagens. A presença dos pensamentos expressos do narrador compõe o sentido das narrativas, mas não são eles que caracterizam o narrador como representante de uma camada social, é pela forma que se apresenta o discurso que é possível analisar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todo discurso é atravessado por elementos sociais, culturais e históricos; as obras literárias, mesmo como textos ficcionais, igualmente são produtos possuidores de todos esses aspectos linguísticos e que, para a análise do discurso, é possível detectar diversos elementos; para a enunciação, pode- se refletir sobre as pessoas, o tempo e o espaço da obra e do autor. Principalmente se a obra for realista, cujo autor busca criar uma verossimilhança pautada na esfera da real. A partir disto é possível a análise da historicidade em que o discurso está entrelaçado, até que ponto ele está remetendo a realidade, se é que existe um ponto limítrofe para perceber esta relação.

Ressalta-se que não é necessário estudar a historicidade para entender um texto de uma determinada época, mas alguns sentidos podem ser perdidos, pois sabe-se que eles podem não alcançar o nível de aceitabilidade, segundo Fiorin (2015c) o texto não é somente compreendido pelas relações linguísticas internas, ele possui também relações com a sua exterioridade.

Desse modo, o que tornou possível a análise da obra para este artigo foi o discurso criado para a narrativa, o qual era parte da história dos personagens como forma de compor o contexto criado pelo autor, ou seja, a escolha de dar ao personagem apenas nove falas diretas, e curtas, limitadas, o que contraria o gênero da obra, porém coaduna todo o contexto de exclusão vivido pelos personagens.

Esta análise não fecha a possibilidade de futuros estudos acerca do discurso desta obra, ela amplia as percepções discursivas que enriquecem ainda mais a genialidade do autor Graciliano Ramos que tão brilhantemente representou a vida real.

## REFERÊNCIAS

*CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2000.*

*FIGARO, Roseli, et al. Comunicação e Análise do Discurso. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.*

*FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.*

*KOCH, Ingedore G. Villaça. O Texto e a Construção dos Sentidos.7. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.*

*MARTELOTTA, Mário Eduardo, et al. Manual de Linguística.2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.*

*MOISÉS, Massaud. A Criação Literária. 21. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.*

*NEVES, M. H. de M. Uma visão Geral da Gramática funcional. V.38. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo, 2001. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959. Acesso em: 20 ago. 2021.*

*ORLANDI, Eni Puccinelli. As Formas do Silêncio. São Paulo: Unicamp, 2011.*

*RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 29. Ed. São Paulo: Martins, 1971.*

*RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. 2. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.*

***ST2- SABERES E FAZERES INTERCULTURAIS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES:RESISTÊNCIA E NECROPOLÍTICA EM FOCO***

***COORDENADORES***

Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (Universidade da Amazônia)
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Universidade da Amazônia)

## *EMENTA:*

**R**eúne pesquisas científicas, relatos de experiências, etc., em torno da temática saberes e fazeres em espaços escolares e não escolares que anunciam resistência e necropolítica, diante de rupturas e afastamentos de práticas excludentes presentes em processos pedagógicos na contemporaneidade. Nesse aspecto, o presente grupo de trabalho aponta para um debate que consolida uma educação crítica de maneira ético-política.

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

# CAPITAL CULTURAL, EDUCAÇÃO FORMAL E DIÁLOGO INTERCULTURAL: RESISTÊNCIA E DIREITOS FUNDAMENTAIS[47]

# CULTURAL CAPITAL, FORMAL EDUCATION AND INTERCULTURAL DIALOGUE, RESISTANCE AND FUNDAMENTAL RIGHTS

# CAPITAL CULTURAL Y EDUCACIÓN FORMAL: DIÁLOGO INTERCULTURAL, RESISTENCIA Y DERECHOS FUNDAMENTALES

José Maria Eiró Alves[48]
Analaura Corradi[49]
Thiago Souza de Almeida[50]

**Resumo**: O objetivo geral deste trabalho é analisar, sob o enfoque do capital cultural (BOURDIEU, 2019), alteridade (AGUIAR, 2017), interculturalidade (DUSSEL, 1977), a falta de incentivo ao desenvolvimento das diferentes subjetividades, sobretudo no processo educativo formal, o que não incentiva a evolução acadêmica capaz de respeitar as diferentes culturas, e mantém discurso e práticas centralizadoras, de bases eurocêntricas, que comprometem a resistência e a efetivação de direitos fundamentais e estimulam o silêncio dos vulneráveis.

**Palavras-chave**: Capital cultural. Subjetividades. Interculturalidade. Resistência. Direitos fundamentais

---

[47] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[48] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA; Bacharel e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Pará; Professor Titular da Universidade da Amazônia – UNAMA e do Centro Universitário Maurício de Nassau Belém – UNINASSAU. Membro dos Grupos de Estudo em Hermenêutica Constitucional e Capital Social e Cultural. joseeiroalves@gmail.com ORCid: 0000-0001-6135-2526.

[49] Doutora em Ciências Agrárias – agroecossistemas amazônicos (UFRA); Mestre em Linguística (UFPA), Professora Titular na Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará Brasil, nos cursos de Graduação em Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo); Design Gráfico, Moda e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura e de Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano da UNAMA. Coordenadora do Grupo de Estudos: Capital Social e Cultural; Membro dos grupos de estudos: Narramazônia; Batuques e Academia do Peixe Frito. corradi7@gmail.com ORCid: 0000-0003-0432-1875

[50] Graduando em Direito pela Universidade da Amazônia Belém – UNAMA. Integrante da Iniciação Científica no Curso de Direito. thiagosous123@gmail.com ORCid: 0000-0002-3689-5454.

**Abstract**: The general objective of this work is to analyze, from the perspective of cultural capital (BOURDIEU), alterity (AGUIAR, ), interculturality (DUSSEL), the lack of encouragement to the development of different subjectivities, especially in the formal educational process , which allows the maintenance of relational structures fueled by prejudice and in which different cultures remain in a state of tension and constant predominance of prejudiced and centralizing discourse, with a Eurocentric basis, which compromises the realization of fundamental rights.

**Keywords**: Cultural capital. Subjectivities. Interculturality. Resistance. Fundamental rights.

**Resumen**: El objetivo general de este trabajo es analizar, desde la perspectiva del capital cultural (BOURDIEU,), la alteridad (AGUIAR,), la interculturalidad (DUSSEL), la falta de estímulo al desarrollo de diferentes subjetividades, especialmente en el proceso educativo formal, que permite el mantenimiento de estructuras relacionales alimentadas por el prejuicio y en el que las diferentes culturas permanecen en un estado de tensión y predominio constante de un discurso prejuiciado y centralizador, de base eurocéntrica, que compromete la realización de los derechos fundamentales.

**Palabras clave**: Capital cultural. Subjetividades. Interculturalidad. Resistencia. Derechos fundamentales.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio pretende abordar a problemática da educação a partir do pressuposto individualista e pouco cooperativo do modelo adotado no Brasil. Para tal objetivo, será feita na primeira seção algumas breves considerações sobre o capital cultural como algo construído e desenvolvido sem que se possa aproveitar as individualidades e suas inúmeras possibilidades no cenário educacional.

A problemática apresentada diz respeito ao discurso e práticas acadêmicas que não estão alinhadas com a realidade dos estudantes, não estabelecidos como sujeitos do processo de aprendizagem, mas como simples receptores de um discurso que apenas reproduz o processo de dominação e controle que já conheciam nos níveis anteriores de educação formal e nas próprias relações sociais das quais fizeram e ainda fazem parte.

Esse questionamento exige uma abordagem dialética, capaz de compreender o outro em suas diversas relações, bem como considerar que as dinâmicas de inserção em estruturas de controle e de reprodução fazem do

sujeito um ser esquecido em sua dimensão humana, cada vez menos individualizado, na medida em que a sociedade vive no capitalismo atual sua dimensão mais evidente de exigências globalizantes do ponto de vista cultural, econômico, com reflexos nas estruturas educacionais.

Na sequência da abordagem, será dado destaque para a ancoragem legal dos aspectos da educação, conforme a Constituição da República, Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tudo no intuito de evidenciar as dificuldades que existem entre a realidade prevista pelos normativos legais e a realidade dos estudantes, que não respeitam o capital cultural agregado, na medida em que, de modo geral, não atuam de modo a valorizar as nuances dos sujeitos, vistos como iguais sem que, de verdade, o sejam, até porque é das diferenças que nasce o não estranhamento.

Como ponto derradeiro do presente ensaio, há um terceiro item destinado a refletir sobre a articulação dos sujeitos como movimento de resistência a um processo colonizador capaz de gerar novas práticas capazes de prestigiar a realidade dos lugares e de seus sujeitos, oferecendo uma dimensão extremamente significativa do processo educacional.

## 2 CAPITAL CULTURAL, ALTERIDADE E COOPERAÇÃO

O Capital cultural é um dos grandes temas que permeiam as obras de Pierre Bourdieu, tendo grande relevância para se entender a importância da vivência cultural subjetiva como formação e fortalecimento dos sujeitos, bem como o impacto no desenvolvimento estudantil e perspectivas profissionais dos estudantes, sendo entendido por uma dupla acepção: capital cultural incorporado e capital cultural institucionalizado.

O tema se incorpora às experiências culturais, saberes e conhecimentos repassadas pelas gerações familiares aos indivíduos, formando um complexo de conhecimentos adquiridos pelo âmbito social e familiar no qual o indivíduo está inserido, enquanto o capital cultural institucionalizado é representado, sobretudo, pelos títulos, diplomas, dentre outras credenciais educacionais, cuja aquisição dá-se através dos livros, obras de arte, músicas clássicas, museus e bibliotecas.

Assim, seja no ambiente familiar ou na escola, o poder conferido àquelas pessoas que ocupam posições de autoridade são fundamentais para fixar modelos de comportamento e manter um estamento social e econômico marcado pelas desigualdades muito presentes em sociedades capitalistas subdesenvolvidas ou de desenvolvimento tardio, típicas da América Latina.

Nesse sentido, a escola ganha o protagonismo por ser uma das grandes responsáveis pela formação e repasse do capital cultural institucionalizado, na qual os indivíduos que têm acesso ao que é trabalhado em suas dependências, conforme o capital cultural acumulado externamente, conseguem obter um grau de sucesso estudantil e profissional maior.

No entanto, há uma dicotomia fática quanto ao acesso à cultura formal, visto que as experiências individuais subjetivas influenciam diretamente no processo de aprendizagem, desenvolvimento e sucesso estudantil, refletindo uma disparidade evidente entre os indivíduos inseridos no âmbito escolar, pois o acesso ao capital cultural institucionalizado acumulado do âmbito familiar é muito restrito a uma pequena parcela da população brasileira, uma vez que a grande massa social não possui domínio dos considerados meios formais de produção cultural.

Essa dificuldade evidente, em garantir o acesso à educação formal e respeitar o capital cultural já acumulado pelas experiências em família e na comunidade de origem são constantemente motivos de problemas de aprendizado que estão originados em um discurso científico por vezes desalinhado com a realidade dos estudantes, que não são vistos como sujeitos do processo de conhecimento, mas receptores de um discurso que somente reproduz o processo de dominação e controle estruturados a partir de processos derivados do modelo de produção capitalista.

A destinação aos sujeitos que integram uma sociedade política oferece uma pretensão de continuidade, na perspectiva de que os laços construídos pelo contrato social devem permanecer vivos e ativos. Logo, a ideia de coletividade é fundamental para a manutenção desse objetivo.

Para Aguiar (2017, p. 8), existe um “nós” sempre que se coloca o social como pressuposto da existência do direito. Ao reconhecer as dimensões política,

social, econômica, metafísica e conjuntural, os sujeitos irão expressar suas subjetividades a partir de bases que "poderão estar plantadas na disputa ou solidariedade". Assim, a educação precisa ser pensada para o coletivo, oferecendo oportunidade para que as vivências pretéritas não sejam objeto de descarte, mas sigam permeando o processo educacional como respeito ao ser histórica e dialeticamente constituído.

O agir solidário exige constante avaliação do papel de cada sujeito, numa dimensão coletiva de sua existência, ora colaborando mutuamente e, em outras circunstâncias, atuando num cenário de divergências que podem chegar ao limiar da desconsideração plena do outro, que passa a ser um terrível antagonista de si mesmo, quando, ao argumento de estar elevando seu currículo acadêmico, nega sua trajetória e o próprio caminho que o levou a novos espaços e possibilidades intelectuais e financeiras.

Essa construção individual não pode prescindir das experiências com seus iguais, com a troca de ideias, que agregam autoestima e possibilitam a insurgência de atores sociais mais capacitados a atuar na resolução de problemas quando debatidos à luz da crítica à própria realidade circundante e os elementos que determinam seu modo de vida, sejam eles psíquicos ou materiais e quais práticas conjuntas podem ser efetivas no sentido de buscar do Estado a resolução de carências da comunidade.

Nesse sentido, Aguiar (2017, p. 8) afirma que "é o outro que define o sujeito de direitos: o um só é um por se relacionar com o outro, concebê-lo, simbolizá-lo, localizá-lo ou estigmatizá-lo. O nós manifesta-se pela interiorização mais ou menos libertadora do outro no um".

Diante da existência de realidades muitos distintas social, que marca lugares diversos para atores com histórias que não se alinham à racionalidade do direito formal, é crescente a necessidade de um redimensionamento do sistema de educação formal para que atores insurgentes sejam reconhecidos como tal e dotados de maior incentivo à participação política, movimentando o plano de cidadania que é pressuposto para o exercício da liberdade e a garantia de que as demandas por reconhecimento terão garantidas instâncias de debate visando efetivação de direitos fundamentais.

## 3 EDUCAÇÃO FORMAL E (DES)RESPEITO AO CAPITAL CULTURAL JÁ AGREGADO

A Constituição da República Federativa do Brasil prevê no art. 6º, caput, o direito à educação como um direito fundamental de segunda geração, exigindo do Estado um dever de agir positivo frente às desigualdades sociais que imperam no contexto educacional brasileiro.

Todavia, ainda não é este ideal que se pode observar no âmbito estudantil, pois os indivíduos que possuem um acúmulo de capital cultural são aqueles mais adequados ao sistema educacional visto saberem "jogar com as regras do jogo", eis que o percurso curricular exigido e valorizado no âmbito estudantil não estão em consonância com as experiências subjetivas adquirida destes indivíduos no período que antecedeu o ingresso ao curso técnico ou superior, por exemplo.

Conforme preconiza a lei nº 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), no art. 53 e respectivos incisos, é direito da criança e do adolescente a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. No mesmo sentido, a lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no art. 3º, inciso I, traz o mesmo texto como princípio do ensino e acrescenta no inciso VIII a gestão democrática do ensino, reforçando a importância do tratamento igualitário material entre os estudantes, o que torna necessário um dever da escola para com os estudantes que se encontram em situação de disparidade social.

Seguindo a linha sociológica de Bourdieu (2019), a dominação ocorre em diferentes aspectos, seja no âmbito econômico, seja no cultural, podendo se observar que a educação também não deixa de ser um objeto utilizado para dominar, visto que a classe que detém os meios de se instituir a grade curricular (percurso curricular), bem como as disciplinas que terão prestígio acadêmico e social é quem determina quem terá êxito de acordo com o capital cultural e, por consequência, aquele indivíduo que não encaixe suas habilidades nestes moldes não consegue lograr sucesso.

A Constituição da República, em seu art. 215, deixa evidente o dever estatal de garantia dos indivíduos ao acesso às fontes culturais, bem como a proteção das manifestações culturais, prevista no §1º do mesmo artigo. Nesse sentido, o Estado como garantidor e guardião das transmissões de capital cultural incorporado, presente nas diversas manifestações culturais vigentes no território nacional, tem por dever constitucional garantir o acesso a este capital dos indivíduos, por meio de políticas públicas. A Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) reforça tal objetivo, ao dispor, no seu artigo 1º, que "a educação abrange os processos que se desenvolvem na vida familiar, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional institui medidas a serem implantadas no âmbito educacional, visando a democratização do conhecimento e acesso à educação formal dos indivíduos e, em consonância com a Constituição da República, objetiva valorizar os conhecimentos obtidos na comunidade em que o indivíduo está inserido, bem como concretizar o direito fundamental de acesso à cultura e educação previstos na Carta Política de 1988.

Desse modo, deve-se incluir e valorizar saberes e fazeres presentes não apenas em nichos elitizados de produção e reprodução de estéticas hegemônicas e padronizadas, simplesmente a partir do que é fixado pelo mercado, pois a periferia, os lugares de negação apresentam-se como resistência e existe toda uma cultura efervescente em cenários de dificuldades estruturais, que serve como marca de populações que historicamente tiveram negados os espaços centrais e mais valorizados dos centros urbanos e, também por isso, geram um discurso de denúncia e práticas salutares no sentido da cooperação, apesar das dificuldades geradas por fatores como violência, discriminação e falta ou ineficácia de políticas públicas de inclusão.

O capital cultural adquirido por um indivíduo na comunidade em que está inserido merece destaque e observação como método de absorção de conhecimentos, pois é fonte de saberes, que refletirão no âmbito escolar por ocasião de seu percurso na educação formal. Importante análise que se faz é quanto ao mercado de trabalho e perspectivas profissionais que os indivíduos possuem frente a falta de acesso igualitário ao capital cultural institucionalizado,

pois dado o contexto social e educacional brasileiro, os indivíduos que possuem menos acesso e este capital em sua comunidade, apresenta perspectivas profissionais tendentes ao conformismo, visto não o fato de não conseguirem a devida adequação ao que é exigido das instituições de ensino.

Nesse sentido, Bourdieu (2019) contesta a máxima de uma escola igualitária, visto as diferentes experiências subjetivas do indivíduo frente a uma demanda que favorece aqueles que possuem o acesso ao capital cultural, deixando à margem os indivíduos que possuem outras realidades sociais, produzindo um sentimento de incapacidade de aprendizado e, consequentemente, baixas expectativas profissionais.

Portanto, os saberes adquiridos na comunidade dos indivíduos constituem meio legítimo de acúmulo de conhecimento, exercendo grande relevância no fortalecimento para as experiências posteriores, pois é uma das formas de acúmulo do capital cultural incorporado. Essas vivências, a incorporação de tradições, usos e saberes do grupo poderá ser de grande valia no ambiente escolar, caso exista espaço e acolhimento para o aproveitamento, no plano epistemológico e metodológico, dessas habilidades já construídas.

No âmbito escolar, as experiências devem propiciar o aumento de acúmulo do capital cultural institucionalizado, tudo isso servindo de instrumento para melhores possibilidades de ações conjuntas da própria comunidade, para a busca de soluções que efetivem direitos e permitam inserção e valorização individual e coletiva dos sujeitos.

## 4 ARTICULAÇÃO COMO RESISTÊNCIA AO PROCESSO COLONIZADOR

A destinação aos sujeitos que integram uma sociedade política oferece uma pretensão de continuidade, na perspectiva de que os laços construídos pelo contrato social devem permanecer vivos e ativos. Logo, a ideia de coletividade é fundamental para a manutenção desse objetivo. Essa promessa Estatal da modernidade é fundamental para que a cidadania se expanda.

Desde o espírito das leis, Montesquieu afirmou que nas Repúblicas o elemento que une as pessoas é a virtude, enquanto nas tiranias o medo é o

mote daqueles que desejam impor seus desejos e o que gera o sentimento de inação nos que sofrem com as ações violentas.

Em países periféricos, e mesmo em países que já atingiram uma maturidade institucional, política e econômica, ainda existem hiatos. Em nosso País, evidentemente, a construção de uma melhor cidadania passa, justamente, pela implementação de direitos fundamentais construídos historicamente, mas negados pela falta de políticas públicas e mecanismos de melhor distribuição de renda e de justiça social.

Logo, num espaço estruturado a partir da desigualdade, é óbvio que inúmeros sujeitos não terão facilmente reconhecidas suas realidades individuais ou grupais, o que faz com que Wolkmer (2012) sustente que o surgimento e mesmo a conceituação de novos direitos reclama a presença contínua e a "materialização pontual de necessidades individuais (pessoais), coletivas (grupos) e metaindividuais (difusos) que emergem informalmente de toda e qualquer ação social, advindas de práticas conflituosas ou cooperativas"

Os atores sociais, em suas relações intersubjetivas, constituem inovações que nem sempre estão previamente descritas na categoria de direitos, permitindo, assim, um arejamento, uma insurgência necessária e que permite ao direito se manifestar de modo a se afirmar como um sistema poroso, que dialoga com outras áreas do conhecimento e, apesar da demora, admite que o novo seja acolhido pela ordem juridicamente estruturada.

Esse é um papel destacado da educação e os percursos escolares precisam valorizar a criatividade, aproveitar a imaginação e trabalhar com estudos de casos, de debates e tentativas de construção de solução de problemas locais, compreendendo-os num plano de globalidade, sem que uma visão seja capaz de impedir as análises micro e macro.

Neste breve ensaio, cujo grande objetivo é perceber como a educação formal pode ser limitante, na medida em que se alinha a um modelo globalizante, repleto de passividade e marcado pela adesão a práticas marcadas pela velocidade, fluída, articulada do ponto de vista das estruturas corporativas, capazes de gerar a desarticulação das estruturas locais.

SANTOS (2001), assevera que aqueles que participam apenas de modo residual do mercado global ou apenas conseguem sobreviver à margem são, em realidade, a verdadeira nação ativa dentro do processo de globalização, na medida em que, face às contradições e necessidades, acentuadas pela exclusão do debate presidido pela racionalidade dominante

Apesar disso tudo, serão seus partícipes os únicos capazes de resistir e, atuando conforme suas rugosidades e relações de simbiose com seu entorno imediato, em relações cotidianas que criam uma cultura própria e endógena, aptos a estabelecer uma estrutura que garanta a produção de uma política e capaz de mantê-los articulados, gerando um compromisso de geração de melhores condições individuais e coletivas.

Assim, educar para a cidadania é fazer uma construção que solidifique bases aptas a estimular a autoestima e gerar sentido de conjunto e ações cooperativas, num movimento contrário ao que se encontra presente nas práticas orientadas pelo mercado, que logram êxito de lucro e colaboram decisivamente para o aumento de desigualdades, tanto no âmbito interno e individual das relações entre pessoas físicas que integram determinado país, bem como nos modelos de disputas internacionais nos quais as posições destaque são ocupadas a partir das melhores condições econômicas e bélicas

Em virtude disso, Dussel (1977) salienta que os oprimidos precisam efetivar um discurso ético que possibilite uma prática libertadora, como uma verdade discursiva em todo processo histórico e assevera que “oprimido é o pobre na política (pessoa, classe, nação); a mulher na erótica machista; a criança, a juventude, o povo na pedagogia da dominação cultural” (DUSSEL, p. 248).

Esse argumento permanece válido no século XXI, no qual os oprimidos estão constantemente lutando contra a morte que o sistema lhes apresenta. Esses sujeitos vulneráveis estão em constante busca luta e busca pela vida, sendo adequado compreender a ligação da teoria da libertação, de matriz nitidamente filosófica, com o nítido caráter de denúncia e insurgência que o tempo contemporâneo está a exigir.

É razoável sustentar que o diálogo intercultural precisa ser capaz de o surgimento de novas possibilidades de compreensão das inerentes e evidentes controvérsias oriundas do processo de colonização ao qual a América Latina foi submetida. Nesse rumo de ideias, Dussel (1973, p. 147) assevera que a cultura popular não é menor, ao contrário, é o centro menos contaminado e radiante da resistência do oprimido contra o opressor.

Logo, a opção pela educação formal alinhada com os saberes e fazeres populares ganha uma dimensão de resistência e insurgência sempre que os espaços públicos e privados permitem que os sujeitos expressem suas exterioridades sem perder a essência de suas vivências que os constituem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar formalmente exige uma padronização de sujeitos, práticas, ações, que partem de um modelo: estudantes devem estar alinhados e catalogados conforme o sistema determina. A visualização desses sujeitos é feita com o mesmo prisma, com a mesma lente que desconsidera as peculiaridades intrínsecas de indivíduos com histórias diferentes e capital acumulado muito diverso.

Nesse processo, a educação pode servir de instrumento de autonomia ou fazer com que sejam mantidas práticas que não incentivam o plural, o social, mas privilegiam um sujeito ideal, fruto de uma sociedade burguesa, elitista, que não prestigia as diferenças, mas atua de modo a buscar um discurso de homogeneização, como se os protagonistas desse processo não tivessem o efetivo direito de ser o que são.

A legislação nacional, de modo geral, preconiza a necessidade de valorização das diferenças e que o percurso de educação formal valorize as diversas culturas e seja capaz de gerar inclusão e o desenvolvimento da cidadania, objetivos fundamentais no tempo presente, no qual há um discurso e, lamentavelmente, ações de desprestígio a minorias e grupos vulneráveis.

É justamente para evitar que a educação formal limite o sujeito, que urge perceber que as estruturas locais devem ser valorizadas, como forma de garantir que aqueles que apenas integram o mercado global apenas de modo residual

não sejam tratados como marginalizados. Em suma: não podem ser silenciados em suas práticas de aprendizado. Ter lugar de fala é garantir a expressão de suas subjetividades, articulados e gerando novas possibilidades individuais e coletivas de evolução na educação formal e no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Roberto Armando Ramos de. Alteridade e rede no direito. In: COSTA, Alexandre Bernardino. O direito achado na rua. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017, p. 5-48.

CASTILHO, Ricardo. Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Saraiva, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Conceitos fundamentais. São Paulo: Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel, publicado originalmente in Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6. Tradução de Magali de Castro.

DUSSEL, Enrique D. Filosofia da libertação na América Latina. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

DUSSEL, Enrique D. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação. 1º ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro de 2016.

MORAES, Wivian Sena. Saberes/fazeres locais e interculturais: um diálogo necessário à sobrevivência/transcendência na contemporaneidade. RELVA/Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 55-71, 2017.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2001.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. Revista INFORMARE – Caderno do Programa de Pós-Graduaçãoo CioInf., v.l, n.2, p.24-36, 1995.

# A NOVA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO A ESCOLA AUGUSTO MEIRA ADAPTOU SUA REALIDADE AO AMBIENTE VIRTUAL NO PRIMEIRO ANO DO MUNDO PÓS-COVID-19[51]

# THE NEW SCHOOL IN TIMES OF PANDEMIC: HOW AUGUSTO MEIRA SCHOOL ADAPTED ITS REALITY TO THE VIRTUAL ENVIRONMENT IN THE FIRST YEAR OF THE POST-COVID-19 WORLD

# LA NUEVA ESCUELA EN TIEMPOS DE PANDEMIA: CÓMO EL COLEGIO AUGUSTO MEIRA ADAPTÓ SU REALIDAD AL ENTORNO VIRTUAL EN EL PRIMER AÑO DEL MUNDO POST-COVID-19

Diego Duarte Borges[52]
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira[53]

**Resumo**: Com mais de 500 mil mortes por covid-19 e, segundo a UNESCO[54], com as escolas fechadas pelo dobro do tempo do resto do mundo a pandemia do novo coronavírus transformou o país, fazendo com que diversos setores da sociedade passassem por mudanças fundamentais em conceitos e processos de socialização, que levaram a novos paradigmas, ao mesmo tempo, em que evidenciaram a urgência de renovações essenciais em sua condução. Destacamos entre essas mudanças a inclusão digital em escolas públicas, que graças a pandemia precisaram se adaptar com recursos escassos, e com urgência, a uma nova realidade de conceitos e ferramentas para criar um ambiente inclusivo, adaptando e desenvolvendo metodologias para retomar o

[51] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco" do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[52] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia (PPGCLC-UNAMA). Participante dos Grupos de Pesquisa Narrativas Contemporâneas da Amazônia Paraense – Narramazônia (UFPA/UNAMA/CNPq), Estudos de Capital Social e Cultural (UNAMA/CNPq). E-mail: diegoduarteborges@gmail.com.

[53] Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU/ NAEA / UFPA). Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA) e dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Universidade da Amazônia (UNAMA). Integrante dos Grupos de Pesquisas: Mídia e Violência: percepções e representações na Amazônia (UFPA | CNPq) e Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (NARRAMAZÔNIA | UFPA | UNAMA); e Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente - GEAM, (UFPA). Atua principalmente com as seguintes temáticas: análise de discurso, narrativas digitais, ciberjornalismo, comunicação ambiental, pesquisa de opinião e comunicação digital.

[54] https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/fechamento-das-escolas-pela-covid-19-durou-no-brasil-dobro-da-media-mundial-24853209#:~:text=RIO%20%E2%80%94%20O%20Brasil%20fechou%20suas,no%20setor%20pela%20Covid%2D19. Acesso: 05 set 2020.

ensino e estimular a interação entre alunos, professores e a própria escola. Este artigo visa estudar o projeto de inclusão digital na CEAM Augusto Meira, sua infraestrutura, acessibilidade e recursos, analisando através de seus processos de comunicação os resultados obtidos após o primeiro ano da pandemia, bem como as dificuldades do corpo docente e discente mediante a estes novos paradigmas, para então refletir sobre a ampliação e viabilidade de novos processos e ferramentas.

**Palavras-chave:** Inclusão Digital. Augusto Meira. Internet. Covid-19. Pandemia.

**Abstract:** With more than 500,000 deaths from covid-19 and, according to UNESCO, with schools closed for twice as long as in the rest of the world, the new coronavirus pandemic has transformed the country, causing several sectors of society to undergo fundamental changes in concepts and socialization processes, which led to new paradigms, at the same time, in which they highlighted the urgency of essential renovations in their conduct. Among these changes, we highlight the digital inclusion in public schools, which, thanks to the pandemic, needed to adapt with scarce resources, and urgently, to a new reality of concepts and tools to create an inclusive environment, adapting and developing methodologies to resume teaching and encourage the interaction between students, teachers and the school itself. This article aims to study the digital inclusion project at CEAM Augusto Meira, its infrastructure, accessibility and resources, analyzing through its communication processes the results obtained after the first year of the pandemic, as well as the difficulties of the body teachers and students through these new paradigms, to then reflect on the expansion and feasibility of new processes and tools.

**Keywords:** Digital Inclusion. Augusto Meira. Internet. Covid-19. Pandemic.

**Resumen**

Con más de 500.000 muertes por covid-19 y, según la UNESCO, con escuelas cerradas el doble de tiempo que en el resto del mundo, la nueva pandemia de coronavirus ha transformado el país, provocando que varios sectores de la sociedad sufran cambios fundamentales de conceptos. y procesos de socialización, que condujeron a nuevos paradigmas, al mismo tiempo, en los que destacaron la urgencia de renovaciones esenciales en su conducta. Entre estos cambios, destacamos la inclusión digital en las escuelas públicas, que, gracias a la pandemia, debían adaptarse con escasos recursos, y de manera urgente, a una nueva realidad de conceptos y herramientas para crear un entorno inclusivo, adaptando y desarrollando metodologías para reanudar. enseñar y fomentar la interacción entre alumnos, profesores y la propia escuela. Este artículo tiene como objetivo estudiar el proyecto de inclusión digital del CEAM Augusto Meira, su infraestructura, accesibilidad y recursos, analizando a través de sus procesos de comunicación los resultados obtenidos tras el primer año de la pandemia, así como las dificultades del organismo. profesores y alumnos a través de estos nuevos paradigmas, para luego reflexionar sobre la expansión y viabilidad de nuevos procesos y herramientas.

**Palabras clave:** Inclusión digital. Augusto Meira. Internet. Covid-19. Pandemia.

## 1 INTRODUÇÃO

Foi fundada, no dia primeiro de abril de 1965, em Belém do Pará, e permanece até hoje como um dos mais conhecidos estabelecimentos de ensino da capital. Houve desfile, discurso de autoridades, descerramento de placa inaugural, enfim, todo um cerimonial cabível para o momento. Assim surgia o Colégio Estadual Augusto Meira, o CEAM. O prédio havia sido construído para ser uma maternidade, mas o coronel Jarbas Passarinho, então governador do estado, o adaptou para ser uma escola. (Blog do Colégio Augusto Meira, 2010)

Atuante na grande Belém há mais de 5 décadas, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Meira se tornou referência na capital em relação a sua qualidade de ensino e capacitação de seus alunos. Basta constatar que a escola é lugar-comum em matérias de opinião sobre o Exame Nacional de Ensino médio em Belém publicadas nos principais jornais de Belém, como mostramos nas figuras 1 e 2:

**Figura 1 -** Matéria Augusto Meira 2012.

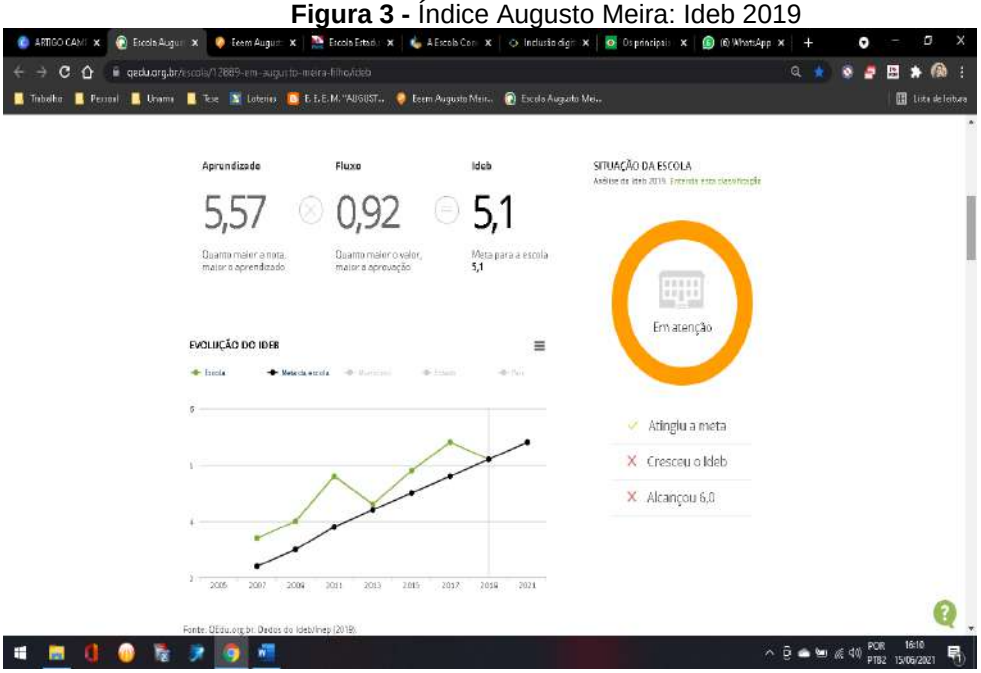
**Fonte:** https://glo.bo/3zncJTr

**Figura 2 -** Matéria Augusto Meira 2015.

**Fonte:** https://glo.bo/35oUlvG

Vale destacar que as expectativas criadas em relação ao impacto da Escola Augusto Meira na sociedade belenense não são sem fundamento já que ela se destaca nacionalmente em dados importantes como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e no próprio Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), como mostrado nas Figuras 3 e 4.

**Figura 3 -** Índice Augusto Meira: Ideb 2019




**Fonte:** QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2019).

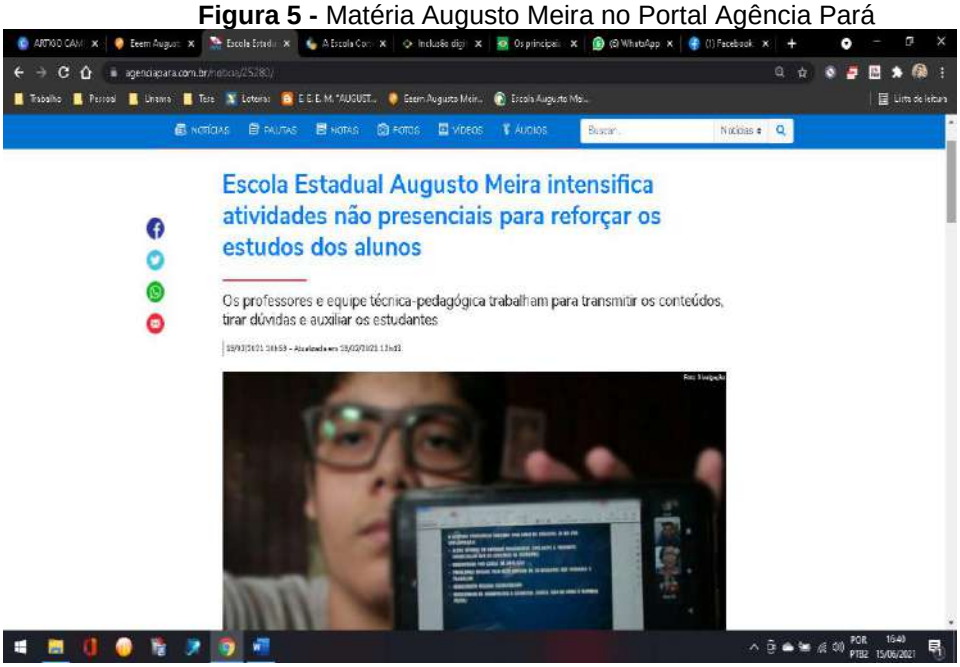
**Figura 4 -** Índice Augusto Meira: ENEM 2019

**Fonte:** INEP/ENEM 2019

Por isso, foi destaque a notícia de que a Escola Estadual Augusto estaria intensificando as atividades não presenciais como mostrado na nota abaixo e na figura 5

> Para garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem, as escolas públicas da rede estadual têm intensificado o ritmo de trabalho para assegurar o conteúdo aos alunos, por meio remoto. As aulas retornaram no dia 3 de fevereiro com atividades não presenciais, em decorrência da pandemia do novo coronavírus (AGÊNCIA PARÁ, 2021).

**Figura 5 -** Matéria Augusto Meira no Portal Agência Pará




**Fonte:** https://bit.ly/3fL9Xhw

Sibilia atesta sobre a importância desse processo de evolução ao afirmar que fica claro que a escola é uma tecnologia de época. (SIBILIA, 2012, p.16). Essa tendência da evolução da escola foi se firmando muito antes da pandemia, quando Massarolo, Santaella e Nesteriuk (2018) já associavam a educação a contextos de transmídia quando afirmavam que:

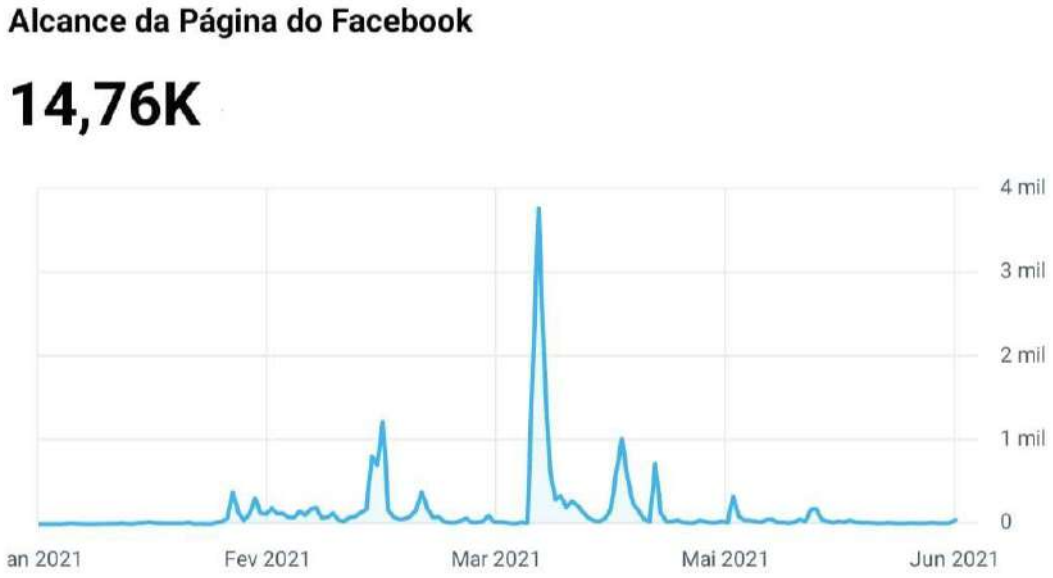
> Vivemos em meios a mudanças substanciais na sociedade contemporânea e, com isso, os meios de comunicação de forma mais significativa. [...] Dentre essas mudanças, chamamos atenção para o advento do conteúdo digitalmente expandido. (MASSAROLO, SANTAELLA, NESTERIUK, 2018, p239)

A necessidade dessas mudanças se tornou ainda mais evidente no contexto pandêmico da covid-19. Sobre as consequências dessa evolução que falaremos a seguir.

## 2 PROBLEMATIZAÇÃO

Analisando o crescimento da informatização dos serviços oferecidos à sociedade atual, cada vez mais se busca a necessidade da inclusão digital dos cidadãos nesse modo de vida. (DE MATTOS, 2020), por isso a adaptação da Escola Estadual Augusto Meira para o ambiente digital passou pela criação e manutenção de perfis nas redes sociais. Perfis que obtiveram um alcance expressivo à medida que o corpo docente e discente se adaptava aos novos tempos. Como podemos constatar na figura 6 que representa o crescimento do alcance da página da escola no Facebook.

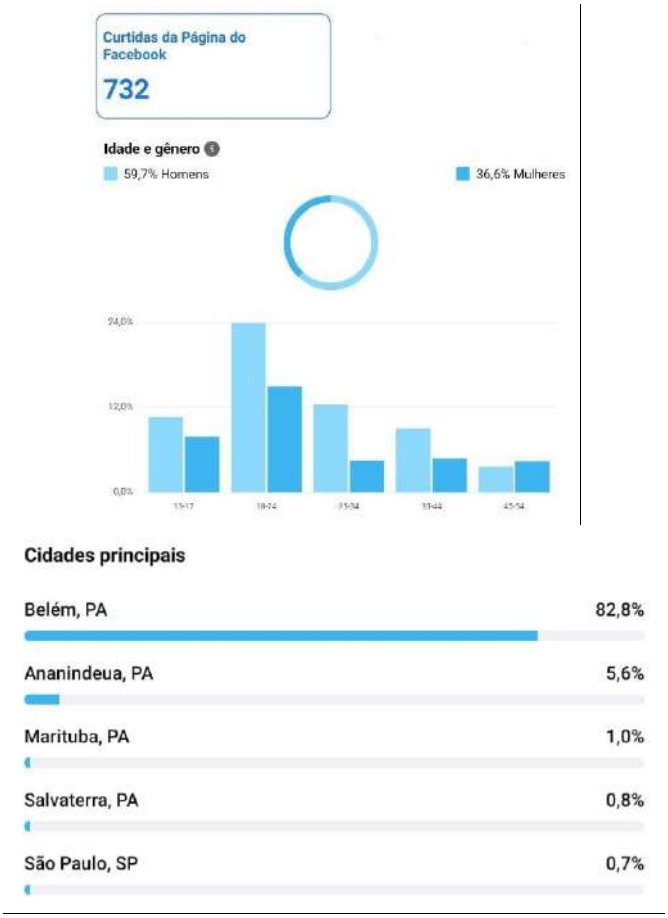
**Figura 6 -** Alcance da página ceamintegral no Facebook de janeiro a junho de 2021




**Fonte:** Página oficial da Escola / Gerenciador de negócios do Facebook

E também na figura 7 onde podemos observar o crescimento do público na página da escola:

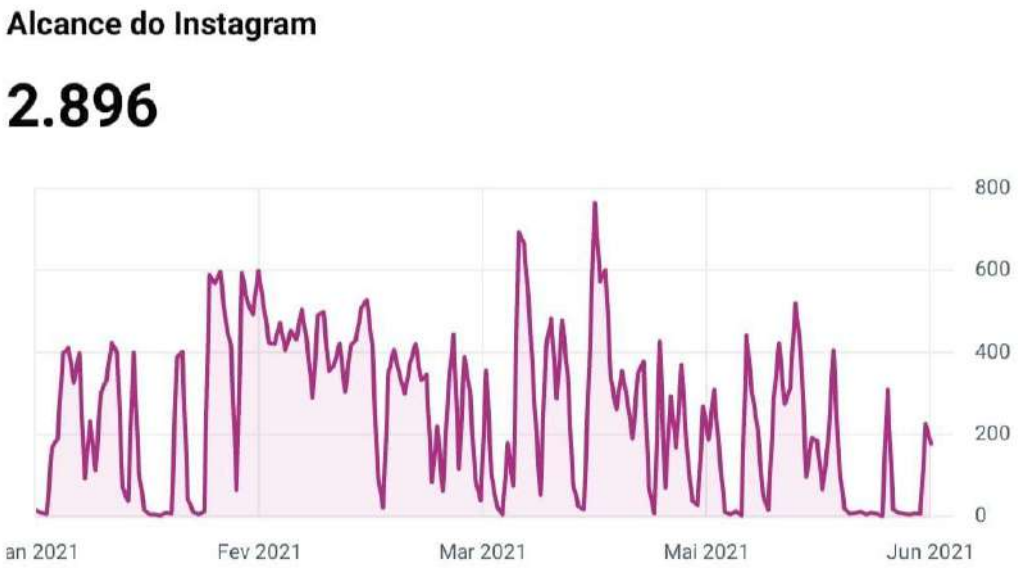
**Figura 7** - Público da página ceamintegral no Facebook de janeiro a junho de 2021




**Fonte:** Página oficial da Escola / Gerenciador de negócios do Facebook

Quando chegamos ao Instagram, constatamos que o alcance vem em picos, como atestado na figura 8.

**Figura 8** - Alcance do perfil ceamintegral no Instagram de janeiro a junho de 2021




**Fonte:** Perfil oficial da Escola no Instagram/Gerenciador de negócios do Facebook

Já ao chegarmos no público do Instagram, observamos uma sensível diferença do público de Belém em relação ao Facebook, o que comprova a decisão assertiva da escola ao concentrar seus esforços de redes sociais na outra rede. Como podemos conferir na figura 9.

**Figura 9** - Publico do perfil ceamintegral no Instagram de janeiro a junho de 2021

**Fonte:** Perfil oficial da Escola no Instagram / Gerenciador de negócios do Facebook

Ao observarmos os dados extraídos das ferramentas do Facebook e do Instagram conseguimos observar que o alcance das publicações é constante mês a mês, ultrapassa até mesmo o número de alunos da instituição e atinge outras faixas etárias, se mostrando uma ferramenta útil até mesmo para o contato entre a instituição e pais ou responsáveis dos alunos. Sibilia (2012) destacou o caráter multifacetado da escola ao nos indagar que:

> Talvez essa instituição multifacetada e modelar que imprime sua marca no presente não seja tão somente o inefável espírito empresarial que tudo impregna, mas também – e quem sabe mais precisamente – as redes de conexão global como a internet. Ou o tecido sem fios da telefonia celular, ou então as redes sociais como o Twitter e o Facebook. Ou seja, recursos imensamente utilizados pelos colegiais em escala planetária. (SIBILIA, 2012, p. 43)

Porém os resultados alcançados só foram possíveis pela criação de um conteúdo que realmente envolve os alunos e responsáveis. Como veremos a seguir.

## 3 METODOLOGIA

A inserção no ambiente das redes sociais se mostrou frutífera pela direção da Escola Estadual Augusto Meira, que compreendeu “que se pode ignorar as tecnologias digitais, se os próprios alunos não ignoram e elas estão amplamente acessíveis” (DE MATTOS, 2020). A solução foi usá-las a seu favor, criando conteúdo diário e interativo para estimular seus alunos e professores a manter o rendimento da escola, como vemos nas figuras 10 e 11.

**Figura 10** - Publicações de lives de professores e parabenização de calouros

**Fonte:** Página oficial da escola / Gerenciador de negócios do Facebook

**Figura 11** - Publicações de conteúdo motivacional e avisos da escola.

**Fonte:** Página oficial da escola / Gerenciador de negócios do Facebook

Esse novo tipo de comunicação multimídia que, graças ao seu aspecto móvel, alcança os pais e alunos em qualquer lugar, é uma evolução natural já que mesmo antes da pandemia de Covid-19, as atividades feitas offline e online já estavam começando a se confundir. Isso porque estamos cada vez mais na Era da Informação, na qual a tecnologia se torna fundamental para as relações entre pessoas (ARAÚJO, 2020). A questão a ser respondida é basicamente uma só: O que vem a seguir?

## 4 CONCLUSÃO

É importante compreender que “cada um dos elementos desta grande transformação da comunicação representa a expressão das relações sociais” (CASTELLS. 2016, p. 100) e em tempos de pandemia, de isolamento e distanciamento social quando é praticamente impossível prever todos os cenários, são justamente essas relações que podem fazer a diferença no rendimento e no desenvolvimento de um aluno.

E no século 21 quando

> governos podem se digitalizar, se modernizar e tornar seus serviços mais eficientes; setores educacionais podem oferecer educação à distância; mercados podem produzir em regime de home office; e a sociedade, como um todo, vai aprendendo um

> novo tipo de interação, que vai se tornando essencial. (ARAÚJO, 2020)

Por isso, é imperativo continuar criando estratégias para aumentar o engajamento entre os alunos, pais e professores, estudando novas redes sociais e ferramentas que ajudem a prosperar nesse novo espaço público coletivo, usando as redes para quebrar paredes.

A Escola Estadual Augusto Meira vive um processo de inclusão digital que reflete uma evolução muito necessária nos dias de hoje já que é precisamente porque o processo e tão diverso e porque as tecnologias de comunicação são tão versáteis, o novo sistema de comunicação digital global torna-se a mais inclusiva e compreensiva de todas as formas e conteúdo da comunicação social. (CASTELLS. 2016, p. 195).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago. Inclusão digital no Brasil: em que estágio desse processo estamos? politize. brasil, 18 de setembro de 2020. Disponível em: https://bit.ly/3bPedvB. Acesso: 03 abr. 2021.

Augusto Meira Filho: Ideb 2019. Edu. Brasil. Disponível em: https://bit.ly/35oJPVa. Acesso: 15 de jun. 2021.

BULHÕES, Nice. Os desafios da inclusão digital na educação em tempos de Covid-19. A cidade on Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3oL40W8. Acesso: 04 abr. 2021.

CASTELL, Manuel. O Poder da Comunicação. São Paulo: Paz & Terra, 2016

DA ROCHA, Paulo Mendes. A maternidade-escola que virou colégio em Belém. Laboratório virtual da UFPA. Brasil. Disponível em: https://bit.ly/34b5yPV. Acesso: 03 mar. 2021.

DE MATTOS, Cristiane Millan. A escola como espaço de inclusão digital. Brasil Escola. Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3fiO8XX. Acesso: 15 jun. 2021.

ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO MEIRA INTENSIFICA ATIVIDADES NÃO PRESENCIAIS PARA REFORÇAR OS ESTUDOS DOS ALUNOS. Agência Pará. Brasil. Disponível em https://bit.ly/3fL9Xhw. Acesso em 15 de maio de 2021.

ESTUDANTES DE BELÉM COMENTAM SOBRE O NÍVEL DE DIFICULDADE DO ENEM. G1 Pará. Brasil. Disponível em https://glo.bo/3zncJTr. Acesso em 15 de junho de 2021.

FRAGOSO, Suely; Recuero, Raquel; Amaral, Adriana. Métodos de pesquisa para a internet. Porto Alegre: Sulina. 2016

FERRO, Ana Paula Rodrigues. A Netnográfia como metodologia de pesquisa: Um Recurso Possível. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, Ano 5, n.19, agosto de 2015.

QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS APONTADOS PELOS PROFESSORES DURANTE A PANDEMIA? Todos pela educação. Disponível em https://bit.ly/2Srsg3l. Acesso: 02 fev. 2021.

Qual o desempenho do EEEM Augusto Meira na nota do ENEM? Melhor Escola. Disponível em: https://bit.ly/3iHJlRO. Acesso: 15 jun. 2021.

RECUERO, Raquel; Bastos, Marco; Zago, Gabriela. Análise de Redes para Mídia Social - porto alegre: sulina. 2015.

MASSAROLO, João; Santaella, Lucia; Nesteriuk, Sergio (Orgs.). Desafios da Transmídia: Processos e Poéticas. São Paulo, Estação das Letras e Cores. 2018

MILLAN de Mattos, Cristiane. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO DIGITAL. Brasil Escola. Brasil, disponível em https://bit.ly/3fiO8XX. acesso em 10 de maio de 2021.

'PROVA FOI FÁCIL', AVALIAM OS PRIMEIROS CANDIDATOS A CONCLUIR O ENEM EM BELÉM. G1 Pará. Disponível em https://glo.bo/35oUlvG. Acesso em 15 de junho de 2021.

SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.

# A MIDIATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO[55]

# MEDIATIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN DE ESTUDIANTES WITH HIGH ABILITIES / GIFTEDNESS

# MEDIATIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN DE ESTUDIANTES CON ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTACIÓN

Christiane do Rosário Teixeira Menezes[56]
Rosângela Araújo Darwich[57]

**Resumo**: Este estudo objetiva refletir acerca da importância da midiatização na educação formal de alunos com altas habilidades/superdotação. De caráter qualitativo, tem como base autores que estudam e analisam tal temática em suas mais diversas áreas de atuação, tais como Hjarvard, Coldry e Hepp, e Virgolim. Destaca-se que a reflexão embasada na literatura de diferentes áreas de investigação e atuação representa a interdisciplinaridade em uma pesquisa exploratória. Foi realizado um levantamento sobre o conceito de midiatização a fim de construir bases para apresentar não apenas aspectos técnicos referentes à altas habilidade/superdotação, mas especialmente os benefícios oferecidos ao processo de ensino-aprendizagem desses alunos quando vivenciam uma educação que acompanha o processo de transformação no aspecto comunicacional. A análise da inserção da midiatização especificamente voltada para a educação de alunos com altas habilidades/superdotação fundamenta a necessidade de uma proposta de educação realmente desafiadora e motivacional.

**Palavras-chave**: Midiatização. Educação. Altas habilidades/superdotação.

[55] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[56] Mestre em Neurociências e Biologia Celular (UFPA), pós-graduação em Linguagem, Saúde Pública, Direito Médico e Proteção Jurídica em Saúde e aperfeiçoamento em voz (INVOZ/SP), doutoranda em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA). Professora da Universidade da Amazônia. E-mail: christianemenezes@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8025-0218.

[57] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA). Professora da Universidade da Amazônia (PPGCLC e graduação em Psicologia). E-mail: rosangela.darwich@unama.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

**Abstract:** This study aims to reflect on the importance of mediatization in the formal education of students with high abilities / giftedness. Qualitative in nature, it is based on authors who study and analyze this theme in its most diverse areas of expertise, such as Hjarvard, Coldry and Hepp, and Virgolim. It is noteworthy that the reflection based on literature from different areas of investigation and action represents interdisciplinarity in an exploratory research. A survey was carried out on the concept of mediatization in order to build bases to present not only technical aspects related to high abilities/giftedness, but especially the benefits offered to the teaching-learning process of these students when they experience an education that accompanies the transformation process in the communicational aspect. The analysis of the insertion of mediatization specifically aimed at the education of students with high abilities/giftedness underlies the need for a truly challenging and motivational education proposal.

**Keywords**: Mediatization. Education; High Abilities/Giftedness.

**Resumen**: Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la mediatización en la educación formal de estudiantes con altas capacidades / superdotación. De carácter cualitativo, se basa en autores que estudian y analizan este tema en sus más diversas áreas de especialización, como Hjarvard, Coldry y Hepp, y Virgolim. Es de destacar que la reflexión basada en la literatura de diferentes áreas de investigación y acción representa la interdisciplinariedad en una investigación exploratoria. Se realizó una encuesta sobre el concepto de mediatización con el fin de construir las bases para presentar no solo los aspectos técnicos relacionados con las altas capacidades / superdotación, sino especialmente los beneficios que ofrece al proceso de enseñanza-aprendizaje de estos estudiantes cuando experimentan una educación que acompaña a la proceso de transformación en el aspecto comunicacional. El análisis de la inserción de la mediatización específicamente orientada a la formación de estudiantes con altas capacidades / superdotación subyace en la necesidad de una propuesta educativa verdaderamente desafiante y motivadora.

**Palabras clave**: Ediatización. Educación. Altas habilidades/superdotación.

## 1 INTRODUÇÃO

A necessidade de abordar o tema midiatização vai ao encontro de mudanças que vêm ocorrendo em todo o contexto sociocultural mundial e que interferem diretamente no processo comunicativo e, consequentemente, no estilo de vida de cada um. A midiatização tem se tornado um conceito fundamental para descrever o momento atual, repensar algumas questões antigas e entender

a influência da mídia na sociedade, considerando a expansão dos meios de comunicação, que levou a novas formas de construção do conhecimento. Métodos e abordagens diferenciadas surgem no sentido de reestruturar o processo cognitivo a partir de teorias e práticas profundamente conectadas com a realidade.

Em um contexto de mudanças, comunicação e educação apresentam interfaces importantes a serem consideradas. Professores e alunos precisam ser compreendidos enquanto sujeitos ativos de um processo educativo que vive diretamente os reflexos apresentados por esse novo contexto. Pensar na educação a partir de novas propostas de comunicação, que se apresentam por meios até mesmo complexos em termos de tecnologia, desafia toda a comunidade escolar e convida que se permitam vivenciar novas experiências, sob pena de não mais apresentar resultados efetivos no contexto educacional.

Nas palavras de Hjarvard (2012),

> A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais. Nestas circunstâncias, nossa tarefa, em vez disso, é tentar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença da mídia (HJARVARD, 2012, p. 54).

Problematizar a educação a partir da midiatização implica abordar questões técnico-pedagógicas ora utilizadas no processo ensino-aprendizagem com uma perspectiva crítica acerca do que deve ser transformado ou mesmo mantido no processo educativo. Instituições educacionais, referências no ensino formal, necessitam se questionar quanto à legitimação de metodologias muitas vezes vistas apenas em um contexto informal das comunicações midiáticas, e compreendê-las enquanto imprescindível na formação de educandos imersos em um meio altamente tecnológico.

Diante dessa perspectiva, Silva (2013) refere que a partir de uma projeção negativa, professores relatam possíveis obstáculos que se configuram como resistência ao processo de transformação como o comprometimento da sociabilidade e do contato visual, podendo gerar mais uma forma de um breve contato, aumentando o modo de se expressar com poucas palavras.

Tendo em vista essa necessidade urgente, considerando a educação regular de jovens e adultos, o que pensar sobre a educação especial de alunos com altas habilidades/superdotação?

A não compreensão de mudanças recentes por parte do professor e a permanência em abordagens pedagógicas tradicionais podem levá-lo a incorrer em um diálogo comprometido, muitas vezes afastando o educando, o que comprometeria sobremaneira a sua missão educacional e a formação de um indivíduo que busca, na educação formal, uma maneira de se encontrar enquanto cidadão ativo em meio às transformações da sociedade.

Neste sentido, este estudo objetiva refletir acerca da importância da midiatização na educação formal de alunos com altas habilidades/superdotação. Para tanto, são discutidos conceitos básicos sobre midiatização e sua inserção nos espaços de educação como forma de construção de uma análise crítica.

## 2 MIDIATIZAÇÃO: COMPREENDENDO CONCEITOS

O termo midiatização tem sido amplamente abordado em diferentes contextos, especialmente a partir do século XX, período a partir do qual tem sido possível vivenciar profundas e crescentes transformações no aspecto comunicacional.

A compreensão do termo midiatização perpassa, inicialmente, por descrever a inserção da mídia na cultura e na sociedade em diferentes contextos. Coldry e Hepp (2020) apresentam a mídia enquanto meio de comunicação efetivado a partir do uso da tecnologia, de maneira a institucionalizar a comunicação. Neste contexto, o entendimento de que a midiatização se configura enquanto processo sociocultural tem sido amplamente considerado.

Partindo de uma análise cronológica, Hjarvard (2021, p. 55), acerca da midiatização, referiu-se “ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política”. Em outro momento, surgiu um conceito que descreve a influência dos meios de comunicação sobre a pesquisa, tornando-a como imprescindível para a “difusão do conhecimento e interpretação de ciências” (HJARVARD, p. 57). Mais

recentemente, foi possível encontrar referência de uma relação de transformação multidimensional da religião por meio da midiatização, bem como com a modernidade de maneira mais ampla.

Segundo Sodré (2007), o conceito de midiatização precisa ser compreendido de uma maneira mais ampla.

> Por midiatização, entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiatização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2007, p. 17).

Compreender o conceito de midiatização implica se apropriar da mudança comunicativa que vem ocorrendo e que está em crescente expansão na construção de diferentes práticas sociais. Para Krotz (2007, p. 39), “a midiatização, por sua própria definição, está sempre vinculada ao momento e ao contexto cultural”, sendo vista, então, como um processo contínuo que faz parte das ações humanas cotidianas.

Hjarvard (2012) apresenta várias perspectivas para o conceito de midiatização, que perpassam pelos processos de extensão, substituição, fusão e acomodação, porém ressalta a necessidade da validação empírica, por meio da análise histórica, cultural e sociológica.

Nesse sentido, cabe compreender que comunicação é fundamental para a construção do mundo social, enquanto um conjunto de práticas que permitem dar sentido ao mundo e construir mecanismos para coordenar o comportamento, em uma abordagem em que o mundo social é algo construído e está entrelaçado com as mídias (COLDRY; HEPP, 2020).

O conceito de midiatização, então proposto por Coldry e Hepp (2020), advém da mediação das práticas comunicativas que influenciam na construção do mundo social.

> Com a midiatização profunda, novas e importantes infraestruturas para a interação e socialização humanas tornaram-se disponíveis em questão de duas décadas, o que significa que (quer reconheçamos isso ou não) a construção da realidade cotidiana tornou-se ela própria sujeita a novos e importantes distúrbios e conflitos (COLDRY; HEPP, 2020, p. 40).

Assim, diante de um cenário em que a comunicação cotidiana está completamente enredada por diferentes mídias, o contato físico, presencial, tem se tornado menos central nas relações interpessoais. Não cabe mais uma compreensão limitada do processo comunicativo, sob pena de torná-lo completamente ineficiente. Torna-se ultrapassada a tentativa única de traduzir conceitos que apenas descrevem o que vem a ser a midiatização. A mera definição promove um comportamento muitas vezes estático.

É chegado o momento de partir para uma análise crítica, que busca a reconstrução do conhecimento baseado em novos saberes e o reconhecimento do real papel de cada um na sociedade, considerando uma contribuição ativa que permita o desenvolvimento de ações efetivas nesse processo de transformação.

## 3 MIDIATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Muitas são as dificuldades vivenciadas pelas escolas em relação à “convivência” com os meios de comunicação. O ensino formal está arraigado em um padrão de educação extremamente tradicional que ainda vê com dificuldade a possibilidade de aprendizagem que vai além dos métodos teóricos conteudistas, o que muitas vezes aprisiona professor e aluno.

Nessa perspectiva, o próprio professor também se apresenta como refém de uma formação, enquanto graduação, que não o preparou para desenvolver suas funções baseadas em uma pedagogia que pode e deve ser renovada, atualizada, ajustada conforme o momento e o contexto nos quais precisa ser aplicada.

Os espaços formais de educação, por vezes, silenciam a midiatização na formação das novas gerações, apesar do entendimento de sua importância. Mesmo os meios de comunicação mais comumente encontrados ainda são utilizados pelos educadores de maneira excepcional, muitas vezes reduzindo a mídia a aspectos instrumentais (ROSSETO, 2015).

O desafio de fazer com que os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem em uma educação formal superem dificuldades de interação com as diferentes formas de comunicação, especialmente no que tange à midiatização, tem sido abordado de diferentes formas nos mais diversos espaços ao longo do mundo, com base, inclusive, em publicações realizadas por parte de organizações como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em consonância com orientações internacionais.

Rosseto (2015) ressalta que as ações surgem a partir da necessidade de alfabetização midiática e informacional, de modo a garantir os direitos de todos os cidadãos – entre eles, o direito à informação, tornando-os capazes de acessar informações de qualidade. Especificamente no Brasil, não há um consenso quanto à abordagem mais adequada das mídias nas instituições formais de educação (ROSSETO, 2015). A temática, porém, apesar de ainda ser discutida em ações pontuais, é de relevância significativa.

Acerca da educação de alunos com altas habilidades/superdotação, cabe, inicialmente, um breve comentário acerca do conceito de inclusão. A inclusão é o resultado da soma de oportunidades bem-sucedidas que são possibilitadas a qualquer cidadão, não sendo restrita a decretos que não oportunizem o real acesso às oportunidades e aos meios para superar os desafios que promovam o seu desenvolvimento (ARAÚJO, 2003).

A educação inclusiva, a partir do reconhecimento e valorização da diversidade como fator de enriquecimento do processo educacional, tem provocado mudanças na escola e na formação docente, propondo uma reestruturação da escola que beneficie a todos os alunos. A organização de uma escola prevê o acesso à escolarização e o atendimento às necessidades educacionais especiais (MEC, 2006).

Atualmente, a educação inclusiva tem sido alvo de um efetivo debate em relação à inclusão de educandos com necessidades especiais. A nova política da Educação Especial numa perspectiva inclusiva tem dividido opiniões e gerado bastante resistência. Medeiros *et al* (2020, p. 3-4) alerta quanto à necessidade de não se admitir uma ilusão acerca da ideia de escola democrática, e acrescenta que "a escola será mais democrática à medida que acolher, ensinar e educar a todos ao mesmo tempo em que respeita as diferenças individuais". Tomando como base esse novo paradigma, uma educação de qualidade deve estar associada à aceitação da pluralidade.

Diante desse contexto, as escolas precisaram se adaptar, porém Medeiros *et al* (2020, p. 3-4) reiteram que as adaptações físicas não devem ser suficientes, sendo necessário que haja transformação da prática pedagógica, visando a inserção dos alunos com necessidades educacionais especiais em classes regulares que garantam seu pleno desenvolvimento e exercício da cidadania, tornando "fundamental a consciência crítica do profissional de educação e de sua responsabilidade pela aprendizagem dos seus educandos, o que inclui o deficiente".

Nas últimas décadas, muito tem sido discutido acerca das altas habilidades/superdotação. Entretanto, conforme refere Alcântara (2020), ainda é insuficiente o conhecimento dos educadores, reforçando que, em sua pesquisa, foi constatado que a formação ofertada aos educadores, apesar de ser mais frequente, ainda é ineficaz, pois não tem demonstrado reflexos positivos na prática.

A Associação Brasileira para Altas Habilidades/Superdotação (ABAH/SD), refere que "superdotação é um conceito que serve para expressar alto nível de inteligência e indica desenvolvimento acelerado das funções cerebrais" (SIMONETTI, 2007, p.1). Estabelecer um conceito para pessoas com altas habilidades é um processo dinâmico por apresentar inúmeras variáveis e "formas distintas de nomenclatura, como: superdotados, bem-dotado, sobredotado, talentoso, e afins, advindos dos avanços das investigações na área da cognição, das traduções e de questões sócio-históricas" (ALCÂNTARA, 2020, p. 3).

Para Virgolim (2019), o diagnóstico das altas habilidades / superdotação deve ser pautado em elementos importantes, tais como heterogeneidade, multipotencialidade e influência da genética e do ambiente. Na tentativa de responder quem são os superdotados, muitos estudiosos utilizam a concepção de superdotação dos três anéis proposta por Renzuli, que considera a existência de uma habilidade acima da média, o envolvimento com a tarefa e a criatividade (VIRGOLIM, 2019).

Para Renzulli (2005 apud Virgolim, 2019), a superdotação é um fenômeno que ocorre no desenvolvimento humano, o qual pode ser compreendido por meio de comportamentos observáveis. São muitas as peculiaridades. Apesar disso, Virgolim (2019) ressalta que as altas habilidades / superdotação advêm da interação dinâmica de três fatores: o grau que uma determinada habilidade é apreendida, interiorizada e expressa, o nível de motivação que o indivíduo revela ao desempenhar tarefas em áreas específicas do seu interesse e o grau de originalidade que suas ideias podem trazer à área de interesse.

Entretanto, cabe registrar que, conforme Andrade e Marin (2020), por meio da Resolução nº 4, de 2009, o Ministério da Educação toma como base o modelo descrito por Renzulli, que foi incorporado ao sistema educacional brasileiro em 2005, e considera a superdotação a partir da concepção de superdotação dos três anéis, do modelo triádico de enriquecimento e do modelo de enriquecimento para toda a escola.

No que concerne especificamente à educação formal de educandos com altas habilidades/superdotação, a midiatização pode desempenhar um papel preponderante, tendo em vista a necessidade urgente desses alunos serem constantemente desafiados em seu processo educacional. Pedro e Capellini (2020) ressaltam que atividades pedagógicas por meio de tecnologias digitais precisam ser inseridas na educação formal desses alunos, com objetivos que vão além da mera instrumentalização. É preciso fornecer um meio incentivador, que os permita ter amplo acesso às informações para a produção de conteúdos críticos que atendam às expectativas deles.

A motivação de alunos com altas habilidades/superdotação, a partir da definição de sua área de interesse, precisa ser amplamente considerada. Neste

sentido, tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), sendo usadas com intencionalidade definida e de maneira produtiva, podem contribuir significativamente para o enriquecimento do processo educacional desses alunos.

Medeiros *et al* (2020) salientam, então, que o poder público deve estar realmente comprometido, visando ampliar o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais na rede pública de ensino, criando políticas públicas efetivas voltadas a este acesso. As instituições educacionais terão que adaptar-se à diversidade, de modo a não gerar segregação e valorizando o planejamento e a implementação de propostas pedagógicas comprometidas com a diversidade e a flexibilidade curricular.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 26),

> Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstra a necessidade de resgatar a autoestima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais.

Educadores precisam ser diariamente desafiados, ao trabalhar com a diversidade, além de ousados e criativos, para que busquem mecanismos que evitem a criação de barreiras e minimizem aquelas já existentes que impedem o desenvolvimento e o potencial dos educandos (MEDEIROS *et al*, 2020).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A midiatização na educação formal de alunos com altas habilidades/superdotação deve ser abordada de maneira bastante criteriosa e, indiscutivelmente, passa por diversas temáticas, quase sempre polêmicas, que pretendemos explicitar por meio de reflexões que subsidiam o caráter exploratório e qualitativo deste estudo.

Conforme índices apontados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (SOUZA, 2021), 3% a 5% dos brasileiros apresentam altas habilidades / superdotação e correspondem, portanto, a uma parcela importante da população

escolar. A transformação no processo educacional desses alunos deve ser pensada de maneira criteriosa, visando alcançar aqueles que não podem permanecer invisíveis, sem reconhecimento educacional.

É indiscutível que as escolas devem assegurar aos alunos com necessidades educacionais especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas, para que eles sejam atendidos em suas reais necessidades de maneira efetiva.

É pertinente salientar, ainda, que todas as legislações voltadas para a inclusão educacional de educandos com altas habilidades/superdotação reforçam o quanto esses alunos necessitam de ações educativas especiais, e, portanto, a importância não apenas da identificação desse público, como também do atendimento educacional voltado a ele.

Para isso, é preciso compreender a transformação comunicacional pautada em ações práticas que contribuam de maneira efetiva para o processo ensino-aprendizagem, bem como a comunicação enquanto um processo de construção social, para que os vários níveis de complexidade e formas de comunicação sejam significativos e passem a se constituir enquanto elementos de construção ativos em cada contexto.

Inúmeros desafios precisam ser superados até que o tema midiatização seja alcançado pelos profissionais da educação de modo a garantir a inclusão de seus alunos, permitindo que vivenciem as transformações ora apresentadas. Entre inúmeras possibilidades, é necessário que as mídias sejam trabalhadas diariamente nos espaços das salas de aula, seja no âmbito da formação básica, como especificamente na educação superior, considerando a própria formação do professor. Para isso, políticas públicas e privadas de educação em informação e comunicação devem ser implementadas.

Em linhas gerais, quanto a importância da midiatização na educação formal de alunos com altas habilidades/superdotação, fica ressaltada a necessidade de uma proposta de educação realmente desafiadora e motivacional para todos os envolvidos.

**REFERÊNCIAS**

ALCANTARA, Brenda Derbli. Inclusão de alunos com Altas Habilidades/ Superdotação na Educação Infantil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, n. 6, v. 6, p. 05-25, 2020. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/inclusao-de-alunos. Acesso: 10 jan. 2021.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Formação do professor do ensino básico para a educação para a mídia: avaliação de um protótipo de currículo. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

ANDRADE, Erika Isabel Dallatorre; MARIN, Angela Helena Altas Habilidades / Superdotação: Conceito e Legislação Brasileira. 2020. Disponível em: https://ibdfam.org.br/artigos/1389/Altas+Habilidades++Superdota%C3%A7%C3%A3o:+Conceito+e+Legisla%C3%A7%C3%A3o+Brasileira+High+Abilities++Giftedness:+Concept+and+Brazilian+Legislation. Acesso: 10 jan. 2021.

ANTIPOFF, Cecília Andrade; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Superdotação e seus mitos. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v.14, n. 2, p. 301-309, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/cFcPTS7QRGqk9mKZsW5tWVz/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 10 jan. 2021.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª. ed. Brasília: Secretaria da Educação, 2001.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. A construção mediada da realidade. RS: Unisinos, 2020.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. Matrizes, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930. Acesso: 10 jan. 2021.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Matrizes, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/3832. Acesso: 10 jan. 2021.

KROTZ, Friedrich. Mediatisierung: Fallstudien zum Wandel von Kommunikation. Wiesbaden: VS Verlag für Socialwissenschaften, 2007.

MEDEIROS, José Marcos de *et al*. Educação Inclusiva: a necessidade de mudanças de paradigmas e revisão de conceitos. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 2, p. 5-16, 2020. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/mudancas-de-paradigmas. Acesso: 10 jan. 2021.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Perspectivas para construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, E. S. C. F. (Org.) Escola Inclusiva. São Carlos: EduFSCar, 2002. p. 61-85.

PEDRO, Ketilin Mayra; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Tecnologias digitais e o fenômeno da superdotação: uma análise do conhecimento de estudantes e professores da educação básica. Polyphonía, São Paulo, v. 31, n.2, 2020. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/67087. Acesso: 10 jan. 2021.

RENZULLI, Joseph. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: R. J. Sternberg & J. E. Davis (Orgs.) Conceptions of giftedness. New York: Cambridge University Press, 1985. p. 53-92.

ROSSETO, Larissa Fernanda Domingues. Midiatização e a escola: proposta de uso das mídias em suportes digitais no ensino formal. X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã. UNESP, FAAC. Bauru-SP, 2015.

SILVA, Reia Silvia Rios Magalhães e. A inserção dos sujeitos educacionais em processos midiáticos: usos/interações em discursos na construção de conhecimento para a produção acadêmica mediada pela internet. RUMRES. v. 7, n.14, p. 296-314, 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69444. Acesso: 10 jan. 2021.

SIMONETTI, Dóra Cortat. Altas habilidades: revendo concepções e conceitos, 2007. Disponível em: http://www.altashabilidades.com.br/. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. Matrizes, São Paulo, n. 1, p. 15-26, 2007. Disponível: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38174. Acesso: 10 jan. 2021.

VIRGOLIM, Ângela. Altas Habilidades/superdotação: um diálogo pedagógico urgente. Curitiba: InterSaberes, 2019.

SOUZA, Ludmilla. Mais de 24 mil crianças no Brasil são superdotadas, mostra censo. Escolas Exponenciais, 2021. Disponível em: https://exnews.escolasexponenciais.com.br/por-dentro-da-escola/mais-de-24-mil-criancas-no-brasil-sao-superdotadas/. Acesso: 10 jan. 2021.

# MAIORIDADE EDUCACIONAL OU MAIORIDADE PENAL?[58]

# EDUCATION AGE OR CRIMINAL AGE?

# ¿EDAD EDUCATIVA O EDAD CRIMINAL?

Márcia Bethânia de Albuquerque Vinagre[59]
Analaura Corradi[60]

**Resumo:** O referido trabalho cujo a temática versa sobre a "Maioridade educacional ou maioridade penal?" objetiva analisar a legislação educacional infanto-juvenil à luz da discussão sobre o direito à educação dos adolescentes privados de liberdade, que cumprem medida socioeducativa. Investigando se a maturidade educacional ou a redução da maioridade penal podem servir como marcos definidores do aumento ou da redução da violência urbana. Para tanto, será realizado um estudo bibliográfico e documental acerca do assunto.

**Palavras-chave**: Maioridade educacional. Redução da maioridade penal. Direito à educação. Violência urbana.

**Abstract:** The aforementioned work whose theme is about "Educational adulthood or penal adulthood?" aims to analyze the children's educational legislation in the light of the discussion on the right to education of adolescents deprived of liberty, who comply with socio-educational measures. Investigating whether educational maturity or the reduction in the age of criminal responsibility can serve as defining marks for the increase or reduction of urban violence. Therefore, a bibliographic and documentary study on the subject will be carried out.

---

[58] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco" do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[59] Mestre em Direitos Fundamentais pela Universidade da Amazônia em 2017 - UNAMA. Especialista em Direito Processual em 2017 - UNAMA. Especialista em Ensino Superior em 1997 – UNAMA. Bacharel em Direito em 2009 - FACI. Pedagoga em 1992 - UNESPA. Assessora Especializada Técnico do Ministério Público do Estado e Professora titular do Curso de Direito e Pedagogia da FACI – Wyden. Doutoranda no Programa de Pós graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano (2020) pela UNAMA.

[60] Doutorado em Ciências Agrícolas pela Universidade Federal Rural da Amazônia em Ecossistemas Amazônia (2009), Mestrado em Letras: Lingüística da Universidade Federal do Pará (1998) e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas (Jornalismo, Relações Públicas) (1980). Exerce atividades de Comunicação Social desde 1980, Professora universitária desde 1990. Atualmente é professora titular na Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará Brasil, nos cursos de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) (1990) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (2009), Professora do Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano (2018) da UNAMA.

**Keywords:** Educational adulthood. Reduction of criminal age. Right to education. Urban violence.

**Resumen:** La mencionada obra cuya temática trata sobre "¿Adultez educativa o adultez penal?" tiene como objetivo analizar la legislación educativa infantil a la luz de la discusión sobre el derecho a la educación de los adolescentes privados de libertad, que cumplen con las medidas socioeducativas. Investigar si la madurez educativa o la reducción de la edad de responsabilidad penal pueden servir como marcas definitorias para el aumento o la reducción de la violencia urbana. Por tanto, se realizará un estudio bibliográfico y documental sobre el tema.

**Palabras clave**: Edad adulta educativa. Reducción de la edad delictiva. Derecho a la educación. Violencia urbana.

## 1 INTRODUÇÃO

Os recentes debates acerca da maioridade penal têm ganhado importância, sobretudo a partir da possível aprovação da Proposta de Emenda à Constituição - PEC nº 171/1993 - Câmara dos Deputados. Contudo, tal debate carece de aprofundamento teórico sob o ponto de vista de seus pressupostos filosófico-constitucionais, ficando demasiadamente focado nos problemas sociais.

A clareza de tal discussão requer o entendimento das diferentes concepções de seus sistemas de direitos fundamentais, dentre eles, mais especificamente, o direito à educação como um direito fundamental não efetivado à altura de viabilizar a maioridade educacional dos adolescentes privados de liberdade, que cumprem medida socioeducativa, possibilitando um crescimento pessoal e profissional dos mesmos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a legislação educacional infanto-juvenil à luz da discussão sobre o direito à educação dos adolescentes privados de liberdade, que cumprem medida socioeducativa. Seu objeto de estudo é a maioridade penal e a maioridade educacional sob a ótica dos adolescentes privados de liberdade. Suspeita do descumprimento de ações ineficientes no desenvolvimento do direito à educação na execução da socioeducação para adolescentes autores de ato infracional. Apontam para a violação de um direito fundamental, que é o direito à educação e a sua preparação para o exercício pleno da cidadania. Tal problema de pesquisa parte

da premissa de que todo adolescente, independente da sua condição social, econômica e política, deve ser educado. Então pergunta-se: – A solução para minimizar a problemática de adolescentes privados de liberdade está na diminuição da maioridade penal ou na aplicabilidade da maioridade educacional?

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi o método materialista histórico, pelo qual se pode realizar o estudo dos fatos sócio jurídicos com a realidade posta, com base na teoria Zetética, analisando o contexto local e internacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois estabelece relação entre as doutrinas e jurisprudências. Quanto às fontes de informação, foram utilizadas pesquisa bibliográfica e pesquisa documental (relatórios e pesquisas) realizadas nessa área.

O artigo científico aqui apresentado investiga os aspectos normativos e teóricos, que buscam a ressocialização de adolescentes autores de ato infracional através da educação formal e não formal. A segunda seção deste trata da diminuição da maioridade penal e suas interfaces com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e com o direito à educação dos adolescentes autores de ato infracional e a terceira seção aborda sobre maioridade educacional.

## 2 DIMINUIÇÃO DA MAOIRIDADE PENAL E SUAS INTERFACES COM O ECA E O DIREITO À EDUCAÇÃO DOS ADOLESCENTES AUTORES DE ATO INFRACIONAL

Tem sido alvo de discussões a diminuição da maioridade penal brasileira, hoje prevista aos 18 anos de idade. A proposta é reduzir para os 16 anos de idade. Os recentes debates a respeito da maioridade penal têm ganhado importância, sobretudo, a partir da possível aprovação da Proposta de Emenda à Constituição - PEC nº 171/1993 - Câmara dos Deputados. Contudo, tal debate carece de aprofundamento teórico sob o ponto de vista de seus pressupostos filosófico-constitucionais, ficando demasiadamente focado nos problemas sociais.

Considerando o pensamento de Gloeckner (2015, p. 116) “A sociedade do risco é uma sociedade que se “liberta” do peso da tradição. Em seu lugar ocorre uma pluralidade de cenários futuros, contingentes, até mesmo, impensáveis”.

Mediante o pensamento de Gloeckner, ousamos fazer as seguintes indagações: será possível uma sociedade sem violência? Será possível ressocializar o adolescente autor de ato infracional? Será possível o desenvolvimento urbano que garanta a efetividade das políticas públicas para a população infanto-juvenil?

Para começar a responder a inquietude torna-se necessário o estudo a partir do pensamento de Fazzalari (1994). Segundo o autor, o direito penal e processo penal caminharam por diversas modificações ao longo da história da humanidade. Visto que a legitimação para agir, a partir do provimento como critério de identificação da titularidade do direito ao processo no Estado democrático de Direito, se deu historicamente.

Importa lembrar que a evolução jurídica de um país está intimamente ligada aos aspectos políticos e sociais, visto que cada teoria expressa uma forma política de lidar com o direito em uma determinada época e em um determinado local. Note-se, que a histórica do direito penal e processual penal, bem como a história do atendimento ao adolescente autor de ato infracional, que também sofreu historicamente significativas modificações conforme veremos a seguir.

Começando pelo estudo do que dispõe o art. 227 da Constituição Federal de 1988, quando expressa pontos básicos da doutrina da proteção integral, afirmando que tudo o que é considerado direito das crianças e adolescentes deve ser garantido pelas gerações adultas, representadas por suas famílias, bem como pela sociedade e pelo Estado, pois as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos exigíveis com base na lei.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei 8069/90, é a norma que cria as condições de exigibilidade desses direitos em seus 267 artigos.

Além da grande revolução trazida pela nova política legal, trata-se de substituição da “doutrina da situação irregular” (Lei nº 6697/79) “por um novo paradigma”. “A doutrina da proteção integral”.

Com essas mudanças, as crianças e os adolescentes deixaram de ser vistos como adultos em miniaturas e passaram a ser compreendidas como seres em desenvolvimento biopsicossocial.

Antes, havia igualdade legal entre crianças e adultos. Hoje, são vistos como pessoas em condições peculiares de desenvolvimento. Alguns de seus primeiros direitos são: o de ter uma família, o de viver em comunidade, bem como o direito

à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à profissionalização e à proteção no trabalho. Sendo assim, vistos como sujeitos de direito e não objetos de decisões. Dispõe o art. 2º do ECA *in verbis*:

> Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.
> Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

É importante lembrar, que a Lei nº 9394/96, ou Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional / LDB afirma que a Educação tem uma função social no Brasil, a de preparar o indivíduo para a vida e para o trabalho, sendo a escola um significativo canal de formação dos cidadãos.

Cada um dos atores sociais, família, Sociedade, Estado, Judiciário, Ministério Público e outros, têm sua cota de responsabilidade e contrapartida no que diz respeito aos direitos da Criança e do adolescente. Conforme expressa o art. 4º do ECA em consonância com o art. 227 da CF/88 *in verbis:*

> Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.
> Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Nesse sentido, o Direito Educacional previsto no ECA expressa que devem-se estabelecer parcerias entre os diversos atores sociais, para estimular o entendimento da peculiaridade desta fase do desenvolvimento do ser humano, como também estimular a participação da comunidade na qual estão inseridos. Participação é um processo de aprendizagem, haja vista que ela gera o fortalecimento democrático, a eliminação da submissão popular, o poder de reivindicação e pressão e a capacidade de negociação.

Com relação à política educacional, a Constituição Federal de 1988, o ECA e a LDB concedem amplos direitos, confirmando e ampliando o interesse social

pela Educação. No final deste século XX, falou-se bastante a respeito da Educação e de sua importância, porém, pouco se articulou para a aplicação dos direitos educacionais.

Ao estudarmos a legislação educacional da atualidade, percebemos que muitos avanços ocorreram desde o período da colonização, todavia, ainda não solucionamos todos os problemas.

A Educação, como direito público subjetivo, cria a situação em que é preciso haver escolas para todos, seguindo o disposto no regime jurídico constitucional e dando maior realce ao Poder Judiciário, nesse setor.

Os indivíduos têm o direito de requerer ao Estado a prestação educacional, porque o descumprimento deste dever traz, como consequência, a responsabilização da autoridade competente, segundo o art. 208, parágrafos 1º e 2º, da Constituição Federal de 1988.

A garantia do direito à educação para todos poderá ocorrer por meio de um processo de aprendizagem da população em todas as categorias, ou seja, por todos os atores sociais envolvidos nesse processo, família, Estado e sociedade, mediante reflexões sobre a problemática educacional que pode estar “na vida da escola ou na escola da vida”. O conhecimento e a experiência geram a capacidade de crítica da realidade, que vai gerar a liberdade de pensamento e a construção de projetos individuais e coletivos. Daí advém a capacidade de negociação e o reconhecimento da necessidade de se conquistar a cidadania por meio da política pública para a educação. Ademais, conforme prevê o ECA, sobre infrações administrativas - art. 245 do ECA *in verbis:*

> Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:
> Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

É preciso levar em consideração a responsabilidade tanto dos pais no exercício da educação, quanto da própria escola ou da unidade socioeducativa, enquanto organismo gerador de educação formal.

Como forma de ação democrática o controle social, da administração pública, representa um dos elementos mais importantes da democracia, por isso torna-se imprescindível a aplicação de medidas como as previstas no art. 245 do ECA. No caso dos adolescentes autores de ato infracional estes se socorrem das normas que regulam seus direitos, como o ECA, Código Penal, LDB entre outras.

Quanto ao direito à educação dos adolescentes infratores, podemos dizer que em todas as medidas socioeducativas está previsto o direito educacional, mas, contudo, apesar de sua garantia, depara-se com sua não efetividade e/ou com condições educacionais precárias.

Apesar da previsão constitucional e infraconstitucional para o direito à educação infanto-juvenil não está ocorrendo a contento. Pode-se afirmar, que é mais fácil culpar a lei, do que fazê-la acontecer de fato. Assim, percebe-se que o problema não está na falta de legislação educacional, mas sim no cumprimento dela.

Grande parte dos adolescentes autores de ato infracional em questão cursaram o 5ª ano ou o 6ª ano do ensino fundamental, ou seja, não concluíram a Educação Básica.

**Tabela 1 –** Relatório sobre o perfil do adolescente infrator em 2018.

| SITUAÇÃO ESCOLAR | QUANTIDADE |
|---|---|
| Estudam | 453 |
| Não estudam | 360 |
| Analfabetos | 104 |
| Total | 917 |

**Fonte**: Silva (2018).

Ao analisarmos o quadro a respeito da situação escolar dos adolescentes infratores, na cidade de Belém, em 2018, observou-se que dos 917 adolescentes relatados, a maioria não estudava, o que corresponde a um total de 464 adolescentes, somatória dos adolescentes analfabetos e dos adolescentes que não estudam.

Então, questiona-se: Como recuperar os adolescentes infratores? Se estes, via de regra, já trazem consigo, em sua grande maioria, uma história e vida mal estruturada, ou seja, famílias problemáticas, escolas problemáticas e, ainda, um sistema de garantia de direitos falho.

Segundo estudos feitos pelo Setor Pedagógico do Ministério Público do Estado do Pará (SALES, op. cit., 2011, p. 45), dentre os aspectos mais significativos do perfil dos adolescentes autores de ato infracional, podemos destacar:

> [...] Destes, 90%(noventa por cento) eram do sexo masculino;
> 76% (setenta e seis por cento) tinham idade entre 16 e 18 anos;
> 63% (sessenta e três por cento) não eram brancos e destes
> 97% (noventa e sete por cento) eram afrodescendentes;
> 51% (cinquenta e um por cento) não frequentavam a escola;
> 90% (noventa por cento) não concluíram o Ensino Fundamental;
> 49% (quarenta e nove por cento) não trabalhavam;
> 81% (oitenta e um por cento) viviam com a família quando praticaram o ato infracional;
> 12,7% (doze, sete por cento) viviam em famílias que não possuíam renda mensal;
> 66%(sessenta e seis por cento) em famílias com renda mensal de até dois salários mínimos,
> 85,6%(oitenta e cinco, seis por cento) eram usuários de drogas [...]

Esses dados são significativos, como visto. A situação educacional dos adolescentes atendidos é precária, porque tanto os adolescentes autores de ato infracional que estudam como os que não estudam, ambos estão no 5ª ou 6ª ano do Ensino Fundamental ou na 2ª etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA e apresentam distorção série-idade como aponta os dados acima.

Quanto aos motivos para constituir os procedimentos jurídicos, pode-se concluir que para resolver o problema dos adolescentes infratores, também seria necessário resolver o problema do direito à educação, pois as estatísticas mostraram, e mostram, ainda, que grande parte dos adolescentes infratores passou pela escola, estudou até o 5ª ano, evadiu-se e está na faixa de 15 a 17 anos vivendo na ociosidade, partindo para a marginalidade.

Para Bobbio (2004), em seu capítulo “Os direitos do homem hoje”, diz que é imprescindível o reconhecimento dos fundamentos da liberdade, da justiça e da paz no mundo e que não devemos esquecer jamais, visto que somos humanos e, portanto, precisamos de tratamento humanitário para evitar a indiferença, a violência e a guerra. Portanto, seguindo a mesma lógica, é necessário lembrar que os adolescentes em questão são seres humanos e não

animais selvagens, que precisam ser responsabilizados por seus atos por terem praticados atos de ilícitos que ferem as normas previstas. Estes precisam refletir sobre suas atitudes, precisam mudar de comportamento para que saiam da marginalidade e prefiram o trabalho, a educação ao invés da violência e delinquência.

O Direito à educação de adolescentes autores de ato infracional, no entanto, deve partir de ideias como as de Pontes de Miranda, em seus Comentários à Constituição de 1946, quando afirma que a Educação somente pode ser direito de todos se há escolas em número suficiente e se ninguém é excluído delas. Portanto, se há direito público subjetivo à educação, o Estado pode e deve prestar o serviço educacional para todos.

Fora daí, é iludir com artigos de Constituição ou de leis. Resolver o problema da educação não é fazer leis, ainda que excelentes, é abrir escolas, com qualidade, valorizar professores e incluir alunos, com metodologias adequadas, capazes de fomentar o desejo pelo conhecimento e pela evolução pessoal e profissional.

## 3 **MAIORIDADE EDUCACIONAL**

A “maioridade educacional” é a idade mínima que a pessoa precisa ter estudado; é a idade correspondente aos anos em que está inserido no sistema regular de ensino; é idade de acordo com a série; é a idade na qual há previsão legal para seu crescimento pessoal e educacional.

Também pode ser entendida através da relação idade/série. Compreende-se que seria a linha divisória de desenvolvimento mediante determinado nível educacional, ou modalidade educacional, que deverá ter sido vivida pelo educando, ao longo de sua vida estudantil.

No Brasil, a maioridade educacional, ou seja, a obrigação educacional do Estado e do indivíduo, de acordo com Vinagre (2017), começa aos quatro anos de idade, com a Educação Básica, mais especificamente, com a Educação Infantil e vai até os dezoito anos de idade, com o Ensino Médio. Portanto, pensar a relação entre maioridade penal e maioridade educacional é pensar a relação entre os efeitos da punição (responsabilidade penal) e os efeitos da educação.

Os adolescentes e jovens brasileiros são muito mais vítimas da violência urbana do que os geradores dela. Eles são o amanhã. Por isso, o caminho para

o desenvolvimento urbano, a cultura da paz, estão intimamente ligados ao processo de escolarização e à redução da desigualdade social, especialmente para os menos favorecidos economicamente. É preciso desvendar os olhos e não os tratar como uma "(in)visibilidade social perversa", como metaforiza Sales (2007) ao tratar do contexto.

Considerar o pensamento de Sales é acreditar que lugar de criança e adolescente é na escola. Que a privação de liberdade seja em uma unidade socioeducativa ou em uma prisão, deve ser a opção extrema a ser escolhida. Pois, sabe-se que estes espaços não têm conseguido ressocializar, estando mais próximo de uma "escola de infratores ou criminosos", do que de um espaço que os forme para a cidadania.

O processo educacional é o caminho mais longo, porém o mais eficaz. Conduz a formação dos indivíduos para a liberdade ao invés da marginalização.

E, por pensar em mais educação e menos prisão, vale lembrar, a norma que regula o Sistema Socioeducativo no Brasil, o SINASE, que é a sigla utilizada para designar o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, destinado a regulamentar a forma como o Poder Público, por seus mais diversos órgãos e agentes, deverá prestar o atendimento especializado, que adolescentes, autores de ato infracional, têm direito.

O Sistema SINASE foi originalmente instituído pela Resolução nº 119/2006, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, e foi recentemente aprovado pela Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, que trouxe uma série de inovações no que diz respeito à aplicação e execução de medidas socioeducativas a adolescentes autores de ato infracional, dispondo desde a parte conceitual até o financiamento do Sistema Socioeducativo, definindo papéis e responsabilidades, bem com procurando corrigir algumas distorções verificadas quando do atendimento dessa importante e complexa demanda.

Com o advento da Lei nº 12.594/2012, passa a ser obrigatória a elaboração e implementação, nas três esferas de governo, dos chamados "Planos de Atendimento Socioeducativo", de abrangência decenal, com a oferta de programas destinados à execução das medidas socioeducativas em meio aberto, cuja responsabilidade ficou a cargo dos municípios, e privativas de

liberdade, sob a responsabilidade dos estados, além da previsão de intervenções específicas junto às famílias dos adolescentes.

Para compreender a importância da educação na ressocialização de adolescentes autores de ato infracional, convém refletir acerca do pensamento de Zaffaroni (1998), em seu artigo “Desafios do Direito Penal na era da globalização”:

> O crime é indiscutivelmente uma criação política [...] A cadeia deveria virar uma escola de não criminalidade, um lugar onde os criminosos iriam bater para pedir o ensino [...] Temos o discurso profético da ressocialização, da repersonalização, da reeducação, da reinserção social. [...] A cadeia é uma oficina de fabricar matrizes humanas, de fixar comportamentos. (p. 201)

Considerando o pensamento de Zaffaroni e as informações sobre o perfil do adolescente autor de ato infracional, pode-se refletir que o processo de ressocialização, na privação de liberdade, deveria estar focado nos valores humanos, que deveriam estar focados na educação para a liberdade.

Entende-se que a privação da liberdade deveria preparar o indivíduo para a vida em sociedade, harmoniosa e não conflituosa, permitindo-lhe que possa se aperfeiçoar e modificar seu futuro, distante de qualquer envolvimento com a marginalidade, ao invés de aplicar a justiça na forma da punição pela punição.

Zaffaroni afirma que as cadeias não personificam os indivíduos para o desenvolvimento urbano, para a cultura da paz ou a cultura dos valores humanos, e sim acabam por apenas punir o indivíduo, sem fazê-los modificar sua estrutura de vida.

Fica claro que, para que o Direito à educação cumpra sua função social, é necessário a efetivação da CF/88, através da prestação de uma educação de qualidade, baseada em princípios que norteiam a vida social e, principalmente, a dignidade da pessoa humana. Que se compreenda que a ressocialização de adolescentes autores de ato infracional, só será possível se houver um processo educacional focado nos valores humanos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do estudo considerou-se que a família, a Sociedade e o Estado detêm a responsabilidade no ato de educar e cuidar de suas crianças e

adolescentes, independente de terem ou não cometido um ato infracional e que esteja ou não privado de liberdade.

Afinal conforme está previsto na legislação infanto-juvenil, conforme apontado por teóricos, o assunto educação é um dos mais importantes para a transformação do comportamento e da condição de vida dos indivíduos, possibilitando sua ressocialização para o convívio social e preparando-os para o trabalho, pois está diretamente vinculado à função social.

No entanto, não será apenas o direito penal ou o Estatuto da Criança e do Adolescente, que punindo o adolescente irá fortalecê-lo, nem mesmo a redução da maioridade penal irá reabilitar o delinquente juvenil.

É necessária uma responsabilização penalmente, porém ressalta-se que apenas a punição não modifica o indivíduo, não o torna suficientemente capaz de mudar ou a deixar de delinquir. São necessárias práticas jurídicas pedagógicas eficazes para motivar a mudança do indivíduo privado de liberdade.

É indispensável o direito à educação somado ao ECA, ao Direito Penal e as outras normas necessárias para o desenvolvimento urbano, para a vida em sociedade, que fomente a justiça, a fraternidade, o amor e a paz social. O sabor desta realização é uma sociedade mais justa, dotada de consciência e de capacidade crítica, de participação política dos indivíduos.

Assim sendo, torna-se imprescindível, que o Estado faça as devidas modificações na prestação dos serviços educacionais para os adolescentes autores de ato infracional. Tirando o adolescente da ociosidade e da marginalidade através de atividades educativas e profissionalizantes que fomentem o exercício da cidadania e a preparação para o trabalho.

Portanto, ao invés de aumentar a maioridade penal para 16 anos de idade, o Congresso (Deputados e senadores) deveriam propor uma emenda constitucional que implantasse a maioridade educacional, para que nossas crianças e adolescentes estudassem mais, sob pena de responsabilização de seus pais. Para evitar assim a incompletude educacional. Que os pais ou responsáveis fossem obrigados a incentivar as crianças e adolescentes a concluir a educação básica.

Talvez assim a população brasileira não fosse tão desigual educacionalmente e economicamente, que não tivéssemos um

"apartheid educacional", a que estão submetidas a população infantojuvenil brasileira.

Espera-se que a criação de norma para implantar a maioridade educacional, no ordenamento constitucional e infraconstitucional (LDBN) brasileiro, demonstra um dever, uma exigência legal que possibilite a efetividade do direito fundamental à educação e responsabilize pais e responsáveis, obrigando nossas crianças e adolescentes terem mais ano de estudo e finalizam, se formem no ensino médio, ou seja, que não abandonem a escola no 5º ano.

Considerando que nestes últimos 30 (trinta) anos do ECA, o direito infantojuvenil, sistema de garantias de direitos da criança e adolescente, apesar de ter evoluído, ou melhor, ter sido modificado, ainda não foi assumido deveras por aqueles que nele atuam, nem pela população do modo geral, como uma cultura social a ser adotada de fato, ficando, então, apenas no texto da lei. É necessário que o ato de educar, para a cidadania, ocorra de fato e não somente no papel.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988) ]. Constituição da República Federativa do Brasil. Organizado por Cláudio Brandão de Oliveira. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002. 320 p.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União - Seção 1, Página 27833 (Publicação Original). Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 18 agosto 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso: 18 ago. 2020.

BRASIL. Lei n. º 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jan. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm. Acesso em: 18 agosto 2020.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. Risco e processo penal. Salvador: Editora Podivm, 2015.

FAZZALARI, Elio. Isttituzioni di diritto processuale. 7. ed. Itália: Padova: CEDAM – Casa Editrice Dott. Antonio Milani, 1994.

SILVA, Cristina Romeiro. Relatório sobre o perfil do adolescente infrator em 2016. Belém: 2017.

SALES, Mione Apolinário. (In)visibilidade perversa: adolescentes como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SALES, Márcia. Relatório das ações pedagógicas do Ministério Público do Estado 2011. Belém: 2011.

BOBBIO, Norberto. Era dos direitos. Rio de Janeiro: Editora Campus. 13ª ed. 2004.

VINAGRE, Márcia Bethânia de Albuquerque. Educar e Punir: as diferentes faces da medida socioeducativa de internação. Dissertação (Mestrado em Direitos Fundamentais) - Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, 2017.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. Desafios do Direito Penal na era da globalização. Cidadania e Justiça - Revista da Associação dos Magistrados Brasileiros, v. 2, n. 5, 1998.

**ST3 -CAPITAL SOCIAL E INFODEMIA:AS REDES DE ÓDIO E DESINFORMAÇÃO NA PANDÊMIA**

***COORDENADORES***

Profa. Dra. Analaura Corradi (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Fernandes (Universidade da Amazônia)
Profa. Dra. Ivana Cláudia Guimarês de Oliveira (Universidade da Amazônia)

***ALUNOS DE APOIO***

Ma. Karen Bittencourt (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Ma. Carla Paes (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)

***EMENTA***

A sociedade implica em constantes mudanças envolvendo diversos campos sejam educativos, culturais, de formação e de trabalho. Suas ações são impactantes sejam nos aspectos e processos de capacitações, observações e de influências que englobam os registros e reconfigurações de áreas socioculturais, econômicas e comportamentais. Desta forma, o objetivo é compreender as relações das redes de capital social e cultural nas diversas manifestações da sociedade, inclusive, nas de redes sociais e/ou virtuais. Buscando estabelecer elos entre a “cultura e a resistência em tempo de necropolítica” Com uma visão de multipesquisas (Sociedade, Representação e Tecnologias) que estuda as formas pelas quais a sociedade e seus indivíduos elaboram, criam e representam e são representados nos âmbitos comunicacional, artístico e literário. Pensa a representação em seu sentido estético (representativo), como objeto do uso de tecnologias, tecnologias em sentido amplo, como meios (médium) de produções estático- sociais. E (Dinâmica Sociambiental Urbano) Esta linha envolve análises de caráter socioeconômico sobre situações em que a relação entre a sociedade e o meio urbano, inclusive a organização físico-territorial que resulta desta simbiose, influência de forma importante os aspectos socioambientais, culturais e de qualidade de vida da população. Tem como objetivo os efeitos das ações dos atores sociais sobre a organização do espaço urbano e seu meio ambiente. Além de compreender e avaliar a relação entre as políticas públicas, privadas, não governamentais e de comunidades específicas que condicionam a eficiência de ações de melhoria da dinâmica socioambiental urbana de uma dada realidade, envolvendo aspectos relacionados à educação, saúde, segurança e economia urbana, bem como aspectos culturais e históricos ligados à urbanização e ocupação do solo.

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

# CULTURA, COMUNICAÇÃO E A NECROPOLÍTICA NA CONDUÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL[61]

# CULTURE, COMMUNICATION AND NECROPOLITICS IN CONDUCTING THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

# CULTURA, COMUNICACIÓN Y NECROPOLÍTICA EN LA CONDUCCIÓN DE LA PANDEMIA DEL COVID-19 EN BRASIL

Rodolfo Silva Marques[62]

**Resumo:** Este artigo examina os impactos da gestão da crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19 no Brasil. O governo Bolsonaro (sem partido), ao usar a comunicação com retórica negacionista e gerando desinformação, fez o Ministério da Saúde perder poder em tomar medidas desalinhadas com a Organização Mundial da Saúde (OMS). O problema de pesquisa deste artigo se insere, então, no campo da comunicação e da gestão de políticas públicas: como a retórica governista contribuiu para minar os esforços para conter os impactos da pandemia no país? A hipótese é que a desorganização no processo de enfrentamento da Covid-19 gerou uma Necropolítica na disseminação das mortes no contexto da pandemia. Os resultados indicam que, se ações diferenciadas tivessem sido combinadas (*lockdown*, distanciamento controlado, campanha na TV) inclusive em um plano geral de comunicação, poderiam ter uma eficácia na prevenção de óbitos e de um combate mais efetivo ao novo coronavírus.

**Palavras-chave**: Descentralização. Governo Bolsonaro. Comunicação; Necropolítica.

**Abstract:** This article examines the impacts of managing the health crisis caused by the covid-19 pandemic in Brazil. The Bolsonaro government (no party), by using communication with denial rhetoric and generating misinformation, made the Ministry of Health lose power in taking measures that were out of line with the World Health Organization (WHO). The research problem of this article is inserted, then, in the field of communication and public policy management: how has government rhetoric contributed to undermine efforts to contain the impacts of the pandemic in the country? The hypothesis is that the disorganization in the Covid-19's confrontation process generated a Necropolitics in the dissemination

[61] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Capital Social e Infodemia: as redes de ódio e desinformação na pandemia” – do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[62] Professor Doutor da Universidade da Amazônia (UNAMA) – Belém-PA-Brasil. Professor Adjunto da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA) – Belém-PA. E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com

of deaths in the context of the pandemic. The results indicate that if differentiated actions had been combined (lockdown, controlled distancing, TV campaign), including a general communication plan, they could have been effective in preventing deaths and more effectively combating the new coronavirus.

**Keywords**: Decentralization. Bolsonaro government. Communication. Necropolitics.

**Resumen:** Este artículo examina los impactos de la gestión de la crisis sanitaria provocada por la pandemia del covid-19 en Brasil. El gobierno de Bolsonaro (sin partido), al utilizar la comunicación con retórica de negación y generar desinformación, hizo que el Ministerio de Salud perdiera el poder para tomar medidas que no estaban en línea con la Organización Mundial de la Salud (OMS). El problema de investigación de este artículo se inserta, entonces, en el campo de la comunicación y la gestión de políticas públicas: ¿cómo ha contribuido la retórica gubernamental a socavar los esfuerzos para contener los impactos de la pandemia en el país? La hipótesis es que la desorganización en el proceso de enfrentamiento del Covid-19 generó una Necropolítica en la difusión de muertes en el contexto de la pandemia. Los resultados indican que si se hubieran combinado acciones diferenciadas (encierro, distanciamiento controlado, campaña televisiva), incluido un plan general de comunicación, podrían haber sido efectivas para prevenir muertes y combatir de manera más efectiva el nuevo coronavirus.

**Palabras clave**: Descentralización. Gobierno de Bolsonaro. Comunicación. Necropolíticas.

## 1 INTRODUÇÃO

Na véspera do início de 2020, a cidade de Wuhan, na China, teve toda sua circulação esvaziada e fábricas fechadas por conta do surto de coronavírus (Sars-Cov-2), mais potente que seu antecessor de 2003, que obrigou a cidade a ficar em uma longa quarentena (CHUANG, 2020). Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um comunicado alarmante, informando que o planeta vivia uma pandemia provocada pela chegada desta outra variação de coronavírus, intitulado popularmente como Covid-19.

Naquele dado momento, com a expansão da doença para além das fronteiras chinesas, estopim de disseminação do vírus, foi feito o alerta global para que protocolos de saúde fossem aplicados para a contenção da pandemia. É necessário destacar que a pandemia se expandiu de forma diferenciada ao redor do mundo, sendo o primeiro epicentro de contágio, e infelizmente de mortes, o continente europeu e, logo em seguida, os Estados Unidos da América (HALLAL et al, 2020a).

No caso do Brasil, o país pôde observar a evolução da situação de europeus e de norte-americanos antes de tomar medidas de precaução mais rigorosas, pois no início de março o vírus da covid-19 já se mostrava altamente contagioso. Todavia, as ações de fechamento de fronteiras internacionais, e de controle dos primeiros casos notificados, foi deficitária no sentido de minimizar os danos da propagação do vírus. Essa dificuldade no combate intensivo da pandemia esteve conectada, também, à postura negacionista do presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido/RJ), que optou por uma cultura de desinformação e de descrença sobre os males da pandemia. Basicamente, em suas falas públicas à imprensa; em discursos em cadeia nacional, como o de 24 de março de 2020, em que ele comparou a Covid-19 a uma “gripezinha”; e nos “cercadinhos” no entorno dos Palácios da Alvorada e do Planalto para apoiadores, Bolsonaro enfatizou seu descaso com a crise pandêmica que se desenhava.

O presidente, em várias ocasiões, ressaltou que algumas autoridades estaduais e municipais estavam com um discurso de “terra arrasada” e que o país não poderia parar por causa do vírus – com a premissa de que os empregos deveriam ser preservados. Inclusive, houve o “ensaio” de uma campanha federal, para as redes sociais, com o tema “#oBrasilnãopodeparar”, mas acabou suspensa pelos possíveis custos e pela abordagem empregada. Em outro flanco, houve confronto presidencial com os meios de comunicação, cujo enfoque era ressaltar, por parte do governo federal, que alguns veículos brasileiros estariam supostamente criando histeria e gerando pânico junto à população.

De outro lado, o Ministério da Saúde poderia ter tido um papel centralizador nas ações de prevenção e controle da pandemia no país, algo que já vinha sendo praxe da pasta na virada neste século XXI (PAPI, 2017). Contudo, os quatro ministros que transitaram pela pasta entre fevereiro de 2020 e agosto de 2021 tiveram suas decisões e normativas frequentemente desautorizadas pelo presidente da República. Assim, o Ministério da Saúde esteve mais como fonte de auxílio logístico, para estados e municípios, do que um ministério elaborador de medidas coordenadas entre os entes federativos para superar o cenário caótico de aumento de internações respiratórias.

Tendo o cenário nacional repleto de condições geográficas, socioeconômicas e de infraestrutura da rede hospitalar peculiares, a expansão do coronavírus pelo país gerou picos de infectados e de óbitos assimétricos pelas regiões, além de ações diferenciadas dos gestores públicos estaduais devido à falta de protagonismo do Ministério da Saúde em implantar diretrizes homogêneas a serem adotadas pelos demais entes federativos.

O problema dessa pesquisa se insere, então, no campo da comunicação e da gestão de políticas públicas: como a retórica governista contribuiu para minar os esforços para conter os impactos da pandemia no país?

A hipótese de pesquisa é que a desorganização no processo de enfrentamento da Covid-19 gerou uma Necropolítica na disseminação das mortes no contexto da pandemia.

Nesse contexto, mais grave ainda, isso foi uma decisão política calculada do governo federal porque faz parte do projeto de necropoder de Bolsonaro, ou seja, priorizar a vida dos grupos sociais hegemônicos – dentro da tríade pátria, família e religião –, em detrimento da precarização da vida dos demais brasileiros.

De acordo com o que aponta Mbembe (2018), o necropoder (a ação de fazer morrer os indesejados) é uma ação para controle de grupos subalternizados. Em um contexto pandêmico, o impacto para populações pobres e negras, que possuem maiores limitações em cuidados sanitários, é nefasto. O governo federal, ao renunciar ações rigorosas de cuidado e de prevenção para toda a população, sinaliza, assim, que alguns grupos estão descartados em receber proteção estatal.

O artigo, portanto, está organizado assim: após esta introdução, na segunda seção, há uma breve discussão sobre o debate centralização versus descentralização na tomada de decisões ao longo da nossa história política, e de como, mais recentemente, o modelo de centralização de decisões no governo federal alavancou a eficiência de políticas públicas na área da saúde.

Na terceira seção, apresenta-se o conceito de necropolítica e como este conceito vem sendo chave para entender as ações de Jair Bolsonaro na presidência da República. Ao final, emergem as considerações sobre o saldo das ações desarticuladas de combate à pandemia.

## 2 A DESINFORMAÇÃO E O DEBATE CENTRALIZAÇÃO VERSUS DESCENTRALIZAÇÃO NA GESTÃO DA SAÚDE

Desde os primórdios da implementação do Estado brasileiro, é discutido o modelo mais adequado de organização estatal para dar conta de limitar ou ampliar o poder de cada ator político. O cerne da discussão está em decidir se seria melhor concentrar o poder na União, ou se deve dispersar o poder entre os entes federativos. Ferreira (1999) apresenta esse debate pelo confronto de concepções entre dois notáveis políticos do Império (1822-1889), quais sejam: Tavares Bastos e Visconde do Uruguai. Estes políticos, influentes na Corte imperial, tinham objetivos e estratégias diferentes de organização do Estado brasileiro diante dos desafios que a elite política enfrentava naquela época.

O Visconde do Uruguai, membro efetivo do Partido Conservador, defendia que o poder executivo fosse centralizado para que tivesse força política e eficácia administrativa. O intuito dessa centralização de poder era aproximar a ação do governo central dos administradores das províncias e dos municípios. Uruguai considerava as províncias como unidades antes administrativas do que políticas, pois a descentralização administrativa deixaria muito poder nas mãos dos políticos locais, algo que em um país incivilizado tenderia a empoderar as facções locais que passam a defender mais os seus interesses paroquiais do que os interesses do Estado. A administração hierárquica corrige os abusos de autoridade e o ataque às liberdades individuais em um país que vigorava a impunidade (FERREIRA, 1999).

Oposta a essa visão, está o pensamento de Tavares Bastos, um político liberal e crítico ferrenho da centralização. Tavares Bastos via no Estado um perigo para as liberdades dos indivíduos, pois o Estado tutelador impediria que a população caminhasse rumo à civilização. Sua proposta tem como mote a modernização econômica da sociedade brasileira impulsionada, sobretudo, pela província com expansão da instrução pública, emancipação do trabalho escravo, política de imigração, desenvolvimento material do país por meio de instituições liberais e reforma federativa (FERREIRA, 1999).

A partir deste debate, ficou consolidado no imaginário social, ao longo dos diferentes regimes políticos que vigoraram no país, que a centralização tinha um caráter mais autoritário ao controlar o poder nas mãos do governo central, enquanto a descentralização foi vista como sendo mais democrática ao conceder

autonomia para que os gestores locais tomassem decisões mais condizentes com cada realidade (PAPI, 2017).

Algumas variáveis são condições necessárias para a descentralização: cultura cívica, capacidade fiscal, capacidade administrativa. Porém, há variáveis institucionais suficientes que explicam o sucesso da descentralização: regras constitucionais, legado de políticas sociais e engenharia operacional de cada política social. Se a ação política federal for capaz de induzir a delegação compartilhada de tarefas pode romper, também, barreiras no caminho da descentralização. Portanto, um governo que saiba coordenar os entes federativos dentro dos preceitos constitucionais de compartilhamento de poder pode, com mais eficiência, implantar políticas públicas descentralizadas pelo país (ARRETCHE, 1999).

Contudo, Arretche (2012) aponta que ambas as opções – centralização ou descentralização – trazem preocupação para a produção de políticas públicas na redemocratização, mesmo quando o neoliberalismo no seu auge, no começo da década de 1990, decretava que as parcerias público-privadas seriam o norte das ações dos entes federativos.

> Um dos grandes dilemas dos Estados democráticos modernos diz respeito à autoridade do governo central e, por extensão, aos direitos dos governos subnacionais. A razão é simples. As respostas institucionais a esse dilema têm consequências sobre o funcionamento da democracia e as decisões de governo. Formas de Estado que concentrem excessiva autoridade no governo central ensejam o risco da tirania da maioria, pois esta não encontraria freios institucionais à execução de suas preferências. Ensejam também o risco da instabilidade nas políticas, pois cada governo de maioria teria incentivos e condições para mudar amplamente a legislação, desfazendo políticas anteriores. Por sua vez, formas de Estado que confiram excessivo poder às unidades subnacionais podem paralisar os governos ao alavancar o veto da minoria. Além disso, conferir autoridade aos governos subnacionais para decidir sobre suas próprias políticas pode implicar desigualdade nos serviços prestados aos cidadãos vivendo em localidades diferentes no interior de um mesmo estado-nação (ARRETCHE, 2012, p.11).

Arretche (2012) assinala que vários fatores institucionais, pós-Constituição de 1988, seriam a causa da fraqueza do Governo Central frente aos estados: artificialidade da fórmula federativa pela falta de clivagens societárias; regras eleitorais; poder de veto dos líderes regionais; falta de cooperação intergovernamental. Isso é o que parte da literatura sobre federalismo considerava sobre o sistema político brasileiro e como essa relação afetava a

democracia. No entanto, dados empíricos refutam essa corrente negativa mostrando que a União não é tão fraca assim e que os estados não dispersam o poder político. Isso em razão de a União possuir capacidade legislativa sobre qualquer pauta de política pública constitucionalmente válida. Desse modo, Executivo e Congresso elaboram as políticas públicas no país, quase exclusivamente, recebendo pouca pressão dos estados ou dos municípios.

Há, no Brasil, a diferença entre “quem delibera” e “quem executa”, fazendo com que exista um federalismo centralizado na virada do século XXI. Os entes subnacionais não são só meros executores de políticas públicas. A formulação e implementação de políticas públicas passam muito pelas experiências dos agentes locais que ajudam, por muitas vezes, a reformular o desenho de políticas públicas em razão de problemas imprevistos encontrados durante a implementação, ou seja, o Governo Central não é imune a aceitar melhorias oriundas de entes subnacionais acerca de uma política pública específica. Existe espaço para cooperação entre os entes federativos (ARRETCHE, 2012).

Marques e Arretche (2003) mostram que a centralização das decisões na esfera federal impacta positivamente na qualidade e na eficiência da redistribuição dos recursos pelo território. Ou seja, governo federal e governos estaduais têm primazia sobre a direção de políticas públicas em razão dos recursos à sua disposição, além da qualificação dos quadros burocráticos que coordenam a implantação dessas políticas. O exemplo perfeito disso é o que aconteceu com a aplicação de diretrizes para os gestores municipais implementarem o Sistema Único de Saúde (SUS), em que o modelo de descentralização do Sistema se caracteriza pela concentração de autoridade no governo federal e no financiamento da política de saúde através de uma estrutura de transferências interregionais abrangente (MARQUES; ARRETCHE, 2003).

Segundo Papi (2017), o período neoliberal colocou os municípios, antigos centros de práticas clientelistas e oligárquicas, como espaços inovadores de reforma estatal e alternativas administrativas de políticas públicas em parcerias com entidades do segundo e do terceiro setor.

No entanto, conforme argumenta Papi (2017), a partir de análises de assistência social no Brasil nos governos petistas, a centralização decisória do

governo federal foi crucial para que as políticas sociais fossem mais eficientes. A elaboração de decisões em políticas sociais ficou distante dos beneficiários destes programas, cabendo aos agentes públicos municipais a tarefa de execução do que era decidido em Brasília. Isso em razão da capacidade da União tomar medidas mais técnicas e providenciais subsídios em uma escala que as autoridades estaduais e municipais não conseguem dar conta.

Em resumo, a década neoliberal dos anos 1990 foi marcada pela descentralização da gestão de políticas sociais para os governos estaduais, com custo político muito baixo e verba em quantidade expressiva. Todavia, os resultados dessas políticas sem coordenação e interação foram insatisfatórios como é o exemplo, mais rotineiro, da merenda escolar municipal que foi contratada com qualidade precária e funcionários despreparados em várias cidades, tendo, ainda, casos de corrupção sendo descobertos no superfaturamento nas compras dos alimentos. Essa lógica muda nos anos 2000, com o Partido dos Trabalhadores (PT) centralizando o formato do desenho de políticas públicas e tornando as práticas homogêneas em qualquer canto do país, embora programas sociais do PT não estivessem imunes aos desvios éticos e de finalidades dos benefícios pelo aparato burocrático.

## 3 NECROPOLÍTICA: UM CONCEITO FEITO PARA O BRASIL DE 2020 E DE 2021

As organizações e as práticas de necropoder possuem sua origem no mesmo processo de racionalização das sociedades ocidentais derivadas da modernidade. “O processo de racionalização é resultado da construção e da aplicação de técnicas e de estratégias a fins desmitificados, ligados aos objetivos econômicos de mercado” (KIELING *et al*, 2009, p.18). A expansão do capitalismo implicou um processo cultural generalizado de racionalização dos processos organizativos das instituições públicas e privadas.

A emergência das organizações na sociedade teve como características: a) A hierarquia; b) Regras internas; c) Regras escritas que devem ser cumpridas; d) Corpo gerencial e funcionários remunerados; e) Solidariedade orgânica entre os funcionários; f) Recursos materiais são propriedade da organização pública ou privada, e não dos trabalhadores; g) Burocracia (KIELING *et al*, 2009). Como podemos perceber, de um lado, estas características estão todas direcionadas

para trazer maior eficiência para a administração das organizações, enquanto, de outro lado, favorecem para um controle das vidas.

A burocracia ganha relevo nessa nova conjuntura ao aprimorar padrões de controle de informações e de ação das pessoas. “Nesse sentido, o conceito de burocracia expressaria, de modo geral, o necessário processo de racionalização e profissionalização de todas as organizações no mundo contemporâneo, uma vez que estas teriam de ter melhor desempenho para atingir seus fins diante da secularização e da maior competição interorganizacional” (ABRUCIO e LOUREIRO, 2018, p.24). Essa minoria especializada começa a ter muito poder de documentação de dados da população fazendo com que governos tenham ações mais precisas a favor de uma clientela política e contra inimigos internos. Em que pese a administração pública tenha somente poder de execução de atos administrativos, cabendo a formulação de decisões ao gabinete governamental, os atos administrativos são executados e aceitos pela homogeneidade de visão entre burocratas e políticos (LOUREIRO; OLIVIERI; MARTES, 2010).

Para Weber (2004) uma distinção estanque entre procedimentos exclusivos de formulação de políticas públicas nas mãos de políticos e uma tarefa apenas executiva dos burocratas não dá conta da interdependência que estes grupos possuem para o funcionamento das diretrizes do Estado. Os atos administrativos, ao longo do tempo, foram na direção de dominação de grupos vistos como inimigos do poder estatal, sendo um forte sinal de ameaça à democracia (WEBER, 2004). Nesses procedimentos legais pode-se dimensionar as características de uso do biopoder para fins de vida e de morte.

O conceito de necropolítica, basilar para o conhecimento da ação terrorista do Estado, deriva da prática sistematizada de exercer o biopoder pelos governantes, seja um poder absoluto ou momentâneo, contra grupos vistos como indesejáveis aos seus domínios (MBEMBE, 2018). Com a terrível perda de vidas derivadas da pandemia da covid-19, muitas destas mortes poderiam ter sido evitadas com uma ação precoce do Estado brasileiro na contenção de danos, cabe examinar se este conceito explica, em parte, a lógica do atual governo federal em dar pouca importância aos efeitos nefastos da covid-19.

Para Foucault (2004), a biopolítica nada mais é do que a arte de exercer a soberania sobre os corpos dos governados, no sentido de determinar todos os

aspectos da existência e restringir suas ações sob o estatuto de regras que devem ser respeitadas ou impostas. Em síntese, a biopolítica corresponde ao conhecimento racional da forma como é exercida a soberania política, e de como isso divide a sociedade entre possuidores e despossuídos de poder. O foco nas práticas racionais de dominação dos governos é uma saída justificada de entendimento do Estado moderno na medida em que, no século XVI, percebe-se, cada vez mais, uma racionalização dos procedimentos burocráticos na vida social. Isso propicia que o governo identifique, internamente, as ameaças ao exercício do poder soberano ou até, num sentido alarmante, a destruição do aparato estatal (FOUCAULT, 2004).

Conforme Foucault (2005), até meados do século XVIII, imperava uma noção de biopoder pautada na soberania dos regentes sobre as populações sobre sua proteção. Neste espaço social, que se solidificou na Idade Média, a vontade do soberano era conformada pelos costumes sociais e na manutenção de aspectos de hegemonia baseada em códigos morais, divinos e legais. No entanto, já existia uma autonomia no campo de atribuições do Estado que se distinguia do papel exercido pela Igreja ou pelo chefe de família. As funções do Estado constituíam outra realidade com objetivos independentes de quaisquer esferas de influência (FOUCAULT, 2004). Dessa forma, caso o soberano fosse ofendido na sua honra ou tivesse sua soberania desafiada pelos seus súditos poderia decidir, arbitrariamente, sobre as vidas destas pessoas. Tanto impiedosamente, condenando-os à morte, quanto concedendo perdão real. Ou seja, ao soberano era atribuído o direito de *fazer morrer* e de *deixar viver* daqueles sob suas ordens (FOUCAULT, 2005; PELBART, 2018).

Nesse aspecto, conforme acentua Achille Mbembe (2014), há uma falta de clareza na visão de Foucault ao identificar o aspecto necropolítico do biopoder apenas se iniciando nas ações sanguinárias do regime nazista, contra as raças vistas como “inferiores”, pois já havia exemplos abundantes de crueldade no processo de expansão colonialista europeia. Sobre a Alemanha dos anos 1930, Pelbart (2018) sintetiza bem esta situação de sobreposição entre ações de promoção da vida e de morte:

> [...] em casos extremos como o nazismo, *fazer viver* (os arianos) se conjuga com *fazer morrer* (outras ‘raças’). Foi num contexto de defesa de vida (de uns) que se desencadearam as guerras mais virulentas, os maiores massacres, as carnificinas mais devastadoras (contra ‘os

> outros'). É em nome da sobrevivência biológica da própria população que se exerce a matança dos demais (PELBART, 2018, p. 20).

A ascensão da modernidade e, por conseguinte do Estado-nação, propiciou uma forte ação de manutenção de privilégios e de bem estar social para poucos, às custas de vastas populações exploradas com a ascensão do capitalismo. O que Foucault (2005) reputa como inédito é a dupla forma como o regime nazista atua tanto para a edificação da vida do "legítimo" povo alemão, quanto para o extermínio racional e sistemático de grupos sociais considerados males ao destino glorioso da raça ariana. Com o pensamento de Mbembe (2014) existe um recuo histórico de quando o processo necropolítico, realmente, começou na humanidade. Por sinal, deveras distante de ter seu pontapé no século XX. As atuais formas de violência sistemática promovidas pelo Estado aos indivíduos colocados em posição subalterna são uma continuidade direta do período escravagista das plantações ou dos engenhos nas Américas.

> Instituição paranoica, a plantação vive constantemente no regime do medo. Em vários aspectos cumpre todos os requisitos de um campo, uma praça ou uma sociedade paramilitar. O senhor escravagista poderá dominar as coerções, criar cadeias de dependência entre si e os seus escravos, alternar terror e evergetismo, mas a sua vida será permanentemente assombrada pelo anátema do extermínio. O escravo negro, pelo contrário, encontra-se constantemente no limiar da revolta, tentado a responder ao apelo lancinante da liberdade ou da vingança, ou então, num gesto de aviltamento máximo e de abdicação radical do sujeito, procura proteger a sua vida, deixando-se utilizar no projeto de servidão de si e de outros escravos (MBEMBE, 2014, p.41).

Da mesma forma que Foucault desloca o conceito de soberania dos limites de aplicação restrita à uma época da história, Mbembe (2018) produz o conceito de necropolítica retirando vários conceitos chaves de aplicação do terror de Estado – entre eles, a soberania, o estado de exceção, o estado de sítio, a disciplina e a guerra sem fim – para várias fases da história humana. Necropolítica é subjugar a vida de pessoas ao poder da morte pela mobilização do biopoder para instilar terror, sofrimento e morte para sujeitos ou grupos considerados descartáveis. Quem exerce o necropoder está, ao fim e ao cabo, validando um biopoder para um grupo restrito que merece viver, e gozar de uma vida de recursos ilimitados, enquanto ao outro grupo sua utilidade é vista como objeto de prazo definido e plenamente descartável no seu excedente, ou em casos extremos, na sua totalidade. Nesta lógica, a fabricação do inimigo do

Estado provém dos marcadores sociais de diferenciação social, notadamente, o racismo.

No Brasil, tivemos um doloroso e violento processo de escravização que perpassou séculos afligindo os afrodescendentes trazidos de África para o trabalho compulsório nas fazendas e nos engenhos. “Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica” (MBEMBE, 2018, p.9). Desde o começo de nossa história como nação, o Estado autoritário faz parte do *modus operandi* das relações sociais entre poder público e população.

> Inicia-se aí uma história em que a alta burocracia fará parte de vários momentos estratégicos do país, tendo, no geral, um ambíguo papel modernizador. De um lado, foi esse grupo, centrado no Estado, que pôde planejar a independência e atuar em prol da unidade nacional. Por outro, contudo, ela não rompeu – ou não teve como romper – com a instituição mais arraigada do Brasil de então: a escravidão. (ABRUCIO; PEDROTI; PÓ, 2010, p.30).

Esse legado autoritário mostra que o Brasil sempre foi um local de fertilidade das lógicas colonialistas com características de opressão sistemática aos grupos subalternizados nas periferias e nas favelas. Não à toa, o grupo mais acometido pela enfermidade da covid-19 continua sendo o mesmo: pobre, negro e periférico. Os exemplos de ações dos governos estaduais para mitigar os danos da pandemia vão evidenciar que essa dupla característica de descentralização de ações estaduais de combate à pandemia somada a um governo federal aplicando o necropoder foram cruciais para o resultado insatisfatório para frear as infecções e a letalidade do novo coronavírus.

Esta breve discussão reforça que a descentralização da gestão sobre a pandemia do coronavírus foi a marca das políticas públicas das autoridades brasileiras nos anos de 2020 e de 2021 – no contexto da desinformação e da necropolítica. Em 19 de agosto de 2021, o país já registrava 572.641 mortos e quase 20 milhões e meio de casos, desde o início da crise pandêmica no país, em 26 de fevereiro de 2020.

O *lockdown* mostrou-se efetivo em cenários cujo colapso do sistema hospitalar já estava em curso ou próximo disso, situação recorrente em capitais das regiões norte e nordeste do Brasil. Somente nessa situação de caos da saúde pública, as campanhas na televisão foram acolhidas para o recolhimento

em casa por vários dias e com atividades econômicas reduzidas ao indispensável.

Em junho de 2020, artigos publicados na revista científica *Nature* apresentaram estimativas dos efeitos iniciais das medidas restritivas – com distanciamento social. Um deles (Hsiang et al), tratando das medidas de redução de contágio adotadas em 1,7 mil diferentes localidades da Ásia, Europa e EUA, até então, indicou que cerca de 140 milhões de infecções haviam sido "evitadas ou adiadas" graças às restrições. Outro (Flaxman et al), a respeito de 11 nações europeias, calcula que 3 milhões de vidas haviam sido salvas pelas restrições, até 4 de maio de 2020.

Em 30 de junho de 2021, o Brasil registrou 2.081 mortes pela Covid-19, considerando as 24 horas anteriores. O número ainda era muito elevado naquele momento, mas também se observou que as médias móveis de mortes e de casos seguiam em ritmo de regressão. A partir de 19 de junho, o número médio de mortos recuou, assim como os casos diagnosticados de contágio pela covid-19 seguiram a mesma tendência. A conclusão dos especialistas é que o avanço da vacinação no país apresentou resultados consistentes, visto que o aumento do número de pessoas vacinadas coincide com a queda nas internações em UTIs em todo o Brasil, especialmente entre as faixas etárias já imunizadas com a primeira e/ou com a segunda dose.

A vacinação no Brasil, iniciada tardiamente na segunda quinzena de janeiro de 2021, apontou uma queda na média geral de mortes por covid-19, uma desaceleração nas internações e uma diminuição de óbitos entre os idosos – com a percepção em junho e julho do mesmo ano. A vacinação começou a apontar dados de que melhorou os indicadores no Brasil, apesar de os índices gerais da pandemia ainda serem altos naquele momento.

Até o final de junho de 2021, o Brasil havia imunizado 26,27 milhões de pessoas (12,41% da população) com as duas doses ou dose única e 73,5 milhões (35%) com a primeira dose. Para médicos e pesquisadores, o avanço da vacinação, mesmo que lento, mostrou um o resultado efetivo para a queda em indicadores, principalmente para os grupos protegidos. Por exemplo: em junho de 2020, idosos somavam 77% dos óbitos por covid-19 – pessoas entre 70 a 79 anos representavam uma a cada quatro mortes (25,5%). Um ano depois, as faixas de 60 anos ou mais tornaram-se minoria (45,7%).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho busca trazer o debate sobre as responsabilidades pelo enfrentamento, devido ou não, da crise – considerando as questões culturais, a desinformação e o negacionismo presidencial, consolidando a Necropolítica.

A hipótese de pesquisa se confirmou, com a desorganização no processo de enfrentamento da Covid-19 gerando uma Necropolítica na disseminação das mortes no contexto da pandemia. Uma centralização de estratégia de ação, padronizada para todos os entes federativos – e coordenada pelo governo federal –, poderia ter tido uma repercussão maior na população, como uma bússola de ação para os demais gestores públicos.

O que se viu, no entanto, foi uma corrida por soluções externas que surtiram efeito imediato no controle da disseminação da doença, sem perceber se havia compreensão da população para essas medidas, haja vista as falas despropositadas de Jair Bolsonaro sobre a evolução da pandemia no país.

O discurso negacionista do presidente, explorando a cultura da desinformação e priorizando a pauta econômica, falando em isolamento vertical e hidroxicloroquina, acabou por confundir boa parte da população brasileira diante das recomendações da OMS, do Ministério da Saúde e/ou dos governadores estaduais.

Uma utilização manifesta do necropoder pelo presidente Bolsonaro – a prerrogativa de fazer e deixar morrer aqueles a quem se dá pouco valor – significando o custo altíssimo de vidas de pessoas negras, pobres e periféricas, principais vítimas da pandemia no país. Parafraseando o título da biografia de um notório líder político cubano, a história provavelmente não absolverá o presidente Bolsonaro no transcorrer do tempo.

## REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando Luiz; PEDROTI, Paula; PÓ, Marcos Vinicius. A formação da burocracia brasileira: a trajetória e o significado das reformas administrativas. In: LOUREIRO, M.; ABRUCIO, F.; PACHECO, R. (Orgs.). Burocracia e política no Brasil: desafios para a ordem democrática no século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ABRUCIO, Fernando Luiz; LOUREIRO, Maria Rita. Burocracia e ordem democrática: desafios contemporâneos e a experiência brasileira. IN: PIRES, R; LOTTA, G; OLIVEIRA, V. (Orgs.). Burocracia e política públicas no Brasil: intersecções analíticas. Brasília: IPEA/ENAP, 2018.

ARRETCHE, Marta. Democracia, federalismo e centralização no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

ARRETCHE, Marta. Políticas Sociais no Brasil: descentralização em um Estado Federativo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.14, n. 40, p. 111 – 141, 1999.

BAILEY, Stanley; FIALHO, Fabrício; LOVEMAN, Mara. How States Make Race: New Evidence from Brazil. Sociological Science, v. 5, p. 722 - 751, 2018.

BAILEY, Stanley; FIALHO, Fabricio. Shifting Racial Subjectivities and Ideologies in Brazil. Socius: Sociological Research for a Dynamic World, vl. 4, p. 1 –12, 2018.

CHUANG, Coletivo. Contágio social: Coronavírus e a luta de classes microbiológica na China. Tradução e Apresentação de Amauri Gonzo. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

FERREIRA, Gabriela. Centralização e Descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e Visconde do Uruguai. São Paulo: Editora 34, 1999.

FLAXMAN, Seth et al. Estimating the effects of non-pharmaceutical interventions on COVID-19 in Europe. Nature 584, 2020.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Naissance de la biopolitique : Cours au Collège de France (1978-1979). Paris: Seuil/Gallimard, 2004.

HALLAL, Pedro et al. Evolução da prevalência de infecção por COVID-19 no Rio Grande do Sul, Brasil: inquéritos sorológicos seriados. Ciência e Saúde Coletiva, v. 25, n. 1, p. 2395 – 2401, 2020.

HALLAL, Pedro et al. SARS-CoV-2 antibody prevalence in Brazil: results from two successive nationwide serological household surveys. The Lancet Global Health, p. 01-09, 2020.

HSIANG, Solomon et al. Publisher Correction: The effect of large-scale anti-contagion policies on the COVID-19 pandemic. Nature 585, 2020.

KIELING, et al. Ciências Sociais nas organizações/ULBRA. Curitiba: Editora Ibpex, 2009.

LOUREIRO, Maria Rita; OLIVIERI, Cecília; MARTES, Ana Cristina. Burocratas, partidos e grupos de interesse: o debate sobre política e burocracia no Brasil. IN: LOUREIRO, M; ABRUCIO, F; PACHECO, R (Orgs.). Burocracia e política no

Brasil: desafios para a ordem democrática no século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MARQUES, Eduardo; ARRETCHE, Marta. Condicionantes locais da descentralização das políticas de saúde. Caderno CRH, n. 39, p .55-81, 2003.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PAPI, Luciana. A dinâmica federativa de Brasil e Argentina: estudo comparado sobre as mudanças nos desenhos de formulação e implementação de políticas de combate à pobreza e de assistência social. 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PELBART, Peter. O devir-negro do mundo. Revista Cult, São Paulo, ano. 21, n. 240, p. 19-23, 2018.

PORTAL ABRASCO. Disponível em https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sistemas-de-saude/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas/46338/>. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL A PÚBLICA. Disponível em https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/ Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL BRASIL DE FATO. Disponível em www.brasildefato.com.br/2020/06/05/radio-bdf-debate-realidade-da-populacao-negra-e-periferica-na-pandemia-de-covid-19. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL COVID-19 DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em https://covid.saude.gov.br/. Acesso: 20 ago.2021.

PORTAL ABRIL. Disponível em: https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL G1. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/06/18/pesquisa-da-ufpel-e-harvard-aponta-que-vacinacao-evitou-morte-de-43-mil-idosos-por-covid-no-brasil.ghtml. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL REDE BRASIL ATUAL. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/06/avanco-vacinacao-brasil-perdas-pandemia/. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL SBI. Disponível em: https://sbi.org.br/2020/05/18/parecer-da-sociedade-brasileira-de-imunologia-sobre-a-utilizacao-da-cloroquina-hidroxicloroquina-para-o-tratamento-da-covid-19/. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL UOL. Disponível em : https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/03/24/em-carta-a-bolsonaro-e-g-20-onu-fala-em-risco-de-pandemia-apocaliptica.htm. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL UOL. Disponível em: www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/03/03/evidencias-cientificas-mostram-que-lockdown-funciona-contra-a-covid-19.htm. Acesso em: 10 ago.2021.

PORTAL UOL. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm. Acesso em: 10 ago.2021.

SANTOS, Andreia Beatriz dos; COELHO, Thereza Christina Bahia; ARAÚJO, Edna Maria de. Racial identity and the production of health information. Interface (Botucatu), v. 17, n. 45, p. 341 - 55, 2013.

TEIXEIRA, Lucas Borges. PORTAL UOL. Disponível em www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/07/04/impacto-vacinacao-brasil-melhoria-indices-pandemia-covid. Acesso em: 10 ago.2021.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

# PERFORMANCES INDÍGENAS MIDIATIZADAS PELO INSTAGRAM: ESTUDO DE CASO[63]

# INDIGENOUS PERFORMANCES MEDIATED BY INSTAGRAM: CASE STUDY

# ACTUACIONES INDÍGENAS MEDIADAS POR INSTAGRAM: ESTUDIO DE CASO

Rafael Sbeghen Hoff[64]
Rebeca Vilhena Freitas[65]
Bárbara Fernandes da Costa[66]

**Resumo**: Como se dão as performances, usos e apropriações sobre o Instagram por jovens indígenas urbanos na contemporaneidade? O problema de pesquisa procura ser respondido pela observação de quatro perfis na plataforma, submetidos à análise de conteúdo e de discurso em suas postagens. Para discutir os resultados, foram acionados os conceitos de processos de identificação (HALL, 2006) e contemporâneo (AGAMBEM, 2009), além de usos midiáticos e suas influências (OROZCO, 1997) e usos em um contexto de convergência midiática (JENKHINS, 2009). O resultado aponta para uma performance de resistência, sobrevivência e reivindicação à existência fora dos contornos necropolíticos empregados contra os povos originários e, em especial, os indígenas. O trabalho resulta de pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica da UFAM, realizado com apoio da FAPEAM entre 2020 e 2021.

**Palavras-chave**: Discurso. Indígena. Jovens. Mídia. Instagram.

**Abstract**: How are the performances, uses and appropriations of Instagram by young urban indigenous peoples in contemporary times? The research problem seeks to be answered by observing four profiles on the platform, submitted to content and discourse analysis in their posts. To discuss the results, the concepts of identification processes (HALL, 2006) and contemporary (AGAMBEM, 2009) were used, as well as media uses and their influences (OROZCO, 1997) and uses in a context of media convergence (JENKHINS, 2009) . The result points to

[63] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Capital Social e Infodemia: as redes de ódio e desinformação na pandemia” – do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[64] Doutor em Ciências da Comunicação e Informação, docente e coordenador do curso de Jornalismo da UFAM, vice-coordenador e docente permanente do PPGCOM-UFRR, líder do Grupo de Pesquisa em Processos Imagético, rafael.hoff@yahoo.com.br , ORCID https://orcid.org/0000-0003-4745-5689.

[65] Estudante de Jornalismo, Universidade Federal do Amazonas, vilhena.rebeca4@gmail.com.

[66] Estudante de Jornalismo e bolsista PIBIC-FAPEAM, Universidade Federal do Amazonas, barbarafernandeess@gmail.com .

a performance of resistance, survival and claim to existence outside the necropolitical contours used against the original peoples and, in particular, the indigenous peoples. The work results from research developed in the Scientific Initiation Program at UFAM, carried out with the support of FAPEAM between 2020 and 2021.

**Keywords**: Discourse. Indigenous. Youth. Media. Instagram.

**Resumen**: ¿Cómo son las actuaciones, usos y apropiaciones de Instagram por parte de los jóvenes indígenas urbanos en la época contemporánea? El problema de investigación busca ser respondido observando cuatro perfiles en la plataforma, sometidos a análisis de contenido y discurso en sus publicaciones. Para discutir los resultados se utilizaron los conceptos de procesos de identificación (HALL, 2006) y contemporáneo (AGAMBEM, 2009), así como los usos de los medios y sus influencias (OROZCO, 1997) y usos en un contexto de convergencia de medios (JENKHINS, 2009). ). El resultado apunta a una actuación de resistencia, supervivencia y reivindicación de la existencia fuera de los contornos necropolíticos utilizados contra los pueblos originarios y, en particular, los pueblos indígenas. El trabajo es resultado de una investigación desarrollada en el Programa de Iniciación Científica de la UFAM, realizada con el apoyo de la FAPEAM entre 2020 y 2021.

**Palabras clave**: Discurso. Indigena. Juventud. Medios de comunicación. Instagram.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo científico pretende, através da análise de perfis no Instagram de jovens indígenas em contexto urbano, destacar o recorte social individual de cada jovem e compreender sua performance identitária, os meios de expressão desta em um contexto de cultura midiática e comunicacional digital, e observar como se dão as relações destes com as culturas indígenas de seus ancestrais.

A temática abordará conceitos de identidade, urbanidade, mídia e para desenvolver essa temática, nos apoiamos nas ideias de processos identitários de Hall (2006), a qual pré-estabelecemos as categorias gênero, sexualidade, religião, arte e etnicidade para melhor enquadrarmos o conteúdo publicado na plataforma Instagram dentro destes conceitos.

O pesquisador aponta que as “fragmentações” ou “pluralidades” identitárias afetam diretamente a organização social e política de uma nação:

> As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como

> um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (MERCER, 1990 apud HALL, 2006, p.20-21).

Por isso, não nos prendemos nessa categorização, pois estamos lidando com seres e suas pluralidades, fragmentações. Os processos de identificação, neste sentido, se opõem à ideia de uma identidade única, fixa e rígida, para admitirem mudanças e dinâmicas que configuram sujeitos e sociedades.

> Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p.21).

Dessa forma, pudemos observar durante a pesquisa o surgimento de outras categorias possíveis para análise e também a emergência do papel da representatividade na construção de uma identidade coletiva. Buscamos ainda observar possíveis conflitos e/ou reforços discursivos aos estereótipos e imaginário coletivo a respeito das identidades indígenas a partir das postagens desses jovens, uma vez que a condição urbana de moradia e vivência deles se apresenta como ponto elementar para a discussão sobre relações entre território, cultura e processos de identificação. Esses traços são reforçados por Hall:

> A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p. 49).

Se é possível identificar, tanto teórica quanto empiricamente, a pressão dessa "identidade nacional" sobre as particularidades étnicas e regionais, tanto

maior ela o é sobre as identidades indígenas no atual contexto político nacional. Durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, várias políticas governamentais procuraram restringir e/ou invalidar a identidade indígena. Exemplo disso pode ser citado a partir de notícias[67] e ações implementadas em meio à pandemia do novo coronavírus.

É nesse contexto que a pesquisa se justifica: observar, mapear e descrever as relações identitárias de jovens indígenas vivendo em contexto urbano a partir de seus discursos midiatizados em plataformas de interação digital. A ênfase recai sobre a comunicação feita com o apoio substancial das imagens, sejam elas estáticas ou em movimento, como traço de distinção da comunicação midiatizada pelos jovens nos dias de hoje.

## 2 CONTEMPORANEIDADE E MÍDIA

A ideia do indivíduo que está inserido no meio urbano, está muito conectado ao conceito de contemporaneidade. A cidade, com suas diferenças, suas políticas e seus fluxos se mostram como várias em uma, a partir de discursos hegemônicos e contra-hegemônicos. Se as ruas e as calçadas, as preferenciais e as vicinais são resultado dessas arbitrariedades, as pichações nos muros e as marcas deixadas sobre o gramado dos parques, fora dos caminhos pavimentados, são as pistas de uma “subversão” ordinária de mesma ordem. Essas vivências, diferentes entre si, se colocam também na perspectiva do tempo. Tomado por boa parte dos pesquisadores como uma sequência linear de fluxo contínuo, aqui abordamos o tempo como tempos vários, já que nele se configuram experiências e vivências diacrônicas entre si. Daí deriva o conceito de contemporâneo proposto por Giorgio Agamben, do qual fazemos uso para contextualizar a pesquisa. Segundo o autor:

> A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente

[67] Tal como exemplifica as informações publicadas na mídia e disponíveis nos sites: https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/12/14/plano-vacinacao-governo-bolsonaro-indigenas.htm e https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-04/governo-bolsonaro-manobra-para-travar-a-demarcacao-de-terras-indigenas-no-brasil.html e https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884.

> por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p.59).

O filósofo italiano, Giorgio Agamben (2009) discute o termo, em seu texto "O que é ser contemporâneo?" e fala que o conceito está ligado às relações de tempo e espaço que o indivíduo analisado está presente. Sendo assim, o sujeito urbano no século XXI, pode ser considerado objeto de investigação do contemporâneo, tendo em vista que o pesquisador toma para si o desafio de olhar para o tempo presente tomando distâncias, trazendo para a vivência moderna uma liquidez das relações, conhecimentos e experiências. O autor ainda reforça:

> contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p. 63).

Para o autor, a obscuridade não é a "não-visão", mas o resultado das atividades celulares presentes no sistema ocular. Com essa figura de linguagem, ele reforça a intencionalidade e a ação investigativa do pesquisador no processo de produção de sentidos sobre o objeto analisado, configurando a tal contemporaneidade. O conceito de contemporâneo, está ligado a um ideal de abstração, tendo em vista a busca incansável pelo "novo" e atual que a sociedade trava.

> Nesse tempo presente, passamos então a reconhecer o papel da mídia na construção do conhecimento sobre o mundo e na profusão de discursos vários, configurando um mosaico amplo e complexo de processos de identificação e silenciamentos, validações e negações de diferentes ordens, numa ação sutil e cotidiana. "Los médios non son entes monolíticos. Su influencia, más que por imposición violenta, se realiza sutilmente, por complicidad, por ausência de otros mecanismos jurídicos que normen y legislen su funcionamiento en las sociedades contemporâneas" (OROZCO, 1997, p.26).

Mídia é um termo que deriva do latim e remete a ideia de "estar entre". Porém, para os jovens, mais do que "estar entre", dispositivos e artefatos da cultura digital parecem estar "junto", acoplados. Daí porque esse texto propõe

acionar o conceito de acoplamento tecnológico de Simondon (2007), tal como explicam Pellanda, Chagas e Hoff (2020):

> O acoplamento tecnológico (Simondon, 2007) se dá em diferentes níveis de acordo com os sujeitos e suas interações, inclusive afetivas, como preconiza Turkle (2011) com os artefatos e dispositivos digitais. Esse acoplamento, por sua vez, exige uma alfabetização digital a respeito de questões filosóficas e técnicas para que realmente haja um exercício de autoria diante das possibilidades a que a hiperconectividade e os artefatos da cultura digital permitem (PELLANDA, CHAGAS, HOFF, 2020, p. 100).

As mídias e a comunicação de massa têm passado por transformações a partir da evolução tecnológica percebida no campo. Essas transformações, por exemplo, têm impactado na forma de consumir e/ou na liberdade de produzir e publicizar conteúdos informativos. De acordo com Henry Jenkins, em sua obra Cultura da convergência:

> A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias (JENKINS, 2009, p. 31).

A ideia da convergência das informações através da mídia possibilita, aos receptores, somar de maneira prática e eficaz inúmeras fontes e informações para a criação de suas ideias pessoais. Hoje em dia, uma plataforma que vem sendo utilizada como meio de informação e interação é o Instagram. Criada em 2010, a rede social foi produzida com o objetivo de compartilhar fotos e vídeos entre os usuários. Devido a penetração da plataforma entre os jovens, o Instagram hoje pode ser compreendido como uma das principais fontes[68] de informação entre seus usuários.

Pessoas com os mais diferenciados perfis encontram, na rede social, uma forma de democratizar o conhecimento e/ou experiências. Comunicando suas

[68] Tal como aponta a notícia divulgada pelo site da revista Exame, disponível em https://exame.com/tecnologia/nao-e-so-selfie-instagram-vira-fonte-de-informacao/ .

vivências e propondo debates sobre os mais variados assuntos, ou seja, o papel de consumidor de informações se mistura ao papel de produtor de conteúdo.

O Instagram é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos de maneira instantânea e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo[69]. No Brasil, é a terceira rede social mais utilizada e apresenta um crescimento de 5% por trimestre[70].

É uma plataforma que possibilita a conectividade de maneira simples e fluida por adotar uma linguagem icônica e uma navegação intuitiva. Atualmente, não se restringe à superficialidade e/ou a uma única forma de expressão (textual, imagética, sonora), mas congrega várias linguagens, tendo em vista que muitos usuários têm utilizado inclusive como ferramenta de autopromoção e fonte de renda.

Jovens indígenas urbanos, como Julie, Wes, Moara e Gustavo têm utilizado seus perfis na plataforma para falar sobre suas histórias, vivências e experiências, a fim de ampliar o debate sobre identidades indígenas inseridas em um meio urbano pós-moderno.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica (PIBIC-UFAM), pelas duas discentes, sob orientação docente, procurou selecionar quatro perfis de jovens que, mesmo morando em contextos urbanos, mostrassem previamente e empiricamente manifestações de apreço, resgate e/ou valorização das suas etnias indígenas. Foram escolhidos os perfis de Julie, Wes, Moara e Gustavo. Moara é tupinambá. Julie Dorrico é Macuxi. Wescritor é Tupinambá de Olivença. Gustavo Caboco é Wapichana.

Esses jovens, entre 22 e 36 anos, utilizam as mídias sociais digitais para compartilhar suas experiências pessoais de vivências. Os perfis são: @moarabrasil, @wescritor, @gustavocaboco, @dorricojulie. Observando o perfil de 4 jovens, representantes de três etnias indígenas, a pesquisa procura

[69] https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/
[70] https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/

compreender como se dá o processo de comunicação e como ela se relaciona com os processos identitários em um meio midiático abrangente, no contexto político nacional contemporâneo.

O Instagram, tomado nesta pesquisa como plataforma em que a comunicação midiática foi analisada, é uma rede social que permite o compartilhamento de textos, fotos e vídeos de maneira instantânea, e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo. No Brasil, é a terceira rede social mais utilizada e apresenta um crescimento de 5% por trimestre[71].

A plataforma possibilita a conectividade de maneira simples e acessível (navegação e usabilidade intuitivas), facilitando o processo migratório dos internautas mais jovens, que deixaram de utilizar o Facebook (ainda que os perfis não sejam apagados) para utilizarem de maneira mais intensa o Instagram. Além disso, a plataforma também disponibiliza a ferramenta de mensagens diretas a outros usuários/perfis, tudo por meio da tela de *smartphones* (principal meio de acesso à plataforma). Um diferencial desta plataforma em relação ao Facebook é que um usuário pode ter mais de um perfil, com vários usos possíveis (organizacional, pessoal, temático e entre outros), incluindo a postagem simultânea de vídeos e fotos nas duas plataformas em seus perfis.

Para estudar esse ambiente digital, usamos metodologias como Estudos de Redes Sociais e Análise Etnográficas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Também foram aplicados sobre os conteúdos a Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2002; ORLANDI, 2003; MAZIÈRE, 2007) e Análise do Conteúdo (FRANCO, 2005), além de análise de imagens (SOUSA, 2006; BAUER; GASKELL, 2008).

A delimitação do período de análise coincidente entre os quatro perfis foi definida arbitrariamente de janeiro a julho de 2020, com o intuito de atender às exigências e cronograma do PIBIC. As postagens formaram coleções temáticas, com categorias de análise que emergiram do encontro entre os pesquisadores e o objeto, tal como preconiza a epistemologia da Complexidade (MORIN, 2005,

[71] Disponível em: https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/ e https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/.

2000, 1997). A partir de percursos, leituras e o próprio processo de composição dessas coleções temáticas, foram aplicadas as técnicas de análise para dar a ver no objeto empírico suas características, suas relações e suas subjetividades.

## 4 APONTAMENTOS (IN)CONCLUSIVOS A PARTIR DOS DADOS

Este texto deriva da investigação desenvolvida no PIBIC pelas duas estudantes de jornalismo e faz parte de um Projeto de Pesquisa institucionalizado na UFAM, sob orientação e execução do docente que assina esse texto. Portanto, não há pretensão de encerrar o assunto, mas pelo contrário, iniciar aproximações ao objeto empírico “Imagens Amazônicas”.

Das análises empregadas sobre os perfis do Instagram aqui descritos pode-se inferir que os jovens componentes dessa pesquisa, que vivem em contexto urbano, passam por uma retomada de suas ancestralidades. Essa retomada é marcada pelo embate promovido a partir de suas trajetórias de vida, com distanciamentos e “apagamentos” de suas identidades indígenas em nome de uma identidade sob o “teto-político” nacional (HALL, 2006). Por consequência disso, os conflitos e os processos de retomada são cada vez mais marcantes entre as gerações que se sucedem no contexto urbano de identidades indígenas. A memória coletiva e a etnicidade, em constante retomada na subjetividade dos sujeitos analisados a partir das narrativas midiatizadas, se tornam elementos importantes para o autoconhecimento e de processos identitários indígena contemporâneos.

Em média, foram analisadas 150 postagens no Instagram, sendo estas 45 postagens de Moara Tupinambá, 18 postagens de Gustavo, 9 de Wesley e 35 Julie Dorrico. Para analisar as postagens, personalizamos sete categorias aplicadas aos perfis: Apoio, Artista, Conhecimento, Família, Sexualidade, Raízes e História. Dentre as postagens coletadas no período, foram contabilizadas 7 categorias para as postagens de Moara, 2 categorias para as de Gustavo, 2 para as de Wesley e 3 para as de Julie Dorrico.

As manifestações, no plano do conteúdo, mesclam imagens e textos (legenda), tal como a plataforma permite. Poucas utilizaram o recurso de marcação (#hashtags) que permite a rastreabilidade dos conteúdos na

plataforma. Na pesquisa, não foram contabilizadas as manifestações dos usuários, mas a intencionalidade dos produtores de conteúdo.

As imagens nas categorias Família, História, Artista e Raízes dedicaram espaço aos traços culturais típicos de cada etnia indígena a que estes jovens se vinculam. Esses traços puderam ser identificados pelas vestimentas, rituais, pinturas, biotipos dos personagens registrados, espaços e localidades registradas, entre outros.

**Figura 1** – Postagem da categoria Raízes.

**Fonte**: @moarabrasiltupinambá (2020).

No plano discursivo, essas mesmas categorias podem ser lidas como manifestações de resistência ao apagamento proposto pelo “teto-social” descrito no referencial teórico deste artigo. Ele parece entrar em consonância com o que Mbembe (2018) aponta como essência da necropolítica em seu ensaio. Para o filósofo:

> o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo” (MBEMBE, 2016, p. 128).

Mbembe aponta que esse racismo, ampliado para questões e parâmetros econômicos na contemporaneidade, se faz presente através da prática e do

discurso político que autoriza e/ou é condescendente com as máquinas de morte implementadas contra o Outro.

> Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, "aquele velho direito soberano de morte". Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é "a condição para a aceitabilidade do fazer morrer" (MBEMBE, 2018, p. 128).

No caso dos jovens analisados, a busca por um resgate ou preservação das raízes identitárias indígenas se dá por meio das postagens, dos conteúdos curados, selecionados, preparados para compor as coleções de imagens e textos que "alimentam" os perfis digitais nessas plataformas. Ainda que as performances se dêem de maneira diversa entre eles, e que alguns não manifestem uma adesão completa às diretrizes, normas e potencialidades (algorítmicas) do Instagram para aumentarem o alcance de divulgação dos seus conteúdos (como o não uso de hashtags), é possível interpretar esse uso também como uma forma de resistência à programação escondida na "caixa preta" e nos algoritmos (FLUSSER, 1985; ARAÚJO; MAGALHÃES, 2018) das plataformas e aplicativos em artefatos da cultura digital.

As fotografias parecem obedecer a um "padrão" de imagens vigentes e/ou aceitas na plataforma (que exclui imagens onde apareçam mamilos, considerados ofensivos pela política do Instagram). Essas performances midiatizadas demonstram, por meio desses detalhes e nuances, o acoplamento tecnológico que se dá não apenas pelo uso, mas pela apropriação e adoção de tais regramentos e padrões comportamentais orientando tais ações de produção de conteúdo na plataforma.

**Figura 2** – Postagem da categoria Arte.

**Fonte**: @gustavo.caboco (2020).

A arte se apresentou durante as análises como uma potente ferramenta de expressão, onde é possível ver um exercício de representatividade, de autoconhecimento, de conexão ancestral e expressão da vivência indígena nos conteúdos postados. Moara, em sua série de colagens, trata sobre seu sentimento de reconexão, de reconhecimento, uma vez que a legenda descreve o processo de criação em um momento de reencontro com sua feminilidade indígena com Pachamama.

Gustavo destaca elementos de sua história de vida na fase tribalizada, como a banana, representando o que era abundante para um povo indígena de sua etnia e que depois se tornou rara em seu cotidiano (dado o valor e escassez da fruta em árvores no ambiente urbano). Ele reforça esses elementos em suas artes como uma forma de traçar um ponto de início ou isso que chamamos de retomada da relação com a ancestralidade.

**Figura 3** – Postagem da categoria Arte.

**Fonte**: @gustavo.caboco (2020).

Por fim, apontamos para a importância das comunicações imagéticas, via telas de *smartphones* e aplicativos de interação social como importante elemento da cultura digital contemporânea, que atualiza os processos de identificação dos jovens, incluindo nesse contexto aqueles identificados como indígenas. O próprio termo passou a ser adotado como natural para a designação desses povos originários, sem grandes contestações, apesar de encontrar sua origem no erro de designação dado pelos viajantes europeus em seu destino às Índias (continente asiático) nos séculos XV e XVI.

Ainda assim, a resistência e a luta por reconhecimento, por desconstrução dos estereótipos e pela atualização das condições de vida dos jovens indígenas se faz presente nos discursos e conteúdos postados. Território e processos identitários na contemporaneidade são tão imbricados quanto no passado, e enfrentam a força do capitalismo que financia a necropolítica em curso sobre

essas etnias, mas não sem resistência, tal como preconiza Boaventura de Sousa Santos:

> Na América Latina os camponeses estão a viver uma nova dimensão da crise causada pelo novo interesse do capitalismo global na compra de terra. Trata-se da aquisição massiva de terra por parte de empresas multinacionais, agentes financeiros e mesmo Estados estrangeiros que fazem tábua rasa dos direitos ancestrais dos camponeses e os expulsam do seu mundo rural. Por sua vez, os povos indígenas da América Latina têm contribuído decisivamente na duas últimas décadas para dar visibilidade à dimensão civilizacional da crise, ou seja, para a concepção da crise global do capitalismo, não apenas como crise de um modo de produção, mas sobretudo como crise de um modo de vida, de convivência e de relação com a natureza (SANTOS, 2018, p. 678).

A plataforma Instagram se mostra profícua à produção de conteúdo midiático autoral (em certa medida) e sua circulação por parte desses jovens. A comunicação imagética é, sem dúvida, predominante entre os perfis analisados, não permitindo que se possa ter certeza se essa condição é derivada da característica da própria plataforma ou da opção subjetiva desses sujeitos.

O artigo aqui apresentado procura demonstrar como se dão as atualizações sobre a questão indígena e suas identidades, a partir do estudo sobre comunicação imagética por meio de televisualidades (visualidades e visibilidades a distância) em múltiplas telas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Willian Fernandes de; MAGALHÃES, João Carlos. Eu, eu mesmo e o algoritmo: como usuários do Twitter falam sobre o “algoritmo” para performar a si mesmos. In: Anais do XXVII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Belo Horizonte: 2018. Disponível em http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_0UTVQBQ76VDU93C71N1A_27_6864_26_02_2018_13_27_22.pdf

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLUSSER, Villém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Maria Laura P. B. Análise do conteúdo. 2ª ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAZIÈRE, Francine. A análise do discurso: história e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Revista Arte & Ensaio. Trad. de Renata Santini. N-1 Edições, 2018.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

PECHÊUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Construindo as epistemologias do sul: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas, v.1. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Construindo as epistemologias do sul: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas, v.2. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Derechos humanos, democracia y desarrollo. Bogotá: Centro de estúdios de derechos, justicia y sociedade, dejusticia, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Descolonizar el saber, reinventar el poder. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

SIMONDON, Gilbert. El modo de existencia de losobjectostecnicos. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

# UFOPA NO CONTEXTO PANDÊMICO: POSTAGENS EM DESTAQUE NO *INSTAGRAM*[72]

# UFOPA IN THE PANDEMIC CONTEXT: FEATURED POSTS ON INSTAGRAM

# UFOPA EN EL CONTEXTO PANDÉMICO: PUBLICACIONES DESTACADAS EN INSTAGRAM

Karen dos Santos Correia Bittencourt[73]
Analaura Corradi[74]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[75]

**Resumo:** O objetivo deste artigo é verificar o conteúdo das publicações em destaque no perfil do *Instagram* da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A metodologia adotada é a netnografia, que utiliza dados da internet como objetos de observação e análises interpretativas, colaborando para a coleta dos dados na referida página da universidade. Diante disso, este trabalho

[72] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "Capital Social e Infodemia: as redes de ódio e desinformação na pandemia" – do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[73] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Relações Públicas na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Professora em cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Letras, Comunicação e Educação. Graduação em Letras - Português pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Graduação em Comunicação Social - Relações Públicas pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM). ORCid: https://orcid.org/0000-0002-4150-0648.

[74] Doutora em Ciências Agrárias em Agroecosistemas Amazônicos (UFRA, 2009), Mestra em Letras - Lingüística e Teoria Literária (UFPA, 1998), Graduada em Estética e Cosmética (UNAMA, 2020) e Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo e Relações Públicas (UCPel, 1980). Atualmente é professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), qual exerceu a coordenação no período 2014-2017; Professora do Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano (2018) da UNAMA e professora nos cursos de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) e Design Gráfico da UNAMA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Capital Social e Cultural no contexto da mídia contemporânea (UNAMA / Cnpq), Vice coordenadora do grupo de Estudos Interações e Tecnologia da Amazônia -ITA- (UNAMA / UFPA), Vice coordenadora do Grupo de estudos Batuques.Patrimônio Cultural e Representações do Lugar (2017) UNAMA e Membro do Grupo de Estudos de Narramazonia (UNAMA / UFPA). ORCid: https://orcid.org/0000-0003-0432-1875.

[75] Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Possui graduação Comunicação Social -Habilitação em Multimídia e Relações Públicas (IESAM, 2010, 2012) e em Jornalismo (UNAMA, 2017). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA, 2013); Doutor em Comunicação e Linguagens (UTP, 2018). Especialista em Docência do Ensino Superior (UNAMA, 2020), em Produção Textual (FAVENI, 2020) e em Comunicação Empresarial (FAAM, 2011); Realizou Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA) com Bolsa PNPD/CAPES (2019 - 2020) e no Programa de Pós-graduação em Indústria Criativa da Universidade Feevale (FEEVALE, 2020-2021). Professor da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC); É Vice-Líder do Grupo de Pesquisa (GP) Capital Social e Cultural (UNAMA/CNPq). ORCid: https://orcid.org/0000-0001-5048-6692.

tem como resultado a identificação de que a UFOPA utilizou, durante a pandemia, o *Instagram* como uma rede social digital para informar sobre as ações que a universidade vem desenvolvendo ao longo do período pandêmico, colocando algumas dessas ações em destaque. Além disso, a universidade utiliza esta rede social digital como um espaço aberto de diálogo com a sociedade no enfrentamento do coronavírus.
**Palavras-chave:** UFOPA. Covid-19. Comunicação. Instagram.

**Abstract:** The purpose of this article is to verify the content of the featured publications found on the Instagram profile of the Federal University of Oeste do Pará (UFOPA). The methodology adopted is netnography, which uses internet data as objects of observation and interpretive analysis, thus collaborating for data collection on the university's website. Therefore, this work results in the identification that UFOPA uses, during the pandemic, Instagram as a digital social network to inform about the actions that this university has been developing throughout the pandemic period, as well as being a resource and a open space for dialogue in the fight against the coronavirus.
**Keywords:** UFOPA. Covid-19. Communication. Instagram.

**Resumen:** El propósito de este artículo es verificar el contenido de las publicaciones destacadas que se encuentran en el perfil de Instagram de la Universidad Federal del Oeste do Pará (UFOPA). La metodología adoptada es la netnografía, que utiliza datos de Internet como objetos de observación y análisis interpretativo, colaborando así para la recogida de datos en la web de la universidad. Por tanto, este trabajo da como resultado la identificación que UFOPA utiliza, durante la pandemia, Instagram como red social digital para informar sobre las acciones que esta universidad viene desarrollando a lo largo del período pandémico, además de ser un recurso y un espacio abierto para el diálogo. en la lucha contra el coronavirus.
**Palabras clave**: UFOPA. COVID-19. Comunicación. Instagram.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o ano 2019, o coronavírus (SARS-CoV-2) se estendeu por todo o mundo de forma rápida e prejudicial à saúde coletiva, desacelerando somente com o avanço da vacinação nos países. Porém, mesmo assim, a doença Covid-19, causada por esse vírus modificou, significativamente, os modos de vida, hábitos e costumes das pessoas em diversos países, afetando diretamente a saúde pública, a economia, a política, a educação, bem como diversos outros âmbitos da sociedade, afetando desde o contexto local até o internacional.

> O país enfrenta não somente uma doença nova, mas também uma situação inusitada, que requer mudanças radicais de comportamento, nos níveis individual e comunitário. [...] Todas e todos devem seguir as orientações das autoridades sanitárias, baseadas nas evidências científicas disponíveis e alinhadas às recomendações da OMS,

> respeitando o isolamento, a quarentena e as restrições de deslocamentos e de contato social, conforme indicado em cada situação. (OLIVEIRA; DUARTE; FRANÇA; GARCIA; 2020, p. 5-6).

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, pelo Ministério da Saúde (MS). Este se referia a um homem de 61 anos, morador de São Paulo que estava no mês de fevereiro desse mesmo ano na Itália, um dos países com o maior número de infectados no mundo no primeiro semestre de 2020. No estado do Pará, a Secretaria de Saúde do Estado do Pará (SESPA) datou seu primeiro caso no dia 18 de março de 2020 – que se referia a um homem de 37 anos, morador de Belém, que estava em viagem no estado do Rio de Janeiro no final do mês de fevereiro, em 2020.

Após as primeiras confirmações, o aumento foi evidente e, no dia 17 de março de 2020, ocorreu o primeiro óbito por Covid-19 no país e, no dia 19 de março de 2020, no estado do Pará. No dia 20 de março de 2020, foi declarada pelo MS a transmissão comunitária da Covid-19 em todo o território nacional.

Diante do número de casos e de mortes que a Covid-19 gerou, bem como seu impacto no mundo, é evidente que pesquisas e estudos sobre o novo coronavírus e o papel que as universidades exercem na sociedade são fundamentais para o processo de combate à pandemia e o fortalecimento da importância da vacinação, afinal o ensino, a pesquisa e a extensão devem sempre se fazerem presentes na relação entre sociedade e universidade.

As ações das universidades se tornaram mais desafiadoras, pois uma das mudanças no cenário mundial imposto pela Covid-19 foi o distanciamento social, uma das principais medidas de prevenção no combate do vírus antes da vacina. Pensando nisso, vê-se que a comunicação, como uma ferramenta de ação, se tornou ainda mais essencial para a sociedade, desde o estabelecimento do contato entre as pessoas isoladas em suas casas até a divulgação científica das pesquisas e das ações universitárias sobre o novo coronavírus. (CORRADI; ASSUMPÇÃO; BITTENCOURT, 2020).

Quando relacionamos universidade e sociedade, vê-se a comunicação como um dos principais meios de enfrentamento à pandemia, colaborando também com um permanente diálogo entre instituição de ensino e sociedade, com a publicação das informações sobre o Covid-19, com a divulgação científica das pesquisas em andamento, com a veiculação das ações administrativas e

acadêmicas das universidades em tempos de pandemia, dentre outras ações. (CORRADI; ASSUMPÇÃO; BITTENCOURT, 2020).

Diante disso, o objetivo deste artigo é verificar o conteúdo das publicações em destaque encontradas no perfil do *Instagram* da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), pois esta rede social digital fortaleceu a comunicação entre universidade e sociedade durante a pandemia, além de ter sido muito utilizada pelos usuários no isolamento social.

## 2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica aplicada neste artigo foi a netnografia, pois ela trabalha com a comunicação mediada por computador que pode ser utilizada como uma fonte de dados a fim de compreender algum fenômeno social na Internet. Dessa forma, a netnografia oferece a possibilidade de estreitar as distâncias que existem e fornecer observações da dinâmica das redes sociais digitais, por exemplo.

> A capacidade de aplicar determinados instrumentos e técnicas analíticas muda quando os dados já estão em formato digital. O modo como os dados precisam ser tratados pode ser diferente. Finalmente, existem poucos ou nenhum procedimento ético para o trabalho de campo realizado pessoalmente que se traduzam facilmente para o meio online. As diretrizes abstratas do consentimento informado estão sujeitas a amplos graus de interpretação (KOZINETS, 2014, p. 13).

Assim, o objetivo deste estudo é verificar o conteúdo das publicações em destaque encontradas no perfil do *Instagram* da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), percebendo como as publicações mencionam, direta e/ou indiretamente, qualquer tipo de informação sobre a Covid-19. Assim, a partir dos dados coletados, é possível realizar uma análise dessas postagens.

O recorte da coleta de dados corresponde ao período do dia 1º de março de 2020 até o dia 9 de agosto de 2021. Optou-se por iniciar no mês de março em virtude da página da UFOPA não apresentar nada a respeito sobre o Covid-19 nos meses de dezembro (2019), janeiro (2020) e fevereiro (2020) – período que iniciou a pandemia.

A coleta foi realizada manualmente, de modo que os autores acessaram a página da instituição e faziam o *print screen* das publicações em destaque sobre a Covid-19 e, também, realizavam o registro da quantidade de “gosto” e da data

de cada publicação das postagens. Para fins de análise, foram selecionadas as referidas publicações e refletiu-se, também, sobre o papel da comunicação da UFOPA em meio à pandemia.

## 3 O INSTAGRAM E AS UNIVERSIDADES

O Instagram foi criado, em 2010, pelo brasileiro Mike Krieger e por Kevin Systrom (o atual CEO da empresa). Primeiramente, eles criaram o Burbn, um aplicativo um pouco complicado de ser manuseado, mas que logo deu origem ao *Instagram*. E em 2011 foi considerado como o "aplicativo do ano de 2011" pela *Apple*, funcionando como programa gratuito para celular e tablet. No ano seguinte foi comprado pelo *Facebook*, com um negócio de, aproximadamente, US $1 bilhão.

Em 2016, a empresa incluiu o Stories e acrescentou a possibilidade de fazer *lives*, o que aumentou consideravelmente seus números de usuários e interações. Hoje, o *Instagram* possui mais de 35 milhões de usuários “[...] constituindo-se como lugares emergentes de difusão e compartilhamento de informações, ideias, perspectivas e possíveis campos de pesquisa, que mantêm a discussão atualizada [...] (NAZÁRIO; SANTOS; FERREIRA NETO, 2020, p. 3-4).

Esta é uma rede social na internet que permite que as universidades postem fotos e vídeos em suas páginas com a possibilidade de receber mensagens e reações dos seus usuários. Por exemplo, caso o usuário tenha gostado de alguma imagem ou vídeo publicado é possível que ele clique no ícone em formato de coração, mostrando que gostou da publicação. É permitido também fazer comentários das postagens e republicá-las em seu perfil.

O *Instagram* permite, também, que os administradores das páginas criem um espaço de destaque para as publicações cujo objetivo é que estas sejam mais acessadas. Como o próprio nome diz, essas imagens ou vídeos permanecem em destaque na parte superior da página, antes do espaço destinado às outras publicações.

Diante disso, percebe-se que os sites de redes sociais, como o *Instagram*, têm contribuído para a divulgação de informações de interesse acadêmico e da sociedade em geral sobre os assuntos que envolvem diretamente a universidade e que sejam de interesse da sociedade, mostrando ações de ensino, pesquisa e

extensão. Assim, entre os canais oficiais de comunicação das universidades federais do estado do Pará, está o *Instagram* para divulgar assuntos acadêmicos e administrativos das instituições.

> [...] as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm se mostrado de grande relevância e potencialidade, quando se assume que o uso social da internet favoreceu a interação entre sujeitos (indivíduos e também instituições) e a disseminação de práticas materiais e simbólicas de participação. (CAVALCANTE; MUZI, 2019, p. 72)

De acordo com as autoras, as tecnologias virtuais funcionam como canais de comunicação capazes de organizar e de distribuir a informação e o conhecimento com autonomia, flexibilidade e adaptabilidade devido às suas capacidades de descentralização. Por isso, as instituições, privadas e públicas, têm utilizado os sites de redes sociais com a finalidade comunicativa nas questões acadêmicas e administrativas.

E neste contexto de pandemia, onde as pessoas estão em isolamento social e as universidades com as suas atividades administrativas e acadêmicas suspensas na modalidade presencial, as redes sociais da internet têm se tornado canais essenciais de diálogo entre universidade e sociedade.

Marilena Chauí (2003) defende que a universidade tem um relacionamento estreito com a sociedade e com isso deve trabalhar pelo viés social. Suas ações e atividades são reconhecidas pelos sujeitos e, por meio de suas práticas e atribuições, possui legitimidade e diferenciação perante outras instituições sociais, o que lhe confere autonomia institucional.

Boaventura de Sousa Santos (2011) defende que a universidade é um bem público, um local transformador, onde se promove conhecimento e que está ligada à sociedade a qual pertence:

> “A sua especificidade enquanto bem público reside em ser ela a instituição que liga o presente ao médio e longo prazo pelos conhecimentos e pela formação que produz e pelo espaço público privilegiado de discussão aberta e crítica que constitui (SANTOS, 2011, p. 111).

Destarte, pesquisar sobre o papel que a comunicação deve exercer por esse bem público é fundamental em tempos do novo coronavírus, pois esse

contexto pandêmico coloca a universidade como um dos pilares de transformação social, de modo que as pesquisas desenvolvidas nesse espaço se tornam ações de enfrentamento no contexto de saúde pública em que o mundo se encontra hoje.

## 4 ANÁLISE DO OBJETO

As páginas oficiais do *Instagram* das universidades no Brasil apresentam, hoje, consideráveis números de seguidores – um fator importante que possibilita uma ampla observação de pesquisa sobre os acontecimentos e interações ocorridas entre os usuários e as universidades. E quando se trata de pandemia, onde o uso das redes sociais digitais se tornou essencial para o estabelecimento de contato entre pessoas e instituições, a utilização do Instagram, por exemplo, se fortaleceu como um canal de comunicação entre universidade e sociedade.

> De forma geral, o cenário da crise de pandemia parece compatível com a expansão do uso das redes sociais, cada vez mais importantes na manutenção da sociabilidade em condições excepcionais de isolamento social. Assim, o monitoramento do vírus possibilitado por diversas instituições, por exemplo, tem ajudado as pessoas estarem informadas sobre o contexto do mundo, bem como o acesso a informações que permitam proteger da transmissão e infecção do novo coronavírus. (POCHMANN, 2020, p. 45).

8.549 é o número de seguidores no *Instagram* que a UFOPA possui, representando uma considerável audiência nesta rede social digital. As publicações inseridas nessa página sempre abordaram temas acadêmicos e administrativos, porém com a pandemia, as postagens se referiam aos mesmos temas, mas relacionando-os ao contexto pandêmico através de informações gerais sobre a Covid-19, suspensão das aulas, trabalho remoto dos servidores, apoio psicológico à comunidade, prevenção e sintomas da Covid-19, dentre outros.

Diante disso, abaixo, tem-se a tabela com as publicações em destaque sobre o novo coronavírus na página do *Instagram* da UFOPA:

**Tabela 1** – Publicações sobre Covid-19 na página oficial da Ufopa no *Instagram*

| Data | Publicação | Gostos |
|---|---|---|
| 27/3/2020 | A UFOPA produz EPIs para profissionais de saúde dos hospitais. | 489 |
| 27/3/2020 | Concessão de alimentação para estudantes da UFOPA e seus dependentes. | 331 |

| | | |
|---|---|---|
| 27/3/2020 | Apoio psicológico online para enfrentamento à crise da pandemia. | 296 |
| 1/4/2020 | A Farmácia universitária da UFOPA produzirá álcool em gel. | 482 |
| 1/4/2020 | A UFOPA cria guia de cuidados com alimentação durante a pandemia. | 169 |
| 8/4/2020 | A UFOPA disponibiliza painel com números oficiais e atualizados da Covid-19. | 240 |
| 13/4/2020 | Curso a distância sobre cuidados com coronavírus na atenção primária de saúde. | 176 |
| 16/4/2020 | Como manejar o lixo domiciliar para a prevenção ao coronavírus. | 147 |
| 22/4/2020 | Guia de cuidados para entregadores de alimentos. | 124 |
| 24/4/2020 | Auxílio-alimentação emergencial para alunos de campi fora da sede. | 210 |
| 30/4/2020 | Campanha alimentando a vida. | 122 |
| 1/6/2020 | Navio Abaré estará na região do Rio Arapiuns no período de 15 a 24 de junho. | 198 |
| 18/6/2020 | Núcleo de psicologia publica cartilha sobre saúde mental em tempos de pandemia. | 120 |
| 23/6/2020 | A UFOPA e a HRBA irão inaugurar laboratório de testagem para Covid-19. | 419 |
| 10/7/2020 | O Campus Itaituba distribui totens de higienização para combate à pandemia. | 177 |
| 29/7/2020 | Pesquisadores da UFOPA desenvolvem esterilizador de ar que reduz carga viral de ambientes fechados. | 459 |
| 28/9/2020 | Edital fomentará projetos que busquem soluções inovadoras para prevenção e combate à Covid-19. | 248 |
| 23/10/2020 | Professor e estudantes da UFOPA relatam experiências e reflexões a partir da pandemia. | 151 |
| 24/2/2021 | A UFOPA inaugurou o laboratório de biologia molecular do Baixo Amazonas. | 547 |
| 30/4/2021 | UFOPA e Semsa selecionam voluntários para auxiliar no cadastro de vacinados contra Covid-19 em Santarém. | 217 |
| 6/5/2021 | A UFOPA desenvolveu um sistema de desinfecção de ar de baixo custo. | 446 |
| 8/6/2021 | Labimol registra queda de 27% em casos positivos de Covid-19 no Oeste do Pará. | 288 |
| 7/7/2021 | Projeto voltado à promoção da saúde mental atenderá comunidades em Santarém. | 289 |
| 16/7/2021 | Labimol da UFOPA terá processo automatizado na testagem para Covid-19. | 216 |
| 9/8/2021 | Labimol continua a registrar queda de casos positivos de Covid-19 no Oeste do Pará. | 489 |

**Fonte:** @ufopaoficial. Dados coletados em 19/08/2021.

Conforme a tabela acima, o total de postagens que ficaram em destaque na página oficial do *Instagram* da UFOPA foi de 25 publicações. Dentre essas postagens apresentadas, a publicação de maior alcance foi no dia 24 de fevereiro de 2021, com a postagem “UFOPA inaugura laboratório de biologia molecular do Baixo Amazonas”, apresentando 547 *likes*.

Percebe-se que a comunicação está diretamente relacionada com o fazer ciência, onde a universidade e a sociedade podem estabelecer novas dimensões relacionais mesmo em um contexto tão conturbado. A contribuição da comunicação é, antes de tudo, um gesto de enfrentamento de condições, afinal, “[...] todo mundo que trabalha com comunicação tem sua responsabilidade

dobrada agora, porque falamos com um público que, assim como nós, está cheio de medos e incertezas". (MARTINO, 2020).

Dessa forma, o enfrentamento de condições adversas impostas pela Covid-19 tem sido feito, também, por meio da comunicação em muitas universidades pelo mundo. Na UFOPA, as postagens em destaque na categoria "Covid-19" foram publicadas ao longo do período pandêmico, com a possibilidade de continuação de uso desse recurso no perfil da universidade, haja vista que a pandemia ainda não chegou ao seu fim.

As postagens em questão tratam das ações da universidade para o combate do coronavírus, com assuntos como produção de EPIs aos profissionais de saúde, concessão de vale de alimentos aos alunos, apoio psicológico, atividades da farmácia universitária, inauguração do laboratório de biologia molecular do Baixo Amazonas, atendendo com isso a região do Oeste do Pará onde a UFOPA está localizada.

Vemos com isso, um compromisso social que esta universidade vem desenvolvendo por meio desta mídia social ao longo do período pandêmico, mesmo com escassez de verbas e falta incentivo à pesquisa ocasionados pelo governo de Jair Bolsonaro, que tem causado impactos negativos à educação, à saúde e à ciência durante sua gestão.

Além disso, outros desafios são enfrentados pela comunicação universitária como o isolamento social, pois a distância nunca substituirá a riqueza que as atividades presenciais desempenham na vida em sociedade, mas enquanto a pandemia impor essa medida de prevenção a comunicação universitária pode proporcionar ações significativas para o enfrentamento da Covid-19.

Afinal, "[...] observa-se a distância que separa a máquina como funcionalidade daquela que, embora a entenda como objeto técnico, vai além dela a fim de descobrir que, através da tecnologia, é possível dar origem a outra relação entre os indivíduos." (FERRARA, 2019, p. 52).

A pandemia impôs novos tipos de relações, e as redes sociais digitais têm sido fundamentais nesse processo, colocando a universidade diante dessas novas formas de publicações, ressaltando diversos tipos de assistências aos alunos e servidores e novas ações de enfrentamento da pandemia, o que tem

ocasionando respostas positivas do público, tendo em vista a quantidade de *likes* em cada publicação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a comunicação nas redes sociais digitais das universidades neste contexto pandêmico se torna essencial, pois representa a identificação da pesquisa, da universidade e da comunicação como ferramentas de diálogo com a sociedade, de resistência contra uma política que desinforma e de luta no combate à Covid-19, bem como o fortalecimento do discurso em prol da vacinação e a queda de casos e mortes causados pelo coronavírus.

Dessa forma, percebe-se que muitas pesquisas ainda devem ser realizadas a fim de refletir sobre o papel da comunicação das universidades em tempos de pandemia, pois à medida que novas formas de viver em sociedade vão surgindo, novas transformações sociais, educacionais, econômicas e políticas também vão acontecendo e, com isso, novas formas de se relacionar e de se comunicar. Assim, a comunicação como uma dimensão relacional abre caminho para a conquista de novos espaços de diálogo e de novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PARÁ. Índice de isolamento atinge média 39,06% e Pará fica na 16º posição. Disponível em: https://www.agenciapara.com.br/noticia/20099. Acesso: 11 jun. 2020.

CAVALCANTE, Clarisse Castro; MUZI, Daniela. #MinhaExperiênciaNoSUS: um estudo dos sentidos sobre o SUS com-partilhados no Facebook. Galáxia (São Paulo), v. 40, p. 71-84, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/gal/a/YDZSt87gBKWJ3wHMgMDXsjS/abstract/?lang=pt&format=html. Acesso: 15 jun. 2020.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Revista brasileira de educação, v. 24, p. 5-15, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/abstract/?format=html&lang=pt&stop=previous. Acesso: 15 jun. 2020.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Comunicação/Comunicabilidade. Revista Fapcom. São Paulo, v. 3, n. 5. 2019. Disponível em: https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/89. Acesso: 15 jun. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. Covid-19 e Comunicação: um guia prático para enfrentar a crise. Versão: abril de 2020. Disponível em: http://bit.ly/guianer. Acesso: 11 jun 2020.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Entre a curtida e o abraço: relações pessoais, comunicação e isolamento. Live no Instagram da Revista Esquinas. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/revista_esquinas/. Acesso: 12 jun 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional. Disponível em: https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional. Acesso: 11 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coronavírus Brasil.Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso: 11 jun. 2020.

NAZÁRIO, Murilo Eduardo dos Santos; SANTOS, Wagner dos; FERREIRA NETO, Amarílio. Netnografia da Educação Física na reforma do ensino médio brasileiro: práticas discursivas nas redes sociais Youtube, Instagram, Facebook e Twitter. Revista Motrivivência, v. 32, n. 62, p. 01-22, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-80402.2020e67843. Acesso: 15 jun. 2021.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de et al. Como o Brasil pode deter a COVID-19. Revista Epidemiol. Serv. Saude, v. 29, n. 2, p. 1-8, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n2/2237-9622-ress-29-02-e2020044.pdf. Acesso: 11 jun. 2020.

POCHMANN, Marcio. Coronavírus e Tecnologia. CASTRO, Daniel; DAL SENO, Danillo; POCHMANN, Marcio. Capitalismo e a Covid-19. São Paulo: 2020.

PORTAL G1. Pará é o terceiro estado do Brasil com maior índice de aceleração da Covid-19. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/04/21/para-e-o-terceiro-estado-do-brasil-com-maior-indice-de-aceleracao-da-covid-19.ghtml. Acesso: 11 jun. 2020.

RIBEIRO, Darcy. Universidade para quê? Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE PÚBLICA DO PARÁ. Medidas adotadas pelo governo do estado do Pará no combate à Covid-19. Disponível em: https://transparenciacovid19.pa.gov.br/sites/default/files/acoes_governo_para_covid_19_-_copia.pdf. Acesso: 11 jun. 2020.

**ST4- MÍDIA E PANDEMIA:DESAFIOS EM TEMPOS DE COVID-19**

COORDENADORES

Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Fernandes Assumpção ((Universidade da Amazônia)

APOIO

Ma. Carolina de Sousa Franco Santos – (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Ma. Giovanna Figueiredo de Abreu – Egressa (PPGLC/ UNAMA)

EMENTA

Desde março de 2020 o mundo vive a Pandemia de Covid-19. Neste período, há diversos desafios que envolvem a esfera midiática. A infodemia (excesso de desinformações) e o negacionismo corroboram para a disseminação de pós-verdades que prejudicam a circulação de informações de interesse público de qualidade. Somado a isso, há as transformações nas práticas de profissionais impostas pela necessidade de isolamento físico. Assim, de um lado aparecem problemas relacionadas à conectividade (hiperconectividade ou desigualdades digitais) por conta do home office, e de outro surgem novas práticas de trabalho e novos formatos e linguagens midiáticos (jornalísticos, publicitários, educacionais) que passam a fazer parte do nosso cotidiano devido a novas condições de produção. Nesta equação, estão também a sociabilidade e o entretenimento cada vez mais mediados pelas tecnologias digitais e que, consequentemente, podem gerar problemas relacionados à hiperconectividade e às desigualdades digitais. Diante deste cenário, este Simpósio Temático aceita artigos teóricos e empíricos que problematizem um ou mais desses desafios.

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

# A COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE CAOS: A IMPORTÂNCIA DA EXPLOSÃO DO *TIKTOK* COMO REDE SOCIAL NO COMBATE À PANDEMIA[76]

# COMMUNICATION IN TIMES OF CHAOS: THE IMPORTANCE OF THE TIKTOK EXPLOSION AS A SOCIAL NETWORK IN FIGHTING THE PANDEMIC

# COMUNICACIÓN EN TIEMPOS DE CAOS: LA IMPORTANCIA DE LA EXPLOSIÓN DE *TIKTOK* COMO RED SOCIAL EN LA LUCHA CONTRA LA PANDEMIA

Haroldo Freire da Silva Júnior[77]

**Resumo:** Estudo realizado a partir da temática do uso do TikTok como meio de comunicação alternativo e interação social durante a pandemia do COVID-19. Para compor a discussão sobre a temática central do texto foi observado o seguinte objetivo geral: caracterizar os principais fatores que estimularam o uso do *TikTok* na construção de um novo mecanismo de comunicação e interação na rede social em meio a pandemia do COVID-19. E, juntamente, ao objetivo geral, os seguintes objetivos específicos: descrever a internet como mecanismo de escape aos conflitos gerados a partir do isolamento social; descrever a influência das redes sociais nos lares e vidas dos seus usuários; e, por último, apresentar os parâmetros que tornaram o TikTok uma rede de contato interativo com alto índice de uso e a influência da rede social na divulgação de informações para o combate a pandemia do COVID-19. Em relação ao método de pesquisa, foram observadas diretrizes da pesquisa bibliográfica para a composição do texto. Quanto aos resultados, observou-se que o TikTok promove diferentes reações em seus usuários, devido a isso necessita-se de atenção quanto a qualidade da informação gerada e consumida a partir da rede social.

**Palavras-chave:** Comunicação. Redes Sociais. Internet. TikTok. Covid-19.

**Abstract:** Study based on the theme of the use of TikTok as an alternative means of communication and social interaction during the COVID-19 pandemic. To compose the discussion on the central theme of the text, the following general objective was observed: to characterize the main factors that stimulated the use

[76]Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro 2021.

[77] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 04 - Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19 do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

2 Discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama. E-mail: Haroldo_junior1791l@hotmail.com.

of TikTok in the construction of a new communication and interaction mechanism in the social network amidst the COVID-19 pandemic. And, along with the general objective, the following specific objectives: describe the internet as an escape mechanism from conflicts generated from social isolation; describe the influence of social networks on the homes and lives of its users; and, finally, to present the parameters that made TikTok an interactive contact network with a high rate of use and the influence of the social network in disseminating information to fight the COVID-19 pandemic. Regarding the research method, bibliographic research guidelines were observed for the composition of the text. As for the results, it was observed that TikTok promotes different reactions in its users, because of this, attention is needed regarding the quality of information generated and consumed from the social network.

**Keywords:** Communication. Social networks. Internet. TikTok. Covid-19.

**Resumen:** Estudio basado en el tema del uso de TikTok como medio alternativo de comunicación e interacción social durante la pandemia de COVID-19. Para componer la discusión sobre el tema central del texto, se observó el siguiente objetivo general: caracterizar los principales factores que estimularon el uso de TikTok en la construcción de un nuevo mecanismo de comunicación e interacción en la red social en medio de la pandemia COVID-19. Y, junto al objetivo general, los siguientes objetivos específicos: describir Internet como un mecanismo de escape a los conflictos generados por el aislamiento social; describir la influencia de las redes sociales en los hogares y la vida de sus usuarios; y, finalmente, presentar los parámetros que hicieron de TikTok una red de contacto interactiva con un alto índice de uso y la influencia de la red social en la difusión de información para combatir la pandemia COVID-19. En cuanto al método de investigación, se observaron pautas de investigación bibliográfica para la composición del texto. En cuanto a los resultados, se observó que TikTok promueve diferentes reacciones en sus usuarios, por lo que se requiere atención en cuanto a la calidad de la información generada y consumida desde la red social.

**Palabras clave:** Comunicación. Redes sociales. Internet. Tik Tok. COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

O modo de comunicar dos seres humanos mudou com o tempo, porém, apesar das mudanças que envolvem o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, algo que continua presente no comportamento humano é o desejo de pertencer a um grupo, de gerar interação. Essa caraterística humana foi, bruscamente, afetada com as limitações ocasionadas pelo isolamento social, adotado em todo mundo como medida de prevenção ao contágio do COVID-19.

Para José Luiz Braga (2015), a comunicação é o processo básico de interação da espécie humana. Entretanto, assim como em qualquer sistema de

regras, há limitações nas formas como esta ocorre. Porém, mesmo com restrições, é via de regra que o ser humano desenvolve outros meios de se comunicar quando diante de algum impedimento.

Essa procura por novos meios é um movimento automático da natureza humana. E é nesse contexto que surgem as formas de comunicação que se dão através do senso comum. José Luiz Braga (2019), em seu artigo, explica que senso comum é um ato de aprendizagem da nossa espécie como forma de adaptação ao meio em que o indivíduo se encontra, partindo do ato de copiar o seu semelhante dentro do seu círculo de interação e envolvimento de convivência.

As relações interpessoais antes associadas ao contato humano presencial precisaram mudar; abraços, aperto de mão, beijos no rosto ou qualquer outra demonstração de afeto, ou interação social, no cenário pandêmico, precisou ser evitado a todo custo como medida de segurança para a saúde pública. Nesse sentido, a internet com suas diferentes inovações foi o único meio de continuidade de atividades rotineiras, como as reuniões de trabalho e as aulas das escolas/faculdades.

Contudo, entre os principais impactos relacionados à mudança nas relações interpessoais, sem dúvida foi a visão sobre si mesmo que as pessoas alimentaram no período de isolamento social. Comumente, foram vistos cenários de exposição na internet, pessoas de diferentes classes sociais, países e perfis se viram sozinhas e diante de seu *smartphone* começaram a gravar vídeos e a consumir materiais de outras pessoas nas redes sociais, aceleradamente e com maior frequência do que em outros períodos.

Assim sendo, ao vislumbrar o papel das redes sociais no cenário de pandemia, onde a comunicação entre as pessoas apenas foi possível mediante o uso de algum dispositivo eletrônico, vê-se a expansão no uso de uma rede social em particular, o *TikTok*, inicialmente conhecida pela divulgação de vídeos curtos, em especial, “dancinhas” realizadas por adolescentes.

Em 2020 e 2021, o *TikTok*, deixa de ser uma rede social de adolescentes e engloba outros públicos, os novos usuários da rede buscam informação e

entretenimento. Assim, também o perfil dos *influencers* muda de modo a atender as exigências desse novo perfil de usuários.

Nesse sentido, essa pesquisa irá tratar da problemática do uso do *TikTok* em cenário pandêmico e como este uso influenciou no modo de comunicar dos usuários da rede social. Com isso, no decorrer do texto será evidenciado a seguinte questão-problema: quais fatores estimularam o uso do *TikTok* na construção de um novo mecanismo de comunicação e interação na rede social em meio a pandemia do COVID-19?

Para tanto, considerando a questão-problema, será observado no texto o seguinte objetivo geral: caracterizar os principais fatores que estimularam o uso do *TikTok* na construção de um novo mecanismo de comunicação e interação na rede social em meio a pandemia do COVID-19. E, juntamente, ao objetivo geral, os seguintes objetivos específicos: descrever a internet como mecanismo de escape aos conflitos gerados a partir do isolamento social; descrever a influência das redes sociais nos lares e vidas dos seus usuários; e, por último, apresentar os parâmetros que tornaram o *TikTok* uma rede de contato interativo com alto índice de uso e a influência da rede social na divulgação de informações para o combate a pandemia do COVID-19.

Por fim, considerando o método de pesquisa, para a composição deste texto foram observadas as diretrizes aplicáveis a pesquisa bibliográfica, de cunho básico e caráter descritivo. Em meio a coleta e a seleção de documentos, considerou-se o uso de textos de cunho acadêmico/científico, exclusivamente, publicados em bases de dados online.

## 2 INTERNET, O ESCAPE AO ISOLAMENTO SOCIAL

A internet é o maior canal de comunicação na Era Digital. Em relação aos demais canais de comunicação, a internet se sobresai quanto a possibilidade de expansão no modo de atingir contingentes maiores de pessoas em múltiplos espaços no campo virtual, especialmente, a população jovem (PIESCO, 2015).

É possível dizer que, a expansão promovida pela interação entre milhões de pessoas em simultâneo, promovida pela internet revelou-se para preservar as relações mesmo com o impedimento do contato físico, considerado fator de risco

ao contágio do COVID-19. A percepção de relações humanas recebeu um novo espaço e significado, as telas de *tablets, notebooks, webcams, smartphones* e demais instrumentos tecnológicos enquanto “aproximaram” as pessoas, também evidenciam o distanciamento físico entre elas (EUZÉBIO, 2020).

Em 2020, a descoberta do COVID-19 trouxe à tona medidas antes impensadas para a população mundial, o contato físico deveria ser evitado e as pessoas precisam ficar, o máximo possível, isoladas em seus lares. Esse comportamento faria sentido dentro de um espaço online, contudo, ao considerar o contingente de dias, semanas e meses em que tal realidade permanecia como sendo a única possível para conter a expansão da doença as pessoas sofreram impactos antes impensados em outras realidades.

> Uma das medidas adotadas para diminuir a propagação do vírus, e consequentemente o número de mortes, foi o chamado isolamento social. Em uma sociedade que se baseia na produtividade, onde mais da metade da população trabalha cerca de dez horas por dia, foi imposta uma parada que nos faz deixar de lado o convívio social e ficar em casa dia após dia. Dessa forma, as relações interpessoais passaram a ser realizadas em espaços virtuais, dando a falsa sensação de proximidade e socialização sem qualquer tipo de contato físico. A partir disso, percebemos a real importância e necessidade da convivência e do relacionamento. Afinal, como afirmou o filósofo Aristóteles, o homem é um animal político. Somos feitos para integrar uma unidade maior, nos desenvolver, ultrapassar nossa individualidade, nos comunicar e interagir com os outros a fim de alcançar nossa plenitude (EUZÉBIO, 2020, p.13).

Considerando o fator associado ao isolamento social, tal como observado no trecho acima, onde o filósofo Aristóteles considera o homem um ser social, observa-se que a análise ao nível comportamental irá explicar fatos próprios desse novo universo criado a partir do isolamento social. A sociedade deixou de ser um espaço amplo de contato diário entre diferentes tribos, para transformar-se em uma única tribo, dos usuários da internet e das redes sociais digitais (MALAVÉ, 2020).

De início, o mundo acreditava que o isolamento social seria por breve tempo, as recomendações dos órgãos de saúde mundiais deixavam claro que quanto maior o nível de isolamento menor seria o percentual de contágio do COVID-19 e, consequentemente, as relações interpessoais voltariam a ser como antes desse momento crítico de saúde.

Entretanto, opostamente, apesar de existirem evidências de diminuição de casos da COVID-19, outra pandemia, ainda mais extensa e pouco discutida estaria relacionada ao comportamento da população diante do modo de interação das pessoas consigo mesmas e com a sua imagem perante os outros, em meio ao isolamento social, tendo em vista um novo conceito de relações interpessoais (KURIMOTO, 2020).

Os encontros virtuais, seja para resolução de compromissos de trabalho, aulas da escola/faculdade ou mesmo consultas com médico em regime à distância seria base para a interação individual ou em grupo de uma gama de pessoas impedidas de se ausentar dos seus lares, porém, que tinham como dever interagir com o mundo fora do domicílio por um breve tempo. Essa realidade, em muitos casos, única para a efetivação de atividades antes realizadas em ambientes físicos promove novos espaços de interação, fora do chamado “normal”, mudando o modo sentido e a forma de compreender as relações interpessoais. É hora de compreender que as relações interpessoais mudaram, deixaram de ser movidas pelo contato visual para serem orquestradas por uma tela (BALTOR; OLIVEIRA; LIMA, 2021).

Kurimoto (2020) considera as relações interpessoais em tempos de pandemia no sentido de abandono do contato físico, porém, que fortalecem a percepção sobre outras realidades, onde o termo “se aguentar” utilizado pelo autor expressa a sua indagação sobre o cotidiano da sociedade que convive com espaços de violência e intolerância, nos próprios lares.

> Não se pode desconsiderar aqui, as condições inumanas de quem está às voltas com a violência e intolerância, nos espaços domésticos, onde o ato, covarde e cruel, surge ali onde a palavra não encontra lugar. Fenômeno que tem se mostrado muito presente e agravado pelo contexto da Pandemia (KURIMOTO, 2020, p.2).

Kurimoto (2020) evidencia o comportamento hostil de uma população que vive conflitos próprios, que independem do espaço, por essa razão, o autor considera que o isolamento social aflorou realidades paralelas ao que, antes da pandemia, era considerado um comportamento normal de uma sociedade que “ia e vinha” nas expectativas de um espaço produtivo de trabalho e convívio mútuo entre os agentes.

Em nenhum outro tempo, a internet, mostrou-se tão útil quanto no período de pandemia, a utilização do ambiente virtual tornou possível a continuidade de atividades, mesmo que em um novo espaço. Segundo Baltor, Oliveira e Lima (2021) até mesmo nos lares a comunicação foi um atributo necessário entre os indivíduos, contudo, seriam os espaços virtuais os maiores espaços utilizados pela massa de pessoas que se mantinham isolados dentro dos seus lares.

Por outro lado, infelizmente, o isolamento mostrou-se eficaz apenas para aqueles que, verdadeiramente, adotam este comportamento como uma medida preventiva, onde o resultado sobre o contingente de casos de COVID-19 tornaria o isolamento algo praticável a longo tempo. É verdade que o isolamento social, de longe, poderia ser praticado por toda população, afinal, existem atividades que necessitam de contato social, porém, em sua maioria as demais atividades poderiam e, foram migradas para o espaço virtual. Além disso, as redes sociais, anteriormente, em uso por um grande público em meio a pandemia foram os espaços de maior permanência dos usuários que viam nesses espaços um escape ao isolamento social.

> Em perspectiva à situação atual, o distanciamento social apresentou novos obstáculos à manutenção de conexões e realização de interações sociais, que passaram a ser, então, essencialmente virtuais. Entretanto, percebemos que a possibilidade de interações focadas no desenvolvimento de dinâmicas sociais promovidas pelas redes sociais, indicam ser fatores preponderantes para o sucesso do **TikTok** no momento atual [...] (CHIES; REBS, 2021, p.16, grifo nosso).

O destaque das redes sociais no período de pandemia se dá quando a grande massa precisa adaptar-se ao “novo normal”. Esse modo diferente de se comunicar estará relacionado diretamente com a expansão no uso das redes sociais tanto no campo interativo quanto profissional, apesar desse segundo ponto não ser o foco deste estudo.

Redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, há tempos tem sobrevivido como meios de comunicação em massa, estas redes ganham e perdem milhões de seguidores diariamente, algo normal se observarmos o perfil de consumidores dessa categoria de produto. No entanto, recentemente outra rede social vem ganhando espaço nos *smartphones,* lares e vidas dos usuários, o

TikTok. Nesse sentido, antes de caracterizar o perfil dos usuários do TikTok, no tópico seguinte serão discutidos os principais pontos que deixam claro como as redes sociais, atualmente, conduzem parte dos lares e vidas de milhões de pessoas em todo o mundo.

## 3 A INVASÃO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NOS LARES E NAS VIDAS DOS SEUS USUÁRIOS

Desde muito antes do surgimento das redes sociais virtuais, diferentes estudiosos do comportamento humano concordaram sobre o senso social do ser humano. Para Evangelista, Baptista e Verissimo (2017, online): “Mesmo que o homem tenha uma aparência individual e particular, pertence a uma coletividade e, apesar das diferenças individuais, existe uma unidade do grupo, universal”.

Criar a sua própria comunidade ou mesmo fazer parte de uma já existente explica o comportamento de diferentes indivíduos perante o uso das redes sociais virtuais. Na opinião de Santos e Cypriano (2014, p.220): “A forma da sociabilidade que emerge nas redes sociais da internet encontra abrigo em uma web cuja utilização vem deixando de ser prioritariamente instrumental para se tornar fundamentalmente relacional”. Isso quer dizer que a web como é vista hoje concentra a sua ação cada vez mais no lado de socialização dos usuários do que, no passado, quando os computadores tinham como característica a sua funcionalidade técnica.

As redes sociais no campo da relação humana assumem a posição de canal de divulgação da imagem dos usuários, seja esta imagem real ou irreal. O universo das redes sociais consiste em estabelecer critérios de comunicação que irão compor aspectos próprios de um campo em que exibisse realidades pouco prováveis de serem reais para a maioria da população, porém, desejáveis para um grande público. A ilusão por trás da vida perfeita encarada como um dos principais pontos em destaque nas redes sociais irá fundamentar a invasão das redes na casa e na vida dos seus usuários, especialmente, porque muitos destes usuários estarão insatisfeitos com a sua realidade atual (AMARAL, 2016).

Entre os principais aspectos que comportam as redes sociais no cenário de atenção do grande público é a possibilidade de interação paralela com um expressivo volume de pessoas. Atualmente, torna-se cada vez mais comum a comunicação por meio das bate-papos, *chats* e mensagens privadas entre

diferentes usuários de uma única rede social. Comumente, observa-se relatos de pessoas que iniciam ou mesmo finalizam diferentes categorias de relação por meio da internet, mesmo antes do cenário pandêmico do COVID-19.

O perfil de comunicação criado e estimulado por meio do uso das redes sociais adentrou a vida de milhões de usuários, em diferentes localidades. Os públicos que, hoje, utilizam as redes sociais como parte de seu cotidiano possuem características, exigências e objetivos próprios. Partindo de uma concepção do uso das redes sociais no campo de construção de relações em múltiplos campos, Marinho (2021) estabelece um parâmetro sobre o comportamento dos usuários de uma rede social voltada ao campo de relações corporais e afetivas dos usuários.

> Nos últimos tempos, o avanço das tecnologias digitais estimulou transformações em diversos aspectos da nossa sociedade. Sua contínua expansão, vem gerando um processo que reinventa os mais variados campos da vida social, modificando desde questões que se referem à estrutura da sociedade até a elementos da vida pessoal dos indivíduos (MARINHO, 2021, p. 98).

Conforme pode ser lido, no trecho acima, a visão sobre um espaço unicamente voltado ao uso para atividades no campo técnico deixou de ser algo real na internet, em especial, com respeito ao uso das redes sociais. Antes da eclosão da pandemia do COVID-19, as redes sociais já vinham de um histórico de expansão constante, prova disso são os números das redes sociais de maior uso no Brasil, em 2021, conforme pode ser visto no Quadro 1.

**Quadro 1** - Ranking das 10 Redes Sociais de maior uso no Brasil, em 2020-2021.

| Ranking | Rede Social | Nº de Usuários | Principal Finalidade |
|---|---|---|---|
| 1º | Facebook | 130 milhões | Divulgação de fotos e vídeos. |
| 2º | Youtube* | 127 milhões | Divulgação de vídeos. |
| 3º | WhatsApp | 120 milhões | Troca de mensagens instantâneas, vídeos e imagens. |
| 4º | Instagram | 110 milhões | Divulgação de fotos e vídeos. |

| Ranking | Rede Social | Nº de Usuários | Principal Finalidade |
|---|---|---|---|
| 5º | Facebook Messenger | 77 milhões | Troca de mensagens instantâneas. |
| 6º | Linkedin | 51 milhões | Divulgação de informações voltadas a área profissional dos usuários. |
| 7º | Pinterest | 46 milhões | Divulgação de fotos e vídeos. |
| 8º | Twitter | 17 milhões | Troca de mensagens instantâneas (até 140 caracteres) |
| 9º | TikTok | 16 milhões | Divulgação de vídeos curtos (até 60 segundos) |
| 10º | Snapchat | 8,8 milhões | Divulgação de vídeos curtos (até 15 segundos) |

*Apesar de possuir como principal característica a divulgação de vídeos, o Youtube, também possui perfil de rede social devido a diferentes funcionalidades presentes na plataforma.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021) adaptado de Resultados Digitais (2021).

Ao observar o *ranking* descrito no Quadro 1, tem-se como um fato curioso a presença de redes sociais de diferentes perfis, onde se tem redes voltadas basicamente ao entretenimento, enquanto existem outras que se baseiam em múltiplos aspectos a troca de informações tanto entretenimento como sendo de teor educacional e/ou profissional.

O *Facebook*, em 2006, quando foi utilizado no Brasil, trouxe um ambiente novo para os então usuários de redes com recursos limitados em comparação a nova rede, a exemplo do *Orkut*[78]. Para Correia e Moreira (2014) a proposta trazida pelo *Facebook* comporta ações que promovem mais que ações de partilha de informações pela internet. “À medida que os cientistas sociais avaliam o impacto desta rede em termos sociológicos, reconhecem a sua utilidade como ferramenta de observação comportamental, de teste de hipóteses e de

[78] O Orkut é uma rede social que foi amplamente utilizada no Brasil e na Índia, basicamente formada por usuários que formavam comunidades em torno de temas diversos e interagiam entre si através de imagens, fotos e pequenos textos.

recrutamento de participantes num ambiente natural" (CORREIA; MOREIRA, 2014, p.169).

É possível ver que o *Facebook*, tornou-se sinônimo de inter-relação e comunicação na internet, porém, apesar de continuar sendo uma das redes sociais de expressivo uso no Brasil e no Mundo, atualmente, outras redes também têm ganhado destaque nos *smartphones* e nas vidas dos brasileiros. Para Rodrigues e Brennand (2020, p.89): "A Internet enquanto meio de comunicação de liberdade para a liberdade gera um inovador espaço de interações e troca de informações entre as pessoas, que marca o início de novos tempos na estrutura das comunicações e relações humanas". Ou seja, as últimas décadas, especialmente, nos meses que contemplam a pandemia do COVID-19, contribuíram para que a sociedade mundial tenha visto múltiplos avanços no campo das tecnologias digitais, particularmente, em relação a internet e o modo de comunicar por meio das redes sociais.

Sob outro olhar, o fato de passar horas e dias isolados levou a milhões de pessoas a buscarem diferentes formas de entretenimento, o *Facebook* continuou a ser utilizado tanto quanto em outras épocas pré-pandêmicas, contudo, a visibilidade trazida pelos vídeos do *TikTok*, em 2020 e 2021, foi uma motivação bastante interessante para velhos e novos usuários da rede social. Afinal, a falta de visibilidade devido ao isolamento social, em tese, diminuiria o contato com o mundo externo das pessoas, porém, através do uso de instrumentos que simulasse ou mesmo ultrapasse o percentual de interação natural proporciona um ambiente fértil para a eclosão de novos comportamentos.

O comportamento do usuário que aderiram às chamadas "dancinhas" do *TikTok*, representou uma avalanche de ações que iniciaram com a presença de adolescentes que se divertiam com a divulgação de vídeos curtos sobre múltiplos temas, porém, repletos de adereços e interatividade (CHIES; REBS, 2021). No entanto, assim como o *Facebook* e outras redes sociais que mudaram seu modo operante conforme o público de usuários mostraram-se inclinados ao uso dos recursos do aplicativo, o *TikTok*, igualmente, deixou de ser um espaço para "dancinhas" sendo utilizado com maior frequência para troca de

experiências e a divulgação de informações de caráter mais sério e menos infantil.

Portanto, considerando que o *TikTok*, atualmente, vive um processo de crescimento constante entre diferentes faixas etárias de usuários, não somente entre os mais jovens como se acreditava no início, onde a rede social era vista apenas como um espaço para adolescentes. Contudo, antes de compreender como se dá a relação entre faixa etária, ferramenta de comunicação e o real uso do *TikTok* em cenário brasileiro, necessita-se compreender de "onde vem" e para "onde vai" o *TikTok*, a rede social das ciberdancinhas[79] em meio ao combate à pandemia.

## 4 DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI O TIKTOK NO COMBATE À PANDEMIA

No contexto das redes sociais ser popular pode representar diferentes contextos, existem aqueles que ficam "em alta" devido a um meme[80], outros constroem a sua fama a partir de um longo processo de evolução na rede social. Contudo, um fato comum entre as categorias dos *digitais influencers* [81] é uma exposição constante e maciça na rede. Segundo Marinho (2021) a nomenclatura dada às pessoas que utilizam de sua imagem para promover marcas ou produtos na internet representa um mercado promissor desde muito antes do surgimento do TikTok e suas famosas "dancinhas".

> Os primeiros indícios da presença dos influenciadores digitais surgiram na segunda geração da internet, chamada de Web 2.0. Termo cunhado pela primeira vez em 2005 por Tim O'Reilly, para se referir às mudanças inauguradas pela internet no que diz respeito às novas formas de publicação e compartilhamento de conteúdo que ampliavam os ambientes de interação entre os usuários (MARINHO, 2021, p. 85985).

É comum que sejam dados nomes específicos para os *influencers* conforme a plataforma de atuação, por exemplo, criadores de conteúdo para o

[79] Ciberdancinha é o termo dado para as apresentações de dança, em geral, de caráter cômico divulgadas nas redes sociais como TikTok e Instagram.
[80] Meme é uma expressão amplamente utilizada na internet para descrever imagens ou vídeos curtos que apresentam alguma situação curiosa que possa ser associada a diferentes contextos, no geral, evidenciando situações cômicas.
[81] Digitais Influencers são todos aqueles profissionais que utilizam de uma ou mais redes sociais para divulgação de sua imagem ou produto, considerando o seu comportamento ou hábitos cotidianos.

Youtube chamam-se "*youtubers"*, enquanto os profissionais especializados em conteúdo para o Instagram recebem o nome de "*instagrammers*". Lembrando que, antes da popularização do Youtube e do Instagram, os profissionais *influencers* recebiam o nome de blogueiros, em alusão a utilização de suas páginas pessoais (MARINHO, 2021).

A marca pessoal somada ao alto impacto gerado pelas redes sociais promove um novo universo que visa a comunicação rápida, sem barreiras e de alto alcance as massas. Nesse interim, o isolamento social, mostrou-se como cenário ideal para a propagação dos mais variados conteúdos gerados e divulgados nas redes sociais, em especial, os conteúdos criados a partir dos *smartphones,* hoje comuns em milhões de lares (COSTA; ARAÚJO; VASCONCELOS, 2021).

Como dito, o alto alcance das redes sociais tornam o processo de criação e divulgação de conhecimento um movimento que se multiplica em diferentes cenários e sobre qualquer tema, o *TikTok*, portanto, será mais um dos meios de propagação do conhecimento criado na e para as redes sociais.

Os *"tiktokers*" possuem comportamento como qualquer outra categoria de *influencers,* criam conteúdo a partir de múltiplos temas e reproduzem na plataforma. Dessa forma, aparentemente, como outras plataformas de perfil semelhante, o *TikTok*, o mercado acreditava este aplicativo seria mais uma rede social criada de modo a estabelecer um espaço de criação e consumo de informação na internet, porém, que não perpetuar por muito tempo; contudo, o que chama atenção é a expansão que a rede observou nos anos de 2020 e 2021, em meio ao período pandêmico.

> Com o isolamento social, resultante da pandemia do Coronavírus, a maioria da população mundial acabou ficando confinada em casa nos últimos meses, no período chamado de quarentena, a fim de conter a disseminação do vírus. Neste período, o TikTok conquistou o mercado global, tornando-se um meio de entretenimento para muitas pessoas. A plataforma não apenas permitiu que os usuários compartilhassem conteúdo criativo, mas também forneceu vídeos com diversas temáticas que ajudou a acalmar a apreensão que cercava quase todos durante esses tempos difíceis (KAORI, 2020, online).

O período pandêmico contribuiu para o aumento no uso do TikTok por diferentes razões que incluem a facilidade na criação e no consumo de

informação, a interação contínua com outros usuários. Nesse sentido, para exemplificar os diferentes contextos em que se desenvolve o TikTok, Geyser (2021) categoriza 50 estatísticas que comprovam a expansão no uso e os impactos gerados pelo app de vídeo, conforme pode ser observado no Quadro 2:

**Quadro 2** - Principais estatísticas do TikTok.

| Nº | Descrição |
|---|---|
| 1 | 4º download gratuito de aplicativos para iPhone mais popular em 2019 |
| 2 | 2º download gratuito de aplicativos para iPhone mais popular em 2019 |
| 3 | 154 Países |
| 4 | Número 1 em Antígua e Barbuda |
| 5 | 119 milhões de usuários ativos na Índia |
| 6 | Altamente popular em muitos países asiáticos |
| 7 | 400 milhões de usuários diários ativos na China |
| 8 | 800 milhões de usuários ativos em todo o mundo |
| 9 | Aplicativo mais baixado no Google Play em novembro de 2018 |
| 10 | Preço de compra entre $800 milhões e $1 bilhão |
| 11 | 39 idiomas |
| 12 | 200 dias para ser desenvolvido |
| 13 | 1 milhão de visualizações de vídeos por dia no primeiro ano |
| 14 | 31,5 milhões de fãs - Relatório do TikTok |
| 15 | 50,7 milhões de fãs - Relatório do Douyin |
| 16 | 2014 - Ano de lançamento do Muscal.ly |
| 17 | 2016 - Ano de lançamento do TikTok/Douyin |
| 18 | 1,9 bilhão de downloads |
| 19 | $1,4 milhões em ganhos mensais estimados |
| 20 | 20% da receita dos EUA |
| 21 | $50 milhões em gastos no TikTok |
| 22 | Mais de 90% de dispositivos Android |
| 23 | Nove em cada dez usuários do TikTok usam o aplicativo várias vezes ao dia |
| 24 | 10º lugar como reprodutor de vídeo/editor na França |
| 25 | 3,81 milhões de downloads nos EUA |
| 26 | 52.1% de taxa de engajamento |
| 27 | Aumento de 500% dos gastos no aplicativo |

| Nº | Descrição |
|---|---|
| 28 | 25,8% dos usuários dos EUA têm entre 18 e 24 anos |
| 29 | 68% assistiram a vídeos de outras pessoas |
| 30 | 63% curtiram vídeos de outras pessoas |
| 31 | 63% começaram a seguir alguém no último mês |
| 32 | 55% enviaram um vídeo no último mês |
| 33 | 54% comentaram em um vídeo |
| 34 | 43% enviaram um vídeo "Dueto" |
| 35 | 1,000,000 visualizações diárias de páginas |
| 36 | 421 no Alexa Ranking |
| 37 | 530,1 milhões de visualizações no #ThinBlueLine |
| 38 | 113 milhões de downloads apenas em fevereiro de 2020 |
| 39 | 323 milhões de downloads do aplicativo na Índia em 2019 |
| 40 | 49% dos adolescentes usaram o TikTok |
| 41 | Bytedance avaliada em $78 bilhões |
| 42 | Proibição custou 15 milhões de novos usuários |
| 43 | 37% dos usuários do TikTok nos EUA relatam renda familiar acima de $100.000 |
| 44 | O TikTok é usado por 2 milhões a mais de mulheres do que homens nos EUA |
| 45 | Uso mais equilibrado no Japão |
| 46 | Usuários indianos predominantemente masculinos |
| 47 | 74% dos usuários do TikTok estavam ativos em dezembro de 2019 |
| 48 | Os usuários do TikTok estão envelhecendo com o aplicativo |
| 49 | Atividades de 460,000 famílias compartilhadas no Douyin em 2019 |
| 50 | O tipo de cachorro mais popular em vídeos do Douyin é o Husky |

**Fonte:** Geyser (2021) adaptado pelo autor.

Conforme pode ser visto, as estatísticas relacionadas ao *TikTok*, em suma, relacionam-se com o consumo da rede social. O aplicativo mostra-se cada dia mais passível ao uso sob diferentes ações, que vão além do entretenimento, como ficou popularmente conhecido em todo o mundo.

De fato, o *TikTok*, deixou de ser um lugar de exposição aleatória de vídeos, o que faz desta rede social um importante meio a propagação de

informações relevantes ao combate à pandemia do COVID-19, tal como outras redes sociais. Afinal, em paralelo ao uso das redes sociais como meio de distração ao caos ocasionado pelo pânico relacionado a doença, existe o cenário de promoção de *fake news*[82] que se misturam a informações reais e trazem danos a toda a população (GALHARDI, 2020).

Sendo assim, é recomendável que a atenção perante o nível de informação consumida em canais de comunicação, como as redes sociais seja ainda mais criteriosa, considerando que, ao mesmo tempo em que um vídeo divertido pode vir a alegrar em um determinado instante do dia, também uma informação errônea pode causar danos irreversíveis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão sobre os efeitos da pandemia no comportamento social das pessoas revelou que o cenário pandêmico serviu para que novas ações conduzissem parte do cotidiano. Antes da pandemia, era comum ocorrerem reuniões nos escritórios das empresas, contudo, com a pandemia esses eventos precisaram ser migrados para o ambiente domiciliar sendo ministrados pela internet. Da mesma forma, as relações humanas, com pessoas de outros ciclos, incluindo a família, tiveram que mudar a sua forma de comunicar.

Assim, as redes sociais ocuparam um espaço de destaque na vida e no cotidiano de milhões de usuários dessas redes, incluindo, o TikTok, que nesse cenário ampliou a sua atuação e vivenciou um momento de grande expansão das suas atividades. Visto isso, esse estudo discutiu os principais aspectos que tornam o TikTok um importante meio de divulgação de informação, além de proporcionar entretenimento.

Desse modo, espera-se que novos estudos surjam de modo a compreender os múltiplos impactos gerados nas vidas, nos comportamentos e no perfil de relacionamento dessa população que presenciou o isolamento social ocasionado pelo medo de contágio por um vírus.

---

[82] *Fake News* é o nome dado às falsas notícias que, comumente, circulam nas redes sociais. Essa categoria de notícia não possui fundamentos científicos ou legais, o que faz delas um risco à sociedade.

**REFERÊNCIAS**

AMARAL, Rogério do. Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea. 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143853/amaral_r_dr_fct.pdf?sequence=3. Acesso: 5 out. 2021.

BALTOR, Amanda Kasat; OLIVEIRA, Emanuel Percínio Gonçalves de; LIMA, Gagarin da Silva. Relações interpessoais durante a pandemia. 2021. Disponível em: https://sistemas.juazeiro.ifce.edu.br/eventos/default/download_custom/23/trabalho.primeiro_envio.b18e58a63810f20a.52454c41c387c395455320494e5445525045535 34f41495320445552414e544520412050414e44454d49412e706466.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

BRAGA, L. Grau zero de comunicação. Revista Compos. V18 nº 2 ,2015.

BRAGA, L. A comunicação e o senso comum. Revista da Fapcom, v. 3, n. 5, 2019. Disponível em: https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/88. Acesso: 5 out. 2021.

CHIES, Luiza; REBS, Rebeca Recuero. Pandemia e as motivações sociais para a produção de ciberdanças no TikTok. Revista da FUNDARTE, Montenegro, ano, v. 21, p. 01-19, 2021. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/852. Acesso em: 5 out. 2021.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook-Uma história necessariamente breve. Revista Alceu, v. 14, n. 28, p. 168-187, 2014. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

COSTA, Carlos Manuel Fontenele Paulino; ARAÚJO, Juçara da Cruz; VASCONCELOS, Isadora Nogueira. Utilização de redes sociais e métodos na divulgação de conhecimento como monitores durante isolamento social: relato de experiência. 2020. Disponível em: https://doity.com.br/media/doity/submissoes/5f9cab26-3234-4afb-afc9-77110a883292-utilizao-de-redes-sociais-e-mtodos-na-divulgao-de-conhecimento-como-monitores-durante-isolamento-social-relato-de-experinciapdf.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

EUZÉBIO, Julia. Pandemia de Coronavírus: reflexões sobre a sociedade e o planeta. In.: CAMBI, Eduardo. Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta. Eduardo Cambi. Curitiba: Escola Superior do MPPR, 2020. p.13. Disponível em:https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny Martins; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro; VERISSÍMO, Jean Fabrício Dias. O indivíduo como ser social. Revista eletrônica de ciências humanas, saúde e tecnologia, v. 5, n. 2, p. 61-76, 2016. Disponível em: https://revista.fasem.edu.br/index.php/fasem/article/view/105. Acesso: 5 out. 2021.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, p. 4201-4210, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?lang=pt. Acesso: 5 out. 2021.

GEYSER, Werner. 50 estatísticas do TikTok que irão te impressionar. 2021. Disponível em: https://influencermarketinghub.com/br/estatisticas-do-tiktok/. Acesso: 5 out. 2021.

KAORI, Amanda. TikTok conquista o mercado global durante a pandemia. 2020. Disponível em: https://www.3xceler.com.br/tiktok-conquista-o-mercado-global-durante-a-pandemia. Acesso: 5 out. 2021.

KURIMOTO, Teresa Cristina da Silva. Reflexões sobre a nova normalidade: desafios da pandemia, relações interpessoais e bem comum ou 'Aquilo que não havia, acontecia'. 2020. Disponível em: https://ufmg.br/storage/b/3/f/f/b3ff0b4a08e9e7a3d4f62ceabdba6248_15936155533223_525632562.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

MARINHO, Camila Silva. Comunicação estratégica: o uso de influenciadores digitais pelos profissionais de comunicação social. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 8, 2021. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/35249/pdf. Acesso: 5 out. 2021.

MARINHO, Denise da Silva et al. O afeto na era digital: uma análise das experiências corporais e afetivas no aplicativo Tinder. 2021. Disponível em: http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/20493/1/DENISE%20DA%20SILVA%20MARINHO%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20%28PPGCS%29%202021.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

PIESCO, Juliana. Impacto da internet sobre os hábitos culturais da população jovem em São Paulo. SESCSP. Org. BR/REVISTACPF, p. 99, 2015. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/artigo/83bd6870-6012-4560-9ffa-e3feb7ff71d2.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

RODRIGUES, Geovanna Cristina Falcão Soares; DE GÓES BRENNAND, Edna Gusmão. Aprendizagem e interação na rede social Facebook. P2P E INOVAÇÃO, v. 7, n. 1, p. 88-106, 2020. Disponível em: http://revista.ibict.br/p2p/article/view/5428/5036. Acesso: 5 out. 2021.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 29, p. 63-78,

2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?format=pdf&lang=pt. Acesso: 5 out. 2021.

# EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL[83]

# EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC: EMERGENCY REMOTE EDUCATION

# EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA: EDUCACIÓN REMOTA DE EMERGENCIA

Carolina de Sousa Franco Santos[84]

**Resumo:** O presente artigo, de caráter teórico, reflete sobre a educação em tempos de pandemia do COVID-19 e o uso das novas tecnológicas no ensino remoto emergencial, por meio de autores como Bernardo (2020), Hodges (2020) que realizaram amplo estudo sobre a educação em meio a pandemia provocada pelo vírus, SARS-CoV-2, e o ensino remoto emergencial, bem como autores que abordam aspectos tecnológicos da cibercultura como Moran (2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004), na sociedade do conhecimento. Os procedimentos metodológicos utilizados baseiam-se na pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

**Palavra-chave:** Educação. Ensino Remoto. Tecnologia. Pandemia. COVID-19.

**Abstract:** This theoretical article reflects on education in times of the COVID-19 pandemic and the use of new technologies in emergency remote education, through authors such as Bernardo (2020), Hodges (2020) who carried out an extensive study on education in the midst of the pandemic caused by the virus, SARS-CoV-2, and emergency remote teaching, as well as authors who address technological aspects of cyberculture such as Moran (2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004 ) in the knowledge society. The methodological procedures used are based on bibliographic research (GIL, 2002).

**Keyword:** Education. Remote Learning. Technology. Pandemic. COVID-19.

**Resumen:** Este artículo teórico reflexiona sobre la educación en tiempos de la pandemia COVID-19 y el uso de nuevas tecnologías en la educación remota de

[83] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro 2021.

[84] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – PPGCC/UNAMA. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade da Amazônia. Membro do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação - UBICOM (UNAMA/CNPq). E-mail: carol_franco@globo.com

emergencia, a través de autores como Bernardo (2020), Hodges (2020) quienes realizaron un extenso estudio sobre educación en medio de la pandemia provocada por el virus, SARS-CoV-2, y la enseñanza remota de emergencia, así como autores que abordan aspectos tecnológicos de la cibercultura como Moran (2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004) en la sociedad del conocimiento. Los procedimientos metodológicos utilizados se basan en la investigación bibliográfica (GIL, 2002).

**Palabras clave:** Educación. Aprendizaje. Remoto. Tecnología. Pandemia. COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade mundial tem enfrentado uma pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, novo coronavírus, que causa infecções respiratórias e pode ocasionar a morte, provocando a doença conhecida como COVID-19. O novo coronavírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 após casos registrados na China, na cidade de Wuhan.

A doença foi declarada em 30 de janeiro de 2020 como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde – OMS, se constituindo em uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, mais alto nível de alerta emergencial da OMS, segundo o Regulamento Sanitário Internacional, e impunha medidas restritivas de circulação às pessoas, afetando diversos setores em todo o mundo.

Neste cenário, diferentes setores e instituições no mundo optaram pelo isolamento social para interromper a propagação do vírus. Com isso, o trabalho remoto, também conhecido como *home office*, uma modalidade do chamado teletrabalho, tornou-se a forma de manter parte das atividades em funcionamento, mesmo sem um planejamento e preparação prévia por parte dos trabalhadores envolvidos neste cenário.

> No contexto da pandemia, devido à necessidade de distanciamento social, o reconhecimento de estado de calamidade pública, bem como a normatização da Medida Provisória 927/2020 que dispensou algumas formalidades para a adoção do trabalho fora das instalações físicas das instituições, o trabalho remoto ou *home office*, se constitui em uma das modalidades do teletrabalho. Considerando que é desse trabalho realizado no domicílio dos trabalhadores que envolve o uso intensivo de equipamentos informacionais (computadores, celulares, internet, *webcam*, etc.); e que a modalidade teletrabalho implica em acordo prévio entre as partes; e em razão do caráter emergencial provocado pela pandemia e não configurando como teletrabalho em seu sentido clássico, adotamos o conceito de trabalho remoto ou *home office*. (BERNARDO et al. 20020, p.15)

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a educação em tempos de pandemia do COVID-19 e como as novas tecnologias de informação e educação foram utilizadas no ensino remoto emergencial para apoiar o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Para realização deste artigo, de caráter teórico, os procedimentos metodológicos se baseiam a partir da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), sobre o ensino remoto emergencial durante a pandemia do COVID-19, tendo como recorte o início do isolamento social, a partir da publicação da Portaria n° 343 de 17 de março de 2020 e como se deu o processo de ensino aprendizagem por meio do ensino remoto emergencial até agosto de 2021, período em que se finalizou esta pesquisa.

## 2 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Com o avanço avassalador de pessoas infectadas pelo COVID-19, a imprevisibilidade do término desta pandemia e a aceleração de medidas restritivas em todos os Estados da Federação, instituições de ensino públicas e privadas no Brasil, optaram por cumprir o cronograma escolar por meio do ensino remoto emergencial, com base na portaria nº 343 publicada no Diário Oficial da União, em 17 de março de 2020, dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do COVID-19 (BRASIL, 2020). Por meio da portaria o Ministério da Educação – MEC resolve:

> Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

O Ministério da Educação, autorizou “em caráter excepcional” a substituição das aulas presenciais por aulas remotas em meios digitais, através do uso das tecnologias de informação e comunicação – TICs, a fim de não comprometer o calendário letivo. Esta ação ajudou na continuidade do ensino durante o tempo que perdurasse o isolamento social vivido na atualidade em

decorrência do COVID-19, haja vista que as escolas provocam aglomerações devido ao intenso fluxo de alunos.

> A área da educação também foi uma das mais afetadas, visto que a sala de aula se constitui em espaço de aglomeração, situação a ser evitada de modo prioritário. As instituições educacionais suspenderam suas atividades presenciais como medida para evitar o contágio, em cumprimento às portarias nº 343 e nº 345 do Ministério da Educação (BRASIL, 2020b; 2020c), buscando ofertar atividades para seus alunos a partir do Ensino Remoto Emergencial (BERNARDO *et al*. 20020, p.9)

Desde então, a área da educação vivenciou situações complexas de cunho pedagógico ocasionando discussões acerca da condição de trabalho dos profissionais da educação relacionadas à adaptação ao trabalho remoto em caráter emergencial, das condições sociais e de saúde de toda a comunidade escolar e posteriormente a retomada das aulas presenciais.

Nesta perspectiva, o processo de mudança das atividades presenciais para o remoto exigiu resiliência por parte de todos os envolvidos, demandando aos docentes além de suas práticas educacionais usuais, um conhecimento quanto ao uso das tecnologias para apoiar a continuidade do ensino em meio ao distanciamento social imposto pelo COVID-19.

> [...] é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse. O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise (HODGES et al. 2020, p. 7).

Para apoiar essa nova rotina de trabalho o uso das tecnologias nas diferentes etapas da educação, se fez aliada na continuidade do processo de ensino-aprendizagem durante as aulas no ensino remoto emergencial, além de ter sido uma novidade e um grande desafio para a maioria dos docentes. E assim tem sido feito até os dias de hoje.

Educadores que não tinham familiaridade com as tecnologias para uso pedagógico tiveram que conhecê-las, e se adaptar ao novo cenário, e saberem lidar com as infinitas possibilidades que as ferramentas proporcionam. Contudo,

é sabido que o novo causa estranhamento, e foi necessário o apoio de toda a equipe educacional para superar este obstáculo, pois o ato de "educar é um processo complexo que exige mudanças significativas" (MORAN 2007, p.168).

> Investindo na formação de professores no domínio dos processos de comunicação envolvidos na relação pedagógica e no domínio das tecnologias, poderemos avançar mais de pressa, sempre tendo consciência de que em educação não é tão simples mudar, porque há toda uma ligação com o passado que é necessário manter e também uma visão de futuro à qual devemos estar atentos. Não nos enganemos. Mudar não é tão simples e não depende de um único fator. O que não podemos é cada um jogar a culpa nos outros para justificar a inércia, a defasagem gritante entre as aspirações dos alunos e a forma de preenchê-las. Se os administradores escolares investirem em formação humanística dos educadores e no domínio tecnológico, poderemos avançar mais (MORAN 2007, P. 168).

Em tempo, os educadores precisavam de soluções rápidas para a nova realidade, uma vez que muitos não tinham vivência sobre o ensino *on-line*. Houve uma corrida desenfreada por cursos de capacitação para atuação no ensino remoto, professores tinham algumas horas para se adaptar à realidade que a pandemia os impunha.

## 3 O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Estratégias de ensino foram adotadas para dar seguimento às aulas, e com isso, as tecnologias tiveram papel fundamental para subsidiar o acesso dos alunos com aulas *online,* ao vivo ou gravadas, transmitidas via TV aberta, rádio, *podcast*, redes sociais [85], aplicativos de troca de mensagens [86], ambientes virtuais de aprendizagem[87], plataformas digitais [88], além de materiais impressos retirados na escola pelo educando ou por seu responsável.

> O ensino desenvolvido por meio de plataformas *on-line* e outros recursos digitais, a distribuição de materiais de estudos impressos e a transmissão de aulas via TV aberta e rádio foram as principais estratégias adotadas e/ou anunciadas pelas secretarias de educação durante o período de quarentena (CUNHA *et al*, 2020, p. 32).

[85] *Facebook, Instagram, Youtube*,
[86] *Whatsapp, Telegram*
[87] *Moodle, Blackboard*
[88] *Google Classroom, Google Meet, Microsoft Teams*

O ensino remoto emergencial tomou forma e se estruturou em meio às dificuldades, tanto por parte dos educadores como por seus alunos. A criação de grupos em aplicativos de trocas de mensagens como o *WhatsApp*, se disseminou nas escolas como uma solução imediata, objetivando o direcionamento dos estudos e uma forma de manter o diálogo, que antes acontecia em sala de aula física, agora passará a acontecer por meios digitais.

Diversas narrativas foram criadas acerca do ensino remoto, professores se apoiavam uns aos outros ajudando-se para saber lidar com a tecnologia a favor da educação, mesmo aqueles que tinham uma certa resistência a seu uso, sendo cada vez mais visível discentes ajudando seus docentes durante as aulas *online*.

Portanto, docentes e discentes estabeleceram uma relação de confiança, cumplicidade e horizontalidade para que o trabalho educacional se torne algo prazeroso, evitando situações de desmotivação, estresse ou ociosidade, cativando também o aluno.

> A experiência está sendo relativamente exitosa, mesmo não havendo uma plena preparação dos professores para trabalhar com o tecnológico, sendo enfrentada pela curiosidade e busca constante pelo aperfeiçoamento. Muitas vezes, existe a dificuldade de acesso a uma banda larga de qualidade, superada em alguns casos a partir da aquisição de novos planos, ou uso da rede de internet no próprio ambiente escolar, disponibilizada pela direção da instituição, seguindo todos os protocolos de prevenção e combate ao novo coronavírus. Quanto à inexistência de legislação nacional específica ao ensino remoto, seguimos as orientações determinadas pelas escolas e adaptadas à rede pública e privada. Diante de tudo isso, estamos convictos da obtenção de bons resultados, os quais já se fazem presentes em avaliações contínuas e em caráter qualitativo da nossa capacidade de adaptação ao novo, atrelada à realidade de cada comunidade escolar (RODRIGUES *et al*. 2020, p. 93).

Educadores se desdobravam para encontrar alternativas mais acessíveis ao aluno. Escolas públicas mantinham rodízio de professores para que fosse feita a entrega do conteúdo aos alunos ou responsáveis para que estudassem em suas casas, realizassem as atividades propostas e depois retornassem para correção do professor.

> No professor recaem as funções de motivador, criador de recursos digitais, avaliador de aprendizagens e de dinamizador de grupos e interações *online*. E para ser esse dinamizador é necessário compreender as especificidades dos canais e da comunicação *online*, síncrona e assíncrona (MOREIRA et al. 2020, p. 354).

Muitas escolas orientaram os professores a trabalharem de forma interdisciplinar, com projetos educacionais curtos, atividades complementares por meio de leitura de livros e filmes.

> Equilibrar passou a ser imperativo. Encontrar limites de tempo e espaço alinhados ao trabalho e a busca por conhecimentos neste período de pandemia foi circunstancial e fundamental para conduzir uma equipe que também vivia dilemas pessoais e profissionais, dada a urgência em "fazer", "responder" e "solucionar" questionamentos e reações negativas quanto à impraticabilidade do ensino remoto. Enquanto uma parte dos professores se esmerava para realizar atividades desafiadoras, críticas e criativas, outro grupo se limitava a reproduzir atividades exaustivas e desmotivadoras (CAVALCANTI 2020, p. 47).

No entanto, é sabido que alguns alunos não tinham acesso à tecnologia necessária para subsidiar seus estudos, como internet ou aparelho de *smartphone*, impossibilitando assim o acesso aos conteúdos desenvolvidos pelos docentes para as aulas remotas.

Gestores educacionais realizaram intervenções junto aos responsáveis dos alunos para incentivá-los e esclarecer o processo educacional durante o ensino remoto.

> O envolvimento das famílias é fundamental e, desde que orientado por um olhar realista e cuidadoso, deve ser ainda mais estimulado nesse momento. [...] O fortalecimento da relação família-escola, em especial se sustentado no pós-crise, é uma das principais oportunidades que ora se apresentam (TODOS PELA EDUCAÇÃO 2020, p.12).

O Todos pela Educação (2020) apontou que o ensino remoto não deve ser explicado como sendo apenas aulas *online,* pois devemos levar em consideração a aprendizagem adquirida ao longo do processo formativo.

Contudo, as tecnologias de informação e comunicação podem aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. A educação mediada pela tecnologia vai além de instruções para realização de tarefas, pois segundo Kenski (2012) a utilização das tecnologias pela escola deve garantir melhor aprendizagem dos alunos e o acesso ao conhecimento.

Portanto, as tecnologias aos poucos se faziam presente na atualidade no ambiente escolar, podendo aprimorar o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, porém enfrentamos dificuldades quanto a sua inserção e utilização

em sala de aula. Professores, não eram familiarizados com as mesmas devido à ausência de uma formação continuada e específica para seu uso pedagógico, para que sejam de fato um suporte didático dinâmico, atraente e satisfatório. “A virtualidade para o educando é algo incomum e traz curiosidades” (RODRIGUES *et al* 2020, p.77).

> As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornam-se educativo. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem de casa acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem à distância [...] (GADOTTI, 2001, p. 13).

Neste sentido, a tecnologia possibilita que pessoas convivam no ciberespaço e nele busquem conhecimento, transformando o ambiente familiar em um ambiente de aprendizagem, superando barreiras físicas da escola, pois ao navegar no ciberespaço o aluno pode explorar, ampliar e fomentar a construção do conhecimento.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob esta ótica, vivenciamos o ensino remoto emergencial, foco deste artigo, e com ele desafios e adaptações, algumas relacionadas aos educadores e outros com os educandos, e abordar sobre a garantia de acesso e a permanência desses indivíduos é uma tarefa árdua.

Criar uma rotina de estudos em um ambiente não escolar, incluir alunos no mundo digital, em alguns casos, as escolas precisam superar não apenas obstáculo por conta de o docente não saber lidar com a tecnologia, mas discentes que apresentam condições de vulnerabilidade social e possuem inúmeras necessidades, dentre eles a ausência de tecnologias como *smartphone*, computador, *tablet*, internet, e até televisor para acessar as aulas.

O ensino remoto emergencial impunha a necessidade do uso de canais de comunicação para realização do atendimento aos alunos, pois a mediação do professor contribui para o bom desempenho do aluno e sua permanência na escola durante o ensino remoto.

Neste sentido, a solução encontrada pela maioria das escolas foi levar ao aluno o conteúdo didático de maneira impressa e quando havia possibilidade

incluir a família em grupo de mensagens, para que o aluno tirasse suas dúvidas com o professor. Assim, escola, professores, alunos e familiares se unem buscando fomentar o processo de ensino e aprendizagem.

Destarte, o professor tem o papel de sensibilizar os alunos para a importância do conteúdo a ser abordado com entusiasmo e interesse de todos. As tecnologias devem ser exploradas para servir como meio de construção do conhecimento com recursos que facilitam a motivação dos envolvidos com um ensino mais interativo e dinâmico.

Entendemos que a educação é sempre histórica e devemos contribuir para que professores e alunos se assumam como seres pensantes, transformadores, criadores e realizadores de sonhos.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, Kelen Aparecida da Silva; MAIA, Fernanda Landolfi; BIRDI, Maria Aparecida. As Configurações do Trabalho Remoto da Categoria Docente no Contexto da Pandemia da COVID-19. Revista Novos Rumos Sociológicos, v. 8, n 14, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/19908. Acesso: 13 jul. 2021.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020. Disponível em http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929. Acesso: 14 jul. 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, vol. 7, nº. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924. Acesso: 14 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. 8º ed. São Paulo: Ática, 2011.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. Educação: novos caminhos em um novo milênio. 2º ed. João Pessoa, editora: autor associado, 2001.

GARCIA, Tania Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giollo; RÊGO, Maria Carmen Freira Diógenes. Design para oferta de conteúdo educacional no ensino remoto. SEDIS: UFRN, 2020.

GAROFALO, Débora. Educação 4.0: o que devemos esperar. Revista Nova Escola. São Paulo, 2018. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/9717/educacao-40-o-que-devemos-esperar. Acesso: 13 de jul. 2021.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. Relatório Técnico. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/images/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v02.pdf . Acesso: 15 jul. 2021

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HODGES, Charles *et al*. A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizado on-line. Disponível em: https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning/. Acesso em: 23 jul. 2021.

JUNIOR, Verissimo Barros dos Santos e MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Educação e COVID-19: As Tecnologias Digitais Mediando a Aprendizagem em Tempos de Pandemia. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade, v. 2, p. 01-15, 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583. Acesso: 13 jul. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007.

O Globo. Em 2023, Instituições Privadas Terão Mais Alunos no Ensino à Distância que no Presencial. Rio De janeiro, 2018. Disponível em : https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/em-2023-instituicoes-privadas-terao-mais-alunos-no-ensino-distancia-que-no-presencial-22702702. Acesso: 13 jul. 2021.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti *et al*. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153. Acesso: 14 jul. 2021.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SANTOS, Priscila Morgana Galdino dos (Orgs.). Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica: ensino a distância na educação básica frente à pandemia do covid-19. s/d. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/Nota%20tecnica%20TPE%20ensino%20remoto.pdf. Acesso: 04 jul. 2021.

# PANDEMIA, NEGRITUDE E INTERNET: ANÁLISE DAS CRÔNICAS AUTORRETRATO E EU- DILÚVIO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL[89]

# PANDEMIA, BLACKNESS AND INTERNET: ANALYSIS OF THE CHRONICLES SELF PORTRAIT AND EU-FLOOD DURING SOCIAL ISOLATION

# PANDEMIA, NEGRIDAD E INTERNET: ANÁLISIS DEL AUTORRETRATO DE LAS CRÓNICAS Y LA INUNCACIÓN DE UE DURANTE EL AISLAMINETO SOCIAL

Jaqueline Bandeira[90]
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira[91]
Analaura Corradi [92]
Douglas Junio Fernandes Assumpção [93]

**Resumo**: O presente artigo visa analisar narrativas de mulheres negras durante o isolamento social, com o objetivo de verificar o protagonismo dessas mulheres, por meio da escrita, durante o isolamento social do coronavírus (Sars-Cov-2). A partir da análise das crônicas 'Autorretrato' e 'Eu-Dilúvio' contidas no *e-book* 'Quarentena Crônica'. Para alcançar os objetivos, realizou-se um levantamento bibliográfico, documental de autores e obras, livros e artigos, tendo como base Hall, que faz menção aos povos das diásporas africanas, Zilá Bernd com negritude, Luiz Braga que estabelece um diálogo sobre o processo comunicacional. Portanto, conclui-se que ambas as crônicas apresentam mulheres protagonistas, que utilizam a escrita como uma construção subversiva que ultrapassa a desigualdade social desse período endêmico.

**Palavras-chave:** Coronavírus. Literatura. Mulher negra. Internet.

***Abstract:*** This article aims to analyze narratives of black women during social isolation, with the aim of verifying the role of these wonem, through writing, during social isolation of the coronavirus (Sars-Cov-2). From the analysis of the chronicles 'Self-portrait' and 'Eu- Diluvio' contained in the e-book 'Quarentine

[89]Trabalho apresentado ao simpósio de trabalho "Mídia e Pandemia: desafios em tempos de Covid -19" do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[90]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-CAPES) da Universidade da Amazônia (Unama). Letras-Português: pela Universidade da Amazônia. E-mail: jaquelinebandeira16@hotmail.com Orcid: 0000-0003-4916-8341

[91] Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará. E-mail: ivana.professora2020@gmail.com Orcid: 0000-0003-3194-7259

[92]Doutorado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: corradi7@gmail.com Orcid: 0000-0003-0432-1875

[93]Doutorado em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: rp.douglas@hotmail.com Orcid: 0000-0001-5048-6692

Chronicle. To achieve the objectives, a bibliographic and documentary survery of authors and works, books and articles was carried out, based on Hall,Which mentions the peoples of the African diasporas,Zilá Bernd with blackness, Luiz Braga who establishes a dialogue about the process communicational. Therefore, it is concluded that both chronicles feature womem protagonists, who use writing as a subversive construction that goes beyond the social inequality of this endemic period.

**Keywords:** Coronavirus. Literature. Black Woman. Internet.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar las narrativas de las murejes negras durante el aislamiento social, con el objetivo de verificar el papel de estas murejes, através de la escrita, durante el aislamiento social del coronavirus (Sars-Cov-2).Del análisis de las crónicas ‘Autorretrato’ y ‘Eu- Diluvio’ contenidas en el libro electrónico ‘Quarentine Chronicle’. Para lograr los objetivos se realizó un relevamiento bibliográfico y documental de autores y obra, libros y artículos, con base en Hall, que menciona a los puedos de las diásporas africanas, Zilá Bernd con la negrura, Luiz Braga que estabelece un diálogo sobre el processo comunicacional. Por tanto, se concluye que ambas crónicas cuentan con murejes protagonistas, que utilizan la escritura como una construccíon subversiva que va más allá de la desigualdade social de este período endêmico.

**Palabras clave:** Coronavirus. Literatura. Mujer negra. Internet.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura desempenha aqui um papel essencial. Na medida em que surge, quando se encontra no nível superior de suas possibilidades, à margem de discursos que se restringem à organização socializada da palavra (e podem deslizar para os interstícios do que acreditamos saber, para nos conduzir a outros abismos de ignorância), a literatura pôde revelar a violência simbólica e/ou estrutural direcionada aos povos que foram colonizados[94] e aqueles que são identificados como seus descendentes, fazê-la viver em seus vários aspectos, pela imagem, pelo deslocamento, pela obstinação. E não pela precisão da descrição ou por uma capacidade imediatamente mimética: pela analogia, por vezes; outras pela antífrase (LINS, 1990, p. 16).

[94] Concebidos como sujeitos vistos como produto quanto como um gerador da estrutura social e cultural. O sujeito, portanto, é um campo de luta e um espaço que deve ser controlado e dominado para que a coerência de uma dada ordem e visão continue estável (FANON, 2008, p. 15).

Nesse sentido, a narrativa é produção de significado e o significado é uma relação de troca, observa Motta (2013). Ainda nas palavras de Motta (2013), o sujeito narrador dispõe tática e estrategicamente a sucessão dos fatos um encadeamento às sequências e aproximações ou distanciamento do referente etc. com objetivo de tecer uma totalidade compreensiva. Portanto, tendo em vista que o artigo pretende analisar as narrativas de mulheres negras com o objetivo de verificar o protagonismo dessas mulheres por meio da escrita durante a pandemia causada pelo coronavírus (Sars-Cov-2), durante o isolamento social, a partir das crônicas coletadas no *e-book* publicado na internet no ano de 2020.

A metodologia empregada para este projeto é “o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo […], traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. (MARCONI; LAKATOS, 2003)

Tendo em vista o conceito de Marconi e Lakatos (2003) e as características desta pesquisa, foram selecionadas duas crônicas-relato contidas no *e-book* “Quarentena Crônica”, “Autorretrato” e “Eu, dilúvio”, pois tratam-se de narrativas que dá voz a mulheres que contam sobre seus sentimentos, de como é viver isoladas e ao mesmo tempo donas de si, da sua própria história, ressignificando suas vivências todos os dias no período atual da Pandemia da Covid-19.

## 2 O SARSS-COV-2 NO MUNDO

A doença conhecida como Covid-19 é uma sigla para *Coronavírus Disease*, com o ano em que começou a se propagar (2019). A patologia é caracterizada, assim como as outras classes de coronavírus, pelas infecções respiratórias em seres humanos, geralmente de grau leve ou moderado, como um resfriado. Contudo, esta cepa do vírus, segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2020), possui sinais clínicos que podem ser mais agressivos e duradouros, que incluem as síndromes respiratórias, além de febre, resfriado, coriza e dor de garganta, sendo que alguns casos podem evoluir para pneumonia. Há outros sintomas menos comuns associados à Covid-19, já que a doença está em constante evolução.

O contágio pelo Coronavírus foi tão rápido e abrangente que, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde decretou que o *Sars-Cov-2* se tornou uma pandemia e que todos os países do mundo deveriam adotar medidas sanitárias, a fim de conter a disseminação do vírus.

A partir desse momento, as nações começaram a estabelecer uma série de regras que mudaram a rotina da população radicalmente: espaços públicos ficaram desertos; o turismo caiu; restaurantes e afins fecharam por tempo indeterminado; álcool e máscara se tornaram itens obrigatórios no dia a dia; e nós tivemos que ficar isolados dentro de casa, longe de tudo e de todos (A Quarentena). Travamos uma guerra contra um inimigo invisível e altamente perigoso.

Ao longo deste período de transformação no cotidiano, as relações sociais, a comunicação, as formas de estar 'presente' no mundo mudaram. Foi necessário criar novos meios de socialização para manter o contato. Inventar formas para que a interação social[95] não foi interrompida. Sobre formas de linguagem social Braga (2015) diz:

> Comunicamo-nos para além da linguagem verbal – Nas situações em que estas não nos fornecem base suficiente, mas ainda assim, por vias indiretas, por acionamentos de outras linguagens ou por invenções sociais ad hoc, conseguimos interagir (BRAGA, 2015, p 13).

Diante desse cenário, foi preciso adotar novos códigos que estabelecem a comunicação na quarentena. E a internet desempenhou um papel essencial na Pandemia, as 'novas invenções' de conectividade os códigos forneceram base social, e parte dessa importância advém pelo motivo de estabelecer a comunicação presencial afetada permitindo manter o contato e a aproximação por meio da cultura do ciberespaço, nas palavras de Lévy (1999, p. 17) compreende-se como "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores". Em continuação a Braga (2015) em seu artigo Grau Zero da Comunicação, diz que os códigos são transformados e ressignificados constantemente, conforme as condições sociais e históricas, pela própria interação do código social, assim sendo, o grau zero permite dizer que a

[95] A interação social na Teoria de Piaget.

comunicação vai mudando, se adaptando às condições e incorporando novas visões[96] (BRAGA, 2015. p. 14).

Em sucessão a este período endêmico no Brasil e às consequências sociais, econômicas e a questão da saúde no País, continuamos que além da doença física do coronavírus a incidência de doenças psicossomáticas aumentou nesse período. Uma pesquisa publicada em agosto de 2020, pelo Instituto Albert Einstein (2020), confirmou:

> Uma pesquisa foi realizada online durante o isolamento social, de 24 de abril a 18 de maio de 2020, entre a população italiana. Um total de 602 entrevistados foram incluídos na análise dos dados. Uma alta porcentagem de entrevistados experimentou um humor deprimido, sentimentos de ansiedade, hipocondria e insônia (61,3%, 70,4%, 46,2% e 52,2%). Quase metade dos entrevistados sentia-se ansiosa pelos seus hábitos alimentares, consumiam alimentos reconfortantes e tinham tendência a aumentar a ingestão alimentar para se sentirem melhor. A idade foi inversamente relacionada ao controle alimentar (OR = 0,971, p = 0,005). As mulheres mostraram-se mais ansiosas e dispostas a alimentos reconfortantes do que os homens (p <0,001; p <0,001) (EINSTEIN, ALBERT. 2020, p. 13).

Diante do exposto, as fragilidades econômica, política e social da sociedade é evidente, no entanto, ressalta-se que a desigualdade social atingiu com maior impacto as populações subalternizadas, das periferias, descendentes de povos das diásporas africanas[97] ideia aqui tratada ancorada em (HALL, 2013). No que tange ao sexo feminino, nas mulheres pretas, a disparidade social é ainda maior, as opressões intersectadas, a invisibilidade desde o processo histórico, a exclusão social, a hipersexualização do corpo feminino são reflexos do racismo[98] no Brasil e no mundo. São narrativas que evocam a colonialidade do poder na sociedade que privilegia a raça branca em detrimento à negritude (GONZALEZ. 1983. p. 223).

No setor econômico, o desemprego para pessoas pretas atingiu o pior índice desde 2012, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), isso devido à pandemia, visto que a maior parte se ocupa com

[96] Ver Marcondes Filho, 2019. A questão da Comunicação.
[97] Compreende-se como uma imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados; a inserção brutal em uma nova sociedade; lutas por liberdade e sobrevivência e a construção de novas identidades.
[98] O racismo seria uma construção ideológica com benefícios sociais e econômicos para brancos de todas as classes sociais... Leia mais em https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-racismo-brasileiro-na-obra-de-lelia-gonzalez. Acesso em 15 jun de 2021.

atividades como o comércio, trabalhos domésticos, serviços informais e construção civil, atividades essas que sofreram uma parada durante a pandemia.

Dados revelam ainda que grande parte da população negra não teve a opção do isolamento social, como esclarece a Oxfam Brasil (2020):

> Muitas trabalhadoras e trabalhadores continuaram circulando pelas cidades, já que suas funções não podiam ser feitas de casa. São milhares de pessoas empregadas como babás, domésticas, motoristas, profissionais da linha de frente da saúde etc. Ou trabalhavam, ou eram demitidos. Essa grande parcela da população é composta, sobretudo, por mulheres negras, que mesmo antes da pandemia já reunia os piores índices quando o assunto é direitos humanos (OXFAM, 2020).

São diversas as implicações sociais, isso está claro. E quando o assunto é desabafar sobre todas essas preocupações em tempos de pandemia, a internet ganhou uma importância a mais, já que é a maneira mais rápida de se comunicar sem precisar estar perto, geograficamente falando Schwab (2019) explica que:

> Ainda precisamos compreender de forma mais abrangente a velocidade e a amplitude dessa nova revolução. Imagine as possibilidades ilimitadas de bilhões de pessoas conectadas por dispositivos móveis, dando origem a um poder de processamento, recursos de armazenamento e acesso ao conhecimento sem precedentes. […] Muitas dessas inovações estão apenas no início, mas já estão chegando a um ponto de inflexão de seu desenvolvimento, pois elas constroem e amplificam umas às outras, fundindo as tecnologias dos mundos físico, digital e biológico (SCHWAB, KLAUS. 2019. p. 3).

Desta forma, é inegável perceber os efeitos da pandemia do coronavírus no mundo. E a escrita *on-line* socializada no *e-book* por mulheres subjugadas conduz a esses abismos e ignorância que ainda persistem no Brasil. O princípio de decolonialidade[99] de pensamento das escritoras que registram suas experiências vividas a partir do lugar político-epistêmico converte-se como um instrumento de resistência no mundo atual endêmico da Covid-19 (GROSFOGUEL, TORRES, COSTA, 2020. p. 24).

## 3 NEGRAS VOZES PARA NOVOS TEMPOS

[99] Projeto acadêmico-político reside em esclarecer e sistematizar, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber pensando em estratégias para transformar a realidade.

Ao realizarmos um breve histórico sobre a literatura africana, Magalhães (2014) afirma que essas literaturas, no período que antecede as independências são marcadas pelo domínio imperialista, que consiste na dominação econômica e despersonalização cultural dos povos africanos. Das viagens de exploração realizadas pelos europeus ao continente africano surge a descrição das terras africanas como exóticas, assim, o capital simbólico do continente africano era marcado pelo "discurso colonial com o signo de exótico, do primitivo, do tribal, do selvagem (era preciso fazer germinar um sentimento de inferioridade nos colonizados para legitimar a missão salvadora e civilizatória) atribuída aos colonizadores" (MAGALHÃES, 2014, p. 416), por isso essa fase é classificada como fase exótica.

A partir da década de 40, vai tomando forma uma "fase ideológica" em que se acentua "a ação individual e coletiva de um povo que se julga superior a outro" (fase exótica e ideológica). Já no início da década de 60 há a chamada "fase cosmopolita", pois as literaturas nacionais rejeitam esses textos coloniais, entrando em "rota de colisão" com os valores que os delineiam (NOA, 1999: 63-65 apud MAGALHÃES, 2014).

No período da II Guerra Mundial, acentuam-se os sentimentos políticos e culturais de descontentamento com a situação colonial, que já se anunciavam no fim do século XIX nas colônias (a ruptura proposta por essa literatura se insere num contexto político-cultural contra a dependência colonial). Esses textos passam a ser escritos num diálogo fecundo com a história e a memória desses povos, revitalizante trazendo-o para a reflexão crítica.

Atualmente, a literatura com essa temática tem sido aflorada pelo movimento negro que emerge em praticamente todo o País. O autor de um dos conceitos sobre negritude, Aimé Césaire (1939), diz que ''Se me perguntarem como eu concebo a negritude, eu diria que negritude é, primeiramente, uma tomada de consciência concreta e não abstrata''. Nesse sentido, a negritude como tomada de consciência possibilitou a emergência de um discurso literário negro que se transfigurou no lugar por excelência da manifestação do 'eu- que – ser quer-negro'. Assim, a literatura se constitui não como um discurso da gratuidade estética, ou unicamente da realidade estética, mas para expressar a

consciência social do negro, daqueles que foram apagados, invisibilizados e negados pela colonialidade (BERND, ZILÁ. 1988. p. 53).

A despeito desse cenário que emerge nas literaturas, é que precisa ser avaliado aflora o apagamento e a invisibilidade das mulheres pretas, negadas pela colonialidade do poder ao longo dos tempos. Se para o conhecimento hegemônico patriarcal, as mulheres negras são corpos sem mente, a autora Hooks (1994) estabelece a dicotomia do favorecimento ao pensamento a partir das 'experiências vividas' e das historicidades das mulheres negras e o isolamento para a escrita e a reflexão como forma de desenvolver um pensamento pela luta e resistência da negritude, em especial das mulheres.

Diante disso, estabelece a urgência pelo tema afro-diaspórico que conduz para o processo de resistência, e também de esperança e (re)existência dos povos que foram subalternizados. Dessarte, tendo o contexto histórico da literatura africana e a África como berço da humanidade, as crônicas a seguir irão buscar refletir sobre a temática.

## 4 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

As crônicas intituladas "Eu, dilúvio" e "Autorretrato" têm em comum a presença de narradoras que constroem seu protagonismo em meio aos problemas cotidianos. Ao analisar a crônica "Eu, dilúvio", observa-se que implícito ao ato de fala da mulher-narradora está à crítica a alguns padrões instituídos socialmente à mulher, tais como a discriminação à mulher gorda e também o racismo vivenciado pela protagonista que relata: "Ninguém salva mulheres negras que não se pareçam com a Kerry Washington, roliças, plenas, donas de um corpo que transborda e inclui, aconchega onde cabe colo, e braços e bebês confortavelmente entre nossas coxas fartas e cheias de beleza e do nosso sexo" (COSTA apud OLIVEIRA, 2020, p. 29).

No trecho, evidencia-se claramente a presença de padrões instituídos ao sujeito feminino; dentre eles o de ser magra, de pele clara e de cabelos lisos, fato que gera um grande desconforto à protagonista, muito embora ela transcende esses padrões e aceite a sua auto imagem, conforme relata no

trecho: “Ainda assim eu fui crescendo nessa quarentena e me achando sublime, divina, enorme e grande” (p. 30).

Bases históricas demonstram que os padrões de beleza variam de acordo com a cultura e o tempo. Na idade média, por exemplo, o ideal de beleza feminino era pele branca, cabelos louros e ar virginal. No entanto, durante o renascimento, as mulheres passaram a usar joias, maquiagens, a depilar as sobrancelhas e a se perfumar com fragrâncias e cosméticos. Nas artes, era possível visualizar mulheres de pele branca com seios e nádegas com maiores contornos, muito embora o padrão de beleza branco e magro tenha atingido seu auge durante o século XIX e também com o surgimento da sociedade de consumo no século XX. Na contemporaneidade, as indústrias de beleza têm investido no marketing da diversidade, ainda que as marcas de uma sociedade escravocrata sejam sentidas no cotidiano das mulheres negras, conforme demonstrado na crônica “eu, dilúvio”.

Na crônica, a mulher negra e gorda reflete sobre sua interioridade, elevando a subjetividade feminina por meio da corporificação da palavra, do corpo feminino encarnado em verbo. Nesse processo, o corpo negro objetificado e relegado à hipersexualização passa a metaforizar a luta pela transcendência do sujeito feminino, ultrapassando as ideologias racistas e sexistas que estruturam a sociedade, tais como os termos pejorativos mammy, jezebel, procriadoras do tempo da escravidão, tias Jeminas, prostitutas negras e mães dependentes da assistência social do governo pra sobreviver, que ainda se perpetuam. A crônica reflete sobre os muitos termos que objetificam as mulheres na contemporaneidade: “O que se faz com a mulher que não cabe? Essa é uma daquelas perguntas ridículas, pois todos sabemos o que fazem com as mulheres que não cabem. Rua, puta, coisa, desempregada, currada, morta, cabe à morte cabe” (p. 31).

Nah Dove ressalta que embora haja um reconhecimento da complexa interação entre essas relações de poder desiguais, “a prioridade é dada à raça como uma construção social, porque a opressão racista/supremacia branca para mulheres, homens e crianças africanos tem precedência sobre e afeta a natureza das opressões de gênero e de classe” (DOVE, 1998, p. 5). Assim, as raízes racistas e escravocratas ainda estruturam a sociedade contemporânea,

no que diz respeito às desigualdades de classe e de gênero, fato que explica a alta prevalência de mulheres negras pobres no Brasil.

Por outro lado, ainda em relação à construção do estereótipo da mulher negra hipersexualizada, Bell Hooks adverte que existe uma "contra- construção" que subverte esse estereótipo: o sentido progressista da maternidade que diz respeito à arte de educar crianças que confrontam o sexismo, muito embora frequentemente as famílias ainda o transmitem para os filhos, mesmo que sejam chefiadas por mulheres. Nesse contexto, a maternidade se tornaria uma forma de resistência, haja vista que as mulheres negras sempre estiveram mais vulneráveis às violências sexuais. Durante a escravidão e por muito tempo foi negado a elas o direito à maternidade, por isso a afirmação de Angela Davis: "A exaltação ideológica da maternidade não se estendia às escravas. Aos olhos de seus proprietários elas não eram realmente mães: eram reprodutoras. Suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe" (DAVIS, 2016, p. 19-20).

Ao observar as opressões de gênero e de classe, nota-se que o lar como espaço de enunciação da mulher abre lugar para novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, por isso, é tema de muitas narrativas de autoria feminina, como as crônicas em estudo. Nelas, as protagonistas se auto descobrem constantemente em seus lares, ressignificando continuamente suas identidades e pontos de vista.

Segundo Bell Hooks (1989) no artigo intitulado *homeplace* (lar), historicamente as afro americanas creem que a construção de um lar possui uma grande dimensão política. Mulheres negras resistiram à escravidão, tornando seus lares espaço de afirmação do eu e de restauração da dignidade perdida na escravidão. Assim, o lar torna-se espaço de construção de um ambiente seguro, onde negras e negros podem se afirmar, protegendo-se contra o racismo, por intermédio de sua configuração como espaço de resistência. As comunidades de resistência são espaços onde as pessoas podem encontrar-se mais facilmente e ajudar-se mutuamente. Dessa forma, historicamente, mulheres negras têm resistido à dominação da supremacia branca trabalhando para o estabelecimento do lar, como no caso da citação a seguir, encontrada na crônica "Eu, Dilúvio". Nela, observa-se que a protagonista exalta o ambiente do lar e do

corpo materno como espaços de construções subversivas e contra hegemônicas:

> Salvamos a nós mesmas e erguemos trincheiras tão altas para que ninguém nos veja bem dentro de nós, ainda crianças, de pituquinhas, cabelo preso para trás, raiz crespa e pontas lisas sorrindo de arquinho na cabeça. Para nossas Mamães somos lindas pretas, lindas e pretas, crianças, e o mundo nos devora; por isso, como disse, construímos muros e cercas e barreiras para dentro deles ainda podermos ser só pretinhas de pituquinhas e trancinhas que olham com amor e ignorância para o mundo. E os dias passam, muitas mortes, muitos mortos, de todos os tipos [...] Mas aqui no meu corpo eu me aconchego, meu bebê se deita e se põe tão belo entre meu peito e meu coração, e os olhos dele são sem dizer nada. Ele sabe que eu ocupo espaço o bastante para protegê-lo e preencher os dias de tanta coisa, amor, raiva, cansaço e ao me ver ele sabe que pode sentir tudo, pois as coisas passam e ele ainda cabe no meu colo, tão aberto e suave para ninar e passar os dedos pelo seu encrespado cabelo (COSTA apud OLIVEIRA, 2020, p. 30).

O trecho revela algumas construções subversivas capazes de desconstruir a subalternização da mulher negra na contemporaneidade. A maternidade, citada anteriormente, foi renegada por séculos à mulher negra. No entanto, na atualidade ela se tornou um lugar de empoderamento e de desconstrução do sexismo. Na crônica, observa-se que por meio do corpo gordo a protagonista instaura um contrapoder e nele se autodefine, construindo um espaço de alteridade que constrói novos sujeitos. Por intermédio do corpo, essa mulher simbolicamente é capaz de “amamentar” nações, ideologias e novos sujeitos que desconstroem o sexismo e as desigualdades de gênero. É o não-lugar, espaço que ultrapassa padrões instituídos pela mulher. Nesse contexto, a temporalidade passa a caminhar em direção contrária, ultrapassando o tempo histórico. Ela alcança o tempo mítico, circular e ressuscita as muitas deusas e bruxas interiores silenciadas, conforme ressalta a protagonista: “Círculo que compõe a eternidade, que caminha com as bruxas, essa forma tão temida do infinito é o que me anima como uma grande e poderosa mulher” (p.30). Assim, o dilúvio mítico, retratado no título dessa crônica, metaforiza o sujeito mulher- mar, incapaz de caber em padrões, pois ela transborda, transcende.

Por outro lado, na crônica intitulada “Autorretrato” a protagonista busca transgredir a posição da mulher no entrelugar do discurso, tornando-a sujeita do próprio discurso e de sua própria história de vida. Nela, a mulher-narradora busca transcender o espaço do vazio existencial, aproveitando-se dele para se

ressignificar. Nesse espaço ela passa a vivenciar, não a solidão, mas a solitude que consiste em um espaço de emergência da singularidade humana. Ela é feita de “encontros de forças e desejos, rupturas e transgressões, numa procura incessante para não se perder inteiramente na dispersão inumana” (KATZ, 1996, p. 107). Assim, a protagonista mergulha dentro de si mesma e no espaço da singularidade ressignifica o próprio eu, anteriormente disperso e ferido. Ela alcança o espaço da transcendência e rompe com padrões, cláusulas e objetificação da vida pós-moderna.

> O banho tornou-se um momento de autoconhecimento e reflexão profunda. A luz reduzida, a água quente, a liberdade da nudez e uma solitude essencial por alguns minutos. Tudo isso me leva para outra dimensão, onde a calma e a quietude me permitem pensar que tudo ficará bem. Outro carinho relaxante é a hidratação no cabelo, que traz leveza. O aroma do creme é tão maravilhoso que dispersa a dor responsável por arranhar meu interior frustrado. Descobrir novas canções demonstra uma oportunidade de enveredar por outros caminhos. Crescer. Mudar. Nessa dança entre sensações, medos, esperanças desfeitas e alegrias eu permito que o meu mundo gire em ritmo descompassado com a realidade, mas precisamente acertado para a minha vida e para quem eu desejo me tornar. (SOUZA apud OLIVEIRA, 2020, p. 22).

Desse modo, é possível concluir que ambas as crônicas apresentam mulheres protagonistas que utilizam a escrita como uma construção subversiva que evolui no lastro do discurso patriarcal para miná-lo e modificá-lo progressivamente, almejando construir uma linguagem contra hegemônica que ultrapassa estereótipos, desigualdades de gêneros e qualquer padrão normativo utilizado como “cerco simbólico” para a mulher.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas estudadas buscaram representar, por meio da escrita, o protagonismo e a imagem da mulher negra durante o isolamento social por meio de eu-líricos que reconhecem sua negritude, expressam suas dores e denúncias de sujeitos e transformam crenças, valores e nacionalidades e assim, reassumem a posição uma vez roubada pelo patriarcado. Na primeira crônica intitulada “Eu, dilúvio” a protagonista denuncia de forma implícita os padrões de beleza impostos pela sociedade às mulheres negras e o racismo estrutural existente na sociedade contemporânea. A narradora desconstrói estereótipos e

se ressacraliza, ela reassume seu poder sem, no entanto, se esquecer de sua importância para a sobrevivência dos povos negros, no território brasileiro.

Na segunda narrativa, intitulada "Autorretrato", a protagonista utiliza o discurso de uma voz-escrita que transcende e demarca seu papel na sociedade. E assim, ultrapassar fronteiras coloniais significa também ultrapassar colonialidades do saber e do poder e as narrativas são fundamentais nesse processo. A autora reitera com isso, caráter dialógico e heterogêneo criado por Bakhtin, se materializa nas diversas formas da mulher negra. O eu-lírico questiona esses estereótipos e assim, consegue elevar suas raízes culturais.

Nesse sentido, portanto, a correlação entre as duas narrativas baseia-se no contexto da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus. As narradoras tiveram de adaptar suas vidas e remodelar seus cotidianos para lidar com o 'novo normal'. Percebemos ainda, desta forma, que a Covid-19, com toda a violência que se proliferou pelo mundo, além de ceifar vidas, evidenciou uma realidade que precisava ser exposta: A da mulher negra como protagonista de suas narrativas mesmo sendo subestimada, silenciada e violada de direito revela- se por meio das narrativas a força da negritude que reverbera a cada obstáculo e resiste a cada momento de transformação contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINHO, Costa et al. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BERND, Zilá. O Que É Negritude, v. 209. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 1988.

Braga, J. L. O grau zero da comunicação. E-Compós, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.30962/ec.1161. Acesso: 22 mar. 2021.

CIXOUS, H. La Risa de la Medusa: Ensayos sobre la Escritura. San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1995.

COLLINS, Patrícia Hill. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2019.

"Ciberespaço e Cibercultura; Definições e Realidades Virtuais Inseridas na Práxis do Homem Moderno" Em Só Pedagogia. Virtuous Tecnologia da Informação, 2008-2021.Disponível em: http://www.pedagogia.com.br/artigos/ciberespaco_cibercultura/?pagina=1. Acesso: 10 jun.2021.

CRUZ, Thiara. (Org.) Da Coletânea Quarentena Crônica. Livro Virtual. Espírito Santo. Ed. Pedregulho, 2020.

DAVIS, P. H. C et al. Feminismos negros. Una antología. Madrid, 2012.

DOVE, Nah. Mulherisma Africana: Uma teoria afrocêntrica. Jornal de Estudos, 2020.

ENGELMANN, M. O jogo elocucional feminino. Goiânia: UFG editora, 1996.
.
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Ed. da UFBA, 2008.

GONZALEZ. Lélia. O racismo brasileiro na obra de Lélia Gonzalez. Carta Capital, São Paulo, 2020 Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-racismo-brasileiro-na-obra-de-lelia-gonzalez/. Acesso: 15 jun. 2021.

HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. Plataforma Gueto, 2014.

HOOKS, Bell. Feminism is for Everybody. Cambridge, 2012.

HOOKS, Bell. Choosing the Margin as a Space of Radical Openness: from Yearnings: Race, Gender and Cultural Politics, 1989.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo. Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

KATZ, C. O coração distante. Ensaio sobre a solidão positiva. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

Saúde Mental e Covid-19. Albert Einstein; Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa. São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.einstein.br/Documentos%20Compartilhados/18-08-2020_Saude-Mental-e-COVID-19. pdf. Acesso: 24 abr 2021.

SCHWAB, Klaus. A Quarta Revolução Industrial. 3º ed. São Paulo: Edipro, 2019.

PIAGET, Jean. A interação social na Teoria de Piaget. Portal Educação, 07 de fev de 2013. Disponível em: https://siteantigo. portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-interacao-social-na-teoria-de-piaget/32629. Acesso: 17 jun. 2021.

QUAIS OS SINTOMAS DO CORONAVÍRUS. Portal Fiocruz, São Paulo, 24 de abril de 2021. Disponível em: https://portal. fiocruz. br/pergunta/quais-os-sintomas-do-coronavirus. Acesso: 03 jun. 2021.

MAGALHÃES, Alessandra. Literaturas em diálogo com a história e a política. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

Marcondes, C. A Questão da Comunicação. PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM, v. 3, n.5, 17–26, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.31657/rcp.v3i5.87. Acesso em 22 de mar de 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDES, Soraia da Rosa. (RE)pensando a Criminologia: Reflexões sobre um novo paradigma desde a epistemologia feminista. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11867/1/2012_SoraiadaRosaMendes.pdf. Acesso: 20 fev. 2019.

MOTTA, Luís Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Editora UNB, 2013.

# A INFLUÊNCIA DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS NA POLÍTICAEDUCACIONAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA[100]

## *THE INFLUENCE OF MULTILATERAL ORGANIZATIONS ON POLICY BRAZILIAN EDUCATIONAL EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC*

## *LA INFLUENCIA DE LOS ORGANISMOS MULTILATERALES EN LA POLÍTICA EDUCATIVA BRASILEÑA EN TIEMPOS DE PANDEMIA*

Ana D'Arc Martins Azevedo[101]
Amanda D'Almeida[102]
Márcia Nemer Furtado[103]

**Resumo:** A pandemia provocada pelo Sars-CoV-2 (popularmente, conhecida como Covid-19) deixará marcas profundas na organização social do século XXI, precisamente a partir de 2020. O mundo já ultrapassa os quatro milhões de mortes e o Brasil é o segundo país com maior número de óbitos (GLOBO, 2021) e mais de seiscentos milhões de crianças continuam fora da escola (AGÊNCIA BRASIL, 2021). A crise sanitária intensificou as mazelas na área da saúde e da educação e, ao mesmo tempo, comprovou que as causas desses problemas são estruturais. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar as influências dos organismos multilaterais na política educacional brasileira em tempos de pandemia por meio de uma pesquisa exploratória bibliográfica. Os resultados da pesquisa indicam que os organismos multilaterais influenciaram as políticas públicas educacionais no contexto analisado e, igualmente, outros setores das políticas públicas em diferentes contextos como forma de responder às exigências da reestruturação produtiva capitalista.

**Palavras-chave**: Organismos Multilaterais; Política Educacional; Pandemia Sars-CoV-2.

[100] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19" do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[101] Professora da UNMA e da UFPA. Doutora em Educação – UNMA. E-mail: azevedoanadarc@gmail.com. http://orcid.org/0000-0003-4240-9579. https://orcid.org/0000-0001-6995-9357

[102] Experiência como Orientadora Educacional e Docente na Educação Superior. Mestrado em Ciências da Educação. E-mail: amandapereiramarques@hotmail.com.

[103] Professora de Sociologia da Rede Estadual de Educação do Pará. Mestre em Gestão Pública pelo NAEA. E-mail: mnemerf@yahoo.com.br. https://orcid.org/0000-0002-1851-1074

**Abstract:** The pandemic caused by Sars-CoV-2 (popularly known as Covid-19) will leave deep marks in the social organization of the 21st century, precisely from 2020. The world already surpasses four million deaths and Brazil is the second country with the highest number of deaths (GLOBO, 2021) and more than six hundred million children are still out of school (AGÊNCIA BRASIL, 2021). The health crisis intensified the problems in the area of health and education and, at the same time, proved that the causes of these problems are structural. In this context, this article aims to analyze the influences of multilateral organizations on Brazilian educational policy in times of pandemic through an exploratory bibliographical research. The research results indicate that multilateral organizations influenced educational public policies in the analyzed context and, equally, other sectors of public policies in different contexts as a way to respond to the demands of capitalist productive restructuring.

**Keywords:** Multilateral Organisms; Educational politics; Sars-CoV-2 pandemic.

**Resumen:** La pandemia provocada por el Sars-CoV-2 (conocido popularmente como Covid-19) dejará profundas huellas en la organización social del siglo XXI, precisamente a partir de 2020. El mundo ya supera los cuatro millones de muertes y Brasil es el segundo país con mayor número de muertes (GLOBO, 2021) y más de seiscientos millones de niños permanecen sin escolarización (AGÊNCIA BRASIL, 2021). La crisis sanitaria intensificó los males en el ámbito de la salud y la educación y, al mismo tiempo, demostró que las causas de estos problemas son estructurales. En este contexto, este artículo tiene como objetivo analizar las influencias de las organizaciones multilaterales en la política educativa brasileña en tiempos de pandemia a través de una investigación bibliográfica exploratoria. Los resultados de la investigación indican que los organismos multilaterales influyeron en las políticas públicas educativas en el contexto analizado y, al igual, en otros sectores de las políticas públicas en diferentes contextos como una forma de responder a las demandas de la reestructuración productiva capitalista.

**Palabras clave:** Organismos Multilaterales; Política Educacional; Pandemia Sars-CoV-2.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Santos (2020), a pandemia do Covid-19 intensificou uma crise mundial já existente desde a década de 1980, pois, desde então, o Estado neoliberal e sua estratégia de mercado financeiro global passam a ser o centro das políticas mundiais. A partir desse contexto, as crises tornam-se permanentes sendo utilizadas como causas dos diversos problemas sociais, econômicos e ambientais. Entretanto, a raiz da questão encontra-se na estrutura capitalista que é camuflada, obscurecida e pouco debatida.

A pandemia escancarou as mazelas já existentes como o racismo, a discriminação sexista, a violência doméstica, o feminicídio e trouxe também o

medo, a morte e a busca por culpados. Sobre o Covid-19, não existem evidências acerca da origem do vírus. O que existe de concreto é uma guerra no interior da qual apontar os culpados faz parte de uma disputa política. Em meio a essa disputa ainda temos as mais diversas formas de invisibilidade social refletida nos imigrantes, refugiados, marginalizados e desempregados.

Além das invisibilidades sociais, a pandemia exprime a invisibilidade da força e o poder das religiões, do vírus e dos mercados. A consequência da invisibilidade é “a escandalosa concentração de riqueza/extrema, desigualdade social e a destruição da vida do planeta/iminente catástrofe ecológica” (SANTOS, 2020, p. 13).

Vieira e Ricci (2020) destacam que o campo educacional foi afetado pelo contágio mundial do Covid-19. O centro do debate educacional passou a ser o uso das tecnologias para realização de atividades escolares não presenciais. Contudo, enquanto as crianças dos países desenvolvidos ou das crianças das classes mais abastadas dos subdesenvolvidos possuem acesso às tecnologias de ponta, com internet ilimitada e apoio dos responsáveis, as crianças filhas da classe trabalhadora ficam à margem deste processo. Em resumo, a desigualdade e vulnerabilidade estão sendo fortemente acentuadas com a pandemia. Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (ONU, 2021), logo nos primeiros trinta dias de contágio do vírus, devido a medidas preventivas como o isolamento social, metade das crianças do mundo ficaram fora da escola.

## 2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

As questões indicadas nos motivam a discutir acerca da influência dos organismos multilaterais nas políticas públicas brasileiras, mais especificamente, a política educacional brasileira durante a pandemia do Sars-CoV-2.

Dadas as restrições advindas da pandemia, optamos por realizar essa discussão pelo caminho da pesquisa exploratória bibliográfica: livros, artigos e documentos, utilizando a contribuição de diversos autores acerca dos temas relativos à política educacional e à educação durante a pandemia e as influências dos organismos internacionais objetivando encontrar respostas para as questões propostas. Nesse sentido, a pesquisa “[...] constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla” (GIL, 2010, p. 27).

Iniciamos com uma contextualização para o embasamento da primeira etapa que é a formulação da problemática e definição dos objetivos. Para responder à problemática e ao objetivo proposto iniciamos a etapa de coleta de dados que se desenvolve a partir da pesquisa bibliográfica e documental. De acordo com Severino (2007), a primeira, concretiza-se com base na busca de registros de pesquisas anteriores de autores e temas relativos ao objeto pesquisado e a segunda com a de documentos mais amplos (oficiais ou não) que envolvem dados geralmente não tratados analiticamente.

A última etapa corresponde à análise e interpretação dos resultados e redação do artigo. A base do método dessa fase é a dialética materialista histórica. Nessa perspectiva, Frigotto (2010) enfatiza que adotar este tipo de método de análise significa adotar uma postura crítica de concepção da realidade com objetivos práticos capazes de romper com pensamentos e ideologias dominantes:

> No processo dialético de conhecimento da realidade, o que importa fundamentalmente não é a crítica pela crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. (FRIGOTTO, 1989, p. 89).

"Repõe-se, aqui, o ciclo da práxis, onde o conhecimento ampliado permite, ou deveria permitir, uma ação mais consequente e avançada, que por sua vez vai tornando o conhecimento ampliado base para uma nova ampliação". (FRIGOTTO, 1989, p. 98). Visando a concretização da síntese da problemática em estudo, o presente artigo envolveu fases representativas das partes necessárias à compreensão do todo. Nessa perspectiva, além da Introdução e da exposição do método e procedimentos utilizados, buscamos analisar o sentido real e ideal do processo político mundial e suas consequências para política pública brasileira, indicando fundamentos teóricos que confirmam a problemática apontada para possíveis influências dos organismos multilaterais no processo educacional envolvendo o período de constituição da política neoliberal até o momento de sua intensificação em meio à pandemia do Covid-19.

Por fim, a partir das bases teóricas adquiridas com as leituras para a constituição deste artigo e das bases práticas proveniente de nossas próprias

experiências profissionais na área educacional, expomos os resultados obtidos com a pesquisa e nossas considerações finais.

## 3 A CONCEPÇÃO ARENDTIANA DE POLÍTICA

### 3.1. Os sentidos da política

*A política baseia-se no fato da pluralidade dos homens.*
H. Arendt (2002, p. 7).

Os fragmentos das obras póstumas de Hannah Arendt (2002) representam, as bases de sua filosofia política e a análise desses fundamentos permite afirmar que o desenvolvimento da modernidade se constitui como maior exemplo da perda do sentido da política como sinônimo de liberdade. Os Estados Nacionais formaram-se com o discurso de que o homem precisava sair de um estado de natureza violento e sem limites para um estado de limites com proteção. O que se observou, entretanto, foi a construção de uma estrutura de poder e proteção para a moderna política de mercado, isto é, eliminaram a violência e o domínio direto do homem sobre o homem, mas o poder de exercer a violência foi transferido para o Estado. Este, assim, está legitimado a exercer e praticar ações de violência com a justificativa de defesa da ordem. Nessa perspectiva, a classe trabalhadora torna-se aparentemente livre e protegida pelo Estado para melhor responder a política do capital. Com isso, a redução da violência do estado de natureza possibilita o aumento da violência material, representada, principalmente, pela concorrência no trabalho e pela necessidade de sobrevivência.

Segundo Arendt (2002), os homens concedem força ao estado acreditando que continuariam tendo poder sobre o mesmo e que seu objetivo seria o bem público. Mas o que ocorreu foi o inverso: a combinação de força e poder para o Estado passou a favorecer o bem privado de determinados grupos e a exercer a violência em prol dos mesmos. Além de todo esse processo de constituição do poder estatal, os sistemas totalitários, as guerras, as revoluções, a corrupção e a constante ameaça de bomba atômica, transformam o sentido positivo da política – de priorizar a pluralidade e a liberdade entre os seres humanos – em um sentido negativo de apagamento dessa diversidade e liberdade. Nas palavras da autora:

> [...] a necessidade substituiu a força e é duvidoso qual coação é mais repugnante, a coação da força ou a coação da necessidade. Além disso, todo o desenvolvimento da sociedade só vai até ali, ou seja, até o momento em que a automação abolir realmente o trabalho, tornando todos os seus membros 'trabalhadores' na mesma medida — homens cuja atividade, não importa em que consista, serve sobretudo para obter o necessário para a vida. Também nesse sentido, o afastamento da força da vida da sociedade teve como consequência, em primeiro lugar, o fato de ser concedido um espaço muito maior do que antes à necessidade com a qual a vida coage a todos. Na verdade, a vida da sociedade é dominada não pela liberdade, mas sim pela necessidade. (ARENDT, 2002, p. 31).

Essa calamidade, de acordo com Arendt (2002), continua ameaçando os sistemas políticos atuais e o Estado que, por meio de outras facetas, permanecem realizando ações de restrição à liberdade e à espontaneidade humana, utilizando-se do poder de violência institucional e mantendo-se como uma máquina administrativa, burocrática e conflitante e

> [...] a força que devia proteger a vida ou a liberdade tornar-se tão terrivelmente poderosa que ameaça não apenas a liberdade, mas sim a vida. Como é justamente o aumento dos meios estatais de força que põe em perigo o processo de vida de toda a Humanidade. (ARENDT, 2002, p. 30).

Apesar das experiências negativas, Arendt propõe que não devemos e nem podemos contentar-nos com isso, pois, a política é essencial aos indivíduos e à sociedade. Para a autora, as lembranças da antiga *polis* grega e as ideias aristotélicas podem servir de base para que o ser humano possa reagir e impor uma espécie de novo começo ou um destino construído pelas próprias mãos.

Sobre o sentido da política em Arendt, destaca-se:

> O que distingue o convívio dos homens na polis de todas as outras formas de convívio humano que eram bem conhecidas dos gregos, era a liberdade. Ser-livre e viver-numa-*polis* eram, num certo sentido, a mesma e única coisa. A propósito, apenas num certo sentido; posto que para poder viver numa *polis*, o homem já devia ser livre em outro sentido — ele não devia estar subordinado como escravo à coação de um outro nem como trabalhador à necessidade do ganha-pão diário. Primeiro, o homem precisava ser livre ou se libertar para a liberdade. (2002, p. 18).

Nessa perspectiva, a política voltaria a buscar as bases de convivência entre os diferentes e os homens se organizariam politicamente para ações de interesses comuns ou ações fundamentadas nessas diferenças. E assim,

possivelmente, voltaríamos a ter a utópica esperança de alcançar a espontaneidade, a liberdade e a pluralidade que envolve o verdadeiro sentido da política.

### 3.2. Dos significados da Política Educacional

Como vimos, conforme apontado Arendt (2002), o sentido da política representa, principalmente, o reconhecimento de que os homens são plurais e por isso devem possuir uma política que os leve a práticas de liberdade. A política educacional teoricamente caminha para essas mesmas bases, pois representa uma dentre as várias políticas públicas cujo objetivo é o de proporcionar educação de qualidade a todos os indivíduos, respeitando suas especificidades e pluralidades. Entretanto, assim como os fundamentos de liberdade da política foram destruídos em nome do poder, na área educacional não foi diferente.

Conforme Dourado (2001), o discurso da educação como um direito social camufla os reais projetos capitalistas de redimensionar a política educacional para a produção de habilidades, capacidades e competências no intuito de atender aos interesses de reestruturação produtiva, de avanço tecnológico e de globalização do capital e do trabalho. Em decorrência desse cenário, a análise das políticas educacionais envolve a compreensão dos novos padrões de intervenção estatal.

De acordo com Antunes (2001), esse padrão é o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, uma política destrutiva que acarreta desemprego estrutural, precarização do trabalho, destroçamento dos direitos sociais, degradação ambiental e exclusão social. Nesse caminho, o neoliberalismo passou a ditar as novas bases da política capitalista mundial e dentre seus principais ideais estão, segundo Antunes (2001, p. 19-20), os processos de

> [...] reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com os organismos de hegemonia do capital, como o Fundo Monetário Internacionais.

Nesse processo, segundo Vieira (2001), importantes organismos multilaterais passam a atuar na definição de políticas públicas para a educação de vários países. No Brasil, por exemplo, desde 1950 já se observa essa

cooperação por meio da assinatura de vários convênios de cunho cultural e técnico com os Estados Unidos, que resultaram em reformas educacionais como a *Reforma Universitária*.

Na década de 1990, com a educação tornando-se base de mão de obra produtiva para as novas exigências do mercado internacional, essas parcerias ganham força através de organizações internacionais como Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) e Banco Mundial (BM), além de uma série de eventos com destaque para:

> Conferência Mundial de Educação para Todos, Jontien, Tailândia (1990); a Conferência de Nova Delhi (1993); e as reuniões do Projeto Principal de Educação na América Latina e do Caribe, [...]. Conferência de Kingston, Jamaica (1996)" [...]. Nesses eventos são elaboradas ações de interesses e recomendações com as quais se comprometem os países signatários dos diferentes acordos firmados. Fazendo-se representar em todos esses encontros, o Brasil torna-se, portanto, sócio da agenda definida em tais cenários. (VIEIRA, 2001, p. 61).

Vale enfatizar que o empréstimo de recursos em agências internacionais para o desenvolvimento dos projetos acordados nesse processo é muito mais grave que firmar compromisso nos eventos regionais ou internacionais, pois, através dessa dependência financeira existe maior possibilidade de uma intervenção do que simplesmente uma cooperação. Com isso, o sentido da educação como um direito universal, plural e livre fica cada vez mais distante da atual política educacional.

## 4 INFLUÊNCIAS DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS NA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ribeiro e Raichelis (2012) identificam as influências das agências internacionais sobre os processos de políticas públicas. De acordo com os autores, o processo inicia-se com a necessidade de respostas à crise econômica pós-segunda guerra mundial, especialmente, quanto à introdução de um novo modelo de desenvolvimento capitalista global e de novas regras para o sistema financeiro internacional. A condução desses novos arranjos políticos se deu por parte dos países desenvolvidos, especialmente, Estados Unidos e Inglaterra. Os autores explicam:

> Aqui, cabe destacar a criação do FMI com objetivos principais de garantir a estabilidade financeira mundial, realizar empréstimos a curto prazo aos países membros quando enfrentassem dificuldades internas e zelar pela implementação do novo padrão monetário. Inicialmente ao BM caberia oferecer recursos financeiros aos países destruídos pela II GM, bem como o financiamento a longo prazo de projetos de desenvolvimento dos países membros. Logo, as atividades desses organismos internacionais passaram a se preocupar também em impulsionar modelos de desenvolvimento nos países do *Terceiro Mundo*, gerando como efeitos colaterais as dívidas externas e o aprofundamento da relação de dependência na qual ainda se encontram vários dos chamados países da periferia capitalista. (RIBEIRO; RAICHELIS, 2012, p. 50).

Nessa perspectiva, o suporte financeiro estava condicionado à adoção de medidas e recomendações de interesses dos países desenvolvidos. Dentre as sugestões, os autores destacam a adoção dos conselhos de políticas públicas como legitimador da democracia liberal e a criação da ONU, formada por organismos multilaterais. E continuam:

> Para a constituição do chamado Sistema ONU foram criadas agências internacionais, fundos e programas voltados para temas específicos, como a Organização Internacional do Trabalho — OIT e o Fundo das Nações Unidas para a Infância — Unicef, criados em 1946, a Organização Mundial da Saúde — OMS, 1948, e o Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento — PNUD, 1965. Cada organismo da ONU é constituído por pelo menos três países, os chamados países-membros, responsáveis por elaborar recomendações em torno de políticas nacionais de desenvolvimento em suas áreas de especialização. (RIBEIRO; RAICHELIS, 2012, p. 50).

Essas iniciativas são ampliadas conforme as novas necessidades do projeto de hegemonia capitalista e de combate às ideologias socialistas e comunistas. No Brasil, por exemplo, o governo atual, apoiado pelos grandes líderes do capital, tem causado destruição principalmente na saúde, na cultura e na educação, tal como demonstram os apontamentos de Martins (2021, p. 17):

> A educação no governo Bolsonaro caminha nesse sentido, porém de maneira mais agressiva, na privatização da educação, beneficiando grandes grupos educacionais nacionais e internacionais. [...]. Neste governo foi lançado o Programa Future-se, caracterizado, resumidamente, por: visar à privatização do ensino superior nos Institutos Federais que seriam geridos por OS's; a pesquisa estaria a serviço do mercado, aproximando-a dos empresários; precarização da carreira docente, dentre outros.

Para Soares (2020), um dos principais papeis dos organismos multilaterais é o de defender um modelo empresarial de educação, alegando que a escola necessita imprimir mudanças capazes de acompanhar essas novas exigências, ou seja, educação flexível, para uma dinâmica de exploração igualmente flexível. Em consequência dessa nova proposta a educação moderna virou sinônimo de ambiente virtual, o conhecimento válido é o de habilidades tecnológicas e a dinâmica de trabalho volta-se principalmente para o empreendedorismo.

A crise sanitária de 2020, apesar de evidenciar as mazelas deixadas pela política neoliberal através, principalmente, da evidente precarização da saúde e da educação pública, veio, também, reforçar a continuidade da referida política através de iniciativas que, em nome da crise, anunciam medidas de cortes salariais, flexibilização de direitos trabalhistas e o Ensino Remoto Emergencial.

No Brasil, com o anúncio da chegada do COVID-19 e, consequentemente, com os decretos de fechamento das escolas, uma das primeiras atitudes do Ministério da Educação foi autorizar no dia 18 de março, a adoção emergencial da modalidade a distância para cursos presenciais.

É valido enfatizar que os argumentos de defesa para implementação ensino remoto emergencial se esvaziam diante de graves problemas sociais que aprofundam as desigualdades de oportunidade educacional: a falta de acesso à internet por parte de grande parcela de estudantes e docentes; a ausência de instrumentos e de manejo tecnológico. Além disso, a flexibilização escolar afeta a qualidade do ensino-aprendizado e do debate crítico e constrange pela constante vigilância de conteúdo e didática. Consequentemente, o processo de autonomia e de interação social é igualmente abalado.

Algumas informações e dados fornecidos por pesquisas realizadas no contexto da pandemia expressam tanto a influência dos organismos multilaterais na política educacional brasileira quanto os resultados negativos do ensino remoto em meio a pandemia do Covid-19. Fiera, Evangelista e Flores (2021, p. 21-22), por exemplo, destacam o envolvimento entre os movimentos educacionais e os organismos multilaterais:

> O Movimento Todos pela Educação (TPE) realizou dois debates (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020a e 2020c) em aliança com o Conselho Nacional de Educação (CNE). Estiveram em um deles, ou em ambos, o Banco Mundial (BM), o Conselho de Secretários de Educação

(Consed), a União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), a União Nacional dos Conselhos Municipais (UNCME), o Fórum dos Conselhos Estaduais de Educação (FNCE) e um ex-consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além de outros. No dia 8, primeiro debate virtual, o TPE (2020b) lançou Nota Técnica sobre o tema, simultaneamente à publicação de documentos do Banco Mundial (2020), da Unesco (2020) e da OCDE (2020). Os encontros tinham, pelo menos, duas motivações de fundo: mostrar o alcance organizativo e de gestão dos promotores no território nacional e difundir a perspectiva de 'ensino remoto durante a pandemia, a ser mantido após, tal como acordado entre os sujeitos hegemônicos no debate – nuance não revelada.

Por outro lado, o portal *Escrevendo o Futuro* (2021), iniciativa do Itaú Social que abriu um espaço de escuta à docência na pandemia, afirma que grande parte dos educadores descreve que as maiores dificuldades no processo de educação remota relacionam-se à precária acessibilidade à internet e a equipamentos eletrônicos.

A pesquisa *Perda da aprendizagem na Pandemia* (2021), realizada pelo Instituto Unibanco e o Insper com os estudantes do Ensino Médio, identificou uma perda de competências em Matemática em dez pontos na escala Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e nove pontos em Língua Portuguesa comparativamente ao que aprenderiam em um contexto tradicional do ensino presencial.

A União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), em parceria com o Unicef e o Itaú Social, realizou uma pesquisa durante os meses de janeiro e fevereiro de 2021 intitulada *Volta às aulas 2021* (ano). Os resultados apontam que a dificuldade dos professores para manter o engajamento dos alunos é maior entre os professores do ensino médio (78%) e vai diminuindo conforme a etapa de ensino (71% nos anos finais do ensino fundamental, 60% nos anos iniciais e 56% na educação infantil).

Já a pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus* (CONJUVE, 2021), realizada por iniciativa do Conselho Nacional de Juventude, indicou que os efeitos da pandemia sobre a saúde física e emocional de jovens têm contribuído para o aumento de sentimentos negativos que afetam a saúde mental.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid (PNAD, Covid-19), divulgada pelo IBGE em outubro de 2020, aponta que o maior percentual de alunos matriculados e sem atividades são os da região Norte, com

29,3% indicador muito acima dos registrados no Sul (5,1%), Centro-Oeste (7,4%) e Sudeste (9,2%).

Podemos identificar que para garantir acesso à educação, nesse cenário pandêmico, não basta aderir a orientações de organismos internacionais. É necessário, antes de tudo, reconhecer as profundas desigualdades entre países, regiões e classes sociais, além de perceber que o objetivo central de todo esse processo não é a qualidade educacional, mas sim dar respostas imediatistas em defesa do mercado e do capital. Somente a partir desse entendimento podemos construir contraposições a todo esse sistema de exclusão e ter esperança de luta por uma política educacional que, com base no pensamento de Hannah Arendt, respeite a pluralidade para a concretização da espontaneidade e liberdade humana.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos enfatizar que as medidas de restrição como forma de enfrentamento a Covid-19, envolvendo as interrupções das aulas presenciais no Brasil e no mundo, escancaram não somente a crise pandêmica, mas, principalmente, um cenário complexo de crises estruturais do capitalismo global que, por sua vez, provoca o aprofundamento das desigualdades sociais, econômicas, ambientais e educacionais.

É justamente para atender aos interesses do capital que as políticas educacionais, em meio a esse processo de pandemia, seguem os argumentos dos organismos multilaterais e consequentemente, adotam o ensino remoto emergencial. Com isso, educadores, educandos, pais e sociedade em geral parecem sujeitar-se ao formato de ensino-aprendizado virtual. Assim, com a alegação de combate, principalmente, à evasão escolar, diferentes estratégias são adotadas: materiais impressos distribuídos para que os alunos realizem as atividades em casa, programas de TV e rádio passam a ser utilizados como recursos fundamentais, plataformas educacionais, salas de videoconferência, redes sociais e aplicativos de mensagens também são amplamente manejados.

Nesse cenário, segundo Soares (2020), deparamo-nos com duas realidades bem diversas: de um lado, professores e alunos de escolas e universidades particulares usufruindo de suportes tecnológicos, ferramentas modernas, acesso à internet, assessoramento pedagógico, acompanhamento

dos pais e condições materiais para dar continuidade ao processo de estudo. Do outro lado, os docentes, principalmente de escolas públicas, têm suas jornadas diárias de trabalho intensificadas, o aumento das atividades didáticas, tais como: a elaboração de cadernos, a adoção de recursos e de ferramentas tecnológicas, além de terem que participar de aulas e reuniões pedagógicas de forma virtual levando muitos professores à exaustão, principalmente mental.

Ainda segundo a autora, para os alunos de escolas públicas não está sendo diferente. A grande maioria continua sem aula, pois, muitos não possuem celular, acesso à internet ou outros aparelhos midiáticos. Vários alunos precisam compartilhar o mesmo aparelho com diversas pessoas da família. Além disso, sem o acompanhamento presencial, crianças e jovens estão encontrando dificuldade de concentração e aprendizado. Outros perdem o interesse pelo estudo e abandonam a escola ou curso (SOARES, 2020). Enfim, os obstáculos são diversos.

Percebemos, assim, que essas contradições expressam uma série de desigualdades diversas da pluralidade dos homens defendida por Hannah Arendt. São realidades bem distintas que acabam tendo que utilizar uma única proposta educacional: o ensino remoto. Nesta perspectiva, podemos constatar que para a realização de práticas educacionais espontâneas, capazes de gerar um aprendizado crítico, efetivo e um significado concreto, não devemos, enquanto educadores, seguir propostas externas e sim ter a liberdade de criar nossas próprias políticas de acordo com as mais diversas realidades.

A pesquisa realizada traz à tona a fragilidade da liberdade, pois, muitos Estados, sob a alegação do enfrentamento da pandemia, deixam claro seu poder excessivo. Nesse contexto, para Santos (2020), os cidadãos comuns, muitas vezes, ficam indefesos diante dos únicos que sabem explicar a situação pandêmica a partir de sua própria linguagem. “Em muitos países esses são os pastores evangélicos conservadores ou irmãs do islamismo radical, apologistas da dominação capitalista, colonialista e patriarcal” (SANTOS, 2020, p. 14). Daí a importância do pensamento dos intelectuais, pois, por meio de uma contraposição e críticas podem lutar contra as ideologias que interferem em nossa prática.

Os resultados da presente pesquisa indicam, portanto, que os organismos multilaterais não somente influenciam as políticas educacionais brasileira nesse

contexto pandêmico, mas também várias outras políticas públicas, e em diferentes contextos, como forma de continuar respondendo às exigências da reestruturação produtiva capitalista. Face a essas considerações, essa investigação é de suma importância para ampliação do conhecimento sobre essas influências externas nas políticas públicas de países como o Brasil, além de servir de base para estudos mais aprofundados sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Mais de seiscentas milhões de crianças continuam fora da escola**. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/mais-de-5-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ficaram-sem-aulas-em-2020. Acesso em: 20 jun. 2021.

ANTUNES, Ricardo. Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho numa ordem neoliberal. In: DOURADO, L. F.; PARO, V. H. **Políticas Públicas e Educação Básica**. São Paulo. Xamã, 2001.

ARENDT, Hannah. **O que é política**? Úrsula Ludz. (Org.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/somente-leitura/EaDADM/UAB_2017_1/Modulo_1/Ciencia%20Politica/Material%20Complementar/O%20que%20%C3%A9%20pol%C3%ADtica%20Hannah%20Arendt.pdf . Acesso em: 20 de mar. de 2021.

BARROS, Ricardo Paes de *et al*. **Perda da aprendizagem na Pandemia**. Instituto Unibanco/Insper. São Paulo, 2021. Disponível em https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/api/assets/46713b13-95a5-4288-8e8c-101024259890/. Acesso em 30 Jun. 2021.

CONJUVE; FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; REDE CONHECIMENTO SOCIAL; UNESCO. **Juventudes e a Pandemia do Coronavírus. Relatório Nacional** 2ª ed. Disponível em: https://mk0atlasdasjuve5w21n.kinstacdn.com/wp-content/uploads/2021/06/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210607.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

DOURADO, L. F. As reformas de Estado e as políticas de formação de professores nos anos de 1990. In: DOURADO, L. F. & PARO, V. H. **Políticas Públicas e Educação Básica**. São Paulo. Xamã, 2001.

FIERA, Letícia; EVANGELISTA, Olinda; FLORES, Renata. Chantagem como estratégia para assegurar o “direito de aprendizagem” aos “vulneráveis”. In: SOARES, Sávia Bona V. *et. al.* **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. Vol. 1. p. 21-28. Disponível em: https://docplayer.com.br/190257831-Coronavirus-educacao-e-a-luta-de-classes-no-brasil-1.html. Acesso em: 21 jul. 2021.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 69-90.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Retratos da Educação no Contexto da Pandemia do Coronavírus – Perspectivas em Diálogo,** out. de 2020, Disponível em: https://frm.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital-1-compactado.pdf> Acesso em: 23 de jul. de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBO (G1). **Unesco: metade dos estudantes do mundo sem aulas por conta da Covid-19.** Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/03/18/unesco-metade-dos-estudantes-do-mundo-sem-aulas-porconta- da-covid-19.ghtml.Acesso em: 02 Jul 2021.

INSTITUTO AIRTON SENNA. **Políticas Educacionais na Pandemia do Covid-19. O que o Brasil pode aprender com o resto do mundo?,** Mar. de 2020, Disponível em: https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/hub-socioemocional/politicas-educacionais-na-pandemia-do-covid-19.pdf Acesso em 22 de jul de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD COVID19**. Maio de 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101727.pdf. Acesso em 21 de jul. de 2021.

ITAÚ SOCIAL; CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA (Cenpeq). **Programa Escrevendo o Futuro**. **Espaço de escuta: a docência na quarentena**. Maio de 2020. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/formacao/pergunte-a-olimpia/258/espaco-de-escuta-a-docencia-na-quarentena. Acesso em: 20 de Jul de 2021.

MARTINS, João Rodrigo V. Educação como lócus da luta de classes na pandemia. In: SOARES, Sávia Bona V. *et. al*. **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. Vol. 1. p. 15-19. Disponível em: https://docplayer.com.br/190257831-Coronavirus-educacao-e-a-luta-de-classes-no-brasil-1.html. Acesso em: 21 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação**. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/85481-artigo-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao. Acesso em: 23 jun. 2021.

PROGRAMA ESCREVENDO O FUTURO. **Espaço de escuta: a docência na quarentena**, **maio de 2020**, Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/formacao/pergunte-a-olimpia/258/espaco-de-escuta-a-docencia-na-quarentena. Acesso em: 20 de Jul de 2021.

RIBEIRO, Natalina; RAICHELIS, Raquel. Revisitando as influências das agências internacionais na origem dos conselhos de políticas públicas. **Serviço Social & Sociedade** [online]. 2012, n. 109 [Acessado 30 Julho 2021], pp. 45-67. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000100004>. Epub 13 Mar 2012. ISSN 2317-6318. https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000100004. Acesso em 15 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Almedina: Coimbra, Portugal. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed., São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Sávia Bona V. Coronavírus e a modernização conservadora da educação. In: SOARES, Sávia Bona V. *et. al*. **Brasil: Terra Sem Amos**, 2020. Vol. 1. p. 05-14. Disponível em: https://docplayer.com.br/190257831-Coronavirus-educacao-e-a-luta-de-classes-no-brasil-1.html. Acesso em: 21 jul. 2021.

UNIÃO DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (UNDIME). **Pesquisa Undime sobre Volta às Aulas**. Disponível em: http://undime.org.br/uploads/documentos/phpb9nCNP_6048f0cf083f8.pdf . Acesso em: 20 jul. 2021.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maike. **A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo**. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL__Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf. Acesso em 22 jun. 2021.

VIEIRA, S. L. Políticas internacionais e a educação. In: DOURADO, L. F.; PARO, V. H. **Políticas Públicas e Educação Básica**. São Paulo: Xamã, 2001.

**ST05 – CULTURAS POPULARES E ETNOTEXTUALIDADES EM MOVIMENTO:LÚDICA, ÉTICO-ESTÉTICA E RESISTÊNCIA**

***COORDENADORES***

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Andrey Faro de Lima - Pós-doutorando (Universidade da Amazônia)

***ALUNOS DE APOIO***

Ma. Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso - (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Ma. Ana Selma Barbosa Cunha - (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Ma. Gleice Antônio Almeida de Oliveira - (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)
Me. Euclides Barbosa Moreira Neto (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

**EMENTA**

Em tempos de sequentes ameaças à democracia, à destruição dos direitos sociais e descrenças institucionais, propomos neste ST fomentar as discussões sobre temas fundamentais que, considerando tais vicissitudes, envolvam a dinâmica, as contingências e a realidade das múltiplas expressões da cultura popular e das etnotextualidades, consoante o entendimento de autores como Alfredo Bosi (2002), Kabengele Munanga (2008), Zélia Amador (2020), Magnani (1994), Amaral (2007; 2008) e Bakhtin (2002). As idas e vindas em torno de temas como a questão nacional/regional/popular, as ideias de tradição e modernidade, os entrecruzamentos entre as concepções de local e global, as tensões de classe e identitárias, para exemplificar, tornam-se oportunas para este ST. A partir destas e outras trilhas pretende-se, sobretudo, que tópicos relevantes sejam trazidos para o debate, a saber: literatura, narrativa, patrimônio cultural, música, folclore, dança, festa e nação. Ressaltase que, este ST se dedica também a propostas que apreendam as culturas populares e as etnotextualidades a partir de suas dinâmicas e experiências, da perspectiva e da vivência dos sujeitos e coletividades, sem negligenciar quaisquer variáveis política, econômica e sociocultural, por meio de sentidos e significados que de modo algum escamoteiam ou se dissociam dos reveses e articulações mais contemporâneas.

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

# A POÉTICA DE RESISTÊNCIA DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO[104]

Tábata Araújo[105]
Jaqueline Bandeira [106]
Ana D'Arc Azevedo [107]
Paulo Nunes [108]

## RESUMO

O presente ensaio visa refletir sobre uma poética de resistência que emerge da prática da Academia do Peixe Frito. A partir da apresentação de algumas memórias poéticas dos acadêmicos, buscamos compreender de que forma os autores contribuem para a renovação das práticas sociais e estéticas de Belém na primeira metade do século XX. Para conduzir a pesquisa, temos como referenciais teóricos sobre política, Hannah Arendt (2002); sobre micropolítica, Canton (2009); e especificamente sobre a Academia do Peixe Frito, Nunes e Costa (2016). Partimos do procedimento metodológico qualitativo e como resultados alcançados, observamos as obras como práticas sociais de resistência de cunho político e cultural, despertando para novos pensamentos que convergem para a articulação de movimentos sociais e literários e possibilitando novas formas de fazer política em relação às criações artísticas da nossa região.

**Palavras-chave**: Academia do Peixe Frito; Literatura; Resistência.

## THE POETICS OF RESISTANCE OF THE FRIED FISH ACADEMY

---

[104] Trabalho apresentado ao simpósio de trabalho ST 05: Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência. Do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[105] Mestranda bolsista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- CAPES) da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: tnqaraujo@gmail.com Orcid: 0000-0003-2168-6569

[106] Mestranda bolsista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-CAPES) da Universidade da Amazônia (Unama).

E-mail: jaquelinebandeira16@hotmail.com Orcid: 0000-0003-4916-8341

[107] Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: azevedoanadarc@gmail.com Orcid: 0000-0003-4240-9579

[108] Doutor em Letras - Literaturas em Língua Portuguesa - pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: pontedogalo3@gmail.com Orcid: 0000-0001-7238-702X

**ABSTRACT**

This essay reflects on the poetics of resistance that emerged from Academia do Peixe Frito. From the presentation of some poetic memories of academics, we seek to understand how authors contribute to a poetics of resistance. To conduct the research, we have as theoretical references Hannah Arend (2002) on politics; Canton (2009) Micropolitics; Nunes and Costa (2016) Academia do Peixe Frito. We start from the qualitative methodological procedure and as results are achieved, we observe the works as resistance of a politica-social nature, awakening to new ideologies, articulating social movements and enabling new ways of doing politics in relation to artistics creations in our region.

**Keywords:** Fried Fish Academy; Literature; Resistance.

## LA POÉTICA DE RESISTENCIA DE LA ACADEMIA DE PESCADO FRITO

**RESUMEN**

Este ensayo pretende reflexionar sobre una poética de resistencia surgida de la Academia do Peixe Frito. A partir de la presentación de algunas memorias poéticas de académicos. Para realizar la investigación, tenemos como referencias teóricas, tenemos como referencias a Hannah Arend(2002) sobre política,Canton(2009) Micropolitics, Nunes y Costa (2016) Academia do Peixe Frito. Partiendo del procedimiento metodológico cualitativo y como resultados alcanzados,observamos las obras como resistencias de carácter político-social, despertando a nuevas ideologías, articulando movimientos sociales y habilitando nuevas formas de hacer política en relación a las creaciones artísticas de nuestra región.

**Palabras llave**: Academia de Pescado Frito; Literatura; Resistencia.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa refletir sobre a poética de resistência que emergiu da prática da Academia do Peixe Frito. Trata-se de um ensaio que investiga o as práticas estéticas e sociais, bem como o diálogo entre os acadêmicos “peixefritanos”, que investiram numa prática de resistência que reverberou na Amazônia Oriental, a partir da cidade de Belém, capital do Pará. Nossa argumentação partirá da ideia de Canton (2009), que indica ter o artista um compromisso sociopolítico e por meio de sua obra estabelece relações de

representações estéticas que influenciam o social. Nesse sentido, portanto, este artigo trabalha com a ideia de que a poética que emergia da prática da Academia do Peixe Frito seja considerada uma expressão de resistência político-social que introduz novas ideias, articula movimentos sociais e possibilita novas formas de fazer política, a partir da literatura e do jornalismo.

Este artigo enfatiza a Academia do Peixe Frito como instituição informal ligada ao processo de formação identitária dos indivíduos, sem esquecer as relações culturais, políticas e sociais existentes na época de produção das obras, os anos de 20 a 50 do século XX, e que se desloca ao atual contexto de produção cultural das populações negras das periferias de Belém.

Este ensaio tem como principal objetivo refletir sobre as práticas sociais da Academia do Peixe Frito e configurar um diálogo de interface entre literatura, jornalismo, política. Para consolidar esse trabalho, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois, “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço muito mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.21-22).

Quanto à natureza e aos objetivos, apresentamos uma pesquisa classificada como básica, descritiva e exploratória, que por meio de leitura e interpretação das obras, poderão gerar algumas interpretações. Logo, pode-se definir que a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e os fenômenos de determinada realidade” (GERARDT, 2009, p.35, apud TRIVIÑOS, 1987). Para Gerardt (2009, p.35, apud GIL, 2007), “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Por ser um estudo teórico, a pesquisa bibliográfica que irá fundamentar as análises será baseado em Hannah Arendt (2002), Canton (2009), Nunes e Costa (2016), entre outros.

Os tópicos aqui apresentados são selecionados de maneira que possamos compreender melhor o andamento de nossos argumentos. No primeiro momento, abordaremos o tópico “Literatura, Política e Resistência”, que

propõe uma interface entre conceitos e autores que discutem a temática para, então descortina-la. No segundo tópico, intitulado “A poética da Academia do Peixe Frito”, conheceremos alguns artistas e suas respectivas obras, é quando pontuaremos a representação do fazer artísticos das suas obras como agentes político-sociais representantes de uma poética de resistência.

## 1- Literatura, Política e Resistência

A literatura acende a compreensão do indivíduo na acepção de que o autor se utiliza do artifício do conhecimento intuitivo quando assiste ao mundo democrático ao mesmo tempo em que faz uma autoanálise. Trata-se de um movimento duplo, fora/dentro/fora, o social afetando o pessoal, o pessoal, por sua vez, revigorando o social. A compreensão do homem em relação ao mundo é obviamente a instigação de que a existência da individualidade faz a sua esfera existencial mais completa e instigante. Portanto, a assimilação obtida através de uma obra literária geralmente traz vestígios individuais do autor. Ou seja, cada autor expõe uma perspectiva única, mas ele não usa esse ponto de vista único para interagir com os demais autores. Diante disso, podemos afirmar que:

> A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. A filosofia e a teologia sempre se ocupam do homem, e todas as suas afirmações seriam corretas mesmo se houvesse apenas um homem, ou apenas dois homens, ou apenas homens idênticos. (Arendt, 2002 p.07)

Percebe-se que literatura permite uma variedade de caminhos para interpretações, assim, cada indivíduo tem seu próprio discurso, ou seja, não descarta e não fornece para si um trajeto feito por meio de julgamentos; não faz da censura seu objetivo, e não usa uma percepção de mundo pré-estabelecida para sentenciar uma sociedade que está baseada em um sistema de valores nela alicerçados.

Para Estevam (2011), a literatura não é uma exposição de acontecimentos, essa é a distinção entre a literatura e o registro da história. A

compreensão do autor, o gênero, o modo de expressão e o tipo de linguagem são atributos que se manifestam sincronicamente, por isso cada autor priorizará determinados gêneros e estilos, sempre em conformidade com as necessidades socioculturais de cada época.

Estevam (2011) acredita que a política da literatura prevê que a literatura não seja um dispositivo empregado tão somente para disseminar ideias ou representações, mas que gere um novo tipo de senso comum, aperfeiçoando novos significados e os meios de existência. Quando Aristóteles (1970) afirmou que o ser humano é político, ele o disse, porque o ser humano possui a razão [princípio da inteligibilidade], a capacidade de fazer discurso. Ou seja,

> A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e umas contra as outras. (Arendt, Hannah, 2002, p.07)

Pensar nas conexões entre literatura, política e as modalidades de resistência daí advindas, demanda identificar seus movimentos e deslocamentos como uma linguagem que reelabora e esclarece o real e que faz da performance um ato político. As obras literárias recordam memórias permitindo o acesso a retalhos do passado que, em muitos aspectos ajudará a pensar o presente. Por meio das narrativas, por exemplo, é possível compreender as angústias de vidas cruzadas com marcas do social, do público e da impetuosidade do Estado. Tempos difíceis marcados por prisões, torturas, assassinatos e exílios obrigados daqueles que se contestavam ao regime absolutista, vide por exemplo, a literatura da cronista Eneida (1902/1971) na constesação e denúncia do Estado Novo de Getúlio Vargas.

O significado de resistência que reconhecemos, refere-se à luta e ao esforço coletivo. A resistência foi construída no decorrer do tempo e em diversos continentes, contrapõe-se ao processo de categorização social definido pela

certeza de que existem peculiaridades imutáveis que muitas vezes são paralisantes. No entanto, vale ressaltar que as concepções de resistência não se limitam ao confronto armado ou na guerra. Em tempos de exceção e regimes totalitários, foram muitas as imagens confeccionadas no campo literário para emblemar a punição por meio de uma escrita a contrapelo que metaforiza os desaparecimentos da palavra e a paralisação dos gestos.

Para Canton (2009. p 21) em **Micropolíticas e arte contemporânea** os artistas, em vez de defenderem suas posições políticas no âmbito partidário, tendem a canalizar suas atuações artísticas à vontade de expressar seus pontos de vista. Ou seja, eles encontram na atuação artística um espaço no qual possam expressar tais sentimentos dolorosos e contraditórios. Nesse sentido, pensar na literatura atravessada pela política acarreta na tomada de atitudes particulares que formam novas bases políticas, definidas por novos movimentos sociais. Em **A identidade cultural na pós-modernidade** (1997), Hall explica que a própria identidade se tornou politizada, modificando-se de acordo com a maneira como o sujeito é representado a partir da interação entre ‘‘eu’’ e a sociedade.

Em outras palavras, refletir sobre uma literatura de resistência é pensar em tudo aquilo que nos constitui como sociedade. Assim é que se pode dizer que literatura por Bruno de Menezes e os demais intelectuais da Academia do Peixe Frito configura um forte caráter político, aliado a uma preocupação diretamente relacionada às questões da realidade de direitos civis, de valorização a cultura amazônica, de subversão daqueles que se encontravam e, infelizmente, ainda se encontram, às margens do sistema.

## 2- O processo de criação da Academia do Peixe Frito

Ao pensar as práticas socioculturais da Academia do Peixe Frito nos faz refletir que a literatura e o jornalismo desempenham ali um papel fundamental, na medida em que, agindo nas margens, nas beiradas da sociedade beletrista e marcada pelo afrancesamento da Belle-Époque, os intelectuais “peixefritanos” invertem a ótica da sociedade belemense da primeira metade do século XX, propondo uma nova agenda, em que pudéssemos ver retratadas as

personagens e as cenas de uma cidade até então menosprezada pela "literatura oficial" e burguesa. Assim era necessário ressignificar gestos, e gostos, "pintar novos rostos", priorizar pretos índios, "cabocos", migrantes, enfim, os deserdados pelo capitalismo periférico que foi produzida pela excludente época da borracha.

A literatura, em vários aspectos, tem o poder de recriar pelo deslocamento de imagens e pontos de vista, os contornos da representação social, o que nos leva ao questionamento, sempre "batido", mas oportuno: "a arte imita a vida ou a vida imita a arte?" Oscar Wilde, por exemplo, diria que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida, (Wilde, 1994). Considerando-se esta reflexão e a percepção da cultura e a arte que produzimos e consumimos neste faixa do Brasil, a Amazônia oriental, mais especificamente Belém, nos defrontaremos com as formas bem específicas de organização social, econômica e política que geraram uma sociedade estratificada, excludente, que te tinha na primeira metade do século XX, mais do que hoje, uma visão ainda voltada para a valorização da cultura europeia. É nesse interstício que agirá a Academia do Peixe Frito.

Em um trabalho desta natureza, nunca é demais consideramos a criatividade, (elemento chave para a ação peixefritana), como um potencial inerente ao ser humano, e aqui recorremos a Fayga Ostrower (1987, p. 5 - 10), para quem "o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; e ele só pode crescer; enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando". Então, considera-se que o homem necessita passar pelos estágios ou processos de criação a fim de se (re) encontrar e de se (re) conectar com uma sociedade que é repleta de informações, interações, inconstâncias sociais e hibridizações culturais. Os processos de criação estética, portanto, constituem-se em mecanismos utilizados pelos artistas para expressar suas inquietações, as quais são geradas através de seus contextos sociais, políticos, culturais e, logicamente, ideológicos. Desse modo, a criação humana seria uma forma de manifestação de particularidades sobre sua própria existência e interação com o mundo circundante. O Mundo circundante provoca o criador e ele, depois de um complexo processo de criação e recriação de um

objeto estético, devolve ao mundo a obra criada, como resultado de um processo dialético.

Entretanto, antes de nos ocuparmos da Academia do Peixe Frito é vital para o andamento deste ensaio conhecer o espaço/tempo social em que os peixefritanos deram vida a este movimento fundamental para as renovações estéticas e culturais da Amazônia. Nunes e Costa (2020), na coletânea **Um olho no peixe e o outro na...** contextualizam o movimento da Belém da época:

> Belém acabara de vivenciar a higienização europeizante, advinda do projeto elitista da Era da Borracha/*Belle Époque,* viabilizando sobretudo pela figura política de Antônio Lemos[109]. Durante o referido período, que paira sobre nossas cabeças como um fantasma beligerante, a capital do Pará, cidade de ‘‘cabocos’’, teve de vestir espartilhos e chapéus de ‘‘madames’’, bem como enfeitar-se com as polainas e bengalas dos ‘‘monsieures’’ a ostentar trajes de linho (NUNES, COSTA, 2020. p. 21).

É nesse contexto que a Academia do Peixe Frito emergia com um engajamento lúdico e/ou literário, atravessado por forte sentimento boêmio, seja nas noites seresteiras ou nos barracões de pássaros e bumbás, seja nos terreiros em espaços públicos e privados das periferias de Belém. Sem os encontros formais que tradicionalmente marcam este tipo de ação, os “acadêmicos das diversidades” não dispensavam as reuniões animadas, regadas por cachaça e peixe frito. Participavam, entre outros, Bruno de Menezes, Jaques Flores, De Campos Ribeiro, Gentil Puget, Raimundo Viana e o músico Tó Teixeira[110], figura de muita importância para os rapazes da Academia. Estes jornalistas e literatos investiam na mudança de parâmetros do gosto artístico e cultural e, desse modo, ajudaram a sedimentar uma literatura de viés popular e amazônida, tal fez Dalcídio Jurandir em **Chove nos campos de**

[109] SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do velho intendente (1986/1973). Belém: Paka-Tatu, 2022.

[110] Ver: BANDEIRA, Jaqueline; NUNES, Paulo. ‘‘**Tó Teixeira, o maioral do Umarizal**’’. In: Um olho no peixe frito e outro na...: coletânea de artigos sobre a Academia do Peixe Frito. Belém: Folheando. 2020. p. 115-134.

**Cachoeira**, que em 1941, consagrou a expressão nominativa intelectualidade do Peixe Frito, conforme lemos no nos preâmbulos do romance, bem como numa dedicatória a Bruno de Menezes (TORRES e COSTA, 2016. p. 24): “Bruno, afinal este livro tem o sabor do peixe frito. Um abraço do Dalcídio”.

Cremos já estar evidente o modo irreverente que marcava o grupo de “jovens proletários” que abalaram as estruturas e a estética da sociedade da Belém de então. Isto feito, há de se afirmar que é impossível desassociar suas práticas da fisionomia da própria cidade onde habitavam. Sigamos.

1. Da esquerda para a direita, sentados Paulo de Oliveira, Euclides Fonseca e Edgar Souza Franco; de pé: Clóvis de Gusmão, Farias Gama, Bruno de Menezes e De Campos Ribeiro.

Pensamos ser importante, ressaltar aqui um dos principais pontos de encontro dos moços, entre tantos que foram palco da música, poesia e debate político e devocional. Em entrevista concedida a Vânia Torres e Paulo Nunes, no documentário Geração Peixe Frito[111]Leonora Brito, filha do poeta Bruno de Menezes, relata o que aqui chamamos de verdadeiro embrião de sotaques, etnias e cores que é a Amazônia: o Ver-O-Peso. A pesquisadora afirma ainda sobre a escolha do nome da agremiação, em memória às palavras de seu pai, o Ver-o-Peso é o que melhor representa o grupo no sentido de sintetizar as periferias da grande cidade e dos ribeirinhos vindos do interior da Amazônia. No

[111] ver https://www.youtube.com/watch?v=QWhV5xpegPU

sentido de representar o movimento renovador, temos um trecho do poema testemunhal da religiosa católica, jornalista e poeta sobre a Academia do Peixe Frito nas palavras de seu pai, Bruno de Menezes:

> Eu recordo, meu pai, quando tu vinhas
> suado, extenuado,
> o paletó no braço, gravata solta ao vento da baía,
> ao sol do meio dia.
> [...]
> E me dizias, ao ver-me preocupada: “Cheguei da Academia”.
> - A essa hora, papai? Mas que Academia ?
> - “Ora, do Peixe Frito, minha filha:
> É lá no Ver-o-Peso:
> Encontro de poetas, de escritores...”
> Nada compreendi, e ele me disse:
> “Mas pensei em vocês. Eis o que trouxe
> Para ajudar no almoço”.
>
> E ali na mesa, acalmando a mamãe, abriu um embrulhinho:
> Eram postas de peixe, bem fritinho.
> Quitute mais gostoso não havia, com a farinha,
> Para gente faminta.
> [...] ( Academia do Peixe Frito, Marília Menezes[112])

O poema acima constitui quase que um depoimento biográfico, no qual a voz poética evidencia o testemunho da existência da Academia do Peixe Frito, a partir do protagonismo de Bruno de Menezes, o qual representa um papel importantíssimo para a história da literatura no Pará, sobretudo no século XX. Pobre, preto, autodidata, nascido no bairro do Jurunas, periferia de Belém, Bruno é autor de vasta obra e sua vida testemunhou o cotidiano da capital paraense,

[112] Filha do poeta Bruno de Menezes.

não somente a pobreza, como a dinâmica movimentação dos arrabaldes, que legitimava grande parte da cultura das comunidades negras que viviam socialmente subalternizadas. Muitos de seus escritos denunciam a situação do trabalhador explorado pelo capitalismo. É neste contexto, que refletimos a respeito da produção cultural desses homens que resistiam à condição social imposta por um sistema desigual, negacionista e desumano que pedia uma ação de resistência que, a partir de alguns recursos de linguagens se coadunava com os propósitos modernistas.

## 2.1 A literatura dos poetas

A seguir tomaremos alguns exemplos de literatura de nossos modernistas peixefritanos para, deste modo, refletir a respeito da memória desse passado que, através do literário, faz-se ainda tão atual e imprescindível para a formação sociocultural desta localidade do Norte do Brasil. Os poemas de Bruno de Menezes, por nós escolhidos foram "Mãe Preta" e "Batuque".

"Mãe Preta" - Bruno de Menezes

*No acalanto africano de tuas cantigas,*
*Nos suspiros gementes das guitarras,*
*Veio o doce langor de nossa voz,*
*A quentura carinhosa do nosso sangue.*

*És, Mãe Preta, uma velha reminiscência*
*Das cubatas, das senzalas…*
*Mãe do Brasil, mãe dos nossos brancos ?*

*És, mãe preta, um céu noturno sem lua,*
*Mas todo chicoteado de estrelas.*
*Teu leite, que desenhou o Cruzeiro, escorreu num jato grosso,*
*Formando a estrada de São Tiago…*
*[...]*
*Quem mais teu leite amamentou, Mãe Preta ?*

*Luiz Gama? Patrocinio? Marcílio Dias ?*
*A tua seiva maravilhosa sempre alimentou o ardor cívico,*
*O talento vivo e o arrojo máximo !*
*[...]*
*Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe preta !*
*Gostosa, contando histórias de saci,*
*Ninando murucututu para os teus bisnetos de hoje !*
*Quanto sinhô e sinhá moça chupou teu sangue, Mãe preta !!!*

*Agora, como ontem és a festeira do Divino,*
*A Maria Tereza dos quitutes com pimenta e com dendê…*

*É, finalmente, a procreadora cor da noite,*
*Que desde o nascimento do Brasil te fizeste Mãe DE LEITE...*

*Abençoa-nos, pois, àqueles que não se envergonham de ti,*
*Que sugamos com avidez teus seios fartos, bebendo a vida,*
*E que nos honramos com teu amor.*

*TUA BÊNÇÃO, MÃE PRETA!* (Menezes: 1993, p. 225).

O texto consagra um dos ícones da cultura da diáspora negro-africana do Brasil. Como que a compensar o maus-tratos e injustiças sofridas durante o período da escravidão, a voz do poema consagra à figura da mãe negra uma justa homenagem, elevando-a a um plano de destaque na cultura do Brasil, dando-lhe o necessário protagonismo social. A mãe preta "de" Bruno de Menezes é ressignificada pelas artimanhas da literatura. O poema, lírico e narrativo ao mesmo tempo, constitui aquilo que aqui podemos chamar de literatura de resistência. O outro poema a comentar é aquele que dá nome ao livro homônimo ao poema:

"Batuque"

*(1) – "Nêga qui tu tem?*

*- Maribondo Sinhá!*

*- Nêga qui tu tem?*

*- Maribondo Sinhá!"*

*Rufa o batuque na cadência alucinante*

*- do jongo do samba na onda que banza.*

*Desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeios*

*cabindas cantando lundus das cubatas.*

*[...]*

*(1) – "Nêga qui tu tem?*

*Sudorancias bunduns mesclam-se intoxicantes*

*no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.*

*Ventres empinam-se no arrojo da umbigada, as palmas batem o compasso da toada.*

*(2) – "Eu tava na minha roça*

*maribondo me mordeu!..."*

*Ó princesa Izabel! Patrocínio! Nabuco!*

*Visconde do Rio Branco!*

*Euzébio de Queiroz!*

*E o batuque batendo e a cantiga cantando*

*lembram na noite morna a tragédia da raça!*

*Mãe Preta deu sangue branco a muito "Sinhô moço"...*

*(3) – "Maribondo no meu corpo!*

*- Maribondo Sinhá.!*

*Roupas de renda a lua lava no terreiro,*

*um cheiro forte de resinas mandigueiras*

*vem da floresta e entra nos corpos em requebros*

*[...]*

*(2) – "Maribondo no meu corpo!*

*- Maribondo Sinhá!*

*- É por cima é por baxo!*

*- E por todo lugá*!" (MENEZES, 1993, p. 215).

O poema começa enfatizando o refrão de uma cantiga de batuque, prenunciando o tratamento dado pela voz poética a um rito de celebração pouco difundida, o das religiões de terreiro, religiões que foram transplantadas para as Américas pelos africanos escravizados. Os ritos de terreiro, como se sabe, constituíram o maior mote de resistência para que os que viveram a diáspora pudessem contrapor com a fé a dor e o sofrimento. A singularidade do texto reside no fato de o poema destacar o negro que banha-se do odor "que vem da floresta e entra nos corpos em requebros", o que nos faz especular que tratar-se ali do negro fixado no solo amazônico.

Em síntese, nos poemas ''Mãe Preta'' e "Batuque'', escritos por Bruno de Menezes fixa toda sua devoção aos povos africanos numa perspectiva de valorização da negritude, negritude que deve aqui ser entendida como a cultura de resistência do negro inserido numa sociedade, a amazônica (e por extensão a brasileira), excludente, violenta e racista.

A obra poética **Batuque** traz à memória um passado a história de um povo sofrido em terra então estranha, em situação avessa e adversa, fazer cultuar as raízes negro-africanas significa resistir à exploração e à violência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, refletir sobre a poética que emergia da Academia do Peixe Frito, ligando-a a ideia de uma poética de resistência, é oportunizar a um número maior de leitores a acessarem uma literatura que ainda está à margem do cânone da literatura brasileira. Em vésperas de se comemorar os cem anos

da Semana de Arte Moderna, acontecida em São Paulo (e que para a maioria constitui o início das inovações estéticas no nosso país), tentamos mostrar neste artigo que na Amazônia brasileira, especificamente em Belém do Pará, um grupo de jovens irrequietos, de modo ousado e inovador, colocava-se na vanguarda das inovações modernizantes daqueles tempos. Naquele momento, a partir de várias estratégias enunciativas, que iam do jornalismo às reuniões e tertúlias boêmias, Bruno de Menezes e seus camaradas, mostravam à sociedade provinciana de Belém "com quantos paus se faz uma jangada", ou como se faz modernismos com muita ousadia, irreverência e bom humor. A partir de dois poemas de Bruno de Menezes quisemos dar uma pequena mostra da literatura como manifesto de resistência.

Nesse sentido, espera-se que a literatura, a de ontem e a de hoje, continue se destacando enquanto uma instituição constituída por práticas sociais e que impulsionem os sujeitos a uma mobilização transformadora de tal forma que o movimento das pessoas e seus gestos de resistência não se resumam ao movimento modernista paraense consubstanciado pela Academia do Peixe Frito, mas que ele seja conhecido e tomado, sempre que possível, como referência de resistência política pela estética.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **O que é política?** / Hannah Arendt; [editoria, Ursula Ludz]; 3" ed. tradução de Reinaldo Guarany. - 3 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 240 p.

ARISTÓTELES. **A Política**. Lisboa. 1970.

BANDEIRA, Jaqueline; NUNES, Paulo. ''**Tó Teixeira, o maioral do Umarizal**''. In: Um olho no peixe frito e outro na... : coletânea de artigos sobre a Academia do Peixe Frito/ [Organização] Paulo Nunes, Vânia Torres Costa, Elaine Ferreira de Oliveira, Kátia Silva. – Belém: Folheando, 2020. p.115-134. ISBN: 978-65-991692-1-2.

CANTON, Kátia. **Da Política às micropolíticas**. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

COSTA, Alda; NUNES, Paulo; TORRES, Vânia. **Narramazônia:** ser e estar nas narrativas do mundo. 2016 – ISSN: 23593105

COSTA, Vânia; NUNES, Paulo. **Academia do Peixe Frito:** diálogos e intersecções entre Literatura, jornalismo e ciências sociais na Amazônia do século XX, 2016 - ISSN: 217730

CUNHA, Ana Selma Barbosa. **Narrativas na Panela de Barro.** A academia do Peixe Frito em Jaques Flores. Belém, 2018. **Revista Asas da Palavra**. Unama. Disponível em: https://bit.ly/2zWYg3x . Acesso em: 20 de abril de 2021.

ESTEVAM, Mariana. **Curso Literatura e Política:** As relações entre expressão literária, demandas sociais e políticas vigentes – Tomo I. Cadernos do ILP – Ano I – Nº 8. São Paulo: ILP/ALESP. 2011. (acesso em 24 de julho de 2021).

GERARDT, Tatiana. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerardt e Denise Tolfo Silveira; coordenadora pela Universidade Aberta do Brasil - UBA/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MENEZES, Bruno. **Batuque**. In: Obras Completas, v.1, Poesia. Belém: SECULT, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). - Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

NUNES, Paulo; COSTA; Vânia Torres. **Negritude e Protagonismo:** Um peixefritano modo de ser e estar no olho do furacão da província. Asas da Palavra. Belém, v. 15. n. 1. p. 8-15, 2018.

NUNES, Paulo; TORRES, Vânia. **Um olho no peixe e outro na frigideira:** quando a academia do peixe frito muda a cara da província. In: Um olho no peixe frito e outro na... : coletânea de artigos sobre a Academia do Peixe Frito/ [Organização] Paulo Nunes, Vânia Torres Costa, Elaine Ferreira de Oliveira, Kátia Silva. – Belém: Folheando, 2020. ISBN: 978-65-991692-1-2.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 1987.

REIS, Marcos Valério Lima. **Bruno de Menezes**: Um Percurso do Reinventor do Peixe Frito. Asas da Palavra. Belém, v. 15. n. 1. p. 27-40, 2018.

WILDE, Oscar. **A decadência da mentira e outros ensaios**. Trad. João do Rio. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

# "POSTAIS QUE A CIDADE NÃO MOSTRA: MURGA, CULTURA E RESISTÊNCIA"[113]

# "POSTCARDS THAT THE CITY DOESN'T SHOW:MURGA, CULTURE AND RESISTANCE"

# "POSTALES QUE NO MUESTRA LA CIUDAD: MURGA, CULTURA Y RESISTENCIA"

Sofia Vignola Cabot[114]
Nuno Miguel Neves[115]

## RESUMO

A murga é um dos fenómenos que melhor simboliza o carnaval uruguaio. Quer pelos aspectos performáticos de que se reveste, quer pelas letras das diversas composições musicais, quer pela história e o papel desempenhado no combate à ditadura, tem sido, ao longo dos anos, um dos mais interessantes palcos para uma intensa disputa simbólica. Procurou-se assim, através da análise de uma canção da banda Agarrate Catalina, compreender os modos de encenação da resistência através da cultura popular, o que permite uma releitura do conceito de Carnaval Bakhtiniano a partir do contexto histórico, sociológico e cultural da América Latina e das diferentes estratégias de resistência à hegemonia económica e cultural dos Estados Unidos da América.

**Palavras-chave**: murga; carnaval; agarrate catalina

## ABSTRACT

The murga is one of the phenomena that best symbolizes the Uruguayan carnival. Whether because of the performative aspects it covers, the lyrics of the various musical compositions, or the history and role played in the fight against the dictatorship, it has been, over the years, one of the most interesting stages for an intense symbolic dispute. Through the analysis of a song by the band Agarrate Catalina, an attempt was made to understand the modes of staging resistance through popular culture, which allows for a reinterpretation of the concept of Bakhtinian Carnival from the historical, sociological and cultural

[113]Trabalho apresentado ao Simpósio 05 - Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência. do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021

[114] Mestranda, Universidade de Genebra, sofi_miles@hotmail.com

[115] Doutor pela Universidade de Coimbra, nunomiguelvasco@gmail.com

https://orcid.org/0000-0001-7183-0755.

context of Latin America and the different strategies of resistance to the economic and cultural hegemony of the United States of America.

**Keywords**: murga; carnival; agarrate catalina.

**RESUMEN**

La murga es uno de los fenómenos que mejor simboliza el carnaval uruguayo. Ya sea por los aspectos performativos que abarca, la letra de las distintas composiciones musicales, o la historia y el papel que ha jugado en la lucha contra la dictadura, ha sido, a lo largo de los años, una de las etapas más interesantes de una intensa disputa simbólica. A través del análisis de una canción de la banda Agarrate Catalina, se intentó comprender los modos de escenificar la resistencia a través de la cultura popular, lo que permite una reinterpretación del concepto de Carnaval Bakhtiniano desde el contexto histórico, sociológico y cultural de América Latina y el Caribe e desde las diferentes estrategias de resistencia a la hegemonía económica y cultural de los Estados Unidos de América.

**Palabras-clave**: murga; carnaval; agarrate catalina.

> (…) Car il y a la règle, et il y a l'exception. Il y a la culture qui est de la règle, il y a l'exception qui est de l'art. Tous disent la règle, cigarette, ordinateur, tee-shirt, télévision, tourisme, guerre. Personne ne dit l'exception, cela ne se dit pas, cela s'écrit: Flaubert, Dostoïevski, cela se compose: Gershwin, Mozart, cela se peint: Cézanne, Vermeer, cela s'enregistre: Antonioni, Vigo. Ou cela se vit, et c'est alors l'art de vivre: Srebrenica, Mostar, Sarajevo. Il est de la règle que vouloir la mort de l'exception.
>
> Jean-Luc Godard, *Je vous salue Sarajevo*

A citação em epígrafe tem o mérito de colocar em evidência um contraste fundamental para o trabalho que aqui se ensaia: regra e excepção, quer dizer, reprodução e emancipação, que é ainda uma outra forma de nomear poder e resistência, mitologia ou desconstrução.

O objectivo deste texto é o de proceder a uma análise da murga no contexto uruguaio, ou seja, abordar a questão da excepção o que será feito a

partir do trabalho realizado por Agarrate Catalina, banda uruguaia de murga, fundada em 2001, que tem vindo a participar nas celebrações do Carnaval de Montevideo. Por uma questão puramente metodológica centrar-nos-emos, neste trabalho, na análise da letra do tema *sueño americano*, de 2005. Dar-se-á assim conta das possibilidades da cultura popular como mecanismo de protesto na América Latina e das dinâmicas daquela na construção de novos imaginários de resistência.

Ainda uma última nota introdutória: o título escolhido para este ensaio – POSTAIS QUE A CIDADE NÃO MOSTRA – é precisamente um verso de uma das canções de Agarrate Catalina que pretende salientar ao que se vem: a análise da murga como dispositivo de denúncia e de sátira social como se nela, e naquilo que nela se diz, pudéssemos reconhecer um conjunto de imagens escondidas, breves retratos a la minuta (parcelares como todo o recorte das ciências sociais) produzidos pelas letras das canções, que a cidade prefere esconder.

## 2. POSTAL #1. A MURGA

Composta por diferentes regimes semióticos - teatro, música, texto – a murga é uma forma de celebração não participativa, constituída por um grupo de teatro musical de cariz popular que todos os anos, entre janeiro e março, se apresenta como uma das partes fundamentais das atuações que decorrem sobre os tablados (palcos) do Carnaval de Montevideo.

A sua origem estará relacionada com o Carnaval de Cádiz e terá chegado ao Uruguai através dos movimentos migratórios provenientes da Europa. Esta questão, e a forma como o Carnaval sofreu as influências locais, tem merecido algum debate e disputa e embora esta questão não seja desenvolvida no presente texto deve anotar-se que os fenómenos de migração cultural estão sempre sujeitos a dinâmicas de apropriação que os transformam e reconfiguram através da introdução de elementos locais. Como bem refere Chouitem: "*Herencia* e *influencia* parecen ser términos clave de los procesos de formación de las manifestaciones culturales." (CHOUITEM, 2017, p.55). Neste sentido, a autora refere ainda:

> Europa, América e incluso África le dejaron al Uruguay un legado de elementos culturales. (…) De modo que, a lo largo de la gestación, de la evolución constitutiva de la murga y de su maduración, logradas al contacto de elementos adquiridos, heredados o copiados, se desarrolló una entidad nueva destinada a un público específico que, si bien presenta rasgos en común, semejanzas con la chirigota gaditana, la murga sevillana, la de Santa Cruz de Tenerife o incluso con la de Buenos Aires, no deja de ser propia de un crisol bien diferenciado, producido por circunstancias distintas: el de Montevideo y su historia. (CHOUITEM, 2017, p.58)

Assim estabelece a autora o lugar único da murga no universo uruguaio, como produto em permanente transformação de um conjunto vasto de influências que não se resumem, de forma alguma, apenas ao seu lugar de origem. Pelo contrário, a forma inicial incorporará ao longo dos anos, de cada uma das culturas de que está rodeada, influências, tendências, modos de fazer.

Há ainda uma outra questão, que se relaciona com a disputa das diferentes classes sociais pelo controle do evento, que não pode deixar de se referir antes de passar à fase seguinte deste ensaio. Trata-se do desenvolvimento histórico da murga (e do Carnaval em geral) que corresponde à passagem das ruas para os palcos, ou seja, dos espaços públicos para espaços de tipo privado, o que é, para todos os efeitos e apesar da manutenção da crítica e sátira social, uma docilização do Carnaval. A este respeito, relembremos uma das frases da epígrafe com que este trabalho se inicia - "(…) Ou cela se vit, et c'est alors l'art de vivre (…)" que vai, de resto, no mesmo sentido do que afirma Bakhtin sobre o Carnaval: "(…) durante el carnaval es la vida misma la que juega e interpreta (sin escenario, sin tablado, sin actores, sin espectadores, es decir sin los atributos específicos de todo espectáculo teatral) (…)"( BAJTÍN, 2003, p.13) .

As diferenças com o carnaval contemporâneo em Montevidéu, com todo o aparato cénico que aí existe, são por demais evidentes. De qualquer forma, e apesar desta reconfiguração que lhe poderá ter limitado o carácter mais "selvagem", a murga cumpriu ao longo dos anos um importante papel de denúncia social, comprometendo-se com causas sociais o que se tornou particularmente evidente no período da ditadura uruguaia (1973-1985). A este propósito refere Chouitem: "Uruguayan carnival transformed into a loud, startling voice of collective consciousness." (CHOUITEM, 2010, p.185). A posição viria, claro, a valer-lhe, e aos seus intérpretes, diversos dissabores.

Chouitem chama ainda a atenção para um outro indicador, relativo a esta disputa, a partir daquela que se constitui como marca de origem e que se prende, na década de 60, com o facto de as representações lexicais sobre a murga nos dicionários serem tão sintéticas. A autora interpreta esta sintetização como prova de um desprezo das "(…) capas superiores, acomodadas e intelectuales de la población uruguaya." (CHOUITEM, 2017, p.45) por uma manifestação cultural profundamente ligada e enraizada na cultura popular.

**3. POSTAL #2. POLAROID**

*Sueño americano*, a letra que aqui será analisada, uma alegoria política sobre as relações entre política e mercado, e sobre a relação entre os Estados Unidos da América e a América Latina, servirá aqui como ilustração das possibilidades de produção de discurso social e político da murga e do seu papel de intervenção.

Neste *sueño americano*, há, claro, os personagens, Kennedy Fernández e Marilyn Rodríguez, uma referência óbvia a John F. Kennedy e a Marilyn Monroe que no caso presente, pelos apelidos que apresentam, tornam evidente o seu cruzamento com origens latinas. Nomenclatura da ordem do simbólico, claramente, como iremos ter oportunidade de observar pelo desenrolar da *narrativa*.

Toda a história se passa numa hamburgueria absolutamente incorporada na economia de mercado e em que os funcionários partilham do sonho americano:

> Teníamos un sueño americano
> Sueño capitalista del Tío Sam
> Ir subiendo exitosos los escalones
> Pisando la cabeza de los demás

Há contudo alterações que se processam após a subida ao poder de um governo de esquerda, perante a qual a empresa americana de fast food altera o seu discurso:

> Pero los tiempos cambian y hay que adaptarse

Esa es nuestra consigna empresarial
Con estos comunistas en el gobierno
Hoy nuestras estrategias van a cambiar

A alteração de estratégias tornar-se-á evidente nos próximos versos. A primeira fase é a apropriação dos regimes discursivos pela alteração de slogans populares. Veja-se, por exemplo, a substituição do popular *¡El pueblo unido jamás será vencido!* pelo comercial *"¡Un Combo podrido jamás será vendido!"* ou ainda a reconversão da frase geralmente atribuída a Che Guevara "Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás", que aqui se transforma em "(…) nuestras hamburguesas tienen que endurecerse… ¡pero sin perder la ternura jamás! ". Por outro lado o *rebranding* da empresa passa também pela alteração dos seus produtos que agora passam a incluir um "Marx Combo" e um "menú proletário". Também Ronald McDonald passa a intitular-se "compañero Ronald Guevara Vázquez" e o empregado do mês passa a ser designado como "compañero del mês". Tudo na nova estratégia da empresa é dirigido para que possa continuar a sua atividade independentemente do regime político. Como diria o príncipe de Falconeri, pelo punho de Lampedusa, *tudo deve mudar para que tudo fique como está*.

O episódio terá um desfecho inesperado, até certo ponto, de retrocesso no período revolucionário com a vitória da ideologia burguesa apesar do slogan que se repete ao longo das primeiras estrofes: "Luchemos por el fin de la hamburguesa/ burguesa, burguesa". Os empregados, embora reconheçam a sua condição, preferem mantê-la, já que se mantém reféns de uma poderosa máquina de produção mitológica que nem a resposta da empresa, que não esconde ao que vem, pode evitar:

Y al fin aunque me estén subempleando
Matando, explotando
Aunque tres pesos locos toy´ cobrando
Me están haciendo un bien
Y si produzco mucho a nuestra empresa
Su empresa, mi empresa

Si frito seis millones de hamburguesas
Gerente podré ser
y en internacionales corporaciones
te sentirás seguro libre y feliz
mientras soy yo quien toma
las decisiones
que cambian el destino de tu país
Y comerás chatarra con mis ideas
Y beberás batidos con mi confort
Te quejarás del mundo frente a mi tele
Con mi control remoto, en mi sillón
Y ni tu presidente, ni tu bandera,
Ni tu querido prócer te salvará

A letra de *sueño americano* dá bem conta da disputa ideológica de que se revestem as relações laborais e económicas atribuindo a culpa, em parte, à imobilidade e comodismo:

Lo que nos asegura nuestra victoria
Es tu maravillosa comodidad
Estoy para servirte, porque me sirve
Estoy para venderte, ya te compré

A imagem metafórica da hamburgueria, símbolo inequívoco do capitalismo reinante mas, também, dos Estados Unidos e da exportação violenta do seu modelo económico e de organização laboral, presta-se de forma particularmente feliz à demonstração da disputa simbólica em torno do sonho americano (ou da desilusão em relação a este), da ausência da consciência de classe, ou da demonstração das aspirações burguesas. Os dois últimos versos são particularmente significativos na demonstração da necessidade de uma transformação de carácter verdadeiramente popular:

Si vos no cambias algo, no cambia nada Ni aunque tu
Presidente sea Fidel

Embora se possa ler em *sueño americano*, como noutras letras dos Agarrate Catalina, uma desconfiança generalizada em relação a qualquer espécie de poder, que podemos interpretar a partir do carácter do Carnaval de Bakhtin como uma pulsão ontológica para o contrapoder, não deixa de ser evidente a questão da falsa consciência de classe, isto é, a da impossibilidade de fuga à ideologia dominante e à sua capacidade para esconder a verdadeira origem da divisão social e antagonismo entre dominantes e dominados.

Uma última nota ainda em relação a este tema dos Agarrate Catalina sobre o qual não pode deixar de se referir o seguinte. Parece existir alguma ambivalência no título o que nos leva a pensar o seguinte. É certo que, num primeiro momento, ele remete, pela força do hábito e pelo poder da propaganda, para o *american dream* – situado algures entre o *self made man* e a *land of opportunities* (mesmo quando em territórios estrangeiros e mesmo que pela força) - uma das maiores exportações dos Estados Unidos. Como faz questão de nos lembrar Galeano:

> La cacería de indios se ha desatado, en estos últimos años, con furiosa crueldad; la selva más grande del mundo, gigantesco espacio tropical abierto a la leyenda y a la aventura, se ha convertido, simultáneamente, en el escenario de un nuevo sueño americano. En tren de conquista, hombres y empresas de los Estados Unidos se han abalanzado sobre la Amazonia como si fuera un nuevo Far West. (GALEANO, 2004, p.71)

Contudo, há uma segunda possibilidade interpretativa. Ele lembra também que o continente americano é bem mais vasto que os Estados Unidos e que são também americanos os cidadãos de todos os outros países que o compõem e é também o sonho americano o sonho de todos e de todas aqueles e aquelas que habitam países como por exemplo, e dado o contexto que aqui exploramos, o Uruguai.

Quantas Américas há, afinal, e quantos sonhos cabem nelas?

## 4. POSTAL #3. EM MODO DE CONCLUSÃO

As letras escritas e cantadas pelos Agarrate Catalina abordam um conjunto vasto de questões de natureza social, política, cultural, e histórica. O vasto repertório que assinam não permite, naturalmente, que se proceda aqui a uma análise extensiva dos seus textos ou das suas performances. Deixamos contudo, ainda um último exemplo, recente, particularmente demonstrativo do que temos vindo a afirmar e que se prende com questões ambientais:

> - Así está el mundo amigos Río Negro, Fray Bentos: Aumentan las manifestaciones en contra de las plantas de celulosa, a las marchas se suman figuras públicas como Eduardo Galeano y Natalia Oreiro, quién llevaría la voz cantante de la manifestación

A letra refere-se à construção de uma fábrica de celulose pela empresa finlandesa UPM, em Fray Bentos e revela bem a amplitude dos discursos do colectivo. O tema ambiental é, de resto, frequente nas letras da banda como prova também o refrão desta Cucaracha

> El ser humano,
> el ser humano
> Ya no puede caminar
> Porque no tiene
> porque le falta
> Aire para respirar

Esta estrofe, e a que se segue, criam uma relação com uma das canções chave da Revolução Mexicana quer através do esquema poético quer através da melodia.

Sobram, naturalmente, perguntas a que não foi possível responder (nem eram, na verdade, objectivo deste ensaio) mas cuja pertinência para a compreensão da murga como fenômeno emancipatório aconselham a que aqui se faça um elenco ainda que resumido. Quais são as consequências, para as possibilidades anti-sistémicas da murga, da sua "domesticação"? Que relações se estabelecem com outras práticas artísticas? Que possibilidades inaugura na

transformação das consciências agora que tudo parece, no continente latinoamericano estar em jogo?

## REFERÊNCIAS

BAJTÍN, Mijaíl. **La cultura popular en la edad media y en el renacimiento**: El contexto de François Rabelais. 3.a. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2003.

CHOUITEM, Dorothee. **Cádiz, birthplace of the uruguayan murga**: a myth of the origins? Memorias, n. 32, p. 42–64, 2017.

CHOUITEM, Dorothee. From Cádiz to Montevideo or the transatlantic journey of Murga. In: ARAÚJO, Susana; DUARTE, João Ferreira; PINTO, Marta Pacheco (Orgs.). **Trans/American, trans/Oceanic, trans/lation**: issues in international American studies. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010, p. 179–190.

GALEANO, Eduardo. **Las Venas abiertas de América Latina**. Mexico: Siglo XXI, 2004.

# ÌKÚ[116]: A MORTE COMO UM PARALELO ENTRE A ESPIRITUALIDADE ANCESTRAL E A NECROPOLÍTICA[117]

# ÌKÚ : DEATH AS A PARALLEL BETWEEN ANCESTRAL SPIRITUALITY AND NECROPOLITICS

# ÌKÚ : LA MORT COMME PARALLÈLE ENTRE SPIRITUALITÉ ANCESTRALE ET NÉCROPOLITIQUE

Yasmin Estrela[118]

## RESUMO

O texto tem por objetivo apresentar uma reflexão a partir de leituras acerca dos ritos mortuários do Candomblé e a morte a partir da necropolítica. A memória da escravidão, segundo Gilroy (2012) é preservada como recurso intelectual vivo em sua cultura política expressiva e os orientou a engendrar um conjunto de respostas para encontrar formas possíveis de existência social e política. O Axexé, Sirrun ou Mukundu garantem a manutenção ancestral da comunidade e permitem que a energia fundamental, o Axé, possa retornar ao Òrun. Os ritos fúnebres nas comunidades de santo compreendem a dimensão expandida e espiritual que constitui o corpo buscando preservar a memória existencial construída a partir de um conjunto de realizações e vivências coletivas, de cosmovivências que constituem um indivíduo e permitem que seja possível expressar suas dimensões existenciais. O texto propõe pensar a morte não apenas como rito de passagem, mas sobretudo enquanto processo político. A separação radical entre corpo e espírito proposta pelo universalismo cristão traz grandes consequências políticas ao longo da história devido a violência civilizatória da apropriação material precedida pela violência cultural (SODRÉ,

[116] A morte é denominada Ìkú. É um agente criado por Òlodumaré para conduzir os seres humanos cujo tempo na terra já tenha se encerrado. Sua celebração ocorre no ritual do Axexé onde ela vem ao Ayé para conduzir o espírito ao Òrun.

[117] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[118] Graduada em Geografia pela Universidade da Amazônia – UNAMA, Mestra em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará - UEPA e atualmente doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAn) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: yestrela654@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1038-3247

2018) discutido a partir de Achille Mbembe (2016) dentro de uma perspectiva racial da necropolítica.

**Palavras-chave**: Morte; Necropolítica; Ritos Fúnebres; Violência.

## ABSTRACT

The text aims to present a reflection based on readings about mortuary rites and their relationship to necropolitics. The memory of slavery, according to Gilroy (2012), is preserved as a living intellectual resource in their expressive political culture and guided them to engender a set of responses to find possible forms of social and political existence. Axexé, Sirrun or Mukundu guarantee the ancestral maintenance of the community and allow the fundamental energy, the Axé, to return to Òrun. Funeral rites in the communities of saints comprise the expanded and spiritual dimension that constitutes the body, seeking to preserve the existential memory built from a set of collective achievements and experiences, of cosmo-experiences that constitute an individual and allow it to be possible to express its existential dimensions. The text proposes to think of death not only as a rite of passage, but above all as a political process. The radical separation between body and spirit proposed by Christian universalism has great political consequences throughout history due to the civilizing violence of material appropriation preceded by cultural violence (SODRÉ, 2018) discussed from Achille Mbembe (2016) within a racial perspective of necropolitics.

**Keywords**: Death; Funeral Rites; Necropolitics; Violence.

## RESUMÉ

Le texte vise à présenter une réflexion à partir de lectures sur les rites mortuaires et leur rapport à la nécropolitique. La mémoire de l'esclavage, selon Gilroy (2012), est préservée en tant que ressource intellectuelle vivante dans leur culture politique expressive et les a guidés pour engendrer un ensemble de réponses pour trouver des formes possibles d'existence sociale et politique. Axexé, Sirrun ou Mukundu garantissent le maintien ancestral de la communauté et permettent à l'énergie fondamentale, l'Axé, de revenir à Òrun. Les rites funéraires dans les communautés de saints comprennent la dimension élargie et spirituelle que constitue le corps, cherchant à préserver la mémoire existentielle construite à partir d'un ensemble de réalisations et d'expériences collectives, de cosmo-expériences qui constituent un individu et permettent d'exprimer ses dimensions existentielles. Le texte propose de penser la mort non seulement comme un rite de passage, mais surtout comme un processus politique. La séparation radicale entre le corps et l'esprit proposée par l'universalisme chrétien a de grandes conséquences politiques à travers l'histoire en raison de la violence civilisatrice de l'appropriation matérielle précédée de la violence culturelle (SODRÉ, 2018) discutée à partir d'Achille Mbembe (2016) dans une perspective raciale de nécropolitique.

**Mots clefs**: Mort; Nécropolitique; Rites Funéraires; Violence.



## INTRODUÇÃO

Neste pequeno ensaio busco trazer algumas inquietações que têm me acompanhado há um certo tempo onde tentei traçar um paralelo entre a ancestralidade e a prática da necropolítica contra a população negra no Brasil. Meu interesse a princípio em estudar os ritos fúnebres no candomblé era tentar compreender sua relação com a existência das comunidades-terreiro e sua continuidade após o encerramento da vida no plano terreno, ou Ayé. No entanto, à medida que tenho organizado estudos acerca destes ritos, compreendo que não é apenas uma noção litúrgica de encerramento da existência, mas uma prática que fundamenta todo o processo de organização social das religiões afro-brasileiras.

Os ritos fúnebres possuem nomenclaturas diferentes em cada nação de Candomblé, sendo Axexé na nação Ketu, Sirrun na nação Angola e Mukundu na nação Jeje. O rito permite que a alma do indivíduo seja conduzida ao mundo espiritual, denominado Òrun. É a partir deste processo que a alma, chamada de Egun, libera a sua energia e poderá possivelmente retornar a este plano como um ancestral tornando-se o Egungun. A morte e a finitude humana não são uma realidade totalmente presente dentro dos terreiros. Menciono totalmente pois somos atravessados por valores ocidentais. No entanto, é o princípio da circularidade rege o povo de santo tentando manter a energia fundamental em equilíbrio desde que adentraram estas terras.

Pelo menos 15 milhões de pessoas sequestradas e escravizadas foram trazidas ao Brasil e carregavam consigo suas relações com a vida e morte, pessoas, natureza, com o sagrado, com o tempo (CAPUTO, 2011). Algumas tradições são trazidas, perdidas e outras ressignificadas. Segundo Silva (2005) as principais etnias trazidas ao Brasil destacam-se em dois grupos: sudaneses e bantos. Os sudaneses englobam os grupos originários da África Ocidental e viviam territórios hoje denominados Nigéria, Benim (antigo Daomé) e Togo. São divididos entre iorubás (ketu, ijexá, égbá), os jejes (ewe ou fon) e os fanti-

ashanti. Junto aos sudaneses vieram também etnias islamizadas sendo a mais popular os haussás, também conhecidos como *Malês*.

Já os bantos englobam as populações oriundas das regiões localizadas no atual Congo, Angola e Moçambique, conhecidas como angolas, caçanjes e bengalas (SILVA, 2005). Os bantos foram os que mais exerceram influências na cultura brasileira e calcula-se ser o maior grupo de escravizados vindo ao Brasil. Boa parte dos bantos também se concentrou na região norte do Brasil tendo grande influência na religiosidade paraense, a pajelança.

Essa fragmentação dos grupos, a destruição de registros de origem tinha o objetivo de manter o negro na condição de objeto sem qualquer condição de reorganização social. Os candomblés foram elementos fundamentais para reorganizar estes grupos se utilizando de uma estrutura de parentesco simbólico como forma de sociabilidade. A memória da escravidão, segundo Gilroy (2012) é preservada como recurso intelectual vivo em sua cultura política expressiva e os orientou a engendrar um conjunto de respostas para encontrar formas possíveis de existência social e política. A espiritualidade era a principal ferramenta para manter a unidade entre ética e política e como base do conhecimento com base nas divindades ancestrais. Os terreiros surgem, portanto, como núcleos de organização e também solidariedade na tentativa em manter viva tradições apartadas e agora ressignificadas. Esses núcleos surgem a partir do processo violento da colonização e mantém-se a partir de uma estrutura em que a morte se torna o elemento fundamental para extinguir o que restou destes grupos, a isto Mbembe (2016) denomina necropolítica.

Portanto, o paralelo traçado entre os ritos fúnebres e a necropolítica se deve ao fato de uma ancestralidade fragmentada tentando manter a chama do Axé acesa. Se para estes povos a ancianidade era considerada não somente uma dádiva, como também uma forma de transmitir valores éticos, políticos e rituais, como ela pode ser mantida com a violência policial que assassina jovens negros nas periferias? Como a sabedoria ancestral sobrevive se parte da universidade escamoteia os saberes das minorias e não os considera suficientemente acadêmicos[119]? Neste sentido trago uma discussão buscando

[119] RACISMO no mundo acadêmico: um tema para se discutir na universidade. Jornal da Unicamp, Campinas, 19 nov. 2019. Disponível em:

envolver dois aspectos intimamente relacionados, uma vez que o processo colonial foi o elemento propulsor para que parte destas tradições e saberes fossem - e continuem sendo - fragmentadas.

## AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS ENQUANTO COMUNIDADES DE EXISTÊNCIA RECURSIVA

No Brasil algumas comunidades de diferentes variações religiosas de matriz africana seguem algumas tradições herdadas da África, na qual a realização de ritos funerários apresenta-se como uma destas práticas tradicionais, sendo denominado Axexé na nação[120] ketu, Mukundu na nação angola e Sirrun na nação jeje. De acordo com Ferretti (1995), nas sociedades africanas, sobretudo os iorubás, há uma tradição em realizar festas e danças por ocasião da morte de pessoas importantes, sendo nestes ritos incluso o toque de tambores. Estes ritos mortuários representam um encerramento da vida no plano terreno, o Ayê e um retorno à ancestralidade e de continuidade existencial no espaço sobrenatural, o Òrun.

Barbara (2002) apresenta uma análise quanto a divisão entre vida e morte, o mundo da Terra e o mundo dos espíritos, e a negação das civilizações não ocidentais a esta perspectiva binária por temerem aquilo que não pode ser trocado. Para a autora, os não ocidentais consideram suspeito o acúmulo de valor em apenas um lado. O lado do poder é o que há uma reciprocidade de trocar em “dar sem receber” e sem “restituir”, sendo sua principal essência. Por esta razão, as civilizações não ocidentais trocam de tudo, havendo constantemente um contínuo diálogo que não permite nem que a morte seja considerada o fim e o nascimento o começo. Segundo Santos (2012), há uma história mantida pela tradição oral contando a consequência da separação do Órun e Ayê:

---

https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/11/19/racismo-no-mundo-academico-um-tema-para-se-discutir-na-universidade. Acesso em: 05 set. 2021

[120] Conforme Lima (1974), o conceito de nação neste sentido assume um conceito teológico e passa a ser o padrão ideológico e ritual presente nos terreiros de candomblé buscando uma relação com o continente africano. Neste caso, o candomblé de nação *ketu* faz referência à nação yorubá Ketu e enfatiza o legado das religiões sudanesas (Silva, 2005).

> No tempo em que o òrun limitava-se diretamente com o àiyé, um ser humano tocou indevidamente o òrun com mãos sujas, o que provocou a irritação de Olórun, entidade suprema. Este soprou, interpondo seu òfurufú, ar divino (hálito) que, transformando-se em atmosfera, constituiu o sánmò ou céu (p. 57).

Após esta violação, o Órun se separa do Ayê a existência se desdobra e os seres humanos não têm mais acesso ao Órun. Segundo Barbara (2002), as divindades sofrem de saudade por não poderem mais encontrar os seres humanos. Este sentimento, portanto, origina os candomblés em que as festas periódicas permitem a comunicação e a troca de energias entre os dois universos. Desta forma, há uma constante circularidade enérgica em que há habitualmente a reciprocidade da troca. Além destes fatores, a realização dos ritos mortuários permite ao indivíduo que completou o seu destino possa se tornar um ancestral e participar da formação de novos seres, cumprindo, portanto, a imortalidade, o eterno renascimento de um plano da existência a outro (SANTOS, 2012).

Sabemos, no entanto, que alguns destes ritos foram perdidos devido ao violento processo colonial em que não apenas reduziu seres humanos à condição de objetos, como também dividiu e desordenou diferentes etnias e membros familiares. Esse desmembramento étnico culminou na perda de ritos baseados em estruturas familiares onde foi preciso estes grupos se reordenam em novas formas de sociabilidade as quais podemos tratar como parentesco, tal como aponta Strathern (2015). Neste sentido, estou de acordo com a ideia de Flaksman (2018), na qual o entendimento de parentesco afasta-se do dualismo entre natureza e cultura – parentesco biológico/social – buscando investigar sua dimensão processual, como é produzido tanto pelo fato biológico, como convívio, compartilhamento de substâncias entre outros fatores. Portanto, o parentesco pode ser algo construído tal como a noção de pessoa e o sangue enquanto particularidade etnográfica ganha novas dimensões podendo ser visto como representação da natureza e como construção cultural em outros contextos etnográficos (FLAKSMAN, 2018).

Dentro desta sociabilidade, as religiões de matriz africana se estruturam como “família de santo” onde é estabelecida uma organização social dentro dos terreiros em que, a princípio, os negros se reuniam e estabeleciam laços

religiosos. Quando me propus a realizar a pesquisa em ritos mortuários percebi a necessidade em compreender os laços familiares construídos nas religiões afro-brasileiras, pois a passagem do indivíduo ao status de ancestral propõe justamente a existência contínua e não o apagamento. A morte para as diversas culturas africanas não é concebida como na perspectiva ocidental, não significa o fim, mas sim a eternidade. No entanto, como falar de eternidade quando ela é interrompida pela barbárie da colonização?

O Axexé, Sirrun ou Mukundu garantem a manutenção ancestral da comunidade e permitem que a energia fundamental, o Axé, possa retornar ao Òrun. Os ritos fúnebres nas comunidades de santo compreendem a dimensão expandida e espiritual que constitui o corpo buscando preservar a memória existencial construída a partir de um conjunto de realizações e vivências coletivas, de cosmovivências que constituem um indivíduo e permitem que seja possível expressar suas dimensões existenciais. Compreendemos o sentido de coletividade a partir do pensamento de Somé (2003) no qual entende a comunidade como “a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros” (p. 35).

É preciso ampliar o leque de interpretação para além da imanência ritualística, pois, como ressalta Sodré (2018), há um princípio filosófico que não está apenas ligado a crença religiosa, mas também ao pensamento cosmológico e de ética em que afirma o divino como uma faceta da vida, ou seja, uma metade é claramente humana e outra metade pertence à ordem do divino. Isto implica em dizer que os ritos fúnebres, como o Axexé, são compreendidos como a “origem” das linhagens, a origem de alguém (SODRÉ, 2018). A existência das comunidades-terreiros é originada a partir deste pensamento preservando a sua forma social firmada como "pólos de irradiação de um complexo sistema simbólico, continuador de uma tradição de culto a divindades ou princípios cosmológicos (*orixás)* e ancestrais ilustres (*egun)*” (Ibid., p. 90).

Minha intenção, portanto, é apresentar não uma cosmovisão, mas uma cosmopercepção[121] que busca restabelecer uma existência e um pertencimento

[121] Termo cunhado por Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021) para descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais privilegiando outros sentidos além da visão.

profundamente afetados pela violência civilizatória e pela escravização destes povos. Sodré (2018) descarta a possibilidade de apenas viver, apenas ser indivíduo, sendo contingências insuficientes diante do que ele afirma ser a necessidade existencial do pertencimento ao grupo originário, de onde emanam os imperativos cosmológicos e éticos.

Falar da reorganização das religiões de matriz africana no Brasil é também trazer à tona a violência da colonização que contribuiu para o genocídio e epistemicídio da população negra. Se hoje a prática ritual do encerramento da vida não é realizada em muitos terreiros, se deve ao fato de um processo violento de apagamento de saberes onde o pensamento africano não repousa nas tradições intelectuais ocidentais que "têm como uma de suas características persistentes a projeção dos africanos como o Outro e nossa consequente dominação" (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 56).

Aqui neste ponto trabalho com a ideia de Donna Haraway (1995) de objetividade parcial e posicionada propondo a objetividade feminista enquanto saber localizado na produção de conhecimento. Emprestou à autora a ideia e ampliou para uma rede em que se possa falar de diferentes trânsitos e espaços, pois qualquer um que fala, fala de algum lugar. Embora este seja um breve ensaio e não uma etnografia de uma comunidade-terreiro, o saber localizado aqui apresentado é de uma mulher e pesquisadora negra que se propôs a estudar os ritos fúnebres do candomblé como processo de não apagamento da cultura africana no Brasil. Trago a partir daqui algumas inquietações que me surgiram ao longo do meu processo de formação que envolvem muito mais do que estudos acerca de dinâmicas rituais, mas sim de filosofias e cosmopercepções as quais tentam se estabelecer e não sucumbir ao que Sueli Carneiro (2005) tanto nos fala, o epistemicídio.

## *"A MORTE LEVA, MAS A MORTE NÃO DECIDE A HORA DE MORRER*[122]*"*: O TRANSCURSO ENTRE VIDA E MORTE DIANTE DA NECROPOLÍTICA

[122] Prandi (2001, n/p).

Santos (2012) nos mostra os Orixás como divindades ligadas diretamente à Olorun (Deus supremo da criação no candomblé) associados à origem da criação. Os Eguns estão ligados à existência e história dos seres humanos. Santos destaca ainda que "os orixás estão especialmente associados à estrutura da natureza, do cosmo; os ancestrais, à estrutura da sociedade" (p. 108). A principal diferença entre os cultos destaca-se no transe, no culto aos Eguns não há incorporação. Ao invés de se manifestar em uma pessoa como o Orixá, o Egun de acordo com a tradição, se apresenta em uma roupa ritual denominada Opá. Por ter iniciado minhas pesquisas nesta temática recentemente em meio a uma pandemia, não pude ainda presenciar um culto aos ancestrais, portanto, recorro a descrição de Caputo (2011):

> É coberto por esta roupa colorida, composta de várias tiras, adornada com muitos bordados e espelhos, que o Egum aparece no terreiro. O morto precisa apenas da roupa sagrada para voltar. Por isso costuma-se dizer entre os adeptos "onde está a roupa, aí está o Egum". (p. 668).

Não entrarei em detalhes sobre o culto aos Eguns pois, apesar de ser um campo conhecido por mim, é um campo não explorado. Tampouco é minha intenção neste texto descrever este culto, apenas evidenciar a perspectiva de existência entre vida e morte para as comunidades-terreiro. Neste sentido acredito ter deixado evidente a importância dos ritos fúnebres para a continuidade existencial de um indivíduo tornando-se um ancestral que poderá retornar à sua comunidade por meio de processos rituais em que o Egun torna-se Egungun[123]. O culto aos ancestrais tem o poder de preservar o laço coletivo das comunidades, é a própria continuidade do grupo.

Proponho a pensar a morte não apenas como rito de passagem, mas sobretudo enquanto processo político. A separação radical entre corpo e espírito proposta pelo universalismo cristão traz grandes consequências políticas ao longo da história devido a violência civilizatória da apropriação material precedida pela violência cultural (SODRÉ, 2018).

[123] Segundo Caputo (2011) o culto aos Eguns é ligado aos ancestrais masculinos importantes para a família. Depois de disciplinado recebe a roupa ritual e torna-se um Babá Egun ou Egungun.

> Uma operação de "semiocídio" em que se extermina o sentido do Outro – da catequese monoteísta, para qual o corpo exótico era destituído do espírito, ao modo de um receptáculo vazio que poderia ser preenchido pelas inscrições representativas do verbo cristão. O semiocídio ontológico perpetrado pelos evangelizadores foi o pressuposto do genocídio físico (Ibid., 102).

A morte transita do status de mudança para o de extinção, representando simplesmente o fim da vida humana. Não adentrarei à análise de Hegel acerca da morte e "tornar-se sujeito"[124] como estrutura de entendimento neste texto, mas sim ao biopoder discutido a partir de Achille Mbembe (2016) dentro de uma perspectiva racial. Afinal, qual a relação com o culto aos ancestrais realizado nas religiões de matriz africana no Brasil? É preciso, e de maneira urgente, ultrapassar o entendimento dos candomblés única e exclusivamente enquanto religião e sim como organização política e de continuidade existencial de seres humanos que tiveram a sua história destruída. A submissão dos negros, nas palavras de Nascimento (2016), se inicia a partir do batismo cristão empregado como justificativa para a escravização dos povos africanos.

Se os Eguns estão ligados à história e existência dos seres humanos, como dar continuidade a uma existência violentada? Como se constrói uma identidade sem compreender a sua ancestralidade? Sempre que penso na interdição destas tradições, acredito que uma parte de nós está no profundo esquecimento da existência. Como já dizia o rapper BK' "te deitam e te cobrem com cimento, não deixam tu conhecer a si mesmo. Quanto igual a nós matamos só esse mês? "

Mbembe (2016) contextualiza a leitura de Foucault em como o biopoder atua enquanto base operando em uma divisão entre vivos e mortos. Tal poder é definido a partir do campo biológico do qual toma o controle e associa-se pressupondo a divisão da espécie humana em grupos e subdivide em grupos fazendo recortes biológicos entre uns e outros. Assim, Mbembe (2016) nos mostra que o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a atender os exercícios do biopoder e, portanto, "na economia do biopoder, a função do

[124] Cf Mbembe, 2016, p. 124-127.

racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado" (p. 128).

A condição de um ser humano escravizado para Mbembe é como uma sombra personificada. O contexto da colonização estabelece um preço para o trabalho exercido pelo escravizado e um valor, pois este também é uma propriedade. Esta condição resulta em uma tripla perda de um "lar", a perda de *status* político e, principalmente, a perda de direitos sobre o seu corpo (MBEMBE, 2016).

> Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, **alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral)**. Para nos certificarmos, como estrutura político-jurídica, a fazenda é o espaço em que o escravo pertence a um mestre. Não é uma comunidade porque, por definição, implicaria o exercício do poder de expressão e pensamento (Ibid., p. 131, grifo meu).

Neste sentido o corpo assume uma dimensão política e de poder. Considero as ações corporais como formas de expressões da oralidade permitindo que significados e sentidos possam fluir. Não à toa, no candomblé o corpo estabelece um vínculo entre as divindades e os seres humanos a partir do transe espiritual. Não há elo mais íntimo estabelecido entre duas espacialidades que não seja mediado pelo corpo. Me recordo quando realizei minhas pesquisas acerca da musicalidade do candomblé, há uma cantiga de encerramento das cerimônias públicas, também conhecidas como *Xirê*, em que é dita uma palavra em iorubá "*fairamará*" – "Todos unidos em um só corpo".

O corpo é entendido como um centro de interpretação e, para Sodré (2018) isto possibilita dar margem à noção de corporeidade. Assim, o corpo não é uma entidade pessoal e interiorizada, mas uma conexão das identidades num plano imanente ao grupo. O autor ainda ressalta que o saber não apenas se adquire, incorpora-se, sendo por este motivo a cabeça, o Orí, ser a parte do corpo divinizada e reconhecida como divindade pessoal ligado ao destino e à ancestralidade.

Já dizia Aimé Césaire (2020) "a colonização desumaniza até o homem mais civilizado" (p. 23), o desprezo pelo Outro acostuma o colonizador a vê-lo como animal, ou na pior das hipóteses, como um objeto descartável. Assim os

indivíduos escravizados eram mantidos vivos, diante da imposição da dor e tortura ao corpo. A coletividade, o complexo cultural pertencente aos africanos é reduzido a uma "coisa" e para Mbembe (2016) a vida agora de um escravizado, em muitos aspectos, é uma forma de "morte em vida". Mesmo em condições desumanas e subalternas, o sujeito escravizado é capaz de desenvolver diferentes perspectivas e noções da realidade circunscritas no próprio corpo. Daí o motivo pelo qual Sodré (2018) concebe o corpo enquanto microcosmo do espaço ampliado (o cosmo, a região, a casa) composto por elementos da natureza que "faz da conquista simbólica do espaço uma espécie de tomada de posse da pessoa" (p. 130).

Faço então um recorte do biopoder e seu elemento constitutivo amplamente discutido por Sueli Carneiro (2005): epistemicídio. O estatuto do Outro na tradição filosófica ocidental é integrar e excluir a diversidade subjugando as minorias, onde há um processo persistente do que Carneiro irá nomear como "indigência cultural":

> Pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Ibid., p. 97)

A negação da racionalidade do Outro o empurra à margem, um lugar que até poderia ser somente de repressão, mas é também um lugar de resistência, de organização e mobilidade. Considero que as comunidades nas periferias, sobretudo os terreiros, são ordenadas desta forma, como núcleos de lazer, encontros e solidariedade permitindo reconstituir experiências sociais e afirmando a identidade cultural da população negra. Quando produzimos conhecimento, e obviamente eu também me incluo neste processo, além de luta há também dor, pois, como ressalta bell hooks (2019), não é uma tarefa fácil encontrar maneiras de incluir nossas vozes nos textos que criamos e mais difícil ainda é passar pelo filtro acadêmico, racista por si só, onde apenas considera o discurso de intelectuais negros como lírico-teórico.

Bell hooks me faz lembrar o tempo inteiro que a nossa presença é uma interferência e que a linguagem também é um lugar de luta. Embora saibamos a importância de não romantizar estes espaços marginalizados, é imprescindível

ressaltar que a marginalidade também é um espaço de possibilidade radical central para a produção de um discurso contra hegemônico e "oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos" (HOOKS, 2019, p. 289). Enxergar a margem apenas com desesperança desperta um niilismo destruindo a base do próprio ser.

A ideia de sobrevivência negra é formulada pelo ideal de coletivo e a resistência é formulada e sustentada pela memória e por esta razão trouxe nestas linhas a figura do Égun pois representa o coletivo e sua representação material está ligada à terra, "os ancestrais são a garantia da continuidade, da evolução, da prosperidade. A própria vida no àiyé depende deles" (SANTOS, 2012, p. 115).

A transmissão do conhecimento nas religiões de matriz africana é sempre feita pelo mais antigo. Valores, conhecimentos práticos, éticos, rituais são passados dos mais velhos uma vez que a palavra que transmite os ensinamentos também é uma forma de troca de Axé, nela contém uma fonte de energia fundamental, portanto "investida pelo *axé*, a palavra é ao mesmo tempo emoção e conceito, induzindo à ação ritualística capaz de interpelar a origem em função da eterna renovação da vida" (SODRÉ, 2018, p. 138). A expansão do Axé assegura a continuidade física dos descendentes africanos e do seu pensamento e já que estou falando de continuidade, como manter uma sequência diante do genocídio e epistemicídio?

O grande incômodo que me fez escrever este texto é pensar que atualmente realizo pesquisa em ritos ligados à ancestrais sabendo que a grande parte destes ancestrais hoje lutam para não terem sua tradição esquecida e em muitos casos nem chegam a receber a liturgia necessária para que possa seguir sua trajetória espiritual. Como pensar em ancestrais negros sabendo que 4 em cada 5 pessoas mortas em operações policiais são jovens negros[125] nas periferias e nem sequer chegam a envelhecer, não conseguem alcançar a plenitude da ancianidade considerada sagrada para os iorubás? Já dizia

[125]Segundo pesquisa, 78% dos mortos pela polícia são negros. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/04/segundo-pesquisa-78-dos-mortos-pela-policia-sao-negros/ Acesso em 06 set. 2021.

Conceição Evaristo (2017): “os ossos de nossos antepassados colhem as nossas perenes lágrimas pelos mortos de hoje (p. 17).

O epistemicídio também cumpre a sua função quando encerra a vida de uma minoria castrando qualquer tentativa de expressão de conhecimento e disseminação de ideias. Afinal, por qual motivo Marielle Franco seria assassinada pelo vizinho do atual Presidente da República[126]?

A necropolítica praticada contra a população negra e a criação de “mundos da morte”, onde armas de fogo são implantadas com interesse em destruir estas populações (MBEMBE, 2016) são aliadas a um projeto iniciado com o intuito de desnacionalizar o negro, destruir memórias, esquecendo da figura da “mãe preta” exaltada por Gonzalez (2020) ao afirmar que a cultura brasileira é sua criança cuja língua é o “pretuguês”. A rasteira já estava dada, como dizia Lélia. Nestas memórias ainda estão presentes os conhecimentos espalhados pelo culto de Egun permitindo guardar o pouco da ancestralidade e da energia fundamental que movimenta o universo, o Axé. A solidariedade presente nas comunidades-terreiro tenta manter viva a memória daqueles que estão entre nós e dos que já se foram e de alguma forma, mesmo que algumas tradições estejam fragmentadas, o principal objetivo é lutar contra o esquecimento.

## RESSIGNIFICANDO A MORTE COMO PROCESSO DE REEXISTIR

Desde o início mencionei que meu intuito não era fazer uma análise sobre os ritos fúnebres no candomblé, embora este seja atualmente o tema em que estou desenvolvendo a minha pesquisa de doutorado. Muito mais do que um rito de passagem, a morte dentro das religiões afro-brasileiras nos revela muitas coisas ligadas ao processo histórico em que a sociedade brasileira está estruturada. A morte nestas tradições é pensada enquanto continuidade, saberes, energia, circularidade, retorno e “re-existência”. E como discutir esse processo sem mencionar o processo violento com que a população africana foi submetida ao ser sequestrada e trazida à estas terras?

[126]Vizinho de Bolsonaro, PM que matou Marielle é chefe da milícia na área onde Queiroz se escondeu. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/brasil/vizinho-de-bolsonaro-pm-que-matou-marielle-e-chefe-da-milicia-em-area-onde-queiroz-se-escondeu/> Acesso em 07 set. 2021.

A construção de saberes ancestrais é interrompida por uma política que se desenvolve e aprimora o seu objetivo de apagamento. Achille Mbembe nos apresenta a necropolítica como princípio do entendimento de um mecanismo interligado à estrutura social. Este mecanismo está presente em todos os organismos marginalizados e os terreiros não estão fora dessa política de extermínio, não à toa somente após 75 a Polícia Civil libera itens pertencentes à Umbanda e Candomblé transferidos para o Museu da República no Catete, Rio de Janeiro[127]. As tentativas de embranquecer o negro também configuram a intenção em desestabilizá-lo por meio da pressão psicológica construindo um complexo de ódio a si mesmo buscando assimilar os valores culturais do colonizador branco, chegando até mesmo a se questionar se este não tem um pouco de razão (MUNANGA, 2020).

De maneira sucinta, apresentei algumas inquietações emergentes neste processo da escrita e do estudo das religiões afro-brasileiras buscando realizar um paralelo com a violência sofrida pela população negra no Brasil desde o início da colonização até os novos (antigos) mecanismos de invisibilização. Incômodos estes que me pertencem e acompanham onde busquei politizar o meu lugar de fala, tal como Luena Pereira (2020) elucida ao questionar a alteridade dentro da Antropologia onde nós sempre somos o “Outro” e o “nós” é profundamente marcado pelo lugar racial da branquitude. Trazer à tona questões que estão relacionadas com as nossas experiências e vivências, o que Conceição Evaristo assinala como “*escrevivência*”, precisa estar no espaço da academia e tensionar com as diretrizes que reproduzem espacialidades e temporalidades coloniais. Portanto, “forjar e manter uma “neutralidade racial” no interior da academia ajuda a perpetuar o perfil de uma antropologia colonizada e colonizadora” (PEREIRA, 2020, p. 11), e é exatamente isto que tento não reproduzir neste texto.

## REFERÊNCIAS

BARBARA, Rosamaria. **A dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé.** 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade

[127]Após 75 anos, polícia libera bens que contam origem do candomblé no Rio. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/20/apos-100-anos-policia-devolvera-bens-que-contam-origem-do-candomble-no-rio.htm> Acesso em 07 set 2021.

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.8.2002.tde-09082004-085333. Acesso em: 2021-09-07.

CAPUTO, Stela Guedes. **Conhecimento e memória no culto de Egum: A confecção da casa-corpo da morte**. Mneme-Revista de Humanidades, v. 12, n. 29, 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad.: Claudio Willer. Ilustração: Marcelo D'Salete. Cronologia: Rogério de Campos. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017

FERRETTI, S (1995) **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: EDUSP/FAPEMA. ——. (1996) Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 2ª Ed.

FLAKSMAN, Clara. **"De sangue" e" de santo": o parentesco no candomblé**. **Mana**, v. 24, p. 124-150, 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Trad.: Cid Knipel Moreira - São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª ed).

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**, 1ª ed. São Paulo: Zahar, 2020.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, p. 07- 41, 1995.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Trad.: Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Vivaldo da Costa. **O conceito de "nação" nos candomblés da Bahia**. Afro-Ásia. Salvador, n. 12, p. 65-90, 1976.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, Estado de Exceção, Política da morte.** Arte e Ensaios, n. 32, 2016, p. 122-151.

MUNANGA, Kebengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 4. ed. 2 reimpress. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad.: wanderson flor do nascimento. 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. 14. ed. – Petrópolis, Vozes, 2012.

SILVA. Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda**. Caminhos da devoção brasileira. 5ª edição. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. 2 reimpress. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

STRATHERN, Marilyn. **Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa**. Tradução Stella Zagatto Paternlani. - 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

# WALKING DEAD REAL VERSÃO DO OPRESSOR: A ZUMBIFICAÇÃO EM O NECROTÉRIO DOS VIVOS[128]

# REAL WALKING DEAD OPPRESSOR VERSION: THE ZOMBIFICATION IN THE LIVING NECTORARY

# WALKING DEAD REAL VERSIÓN DE OPRESOR: LA ZOMBIFICACIÓN EN EL NECTORARIO VIVO

Rogério Leão Ferreira[129]

## RESUMO

Esse artigo objetiva refletir sobre práticas de violência (s) e resistência expressa na segunda faixa do rap “O necrotério dos vivos” do segundo álbum solo produzido no ano de 2020 de Carlos Eduardo Taddeo ex-integrante do grupo Facção Central. A escrita se norteia mediante uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa descritiva e procura fazer uma interlocução com autores como Abdias do Nascimento (1978); Achille Mbembe (2014; 2018). O rapper Eduardo expressa nas letras de rap a contundência visceral e realista contra a subalternização e desumanização do povo periférico por parte da polícia e do Estado resultando assim em uma necropolítica operante e genocida em desfavor as classes pobres e negras despertando consciência política, a educação e a resistência como instrumentos de combate frente ao genocídio praticado e autorizado pelo chumbo estatal.

**Palavras-chave**: Eduardo Taddeo; Necropolítica; Rap; Resistência; Violências.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on practices of violence(s) and resistance expressed in the second track of the rap “O necrotério dos vivos” from the second solo album produced in 2020 by Carlos Eduardo Taddeo, former member of the group Facção Central. The writing is guided by a bibliographic research with a descriptive qualitative approach and seeks to make a dialogue with authors such as Abdias do Nascimento (1978); Achille Mbembe (2014; 2018). The rapper Eduardo expresses in rap lyrics the visceral and realistic force against the subalternization and dehumanization of the peripheral people by the police and

[128] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 05 - Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica ético-estética e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[129] Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana e Mestre pelo Curso de Pós-Graduação stricto sensu interdisciplinar em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana/PPGCult. E-mail: rogerioleao86@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9713-8633

the State, thus resulting in an operating and genocidal necropolitics in disfavor to the poor and black classes, awakening political conscience, education and resistance as instruments of combat against the genocide practiced and authorized by the state lead.

**Keywords**: Eduardo Taddeo; Necropolitics; Rap Music; Resistance; Violence.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las prácticas de violencia (s) y resistencia expresadas en el segundo tema del rap “O necroterio dos vivos” del segundo disco solista producido en 2020 por Carlos Eduardo Taddeo, ex-integrante del grupo Facción Central. La redacción se guía por una investigación bibliográfica con un enfoque descriptivo cualitativo y busca dialogar con autores como Abdias do Nascimento (1978); Achille Mbembe (2014; 2018). El rapero Eduardo expresa en letras de rap la fuerza visceral y realista contra la subalternización y deshumanización de los pueblos periféricos por parte de la policía y el Estado, resultando así una necropolítica operativa y genocida en contra de las clases pobres y negras, despertando conciencia política, la educación y la resistencia como instrumentos de combate al genocidio practicado y autorizado por la conducción estatal.

**Palabras llave**: Eduardo Taddeo; Música Rap; Necropolíticos; Resistencia; Violencia.

Este artigo procura delinear um diálogo entre o rapper Eduardo um dos expoentes do Rap Nacional e do Hip Hop consoante a compreensão de autores como Abdias do Nascimento (1978); Achille Mbembe (2014; 2018); Mikhail Bakhtin (2002) José Guilherme Cantor Magnani (1998) e outros.

Desse modo o movimento Hip Hop pode ser percebido e interpretado enquanto movimento de resistência e de caráter sociocultural e como cultura periférica que se organiza a partir de expressões culturais que podem ser consideradas contra- hegemônicas em meio à cultura dominante já que inicia- se nas periferias, sendo que somente é reconhecido posteriormente pela adesão que encontra entre os moradores desses espaços em diversos locais do globo sendo difundida por meios de comunicação de massa e produtos culturais diversos.

Ao contactar com a linguagem do Rap pretendo analisar o discurso desse gênero musical e perceber como o rapper usa do discurso e da representação nas letras de rap um circuito de verossimilhança com seus receptores. Desse modo, José Guilherme Cantor Magnani (1998) afirma que

> Para que um circuito discursivo qualquer se complete, é preciso que haja algum tipo de adequação entre suas significações e o sistema de representações dos receptores. Em outros termos é necessário que o discurso produza alguma ressonância junto àqueles aos quais se dirige, caso contrário nada significará, ou melhor, poderá ter sentido, mas não fará sentido – será inverossímil – para os receptores [...] O que está em jogo [...] é saber se o discurso [...] é vero - símil, ou seja, capaz de parecer-se à representação que se tem dessa realidade. (MAGNANI,1998, p.54)

Portanto, seja os “sistemas de representação” dos emissores e receptores ou entre estes e o analista possam ser diferentes, quanto, mais importante, será a significação textualmente construída a apreensão da leitura de um grupo social deve ser feita com relação ao que sinaliza Magnani (1998: 58) “ao contexto mais geral da recepção, e só mesmo chegando a ele é que se poderá emendar o significado e alcance”.

Ao analisar os constructos de Bakhtin (2002) é possível perceber que a orientação dialógica do discurso para discursos de outros sujeitos, permitem novas e diversas possibilidades para a materialidade de um enunciado. Desse modo, o discurso cristalizado de um enunciado encontra o objeto ao qual está direcionado já envolvido pelos discursos de outrem, pelo que já foi dito sobre ele. O objeto já está atravessado por ideias, valores e entonações, assim a representação artística do objeto é capaz de penetrar nesse jogo dialógico e, ao invés de anular essas intenções verbais, vai organizá-las e ativá-las.

> Se representarmos a intenção, isto é, a orientação sobre o objeto de tal discurso pela forma de um raio, então nós explicaremos o jogo vivo e inimitável de cores e luzes nas facetas da imagem que é construída por elas, devido à refração do “discurso-raio” não no próprio objeto (como o jogo de imagem tropo do discurso

> poético no sentido restrito, na "palavra isolada"), mas pela sua refração naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações através do qual passa o raio, dirigindo-se para o objeto. A atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem. Ao irromper com seu sentido e com sua expressão através do meio de expressões de acentos estrangeiros, harmonizando-se e dissociando-se com ele em diversos aspectos, o discurso pode dar forma a sua imagem e ao seu tom estilístico neste processo dialógico. (BAHKTIN, 2002, p.87)

Todo discurso é determinado pela compreensão de uma possível resposta e essa orientação é parte da composição desse enunciado. Segundo Bakhtin (2002), a responsividade é um fator determinante e participante da estrutura do discurso, pois é ela que o percebe se opondo, reforçando ou enriquecendo-o.

Assim, a relação do autor nesse caso específico do rapper com o público ouvinte e leitor é substancialmente importante, pois define o estilo do enunciado. A periferia, assim, define o tipo de arte que é produzido nesse contexto, Eduardo não só coopera com um ativismo no discurso social e político reverberado nas letras de rap como também ramifica isso por meio do acesso a seus livros escritos e palestras por todo o país. Écio Salles (2007) aponta que

> O rap politizado mostra a face. A face da favela e a devolve para a favela. Com os favos recheados de mel e os dentes carregados de veneno, da vida cansada. A favela abre seus espaços, como um espaço possível de construção de outra perspectiva – sobre a própria favela, sobre a cidade, talvez sobre o mundo até. A voz que emerge da favela em busca de voz. E os rappers, verdadeiros mensageiros, estabelecem um vínculo entre arte, cultura e o cotidiano de suas comunidades. (SALLES, 2007, p. 14).

O diálogo social ressoa no discurso, em seu conteúdo e forma e as palavras são vozes sociais e históricas que determinam e organizam o estilo, a expressão e o posicionamento socioideológico do autor frente aos discursos correntes de sua época. Bakhtin (2002) afirma que o discurso de outrem na linguagem de outrem refrata as intenções do autor, há duas vozes, dois sentidos e duas expressões dialogicamente correlacionadas conversando entre si. Veremos mais adiante como isso se dá na prática em canções de periferia que

fazem uso do discurso citado na letra ou na melodia. Por mais que o discurso de outrem seja reproduzido de modo muito similar, o contexto fará com que sempre haja notáveis transformações de sentido:

> A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química [...]. Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissoluvelmente ao outro. Assim como a formação, também o enquadramento do discurso de outrem (o contexto pode de maneira muito remota começar a preparação para a introdução deste discurso) exprime um ato único da relação dialógica com este discurso, o qual determina todo o caráter da transmissão e todas as transformações de acento e de sentido que ocorrem nele no decorrer desta transmissão. (BAKHTIN, 2002, p.141)

Este texto procura fazer o esquadrinhamento dos discursos do rapper Eduardo ao questionar as hierarquias de poder aos quais se desvelam de forma generalizada sobre a nossa falsa independência como países do eixo Sul, nota-se toda uma conjuntura de poder nacionalista e amplamente universalista estruturados de forma colonizadora.

No clássico “Epistemologias do Sul”, Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009) sinalizam que

> A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (SANTOS e MENESES, 2009, p.73).

Em pleno século XXI como reagirmos aos discursos e práticas da cultura hegemônica? Santos (2009, p.10) diz sobre “o epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento

alienígena". Aqui se percebe um extermínio de algumas formas de saber, subalternização dos povos em massa em nome dos caprichos do colonialismo.

Dessa forma, "se considerarmos a política uma forma de guerra devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido e massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?" (MBEMBE, 2018, p. 7). O rapper no capítulo "Estamos em guerra" do livro "A guerra não declarada na visão de um favelado" faz um alerta:

> A maioria da população, incluindo parentes de vítimas, acredita que a política pública criminosa, as leis injustas e a aplicação dessas normas corrompidas de forma arbitrária e inexorável, não se enquadram como extermínio de inocentes e muito menos como crimes de guerra! A metodologia do esconde-esconde é tão eficaz, que deu sustentação até para o surgimento de um chavão popular conformista: "o Brasil é abençoado por Deus, aqui não existem furacões, terremotos, erupções vulcânicas e nem guerras"! Acho que eu não preciso expressar que eu discordo literalmente em gênero, número e grau desse senso comum. É nítido, que no que se refere a catástrofes naturais fomos privilegiados geograficamente, já no quesito: desastres não naturais, aí são outros quinhentos... Aí, a chapa esquenta! As nossas aflições não derivam de problemas administrativos inevitáveis em regiões em desenvolvimento, mas sim de atos insensíveis de genuínos criminosos de guerra! (TADDEO, 2012, p. 35)

Para a soberania burguesa vale a máxima do que diz o refrão do rap de Eduardo "Mesmo longe dos sacos de corpos/ Mesmo sem coração crivado de tiros/ Mesmo sem túmulo com a sua foto/ Você aqui jaz no Necrotério dos Vivos" ou mesmo na introdução ao rap "O necrotério dos vivos".

> Ninguém pode ser considerado vivo/ Comendo sobras de lixeiras/ Erguendo mãos para pedir esmolas/ Fumando crack/ Perdendo a saúde puxando carroças de papelão/ Não existe vida em DP'S, CDP'S, viaturas, reformatórios, presídios e tribunais/ Não existe vida nos subempregos, com salários de fome/ Nas casas devastadas pelo lícito alcoolismo/ Nas, mulheres reféns do machismo e da violência doméstica/ Não existe vida nas esquinas e puteiros/ Que estupram as crianças invisíveis do Brasil/ Não existe vida nos bolsões de miséria/ Que fazem arma serem atrativas para meninos e meninas/ Que antes dos 25 estarão em caixões lacrados (...)/ Se não fôssemos apenas

> sistemas respiratórios aspirando pólvora/ Tiraríamos do poder/ Os tiranos que aprovam decretos que acabam em helicópteros brincando de tiro ao alvo em comunidades carentes/ Aí, opressor (...)/ Eu sei que você sabe que o código penal e o martelo do juiz jamais te alcançarão (...)/ Vamos segurar faixas de luto/ Pelas escolas militarizadas/ Pela liberação das armas/ Vamos prestar condolências/ Para a sociedade que aplaude/ A política do confronto/ Em conjunto com a política do nepotismo/ Do 'fake news'/ Do judiciário partidário/ Do roubo de presidências/ Irmão de guerra/ Sinto muito em te informar/ Que quem não tem o padrão de vida estabelecido na Constituição Federal/ Já tá em estado avançado de putrefação/ Quem tem a probabilidade de uma morte violenta/ Por sua condição financeira e cor de pele (...)/ Viver é ter a opção de crescer profissionalmente/ E intelectualmente/ De não ser metralhado pela polícia/ De não ser torturado num sistema prisional/ 71 Puramente vingativo/ Enquanto não pudermos impedir o genocídio/ O racismo/ A alienação/ O aprisionamento em massa/ A pobreza extrema e a anulação social/ Não passaremos de cadáveres que respiram/ Meus pêsames para todos nós que vegetamos/ No necrotério dos vivos. (TADDEO, 2020)

Achille Mbembe (2018) apresenta uma reflexão oportuna sobre a

> Expressão máxima de soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder. (MBEMBE, 2018, p.5)

A ideia apresentada na citação acima pelo autor revela uma bifurcação que chega ao mesmo destino – a morte. De uma lado, a expressão máxima de soberania e poder é quem define e decreta quem pode viver, ou seja, o processo de extermínio é consolidado de forma organizada e seletiva com meios que permitem capturar e separar os sujeitos nele inseridos, nesse sentido quem pode viver são os que supostamente detêm o poder nas mãos seja a classe burguesa, política etc e de outro lado estão aqueles que devem morrer nesse sentido referindo-se aos sujeitos que são subalternizados pelo sistema de poder sejam eles as mulheres, negros, quilombolas, indígenas, LGBTQIA +, etc.

No verso 1 do rap “O necrotério dos vivos”, Eduardo diz “Você existe biologicamente, mas não socialmente/ Não passa de um escravo comprado/ Com os direitos roubados pelo ministério do trabalho”

Nesse verso fica explicitado de maneira bem categórica pelo rapper que o fato de “existir biologicamente” significa ser parte do fruto gerado da existência natural de um corpo vital genético dotado de código DNA, porém quando se pensa na possibilidade da existência social com uma tomada de consciência das realidades econômicas isso se configura em um estado de “zumbificação” social, uma situação abismal vulnerável, vegetativa e mórbida ao ponto de ter que sofrer com os bolsões da miséria e a pobreza como um todo o fato de perceber seres humanos revirando lixo para sobreviver, mendigando pelas ruas, puxando carroças de papelão, o difícil acesso aos bens de consumo e conforto mínimo isso é estar morto diante da “cegueira” da não aplicabilidade prática dos direitos constitucionais e da política deste país.

A morte social se estrutura sobre o alicerce da negligência e do descaso e tem sua amplitude na medida em que o sistema político não recupera ninguém quando não se tem um planejamento de interesse sanitário e vitalício onde não alcança os dependentes químicos reféns das drogas, as casas devastadas pelo lícito alcoolismo, a situação carcerária de pessoas na maioria negras tendo que lutar para sobreviver confinadas em cubículos superlotados, para além disso pode-se pensar que não existe vida se pensarmos nas mulheres reféns do machismo e da violência doméstica, no aliciamento de menores para o serviço do tráfico que fazem armamentos de pequeno e grosso calibre serem atrativos para meninos e meninas que antes dos 25 anos de vida estarão em caixões lacrados.

As faces da morte, portanto se desvelam de diferentes modos com seus vários alvos de alcance, por exemplo, quando se acredita nas versões oficiais sejam elas jurídicas ou midiáticas que alegam que o excluído executado pela Polícia atirou primeiro, quando se percebe os laudos manipulados que apontam que as munições que assassinaram a criança negra saíram do armamento do tráfico, quando se vota nos que afirmam que a pacificação do país passa pela aniquilação dos menos favorecidos, as faixas de luto são seguradas quando se é a favor da liberação das armas, quando a sociedade aplaude a política do

confronto, do nepotismo, do fake News e do judiciário partidário do roubo de presidências.

Essa situação desfavorável é experimentada principalmente nas periferias e guetos do país onde o governo e o serviço estatal mantém esses sujeitos confinados nesses espaços cobrando altas taxas de impostos dificultando formas de sobreviver e onde privilegiam uma classe minoritária de pessoas burguesas uma vez que fica perceptível a máxima “por tão poucos terem tanto é que tantos têm tão pouco”.

A estrofe “Não passa de um escravo comprado/ Com os direitos roubados pelo ministério do trabalho” revela um sentimento de saque de direitos por parte do sistema de trabalho configurando uma espécie de escravidão contemporânea no descumprimento da aplicação dos direitos trabalhistas, tais como o direito ao salário, à anotação em carteira de trabalho e previdência social e sobretudo da garantia do respeito aos direitos humanos e a cidadania dos indivíduos que são inegavelmente atingidos.

O termo necropolítica alcunha de Mbembe permite refletir sobre questões que podem ser visivelmente percebidas como no contexto expressivo do cenário de ascensão conservadora e de extrema-direita, que se vive após a eleição de Jair Messias Bolsonaro, e nesse sentido pensa-se, por exemplo, dentre muitos vieses sobre as possibilidades das tensões raciais diante da necropolítica explicitamente expressa pelo governo Bolsonaro.

As análises sobre o impacto do racismo na vida da população negra levam a produção dessa narrativa do genocídio, alimentada por intelectuais e pelo movimento negro, boa parte inspiradas pela obra “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”, do intelectual, artista e político, Abdias do Nascimento, que afirma:

> “[...] a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que vem se perpetrando contra o afro-brasileiro.” (1978, p.93). A questão do genocídio como já bem apontado por Abdias do Nascimento (1978), não se resume a violência policial, ela tem relação com toda uma mecânica de poder, que inclusive passa por uma política de Estado oficial de branqueamento, que visa privilegiar a população branca em relação aos negros.

> Porém, a despeito de qualquer vantagem de status social como ponte étnica destinada a salvação da raça ariana, a posição do mulato essencialmente se equivale àquela do negro: ambas vítimas de igual desprezo, idêntico preconceito e discriminação, cercado pelo mesmo desdém da sociedade brasileira institucionalmente branca. O processo de mulatização, apoiada na exploração sexual da negra, retrata um fenômeno de puro e simples genocídio. Com o crescimento da população mulata a raça negra está desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país. E isto foi recebido com elogios calorosos e grandes sinais de alívio otimista pela preocupada classe dominante. (NASCIMENTO,1978, p. 69-70)

Em Necropolítica, Mbembe (2016) traz a proposta de um olhar diferente sobre a modernidade e sobre o exercício da soberania, a centralidade da análise passa a ser realizada através dos conceitos de vida e morte. A ver

> O mundo da soberania [...] "é o mundo no qual o limite da morte na alegada necessidade de evitar a morte foi abandonado. A morte está presente nele, sua presença define esse mundo de violência, mas, enquanto a morte está presente, está sempre lá apenas para ser negada, nunca para nada além disso. O soberano", conclui, "é ele quem é, como se a morte não fosse... Não respeita os limites de identidade mais do que respeita os da morte, ou, ainda, esses limites são os mesmos; ele é a transgressão de todos esses limites" (MBEMBE, 2016, p. 127)

Desse modo, ao reportarmos ao momento atual a soberania moderna, pensada sob os termos de vida e morte, se caracteriza pelo exercício e violação do direito de matar, o qual é permitido ao estado soberano a funesta atitude de liquidar, de sorte que o exercício da soberania moderna é a autorização de matar que se define sob as condições do costume, da cultura, das tradições. Mbembe (2016), vai sinalizar que a política pode ser compreendida enquanto um trabalho da morte, uma organização sistemática que não potencializa a vida, pois quer distribuir armas, produzir guerras, encarcerar, vigiar, controlar, punir. Sob estes elementos, podemos já a princípio perceber que o governo de Jair Bolsonaro é um governo que está preocupado com esse objetivo quais sejam a legalização e distribuição de armas, o encarceramento em massa mediante o exercício do controle e da violência.

Portanto, se depreende que o governo exerce uma política que sobretudo potencializa a morte, no entanto, as mortes potencializadas tem sempre seu endereço certo, isto é, são grupos como LGBTQIA +, quilombolas, mulheres, negros, indígenas, enfim os que estão em situação de marginalização social, cultural, política, econômica e educacional. Ao corroborar com essa ideia, Eduardo nos versos do rap: "Balas endereçadas" afirma "Governo fascista garante o Apartheid/ Promovendo a caça humana nas comunidades/ O que esperar da nova ditadura implantada? / Que apoia quem colocava ratos em vaginas de torturadas".

> Negando o passado histórico de desigualdade podemos defender que a meritocracia branca, heteronormativa decide quais vidas merecem ou não ser vividas ou dizimadas. Algumas frases ditas pelo então candidato à presidência da República, durante o período da última eleição presidencial (2017), nos servem para exemplificar como as ideias de meritocracia e machocracia constituem um pretexto para afirmar um suposto lugar natural e privilegiado para o homem branco e subalternizar outros sujeitos, pondo em risco a democracia. Em relação ao desrespeito às mulheres o candidato afirmou: "mulher deve ganhar salário menor porque engravida"; "não te estupro porque você não merece". Preconceito contra os negros: "Fui a um quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais" (2017). Sobre a política de cotas: "Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso" (2018). Incitação à violência: "o erro da ditadura foi torturar e não matar"; "Pinochet devia ter matado mais gente" (GOMES, 2019, p.154).

É essa noção da política enquanto trabalho de execução de morte que vai ser relacionada por Mbembe (2016) ao exercício da soberania, na modernidade. No limite, a política da morte e sua relação com a soberania é expressa no direito de matar, o qual é concedido ao soberano o estado de execução que assassina de acordo com a raça, isto é, o critério racial é organizador na política de mortes do Estado assassino.

A própria campanha eleitoral com o slogan criado pelo governo o qual diz “Deus acima de tudo” e “Brasil acima de todos” e o sinal de “arminha” feita com a mão descortina um modo de soberania absoluta que permite aplicar suas violências contra as minorias sociais, essa projeção fascista expressa por Bolsonaro sobre Deus é usada por ele para esconder uma sede de poder e arrogância.

No Verso 2 do rap “Assassinaram o controle do seu destino” pode ser entendido como a imposição da ordem e do poder que impede os sujeitos de alcançarem seu projeto de vida social e bem-estar, interrompe e mata os saberes dos povos subalternizados e impera sobretudo sobre a escolha ao modo dos indivíduos fazer a arte, a liberdade de expressão etc.

Nos recortes seguintes do verso 3 “Enquanto eles criminalizam movimento social/ (...) Prova da morte do nosso senso crítico (...) / Em breve no ar mais uma transmissão ao vivo/ De outro bonde invadindo rumo aos jazigos” revela sobre o ativismo do(s) opressor(es): a política do extermínio fascista de direita que têm reverberado com discursos e manifestações desfavoráveis aos direitos humanos servindo como uma ameaça à liberdade de expressão, a democracia tudo isso em conluio com parte da igreja evangélica em nome da “tradicional família brasileira” ao menosprezar e criminalizar movimentos sociais seja: LGBTQIA +, feminista, negro, indígena etc. Como parte desse “casamento” entre política e igreja a cobertura jornalística por parte da mídia e o sensacionalismo operam também como meio de persuadir as massas populares ao se organizar como um dispositivo ao promover as mensagens de fake news e o suposto “justicismo” social televisivo mediante a transmissão da violência e truculência da polícia contra o povo periférico.

Na expressão do verso 4 “Quer uma dica para reanimação de cidadania/ Leia a Constituição 5 minutos por dia” alerta para o ato de a população exercer sua leitura diária da Constituição com a finalidade de elevar a sua autoestima, porém no verso seguinte há um paradoxo “(...) Não ouça um comandante da ROTA estuprar o Art. 5º/ São iguais perante a lei um caralho/ Tem uma abordagem para favela e outra pro bairro valorizado.”

Nessa parte fica explícito o quanto a negligência e a violência policial. Na prática a aplicação da lei para a favela não é exercida de forma justa, pois o direito à vida, liberdade, igualdade, segurança e à propriedade são negados.

> Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988, p.13)

No verso 6 “Que depois de atirar no uniforme da escola/ Ainda faz postagem difamatória/ (...) Ele nos faz vegetar sem os 3 mil mensal/ Que garante o nível superior educacional”. Aqui percebe-se a prática do genocídio por parte das forças de segurança nacional contra crianças negras periféricas e a subalternidade na desigualdade salarial o que repercute ao não acesso a uma educação de qualidade, pois a defasagem do salário-mínimo é insuficiente para tal objetivo.

No verso 7 “O pior é saber que a criança no chão da escola/ Em breve vai tá liderando conflito lá fora/ Vai ser vítima da polícia e do blogueiro (...) O que importa ter sinal vital/ Quando não se freia os pelotões do terrorismo estatal”. O crime organizado do Estado, das milícias e da presidência é quem produz o terrorismo antissocial sendo a causa e o efeito da criminalidade nas periferias do país.

No verso 8 “Enquanto somos politicamente sepultados/ 800 mil sonham com um bom advogado”. Novamente a soberania de uma política da morte opera contra os direitos legais da maioria do povo que por ser saqueado pelos cofres públicos sequer tem a oportunidade de pagar a um bom advogado para defender as suas próprias causas emergenciais.

O protagonismo, a insurgência e a resistência do rapper de não se deixar “zumbificar” diante do sistema opressor ao ser um porta voz da comunidade periférica ficam expressos nos discursos dos versos 5. A ver: “No dia que eu fechar com algoz tive morte encefálica/ Odeio a casa grande, nasci na senzala”. No verso 8 “Fique rico ou morra tentando/ Mas honre a morte em vida de seus pais se humilhando em trampos” e no verso 9 “Tô fazendo sangue e circo, virar

vida e livro/ Mesmo que um tribunal condene meu ativismo/ Vou botar água envenenada no Chopp do rico/ Ressuscitando Lázaros no Necrotério dos Vivos".

Os versos do rap citados acima fazem um apelo aos ouvidos dos ouvintes a se posicionarem e revelam a representatividade de Eduardo de não se alienar com as ofertas do opressor e o seu pertencimento à senzala, deixa em evidência a frase do rapper estadunidense 50 Cent "fique rico ou morra tentando" ao proclamar que é preciso sair da zona de conforto e ir para a zona de conflito das indiferenças de um governo corrupto. Para além disso o rapper faz "sangue e circo, virar vida e livro", ou seja, a morte praticada pela política e pela polícia e a diversão dos opressores são contadas em seus versos de rap de forma contundente e são meios aos quais ele denuncia de forma voraz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do caos social e da opressão reverberados na vida cotidiana, o texto presente objetivou analisar dentre muitas vozes do Rap Nacional os discursos potencializadores do rapper Eduardo Taddeo como instrumento de reflexão crítica sobre a realidade social.

Para tanto, buscou-se caracterizar a arte expressa no gênero discursivo musical rap uma ferramenta contra hegemônica de insurgência assim o exercício de analisar letras de rap, nesse caso específico a faixa "O necrotério dos vivos" e investigar e estudar sobre temáticas frequentes nas músicas, como o caso da violência política contra as periferias do Brasil e a violência policial revelam o contexto social do qual o rapper faz parte.

Verificou-se por meio dos constructos dos autores uma interlocução e aproximação epistêmica com o objeto de pesquisa onde foi possível denotar que a arte na música é capaz de desconstruir padrões estabelecidos verticalmente por estruturas de poder e soberania e que pode ir além das fronteiras e da imediaticidade do cotidiano onde as diversas situações sociais são naturalizadas, ignoradas e tidas como imutáveis. O artista como representante da periferia distancia-se dessa característica do cotidiano, reflete sobre essa mesma realidade social e cria o objeto artístico capaz de provocar sentimentos em outras pessoas.

Deste modo, os discursos no rap provocam os ouvintes, os leitores ao tirar da zona de conforto e os impulsiona a ir para além das trincheiras e para a zona de conflito e como um serviço didático tenta ensinar aos ouvintes que as diversas violências sofridas pelo povo não são naturais e inevitáveis, assim tentando despertar a insatisfação e o desejo de mudança social naqueles que se identificam com as músicas.

Nas letras da vertente contundente e crítica do rap proferido por Eduardo fica evidente o anseio por uma nova sociedade que seja sobretudo desalienada capaz de romper com a ordem estabelecida pela burguesia como alerta Écio Salles (2007), o rap está no nível da revolta, que é a crítica social do caos atual e essa revolta pode (ou não) transformar-se em revolução, ou seja, em práticas políticas que mudem de modo visceral a sociedade capitalista.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. In: _____ **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo: Hucitec, 5ª ed. 2002. Disponível em: https://issuu.com/fernandalima4/docs/bakhtin__m._-_quest__es_de_literatu Acesso 19 ago. 2021

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, 496 p. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acesso: 19 ago. 2021

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. **Machocracia, negacionismo histórico e violência no Brasil contemporâneo.** REVISTA ANDUTY, v. 7, p. 146-158, 2019. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/10303/5279 Acesso: 19 ago. 2021

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2ª ed.1998

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/redes/article/view/5048/pdf#

Acesso: 19 ago. 2021

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, p. 123-151, dez. 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169 Acesso: 19 ago. 2021

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro. Processo de um Racismo Mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40049/html Acesso: 19 ago. 2021

SALLES, Ecio de. **Poesia revoltada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. il.; (Tramas urbanas; 3). Disponível em: https://lutieromusicale.files.wordpress.com/2013/08/poesiarevoltada.pdf Acesso: 19 ago. 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Estamos mortos.** In: O necrotério dos vivos. São Paulo: DDM Multimídia, 2020. Faixa 01. Spotify (3m13s)

TADDEO, Carlos Eduardo. **O necrotério dos vivos.** São Paulo: DDM Multimídia, 2020. Faixa 01. Spotify (6m02s)

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: 1ª ed. 2012.

# FESTIVIDADE DO HALLOWEEN*:* RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM BELÉM DO PARÁ[130].

# HALLOWEEN FESTIVAL: EXPERIENCE REPORT IN A PUBLIC SCHOOL IN BELÉM FROM PARA.

# FESTIVIDAD DE HALLOWEEN: UNA EXPERIENCIA EN UNA ESCUELA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ.

Adrianne da Silva Peixoto [131]
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira [132]

**RESUMO**

Este artigo apresenta um relato de experiência da festividade do Halloween[133] em uma escola pública estadual de ensino fundamental II, localizada no bairro do Benguí na cidade de Belém do Pará, em 2018, associada ao questionamento acerca de como esta festividade foi apresentada nas aulas de língua inglesa nesta escola. Tendo como objetivo analisar a forma como esta festividade foi realizada, especificando como cada turma, do sexto ao nono ano, apresentou seus respectivos temas. O trabalho é embasado pelos teóricos Jesus (2007), Richards (2003), Cancline (2007 e 2015), e Lipovetsky e Serroy (2011). A metodologia desta pesquisa inicia com o relato de experiência acerca da festividade do *Halloween* nesta escola, após é apresentado os resultados e discursões que envolvem o questionamento inicial da pesquisa, finalizando com as considerações finais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festividade do Halloween*;* Ensino da língua inglesa; Relato de experiência; Cultura.

---

[130] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[131] Graduada em Letras pela Universidade da Amazônia (2013). Mestranda no Curso de Comunicação, Linguagem e Cultura, da Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém/PA, Brasil. E-mail: adriannepeixoto@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5735-3470.

[132] Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará, Brasil (2018). Professor Titular da Universidade da Amazônia , Brasil. E-mail: Ivana.professora2020@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3194-725.

[133] O **Halloween** é uma tradicional festa norte-americana que surgiu nas Ilhas Britânicas e é reproduzida em diferentes países, inclusive no Brasil. Essa festa acontece no dia **31 de outubro** e é marcada por crianças que se fantasiam de monstros e saem à procura de doces. Os historiadores acreditam que essa festa tenha surgido de comemorações realizadas pelos celtas em homenagem aos **mortos.**

**ABSTRACT**

This article presents an experience report of Halloween festival in a elementary public state school, final years, in Benguí neighbohood in Belém city, Pará state in 2008, linked with questioning about how this festival was showed in English classes in this school. Its aim is analyzing the way which this festival is working in this school, specifying how each class, from sixth to nineth years, reported its respective themes. This paper has as theorical background Jesus (2007), Richards (2003), Cancline (2007 e 2015), e Lipovetsky e Serroy (2011). This paper methodology stars with the experience report about Halloween festival in this school, then is presented the results and discussions including the initial questioning, after the final conclusions.

**KEY-WORDS:** Halloween festival; English language teaching; Experience report; Culture.

**RESUMEN**

Este artículo presenta un informe de experiencia del festival de Halloween en una escuela primaria pública estatal en los últimos años, ubicado en el barrio Benguí de la ciudad de Belém do Pará, en 2018, asociado al cuestionamiento sobre cómo se presentó esta festividad en las clases de inglés de esta escuela. Con el objetivo de analizar cómo se realizó esta festividad, precisando cómo cada clase, desde sexto a noveno grado, presenteou sus respectivos temas. El trabajo es apoyado por teóricos Jesus (2007), Richards (2003), Cancline (2007 e 2015), e Lipovetsky e Serroy (2011). La metodología de esta investigación comienza con un relato de experiencia sobre el festival de Halloween en esta escuela, luego del cual se presentan los resultados y discusiones que involucran el cuestionamiento inicial de la investigación, finalizando con las consideraciones finales.

**PALABRAS-CLAVE:** Fiesta de Halloween; Enseñanza de lengua inglesa; Informe de experiencia; Cultura.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência da festividade do Halloween em uma escola pública estadual de ensino fundamental II, localizada no bairro do Benguí, na cidade de Belém do Pará em 2018, pré - pandemia da

COVID 19. Questionando como esta festividade é apresentada nas aulas de língua inglesa nesta escola. O objetivo geral é analisar a forma como foi conduzida a festividade do Halloween, especificando como cada turma, do sexto ao nono ano, apresentou seus respectivos temas.

O nome Benguí teve sua origem devido a existência de uma parada de um trem que ligava o Entrocamento[134] com a Vila do Pinheiro (Icoaraci), e nessa proximidade moravam dois ingleses de nomes Benjamim e Guilherme, fixaram em uma placa as iniciais BEN e GUI, que posteriormente tornou-se Benguí. Segundo fontes do Censo (2010) este bairro possui um total de 29.379 habitantes, sendo 14.017 homens e 15.362 mulheres. Existindo 8.317 domicílios ocupados. Este bairro compreende a área que tem início na interseção da Estrada da Pratinha com a estrada do Yamada e segue por esta até encontrar a Estrada do Benguí.

O embasamento teórico para este estudo são os autores Jesus (2007) que apresenta o festejo do Halloween, Richards (2003) que trata do currículo de ensino da Língua inglesa em escolas, Cancline (2007 e 2015) que aborda acerca da cultura e do popular e multiculturalismo, e por último Lipovetsky e Serroy (2011) que explanam acerca da globalização e cultura.

A metodologia apresenta primeiramente um relato acerca da festividade do Halloween em uma escola de ensino público estadual. Em seguida como foi planejada, executada e quais os resultados obtidos nesta festividade, obtendo pelos embasamentos teóricos as respostas aos questionamentos iniciais, finalizando com as discussões acerca deste relato relacionando este festejo com o ensino da língua inglesa em escolas.

A pesquisa é importante para o âmbito acadêmico, pois se trata de um relato de experiência de uma festividade estrangeira, o Halloween, de forma inédita e com novos elementos apresentados e analisados. Notou-se um intercâmbio de conhecimento entre culturas, devido a cada apresentação das turmas contendo temas diversos e conectados com o festejo. Os temas apresentados foram: a festividade do Halloween e suas tradições, vestimentas e

[134] Local que liga o centro da cidade com as suas áreas mais distantes.

histórias; as lendas amazônicas; as lendas urbanas brasileiras e americanas; e por último a explanação acerca dia dos mortos comemorado no México.

Dion (2008, p.1) diz que as lendas urbanas são narrativas orais coletivas que trazem consigo estórias com fundos de verdade, porém não confirmadas. São caracterizadas sendo estórias com mensagens implícitas, com algum ensinamento. Seu local é a cidade moderna e sua base a cultura de um povo, tentando explicar o inexplicável (DION, 2008, p.3).

Segundo Loureiro (2015, p.121), a vida na Amazônia ainda convive com seus mitos, deuses, personificação de ideias ou coisas que são comuns em seu cotidiano. Alguns exemplos de tentativas de explicações são os filhos ilegítimos do boto; as curvas que na floresta faz com que os homens percam o caminho de volta pela ação do curupira; as tempestades que ocorrem pelo enfurecimento da mão-do-vento, entre outros. Percebe-se então que a cultura amazônica está viva, principalmente entre os ribeirinhos, porém ao chegar às áreas urbanas se torna diferente ou descrente.

Segundo os autores Frugoli, Rejowski, Cobuci (2016, p.6), o dia dos mortos para os mexicanos é o dia em que seus antepassados falecidos voltam a terra para reencontrar seus familiares que ainda estão vivos. Eles se preparam para esta data com muita alegria, pois acreditam que a morte é apenas uma passagem. Esta celebração vem de seus antepassados indígenas astecas, que acreditam na morte como apenas uma passagem. Os mexicanos neste dia preparam suas casas para receber seus familiares já falecidos, e fazem as comidas que eles mais gostavam, enfeitam as casas, fazem oferendas e montam um tipo de altar com santos e objetos que os falecidos gostavam (FRUGOLI, REJOWSKI, COBUCI, 2016, p.10).

Este relato afirmar que o ensino desta língua engloba além de conteúdos estipulados, mas também seus costumes e cultura, pois para entendermos o outro devemos o conhecer por completo, e a escola é responsável por este ensino, com o objetivo de fazer com que o aluno tenha a habilidade de se comunicar e se portar em outro lugar, com uma cultura diferente.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1. O Festejo do Halloween.

Ao ensinarmos a língua inglesa, as suas tradições culturais estão ligadas, pois não podemos ensinar uma língua estrangeira sem abordar suas crenças e tradições. E um dos festejos mais populares dos falantes desta língua é o Halloween, conhecido popularmente como “dia das bruxas”. Este festejo vem crescendo em nosso país principalmente em cursos de inglês, mas também em escolas públicas e privadas de ensino laico. Essa comemoração se expande a empresas, grupos de amigos e festas temáticas. Além de aumentar a venda de artigos relacionados a este festejo em lojas de departamento e comércios populares.

A língua inglesa é um componente curricular obrigatório no Ensino Fundamental anos finais e Ensino médio nas escolas brasileiras, sendo mais um fator de proximidade ao festejo do Halloween. Porém ao abordar este tema os professores de língua inglesa devem sempre ter cuidado de não sobrepor esta cultura sobre outra, contudo abordar ambas. Inclusive o Dia do Saci, que é comemorado neste mesmo dia, 31 de outubro, no Brasil.

O Halloween tem sua origem com o povo celta, os quais habitavam a região do Reino Unido, principalmente na região da Irlanda e Escócia. Para este povo o Halloween marcava o início do inverno e seu Ano Novo. O Halloween era relacionado com o festival de “Samhain”, sempre comemorado em 1° de novembro, o qual era associado à agricultura, já o Halloweeen seria a noite anterior a este festival. Jesus (2007, p.24) afirma que os celtas acreditavam na imortalidade da alma, e no dia 31 de outubro os espíritos de seus antepassados retornavam para seu antigo lar para pedir comida aos seus familiares e os levarem junto. Para serem confundidos com os mortos os celtas se vestiam com roupas que lembravam seres malignos e com aparência de mortos. Com o passar do tempo o povo celta foi se cristianizando, porém muitos deles não renunciaram seus antigos costumes pagãos. O Halloween ficou relacionado ao dia de todos os Santos celebrado em 1º de novembro pela igreja católica e no dia 2 finados, ocorrendo uma hibridação de costumes cristãos e pagãos. A palavra Halloween foi então expressada como “All Hallow’s eve”, o que significa “véspera do dia de todos os santos”, em 835 pelo Papa Gregório IV, DC.

A presença da hibridação de culturas para se chegar até o que conhecemos hoje de Dia das Bruxas ou Dia do Saci relacionado ao Halloween é

um grande exemplo de que as culturas se modificam ao longo do tempo e espaço, e por muita das vezes sua origem se perde ou é esquecida, ou até modificada.

**2. O currículo no Ensino de uma língua estrangeira.**

Quando falamos em ensino de uma língua estrangeira temos que saber o que está contido no currículo, ou seja, quais estruturas de ensino seguir. Segundo Richards (2003, p.1), a preparação de um currículo é uma tarefa árdua e as escolas em geral não oferecem a oportunidade do aluno se expressar ou refletir sobre os problemas enfrentados na sociedade. Para que haja bons resultados, as escolas devem orientar os professores a propor atividades de reflexão e debates acerca dos temas do cotidiano.

Segundo Richards (2003, p.10), as escolas têm por função preparar o aluno para saber atuar em qualquer cultura diferente da dele, para que o mesmo possa desenvolver a competência intercultural, ou seja, apreender e aprender a lidar em situações e lugares com costumes diferentes.

> Isso significa que um grupo cultural não é visto como superior a outros e que as múltiplas perspectivas representando os pontos de vista de diferentes grupos culturais devem ser desenvolvidas dentro do currículo. (RICHARD, 2003, p. 10).

Conclui-se que a cultura deve está diretamente ligada ao ensino de uma língua estrangeira, expondo seus costumes, manifestações, crenças entre outros elementos. Com o objetivo de fazer com que o aluno consiga se inserir no contexto daquela língua que ele está aprendendo ou aprendeu sem qualquer receio ou preconceito. Além de contribuir para a construção intelectual do aluno ao conhecer culturas diferentes.

No caso da língua Inglesa, o festejo do Halloween faz parte da cultural dos falantes desta língua, sendo uma comemoração cada vez mais frequente no Brasil e na Amazônia, e para entendermos temos que conhecer este festejo, comparar ao nosso folclore amazônico e entender como os falantes desta língua se portam neste evento.

**3. Culturas e o Popular.**

Cancline (2015, p.205), afirma que com o passar do tempo e a modernidade chegando, aos poucos se perdem a transmissão do folclore através da oralidade e da escrita em jornais e livros, então os conhecimentos culturais de determinado povo estão se perdendo por causa da tecnologia que os afastavam deste “mundo”, com o pensamento de muitos positivistas que entendem que o folclore é algo tradicional.

Cancline diz que (2015, p.210) “ao decidir que a especificidade da cultura popular reside em sua fidelidade ao passado rural tornam-se cegos às mudanças que a redefinem nas sociedades industriais urbanas”. O autor afirma ainda que ao nos aproximarmos mais do folclore de um povo podemos conhecer melhor as sociedades contemporâneas quando preservam tais fenômenos, contribuindo para o conhecimento de sua própria história (CANCLINE 2015, p. 213). Por outro lado, há uma carência de estudo sobre o folclore quando ocorre a massificação popular que vem junto com a modernidade, e acabamos por apenas reproduzir tais crenças, porém sem conhecimento específico.

> [...] não há uma única forma de modernidade, mas várias desiguais e às vezes contraditórias. Tanto as transformações das culturas populares quanto as das artes cultas coincidem em mostrar a realização heterogênea do projeto modernizador em nosso continente [...] (CANCLINE, 2015, p. 254).

Cancline (2015, p.254) expõe que as variadas transformações culturais são representadas por diversas formas de acordo com a realidade de cada povo, para expandir sua cultura.

**4. “Os outros e os nossos”.**

Cancline (2007, p.99) afirma que as sociedades apresentam suas mudanças e conflitos entre todos os grupos que a compõem, sendo seus próprios nativos e imigrantes, fazendo que apareçam os mitos e estereótipos. Isso ocorre quando uma sociedade estipula algumas regras de convivências e acerca de sua origem, denominando que é cidadão ou não de uma determinada localidade. A existência de uma política cultural em uma sociedade denomina

acerca de quem somos e o que nos faz ser semelhantes, porém esta não nos apresenta o outro e como tratar as diferenças existentes.

Cancline (2007, p.99) alega que o etnocentrismo e o desprezo ao diferente é algo que nasce em toda sociedade, sendo algo natural do homem, pois tem por objetivo preservar seu grupo e seu território, e tendo no outro ameaça. Nos dias atuais percebe-se que ocorre choques e conflitos entre nações quando abordado sobre o multiculturalismo, pois cada cultura defende o seu ponto de vista e muitas vezes não há convergência ou aceitação do que vem do outro. (CANCLINE 2007, p.100).

Apesar da multiculturalidade globalizada, as nações conservam seus costumes seculares de suas culturas, e adaptam as novas diferenças que chegam de outra localidade as suas maneiras. Resultando na maioria das vezes em confrontos culturais. Os movimentos globalizadores tentam trazer ao conhecimento mundial o relativismo intelectual que tem por objetivo fazer com que as nações compreendam que há existência de outras culturas e devem ser respeitadas, em conseqüência ocorra a aceitação do outro, para que haja a existência mútua de culturas diferentes ao redor do mundo. (CANCLINE 2007, p. 100).

### 4.1 O multiculturalismo intraduzível.

Atualmente há a visão de que a globalização unificará todas as nações do mundo e as tornará uma só, existindo apenas uma cultura e uma língua universal. Este pensamento vem com o objetivo de disseminar os conflitos culturais globais. Porém, para que ocorra o multiculturalismo global deve haver a aceitação do outro e a tentativa de comunicação com uma língua que pode ser utilizada em todos os continentes. Atualmente a língua inglesa faz este papel de comunicação mundial. (CANCLINE 2007, p. 101).

Cancline (2007, p.101) defende que em todas as nações ocorre um multiculturalismo intraduzível, pois a língua falada em uma determinada nação tem sua própria origem contendo expressões próprias, que por muitas vezes não são traduzíveis para outra língua diferente. Isso acaba por excluir ou haver um entendimento equivocado de determinada palavra ou expressão, se não for estudada com mais clareza. Consequentemente a cultura é traduzida de forma

diferente do que é realmente. Por outro lado a imigração de pessoas ao redor do mundo, o contato com a cultura do outro se tornou inevitável, pois cada pessoa carrega consigo seus costumes, falas e tradições, o que acabando sendo passado de uma pessoa para outra de cultura diferente, finalizando com a hibridação cultural ao redor do mundo. (CANCLINE, 2007, p. 109).

**4.2 - Cidadanias multiformes.**

Cancline diz defende que [...] a multiculturalidade é submetida ao discurso da mídia, à organização monopolista das indústrias culturais, que é subordinada às aparições e desaparecimento da diversidade à "maioria" da audiência.(CANCLINE, 2007, p.113). E atualmente a internet tem esse papel, de apresentar o que a população em massa aprecia, em músicas, filmes, séries, documentários, entre outros.

A multiculturalidade perde sua eficiência quando se contradiz com os propósitos da globalização, que defende a coexistências das nações e suas culturas, porém de forma interliga ao mundo. Com trocas de mercadorias, conhecimentos e costumes (CANCLINE 2007, p.113). Apesar de a globalização estimular concorrências entre as nações, a movimentação de imigrantes que ocorre em todos os lugares e em todo tempo faz com que as diferenças carregadas por estes sejam respeitada e adaptadas a realidade que se insere. Ocorrendo uma troca de conhecimento intercultural para os imigrantes e nativos de todas as nações. (CANCLINE 2007, p. 115).

**5. Globalização e cultura.**

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011, p.122), a globalização é vista como multiplicadora e também acompanhada de um modelo americano mundialmente instaurado. Os grandes produtos vindos do EUA mostram-se consumidos cada vez mais em todas as partes do mundo, pois sendo a primeira potência econômica mundial soube entrar em todos os mercados globais. A grande potência cultural americana é presente na atualidade, porém em um futuro percebe-se que a globalização cultural pode chegar a ser plural e mais equilibrada, abrangendo não apenas a cultura de um determinado país de economia dominante. A diversidade cultural seria uma verdadeira expressão da cultura mundial, a qual todos pudessem ter acesso a todos os tipos de produtos

e serviços de diversas partes do planeta, uma verdade troca mundial. (LIPOVETSKY E SERROY 2011, p.125).

Lipovetksy e Serroy (2011, p.103) afirmam que o pluralismo cultural é a chave para a melhor convivência das civilizações, pois com a existência de diversas culturas devemos aprender a conviver umas com as outras sem haver a superposição. A cultura-mundo é efetiva quando não ocorre a disseminação ou ultrapassa os princípios antropológicos da diversidade cultural mundial, havendo um equilíbrio das culturas mundiais. (LIPOVETSKY E SERROY, 2011, p.131).

**Metodologia**

A pesquisa a seguir é um relato de experiência acerca da festividade do *Halloween* em uma escola pública de ensino fundamental II, localizada no bairro do Benguí na cidade de Belém do Pará, no ano de 2018.

É denominada pesquisa exploratória, pois teve como objetivo esclarecer a ideia e aprofundar acerca da experiência da festividade do *Halloween* na escola descrita anteriormente. A pesquisa foi feita com base na análise da professora de língua inglesa, acerca dos trabalhos apresentados das turmas do ensino fundamental II, na festividade do Halloween. Além de ser uma pesquisa descritiva, pois descreve as características culturais acerca do Halloween, das lendas amazônicas, lendas urbanas brasileiras e americanas e sobre o dia dos mortos no México. Por se tratar de um relato de experiência se torna uma pesquisa experimental, pois foi escolhida a festividade do Halloween como objeto de estudo, para a observação dos alunos em suas apresentações acerca dos temas acima citados. Sendo uma pesquisa qualitativa, pois os dados coletados foram conhecidos através de interpretações de como os alunos se portaram nesta festividade, tendo como com confirmação dos teórico Richards (2003) e Cancline (2007) na análise e discussões dos resultados.

O procedimento de metodológico da pesquisa iniciou-se com o relato completo de experiência da professora de língua inglesa da festividade do Halloween nesta escola de ensino fundamental II, ocorrida em 2018. Posteriormente apresentando os resultados e discussões acerca deste relato, incluindo a interface entre planejamento e realidade, descrição da experiência

vivida, os resultados deste evento, o relato pessoal da professora, recomendações e reflexão com base nos teóricos citados acima.

**Relato de experiência**

O relato de experiência explana o festejo do Halloween que foi realizado em uma escola pública estadual de ensino fundamental II, no bairro do Benguí na cidade de Belém do Pará, em 09 de novembro de 2018, antes da pandemia do COVID 19. Esta escola foi escolhida para o evento devido a professora ter atuado nesta escola neste período. Seu objetivo foi de levar aos alunos maior conhecimento acerca desta festividade.

O público alvo que fez parte deste festejo foram as turmas do ensino fundamental II, do período da tarde, sendo duas turmas de 6º (65 alunos), uma turma de 7º ano (25 alunos), duas turmas de 8º ano (58 alunos) e uma turma de 9º ano (37 alunos). A professora de língua inglesa fez o planejamento e a organização do evento junto com os outros professores e coordenação da escola.

Para a realização do evento, foi feita a divisão de diversos temas entre as turmas por um tema relacionado a festividade do Halloween, sendo dividido da seguinte maneira representadas pelas imagens a seguir de 1 a 8:

- 6º Ano (duas turmas): Festividade do Halloween.

Imagem 1 - Símbolos do Halloween.

Imagem 2 - Fantasias do Halloween.

Imagem 3 - Alunas com fantasias.

Fonte: Adrianne Peixoto

- 7º Ano (uma turma): Lendas Amazônicas.

Fotografia 4 - Apresentação das Lendas Amazônicas.

Fonte: Adrianne Peixoto

- 8º Ano (duas turmas): Lendas Urbanas Brasileiras e Americanas.

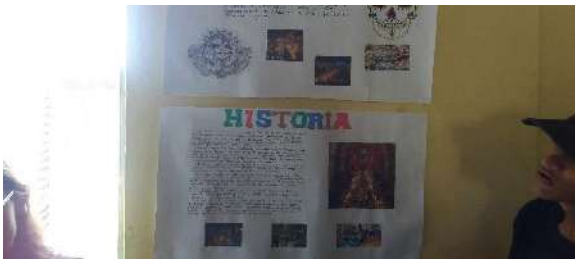
Fotografia 5 - Lendas urbanas americanas.

Fotografia 6 – Lendas urbanas brasileiras

Fonte: Adrianne Peixoto

- 9º Ano: Dia dos Mortos (México).

Fotografia 7 - História do dia dos Mortos




Fotografia 8 – Alunos fantasiados.

Fonte: Adrianne Peixoto

No dia do evento, cada turma ornamentou a sala de acordo com o tema e os cartazes fixados nas paredes. Os alunos puderam se fantasiar ou vestir blusa de cor preta. Os professores das diversas disciplinas e coordenação ajudaram na organização do evento. A escola toda esteve envolvida na festividade do Halloween.

Para a avaliação dos trabalhos de cada turma, a professora de inglês visitou cada sala e ouviu explanações sobre o tema que foi pesquisado. Após cada apresentação os alunos receberam uma espécie de brinde com bombons que representa uma tradição na festividade do Halloween.

A festividade iniciou com a apresentação das turmas do 6º anos que abordou a acerca do Halloween incluindo sua história, elementos, fantasias, comidas, bebidas, lendas, Halloween no Brasil e o dia do Saci. Após os alunos do 7º ano apresentaram sobre as lendas amazônicas tais como Iara, Saci, Boitatá, Matinta Perera, Cobra Grande, Curupira e Vitória Régia. As turmas do oitavo ano expuseram as lendas urbanas americanas e brasileiras, como Jack

O'lanter, Big Foot, A mulher do táxi, A loira do banheiro, dentre outras. A turma do nono ano trouxe a cultura Mexicana abordando o dia dos mortos (Dia de Los Muertos) com seus costumes, comida, vestimentas, personagens, tradição e história, fechado com apresentação de uma dança, fantasiados de Santa Muerte.

A importância desse tipo de festividade em uma escola estadual de ensino fundamental foi de levar maior conhecimento acerca da nossa cultura quando abordado as lendas amazônicas, a cultura norte-americana, no caso do Halloween, a cultura Mexicana, no caso do Dia dos Mortos, e entender que ocorre de diversas formas de manifestação populares, incluindo lendas, tradições, festejos e cultos a determinados seres. O entender a cultura do outro é essencial para que não ocorra a rejeição ou apossamento indevido. Quando temos o conhecimento científico acerca de culturas populares e levamos ao conhecimento para o âmbito escolar, podemos ajudar a formar cidadãos sem pré-conceitos e que saibam lidar com seus princípios, respeitando a cultura de outros povos e valorizar a sua própria cultura.

**Resultados e Discussão:**

Alguns aspectos importantes foram detectados durante a execução das atividades e no dia da festividade do Halloween nesta escola. Foram elencados três pontos relevantes ao estudo. O primeiro ponto foi em relação a não aceitação de participação de alguns alunos neste evento, percebeu-se um pré-conceito acerca desta festividade, e para solucionar esta situação, além de toda uma explicação da professora de inglês sobre o tema, também foram chamados os pais e reforçado como aconteceria este evento. A maioria dos alunos participou, sendo que uma pequena minoria não quis fazer parte do evento (cerca de 6 alunos do total). O segundo ponto foi em relação ao resultado do evento, o qual o objetivo foi alcançado, levar o conhecimento a todos os alunos daquela escola acerca dos temas do Halloween, Lendas Amazônicas, Lendas Urbanas e Dia dos Mortos. O terceiro e último ponto foi o reconhecimento do trabalho da professora de língua inglesa pela coordenação da escola, pais e principalmente dos alunos, os quais nunca tinham passado por uma experiência desta, pois só foi possível a realização deste evento devido à cooperação de toda a escola, e principalmente dos alunos.

Esta experiência resultou no aprendizado dos alunos de todas as séries, pois ocorreu um intercâmbio de informações acerca dos diversos temas abordados. Resultando na contribuição do conhecimento para os estudantes desta escola com as diversas culturas e seus costumes, incluindo festividades e tradições. Este intercâmbio de conhecimentos culturais entre os alunos é afirmado quando Cancline (2007, p.100) diz que os movimentos globalizadores tentam trazer ao conhecimento mundial o relativismo intelectual que tem por objetivo fazer com que as nações entendam que há existência de outras culturas e devem ser respeitadas e que ocorra a aceitação do outro, para que ocorra a existência mútua de culturas diferentes ao redor do mundo.

A partir desta festividade, a professora de língua inglesa, começou a reproduzir em outras escolas e cursos onde trabalhou, festividades semelhantes, sempre trazendo além da cultura americana, as culturas locais e de outros países. Ocorrendo assim uma festividade do Halloween híbrida.

De acordo com Richard (2003), o aluno pode obter um poder intelectual que o faz ir além do que ele conhece sobre outra cultura, neste caso a língua inglesa. Conclui-se que ao aproximar o aluno de outra cultura de uma forma prática, por exemplo, uma festividade do Halloween, faz com que este obtenha maior entendimento e busque mais informações e esclarecimentos desta e de outras culturas.

**Considerações Finais**

Ao finalizar este estudo pontuam-se algumas conclusões relacionadas ao relato de experiência e o ensino da língua inglesa em escolas. Ao apresentar este relato de experiência acerca da festividade do Halloween nesta escola pública de ensino fundamental II, nota-se como um professor desta disciplina pode fazer com que o aluno se envolva nas aulas e desperte curiosidade acerca da cultura do outro, neste caso a cultura norte-americana, pois ao vivenciar um evento que é considerado um dos mais populares dos Estados Unidos, segundo Jesus (2007), uma realidade bem diferente destes, acrescenta grandes conhecimentos acerca de diversas culturas, mas também a importância de entender e estudar a própria cultura, fazendo com que haja uma adaptação do que vem de fora com os próprios costumes. A festividade do Halloween em

nossa atual conjuntura é crescente em escolas de públicas e privadas de ensino laico, pois o ensino da língua inglesa traz consigo sua carga cultural, com o objetivo de fazer com que o aluno seja envolvido e se sinta mais próximo da realidade para o aprendizado de uma língua estrangeira e seus costumes.

Este relato de experiência pode ser algo a ser inspirado e recomendado a todos aos profissionais da área de ensino de línguas, em especial a língua inglesa, pois ao abranger a festividade do Halloween com outras culturas, ocorre um grande intercâmbio de conhecimentos para o aluno e desperta o desejo de conhecer mais acerca das diversas culturas existentes ao redor do mundo.

**REFERÊNCIAS**

- BENGUÍ. Site do Governo do Estado do Pará. Disponível em:

<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bengui.htm>Acesso em: 05 ago. 2021.

- BENGUÍ. Romanews. Disponível em: <https://www.romanews.com.br/cidade/internauta-usa-o-twitter-para-contar-a-origem-do-nome-de-bairros-de/93597/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

- CANCLINE, Nestor Garcia. **A Globalização Imaginada.** São Paulo: Illuminuras, 2007.

- CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas.** 7. ed.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

- DION, Sylvie. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural.** Boitatá, Londrina, número 6, ago – dez de 2008.

- FRUGOLI, Ricardo; REJOWSKI, Mirian; COBUCI, Leila. **Dia dos mortos no México: comemoração, comensalidade e espetacularização.** In X Fórum internacional de turismo do Iguassu 15 a 17 de junho de 2016. Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um Projeto de Pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- JESUS, João Jacinto do A. de. **A carnavalização das comemorações do Halloween em uma comunidade escolar segundo a percepção dos seus participantes.** Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzi, 2007.

- LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.** 4. ed. Belém, Pa: Cultura, 2015.

- NEVES, Daniel. **HALLOWEEN.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/halloween>. Acesso em: 05 ago. 2021.

- RICHARDS, Jack C. **Planejamento de Metas e Objetivos em Programas de Idiomas.** 1. ed. São Paulo: SBS - Special Book Services Livraria, 2003.

# A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS[135]

## THE CARNIVAL PARTY IN SÃO LUÍS AND THE TRADITIONAL BLOCKS

## LA FIESTA DEL CARNAVAL DE SÃO LUÍS Y LOS BLOQUES TRADICIONALES

Euclides Barbosa Moreira Neto[136]

**RESUMO**

Reflexão sobre as adequações da festa carnavalesca na virada do Século XIX para o Século XX, a partir do comportamento dos centros hegemônicos de cultura momesca e do desenvolvimento da manifestação cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs), numa tentativa de melhor compreender a atuação desses grupos enquanto fenômenos de sociabilidade da região metropolitana da capital maranhense. Discorre-se como foi naturalizada e hibridizada a manifestação carnavalesca em nosso país e como se processou a adequação dessa festa, verificando-se que “em 1890, a república estava recém-proclamada, procurando firmar-se politicamente por todo o país, provocando tentativas de golpes e revoltas nas antigas províncias”, por isso, “era preciso reforçar o poder executivo, na figura do Governador estadual, o que acabou possibilitando a formação das oligarquias regionais que dominavam o poder político por longo tempo”, fato que também foi assimilado pela cultura carnavalesca.

**Palavras-chave:** Blocos Tradicionais do Maranhão; Carnaval; Cultura popular; Hibridização cultural; São Luís.

**ABSTRACT**

Reflection on the adaptations of the carnival party at the turn of the 19th century to the 20th century, based on the behavior of hegemonic centers of Momesca culture and the development of the cultural manifestation Traditional Blocks of Maranhão (BTMs), in an attempt to better understand the performance of these

[135] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho “Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência” do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[136] Mestre em Comunicação (MINTER:UFF/UFMA/UNIVIMA); doutorando no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA); Email: euclidesbmn@gmail.com; Orcid: http://lattes.cnpq.br/1050807927658848

groups as sociability phenomena in the metropolitan region of the capital of Maranhão. It discusses how the carnival demonstration was naturalized and hybridized in our country and how the adequacy of this festival was processed, noting that “in 1890, the republic was newly proclaimed, seeking to establish itself politically throughout the country, provoking attempts of coups and revolts in the former provinces", therefore, "it was necessary to strengthen the executive power, in the figure of the state Governor, which ended up enabling the formation of regional oligarchies that dominated political power for a long time", a fact that was also assimilated by carnival culture.

**Keywords:** Traditional blocks from Maranhão; Carnival; Popular culture; Cultural Hybridization; St. Louis.

## RESUMEN

Reflexión sobre las adaptaciones de la fiesta de carnaval de finales del siglo XIX al siglo XX, basada en el comportamiento de los centros hegemónicos de la cultura Momesca y el desarrollo de la manifestación cultural Bloques Tradicionales de Maranhão (BTM), en un intento comprender mejor el desempeño de estos grupos como fenómenos de sociabilidad en la región metropolitana de la capital de Maranhão. Se analiza cómo se naturalizó e hibridó la manifestación carnavalera en nuestro país y cómo se procesó la adecuación de esta fiesta, señalando que “en 1890, se proclamó de nuevo la república, buscando afianzarse políticamente en todo el país, provocando intentos de golpes de Estado y revueltas en las antiguas provincias ", por lo tanto, era necesario fortalecer el poder ejecutivo, en la figura del gobernador del estado, lo que terminó por posibilitar la formación de oligarquías regionales que dominaron el poder político durante mucho tiempo", hecho que también fue asimilado por la cultura del carnaval.

**Palabras llave:** Carnaval; Cultura popular; Cuadras tradicionales de Maranhão; Hibridación cultural; San Luís.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tenta compreender como foram assimiladas as hibridizações[137] da manifestação carnavalesca no Brasil na virada dos séculos

[137] O conceito foi introduzido pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini em 1990. Aparece, pela primeira vez, em sua obra intitulada *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Cultura é o conjunto de crenças, tradições, arte, linguagem e hábitos que os grupos sociais adotam.

XIX e XX, época em que se registravam grandes transformações provocadas pela recém-criada República brasileira, assim, observa-se neste contexto as diversas adequações processadas por parte da população mais abastada da sociedade, assim como dos setores populacionais mais pobres. Esclarecendo que este estudo integra a tese doutoral sobre as "Inovações e Práticas dos Blocos Tradicionais do Maranhão", em construção, que tem por objetivo compreender a dinâmica cultural dos BTMs em relação às suas fissuras, intersecções e essencializações, diante das especulações. contemporâneas do meio técnico e informacional que tem impactado na sua produção cultural, mas também, nos processos históricos de sua realização, o que pode estar reorientando sua condição inerente à criação de vínculos afetivos, suas sociabilidades e socialidades, sua produção de sentidos, suas narrativas sobre identidade, seus saberes e suas maneiras de fazer, e a sua condição ritual festiva.

Sobre como se processou a adequação das festas carnavalescas em São Luís do Maranhão na virada do século XIX para o século XX, a análise de Antônio Ferreira (1998) nos dá uma ideia de como a festa carnavalesca foi mensurada pela sociedade brasileira, ao afirmar que "em 1890, a república estava recém-proclamada, procurando firmar-se politicamente por todo o país. Tentativas de golpes e revoltas explodiam a cada momento nas antigas províncias" (FERREIRA, 1998, p. 22), por isso, segundo esse investigador, "era preciso reforçar o poder executivo, na figura do Governador estadual, o que acabou possibilitando a formação das oligarquias políticas, que dominavam o poder por longo tempo".

Ferreira (1998), fazendo um paralelo à atividade econômica da região, ressalta ainda que é nesse período (final do século XIX) que o Maranhão recebeu alguns investimentos industriais importantes, "no ramo têxtil (nas cidades), e, mais tarde, no beneficiamento da amêndoa de babaçu (no campo), uma riqueza nativa" (FERREIRA, 1998, p. 22). Esses investimentos não se mostraram eficientes, segundo Ferreira, pois os mesmos foram decaindo ao longo dos anos, todavia, até a metade do século XX, a cidade ainda vivia sob a influência desse progresso industrial.

Revendo esse período de progresso mediado pela indústria, pode-se deduzir daí o início de uma readequação da vida urbana e uma espécie de reestruturação da cidade e da população, composta agora de operários, da nova burguesia empresarial, de uma classe política centrada na oligarquia e de um clero ainda muito forte. Com estas informações, tenta-se perceber como se divertiam, observavam, criticavam e olhavam o carnaval, no qual se insere o foco desta investigação – os BTMs.

As passeatas dos clubes e das sociedades carnavalescas já eram registradas em São Luís desde o ano de 1890, Ferreira (1998), a exemplo do que já se fazia no Rio de Janeiro e Lisboa. São Luís reproduzia em uma velocidade muito curta o que acontecia na capital federal, na época, o Rio de Janeiro. Exemplificando essa assertiva, o Clube Fenianos do Norte, homônimo do Clube Fenianos do Rio de Janeiro, realiza, em 1890, um “passeio” no modelo de cortejo ou corso no carnaval da cidade de São Luís.

Na literatura carnavalesca, parte significativa dos autores menciona o entrudo como uma brincadeira que consistia basicamente em uma festa de mela-mela. No início, os dominantes brincavam juntos com os subalternos, mas, a conotação violenta adquirida ao longo do tempo afastou essa parcela abastada do ritual festivo. Assim, o entrudo consolidou-se mesmo entre os escravos e os pobres. Por outro lado, a elite e os mais abastados da sociedade procuraram implementar outra maneira de curtir a festa carnavalesca, em espaços mais adequados, segundo suas concepções.

## HIBRIDIZAÇÕES DA FESTA CARNAVALESCA

Alguns cronistas do século XIX relatam, em suas produções, que os folguedos ou brincadeiras, como o entrudo, “surgidos por influência do processo de colonização” são citados e relatados como “folguedos carnavalescos dos mais primitivos da cidade”, como cita Martins (l998a), na obra “Carnaval de São Luís, diversidade e tradição”. Nessa obra, o autor afirma ainda que essas brincadeiras eram manifestações africanas “transplantadas para o território brasileiro” (MARTINS, 1998a, P. 14), estando, a princípio, vinculadas ao

calendário religioso católico, mas, ocasionalmente, já extrapolavam essas funções.

Assim, o entrudo se constitui popular, atuando nos subúrbios e nas áreas marginais das cidades. De acordo com Araújo (1996a), aos poucos, com o surgimento da classe operária nas grandes cidades e o incremento da classe média, as festas se confundiram e o campo do Carnaval começou a se estruturar com novas formulações, adequando-se às novidades que o mercado sinalizava como prática lúdica e comercial, em especial ao modelo originado do continente europeu e dos centros difusores do país.

Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, as festas passaram a ser subsidiadas pelo Estado, o que possibilitou a sua manutenção até hoje. Mas, nas cidades nordestinas, a crise provocada pela crescente concorrência internacional que sofria o açúcar (seu principal produto de exportação) fez com que se procurassem formas menos dispendiosas (e mais exclusivas) da festa. Não só a concorrência internacional prejudicou as exportações nordestinas, a infraestrutura com a falta de estradas, portos deficientes, energia elétrica sem condições de atender a demanda foram cruciais para o declínio que estava por vir. Esse quadro fez com que os investidores voltassem seus olhos para as regiões sul e sudeste do país, desativando muitas empresas na região nordestina.

Na transição para o século XX, no momento em que as sociedades carnavalescas das camadas dominantes e médias saíam às ruas sem máscaras e em guerras de purpurina, confetes e lança-perfume, surgiram novos atores no Carnaval chamado popular. Grupos de amigos, parentes ou vizinhos, assim como associações de classe e irmandades religiosas se estruturavam em organizações civis para ornamentar as ruas, confeccionar alegorias e desfilar no Carnaval ou em bandas para se apresentarem nas praças e nas demais festas.

Segundo Araújo (1996a), essas organizações já apareciam razoavelmente estruturadas, igualmente constituídas e com um corpo de integrantes que se mantinha durante todo o ano, e não só na época do Carnaval. Havia desde presidentes, diretores, secretários, conselhos fiscais, eleitos anualmente, até integrantes fixos e honorários, zeladores, tesoureiros e

ensaístas, entre outros, mas predominava a racionalidade substantiva nessas organizações.

Principalmente na classe dominante, as sociedades e outros grupos comunitários começam a se estruturar legalmente para poderem se caracterizar como agente social formal, inclusive ter patrimônio, sede própria ou sede social para a realização de eventos de entretenimento e lazer. Havia projetos de beneficência e de ajuda aos sócios em dificuldades. O Carnaval ganhava significado para o povo por remontar às relações cotidianas do trabalho e dos bairros.

De acordo com Eugênio Araújo (2014c), a exceção de forma de organização são os grupos vinculados às camadas mais pobres da população por absoluta falta de conhecimento de seus líderes e gestores, pois, se por um lado havia a disponibilidade para se organizar um grupo classificado como entrudo de maneira voluntária e rápida para sair às ruas e brincar, de outro, faltava o aporte financeiro e conhecimento legal para fazer o grupo existir enquanto agente social formalmente constituído, fato que era recorrente e repetido em quase todas as outras manifestações de origem subalterna.

Os organizadores tinham noção do que queriam e apadrinhavam os grupos e assim se levava a manifestação ao longo dos anos. A festa do Carnaval torna-se símbolo da nacionalidade brasileira. Uma parte dos poderosos voltou então aos salões, enquanto outra parte continuou desfilando nas sociedades carnavalescas, cada vez mais estruturadas, longe dos subúrbios e do olhar das camadas subalternas.

Nessa conjuntura de transformação e de definição, uma forma dialética de convivência da burguesia com a camada popular, ou seja, a massa proletária e pobre da cidade de São Luís, a classe média e parte da elite que apreciava a festa carnavalesca começam a formar suas “patotas”[138], dessa maneira, grupos específicos de pessoas amigas ou ligadas por laços de parentesco, quase sempre eram estruturados ao nível familiar, pois essa parcela dominante evitava

[138] Entenda por “patota” grupos de amigos e/ou familiares para desenvolver relacionamentos interpessoais em qualquer ramo da atividade humana, no caso desta investigação, um grupo para curtir e brincar o carnaval à moda ludovicense.

se misturar aos estamentos inferiores da sociedade (os pobres, negros, analfabetos, desempregados, etc.). Era uma forma velada de segregação.

Os criadores dessas iniciativas desenvolviam no núcleo familiar, de forma restrita, suas atividades de lazer e entretenimento de maneira produzida à moda da época. Em muitos casos eram organizados almoços ou jantares, ou lanches para os participantes, que eram servidos antes, durante ou depois dos eventos. Dessa forma, as famílias abastadas estavam livres de inconvenientes e da agressividade que ocorriam corriqueiramente nas manifestações classificadas de populares.

A constância desses eventos no meio social de São Luís fez surgir vários grupos denominados de blocos ou cordões para se diferenciarem dos “entrudos” populares, feios, agressivos, mal trajados e sujos. Por outro lado, os blocos familiares estavam blindados: os participantes eram todos conhecidos ou quando muito convidados de algum membro familiar, assim, os integrantes dos blocos ou cordões estavam entre parentes, no espaço privado de uma mansão ou sítio familiar, com a produção visual e musical previamente escolhida. Segundo Martins (2000b), nessa época, tocava-se de tudo, pois o samba ainda não estava popularizado.

Uma prática começou a ser disseminada entre os integrantes da burguesia ludovicense, pois as famílias mais extrovertidas começam a se visitar mutuamente, ou seja, esse ato de visitar possibilitou a criação de um hábito saudável e inovador, pois a produção da festa deixa de ser exercida só no limite espacial da família para conquistar novos espaços de relacionamento, seja por boa educação, ou reciprocidade.

Conforme Silva (2015), assim implanta-se no meio social da capital maranhense uma prática considerada inovadora em que as famílias iniciam uma competição tácita entre si para saber quem melhor recebia e quem melhor produzia seu ato festivo ou sua prática festiva. O importante era que esses eventos fossem bons para todas as partes. Com o passar do tempo, alguns desses encontros ganharam mais notoriedade que outros e a realização de algumas festas era ansiosamente aguardada.

Noutra vertente, havia aqueles eventos ou encontros sem maiores cuidados, mas que reuniam a cumplicidade e parceria de seus integrantes para produzir bons momentos. A esses encontros, sem maiores compromissos, foi atribuído o nome de “assalto”, ou “assalto carnavalesco”. Esses “assaltos carnavalescos” eram caracterizados pela visita de um grupo familiar ou não, pois só poderiam participar dos mesmos, pessoas amigas e que fossem bem-vindas à casa de uma determinada família.

Padilha (2014) lembra que, sem dúvida, esta prática, que também pode ser vista como segregadora por afastar os membros familiares de núcleos abastados e que tivessem algum prestígio no meio social das camadas pobres e menos favorecidas da sociedade, causava certo desconforto naqueles que se classificavam como defensores de uma convivência mais igualitária entre as camadas sociais; por outro lado, nos “assaltos carnavalescos” fica claro que seus integrantes, pela convivência diária, sabiam que podiam invadir a residência de alguém conhecido sem causar grandes constrangimentos.

A convivência familiar e as relações de amizade davam aos participantes dos assaltos “carta-branca” para invadirem, no bom sentido, a casa de um amigo. Feita a invasão, a festa começava. Às vezes, o “assalto carnavalesco”, por pegar de surpresa o dono ou dona da casa, não encontrava nada preparado, então a produção era iniciada naquele momento; ou parte da brincadeira já estava previamente produzida pelos integrantes do grupo organizador. O importante nesses momentos era obter a permissão do alvo escolhido para realização da confraternização, que pode ser traduzida por festa carnavalesca.

Nessa contextualização de relacionamento social, os grupos familiares mais organizados sentiram necessidade de realizar novas formas de curtição da festa carnavalesca que os unissem e os tornassem diferenciados dos entrudos das camadas mais pobres da população. Foi assim que surgiram os primeiros blocos tradicionais, que, inicialmente, ficaram conhecidos pelo nome de blocos de tambor grande e por usarem fantasias inspiradas em figuras consideradas tradicionais do carnaval veneziano: *pierrots, colombinas e arlequins.*

Em entrevista gravada no dia 30 de outubro de 2015, Paulo Salaia, coordenador do BTM “Os Feras”, destaca que os tambores grandes eram

instrumentos pesados feitos de compensado, com mais 1 metro de comprimento por aproximadamente 80 cm de largura, cobertos com pele de bode, carneiro ou veado, que emitiam um som percussivo muito alto, os quais, interagindo com outros instrumentos também percussivos, como contraponto harmônico, emitiam uma batucada singular e única, diferenciada, que permitia que fossem cantadas músicas de vários estilos.

Nessa fase inicial dos BTMs, quando os seus instrumentos eram cobertos com pele de animal, a afinação dos mesmos era obtida com fogo, por meio do aquecimento das peles. Essa novidade agradou tanto os apreciadores da folia, que logo outros grupos organizados no âmbito familiar começaram a se reproduzir para participar da festa. Quanto mais organizados e mais ensaiados fossem, mais legitimidade e mais repercussão os blocos tinham.

A prática tornou-se naturalizada no meio social ludovicense e a cada ano os grupos ensaiavam mais, esmeravam-se mais na escolha de um repertório eclético e diversificado com o objetivo de agradar o seu público-alvo, inseriram fantasias inspiradas nas figuras tradicionais do carnaval veneziano (*Pierrots*, *Arlequins e Colombinas*), sem nunca esquecer a máscara, ou, quando essa não existia, utilizava-se o recurso de pintar o rosto.

Com o passar do tempo, essa forma de brincar o carnaval – que era preferencialmente praticada no espaço territorial das famílias envolvidas - deu aos participantes dos blocos de tambor grande o desejo de ir para a rua e outros locais públicos, pois o divertimento ocorrendo só no âmbito do espaço territorial familiar era muito pouco, considerando que os praticantes queriam ampliar o esforço de ter feito uma boa produção, conquistando novas plateias.

Eles queriam se mostrar e demonstrar como tocavam, além de exibir suas fantasias e o desempenho cênico, afinal os grupos estavam se aperfeiçoando e a curiosidade de parentes e simpatizantes, além do público leigo, os convidavam para uma “batalha de alegria”, no mundo exterior, nas ruas e praças da cidade, movida a confetes, serpentina, lança perfume e talco (uma espécie de pó branco perfumado).

Quase sempre a organização dos blocos de tambor grande era de responsabilidade do patriarca da família, pois havia despesas que deveriam ser

custeadas, então o sacrifício de bancar essas despesas era dos detentores, de quem tinha recursos financeiros, ou seja, do chefe da família, que muitas das vezes era comerciante, empresário, ou empregado bem-sucedido de alguma organização pública ou privada da localidade.

Nessa época, brincava-se em família e entre os amigos do mesmo campo social. É verdade, sem cordas ou barreiras físicas que impedissem a evolução dos participantes, pois, a rigor, todos eram conhecidos, mas com a barreira separatista do nível socioeconômico e da segregação. A iniciativa da classe média e elitista ludovicense de brincar e curtir o carnaval ganha o gosto da população abastada de uma sociedade que ainda está em construção.

Araújo (2008b) sublinha que, na década de 1920, essa forma de curtição também já podia ser percebida nas notícias e comentários de cronistas publicados nos jornais da época, como nos fragmentos que serão recortados mais à frente. Vale lembrar que essas citações nos jornais e revistas da época só foram possíveis, porque se tratava de manifestações da classe média e da elite, pois as notícias da folia dos pobres eram quase nulas, a não ser quando eram alvo de críticas ou notas policiais sobre mortes ou violências.

Com apoio na assertiva de que a maneira inicial que permitiu o surgimento dos blocos de tambor grande - que muito mais tarde passaram a ser nomeados de Blocos Tradicionais – percebe-se que houve uma tímida tentativa de organização, mesmo que familiar, acrescentando uma característica inovadora, minimamente estruturada e com regras próprias, a partir do início do séc. XX, mais ou menos, com o surgimento das primeiras organizações carnavalescas. Segundo Araújo (2008b), uma das regras principais do campo, nesse período, era a lógica do desinteresse, pelo menos aparente, que dava suporte ao caráter lúdico e agregador da festa.

Provocado por essa maneira de execução da forma ritualística de fazer o carnaval, corrobora-se o que afirma DaMatta (1990), citado por Araújo (2014c, p. 124), ao analisar o contraste entre rigidez e relaxamento entre as manifestações culturais, quando, por um lado, diz que “mesmo dentro da rigidez prescrita, o apelo estético é explorado também pelos desfiles militares e procissões, visto que nas paradas há uniformes especiais para serem usados nestas ocasiões

[…]" (ARAÚJO, 2014c, P. 124); enquanto, por outro lado, "nas procissões, o brilho das lanternas, a nuvem dos incensos, a variedade das indumentárias eclesiásticas multicolores bordadas, dos andores floridos, etc., tudo isso aproxima estes ritos com a base comum da sedução visual" (ARAÚJO, 2014c, p. 124). Simplificando, todos os grupos e manifestações têm, no mínimo, uma preocupação com o desenvolvimento estético.

## O FENÔMENO DOS BLOCOS TRADICIONAIS

No caso específico do BTM, o aspecto político emerge como um ícone, por meio da ação do Estado – que tentou engessar os gestores e os grupos com uma política viciada na dependência provinciana (para alguns ainda coloniais) de ficar aprisionado a favores e "ajudas financeiras" disponibilizadas somente nas vésperas do período de comemoração do ciclo carnavalesco propriamente dito - e essa ideia foi absorvida por parte da sociedade, da imprensa, dos "brincantes", que, por sua vez, dão a sua contribuição para a efetivação do fenômeno.

Mesmo que esse folguedo tenha resistido durante muitas décadas, ora com mais visibilidade, ora meio esquecido, não teria sido um inteligente mecanismo de legitimação do poder o uso do folguedo como símbolo significativo da cultura maranhense? Não estaria o Estado assumindo o controle da cultura, em forma disfarçada de estímulo, de uma manifestação notadamente popular e com ressonância em várias regiões do país? Para elucidar essa questão sobre a manipulação simbólica do BTM, vale lembrar o que diz Bourdieu (2011) quando afirma:

> (...) a procura dos critérios "objetivos" de identidade "regional" ou "étnica" não deve fazer esquecer que na prática social estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou sotaque) são objetos de representações mentais, quer dizer de atos de percepção e de apreciação, de conhecimentos e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetais, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 2011, p. 112).

Vale ressaltar que, no caso do BTM, que surge com a cumplicidade da elite pensante maranhense, em uma rota diferenciada de outros folguedos, a exemplo do “bumba meu boi” e do “tambor de crioula”, tornando-se um dos maiores símbolos da cultura local, não se pode deixar de considerar as ideias de Hobsbawm (1997) quando defende que as tradições inventadas pelas elites dominantes têm objetivos que justificam a sua própria existência, legitimação e pretensa importância:

> Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma relação ao passado (HOBSBAWM,(1997, p. 9).

Assunção (2008) diz que existe algum risco em assumir que os grupos de cultura popular, como, por exemplo, o grupo de BTM, são uma mistura das três raças e questiona a classificação em "negro, indígena e branco":

> Na minha opinião, essa tentativa de racializar todos os elementos da cultura popular podem levar a sérios impasses, devido à artificialidade do conceito de raça. Para começar, as raízes são mais diversas que esse mágico número três. (...) Elementos da cultura árabe e islâmica assim como das culturas regionais do Maghreb influenciaram tanto os Portugueses quantos os povos ao sul do Sahara, e acabaram chegando ao Maranhão. Porque radicalizar, então, manifestações quando nem os próprios atores o fazem de maneira sistemática? ” (ASSUNÇÃO, 2008, p. 5).

Fazer a identificação baseada no conceito de raça ou etnia é desconhecer que é impossível estabelecer categorias fixas e cerradas para a definição de grupos humanos, uma vez que a condição do "humano" é dinâmica permanentemente sujeita a mudança que ela própria gera. Como Lévi-Strauss já o anunciava:

> Durante todo o século XIX e a primeira metade do século XX, perguntou-se se a raça influenciava a cultura e de que maneira. Depois de se ter constatado que o problema assim colocado era insolúvel, percebe-se agora que as coisas se passam no outro sentido. São as formas de cultura que adotam aqui e ali os homens, as suas formas de viver passadas e presentes, que

> determinam numa larga medida o ritmo e a orientação de sua evolução biológica. Longe de ser preciso perguntar se a cultura é ou não função da raça, descobrimos que a raça – ou aquilo que se entende em geral por este termo impróprio – é uma função entre outras da cultura" (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 152).

Em um mundo globalizado fica cada vez mais difícil mapear as etnias, pois elas se apresentam de forma fragmentada e em constante mutação:

> Ademais, nos dias atuais, buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por longo tempo" (BAUMAN, 2004, p. 32).

Diante da banalização do *status* de "Atenas brasileira", atribuído à capital maranhense, e que foi símbolo da sua identidade por longo período no decorrer dos séculos XIX e XX (quando os patriarcas de muitas famílias mandavam seus filhos estudar ou se aperfeiçoar profissionalmente na Europa - especialmente na França e em Portugal), por que a cultura popular foi então escolhida para reverter, por meios de valores simbólicos, a imagem quase neutralizada de um passado glorioso*?*

Uma das justificativas para essa escolha seria a de que a cultura popular apresentava uma característica que, para as instituições maranhenses, representava uma garantia de consenso: a permanência do acontecimento cultural pelo menos desde o início do século passado. No que concerne ao BTM, acredita-se que a sua vigência se prende ao fato de este ser um grupo relativamente pequeno, fechado e com forte vínculo familiar, o que possibilita o controle pelo seu organizador e faz com que se evitem situações de descontrole por parte dos participantes.

O perfil de permanência é frequentemente repiscado ou realimentado como forma de servir de parâmetro quer pelos indivíduos, quer pelas instituições, em uma tentativa de justificar o presente pela existência de um passado. Como refere Estevão Martins, a "articulação entre passado, presente e futuro, constante nas interpretações de todos os processos temporais, é decisiva para a definição de uma identidade, ou na realidade empírica das identidades tradicionais (...)" (MARTINS, 2007c, p. 33).

Relativamente a essa questão, o investigador Padilha (2014) evidencia que a maioria dos discursos dos autores se baseia, fundamentalmente, nos fatores expressos para lá da música. Os argumentos recaem sempre em aspectos sociais, despromovendo o fato de os grupos de “bumba meu boi” e os de BTMs terem identidade própria pela música que tocam ou pela força coreográfica que representam, que lhes permitem, efetivamente, comunicar.

Precede-se ao início da análise propriamente dita dos resultados, uma comparação de como está sendo a participação de grupos BTMs no carnaval de São Luís, a partir das comemorações do quarto centenário do aniversário da capital maranhense, comemorado em 2012. Esta data é emblemática porque todos os grupos que desfilaram em São Luís naquele ano escolheram como tema algum aspecto relacionado à história passada ou ao tempo presente dessa cidade, o que foi considerado um momento muito significativo, pois houve interação entre os atores envolvidos, com o intuito de prestar homenagem à sua terra natal.

Apesar do tema desenvolvido por todos os grupos participantes do carnaval 2012 ter sido a cidade de São Luís, a comparação desta investigação se limitará à categoria BTM, objeto desta investigação: 48 grupos de BTMss desfilaram naquela temporada, sendo 24 BTMs no grupo B; 22 BTMs no grupo A; e 2 grupos de BTMs desfilaram sem concorrer. Estes números sinalizam que todos os grupos em atividade naquele momento estiveram presentes na passarela do samba, o principal palco para as manifestações carnavalescas, considerado vital para sua manutenção e expansão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a prática carnavalesca em São Luís do Maranhão sofreu significativa adequação, desde o momento em que a República fora proclamada no Brasil, no final do século XIX, ocorrendo naturalizações e hibridizações nas ações, hábitos e crenças das manifestações sociais e culturais locais as quais foram afetadas progressivamente de forma contudente, conforme relata Canclini (1997) na sua obra "Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade".

A rigor, o país sofreu uma espécie de ebulição social, política e cultural, adequando suas formas de sociabilidade, a exemplo de como a elite maranhense desenvolveu as práticas recreativas para preservar suas maneiras de curtir o período carnavalesco. E, progressivamente implementou as fórmulas importadas do continente europeu, criando à nível local, a partir do final dos anos da década de 1920, atividades de visitações, entre as famílias abastadas da época, conhecidas por "assaltos carnavalescos", que nada mais eram que uma espécie de segregação, para não deixar as manifestações de origem humilde e o povo pobre da periferia se misturar com a classe mais abastada do espaço urbano de São Luís: assim surgem os Blocos Tradicionais do Maranhão.

Esses grupos de BTMs, a exemplo do Carnaval local também sofreram hibridizações e naturalizações. Atualmente, eles são organizados principalmente pelas populações pobres e de classe média da cidade, conservando sua sonoridade única e esmerando-se, cada vez mais, no visual lúdico e luxuoso de suas fantasias, inspiradas em temas específicos, escolhidos a cada temporada do ciclo carnavalesco local, apesar das dificuldades financeiras que prejudicam todos os grupos e manifestações culturais da região e do Brasil.

Pode-se afirmar, ainda, que os BTMs, atualmente, são os grupos culturais maranhenses que melhor representam sua identidade cultural, pois os mesmos adquiriram legitimidade e reconhecimento de toda a sociedade local. Com relação a questão política, pode-se afirmar que desde 2013, ano da mudança da gestão municipal da capital maranhense, os concursos não foram realizados causando uma crise sem precedentes e tendo como consequência a desativação de vários grupos culturais, envolvendo todas as categorias de manifestações culturais que participavam da festa carnavalesca. Dessa maneira, no período de 2013-2020 houve uma diminuição significativa de grupos desfilando nos concursos oficiais promovidos pelo poder público municipal. Merece ser destacado que no período citado 2013-2020, a cidade de São Luís foi gerenciada por um Prefeito que professa a religião evangélica e sequer ele compareceu nas atividades dos festejos carnavalescos, dando margem ao surgimento de muitas críticas por quem aprecia e gerencia grupos culturais de origem popular.

**REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, E. **Sufocação de Azulejo:** Reflexões sobre a dinâmica cultural em São Luís**.** São Paulo, 2014c.

ARAÚJO, E. **Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro.** 2008. Tese (Doutorado) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008b.

ARAÚJO, R. C. B. **Festas: Máscaras do tempo:** entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife**.** Recife, Brasil: Fundação de Cultura Cidade do Recife.1996a.

ASSUNÇÃO, M. R. **A formação da cultura maranhense*:*** algumas reflexões preliminares. São Luís, Brasil: CMF – Boletim 14, 2008.

BAUMAN, Z. **A vida fragmentada:** ensaios sobre a moral, pós-moderna. Rio de Janeiro, Brasil: Relógio D'Água Editores, 1995.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade.

São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,1997.

DAMATTA, R. **Carnaval, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

FERREIRA, A. E. A. **Brincadeiras Dramáticas e o Samba no Carnaval de São Luís – De 1890 a 1950**. 1988. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Antropologia da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Antropologia Face aos Problemas do Mundo Moderno.** Maia, Portugal: Círculo de Leitores, 2012.

MARTINS, S. **Axé, babau! Revista Veja.** Rio de Janeiro, 2000b.

MARTINS, E. C. R. **Cultura e Poder.** São Paulo, Brasil: Editora Saraiva, 2007c.

MARTINS, A. **Carnaval de São Luís:** diversidade e tradição. São Luís, Brasil: SNALUIZ, Brasil: Editora Nelpa, 1998a.

PADILHA, A. F. **A Construção Ilusória da Realidade, Ressignificação e Recontextualização do Bumba Meu Boi do Maranhão a partir da música.** 2015**.** Tese. (Doutorado) - Universidade de Aveiro, 2015.

SILVA, F. H. M. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás:** permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996). São Luís: Editora UEMA, 2015.

**ST 6 - UM POUCODE AR, SENÃO SUFOCO:ESTRATÉGIAS DA ARTE CONTRA A ASFIXIA DA NECROPOLÍTICA COTIDIANA**

***COORDENADORES***

Prof. Dr. Jorge Eiró (Universidade da Amazônia)
Profa. Dra. Márcia Nunes (Universidade da Amazônia)
Prof. Dr. Mariano Klautau Filho (Universidade da Amazônia)

***ALUNOS DE APOIO***

Ingrid Mendes – (Mestranda PPGCLC/UNAMA)
Ma. Amanda Botelho – (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Kyria Monteiro – (Mestranda PPGCLC/UNAMA)

***EMENTA***

Este simpósio temático propõe reflexões a partir dos campos da imagem, arte e arquitetura que discutam os complexos dilemas contemporâneos no sentido de contribuir na formulação de estratégias e proposições de enfrentamento e superação das asfixias do poder, identificadas atualmente como um sistema no qual reina a necropolítica. Termo cunhado pelo filósofo camaronês Achile Mbembe, a partir de um diálogo crítico com o conceito de biopolítica de Michel Foucault, necropolítica é um conjunto de valores que molda as instituições e a vida política para determinar a morte de uns e a vida de outros na experiência social cotidiana. A arte como resistência, o espaço urbano como experiência política e o enfrentamento do debate crítico sobre a imagem em tempos virtuais tem respondido de modo enfático frente às distopias do contexto brasileiro. Desse modo, propomos que o lugar da arte e da cidade, em suas mais variadas expressões e linguagens, deve resistir à banalidade da morte. E por fim, sob a inspiração de Gilles Deleuze (“um pouco de possível, senão sufoco”, sobre o Maio de 1968), é imperativo exigir: um pouco de ar, senão sufoco.

# A EXPRESSÃO DA NECROPOLÍTICA NA ARTE: DEBATENDO CONCEITOS[139]

# THE EXPRESSION OF NECROPOLITICS IN ART: DISCUSSING THE CONCEPTS.

# LA EXPRESIÓN DE LA NECROPOLÍTICA EM EL ARTE: DEBATIENDO LOS CONCEPTOS.

Amanda Botelho[140]
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[141]

**RESUMO**

Este artigo é um recorte da pesquisa de Doutorado em andamento, cujo a temática abrange as representações estéticas do morrer e da morte no Cemitério de Santa Izabel, em Belém-Pará. As artes sempre representaram as relações humanas, os processos históricos e as críticas da sociedade. Diante disso, seria inevitável que as expressões artísticas não tivessem a morte no seu panorama, visto que está se enquadra como a única certeza humana. Mediante as disputas de poder que geram consequências muitas vezes fatais, a necropolítica anda alinhada com as dinâmicas que a morte e morrer envolvem. O trabalho a seguir tem como objetivo identificar o papel fundamental das artes em retratar a necropolítica em diversos momentos da humanidade. Quanto aos procedimentos metodológicos, foi utilizado a pesquisa bibliográfica. Conclui-se com este trabalho que as produções artísticas têm um papel documental quanto aos processos de soberania e tirania vivenciado pelas sociedades em diversos períodos históricos.

**Palavras-chave**: Necropolítica; Expressão Artística; Morte; Imagens.

**ABSTRACT**

This article is an excerpt from the ongoing PhD research, whose theme covers the aesthetic representations of dying and death in the Santa Izabel Cemetery, in Belém-Pará. The arts have always represented human relationships, historical processes and society's criticisms. Given this, it would be inevitable that artistic expressions did not have death in their panorama, since it is the only human certainty. Through power struggles that generate often fatal consequences, necropolitics has been aligned with the dynamics involved in death and dying.

---

[139] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 6- Um pouco de ar, senão sufoco: estratégias da arte contra a asfixia da necropolítica cotidiana do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[140]Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia -UNAMA; arcbotelho@gmail.com; https://orcid.org/0000-0002-6430-2935.

[141]Doutora em História pela Universidade Federal do Pará -UFPA; Pós -doutoranda na Faculdade de Arquitetura pela Universidade de Lisboa; Pós -doutoranda na Faculdade de Arquitetura pela Universidade do Porto; Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA; marcianunes2011@gmail.com; https://orcid.org/0000-0002-8345-3528.

The following work aims to identify the fundamental role of the arts in portraying necropolitics in different moments of humanity. As for the methodological procedures, bibliographic research was used. It is concluded with this work that artistic productions have a documental role regarding the processes of sovereignty and tyranny experienced by societies in different historical periods.

**Keywords**: Necropolitics; Artistic Expression; Death; Images.

**RESUMEN (Língua Estrangeira 2)**

Este artículo es un extracto de la investigación de doctorado en curso, cuyo tema abarca las representaciones estéticas del morir y la muerte en el Cementerio de Santa Izabel, en Belém-Pará. Las artes siempre han representado las relaciones humanas, los procesos históricos y las críticas de la sociedad. Ante esto, sería inevitable que las expresiones artísticas no tuvieran la muerte en su panorama, ya que es la única certeza humana. A través de luchas de poder que generan consecuencias a menudo fatales, la necropolítica se ha alineado con las dinámicas involucradas en la muerte y el morir. El siguiente trabajo tiene como objetivo identificar el papel fundamental de las artes en la representación de la necropolítica en diferentes momentos de la humanidad. En cuanto a los procedimientos metodológicos, se utilizó la investigación bibliográfica. Se concluye con este trabajo que las producciones artísticas tienen un rol documental sobre los procesos de soberanía y tiranía vividos por sociedades en diferentes períodos históricos.

**Palabras-clave**: Necropolíticos; Expresión artística; Muerte; Imagenes.

## 1 INTRODUÇÃO

O afastamento da morte, nas dinâmicas sociais, foi uma realidade alimentada pelo avanço da medicina e expectativa de vida, não sendo necessário lidar com a mesma no momento de agora. A morte é uma etapa iminente de qualquer vida. Quando falamos de vida, nos referimos a vida humana, a vida animal, ao tempo de “vida” de qualquer objeto. Tudo que nos rodeia tem seu início, seu meio e seu fim, e em tudo que faz parte da nossa rotina há a presença da morte. A imagem da morte não é necessariamente desagradável, e através do consumo, o capitalismo comercializou a morte para indivíduo conseguir dominá-la.

As imagens da morte estão presentes desde os primórdios do ser humano, e as mesmas são representadas artisticamente desde os homens das cavernas. As imagens da morte evoluíram junto com as tipologias artísticas, porém sempre retrataram as relações de poder das sociedades.

O poder, a soberania e tirania sempre estiveram pareados com a morte, pois nessa atmosfera, a morte se torna um objeto, consequente desse poder autoritário. Guerras mundiais e civis tiveram a morte como consequência dos atos por disputas de poder, e estes atos quase sempre são representados e documentados pela arte.

Este trabalho busca esclarecer como as representações artísticas tem papel fundamental na documentação e representação a temporal de momentos históricos os quais a necropolítica esteve presente.

## 2 CONCEITUANDO A NECROPOLÍTICA

A necropolítica consiste brevemente, na capacidade de determinar quem merece viver e quem deve morrer, visto que o morrer é uma disputa de soberania e manifestação de poder. Utilizando o conceito de Biopoder, explora sua relação com as noções de soberania e o estado de exceção. Para Mbembe (2016), os espaços da morte são espaços ideais para compreender essa disputa de poder. “Os campos da morte em particular têm sido interpretados de diversas maneiras, como a metáfora central para a violência soberana e destrutiva, e como o último sinal do poder absoluto do negativo” (MBEMBE, 2016).

O ser humano se torna sujeito diante das lutas e trabalhos que trava para enfrentar a morte, neste caso entendida como o mais alto grau de violência da negatividade, esse trabalho destinado pelo sujeito com a morte é definido como a vida do espirito. “A vida do espírito, ele diz, não é aquela vida que tem medo da morte e se poupa da destruição, mas aquela que pressupõe a morte e vive com isso” (Mbembe, 2016).

A morte é um fator que estrutura a concepção de soberania, política e sujeito, visto que no mundo da soberania, a morte como limite não existe mais. Ou seja, para o soberano a morte está presente para ser negada, já que o mesmo acredita que não há limites para sua soberania, inclusive a própria morte. Neste caso, o fim, não existe. E nesse aspecto a política tem bastante influência, visto que a mesma desorienta a própria ideia de limite.

Diante dos conceitos de Soberania que Mbembe (2016) defende, fica evidente que esta é a responsável por decidir quem tem valor e quem é descartável, e esta análise se encaixa perfeitamente nas relações de morte e

violência que fizeram parte da história do mundo. Esses momentos marcados historicamente para os sujeitos e não sujeitos tem uma importância considerável para os aspectos democráticos do morrer e da morte nos dias atuais. Um desses momentos, onde a tirania e soberania foram delimitadores das práticas do homem, foi o Apartaide por exemplo. Atualmente, a soberania por parte dos governantes e determinados grupo privilegiados atuam sobre as minorias. Nessa atuação estabelecem normas do que pode ser feito ou não nos cemitérios, agindo de maneira não democrática com religiões que fazem parte ou são dessa minoria. Nesses espaços do morrer ainda é notado a presença soberana e as vezes violenta perante os rituais que não agradam os grupos privilegiados. Estes processos podem ser chamados de necropoder, o qual aborda os mundos da morte, os quais alguns vivos são submetidos a péssimas condições de vida, sendo considerados “mortos-vivos”.

Por fim, a necropolítica defende a inferioridade da vida perante o poder da morte, poder este que reconfigura “as relações de resistência, sacrifício e terror” (Mbembe ,2016), além de possibilitar uma visão mais ampla da morte em todos os seus aspectos, sejam eles naturais ou de caráter violento, e delimitam uma influência da mesma que transcende a consciência individual, já que a morte é um processo da vida pelo qual todos passarão e que implicam ações democráticas em uma sociedade, a qual todos merecem ter uma “boa” morte.

## 3 A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E A IMAGEM DA MORTE

A morte é uma etapa iminente de qualquer vida. Segundo Bortulucce (2020), quando falamos de vida, nos referimos a vida humana, a vida animal, ao tempo de “vida” de qualquer objeto. Tudo que nos rodeia tem seu início, seu meio (ou uso em determinadas situações) e seu fim, e em tudo que faz parte da nossa rotina há a presença da morte. Desde o alimento que nos fortalece à projetos de vida, que visam afastar o morrer, a imagem da morte se faz presente.

A morte sempre foi objeto de representação por parte dos artistas, teóricos e estudiosos. No passado, as imagens da morte sempre retratavam a morte alheia, e tais representações tinham um recorte muito bem definido sobre a percepção da morte daquele período. As imagens da morte não significavam necessariamente imagens violentas, e nem chocantes, e muitas vezes a morte

era representada com um teor romântico da mesma. Diante disto, havia o que definimos como a “morte bela”, aquela que traz prazer em ser vista e apreciada (Figura 1).

**Figura 1-** Pietá, de Michelangelo de 1499.

**Fonte** - Bortulucce (2020).

Quando tratamos do prazer que o belo nos possibilita, Ferrazza (2017) ao falar sobre a concepção de Scruton sobre a beleza nas artes, afirma que ao buscarmos a beleza nas obras artísticas, a mesma serve como antidoto “[...] contra o caos e o sofrimento inerentes a existência humana” (FERRAZZA, 2017). Isso é evidenciado nas imagens da morte do passado, pois a relação do homem com a morte era desmistificada, do que nos relacionamos hoje. Um grande exemplo desta relação é referente a obra Ofelia, de John Everett Millais de 1851 (Figura 2), que retrata um suicídio, mas que através das técnicas aplicadas, é uma obra que romantiza a morte, e gera uma sensação positiva ao apreciá-la.

**Figura 2-**Ofelia, de John Everett Millais de 1851-1852.

**Fonte-** Bortulucce (2020).

É importante esclarecer que o horror nas imagens, podem ser de cenas de vida, ou de cenas de morte, e o grau de choque com as mesmas ocorre em função do grau de familiaridade com a morte ou possibilidade dela. Ou seja, a imagem da morte mais distante no aspecto temporal, só irá chocar se o grau de familiaridade do telespectador for alto com o contexto da mesma, ou seja, o horror é subjetivo a quem lê visualmente aquela imagem. Um exemplo desse grau, pode ser observado em imagens que comovem o mundo, como a fotografia de uma criança morta por afogamento ao tentar atravessar o mar com a família para fugir da guerra em 2015 (Figura 3), que vai contra o que entendemos como natureza humana.

**Figura 3-** Morte do menino Aylan Kurdi.

**Fonte -** Bortulucce (2020).

Quando produzimos uma imagem da morte, precisamos ter em vista que as mesmas são produzidas pelos vivos, pois esta é um assunto dos vivos e não daqueles que já partiram. E possuindo a intenção destes, as imagens da morte transmitem ideias, condutas, moral, emoções para aqueles que também estão vivos. Ou seja, as imagens das mortes são produzidas pelos vivos e para os vivos. Algumas das mensagens transmitidas por essas imagens permeiam entre punir, homenagear, lamentar, denunciar e emocionar. Há diversos exemplos das mensagens que as imagens da morte transmitem, porém como forma de exemplificar, a obra de Francisco Goya de 1810-1815, retrata bem a morte como forma de vangloriar um herói que tirou a vida de homens maus (Figura 4).

**Figura 4-** Um feito heroico! Com mortos, de Francisco Goya de 1810-1815.

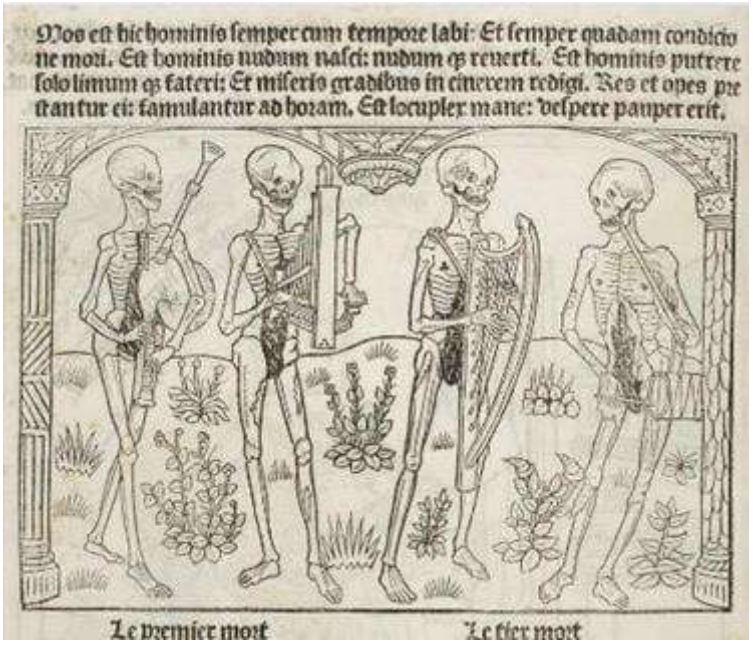
**Fonte -** Bortulucce (2020).

As caveiras são os elementos mais lembrados quando se aborda a imagem da morte. No século XIX, alguns artistas se retratavam ao delas. Elas também possuem categorias que transmitem mensagens para o telespectador, além de em muitos momentos de a história serem ferramentas eucarísticas, sobre o poder de Deus e a fragilidade da vida humana. São elas: Ars Moriendi, que seria o manual da boa morte (Figura 5);a Danse Macabre (Figura 6), surgida na França e que retrata a igualdade social perante a morte, ou seja, todos, sem exceção, vão dançar com a morte, neste caso não é a representação da morte, mas dos mortos; e as Vânitas, que são a representação de naturezas mortas, onde o homem é representado por caveiras.

**Figura 5-** Ars Moriendi, Paises baixos de 1460.

**Fonte -** Bortulucce (2020).

**Figura 6-** Danse Macabre, de Guy de Marchant de 1485- 86.




**Fonte -** Bortulucce (2020)

Nessas imagens também há a presença de símbolos, que visam retratar a morte de forma sutil, latente, como o fim das certezas, como uma companheira constante e como um lembrete diário. São alguns deles: a bolha, que representa a brevidade da vida, a fita, representando o começo, meio e fim, a chave, que ao fechar uma porta, se abre outra para o reino os mortos, os insetos (Figura 7),

que consomem a carne e a arvore ciprestes, que são arvores características nos cemitérios.

**Figura 7-** Alegoria da Vida e da Morte, de Joris Hoefnagel de 1598. Retrata os insetos como símbolo de decomposição.

**Fonte -** Bortulucce (2020).

Por fim é importante destacar que durante todo o processo histórico até a ruptura da compreensão da morte em meados do século XIX, a mesma não causava susto, mas a forma que a mesma era demonstrada poderia ou não causar.

## 4 AS DISPUTAS DE PODER, EXPRESSAS NA OBRA *"Q. AND BABIES? A. AND BABIES"*.

Produzido em 26 de dezembro de 1969, a obra ***"Q. and babies? And babies"*** é um pôster que possui uma crítica a Guerra do Vietnã. Ele é uma fotografia colorida do Massacre de My Lai, tirada pelo fotógrafo de combate dos Estados Unidos, Ronald L. Haeberle em 16 de março de 1968. Nela, é possível identificar dezenas de mulheres e bebês vietnamitas do sul mortos e parcialmente nus em posições contorcidas empilhados em uma estrada de terra (Figura 8).

**Figura 8 -** Haeberle, Ron L. e Art Workers' Coalition, Q. And babies? A. And Babies, 1970. Litografia em offset colorida sobre papel. Londres, Victoria and Albert.

**Fonte -** Bortulucce (2020).

Na imagem há a sobreposição de letras semitransparentes vermelho-sangue, que perguntam na parte superior "Q. E bebês?"(Pergunta: E os bebes?) e na parte inferior responde "A. E bebês"(Resposta: E os bebes), que retratam um diálogo de uma entrevista para a televisão BCS do soldado americano Paul Meadlo, que participou do massacre. Este pôster elucidou as reais tiranias ocorridas nesta guerra, assim como a indignação geral com o conflito no Sudeste Asiático.

Este é um exemplo bem claro de como as representações artísticas, principalmente as contemporâneas, trazem uma crítica quanto aos ambientes que sofrem com a necropolítica, e da mesma forma contextualizam momentos históricos autoritários e os documentam. Ou seja, se a obra em questão não tivesse sido produzida a indignação com tais conflitos não poderia ser reavivada por gerações futuras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que a morte é democrática, visto que é o um elemento irreversível do viver, porém o morrer, em muitos lugares e em determinados momentos históricos, nem sempre está morte se caracteriza como democrática. É possível afirmar esta tese por exemplo, já que o morrer do negro no Brasil passa por questões de caráter violento e autoritário, que gera índices onde desmascaram, não somente o preconceito racial, mas também a detenção

do poder da morte, para grupos considerados de maioria, ou por líderes os quais acreditam na violência e truculência como solução dos problemas sociais. Além disso, a necropolítica pode ser analisada também, quanto as liberdades de crenças e ritos nos espaços fúnebres, visto que quando grupos com credos que são caracterizados por serem de descendência africana, não possuem a mesma liberdade ritualística que os de crenças mais elitistas e majoritárias, já que há uma intolerância religiosa que reprime, baseada na soberania, o que estes julgam não ser o ideal ou o correto perante a sociedade.

Diante de todo o panorama da evolução das imagens da morte nas produções artísticas, e levando em consideração a análise baseada nos conceitos de Necropolítica de Mbembe (2016), podemos verificar como as produções artísticas, principalmente na contemporaneidade, são representações críticas de uma disputa de poder atemporal. Elas retratam os processos Necropolíticos que formam e delimitam as histórias das sociedades e da política das mesmas, e se tornam um documento eterno dos processos históricos que as sociedades vivenciam.

**REFERÊNCIAS**

*BORTULUCCE, Vanessa. As imagens da Morte. São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2020. 300 slides, color.*

*FERRAZZA, Laura. Por que a beleza importa? (Parte I). 2017. Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/por-que-a-beleza-importa-parte-i/. Acesso em: 30 out. 2020.*

*MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte e Ensaios: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA, Rio de Janeiro, v. 1, n. 32, p. 123-151, jun. 2016.*

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CINEMA: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DA POLÍCIA NORTE-AMERICANA ATRAVÉS DE CENAS DA SÉRIE BROOKLYN 99[142]

# SOCIAL REPRESENTATIONS AND CINEMA: A STUDY ON THE APPROACH OF RACIAL DISCRIMINATION IN NORTH AMERICAN POLICE THROUGH SCENES FROM THE BROOKLYN 99 SERIES

# REPRÉSENTATIONS SOCIALES ET CINÉMA : UNE ÉTUDE SUR L'APPROCHE DE LA DISCRIMINATION RACIALE PAR LA POLICE NORD-AMÉRICAINE À TRAVERS DES SCÈNES DE LA SÉRIE BROOKLYN 99

André Felipe da Costa Cunha[143]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[144]

RESUMO

Este artigo pretende relacionar de que forma as representações sociais norte-americano se articulam na produção cinematográfica da série Brooklyn 99(2013). Compreende-se que os meios de comunicação de massa, neste caso ocinema, assumem um papel de construção de uma determinada realidade uma vez que produzem a realidade representando diferentes olhares que são modificados e/ou que sofrem interferência direta na dinâmica da produção. Desta forma, propõe-se analisar uma cena da série Brooklyn 99, que retrata a discriminação racial por parte da polícia norte-americano, dividida em trêsmomentos retratados. Tem-se como suporte de análise a Iconologia (PANOFSKY, 2007), tomando o cinema como meio de representar as realidades socioculturais a partir de uma abordagem mais crítica da realidade social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; Racismo; Representações Sociais.

---

[142] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 06 Um pouco de ar, senão sufoco: estratégias da arte contra a asfixia da necropolítica cotidiana, do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[143] Mestrando do Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Pós Graduado em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior pela ESAMAZ. Pedagogo e Diretor de Ensino, Pesquisa, Pós Graduação, Inovação e Extensão do IFPA *Campus* Avançado Vigia. E-mail: andre.cunha@ifpa.edu.br. Orcid: http://orcid.org/0000-0002-6660-8428

[144] Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). E- mail – rp.douglas@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001- 5048-6692

**ABSTRACT**

This article intends to relate how the North American social representations are articulated in the cinematographic production of the series Brooklyn 99 (2013). It is understood that the mass media, in this case cinema, play a role in the construction of a given reality, since they produce reality representing different views that are modified and/or that suffer direct interference in the dynamics of production. Thus, it is proposed to analyze a scene from the series Brooklyn 99, which portrays racial discrimination by the US police, divided into three portrayed moments. Iconology (PANOFSKY, 2007) is used as an analysis support, taking cinema as a means of representing sociocultural realities from a more critical approach to social reality.

**KEYWORDS:** Movie theater; Racism; Social Representations

RÉSUMÉ

Cet article entend relater comment s'articulent les représentations sociales nord-américaines dans la production cinématographique de la série Brooklyn 99 (2013). Il est entendu que les médias de masse, en l'occurrence le cinéma, jouent un rôle dans la construction d'une réalité donnée, puisqu'ils produisent une réalité représentant des points de vue différents qui sont modifiés et/ou qui subissent une interférence directe dans la dynamique de production. Ainsi, il est proposé d'analyser une scène de la série Brooklyn 99 qui met en scène la discrimination raciale par la police nord-américaine, divisée en trois moments dépeints. On a comme support d'analyse l'iconologie (PANOFSKY, 2007), en ayant le cinéma comme moyen de représentation des réalités socioculturelles, à partir d'une approche plus critique de la réalité sociale.

**MOTS CLEFS**: Cinéma; Racisme; Représentations sociales.

## INTRODUÇÃO

O cinema carrega em suas produções diferentes aspectos socioculturais, exercendo "um papel importante na formação cultural das pessoas" (Duarte 2009, p.70). De acordo com a autora, não se torna possível avaliar, com segurança, a real eficácia que as narrativas fílmicas exercem na vida das pessoas, mas, ao mesmo tempo, destaca que vem a ser comum atribuir aos meios de comunicação em imagem-som influência nas atitudes, crenças e valores de grupos ou indivíduos.

Duarte (2009, p.02) ainda esclarece que, se o ato de espelhar a realidade ao retratá-la permite obter um grande potencial representacional, destacando que

esta forma de impressão da realidade utilizada pela linguagem cinematográfica e a importância social conquistada por filmes e personagens fazem com que "representações construídas no cinema ganhem contornos de verdade muito convincentes e duradouros, contribuindo para a prevalência de certas formas de representar". Na qual Codato (2010) destaca que a representação da realidade social construída no cinema carrega a preocupação em fazer uma proximidade com a realidade do cotidiano.

Com isso, (Duarte 2009, p. 04) aponta que os filmes podem reproduzir valores, representações estereotipadas e padronizadas socialmente que, muitas vezes, vêm carregadas de preconceitos, mas, ao mesmo tempo, "o cinema não é só indústria e filmes não são apenas mera repetição de fórmulas padronizadas" A própria autora reflete que existe um grande acervo de obras que propõem uma maior diversidade de pontos de vistas, acompanhadas de questionamentos a respeito da sociedade.

Neste sentido, pretende-se relacionar de que forma as representações sociais norte-americano se articulam na produção cinematográfica da série Brooklyn 99 (2013), mais especificamente na cena do episódio 16, da 4° temporada, no qual um dos personagens vivencia uma situação de preconceito racial por parte de um policial nova iorquino.

Para isto, será discutida as características da polícia norte americana, mais especificamente a da cidade de Nova York, sobre a relação com a temática do preconceito e discriminação racial, buscando exemplificar casos que apontem para a atuação desta polícia. Por fim, as cenas em questão serão analisadas por meio do método Iconológico.

**METODOLOGIA**

A análise tomará como base o método iconológico de Panofsky que, segundo Vicente (2000, p. 150) "refere-se à tradução vocabular, à decifração de códigos obscuros à primeira vista, pois a familiaridade com as imagens é insuficiente para uma verdadeira análise". A autora reforça que Panofsky sugere que estes estudos buscam significados das obras de arte, sendo apropriados por outros gêneros de imagens como o cinema, fotografia, imagens publicitárias, através de

três níveis de desenvolvimento de análise, ou seja, três fases hierarquicamente concebidas.

Vicente (2000) explica que nível o primário é o que consta a identificação e descrição das formas; o secundário ou convencional, o que atesta os motivos artísticos com base em textos e documentos elucidativos, e o terceiro que é o da análise propriamente, sendo aquela que desvenda os valores simbólicos das obras e de sua época.

Portanto, as cenas do episódio 16, temporada 04, serão destacadas e divididas em 3 momentos: **Momento 01** que se dá a abordagem por parte do policial nova iorquino no personagem Terry Jeffords; **Momento 02** que mostra o diálogo entre policial e Terry após o ocorrido; **Momento 03** que mostra o diálogo entre o Terry e o personagem Capitão Holt. Posteriormente, através do método Iconológico de Panofsky, os elementos presentes nas cenas serão discutidos com base na literatura sobre a polícia nova iorquina, informações a respeito dos contextos sociais que contribuíram para a produção da série através de relatos das pessoas envolvidas, assim como o suporte de autores como Almeida (2010) que discute as questões raciais.

## A POLÍCIA NOVA IORQUINA E O PRECONCEITO RACIAL

Polícia é um termo que se origina do latim “*politia*” (que resulta da palavra ‘polis’,que significa cidade), uma expressão que abarcou diversos significados.O seu significado ganhou diversos contornos na história humana desde a Grécia Antiga, evoluindo de acordo com os processos socioculturais e políticos dos diversos períodos históricos, culminando na visão social que temos hoje. Afonso (2018) afirma que é possível elencar uma série de características como a função de manter a ordem, invocar autoridade, impor força, coerção, mas é também lembrar de salvamento, auxílio ao indefeso, socorro ao necessitado, dentre outras.

A construção social sobre os papéis atribuídos à polícia acaba se tornando quase tão complexa quanto a diversificação das esferas da sociedade, em função da imprevisibilidade do trabalho, em confronto constante com o ambiente prático da sociedade. Tal tendência leva a uma complexidade crescente da atividade policial, tendo em vista o grande número de códigos e leis que pautam os

comportamentos e que se tornam passíveis de vigilância e controle, além das intervenções em termos de outros tipos de assistência (OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

No entanto, Costa (2004, p.174), defende que “a análise do comportamento policial não pode ser dissociada do estudo das estruturas políticas, sociais, culturais e normativas que moldam esse comportamento”. Ou seja, comportamento violento apresentado por determinados policiais não pode estar desconectado destas questões, explicado meramente a partir das motivações individuais.

Desta forma, entende-se que esses comportamentos policiais discriminatórios estão relacionados com um processo complexo e sistemático relacionados à formação histórica e sociocultural. Almeida (2019) ao posicionar historicamente a situação racial, conceitua o racismo como

> Uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, p.25).

Almeida (2019, p.25) segue sua análise também conceituando discriminação racial que se trata de “atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Segundo o autor, este processo está relacionado com poder, com possibilidade de uso efetivo da força, sendo esta a prerrogativa para a atribuição de vantagens e desvantagens em relação à raça.

Em relação ao cenário policial norte americano, mais especificamente da cidade de Nova Iorque, a relação entre a *New York Police Department* (NYPD – Departamento de Polícia de Nova Iorque) e a comunidade tem sido marcada por tensões e conflitos sociais (COSTA, 2004). Esse histórico de violência policial, segregação social e discriminação está muito relacionado com ações contra minorias étnicas.

Um estudo realizado entre 1966 e 1967, em Nova Iorque, concluiu que “o uso de violência contra cidadãos que desafiassem a autoridade policial era praticamente corrente no departamento de polícia” (COSTA, 2004, p.177). Com a justificativa utilizada pelas autoridades políticas e policiais de manutenção da lei e

da ordem.Segundo o autor, as vítimas mais recorrentes dessas práticas de violência eram pessoas pobres, pertencentes a minorias socialmente discriminadas, comonegros, latinos e homossexuais.

Wanderley (2016, p.121) afirma que, "a partir da segunda metade do século XX,regimes jurídicos-políticos formalmente racistas foram desmantelados em toda a sociedade ocidental e, em vários níveis, o racismo foi extirpado dos códigos formais e procedimentos do poder estatal". Entretanto, as práticas coercitivas e discriminatórias permaneciam ocorrendo no cotidiano da ação policial.

Para ilustrar esta discussão, com fatos públicos de violência da polícia de Nova Iorque, Costa (2004, p.178) destaca que "embora não se possa afirmar que a violência policial continue sendo uma prática institucionalizada no NYPD, casos como o de Abner Louima e Amadou Diallo deixam bem claro que ela não deixou de existir". O primeiro foi torturado e sodomizado dentro de um distrito policial e o segundo, morto por quatro policiais com 41 tiros, apesar de não haver nenhuma suspeita grave contra ele. Nos dois casos, bem como na maioria nos demais casos relatados por entidades de proteção aos direitos humanos, as vítimas eram negras ou latinas.

Wanderley (2016) também destaca outras situações de violência policial publicizadas, citando que um dos primeiros casos que suscitaram protestos remonta a 2012, quando ocorreu o homicídio do jovem Trayvon Martin por um vigilante particular, que fomentou, inclusive, a criação do movimento Black Lives Matter. A autora cita também a morte do jovem negro Michael Brown, causada por disparos de arma de fogo realizados por um policial branco, assim como o homicídio de Eric Garner por um policial. Em 2015, a morte de Freddie Gray, um dos casos de maior repercussão e que causou manifestações comparadas aos protestos do movimento negro pelo assassinato de Martin Luther King em 1968.

Bonilla-Silva (2020), ao analisar a estrutura racial nos Estados Unidos demonstra que a prática do racismo se apresenta com uma nova configuração, apontando para a "cegueira de cor'' por partes dos brancos, sob a prerrogativa de que o país estava finalmente caminhando para uma relação entre as pessoas que não fosse mediada pela raça, porém, o autor afirma que isto na prática é falso.

De forma a ilustrar esta afirmação do autor, Wanderley (2016) levanta a questão do caso de uma decisão judicial em 1974 relacionada ao *stop and frisk* (que significa uma abordagem preventiva de revista mesmo quando não há suspeita de delito), entendendo que não se trata de uma ação invasiva e que poderia ser utilizada no combate às drogas (*war on drugs*), como representado na figura 01.

Porém, essa flexibilização acabou por agravar, em especial, o problema relativo à filtragem racial (*racial profiling*), em virtude da comum associação entre a questão do tráfico de drogas e da chamada criminalidade urbana e a população negra, percebida como a fonte do problema". (WANDERLEY, 2016, p.121). A figura 02 representa um protesto realizado em 2012 contra a prática do *Stop and Frisk*.

**Figura 02 – Protesto na cidade de Nova Iorque pedem pelo fim da prática do *Stop and Frisk* e *Racial Profiling,* em 2012**.

**Fonte: NBC News (2020)** https://www.nbcnews.com/politics/2020-ection/bloomberg-says-he-nearly-eliminated-stop-frisk-mayor-he-fought-n1144266

Este entendimento pode ser relacionado com a afirmação de Bonilla-Silva (2020)de que por mais que as mudanças ocorridas especialmente na década de 1960 nos EUA tenham agravados alguns problemas, na visão do autor estamos diante de uma nova estrutura racial que tem como elementos: a natureza velada do discurso e das práticas racistas, uma inversão de valores através da afirmação de muitos brancos de que estão vivenciando um "racismo reverso", uma agenda

racial na política que evita referências raciais diretas, a invisibilidade dos mecanismos que reproduzem a desigualdade racial.

## A SÉRIE BROOKLYN 99 (2013) E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CINEMA

A série norte americana Brooklyn 99 estreou em 2013 e conta histórias que giram em torno do personagem Jake Peralta, interpretado pelo ator Andy Samberg, um imaturo, mas talentoso, detetive da polícia de Nova York na fictícia 99ª Delegacia do Brooklyn que, muitas vezes, entra em conflito com seu novo comandante, o sério e severo capitão Raymond Holt (Andre Braugher). (Tecmundo[145], 2021).

Temas como corrupção policial, machismo, quebras de estereótipos, racismos são alguns dos diversos assuntos representados ao longo da série com humor. Segundo Carmelino (2012, p.48) “humor pode ser um artifício valioso para despertar interesse, sensibilizar, incitar uma posição ou opinião, capturar a benevolência, provocar ação”.Dewey (2010) ao refletir sobre o lugar da arte na experiência humana, analisando a forma como a mesma historicamente foi posicionada, de forma “superior”, afastada do cotidiano, chama atenção para a necessidade dos filósofos das belas-artes romperem com esse isolamento, restabelecendo a “continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos como constitutivos da experiência” (p.60).

Neste sentido, Dewey propõe um aprofundamento na compreensão da experiência artística, não apenas do ponto de vista estético, mas das significações sociais que permeiam a construção de uma obra.

No contexto da Cultura Pop que, segundo Junior (2015, p. 45) é um termo criado pela crítica cultural inglesa na década de cinquenta para buscar demarcar e de alguma maneira desqualificar como efêmero, “o surgimento do *rock’n’roll* e o

[145] Sem autor,Tecmundo, 2021. Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/minha-série/brooklyn-nine-nine

histrionismo da cultura juvenil que ali emergia, está relacionado, pelo menos nesse primeiro momento, a possibilidades de alta circulação midiática".

Junior (2015, p. 45) segue afirmando que "o pop remodela e reconfigura a própria ideia de cultura popular ao fazer propagar através da cultura midiática expressões culturais de ordem diversas como filmes, seriados, músicas e quadrinhos".

O cinema, na figura dos filmes e séries, de acordo com Duarte (2009, p.44) não são eventos "culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido".

A autora chama a atenção para o processo de padronização narrativa criada pelo cinema-indústria mundial que tornou dominante diferentes codificações culturais, de forma a tornar acessível para o maior número de pessoas. Assim, asrepresentações femininas, de raça, da homossexualidade, assim como de outros grupos, predominam olhares preconceituosos, reducionistas, estereotipados(DUARTE, 2009).

Entretanto, a própria autora chama a atenção para o caráter autônomo do cinema em se desvincular de padrões sociais e abrir espaço para produções que questionam, criticam, repensam as representações estereotipadas. Em seu artigo intitulado "O outro no Cinema", Rosália Duarte (2009) resgata o que afirma Julio Cabrera (2006), que "o cinema também filosofa: reflete sobre distintos problemas humanos, a partir de diferentes ângulos e perspectivas, desenvolvendo questões que não são especificamente fílmicas" (DUARTE *apud* CABRERA, 2009, p. 04).

De acordo com Codato (2010), no início dos anos 1970 marcaram o interesse das Ciências Sociais pelas temáticas das representações sociais, assim como dos Estudos Culturais. Aliado a isso, politicamente, há uma maior abertura para minorias com a liberação sexual e o fortalecimento dos movimentos feministas edos negros americanos, ocasionando em um maior protagonismo nas histórias no cinema e em outros meios de comunicação de massa.

A análise das cenas tomará como base a Iconologia de Panofsky, identificando os três níveis de significados: primário (identificação e descrição das características e propriedades da obra); secundário ou convencional (que trata dos motivos artísticos com base em referências elucidativas); e o terceiro (a interpretação propriamente dita, relacionando com aspectos socioculturais) (VICENTE, 2000). As cenas analisadas serão aquelas que estiverem ligadas à situação de discriminação racial vivenciada pelo personagem Terry Jeffords, que na série é sargento da polícia de Nova Iorque. A temática em questão é representada especificamente no episódio 16, da 4° temporada da série, que foi ao ar no de 2016.

O contexto que retrata esta temática se organiza quando o personagem Terry precisa de alguém para cuidar de suas duas filhas (Cagney e Lacey) no período em que cumpre uma tarefa demandada pelo personagem Capitão Holt. O casal Jake Peralta e Amy Santiago se disponibiliza para tal. Quando os dois estão levando Cagney e Lacey no carro, o cobertor de uma delas, chamado de Moo, cai pela janela, sendo notado por Terry ao chegar, pois Cagney não consegue dormir sem "Moo". Para melhor explicar a ordem dos acontecimentos, vamos dividir em 3 momentos.

Em relação ao nível primário, no momento 1, Terry sai andando e acha o cobertor na rua, quando é abordado pelo policial branco chamado de Maldack. Terry, ao tentar estabelecer uma conversa com o policial para explicar a situação foi mandado parar e questionado sobre o que estava "fazendo ali", respondeu que morava ali e Maldack o mandou levantar as mãos enquanto revistava e o ameaçava que se continuasse falando "iria ver o que aconteceria". Ao contar a história na delegacia e os colegas demonstram indignação com a situação, Terry então diz que irá conversar com o policial para que isso não voltasse a acontecer com mais ninguém. As cenas 03 e 04 demonstram o momento que Terry é abordado pelo policial nova-iorquino.

**Figura 02 – O personagem Terry Jeffords sendo abordado por um policial branco.**

**Fonte: Notícias da TV (2020)** https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/terry-will-e-chris-conheca-personagens-que-sofreram-racismo-policial-nas-series-37541

**Figura 03 – O personagem Terry Jeffords sendo abordado por um policial branco.**

**Fonte: O Capacitor (2020)** :https://ocapacitor.com/brooklyn-99-novos-episodios-no-lixo-apos-a-morte-de-george-floyd-diz-tery-crews/

A respeito do nível secundário ou convencional, percebe-se a semelhança entrea imagem das figuras 02 e 03, que retrata a cena da série Brooklyn 99 e a da figura 04 (abaixo), que retrata um policial branco abordando um homem negro,classificada pelo Portal NYPost (2012) como sendo uma prática de *Stop and Frisk* (Pare e Reviste).

**Figura 04 – Policiais nova iorquinos praticando o *stop and frisk* em dois homens negros.**

**Fonte: New York Post (2013) https://nypost.com/2013/01/08/judge-orders-immediate- cease-to-nypds-stop-and-frisk-policy-in-bronx-clean-halls-building/**

No momento 2, Terry e o policial Maldack se reúnem em um restaurante para conversar Maldack inicia o diálogo pedindo desculpas, surpreendendo Terry.Em seguida, Maldack esclarece que suas desculpas foram pelo fato de Terry ser um policial. Terry então questiona que ele não poderia agir assim com ninguém, independente se é policial ou não, pois naquela situação Terry estava apenas caminhando e que não havia nada suspeito nisto. Maldack rebate dizendo que Terry não parecia “pertencer àquela área” e que nove entre dez chamados que ele recebe são depessoas como Terry (negros), culpando Terry por não usar o seu distintivo e que não “pediria desculpas por fazer o seu trabalho”. Terry então pede que Maldack admita que o abordou daquela forma por ele ser negro, peça desculpas e não repita o ato.

**Figura 05 – O personagem Terry Jeffords conversando com Maldack.**

**Fonte: Maratona de Sofá (2020)** https://maratonadesofa.com/alvo-negro-analisando-moo-moo/

A prática do *Stop and Frisk* (Pare e Reviste) caracterizada como uma breve e superficial detenção e revista das vestes do indivíduo, limitada à procura por armas, sem causa provável e sem a exigência de mandato judicial, fomentou ao longo do tempo uma filtragem racial (*racial profiling*), concentrando as abordagens majoritariamente para os negros (WANDERLEY, 2016).

Gelman, Fagan e Kiss (2012, p. 822) realizaram uma pesquisa levantando dados sobre as ocorrências policiais registradas e afirmam que "*briefly summarize our findings, blacks and Hispanics represented 51% and 33% of the stops while representing Only 26% and 24% of the New York City population*".

Em 2013, a Juíza a Shira Scheindlin emitiu uma decisão classificando como inconstitucional a prática do *stop and frisk,* entendendo que a mesma era direcionada para negros e latinos[146] (O Globo, 2013). A similaridade entre a representação da abordagem policial na cena citada de Brooklyn 99 e as características do *stop and frisk* é evidente, tendo em vista que na série o policial aborda Terry sem manifestação de um crime, mas sim pela sua aparência.

No momento 3, Terry leva uma queixa formal para o personagem Capitão Holt, na expectativa que Maldack possa responder a um processo e mudar sua conduta, porém, Holt diz que não vai submeter a queixa e se retira. Indignado e

[146] O GLOBO, 2013. Disponível em: **https://oglobo.globo.com/mundo/juiza-declara-inconstitucional-pratica-de-revista-policial-em-nova-york-9481778**

sem entender o motivo, Terry é incentivado pelos colegas a ir até a casa de Holt. Ao chegar, Holt explica que, apesar de saber que o ato de Maldack foi errado e o deixou furioso, não quer que Terry sobre alguma represália por isso, tenha o caminho dificultado politicamente por outros policiais, já que ele (Holt) também enfrentou o preconceito por ser negro e gay e que Terry poderia enfrentar esta situação quando alcançasse altos cargos na polícia.

No entanto, Terry relata sobre a sua vulnerabilidade naquela situação, no medo que sentiu por suas filhas e que não deixaria passar a oportunidade de fazer algo a respeito, já que Maldack estava nas ruas e poderia repetir o que fez. No outro dia, na delegacia, Holt chama Terry para conversar e diz que irá submeter a queixa, pois lembrou-se de seu tempo como policial, quando não tinha apoio de seus superiores e, por isso, tinha a oportunidade de fazer diferente.

O posicionamento de Holt ao tentar “proteger” Terry de uma possível retaliaçãoao seu crescimento institucional na polícia nos remete ao que Almeida (2019) aborda ao tratar de três concepções de racismo (individualista, institucional e estrutural), especificamente ao racismo estrutural que se deu como um avanço a concepção individualista que o entendia por ações isoladas de indivíduos e grupos, já na compreensão institucional, este se manifesta através do poder estabelecido por determinado grupo racial em detrimento de outros, assim, dificultando a ascensão de negros, impossibilitando diálogos sobre aspectos ligados à raça, dentre outros.

Almeida (2019) também ressalta que a concepção de racismo estrutural vem ao encontro da visão institucional, tendo em vista que “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”. A partir disto, o autor propõe que se faz necessário que as instituições possam romper com as lógicas de funcionamento racistas que privilegiam grupos raciais, dentre outras formas, removendo obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e prestígio na instituição, promovendo o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero.

Na perspectiva de coletar informações a respeito do contexto histórico social e o'processo de construção de uma obra de arte (neste contexto, a série

Brooklyn 99), recentemente, em maio de 2020, o caso de George Floyd, um homem negromorto brutalmente por dois policiais do estado do Minnesota (EUA). O caso foi registrado em vídeo e ganhou uma proporção em várias partes do mundo,gerando uma onda de protestos nos Estados Unidos, assim como em outras partes do mundo, incluindo o Brasil[147].

O ator Terry Crews, que interpreta o sargento Terry Jeffords, em junho de 2020 deu uma entrevista para portal norte americano Access, no qual o ator relata sobre a relação entre a produção da 8° temporada de Brooklyn 99 e os acontecimentos que ocasionaram na morte de George Floyd. Ele relata que já sofreu situações de discriminação e a preocupação com o seu filho, adolescente de 14 anos, que já sente a insegurança com a presença da polícia, assim como ressalta que se trata de uma oportunidade de a série contribuir para esta discussão[148].

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo proposto relacionou como as formas de representações sociais norte- americano se articulam na produção cinematográfica da série Brooklyn 99 (2013). As cenas em destaque evidenciam uma relação de discriminação racial por parte da polícia nova iorquina, realizando uma filtragem racial (*racial profiling*), demonstrando ainda a presença do racismo na estrutura social (ALMEIDA, 2010). Assim pode se retratar que produções cinematográficas são capazes de reproduzir posições, valores, padrões sociais, mas também, permitem que as realidades socioculturais sejam abordadas de forma crítica. As cenas analisadas representam a relação entre a polícia nova iorquina com a comunidade negra, uma vez que Costa (2004) destaca que diversos casos de violência policial direcionada para negros, regulamentada pela prática do Stop and Frisk (Pare e reviste) durante anos.

---

147 PORTAL G1, 2020. Disponível em https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu- pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml

148 PORTAL ACCESS ONLINE, 2020. Disponível em: <**https://www.accessonline.com/articles/terry-crews-says-brooklyn-nine-nine-new-episodes-are-scrapped-we-have-to-start-over>**

A criticidade fomentada pelo audiovisual, tendo em vista a sua vasta presença no cotidiano das pessoas, também possibilita que os espectadores reflitam sobreestas questões, que no caso da série analisada é a discriminação racial, que sempre deve encontrar um espaço de discussão, reflexão, representação, com vista a contribuir para a superação do racismo.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, João José Rodrigues. **Polícia: Evolução e Etimologia do conceito**. Brasília, v. 9, n. 1, p. 213-260, jan/jun 2018.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem racistas: O racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América**. Brasil: Editora Perspectiva S/A, 2020.

CARMELINO, Ana Cristina. **Humor: uma abordagem retórica e argumentativa**. Desenredo (PPGL/UPF), v. 8, p. 40-56, 2012.

CODATO, Henrique. **Cinema e Representações Sociais: Alguns diálogos possíveis**. Verso e Reverso (Unisinos. Online), v. 24, p. 47-56, 2010.

Comparato, Doc. **Da criação ao roteiro : teoria e prática**. 2° edição. São Paulo: Summus, 2009.

COSTA, Arthur Trindade Maranhão. **Reformas Institucionais e as Relações entre a Polícia e a Sociedade em Nova Iorque**. Sociedade e Estado, v. 19, p. 45-65, 2004.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE, Rosália Maria. **O outro no cinema**. Revista teias (UERJ. Online), v. 10, p. 6 pgs, 2009.

DUARTE, Rosália Maria. **Cinema & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. v. 1. 128p .

GELMAN, Andrew; FAGAN, Jeffrey; KISS, Alex .**An Analysis of the New York City Police Department's "Stop-and-Frisk" Policy in the Context of Claims of Racial Bias**, Journal of the American Statistical Association, jan. 2012.

Junior, Jeder Janotti. **Cultura Pop: entre o popular e a distinção**. IN: Cultura pop/ Simone Pereira de Sá, Rodrigo Carreiro, Rogerio Ferraz (Organizadores). – Salvador : EDUFBA ; Brasília : Compós, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Almir. **Uma sociologia das organizações policiais**. Revista Brasileira de Ciências Políticas, v. 2, p. 65-87, 2012.

VICENTE, Tania A. de Souza. **Metodologia de análise das imagens**. Contracampo (UFF), Niterói, v. 4, p. 147-158, 2000.

WANDERLEY, Gisela Aguiar. **Abordagem policial sob suspeita:** filtragem racial na "stop and frisk" e controle judicial das práticas policiais a partir dos casos Terry

**v. Ohio e Floyd vs. City of New York**. In: BORGES, Paulo César Corrêa; COSTA, Renata Almeida da; MENDES, Soraia da Rosa. (Org.). Criminologias e política criminal. 1 ed.Florianópolis: Conpedi, 2016, v, p. 118-138.

# CANDEEIRO: UM POUCO DE LUZ EM TEMPOS DE APAGAMENTOS[149]

# CANDEEIRO: A LITTLE LIGHT IN BLACKOUT TIMES

# CANDEEIRO: UM PO DI LUCE NEI TEMPI DI CANCELLAZIONI

Heldilene Guerreiro Reale[150]
Francisco Natanael Cardoso Garcia[151]

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar questões que abrigam o campo das Artes no que diz respeito ao processo de criação de Espaços Culturais Independentes tomando como base o Espaço Cultural Candeeiro. Idealizado no ano de 2018, porém entrando em funcionamento somente a partir de junho de 2020, em Belém do Pará, a abertura do referido espaço se deu em meio a um contexto de sucessivas ações de apagamentos da Arte, como formadora de reflexão e questionamento, agravadas por uma pandemia de proporções históricas, mas sobretudo por interesses de um Projeto Político construído a base do fechamento e esfacelamento de instituições de fundamental importância neste Circuito, como Ministério da Cultura, FUNARTE, Cinemateca, Fundação Palmares, dentre outras. Neste contexto, a criação do Espaço surge como possibilidade de abrir caminhos para se ter um pouco de ar em um momento de asfixias políticas, econômicas e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Circuito da Arte; Espaço Cultural Independente; Resistências

## ABSTRACT

This article aims to present issues that encompass the field of Arts in relation to the creation of Independent Cultural Spaces having as reference the Candeeiro

[149] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **Um pouco de ar, senão sufoco: estratégias da arte contra a asfixia da necropolítica cotidiana** do VIII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 26 a 28 de outubro de 2021.

[150] Doutora em Artes (UFMG), Mestre em Comunicação Linguagens e Cultura (UNAMA), Graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem (UNAMA) e em Turismo (UFPA). Atuou como professora da UNAMA e da UFPA; dirigiu o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (SIM/SECULT). É Idealizadora do Espaço Cultural Candeeiro. Professora Substituta do Departamento de Artes da UFRN. Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. helgreale@yahoo.com.br. 0000-0002-6241-6592.

[151] Formado em Rede de Computadores. Realizou Cursos de Fotografia pela Escola FOCUS (São Paulo), Fotografia Contemporânea na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro), Direção de Fotografia para Cinema na Academia Internacional de Cinema (São Paulo) Graduando em História da Universidade da Amazônia. Em 2017-2018 foi Diretor Financeiro da Associação Fotoativa (Belém-PA). É Fotógrafo, Produtor Cultural e Idealizador do Espaço Cultural Candeeiro. Instituição de Origem: Universidade da Amazônia. natan.garcia@gmail.com. 0000-0002-8925-1919

Cultural Space. Conceived in 2018, but only starting in June 2020, in Belém do Pará, the opening of that space took place in the midst of a context of successive actions of erasing Art, as a creator of reflection and questioning, aggravated by a pandemic of historic proportions, but above all by the interests of a Political Project built on the basis of the closure and disintegration of fundamentally important institutions in this Circuit, such as the Ministry of Culture, FUNARTE, Cinemateca, Fundação Palmares, among others. In this context, the creation of Space appears as a possibility to open paths to have a little air at a time of political, economic and social asphyxia.

**KEYWORDS**: Art Circuit; Independent Cultural Space; Resistances.

**ASTRATTO**

Questo articolo mira a presentare questioni che abbracciano il campo delle arti per quanto riguarda il processo di creazione di spazi culturali indipendenti basati sullo spazio culturale Candeeiro. Concepito nel 2018, ma entrato in funzione solo nel giugno 2020, a Belém do Pará, l'apertura di quello spazio è avvenuta nel mezzo di un contesto di successive azioni di cancellazione dell'Arte, come formatrice di riflessione e interrogazione, aggravata da una pandemia di proporzioni storiche, ma soprattutto dagli interessi di un Progetto Politico costruito sulla base della chiusura e disgregazione di istituzioni di fondamentale importanza in questo Circuito, come il Ministero della Cultura, FUNARTE, Cinemateca, Fundação Palmares, tra gli altri. In questo contesto, la creazione dello Spazio appare come una possibilità per aprire percorsi per prendere un po' d'aria in un momento di asfissia politica, economica e sociale.

**PAROLE CHIAVE**: Circuito Artistico; Spazio Culturale Indipendente; Resistenze.

Belém do Pará, ao longo de sua história, passou e continua passando por experiências que estimularam manifestações artísticas no corpo geográfico da cidade, seja em ações agregadas ao seu território urbano, em suas praças e bairros, ou em casas e palácios que viraram Galerias, Museus e Espaços Culturais Independentes.

Em relação aos Espaços Culturais Independentes presentes na cidade, a década de 80 parece iniciar os processos que compunham o interesse em gerá-los, nesta década cria-se a primeira Galeria de Arte Independente de Belém: a Elf Galeria. Inaugurada em 11 de dezembro de 1981, na Travessa 9 de Janeiro, 2082, a Elf Galeria, demarca-se sob a ausência de um espaço convencional para apoio às ações artísticas, em Belém. Idealizada por Gileno Müller Chaves, a galeria era formada por um espaço que contemplava oficina de gravura, espaço de exposições, escritório, área para reserva técnica, cozinha e lavabo.

Em 1988 mudou-se para avenida Generalíssimo Deodoro, 506, reinaugurada em 1989, após a conclusão da reforma. Não tinha qualquer patrocínio de pessoa física ou jurídica. Após vinte anos no mesmo endereço, a Elf mudou-se pela segunda vez.

Está instalada na Passagem Bolonha, número 60, em uma vila de casas construídas em 1904 pelo engenheiro Francisco Bolonha, num cenário que lembra a Belém da Belle Époque. A nova gestão da galeria, representada pela mulher e filhos de Gileno Müller Chaves, entende a necessidade de mudar para alcançar vitalidade, mas adota a mesma política de aquisição e incentivo às artes visuais implantada desde 1981.

Além da Elf Galeria, outros Espaços Culturais Independentes surgiram na cidade, e por questões diversas como dificuldades de manutenção e financeiras, acabaram fechando. Porém, em meio às adversidades, Galerias Independentes como a Kamara Kó Galeria, continuam resistindo e se mantendo dentro de um cenário de reinvenções e resistências.

A Agência Kamara-Kó de Fotografias antecede a criação da Kamara Kó Galeria. A Agência criada em 1991 pela produtora e galerista Makikó Akao, em conjunto com o fotógrafo Miguel Chikaoka, trabalha com seleção e edição de imagens, projetos de exposição, edição de livros de fotografias entre outros projetos culturais. Em 2011 surge o

Espaço Expositivo da Kamara Kó Galeria de Fotografia, com projetos de fomento a novos colecionadores como “Minha Primeira Obra” e “Coletivo de Dezembro”. Dentre outras ações desenvolvidas pela galeria destaca-se também o projeto “Experiência Curatorial", espaço de experimentação de novos curadores.

Ao longo de sua existência a galeria tem produzido várias exposições em Belém, Brasília e São Paulo, participando das SPArte - Fotografia em São Paulo/Brasil e ArtLima em Lima/Peru, assim como produção, exposição e lançamento dos livros “i. ma.ge.ti.ca” e “Navegante da Luz – Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental” com a pesquisadora Marisa Mokarzel; Produção , exposição e lançamento do livro “Japanamazônia: Confluências Culturais” em quatro municípios do interior do Pará. A galerista Makikó Akao

também é idealizadora do Projeto Circular Campina/ Cidade Velha onde foi coordenadora até a 20º Edição, período de 2013 a 2017. Um projeto que estimula a conservação do Patrimônio Cultural da Cidade, com o reconhecimento da própria sociedade sobre a importância de manutenção do corpo material e imaterial que forma o Centro Histórico de Belém. O projeto atua nos bairros do Reduto, Campina e Cidade Velha, desenvolvendo ações de Circulação dos mais diversos públicos em Espaços Culturais Independentes, Praças, Igrejas, Restaurantes e Museus situados nestes percursos.

Outro Espaço Independente que merece destaque e colabora para a ampliação do circuito de formação e expansão da arte local é a Associação Fotoativa. A Fotoativa é uma Associação Cultural sem fins lucrativos, de interesse público estadual e municipal, fundada em 2000.

Sua atuação ocorre desde 1984, antecedida por um corpo-coletivo de fotógrafos e artistas, com a proposta de ter a fotografia e a imagem como meio de promover e desenvolver ações coletivas de reflexão, formação-educação, experimentação e pesquisa da linguagem fotográfica e seus desdobramentos.

Sua atual presidente é a fotógrafa, produtora cultural e educadora Irene Almeida. A Associação, se mantém através de projetos em editais, ações colaborativas desenvolvidas pelo seu núcleo gestor, e em parcerias de trabalhos estabelecidas no Circuito Artístico.

Além destes espaços destacados, Belém e seus arredores continuam a construir outros. A exemplo do Ateliê Jupati, idealizado pela Fotógrafa Ursula Bahia, que em 2019 fecha seu espaço físico e que no ano de 2021 ressurge fisicamente por meio da parceria com a Casa Amazônia, um Hostel que passa a integrar as atividades culturais e expositivas do Ateliê Jupati em sua Galeria. Destaca-se ainda a Casa do Artista, situada no Distrito de Icoaraci e idealizada pela pesquisadora Alda Piani e pelo artista Werner Souza.

Estes Espaços Culturais Independentes demonstram que seus caminhos, além de estimularem a permanência da dinamização do Mercado da Arte, pois transitam em seus projetos artistas e suas obras, nacionalmente e internacionalmente, também são reféns de uma realidade política que amplia os desafios de incentivo à cultura.

Em 2018, iniciava a idealização do Candeeiro, um Espaço Cultural Independente que pudesse agregar as ações já existentes no Circuito da arte presente em Belém. Idealizado pelo fotógrafo e produtor cultural Natan Garcia e pela professora, artista e produtora cultural Heldilene Reale.

O contexto histórico vivenciado naquele momento já apresentava o tóxico caminho que o Brasil estava percorrendo. A ascensão da direita ao poder em 2016, após um golpe parlamentar amplamente apoiado pela mídia e por setores conservadores da sociedade, desembocava em um processo jurídico midiático para tirar das eleições o candidato com mais chances de vitória na disputa presidencial. Trouxeram para o ano de 2018 um cenário que se apresentava para o Brasil, ainda mais devastador do que já transcorria desde 2016, culminado com a eleição de um presidente com pautas de extrema direita, que ameaçava conquistas históricas de parte da sociedade brasileira, além de criminalizar e incentivar o extermínio de grupos que lutavam por direitos historicamente negados.

O Candeeiro viria a ser materializado somente em 2020, após o Projeto sofrer várias fases de adaptação para concretizar o início de sua história. Em 2019, encontramos a casa que o abriga até então. Situada no Bairro da Cidade Velha, a casa de dois andares trazia em sua estrutura física a possibilidade de montar a ideia inicial do projeto, agregá-lo a uma Galeria de Exposições Artísticas, realizações de oficinas, cursos e workshops, contendo um Café e uma de suas áreas. O processo de reforma iniciado pelos próprios idealizadores no início de 2020, motivou a aproximação da abertura do espaço. A estruturação da galeria estava em processo de finalização em fevereiro de 2020, “pulamos” nosso carnaval em meio a reforma do Espaço, com a previsão de inaugurá-lo em abril de 2020.

Em meio ao processo de reforma, um amigo italiano, fotógrafo residente em Belém, pediu para armazenarmos alimentos e álcool em gel, disse que o Brasil não teria estrutura para assegurar o quadro de mortes que estava por vir, sua família residente na Itália, o alertara da mesma forma. No jantar onde se deu a conversa, ficamos meio preocupados com a forma que relatava alguns acontecimentos, porém não sabíamos se isso de fato viria a ser uma realidade chegaria em Belém.

Em março de 2020 começaram os rumores sobre a Pandemia do COVID 19 na cidade, em algumas partes do país já estava em um aumento de porcentagem. As asfixias se tornaram recorrentes trazendo a ficção dos filmes para a vida real. O quadro de mortes que se assolaram no país só aumentava, perdemos nosso ar com tantos sofrimentos e perdas. Perder o ar deixou de ser uma metáfora para se tornar a causa de tantos sofrimentos e perdas.

A realidade do isolamento e o que veio em conjunto com ela, fez com que o Espaço Candeeiro antes de ser “aceso”, fosse silenciado. Não havia motivação alguma para levar o projeto a frente. Neste contexto, a formação de roteiros do que era verdade e do que era *fake news* se intensificaram. O exercício do discurso, tornou-se um exercício de poder, definido por Michael Foucault (1999) como um sistema que opera de forma difusa, e se espelha em uma rede social onde estão incluídas instituições diversas (família, escola, hospital...). Sendo assim um conjunto de relações de força multilaterais.

Foucault, ao analisar discursos que começam a ser aceitos como verdadeiros, elabora dois termos: a biopolítica e o biopoder. O autor desejava demonstrar com esses termos (de acordo com FURTADO; CAMILO 2016), como a ideia do poder mudou durante os séculos e como foi influenciando as relações sociais nas cidades modernas. Para ele, a civilização moderna assistiu várias transformações em suas estruturas de poder e saber, pois o conhecimento também sofreu mudanças. Assim, para Foucault, o discurso é o instrumento de poder que determina condutas e valida políticas. O instrumento do discurso acompanha práticas cruéis e políticas que reforçam estereótipos, segregações, inimizades e extermínios.

No contexto político atual do Brasil, estas práticas se expandem, não somente em atitudes xenofóbicas, preconceituosas e racistas, comuns em práticas ditatoriais, mas no exercício da necropolítica. Conceituada por Achille Mbembe (2018), a necropolítica é definida como o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não é aceitável a todos os corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça.

Ao formar um sistema de pensamento que se agrega à prática da necropolítica, nega-se também qualquer manifestação de produção de reflexão filosófica, de formação de conhecimento crítico, que colaboram para a continuidade desta prática.

Amparado a estes discursos, a importância das artes para a formação de uma sociedade crítica e consciente torna-se desnecessária. Desde o Governo de Michel Temer já se cogitava a extinção do Ministério da Cultura (MinC), em 2016; Os ataques a manifestações artísticas, como o ocorrido na exposição no banco Santander “Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” em 2017, resultou no cancelamento da mesma e a histeria causada pela interação de uma criança com o artista que performava durante a 35º Panorama de arte Brasileira no MAM/SP, também em 2017. A extinção do MINC se consolidou com a eleição de Bolsonaro.

Em um de seus primeiros atos como presidente, ainda no dia da posse, em 01 de janeiro de 2019, o “apagamento” do Ministério da Cultura, foi resultante de uma reforma ministerial, transformando-o em uma secretaria subordinada ao Ministério da Cidadania. Histórico subsequente, a criação da Secretaria Especial de Cultura (SEC) é marcada por uma série de crises e trocas de titulares e interinos, dentre eles Roberto Alvim, que assumiu em novembro de 2019 e foi exonerado em janeiro de 2020, após a publicação de um discurso apropriando- se de uma estética nazista.

Regina Duarte, empossada em março de 2020, e que também foi marcada por polêmicas, como minimizar a ditadura no Brasil e não se manifestar oficialmente sobre as mortes de artistas acometidos pela Covid 19. Sua gestão findou em junho de 2020 deixando a administração da SEC sem um titular até a entrada do atual Secretário Especial de Cultura, Mário Frias. Neste contexto de desfalecimento das instituições culturais, não foi o único afetado. A Funarte, criada em 1975, ainda durante a ditadura militar, também tem passado por gestões polemicas, como a de Roberto Alvim, que propôs transformar o teatro Glauce Rocha no primeiro teatro do país dedicado ao público cristão, e a gestão de Dante Mantovani, que afirmou que o rock ativa o uso de drogas e o satanismo. Outra instituição pública que tem sofrido constantes ataques de sua própria gestão é a Fundação Palmares, presidida por Sérgio Camargo, que

entre suas declarações, afirma que a escravidão foi um processo benéfico para os africanos, defendendo o fim do dia da consciência negra.

Dentro desse contexto político e ideológico que alimenta o discurso da necropolítica, e exclui a continuidade de Instituições de Artes tão importantes neste Circuito, criar algum projeto de arte que resista ao contexto apresentado, é um desafio. Assim como é um grande desafio manter em circulação projetos já existentes. Frente a estas dificuldades, dar início ao Espaço Cultural Independente parecia ser uma utopia, agravado ainda com a presença de uma pandemia que impossibilitou o convívio social, tão fundamental para arte e sua existência.

Ao olhar para esse cenário e percebendo que o *online* se tornou o "presencial" e que o virtual se tornou o real naquele momento, despertamos o Candeeiro com a possibilidade de iniciá-lo com uma proposta em realidade virtual, a partir da exibição de trabalhos que pertenciam ao acervo pessoal de seus idealizadores, e que a partir daquele momento passaram a ser constituídos como acervo do Espaço.

Para a realização desta abertura, era necessário incluir novos aprendizados, encontrar formas de tornar essa experiência próxima a estar dentro de um espaço físico. Pra isso, foi necessário entender como funcionava a produção da fotografia em 360º, quais as ferramentas de sites eram viáveis, perceber como incluir as redes sociais que tornaram-se ferramentas de grande uso desde o início da Pandemia, perceber como fazer uma transmissão ao vivo, usando plataformas gratuitas que não onerasse os desdobramentos das ações iniciais do espaço. A virtualidade era um território de respiro naquele momento para muitos, porém, entendê-la exigiu esforços e aprendizados que continuam sendo constantes.

A decisão de fazer uma primeira exposição com acervo em realidade virtual, foi uma estratégia para garantir também o não deslocamentos de artistas presencialmente no espaço, além de não expor diretamente algum artista convidado a uma realidade que ainda estávamos iniciando, e nesse sentido a porcentagem dos riscos eram maiores do a possibilidade dos acertos.

Assim, no dia 10 de junho de 2020, o Candeeiro inicia suas atividades com a primeira exposição em realidade virtual, por meio do uso: de uma plataforma gratuita para a produção do passeio em 360º, da criação de um site (candeeiro.art.br), de redes sociais no Facebook e Instagram (Candeeiro.GC), de um Canal do Youtube (Candeeiro GC) e de um e-mail (candeeiro.gc@gmail.com). Apresentou-se assim no armazenamento virtual no site, a exposição "Diálogos no Silêncio", com obras bidimensionais de 12 artistas[152], inicia-se o Candeeiro.

Paralelo a exposição, inaugurou-se o projeto Café com Artista, onde convidamos artistas que estão expondo a falarem de seus processos, em diálogo com alguém convidado por ele/ela e que possam dialogar sobre seu processo. Em formato de *live*, inicialmente pelo *facebook* e *instagram*, mas depois fixou-se no *youtube,* por algumas necessidades de ajustes.

O Café com Artista, depois de ser transmitido ao vivo, passa a fazer parte do Canal do Candeeiro como uma forma de documentação do processo desses artistas e dessas ações e para possíveis pesquisas de quem se interesse pelos temas abordados. O Café com Artista já realizou mais de 20 edições, mapeando mais de 20 artistas e convidados neste processo.

Em relação às exposições, em 1 ano e 3 meses até então, o Candeeiro realizou 6 exposições, com duração média de 2 meses cada uma. Hoje os passeios virtuais recebem comentários de pessoas do mundo inteiro que realizam visitas na página, do norte ao sul do Brasil, do norte ao sul do mundo. O Candeeiro já teve 670 visitas virtuais em um mês. Na abertura das exposições é quando o pico de acesso é mais intenso.

O canal do Candeeiro no Youtube já completou mais de 150 inscritos, número pequeno considerando a quantidade de páginas que existem e as que foram criadas durante a pandemia. No entanto, um número que é bastante significativo dentro da proposta do Espaço. Mais de cem pessoas já acessaram

[152] Beatriz Paiva, Cleidy Lopes, Ernesto Bonato, Ionaldo Rodrigues, Luciana Magno, Martín Perez, Nayara Jinknns, Octávio Cardoso, Paulo Meira, PP Condurú, Rosângela Britto e Yan Belém

falas e processos importantes para o desenvolvimento da arte e da nossa cultura.

O Candeeiro já participou de 5 edições do Projeto Circular, anteriormente citado, o que ampliou o número de seus seguidores e visitantes virtuais nas programações propostas. Dentre estas, destaca-se o Projeto "No Pavio", um projeto que convida fazedores de cultura a falarem a partir de um tema específico, gerando reflexões em torno do Circuito da Arte. O Projeto está em sua 4ª edição, e discutiu temas como "Arte e Mercado: experiências em espaços independentes"; "Arte e Colecionismo"; "Circuito da Arte em Mídias Alternativas"; "Galerias no Circuito da Arte em Belém". Todas as edições encontram-se em livre acesso pelo Canal do Candeeiro.

Outras ações educativas envolvem o espaço, como a realização de oficinas e cursos, promovidas por artistas e pelo próprio espaço. Recentemente o Candeeiro lançou mais um projeto, a "Chama", 1a Chamada Expositiva, que abriu a inscrição para exposições coletivas ou de coletivos de artistas com propostas em multilinguagens, interessados a compor a pauta do segundo semestre de 2021 da Galeria Candeeiro.

A Chama teve como Comissão de Seleção Armando Queiroz, Irene Almeida e Glauce Santos, que em meio a diálogos realizados ainda remotamente, selecionaram as duas propostas expositivas, que serão apresentadas de forma virtual e presencial, por meio de visitas agendadas, prática que o Candeeiro tem desenvolvido a partir do bandeiramento amarelo do contexto da Pandemia.

Ser um Espaço Cultural Independente não é uma missão fácil, ainda mais na virtualidade, e ainda dentro de um contexto Pandêmico, o que redobra as condições de trabalho dos projetos que são executados. Nesta realidade de permanente resistência de Projetos Culturais neste país, entre caminhos de sufocamentos políticos, econômicos e sociais que o Brasil tem passado, o Candeeiro tem sido um pouco de luz em tempos de apagões.

**REFERÊNCIAS**

ALEM, Nichollas. **Um balanço do primeiro ano e meio do Governo Bolsonaro na Cultura** <http://institutodea.com/artigo/um-balanco-do-primeiro-ano-e-meio-

do-governo-bolsonaro-na-cultura/> Acesso em: 06 Set 2021. Publicado em 17 Jun 2020

**Candeeiro.** Disponível em:< https://www.candeeiro.art.br/>. Acesso em 06 Set 2021.

**Elf Galeria.** Disponível em:< http://www.elfgaleria.com.br/>. Acesso em 05 Jul 2019

FERRON, Fabio Maleronka; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Cultura e política:** a criação do Ministério da Cultura na redemocratização do Brasil. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/689GnqZZMCH9ghmXtwxKmQC/?lang=pt> Acesso em: 06 Set 2021. Publicado em 17 Abr 2019.

**Fotoativa**. Disponível em: <https://fotoativa.org.br/Quem-somos >. Acesso em: 6 Set. 2021

FOUCAULT, Michael. (1999). **Em defesa da sociedade***: Curso dado no Collège de France (1975-1976).* São Paulo: Martins Fontes.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. **O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault** Rev.Subj. vol.16 no.3 Fortaleza dez. 2016

HERCOG, Alex Pegna. **Em nome de Deus: O primeiro** ano de governo Bolsonaro é marcado por ataques à cultura. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/primeiro-ano-de-governo-bolsonaro-e-marcado-por-ataques-a-cultura/> Acesso em: 06 Set. 2021. Publicado em: 19 Jan 2020

**Kamara Kó Galeria**. Disponível em: <https://www.kamarakogaleria.com.br/>. Acesso em 02 Jul 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

# PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

VIII CONFLUÊNCIAS

# Cultura e Resistência EM TEMPO DE NECROPOLÍTICA

NÃO PERCA!

# PROGRAMAÇÃO

REALIZAÇÃO:

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

UNAMA

ser

APOIO:

CAPES

# PROGRAMAÇÃO GERAL

## 26

**18 horas**
Mesa de abertura do VIII Confluências
**19 horas**
Conferência de abertura: "A Comunicação Pública entre vidas e mortes da democracia brasileira" com a Profa. Dra. Maria Helena Weber (UFRGS).

## 27

**14 horas**
Simpósios de Trabalhos:

- ST 01 - Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência.
- ST 02 - Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco
- ST 03 - Capital social e infodemia; as redes de ódio e desinformação na pandemia.

**19 horas**
Mesa do Procad-Amazônia: "Necropolítica e colonialidades: reverberações no jornalismo" com o Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho (UFMG).

## 28

**14 horas**
Simpósios de Trabalho:

- ST 01 - Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência.
- ST 04 - Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19
- ST 05 - Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência.
- ST 06 - Um pouco de ar, senão sufoco: estratégias da arte contra a asfixia da necropolítica cotidiana.

**19 horas**
Conferência de Encerramento: "Qual Brasil? "Capitalista" e "Cristão"?" com o Prof. Dr. Romero Ximenes (UFPA).

# DIA 26

APOIO: CAPES
REALIZAÇÃO: UNAMA ser PPGCLC

# DIA 26

## 18 HORAS
## MESA DE ABERTURA

- Maria Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da UNAMA)
- Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos (Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNAMA)
- Edgar Monteiro Chagas Junior (Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA)

# DIA 26

## 19 HORAS
## CONFERÊNCIA DE ABERTURA

- "A Comunicação Pública entre vidas e mortes da democracia brasileira" com a **Profa. Dra. Maria Helena Weber (UFRGS)**. Mediação do Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (UNAMA).

# DIA 27

APOIO: CAPES
REALIZAÇÃO: UNAMA ser PPGCLC

# DIA 27

## 14 HORAS

## ST 01 - Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência.

COORDENAÇÃO
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)
Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (UNAMA)
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (UNAMA)
Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha)

- GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: PENSAR E AGIR SOCIAL RESISTENTES À PANDEMIA

Rosiana Silva da Silva
Rosângela Araújo Darwich

- LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: PRÁTICAS DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19

Jefferson Luis da Silva Cardoso
Rosângela Araújo Darwich

- PINTURA E FOTOGRAFIA: OLHARES SOBRE A NECROPOLÍTICA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Ana Clara Solon Rufino
Rosângela Araújo Darwich

- VIOLÊNCIA SISTÊMICA E NEURONAL: DO MUNDO VUCA AO MUNDO BANI

Cinthya Souza Simas
Rosângela Araújo Darwich

- COM AS PALAVRAS DE QUEM FORAM FEITOS OS MEUS OLHOS?

Dinah de Oliveira
Isadora Espíndola

# DIA 27

## 14 HORAS

## ST 02 - Saberes e fazeres interculturais em espaços escolares e não escolares: resistência e necropolítica em foco.

COORDENAÇÃO
Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (UNAMA)
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (UNAMA)
Ma. Elziene Souza Nunes Nascimento – Doutoranda (UNAMA)

- CAPITAL CULTURAL, EDUCAÇÃO FORMAL E DIÁLOGO INTERCULTURAL: RESISTÊNCIA E DIREITOS FUNDAMENTAIS.

José Maria Eiró Alves
Analaura Corradi
Thiago Souza de Almeida

- A NOVA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: Como a Escola Augusto Meira adaptou sua realidade ao ambiente virtual no primeiro ano do mundo pós-covid-19

Diego Duarte Borges
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

- A MIDIATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Christiane do Rosário Teixeira Menezes
Rosângela Araújo Darwich

- MAIORIDADE EDUCACIONAL OU MAIORIDADE PENAL

Márcia Bethânia de Albuquerque Vinagre
Analaura Corradi

# DIA 27

## 14 HORAS

## ST 03 - Capital social e infodemia; as redes de ódio e desinformação na pandemia.

COORDENAÇÃO
Profa. Dra Analaura Corradi (UNAMA)
Profa. Dra Ivana Oliveira (UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Fernandes (UNAMA)
Ma. Karen Bittencourt – Doutoranda (UNAMA)
Ma. Carla Paes – Doutoranda (UNAMA)

- CULTURA, COMUNICAÇÃO E A NECROPOLÍTICA NA CONDUÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Rodolfo Silva Marques

- PERFORMANCES INDÍGENAS MIDIATIZADAS PELO INSTAGRAM: ESTUDO DE CASO

Rafael Sbeghen Hoff
Rebeca Vilhena Freitas
Bárbara Fernandes da Costa

- UFOPA NO CONTEXTO PANDÊMICO: POSTAGENS EM DESTAQUE NO INSTAGRAM

Karen dos Santos Correia Bittencourt
Analaura Corradi
Douglas Junio Fernandes Assumpção

# DIA 27

## 19 HORAS
## MESA DO PROCAD-AMAZÔNIA

- "Necropolítica e colonialidades: reverberações no jornalismo" com o **Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho (UFMG)**. Mediação da Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA).

# DIA 28

APOIO: CAPES
REALIZAÇÃO: UNAMA ser PPGCLC

# DIA 28

## 14 HORAS

## ST 01 - Literatura, semiótica e psicologia: olhares sobre cultura e resistência.

COORDENAÇÃO
Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)
Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (UNAMA)
Dra. Rosângela Araújo Darwich (UNAMA)
Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha)

- POLÍTICA E RESISTÊNCIA NO CENÁRIO DA MODA PARAENSE

Milena Castro
José Guilherme Castro
Lucilinda Ribeiro Teixeira

- MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA PESSOAL E SOCIAL: UM DISCURSO DE LADY GAGA NO YOUTUBE

Marlene Silva de Moura
Rosângela Araújo Darwich

- ADOLESCÊNCIA, VULNERABILIDADE SOCIAL E NECROPOLÍTICA

Sarah Teruko Navegantes Machado
Rosângela Araújo Darwich

- "BRASUCA": IDENTIDADE CULTURAL E SEMIÓTICA

Luna Carvalho de Lucena
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

- VIDAS SECAS E O DISCURSO NARRATIVO EXCLUDENTE SOB UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

Etelmary Forte
Édila Doller

# DIA 28

## 14 HORAS

## ST 04 - Mídia e pandemia: desafios em tempos de Covid-19.

COORDENAÇÃO
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA)
Prof. Dr. Douglas Fernandes (UNAMA)
Ma. Carolina de Sousa Franco Santos – Doutoranda (UNAMA)
Ma. Giovanna Figueiredo de Abreu – Egressa (UNAMA)

- A COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE CAOS: A IMPORTÂNCIA DA EXPLOSÃO DO TIKTOK COMO REDE SOCIAL NO COMBATE À PANDEMIA

Haroldo Freire da Silva Júnior

- EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Carolina de Sousa Franco Santos

- PANDEMIA, NEGRITUDE E INTERNET: ANÁLISE DAS CRÔNICAS AUTORRETRATO E EU-DILÚVIO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

Jaqueline Bandeira
Ivana Oliveira
Analaura Corradi
Douglas Assumpção

- A INFLUÊNCIA DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS NA POLÍTICA

Ana D'Arc Martins Azevedo
Amanda D'Almeida
Márcia Nemer Furtado

# DIA 28

## 14 HORAS

## ST 05 - Culturas populares e etnotextualidades em movimento: lúdica, ético-estética e resistência.

COORDENAÇÃO
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (UNAMA)
Prof. Dr. Andrey Faro de Lima (UNAMA)
Ma. Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso - Doutoranda (UNAMA)
Ma. Ana Selma Barbosa Cunha - Doutoranda (UNAMA)
Ma. Gleice Antônio Almeida de Oliveira - Doutoranda (UNAMA)
Me. Euclides Barbosa Moreira Neto - Doutorando (UNAMA)

- A POÉTICA DE RESISTÊNCIA DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO

Tábata Araújo
Jaqueline Bandeira
Paulo Nunes
Ana D'Arc Azevedo

- "POSTAIS QUE A CIDADE NÃO MOSTRA". MURGA, CULTURA E RESISTÊNCIA

Sofia Vignola Cabot
Nuno Miguel Neves

- ÌKÚ: A MORTE COMO UM PARALELO ENTRE A ESPIRITUALIDADE ANCESTRAL E A NECROPOLÍTICA

Yasmin Estrela

- WALKING DEAD REAL VERSÃO DO OPRESSOR: A ZUMBIFICAÇÃO EM O NECROTÉRIO DOS VIVO.

Rogério Leão Ferreira

- FESTIVIDADE DO HALLOWEEN: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM BELÉM DO PARÁ

Adrianne da Silva Peixoto
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

- A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS

Euclides Barbosa Moreira Neto

# DIA 28

## 14 HORAS

## ST 06 - Um pouco de ar, senão sufoco: estratégias da arte contra a asfixia da necropolítica cotidiana.

COORDENAÇÃO
Prof. Dr. Jorge Eiró (UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Nunes (UNAMA)
Prof. Dr. Mariano Klautau Filho (UNAMA)
Ingrid Mendes – Mestranda (UNAMA)
Ma. Amanda Botelho – Doutoranda (UNAMA)
Kyria Monteiro – Mestranda (UNAMA)

- A EXPRESSÃO DA NECROPOLÍTICA NA ARTE: DEBATENDO CONCEITOS

Amanda Botelho
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CINEMA: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DA POLÍCIA NORTE-AMERICANA ATRAVÉS DE CENAS DA SÉRIE BROOKLYN 99

André Felipe da Costa Cunha
Douglas Junio Fernandes Assumpção

- CANDEEIRO: UM POUCO DE LUZ EM TEMPOS DE APAGAMENTOS

Heldilene Guerreiro Reale
Francisco Natanael Cardoso Garcia

# DIA 28

## 19 HORAS
## CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

- "Qual Brasil? "Capitalista" e "Cristão"?" com o **Prof. Dr. Romero Ximenes (UFPA)**. Mediação do Prof. Dr. Andrey Lima (UNAMA).

VIII CONFLUÊNCIAS

# Cultura e Resistência EM TEMPO DE NECROPOLÍTICA

Congresso Interdisiciplinar Remoto (26, 27 e 28 de outubro de 2021)

**TODOS OS INSCRITOS NO VIII CONFLUÊNCIAS RECEBERÃO POR E-MAIL OS LINKS DE ACESSO À PROGRAMAÇÃO!**

APOIO: CAPES

REALIZAÇÃO: UNAMA ser PPGCLC

# PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
**COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA**